SANGUE DE HÉRCULES



JASMINE MAS

BEST-SELLER DO *NEW YORK TIMES*

AN
ALTA NOVEL

ALEXIS HERT VIVE CERCADA POR VILÕES QUE A SUFOCAM COM ÓDIO, OBSESSÃO E UMA POSSESSIVIDADE SOMBRIA. MAS ELES NÃO SABEM COM QUEM ESTÃO MEXENDO.

Ela não é uma heroína, e com certeza não é uma deusa. Sempre foi apenas uma sobrevivente.

As parcas, porém, discordam, pois, onde há deuses, há monstros... **e mais de um deles está caçando Alexis**.

+18 CONTEÚDO ADULTO

ALTA BOOKS
GRUPO EDITORIAL
www.altabooks.com.br
/altanovel
/altanovel

SOU APENAS UMA GAROTA. E, NO FIM DAS CONTAS, SOU HÉRCULES.

ALEXIS HERT está lutando para sobreviver em um mundo infestado de Titãs, onde os espartanos — imortais que pertencem às doze famílias reais, com poderes de deuses e uma riqueza absurda — governam tudo. Ela é uma órfã tímida e gaga, sem nenhuma posse, que mantém a cabeça baixa, cobre suas cicatrizes e se concentra em se destacar nos estudos. Ou, pelo menos, tenta. Até que tudo muda.

Um teste sanguíneo revela que Alexis faz parte da elite que detém todo o poder. Ela é uma deles. Uma espartana.

Forçada a entrar para a Academia de Guerra de Esparta, Alexis tem que se submeter ao torneio mais excruciante de todos os tempos, a fim de provar se tem o que é preciso para se tornar uma imortal. Mas existem alguns problemas. Os intimidantes Aquiles e Pátro são seus mentores. Caronte, o barqueiro da morte, e o professor Augusto, o filho da guerra, são assustadores. E, para piorar, Alexis tem certeza de que alguém a está perseguindo, ou então só pode estar perdendo a sanidade. De acordo com seu mau pressentimento, as duas coisas são verdadeiras.



JASMINE MAS é autora best-seller do *New York Times* de romantasia. Seus livros já foram traduzidos para mais de vinte línguas. Ela se formou em Estudos Clássicos da Grécia e da Roma Antigas na Universidade de Georgetown, e é uma advogada aposentada que passa todo o tempo livre escrevendo sobre mulheres fortes em universos mágicos. Mora na Flórida com o marido, Evan, e um gato chamado Boo.

@jasminemasbooks
jasminemasbooks.com

Design da capa: Maria Steamy Designs
Imagens da capa: Shutterstock | iStock

A compra deste conteúdo não prevê o atendimento e fornecimento de suporte técnico operacional, instalação ou configuração do sistema de leitor de ebooks. Em alguns casos, e dependendo da plataforma, o suporte poderá ser obtido com o fabricante do equipamento e/ou loja de comércio de ebooks.

Outras obras de
JASMINE MAS

Vilões da Mitologia
Laços de Hércules

Cruel Shifterverse
Psycho Shifters
Psycho Fae
Psycho Beasts
Psycho Academy
Psycho Devils
Psycho Gods

Para saber mais sobre Jasmine Mas,
visite o *site*: jasminemasbooks.com.

SANGUE DE HÉRCULES



JASMINE MAS

Tradução de Sara Orofino

ALTA BOOKS
GRUPO EDITORIAL
Rio de Janeiro, 2025

Sangue de Hércules

Copyright © 2025 ALTA NOVEL
ALTA NOVEL é um selo da EDITORA ALTA BOOKS do Grupo Editorial Alta Books (Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda.)
Copyright © 2024 JASMINE MAS
ISBN: 978-85-508-2566-3

Translated from original Blood of Hercules. Copyright © 2024 by Jasmine Mas. ISBN 9781335474728. This edition published by arrangement with The Foreign Office Agência Literária, S.L. and The Whalen Agency, Ltd. PORTUGUESE language edition published by Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda., Copyright © 2025 by Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda.

1ª Edição, 2025 — Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

ATENÇÃO: esta obra aborda diversos temas sensíveis. Par a mais detalhes, verifique a página V.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M37s
1.ed. Mas, Jasmine
Sangue de Hércules / Jasmine Mas ; tradução Sara Orofino. – 1. ed. – Rio de Janeiro : Alta Books, 2025.
ePub3.
ISBN 978-85-508-2566-3

1. Romantasia. 2. Mitologia grega. 3. Academia de guerra. 4. Espartanos. 5. Titãs. 6. Torneio mortal. 7. Poderes divinos. I. Título.

04-2025/211 CDD 813.6

Índice para catálogo sistemático:

1. Fantasia: Mitologia grega: Romance fantástico – 813.6

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida.

A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra fora formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).
Marcas Registradas: Todos os termos mencionados e reconhecidos como Marca Registrada e/ou Comercial são de responsabilidade de seus proprietários. A editora informa não estar associada a nenhum produto e/ou fornecedor apresentado no livro.

Material de apoio e erratas: Se parte integrante da obra e/ou por real necessidade, no site da editora o leitor encontrará os materiais de apoio (download), errata e/ou quaisquer outros conteúdos aplicáveis à obra. Acesse o site www.altabooks.com.br e procure pelo título do livro desejado para ter acesso ao conteúdo.

Suporte Técnico: A obra é comercializada na forma em que está, sem direito a suporte técnico ou orientação pessoal/exclusiva ao leitor.

A editora não se responsabiliza pela manutenção, atualização e idioma dos sites, programas, materiais complementares ou similares referidos pelos autores nesta obra.

Grupo Editorial Alta Books

Produção Editorial: Grupo Editorial Alta Books
Diretor Editorial: Anderson Vieira
Vendas Governamentais: Cristiane Mutüs

Coordenadora Editorial: Illysabelle Trajano
Produtora Editorial: Beatriz de Assis
Tradução: Sara Orofino
Copidesque: Luíza Thomas
Revisão: Fernanda Lutfi
Diagramação: Rita Motta
Livro Digital: Fernando Ribeiro

ALTA BOOKS
GRUPO EDITORIAL

Rua Viúva Cláudio, 291 — Bairro Industrial do Jacaré
CEP: 20.970-031 — Rio de Janeiro (RJ)
Tels.: (21) 3278-8069 / 3278-8419
www.altabooks.com.br — altabooks@altabooks.com.br
Ouvidoria: ouvidoria@altabooks.com.br

Editora **afiliada à:**

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DIREITOS REPROGRÁFICOS

ASSOCIADO CBL Câmara Brasileira do Livro

Alerta de Gatilho

Esta é a história de um romance sombrio e uma obsessão ainda mais sombria.

Atente-se ao fato de que este livro aborda temas que podem ser gatilho para alguns leitores. Há violência, descrições de assassinato, perseguição, pensamentos suicidas, *bullying*, linguagem explícita e traição. Para ter acesso à lista completa (em inglês), por favor, dê uma olhada no site da autora:

jasminemasbooks.com

É um romance banho-maria, mas há cenas explícitas.

Por favor, cuide-se.

Às vezes, se tornar uma heroína dói... demais.
Tome cuidado.

Este livro é dedicado a todas as garotas que gostam de homens fictícios de caráter duvidoso, e que gritaram bem alto na primeira vez em que leram uma *trope* "Quem fez isso com você?".

Esta história é para vocês.

AS 12 CASAS DE ESPARTA

CASAS OLIMPIANAS

A CASA DE ZEUS

A CASA DE HERA

A CASA DE ATENA

A CASA DE HERMES

A CASA DE POSEIDON

A CASA DE DEMÉTER

A CASA DE APOLO

A CASA DE DIONISO

CASAS CTÔNICAS

A CASA DE ARES

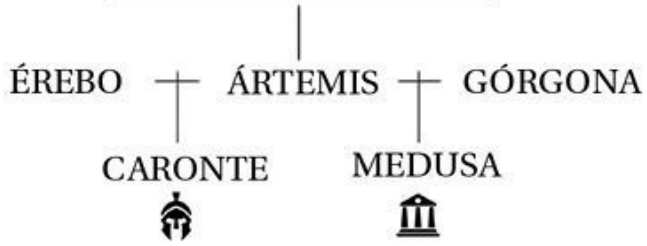
A CASA DE HADES

A CASA DE ÁRTEMIS

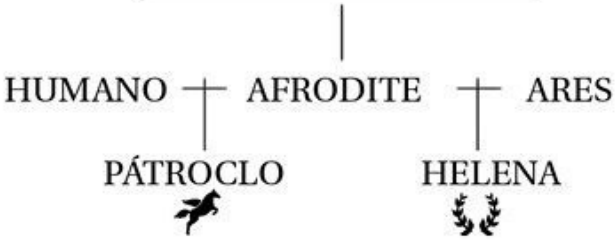
A CASA DE AFRODITE

LINHAGENS DAS CASAS CTÔNICAS

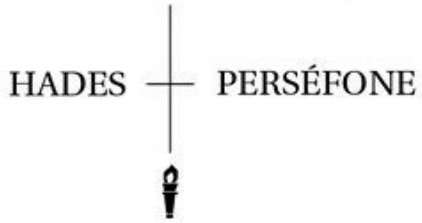
CASA DE ÁRTEMIS



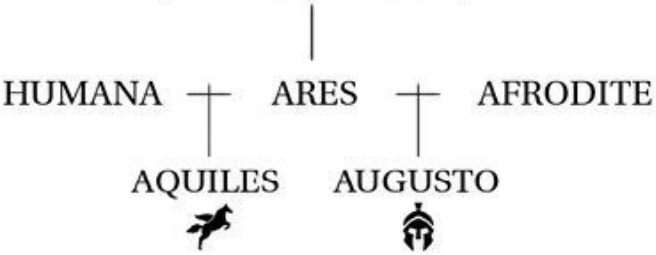
CASA DE AFRODITE



CASA DE HADES



CASA DE ARES



HERDEIRO DA CASA
MESTIÇO
APRISIONADA
HERDEIRA DA CASA
FALECIDA

Fides est periculosa ludum — confiar é um jogo perigoso.
Ela só descobriu quem a caçava quando já era tarde demais.



Onisciente

Destino

Ajeitei a toga comprida sobre as minhas pernas cruzadas e me sentei no campo, completamente imóvel. As pedras de Delfos formavam um círculo ao meu redor.

Eu as encontrei quando era uma garotinha, milhares de anos atrás.

Minhas palmas estavam relaxadas e abertas.

A cabeça inclinada para trás.

Um cachimbo pendia entre meus lábios.

Inspirei as ervas, e a dor latejou em meus olhos fechados quando comecei a usar meus poderes.

Lampejos de padrões, números e possibilidades dispararam pela minha mente, imagens demais para compreender de uma vez só.

O caminho para a existência era mero acaso, e o acaso não passava de uma cadeia de eventos.

Sensações intensas se transformaram em agonia, mas inspirei a fumaça e resisti ao ataque.

As imagens sem sentido se tornaram palavras misteriosas.

Elas falaram comigo:

Tudo o que veio antes, a pessoa perdida mudará;
Acorrentada aos soldados da morte, eterna ela se tornará;
Senão, os Titãs herdarão a Terra e apenas a guerra existirá.

Meus olhos se abriram de repente.

Senti na língua o gosto amargo das possibilidades obscuras, e pressenti os caminhos futuros na medula dos meus ossos antigos.

Meu tipo de poder espartano não era nada sem ação, mas eu nunca me escondia de escolhas desagradáveis. Por isso sobrevivi, enquanto outros da minha espécie pereceram.

O futuro equilibrava-se à minha frente sobre uma afiada faca de dois gumes: o apocalipse e a paz eram dois lados da mesma moeda.

Podia pender para os dois caminhos.

Era preciso entrar em ação. Afinal: *nullum magnum ingenium sine mixture dementia fuit.*

Nunca houve uma grande sabedoria sem um toque de loucura.

Tossindo graças à fumaça, as juntas doendo ao me levantar, tropecei e cambaleei ao correr pelo campo, entrar no palácio e correr por um corredor comprido de mármore branco.

As paredes espelhadas refletiam meus olhos roxos e o cabelo branco.

Quando cheguei à porta pesada e cor de ônix da câmara privativa, não me dei ao trabalho de bater. Empurrei-a com tudo, escancarando-a.

Os membros da federação estavam de pé atrás de tribunas douradas na grande arena, debatendo.

Eles se viraram e olharam para mim.

Craque.

Todos se ajoelharam.

Tirei o cachimbo dos lábios e o sacudi no ar.

— A lei do casamento que descartamos tem que ser aprovada... hoje — anunciei, minha voz rouca. — A idade para se casar tem que ser 26 anos.

Uma algazarra se espalhou pelo lugar.

— Mas estávamos debatendo a respeito de um século! — gritou uma voz. — Uma pessoa de 26 anos é jovem *demais* para se unir durante toda a imortalidade!

Ergui a mão.

Todos se calaram.

Na mesma hora.

— Não terminei — falei. — Este ano, Caronte e Augusto *precisam* ser professores no torneio.

Todos piscaram, confusos.

— Por quê? — perguntou Zeus, os olhos semicerrados, a eletricidade

faiscando de sua pele quando ele se ajoelhou próximo à tribuna do orador no meio da arena.

Ergui a sobrancelha.

— Está duvidando das minhas habilidades... meu jovem?

— É claro que não. — Ele baixou a cabeça. — Peço desculpas pelo desrespeito. Só estava curioso.

Eu o encarei.

— Pois não fique.

O silêncio cresceu.

Os líderes das Casas, um a um, fizeram uma reverência profunda, as testas totalmente pressionadas contra o chão de mármore vermelho.

Devagar, desci a escadaria comprida e coberta por um tapete preto que levava ao centro da arena.

Quando cheguei à tribuna do líder, peguei uma tesoura e coloquei a mão dentro da cesta, onde as leis não aprovadas estavam amarradas com fitas carmesim.

Fiz um corte.

Uma fita caiu no chão.

O pergaminho se desenrolou. Ali estava impresso "Lei do Casamento" em tinta preta.

— Aprove-a — falei, me inclinando e entregando a lei que fora descartada para Zeus, que ainda estava curvado diante de mim. — Aprove-a agora. Altere a questão da idade e nomeie os dois professores novos.

Quando Zeus pegou o pergaminho, a eletricidade faiscou pelo papel. Na mesma hora ele reassumiu sua posição.

Eu me virei.

Voltei a subir os degraus devagar, mancando. Seres imortais estavam prostrados de ambos os lados.

Senti desdém conforme eles se encolhiam. *Cronos, se ao menos você conseguisse ver no que o seu império se transformou... Os espartanos se tornaram tão fracos.*

Diferentemente dos líderes das Casas, a minha palavra era definitiva.

Eu era a única coisa que existia entre a ascensão e a queda de Esparta.

Que Cronos nos salve.



A Grande Guerra

Começou devagar

Éons antes de a humanidade nascer, o estado de Esparta se espalhava por milhares de arquipélagos na Grécia moderna.

Centenas de espartanos imortais moravam em Esparta, além de seus animais protetores e de criaturas locais. *Criatura* era um termo genérico usado por eles para denominar todas as raças civilizadas que tinham poderes especiais, mas não eram espartanos.

Governados por uma oligarquia, os cidadãos imortais de Esparta estavam felizes com suas vidinhas pacatas, tranquilas e luxuosas na ilha.

Eles não conheciam a guerra, a ganância ou a inveja.

A paz reinava por lá.

Até chegarem os humanos.

De imediato, a humanidade ficou maravilhada com aqueles imortais.

Esparta lhes ensinou arte, agricultura e política.

Os humanos os veneravam.

Assim, os espartanos se tornaram os deuses da humanidade.

Séculos mais tarde, espartanos e criaturas migraram com os humanos para a Itália moderna, desfrutando da riqueza e da posição de divindade.

E foi então que nasceu o Império Romano.

Mas os problemas do homem não deviam ser encarados de maneira leviana.

A população mortal não parava de crescer.

Em contrapartida, Esparta tinha problemas de fertilidade, e a população não passava de uma centena.

Então, os humanos descobriram que os espartanos não eram tão

imortais assim. Eles podiam ser cortados em pedacinhos, que seriam espalhados depois; ou submetidos à fome e à tortura até alcançarem a inconsciência.

A humanidade se voltou contra seus deuses.

Imperadores declararam guerra contra os espartanos, desejando todo o poder e toda a riqueza para si.

Mas a humanidade se esqueceu de que estava enfrentando uma raça mais inteligente do que ela.

Esparta desapareceu.

Sem deixar rastro.

Espartanos e criaturas foram para o norte da Itália e se esconderam nas Dolomitas.

Antes de partirem, porém, destruíram todo o progresso que compartilharam com os humanos. A Biblioteca de Alexandria foi dizimada em um incêndio e nosso conhecimento sobre os deuses incinerou-se com ela. Tudo o que nos restou foram as mentiras.

Sem a orientação de Esparta, Roma caiu.

Com o passar dos séculos, os deuses que levaram a humanidade à grandeza se tornaram apenas mitos. Mas as histórias que contávamos para nós mesmos estavam erradas. Os deuses não eram como os retratados em mitos e lendas: as alianças, as linhagens, o poder. Era tudo mentira.

Mais um tempo se passou.

Protegidos pelo anonimato e crescendo nas sombras, espartanos e criaturas acumularam riquezas incalculáveis e desenvolveram tecnologias avançadas.

Esparta, porém, não era mais tão pacífica quanto parecia.

Os espartanos estavam divididos em dois grupos: as Casas Ctônicas e as Casas Olimpianas.

Cada Casa tinha uma linhagem distinta de poder, e era nomeada em homenagem ao líder fundador: um espartano mais poderoso que os outros.

Aqueles que pertenciam às Casas Olimpianas tinham poderes que os aprimoravam tanto física quanto mentalmente.

Não machucavam ninguém. Em vez disso, concentravam-se nas ciências e em aperfeiçoar as próprias habilidades.

Havia cinquenta Casas Olimpianas distintas, com dezenas de membros.

Os Olimpianos eram muitos porque geravam crianças com humanos.

As crianças metade humanas e metade espartanas eram chamadas de mestiças.

Por outro lado, os espartanos de olhos vermelho-sangue pertenciam às Casas Ctônicas.

Os Ctônicos *só* tinham poderes que machucavam os outros, como tortura, controle da mente e dor.

Sempre existiram apenas quatro famílias Ctônicas. Ao contrário das Casas Olimpianas, que ascendiam e caíam, elas nasceram durante o alvorecer de Esparta e permaneceram iguais.

Sempre.

O infame quarteto Ctônico era formado pelas Casas de Hades, Afrodite, Ártemis e Ares.

Cada uma tinha apenas um punhado de membros, já que eles raramente procriavam com os humanos fracotes, que não conseguiam aguentar seus poderes. Algumas criaturas, aquelas com as habilidades mais *sombrias*, se aliavam a essas Casas.

Ao longo da história, os dois grupos mantiveram uma trégua tensa. A federação, comandada pelos Olimpianos mais fortes, preservava a paz.

Porém, na virada do século XXI, a paz foi destruída.

A Grande Guerra começou.

Em uma tentativa de derrubar a federação e controlar Esparta, as quatro Casas Ctônicas atacaram as cinquenta Casas Olimpianas.

Mesmo em grande desvantagem numérica, vinte e quatro Ctônicos lutaram contra centenas de Olimpianos.

Ainda assim, a guerra durou décadas, porque as habilidades dos Ctônicos eram perversas demais.

As Casas Olimpianas mais fracas foram derrotadas primeiro. Os Ctônicos as caçaram impiedosamente e espalharam os pedacinhos de seus membros ao redor do mundo. Os Olimpianos mais fortes se uniram e buscaram vingança.

Em 2045, apenas oito das famílias Olimpianas mais fortes e mais antigas ainda lutavam: as Casas de Zeus, Hera, Atena, Hermes, Poseidon, Deméter, Apolo e Dioniso.

A guerra chegou a um impasse, e ambos os lados perdiam cada vez mais soldados.

Esparta estava à beira do colapso.

Os quatro líderes ultrapoderosos das Casas Ctônicas seguiam vivos,

mas seus vinte filhos foram capturados e assassinados.

Se a guerra continuasse, não haveria mais um estado para governar, então os dois grupos assinaram um cessar-fogo.

Na nova federação, os Olimpianos eram uma maioria ainda mais esmagadora.

Restabeleceu-se a paz.

Alguns anos depois, em 2050, os Titãs — bestas monstruosas e imortais — apareceram na Terra de maneira inexplicável e começaram a massacrar os humanos.

A federação, liderada pelos Olimpianos, viu aí uma oportunidade de se reapresentar à humanidade.

A glória dos deuses renasceu.

Também aproveitaram essa chance para punir os Ctônicos.

Como reparação pela guerra e por seus crimes, a federação determinou que todos os Ctônicos sobreviventes — assim como quaisquer filhos que tivessem, e as criaturas sombrias que se aliaram a eles — estavam encarregados de resolver o problema dos Titãs na Terra.

Os Olimpianos chamaram esse novo grupo de Congregação da Morte.

E ainda havia mais.

Ctônicos e criaturas também foram forçados a lutar contra os Titãs, *e* uns contra os outros, no Coliseu das Dolomitas. Era uma disputa perturbadora, conhecida como Combate dos Gladiadores Espartanos.

O CGE rapidamente se tornou a competição mais violenta já vista na face da Terra.

Marcou uma nova era de brutalidade.

Quase meio século depois, os Titãs ainda vagavam pela Terra, os Ctônicos voltavam a crescer em números e os Olimpianos geravam crianças cada vez menos poderosas.

A federação lutava mais uma vez para manter o poder, e a correnteza da história parecia fluir para a guerra.

Esparta estava mais dividida do que nunca.

Para enfrentar essa fragmentação crescente, a federação decretou uma lei de casamento meio controversa.

Na mesma hora, os Ctônicos tentaram sabotá-la.

E é aqui que a nossa história começa.





Ab Initio

“Na virada deste século,
Esparta inteira está a festejar;
A federação cai,
para quem escolheu os deuses acusar.”

— Destino, 2050

1
Serpente

Alexis: Ano 2090

Quem é você? — sussurrou uma voz feminina no meu ouvido.

Levei um susto e me sentei depressa, piscando atordoada.

Meus pulsos latejavam de dor. Estavam em carne viva.

A grama e as flores cor-de-rosa do verão farfalhavam com a brisa morna que soprava pelo campo verde-esmeralda em que eu dormia.

O interior de Montana era um lugar estranho e silencioso.

A rede elétrica mal conseguia iluminar nosso parque de trailers decadente, localizado a mais de trezentos quilômetros ao norte das luzes da cidade de Helena.

Os Titãs apareceram em 2050, e o mundo entrou em colapso.

Na escola, as outras crianças chamavam isso de núcleo do apocalipse.

Eu chamava de inferno.

Ninguém sabia de onde vieram os Titãs imortais humanoides, com seus dentes superafiados, veias pretas, garras longas e supervelocidade, ou por que massacravam humanos só por diversão.

Se você quisesse viver (eu não queria), a existência deles era uma desgraça.

O padre John disse que os Titãs apareceram para "ensinar uma lição aos humanos". Como só o que fizemos foi sucumbir de um jeito dramático e assustador… me pareceu uma lição estranha.

Afinal, foram os espartanos que nos salvaram.

— Está me ouvindo? — perguntou mais alto a voz desconhecida.

Virei a cabeça e procurei pela interlocutora, mas não havia mais ninguém no campo.

Gemi de dor quando o movimento brusco fez meus pulsos latejarem ainda mais.

O pai e a mãe estavam preparando outra vez o seu "drinque especial" na banheira, para lidar com a fome — uma mistura de produtos de limpeza, água e fermento de pão mofado —, e o comportamento dos dois ficava cada vez mais errático.

Por exemplo, na semana anterior, eu olhara "torto" para o pai, então ele me amarrou com uma corda áspera porque eu era uma "vadia de 10 anos, preguiçosa, mimada e que não servia para nada".

Naquela manhã, eu já estava cansada de ficar presa como um cachorro, então bati os braços em uma pedra e puxei até ficar livre.

Ambos os pulsos com certeza estavam quebrados.

Pelo menos você fugiu.

A boa notícia era: o pai era tão tapado que talvez nem se lembrasse de que havia me prendido.

E a má notícia: ele precisava de remédios sofisticados da Federação Espartana — *a morte, de preferência* —, mas não tinha dinheiro para isso.

Alguém precisava cuidar da saúde mental dele do jeito mais barato: bater em sua cabeça com uma pá (fizeram isso com o nosso vizinho Paul, dando-lhe uma surra quando ele estava distraído).

— Você está me ouvindo, não está? O que... você é? — perguntou a voz invisível próxima ao meu ouvido, e o medo fez eu me sobressaltar.

Genial, estou sendo assombrada por um fantasma.

Olhei ao redor, desconfiada.

A cerca de arame farpado cintilava ao longe na fileira de árvores que contornava o parque de trailers, e uma bandeira branca esfarrapada estava pendurada em um galho, exibindo o brasão da Casa de Hades: um cachorro-esqueleto assustador com olhos carmesim abrasadores.

Era um cão do inferno.

Debaixo da bandeira, havia um aviso em letras vermelhas: "Titãs, Cuidado: Zona Protegida e Militarizada pela Federação Espartana."

Os símbolos do grupo de assassinos Ctônicos, a Congregação da Morte (bandeiras de cães do inferno assustadores que *ninguém* queria), ficavam pendurados pelas áreas protegidas. Serviam para alertar os Titãs de que havia gigantes mesmo entre os monstros.

Todo mundo conhecia as doze famílias espartanas que governavam a Terra.

As oito Casas Olimpianas eram os mocinhos da história, já que seus poderes não machucavam outras pessoas. Em contrapartida, as quatro

Casas Ctônicas eram puramente perversas.

Eram assassinos em massa com poderes obscuros.

Estremeci.

A era de deuses e monstros é uma droga.

Respirei com dificuldade por entre os dentes e tentei me concentrar em qualquer coisa que não fosse a agonia que subia pelos meus antebraços.

O que Emmy Noether e Carl Gauss fariam nesta situação?

Infelizmente, eu não tinha muita certeza do que meus heróis — antigos matemáticos brilhantes — fariam.

Dormir seria uma boa.

Morrer também.

Por enquanto, havia me contentado em reler pela centésima vez a autobiografia de Emmy Noether da biblioteca pública. Fazer isso era como receber um abraço quentinho.

Ou, pelo menos, eu presumia que essa seria a sensação de um abraço.

Nunca me abraçaram.

Ainda não.

E talvez nunca acontecesse, levando em conta que eu detestava ser tocada e as pessoas não gostavam de mim.

— Seu cheiro me é familiar — sussurrou a voz invisível, um pouco mais alto. — Será que... Qual é o seu nome, criança?

Cheirei minha axila. Naquela manhã, eu havia usado a mangueira de água fria do jardim, então só sentia o cheiro de sol e grama.

— Meu nome é A-Alexis Hert — falei, hesitante. A cicatriz em alto-relevo no meu osso esterno formigou. Ela estava ali desde que eu era um bebê.

— Consegue me entender, humana? Consegue falar comigo? — A voz estava ainda mais alta, o que me fez dar um pulo. — Eu sou Nix.

— Ah... oi — falei, sem graça.

Houve uma pausa longa.

— Por que seus pulsos estão sangrando? — perguntou Nix.

— Meus p-pais adotivos estão tentando me matar — expliquei, soltando um suspiro profundo.

— Que humana estranha você é. — A voz de Nix parecia mais próxima. — Fala da morte... mas não sinto cheiro de medo. Tem alguma coisa errada com você.

— Deve ter mesmo.

Nix sibilou.

— Essa sua atitude é perturbadora. Já conheci espartanos imortais que temiam a morte mais do que você.

— Você é um fantasma? — perguntei.

— Não.

— Mentirosa.

De repente, um objeto escuro bloqueou a luz do sol, pairando a centímetros do meu rosto.

Duas pupilas em formato de fenda ficaram nítidas contra um roxo neon, e uma língua bifurcada escorregadia se arrastou pela minha bochecha.

— Falei que eu era real — sibilou Nix.

Uma... uma... serpente preta gigantesca — tão comprida quanto uma das minhas pernas, com presas idênticas, reluzentes e afiadíssimas, e olhos roxos — pairou no ar à minha frente, a centímetros de mim.

Ela parecia perigosa.

Uma predadora.

— O que você é? — sussurrei.

A cabeça preta brilhante oscilou de um lado para o outro, como se ela estivesse tentando me hipnotizar.

— Sou uma Equidna, uma raça antiga de cobras invisíveis. É claro que você não ia saber disso... humanos não entendem nada de bestas.

Engoli em seco.

— Você é venenosa?

As presas da cobra cintilaram quando ela assentiu.

— Muito. Basta um arranhão de uma das minhas presas para matar você em segundos.

— Maneiro! — exclamei, maravilhada. — Quer ser minha amiga?

Eu nunca tivera amigos.

Os olhos roxos brilharam.

— Está bem — sibilou Nix, abrindo a mandíbula ao falar —, mas só porque sua vida parece uma desgraça, e porque fui jogada nesta terra de bárbaros sem ter ninguém com quem conversar.

— Legal — falei, estendendo a mão e dando um tapinha em sua cabeça reluzente.

Nix mordeu o ar com um estalo.

— *Nunca mais* faça isso ou vou matar você com uma mordida, garota.

Não sou seu cachorrinho. — Ela bufou, com certa arrogância. — É só um acordo temporário.

Dei risada.

Ela era engraçada.

Horas mais tarde, depois de ter brincado com a minha nova melhor amiga e tentado ignorar a dor nos pulsos, o sol se pôs em um céu cor-de-rosa ardente.

Se eu não voltasse para o trailer antes do cair da noite, ficaria trancada do lado de fora e seria obrigada a dormir no escuro.

Eu estava decidida a dormir do lado de dentro naquela noite.

— Vamos voltar juntas — sussurrei.

Nix ficou invisível e serpenteou ao meu lado. Sua cabeça roçava meu pé enquanto eu corria.

Chegamos ao trailer e o céu ainda estava claro, mas ninguém nem reparou nisso.

A mãe e o pai estavam sentados no jardim, ambos magros e de olhos vidrados, bebericando em copos sujos cheios do "drinque especial". Suas pupilas estavam dilatadas, as cabeças reclinadas em ângulos esquisitos enquanto encaravam as nuvens.

Eram cadáveres ambulantes.

Cantarolei para tentar me acalmar.

— Eles parecem... doentes. — A língua molhada de Nix roçou minha orelha. Ela se ergueu atrás de mim e entrou no trailer junto comigo. — Quer que eu mate os dois?

— Não — sussurrei, conduzindo-a pelo corredor. — Isso é errado.

A luz verde na parede piscou de leve. A eletricidade zumbia ao se esforçar para iluminar o trailer decrépito, que misturava pedaços de metal e madeira de uma época anterior aos Titãs.

O único ventilador, direcionado para a cama dos pais adotivos, não conseguia refrescar o resto do espaço.

O calor úmido do verão era sufocante.

Nix trincou as presas.

— Está bem. Mas, um dia, criança, vou matá-los para você.

Bufei.

— Não dá. Matar é pecado. É a coisa mais imoral que se pode fazer. Sua alma será corrompida. Foi o que disse o padre John.

— Esse padre John me parece um grande idiota. Você é muito nova

para entender o que está dizendo — respondeu Nix. — Quando for mais velha, vai pensar diferente.

Ela com certeza ia para o inferno por dizer uma coisa dessas.

Espera aí... O padre John não disse que cobras eram perversas? Será que eu vou para o inferno por ser amiga dela?

A danação eterna era bastante complicada.

Balancei a cabeça.

— Eu nunca vou matar uma pessoa — prometi, a sinceridade queimando em meu peito.

Nix bufou, zombando de mim.

Com cuidado, me ajeitei na caixa de papelão que servia como minha cama.

Um pedaço pequeno de tecido branco estava jogado na outra ponta, com oito letras douradas bordadas na frente. Era o macacão que eu estava usando quando era bebê e o orfanato me encontrou, a única coisa no mundo que me pertencia.

Tive uma sensação estranha quando Nix deslizou e ajeitou seu corpo pesado sobre meu colo.

— Você consegue falar com todas as pessoas? — sussurrei.

— Não, criança — respondeu Nix, com delicadeza. — O fato de você conseguir me ouvir não é normal. Só consigo falar com quem é da minha espécie, e não somos muitos.

— Bom, eu acho legal — murmurei, sonolenta. — Agora você não pode me abandonar, porque conseguimos conversar. Sempre quis ter uma amiga. Só... nada de matar... promete?

— Eu não faço juramentos boçais. Chega de conversa — sibilou Nix. — Vamos dormir.

Somente mais tarde me daria conta de que a minha gagueira desaparecia por completo quando eu conversava com ela.

Monstros não me assustavam.

As pessoas, sim.

E foi assim que uma cobra venenosa invisível de catorze quilos se tornou minha melhor amiga.

Sim, fiz amizade com o primeiro monstro que conheci na vida.

Tum.

Tum.

Tum.

Algumas horas depois, acordei assustada.

Batidas pesadas vinham da frente do trailer.

A mãe e o pai xingaram em voz alta, cambaleando para fora da cama e indo em direção ao barulho irritante e repetitivo.

Espiei a cena de um dos cantos da minha caixa. Nix resmungou contra o meu peito e se revirou, mas não acordou.

Uma senhora baixinha, com o cabelo todo branco e olhos roxos impressionantes, estava parada à porta.

A expressão dela era séria.

A seu lado, havia uma figura magricela de capuz agachada.

— Que porra é essa? — perguntou a mãe, encarando a intrusa, muito mais sóbria do que antes. — A gente não vende nossa bebida aqui na porta. Vai precisar esperar até segunda-feira e comprar lá na floresta, como todo mundo no parque.

Ao lado da mãe, o pai abriu a boca e balbuciou murmúrios ininteligíveis.

— Obrigada. Que oferta generosa — respondeu a senhora, o tom de voz insinuando o contrário.

Ela pigarreou.

— Estou aqui porque o Governo dos Estados Unidos, liderado pela Federação Espartana, decidiu entregar outra criança adotiva aos seus cuidados. Cupons de comida serão enviados todo mês para cobrir as despesas do menino. O nome dele é Charlie.

Nunca ouvi falar de crianças adotivas sendo entregues na porta.

Antes que alguém pudesse reagir, a senhora empurrou Charlie para dentro do trailer com uma força surpreendente, depois bateu a porta com tudo para fechá-la.

A mãe bufou para o garoto.

— Vou reclamar com eles. Essa merda é ridícula. Não pedimos mais uma criança. A gente nem consegue alimentar aquela outra coisa.

Legal, agora eu sou um objeto.

O pai cambaleou até o sofá maltrapilho, se jogou nele de cara e começou a roncar.

A mãe agarrou o braço fino de Charlie e o arrastou até a minha caixa de papelão. Fechei os olhos com força e fingi que estava dormindo.

— Garoto, você pode dormir do lado da… Alex. Tem bastante espaço.

A julgar pela pausa longa, a mãe teve dificuldade para se lembrar do

meu nome. *Que grosseria.* Eu já morava com ela há quase dez anos.

A mãe se afastou, os passos pesados e altos. As molas quebradas rangeram quando ela voltou para a cama.

Semicerrei os olhos, mal abrindo as pálpebras.

Charlie estava ajoelhado à minha frente.

Arquejei.

Os olhos amarelados dele tinham um tom sobrenatural, quase brilhando no escuro.

O cabelo loiro ensebado caía ao redor do rosto pálido e estreito, e olheiras escuras marcavam suas feições encovadas.

— Eu sou a A-Alexis — sussurrei com delicadeza, estendendo a mão machucada. Meu pulso dolorido tremia enquanto eu esperava para ver o que Charlie ia fazer.

Será que vai zombar da minha gagueira?

O garoto encarou a minha mão, mas não a aceitou.

Se os olhos dele não estivessem abertos, eu acharia bem difícil acreditar que estava vivo, pois Charlie quase não se movia.

Abaixei a mão e me ajeitei para abrir espaço na caixa de papelão.

Nós dois éramos pequenos. Dava para caber ali.

Coloquei Nix discretamente do meu outro lado, para ele não tocar nela.

— Tenho 10 anos — comentei, baixinho. — Você... tem a minha idade?

Charlie balançou a cabeça, depois se abaixou com cuidado ao meu lado. Continuava sem dizer nada.

— Você é mais novo? — perguntei.

Ele assentiu, e ficamos sentados lado a lado na escuridão.

— Nove?

Charlie assentiu de novo.

— Então acho que agora você é meu irmão caçula. Não se preocupe, vou ser uma boa irmã — prometi, depressa. — Sei tudo sobre os nossos pais adotivos. É só fazer o que eu disser que você vai ficar bem. Vou te proteger.

— Você... não precisa — sussurrou ele, baixinho.

Cutuquei-o com o cotovelo.

— Sei que não preciso, mas eu quero. Vou cuidar de você.

Os olhos dele ficaram completamente arregalados.

— Que foi? — perguntei, preocupada.

Charlie balançou a cabeça como se não houvesse nenhum problema, mas um sorrisinho fez seus lábios se curvarem.

Carinho se espalhou pelo meu peito, e sorri de volta.
Eu havia começado o dia sem amigos.
Agora, já tinha dois.
As coisas estavam melhorando.



2
O Monstro

Alexis: Ano 2091

Em um dia bom, a energia do trailer era questionável, e, em um dia ruim, traiçoeira.

O vento uivava lá fora enquanto a neve do inverno caía, furiosa.

A tempestade de fevereiro lançava sombras em tudo. A luz verde no canto da parede piscava, fraca, quase sem conseguir se sustentar com as pequenas descargas elétricas distribuídas pelo trailer.

Era a calada da noite, o que significava que Nix estava lá fora caçando. Ela disse que a escuridão fazia com que matar fosse mais fácil.

Eu acreditava nela.

— A gente precisa resolver isso agora — sussurrou a mãe para o pai na cozinha do trailer.

Do que eles estão falando? Meu estômago se revirou quando senti um pressentimento ruim no peito.

Os dois achavam que eram os únicos ainda acordados.

Charlie dormia ao meu lado.

Eu estava bem desperta.

Charlie estava conosco desde o verão, e logo se tornou o melhor irmão do mundo para mim.

Era quieto e tímido, mas isso não me incomodava, porque ele saía comigo todos os dias e me deixava ajudá-lo com o dever de casa de matemática. Nunca zombou da minha gagueira ou me chamou de idiota.

Na verdade, não dissera uma única palavra além daquela frase de quando nos conhecemos. Mas isso não me incomodava.

Pela primeira vez na vida, eu não me sentia solitária.

A mãe sussurrou algo que não consegui escutar, mas seu tom de voz era sombrio.

O único problema era: as coisas *não* estavam boas com nossos pais adotivos.

Havia ainda menos mantimentos no banco alimentar da região. Metade dos cupons de comida que eles recebiam por causa do Charlie e de mim não era resgatável, já que não havia carne nem laticínios disponíveis no inverno.

Estávamos todos passando fome.

Mais do que o normal.

O frio enregelante também fazia com que poucos vizinhos saíssem de seus trailers para comprar o "drinque especial" de nossos pais adotivos.

A mãe falou baixinho, e eu me esforcei para ouvir.

— Precisamos nos livrar do Charlie — sussurrou ela. — Ninguém vai descobrir.

O pai resmungou, concordando.

Fiquei paralisada de medo.

Não.

Não podem fazer isso.

Mas podiam.

Não íamos à escola havia semanas, porque as estradas estavam muito escorregadias. Talvez por isso estivessem bolando esse plano agora.

Alguns professores gentis nos davam restos de comida. Costumava ser o que nos mantinha vivos. A cada tempestade de neve, nossa situação se tornava mais desesperadora.

No interior do norte de Montana, no meio do inverno, era possível fazer *qualquer coisa* com qualquer um, porque só descobririam na primavera.

Com delicadeza, sacudi Charlie para acordá-lo.

Aqueles olhos amarelos brilhantes me encararam, confusos. Ele estremeceu, e a condensação de nossas respirações pairou no ar. Sua pele pálida estava quase translúcida.

— Vá se esconder no banheiro... agora — mandei, em silêncio, movendo apenas os lábios. — Tranque a porta.

Os olhos de Charlie se arregalaram de medo quando ele percebeu minha expressão tensa.

— Seja lá o que ouvir, não saia do banheiro — sussurrei depressa. — Se as coisas ficarem... complicadas, e não tiver mais *nenhuma* escolha, aí você pega o telefone e liga para a emergência. O número é 777.

O telefone estava pregado na parede do banheiro e ficava dentro de

uma redoma de vidro com uma etiqueta Apenas Emergências. Todas as casas eram obrigadas a ter um para o caso de os Titãs atacarem.

A mãe colocou o nosso no banheiro porque disse que não queria "ver aquela merda horrorosa o dia inteiro".

Ela falou a mesma coisa de mim.

Charlie prendeu a respiração ao compreender minhas palavras.

A linha telefônica estava conectada aos socorristas da região, mas eles só resolviam conflitos *depois* que tudo já havia começado. A única ameaça que garantia atendimento imediato eram os Titãs. Para qualquer outra coisa, as pessoas estavam sozinhas.

No fim das contas, existiam apenas dez espartanos Ctônicos, e somente cinco deles estavam qualificados a caçar *dezenas* de Titãs monstruosos.

A Congregação da Morte tinha poucos participantes.

Apenas cinco crianças Ctônicas nasceram desde a Grande Guerra. E *todo mundo* sabia quem elas eram.

Augusto, Caronte, Pátro, Aquiles e Helena.

Tecnicamente, havia mais uma — Medusa —, mas ela foi aprisionada no Mundo Inferior, a infame prisão espartana de segurança máxima.

Havia também algumas poucas criaturas que lutavam na Congregação junto aos líderes Ctônicos, mas elas raramente tinham filhos.

Além disso, como os Ctônicos só se juntavam à Congregação quando atingiam a imortalidade aos 20 anos, havia *um único* herdeiro Ctônico de sangue puro com idade o suficiente naquele momento para lutar ao lado dos líderes.

Augusto, herdeiro da Casa de Ares.

Ele tinha 23 anos e era filho de Ares e Afrodite.

O próximo a conquistar a imortalidade seria Caronte, o filho de 18 anos de Ártemis e Érebo.

A irmã de Augusto, Helena, tinha 8 anos e era a herdeira da Casa de Afrodite.

Não se sabia muito mais sobre eles, porque herdeiros e herdeiras tinham fama de serem reclusos.

Eram a elite dos espartanos modernos, mais importantes e poderosos do que qualquer ser humano da realeza poderia sonhar ser.

As duas últimas crianças Ctônicas eram seres raros, metade humanos, chamados de mestiços: Pátro e Aquiles.

Pátro, da Casa de Afrodite, tinha 13 anos, e Aquiles, da Casa de Ares,

tinha 14.

Eram o futuro da Congregação da Morte, mas até que atingissem a imortalidade, quase não havia monstros que lutassem contra os Titãs.

A humanidade ainda corria um grave perigo.

A federação garantiu que a civilização persistisse, mas tudo que não era necessário podia descer pelo ralo.

Charlie e eu já nem estávamos no ralo.

Nós estávamos no esgoto.

— Vá! Agora! — sussurrei para Charlie, depois me inclinei e o abracei com força. — Vai ficar tudo bem.

Nós dois tremíamos enquanto nos abraçávamos.

Quando me afastei, Charlie assentiu e engatinhou em silêncio até o banheiro, que ficava ao lado de onde dormíamos.

Emmy e Carl se esforçaram para ser pioneiros na matemática. Emmy enfrentou a crueldade de sua época e permaneceu firme.

Seja como ela, Alexis.

Eu queria fingir que não havia escutado a mãe, mas escutei.

Não consigo fazer isso.

Eles eram dois, e eu, apenas uma. Até era alta para a minha idade, mas não tanto assim. Ambos ainda eram muito maiores do que eu.

Sim, você consegue.

Minha respiração estava trêmula, mas inspirei fundo e fiquei de pé.

Esfreguei os prendedores de cabelo que cobriam as cicatrizes antigas em minha pele, a dor fantasma repuxando os pulsos.

Se eu os enfrentasse, haveria consequências. No inferno era sempre assim.

Você precisa de um plano.

Devagar, caminhei até a cozinha, onde ambos estavam de pé, bebericando aquelas bebidas. Parei e afastei bem as pernas.

Eu não tinha plano algum.

Tentei várias vezes até finalmente reunir coragem e falar.

— Se q-quiserem m-machucar o Charlie, vão ter que p-passar por cima de m-mim. Vou contar para t-todo o mundo o que v-vocês tentaram fazer, e vão m-mandar v-vocês para a cadeia p-para sempre.

A gagueira sempre piorava quando eu falava com eles, não importava o quanto tentasse me concentrar. Ela só desaparecia por completo quando eu conversava com Charlie e Nix.

Como se estivessem em câmera lenta, o pai e a mãe se viraram para mim.

Seus olhos estavam arregalados e turvos, as pupilas dilatadas. Os lábios sujos daquele líquido. Sombras encobriram a superfície encovada de seus rostos enrugados.

— Que *merda* é essa que você acabou de dizer, garota? — perguntou o pai, devagar.

A mãe sorriu, exibindo a gengiva podre e três dentes. Ela jogou no chão o copo vazio, que se estilhaçou bem alto no piso rachado.

Dei um pulo e engoli o grito.

— Que tal se a gente matar vocês dois? — A mãe caiu na risada. — Não temos nada a perder. Vamos todos morrer de fome de qualquer jeito.

O suor escorria pela lateral do meu rosto, depois congelava naquela temperatura gélida. Cada fibra do meu ser queria se virar e sair correndo.

Permaneci firme, procurando sem parar por uma arma. Peguei a torradeira quebrada de metal no balcão e a arremessei em direção a eles.

Ela atingiu o pai e ele resmungou, cambaleando para trás.

Houve um momento de silêncio perturbador.

Que plano ruim.

O pai chutou a torradeira para longe.

— Como… você se atreve? — questionou a mãe.

Então, os dois vieram na minha direção em um lampejo de gritos e punhos erguidos.

Tive a sensação distante de cacos de vidro perfurando as solas dos meus pés enquanto a mãe sacudia os meus ombros e gritava um monte de palavrões. Seu hálito fedia a produtos químicos.

O pai deu um soco no meu olho esquerdo, mas não *senti* nada.

O tempo pareceu se distorcer.

Depois de uma vida inteira sentindo dor, o cérebro aprende a aguentar. Eu sabia como permanecer consciente enquanto apanhava. Tive anos para aperfeiçoar minha técnica.

O segredo era tensionar o seu interior e as nádegas.

Cantarolar.

E se desapegar de tudo.

Além disso, interpretar uma prodigiosa musicista atormentada do século XIX que imaginariamente sofria para escrever uma ópera brutal também ajudava.

Uma melodia comovente começou a tocar na minha cabeça.

Somente eu conseguia ouvir a música.

Eu me esquivei, e a mãe acertou a minha orelha esquerda com um soco.

— Sua vagabunda preguiçosa e ingrata, ameaçando a gente depois de tudo o que fizemos por você... — Um ruído alto a interrompeu (que pena; a mãe tinha uns argumentos interessantes).

Cambaleei e me virei.

Outro soco atingiu a lateral esquerda da minha cabeça.

A cozinha era estreita, e o pai foi empurrado para trás enquanto a mãe continuava a me atacar.

Na minha tentativa desesperada de evitar a violência, o punho dela me acertou no mesmo lugar. Tudo virou um borrão, e eu não conseguia ouvir e enxergar nada.

Música clássica — uma ilusão — preencheu a escuridão.

Uma luz fraca atravessou minhas córneas machucadas. Metade do meu campo de visão estava preto, e com a outra metade eu me vi arranhando às cegas o rosto e o pescoço da mãe com unhas ensanguentadas.

Agarrei a blusa dela.

Ela gritou algo que não consegui ouvir.

A mãe acertou um soco na minha boca, e o sangue salpicou seu rosto arranhado. Eu tentava escapar dela o quanto antes, desesperada para impedi-los de chegar até Charlie.

É só os deixar ocupados. Vão se cansar. Aí eu aproveito uma brecha.

— Me deixe entrar, Alexis! Me deixe entrar AGORA! — gritou Nix, sibilando do lado de fora. Ela devia ter voltado da caçada e ouvido a confusão.

Ela pode me ajudar a proteger o Charlie.

Eu me lancei na direção da porta para deixá-la entrar, mas o pai acompanhou o movimento. Ele me arrastou de volta para a cozinha (o inferno) e me jogou para a mãe (um demônio saído daquele lugar).

Para me punir, ela acertou a lateral da minha cabeça com um golpe. Tudo *queimava*. Eu a arranhava enquanto ela me atacava.

— Criança, me deixe entrar agora mesmo!

O trailer sacudia conforme Nix o esmurrava.

A mãe deu outro soco no meu olho esquerdo, e as luzes explodiram. Minha visão ficou preta.

Havia sangue por todos os lados.

Ela gritou na minha cara, e eu gritei de volta. *Ah, olha só, estamos harmonizando. Mozart teria adorado.*

Outro golpe acertou a lateral da minha cabeça. Meus dedos se afrouxaram e tudo começou a girar mais rápido.

Foco. Você está perdendo a cabeça, Alexis. Concentre-se.

Senti o pânico crescer, afiado e intenso, como se eu tivesse levado uma facada direto no coração. *Charlie está em perigo. Não se atreva a desmaiar.*

CRÁS!

O mundo explodiu: as janelas mais próximas se estilhaçaram em pedacinhos.

O vidro choveu sobre nós. *Ah, olha só, é um crescendo.*

Cambaleei para trás, escorregando em sangue e vidro enquanto lutava para me situar.

Os cacos estavam por toda a parte.

O trailer estava pintado de listras vermelhas, porque *alguma coisa* havia entrado pela janela.

O pai apontou para mim. Depois apontou para a mãe, e os dois começaram a gritar um com o outro. Eu apontei para a pia e gritei.

Eles guincharam e recuaram, atropelando um ao outro para se afastar da pia monstruosa imaginária. O atropelo se transformou em empurrões, até que um deles deu o primeiro soco. Os dois começaram a lutar entre si.

Essa distração deu mais certo do que eu esperava.

De repente, uma dor no peito comprimiu meu esterno.

Que ótimo, estou tendo um ataque cardíaco aos 11 anos. Se fosse qualquer outro dia, eu teria aceitado uma parada cardíaca de braços abertos. Agora, porém, não era a hora. Não quando Charlie dependia de mim.

A mãe tirou uma faca do suporte de madeira e a balançou descontroladamente. Depois, enquanto me encarava, gritou alguma coisa incompreensível sobre um demônio vermelho. A expressão dela era feroz.

Perdeu a cabeça de vez.

A mente dela estava deturpada.

Tropecei em alguma coisa sólida ao desviar de suas investidas e caí de bunda no chão.

Ela se afastou de mim.

Cacos de vidro feriram minhas palmas e algo gelado bateu contra a

minha perna. Fiquei paralisada de medo. Lancei o corpo para a frente e tateei ao redor, me agarrando a um corpo invisível.

— Vou te proteger — sibilou Nix.

A serpente havia se jogado contra a janela para me salvar. Foi por causa dela que consegui escapar.

O pânico em meu peito triplicou. *Não, ela não pode se machucar.* Segurei minha melhor amiga às cegas, puxando suas escamas geladas com todas as minhas forças.

— Fique ao meu lado — sussurrei, desesperada. — Temos que proteger o Charlie, não a mim. — Arquejei.

Ela sibilou.

Cantarolei uma melodia alta dentro da minha cabeça.

Os evolucionistas estavam errados. Os humanos não evoluíram dos primatas; nós *regredimos* deles.

Com as mãos entrelaçadas às escamas geladas de Nix, eu a arrastei para trás pelo chão.

Agarrei a maçaneta da porta do banheiro em busca de apoio e comecei a nos puxar para cima. A porta se abriu, e nós duas caímos lá dentro.

Ele deixou a porta destrancada para mim.

Tranquei-a depressa assim que entramos.

A mãe e o pai gritaram alguma coisa sobre um demônio enquanto berravam um com o outro.

Dentro daquele espaço apertado, Charlie estava encolhido em um canto.

Seu corpo magricelo estava encaixado entre o vaso sanitário e a parede. Olhos arregalados e cheios de lágrimas me encararam apavorados. Charlie começou a tremer mais forte e abaixou a cabeça como se estivesse tentando se esconder.

Nix se revirava em minhas mãos.

— *Me solte* — sibilou ela. — *Preciso matar aqueles desgraçados por terem te machucado.*

Charlie não reagiu, e não fiquei surpresa. Já aceitara havia muito tempo que eu era a única que conseguia ouvir Nix.

Todo mundo apenas presumia que eu era uma inútil que falava sozinha.

A parte de ser inútil ainda estava aberta para debate (não estava; no meu tempo livre, eu escrevia fanfics sobre Emmy Noether e Carl Gauss).

Arquejei, trêmula, quando a dor no meu osso esterno piorou.

— Vamos ficar aqui e proteger o Charlie. Deixa eles se machucarem primeiro.

A melodia se acelerou.

Ela deslizou pelo meu corpo e se enrolou de maneira frouxa ao redor do pescoço e dos ombros como se fosse um cachecol invisível.

Charlie soluçava alto no canto.

Eu também teria chorado, mas minha adrenalina estava nas alturas.

Além disso, eu não sentia nada havia onze anos.

Também tinha essa questão.

Ofegando, cambaleei até o vaso e tirei a tampa pesada de porcelana. Ao me reposicionar ao lado da porta, ergui a arma improvisada e fechei os olhos.

Quando a mãe e o pai entrassem, eu os espancaria e Nix morderia os dois.

Ninguém vai machucar o Charlie. Ninguém vai tirá-lo de mim. Nunca. Ele está seguro. Vou garantir que fique assim.

A dor perfurou meu peito.

Nunca senti um ataque de pânico tão violento.

Sol sustenido em crescendo.

Com a respiração entrecortada, forcei meus braços trêmulos a permanecerem erguidos enquanto Charlie sofria, se balançando para a frente e para trás.

Por ele, sou capaz de fazer qualquer coisa.

Podíamos até não ser parentes, mas, como dizia o padre John: "O sangue de um laço é mais consistente do que a água de qualquer útero".

Dia e noite, Charlie e eu sobrevivemos juntos neste trailer infernal. Dividimos nossa cama de caixa de papelão. Passamos fome juntos. Além de Nix, ele era a única pessoa que eu tinha na vida.

— Qual é o plano? — perguntou Nix, a língua invisível roçando minha bochecha.

— Se eles entrarem — falei, estalando o pescoço —, vamos matá-los.

Címbalos colidiram.

A agonia perfurou meu peito.

Charlie soluçou mais alto.

Muita coisa estava acontecendo.

— Que plano brilhante — sibilou Nix.

Os pais adotivos ganharam: conseguiram me transformar em uma assassina.

Do outro lado da porta, a mãe soltou um grito terrível, e os pelos na minha nuca se arrepiaram. O barulho foi tão horripilante que meu pânico quadruplicou. Arfei de cansaço enquanto meu peito doía.

Passos pesados ressoaram pelo corredor.

Meus braços tremiam de exaustão quando ergui a cerâmica amarelada ainda mais alto, pronta para lutar.

A voz do pai estava mais próxima quando ele gritou:

— Crianças, me ajudem! Depressa... tem alguma coisa machucando ela!

Fiquei paralisada.

O que foi que ele acabara de dizer? Por acaso tinha pedido *a nossa* ajuda? Aqueles a quem ele estava planejando matar? *Esse homem não pode estar falando sério.*

Charlie choramingou e se abraçou com mais força.

Fechei os olhos e não me mexi.

As lamúrias se harmonizaram.

— Crianças, liguem para o 777! Um Titã pegou a sua mãe! — A porta do banheiro chacoalhou, como se ele estivesse tentando entrar. — *Alex*, faça alguma coisa!

Eu odiava esse apelido.

Nós não tínhamos mãe.

Não uma mãe de verdade.

Um grito de revirar o estômago veio da cozinha.

Sangue e violência atraíam os Titãs, mas o sofrimento acontecia quase diariamente naquele trailer. *Por que um deles atacaria agora, de repente*? *Não faz sentido nenhum, a não ser...*

Arfei. A janela ficou escancarada depois que Nix se jogou contra ela, então o trailer não estava trancado como de costume.

Uma besta havia entrado.

A tampa em minhas mãos tremeu impiedosamente. Escamas geladas deslizaram pelo meu pescoço, como se Nix estivesse se redirecionando para atacar.

— Uma coisa invisível está destruindo ela. É... É um deles... só pode ser... Por favor, façam a chamada... *por favor, ajudem*! — implorou o pai, do outro lado da porta.

A porta rangeu quando ele se jogou contra ela e tentou entrar.

A dor no peito fez eu me curvar.

A mãe gritou mais alto, e o pai soluçou enquanto arranhava a porta do banheiro.

— Por favor, liguem para os espartanos. Por favor, crianças. Ela está com a boca espumando. É... horrível.

A mãe estava sendo atacada, e o pai estava do outro lado da porta. Era tudo verdade: os Titãs estavam ali.

Fechei os olhos com força.

Charlie soluçou ainda mais alto.

A orquestra começou a tocar o ato final.

Punhos bateram na porta, um homem desesperado implorou com a voz entrecortada e minhas mãos tremeram com mais intensidade.

Sangue escorria pelo meu rosto e pingava no chão.

A porta chacoalhou.

Os moribundos gritaram.

Uma música clássica comovente tocava.

— Você é forte — sussurrou Nix. — É corajosa. — As escamas deslizaram pela lateral do meu rosto, como se fizessem carinho em mim. — Pode suportar qualquer coisa. O universo está sob o seu comando.

Lágrimas se misturaram ao sangue e escorreram pelo meu rosto.

Não me mexi nem abri os olhos.

Ninguém mexeu no telefone na parede.

Escutou-se um barulho gorgolejante terrível, depois... silêncio. O único som vinha dos soluços intervalados do pai.

Os músicos baixaram seus instrumentos e fizeram uma reverência.

Prendi a respiração e esperei. Esperei que o pai começasse a fazer o mesmo barulho que a mãe fizera. Esperei que a porta fosse quebrada. Esperei, pronta para lutar contra um Titã. Esperei pela morte.

O tempo se estendeu.

Continuei esperando.

— Acho que o monstro foi embora — disse o pai, abatido.

Então houve um estrondo, como se ele tivesse tropeçado. A porta da frente bateu, e dava para ouvir a voz abafada dele ao gritar e implorar por ajuda aos vizinhos.

Não baixei minha arma.

Charlie soluçava, baixinho.

A sensação excruciante em meu peito foi desaparecendo aos poucos, e tudo virou um borrão.

Barulhos, sons, movimentos — tudo se transformou em uma névoa embaralhada.

O tempo se distorceu.

Charlie se aninhou ao meu lado, sonolento. Eu pisquei, tentando ficar consciente.

Luzes verdes fracas tremeluziram acima de mim, e eu estava sentada no familiar sofá maltrapilho. A noite chegara ao trailer, e a neve caía suave na escuridão do lado de fora.

A tempestade havia passado.

Charlie dormia embaixo do meu braço, e Nix envolvia meu tronco com força, invisível sob o suéter. O trailer estava cheio de estranhos agitados. Um deles falou alguma coisa a respeito de os vizinhos terem ligado.

Dois daqueles estranhos se viraram para mim.

Eu recuei e tentei deslizar no sofá, colocar alguma distância entre nós.

O médico e a médica não se importaram. Ambos se inclinaram mais para perto e invadiram meu espaço pessoal, o leão dourado da Casa de Zeus reluzindo em seus crachás.

Se eu tivesse energia o suficiente, teria gritado.

Mal consegui resmungar.

Eles esfregaram alguma coisa nos cortes maiores do rosto, das mãos e dos pés, e eu estremeci.

— Fique quieta — ordenou a médica. — Este gel cicatrizante espartano é muito caro. Só resta um pouco dele. Quando acabar, sua sorte acaba junto. — Ela contraiu os lábios, irritada.

O problema não é o remédio; é você tocar em mim.

— Você devia era agradecer por termos usado isto — zombou o médico. — O frasco já passou da validade. Do contrário, nunca desperdiçaríamos o gel em você. Os laboratórios Olimpianos de Esparta demoram *anos* fazendo experiências e planejando até criarem esses remédios miraculosos.

Desejei que não estivesse fora da validade.

Respirando fundo, murmurei uma melodia clássica e me concentrei no lado positivo. A alguns metros dali, a mãe era colocada em um saco mortuário por pessoas usando macacões brancos de segurança química, e o pai estava do lado de fora, na neve, discutindo enquanto era interrogado.

Bons tempos.

A porta do trailer se escancarou.

— Fique quieta! — gritou o médico, apertando minhas bochechas e esfregando meu olho esquerdo.

Ele provavelmente nunca passou de cálculo na matemática. Carl Gauss nunca falaria comigo desse jeito.

Um policial alto, vestido de preto e com armas espartanas sofisticadas nos dois quadris, se ajoelhou à minha frente. O cavalo selvagem da Casa de Ártemis reluzia em seu distintivo. O animal tinha olhos vermelhos ferozes.

O policial clicou em um gravador e falou em voz baixa, como se conversasse com um animal arisco.

— A gente só precisa que você nos conte o que aconteceu. Foi o seu pai que te machucou assim? Ele te bateu? — perguntou o homem, com delicadeza, como se isso importasse.

Nós dois sabíamos que não.

Lesões corporais não eram mais indiciadas. O sistema espartano só gastava recursos com um *único* crime.

— Ele não é meu pai — corrigi, e minha voz soou estranha. — É meu pai adotivo. E, sim, ele m-me machucou.

O policial semicerrou os olhos, interessado.

— E quem machucou a sua mãe? Quem a matou? Você se lem…

— Conte para eles o que aconteceu, Alexis! — berrou a voz do pai, do lado de fora. — Diga para eles que foram os Titãs. Você sabe que eu estava… — Ele grunhiu, como se alguém tivesse batido nele.

Meu cérebro terminou a frase no lugar dele: *soluçando na porta do banheiro, implorando para você chamar os espartanos.*

— Não ligue para ele — disse o policial. — Quem matou sua mãe adotiva? Pode me dizer a verdade. Ela estava… ensopada de sangue e espumando pela boca… foi um ataque… *bem brutal*.

Abri a boca para dizer que só podia ter sido um Titã, mas as palavras não saíram.

Charlie podia ter morrido naquela noite. Nix podia ter se machucado. Esfreguei os punhos e encarei o policial, com indiferença.

— O pai matou ela — falei, com calma.

Olhos vermelhos diabólicos brilharam de maneira acusadora no distintivo dele.

O policial desligou o gravador.

— Obrigado. Era tudo que eu precisava. O sistema vai resolver isso bem rápido. Esta noite, ele será transferido para a Penitenciária da Federação Espartana. Vai cumprir prisão perpétua sem condicional. — O policial assentiu para mim. — Não vai mais te incomodar.

Ele ficou de pé e saiu do trailer.

Do lado de fora, o pai começou a gritar obscenidades, dizendo que ia me matar (na minha opinião, achei meio pretensioso, já que ele havia acabado de perder a chance), mas a porta de um carro bateu e ele foi silenciado.

A médica me encarou com irritação outra vez, a voz rouca ao declarar:

— Não deu para fazer nada quanto ao seu olho ou ouvido. Você não está qualificada para ser levada a um hospital.

Não fazia ideia do que ela estava falando.

A médica foi embora com o parceiro.

Eu ia sentir falta da positividade dela. Ou não.

De longe, reparei que alguém estava desenrolando uma fita amarela que dizia "área contaminada" pelas paredes do trailer, enquanto outra pessoa tapava a janela quebrada com tábuas.

As pessoas foram saindo devagar.

O tempo passou de maneira letárgica.

Pisquei, atônita.

O trailer estava vazio e fedia a desinfetante. O cheiro me fazia lembrar do "drinque especial".

Luzes verde neon lançavam sombras nas paredes conforme a fileira de caminhões elétricos brancos espartanos se afastava na tempestade. A neve se acumulava com suavidade nos parapeitos das janelas.

Nós três estávamos sozinhos.

Era um sonho que se tornava realidade; era um pesadelo.

Eu estava tremendo, batendo os dentes. Tirei Nix de cima de mim e ajeitei Charlie no sofá sem muita delicadeza. Depois, cambaleei até a porta do trailer.

Precisei tentar várias vezes até conseguir girar as três fechaduras.

Com os braços trêmulos, arrastei a poltrona velha pelo chão e a empurrei na frente da porta como uma barricada.

As luzes fracas tremeluziram em uma névoa verde.

Somente depois que puxei o cobertor gasto e remendado da cama, onde nenhum de nós jamais dormira, é que me deitei ao lado de Charlie no

sofá e coloquei Nix em meus braços.

Eu não conseguia dormir.

Quando as 5h piscaram no relógio digital, desisti de tentar descansar e cambaleei até o banheiro.

Os canos rangeram quando a água do poço jorrou da torneira. Joguei água gelada no rosto e ergui o olhar para o pequeno espelho acima da pia.

O horror me fez ficar boquiaberta.

Cachos estendiam-se em todas as direções em volta da minha cabeça, e minha pele dourada estava coberta de cortes, hematomas e ferimentos.

O problema, porém, não era esse.

Devagar, fechei meu olho direito.

O mundo ficou confuso e escuro mesmo com o meu olho esquerdo ainda aberto. Abri o direito e voltei a enxergar.

A água cor-de-rosa pingava devagar do meu rosto.

Íris diferentes me encaravam de volta pelo espelho. Não era uma ilusão. Eu não tinha mais dois olhos escuros.

A íris esquerda estava branca.

A íris direita continuava preta.

A melhor parte: era apenas o começo.

Ergui uma das mãos trêmulas até a minha orelha direita, me sentindo como se estivesse debaixo d'água, e falei em voz alta. O som saiu distorcido e estático. Baixei a mão e repeti o movimento. Desta vez, consegui escutar minha voz.

Eu estava cega e surda do lado esquerdo.

Respirei fundo, joguei mais água gelada no rosto, baixei meu cabelo e endireitei os ombros.

A garota no espelho parecia tranquila. Coberta de ferimentos e com olhos estranhos e diferentes, ela era intimidadora. Poderosa. À sua direita, o telefone de emergência permanecia intocado na parede.

— Quem é ela? Preciso descobrir seu nome — diria Carl Gauss, se a visse caminhando pela rua em Brunswick, na Alemanha. — Essa garota será meu prodígio!

Abri um sorriso.

Meus abusadores foram embora.

Eu estava livre.

Naquelas primeiras horas do dia, me tornei amiga do segundo monstro que conheci na vida: eu mesma.

Ou, pelo menos, foi o que pensei.

No futuro, eu entenderia que estava muito certa e também *muito* errada quanto a essa afirmação. Porque monstros eram bem traiçoeiros. Quando você finalmente enxergava o que eles eram de verdade, já era tarde demais.

Mais tarde naquele dia, houve uma batida alta à porta do trailer.

Um homem de meia-idade, com rugas profundas em volta da boca, estava parado do lado de fora na neve.

— A federação — começou ele, cuspindo uma porção grossa de muco em uma demonstração de alta classe — determinou que este trailer é uma cena de crime e, por isso, está inabitável.

O homem apontou para um caminhão grande e branco, com um guincho prateado extravagante na traseira.

— Tenho ordens para levar ele embora. — Sua voz estava rouca, e o zumbido agudo na minha orelha esquerda piorou.

A neve caía, e os cílios dele congelavam.

— Onde v-vamos morar? — perguntei, meus lábios dormentes.

— Isso não é problema meu. Todos os moradores têm que sair. Agora — explicou ele, sem expressão. — Estou autorizado a usar a força.

Ele pousou uma das mãos em um cassetete preso ao cinto.

Poucos minutos depois, Charlie, Nix e eu estávamos parados em um pedaço vazio de grama morta, com o cobertor dos nossos pais adotivos envolvendo os ombros. Algumas quinquilharias estavam em uma caixa aos nossos pés.

O caminhão rebocou o trailer pela estrada coberta de gelo.

— Vamos procurar um abrigo — sussurrei, conduzindo minha família na direção do trailer mais próximo para implorar por ajuda.

Estávamos oficialmente desabrigados.

Este era o problema de viver em épocas sombrias: a vida estava sempre piorando.

Sempre.

3
Sobrevivendo ao Inferno (Ensino Médio)

Alexis: Ano 2099

O neon verde tremeluzia no teto enquanto a rede elétrica se esforçava para manter as luzes da escola acesas.

Eram 6h, momento em que os professores faziam a chamada antes de as aulas começarem, e o burburinho tomava conta da sala de aula.

Quem liga se a Sarah traiu a Bethany com o Eric e eles fizeram sexo anal?

As pessoas me deixavam confusa, mas os adolescentes eram particularmente enigmáticos.

Às vezes (todos os dias), ter passado dezenove anos na Terra parecia o suficiente.

Eu já vira o bastante.

Soltei um suspiro profundo e tentei me concentrar em resolver a equação que eu vinha estudando havia meses.

Tudo dependia de a minha pontuação estar entre as 0,001% melhores no teste de mérito do sistema espartano em junho. Todos os adolescentes de 19 anos faziam esse teste para descobrir se poderiam cursar uma das três universidades espartanas de ensino superior que ainda restavam no mundo.

Se eu conseguisse passar, ainda precisaria comprovar realizações acadêmicas além das notas. O resultado do meu trabalho na Hipótese de Riemann serviria para isso.

Charlie dependia de mim.

E eu não o desapontaria.

Jéssica, que se sentava à minha esquerda, fungou.

— Mais alguém está sentindo esse cheiro? — perguntou ela em voz alta,

depois começou a dar risadinhas com um grupo de garotas.

Ainda bem que sou meio cega e não consigo ver a cara dela. Uma pequena dádiva.

Ela fungou mais alto.

Eu me afundei ainda mais na cadeira, desejando que pudesse me desmanchar em pedacinhos e desaparecer.

Naquela manhã, havia me esfregado na pia do banheiro da escola.

Eu era obcecada por me limpar, mas nunca era o suficiente, porque ser uma desabrigada deixava um odor que grudava nas minhas poucas peças de roupa, não importava quantas vezes eu as lavasse.

Aquilo declarava para todo mundo que Charlie e eu morávamos em caixas de papelão no fundo do parque de trailers mais decadente da cidade.

Jéssica tapou o nariz, e as amigas dela fingiram se engasgar.

Murmurei uma melodia clássica.

Dores fantasmas subiram pelos meus antebraços sob dezenas de antigos elásticos de cabelo que cobriam as cicatrizes nos pulsos.

Ignorei a sujeira debaixo das unhas, encrustada tão fundo que jamais sairia.

Ignorei as pálpebras pesadas por não conseguir dormir, temendo que cada barulho na floresta fosse um Titã vindo atrás de Charlie para machucá-lo.

Ignorei o vazio gigantesco no estômago, já que os cupons de comida que eu ganhava quando oferecia aulas particulares a outras pessoas mal nos mantinham alimentados. Além disso, qualquer trabalho feito por alguém que ainda não prestara o teste de mérito era considerado trabalho infantil, prática que a federação julgava ilegal.

Eles diziam que obrigar crianças a trabalhar era coisa de bárbaros.

Belo discurso. Sabe o que é ainda mais bárbaro? Obrigar crianças desabrigadas a passar fome porque não têm condições de se sustentar.

— É sério, ela nunca toma banho. É nojento — comentou Jéssica ainda mais alto, para a turma inteira conseguir escutar.

Houve uma nova leva de risadas.

A vergonha queimou em meu peito.

Era em momentos como esse que eu desejava ser uma daquelas garotas confiantes e barulhentas. Que diziam o que bem entendiam e não deixavam ninguém as maltratar. Aquelas mulheres fatais, fortes e determinadas, retratadas em vídeos e livros antigos.

— O cheiro é horrível — continuou Jéssica, fingindo não conseguir respirar.

Não falei nada.

Só me afundei ainda mais na cadeira e esfreguei minhas palmas úmidas nas calças remendadas. Interagir com outros seres humanos não era o meu forte. As palavras sempre ficavam presas na garganta.

A mesa da Jéssica rangeu quando ela a puxou para longe de mim de propósito, como se eu tivesse alguma doença.

A pressão em meu peito aumentou em um fator de dez.

Me deixa em paz.

Droga, àquela altura eu já havia dado aulas particulares para metade da escola e era a única razão de alguém conseguir entender álgebra naquele lugar desprezível.

Sim, o nível estava abissalmente baixo. Era o que a queda da civilização causava.

Quando Jéssica se afastou de novo, a mesa rangeu ainda mais alto.

Não importava o que fizesse, eu era apenas a garota suja que morava na rua, gaguejava e cheirava mal.

Os humanos não prestavam.

— AimeuDeus... galera! — Taylor entrou correndo na sala, dando gritinhos de empolgação. — Tem um vídeo novo da Díade Escarlate na página da *Estilo Esparta*. Conseguiram filmar eles *lutando contra os Titãs*!

A Díade Escarlate — Pátro, da Casa de Afrodite, e Aquiles, da Casa de Ares — era formada pelos membros mais famosos da Congregação da Morte.

Os dois mestiços eram a nova obsessão espartana favorita de todo mundo.

A única coisa que deixava os humanos ainda mais animados era o Combate dos Gladiadores Espartanos, CGE, filmado e realizado a cada três anos. Por falar nisso, a escola já havia começado a pendurar cartazes em preparação para os jogos do ano seguinte.

Oba, espartanos Ctônicos e criaturas sombrias lutando uns contra os outros e contra os Titãs durante semanas sem fim no Coliseu das Dolomitas! Iupiii, tortura e morte. Vai, time.

Eu não entendia aquilo.

Conversas animadas irromperam pela turma, e meu ouvido esquerdo zumbiu com toda aquela empolgação aguda. Cadeiras foram arrastadas e

mesas bateram umas nas outras quando os alunos correram até o fundo da sala.

Meus companheiros (inimigos) se amontoaram ao redor dos computadores enormes, anteriores à era de Esparta, como se fossem urubus rodeando uma carcaça, tentando espiar o site, que era dedicado a tudo relacionado aos espartanos.

O site era a única razão de existir um mercado clandestino grande de computadores reformatados do início do século XXI.

Ele disponibilizava vídeos, fotos, fanfics e testes sobre os espartanos das doze grandes Casas.

Também tinha um conteúdo mais profundo e *instigante* a respeito dos espartanos — desenhos de seus pênis enviados por humanos após descrições em primeira mão.

Não que eu tenha olhado.

Certo, olhei uma vez, mas gritei e desliguei o computador da biblioteca pública.

Está bem, reiniciei o computador só para poder espiar de novo.

E *talvez* eu tenha tido um longo debate com a bibliotecária a respeito de os pênis parecerem caracóis deformados (ela achava que estavam mais para pepinos-do-mar).

É *óbvio* que passei cinco dias seguidos visitando a página, porque não conseguia acreditar que os homens de fato tivessem uma coisa daquelas entre as pernas.

Sim, tudo isso aconteceu na semana anterior. Não, eu não queria tocar no assunto. Ainda estava de luto pela minha inocência.

— Pessoal, *calem a boca*! Estou tentando dormir — resmungou Nix em voz alta, querendo fazer um drama, já que nós duas sabíamos que eu era a única que conseguia escutá-la.

Escondida debaixo do meu moletom largo e furado, seu corpo invisível envolveu minha barriga, apertando-a com mais força. Arfei diante da asfixia repentina.

— Pare com isso! — sussurrei para ela. — Estou tentando me concentrar nessa equação.

Será que eu era a única pessoa no mundo que ainda respeitava a matemática?

— Se aquela garota der mais um gritinho — falou Nix —, vou matá-la. Não ligo para o que você vai dizer, criança. Chegou a hora.

Balancei a cabeça.

— O nome dela é Taylor.

— Certo — sibilou Nix. — Vou matar a *Taylor* de forma lenta e dolorosa. Melhorou?

Nix mordeu o ar. A solução dela para tudo era matar alguém com uma mordida. Nunca, porém, seguira esse impulso, principalmente porque eu a impedia fisicamente.

Embora eu suspeitasse que o Sr. Jones, o inspetor, não tivesse apenas "caído morto de repente" no refeitório três anos antes, depois de ter zombado da minha gagueira. Nix, porém, jurou que era inocente, e eu nunca consegui provar o contrário.

— Sr. Brewer? — chamou Timothy, o *quarterback* da escola (Tim-Tom, na minha cabeça), com uma expressão impaciente. — Podemos passar o vídeo no projetor para todo mundo conseguir ver os Ctônicos esmagarem os Titãs?

— Faça o que quiser. Vocês são do terceiro ano — respondeu o Sr. Brewer, que mastigava alto a linguiça de seu café da manhã.

— Posso morder um aluno agora? — perguntou Nix.

Discretamente, com aquele jeitinho que só os adolescentes têm, bati a cobra invisível e assassina que eu chamava de melhor amiga contra a mesa, a fim de impedir que ela me matasse esmagada porque eu não queria deixá-la assassinar meus colegas de classe.

As coisas não iam bem.

O Sr. Brewer desligou as luzes e os alunos sussurraram, animados, quando o projetor foi ligado. A tela ampliou a página da *Estilo Esparta*.

— Não acredito que vamos ver a Díade Escarlate — sussurrou Tim-Tom para um amigo. — Desde janeiro que eles não apareciam.

Quatro meses inteiros. É um milagre que a gente tenha sobrevivido.

Um calor deslizou pelo meu pescoço.

— Quero ver — falou Nix, a cabeça invisível espiando pela gola do meu casaco.

Olhei ao redor, preocupada que alguém tivesse percebido um calombo estranho em formato de cobra dentro das minhas roupas.

Ninguém estava olhando para mim.

A turma inteira encarava o projetor com as pupilas dilatadas. A luz verde neon do aparelho refletia as expressões vidradas e os olhos arregalados.

Bang.

Todos levaram um susto.

Na tela, um Titã voou pelo ar e bateu em uma árvore, as veias pretas e monstruosas cobrindo cada centímetro de pele exposta.

Garras pretas e compridas se projetavam de dedos tortos.

Gritos ecoaram.

O vídeo tinha sido gravado por um caçador de espartanos — humanos que os perseguiam ao redor do mundo para tentar filmar a Congregação da Morte enquanto eles combatiam e capturavam Titãs.

Havia um motivo para a Díade Escarlate ser famosa.

Corriam boatos de que os outros Ctônicos — os líderes, os herdeiros e as herdeiras — viviam de acordo com um conjunto de regras arcaicas, centradas em manter sua honra. Eles faziam parte de uma alta sociedade secreta que gastava bastante dinheiro e recursos para se manter afastada dos humanos.

A Díade Escarlate, porém, criada por espartanos desde o nascimento, não era controlada pelas severas regras de honra da alta sociedade.

Eram celebridades globais.

O ângulo da câmera mudou. Um espartano musculoso agarrou o Titã e o lançou a centenas de metros pela floresta, como se o monstro não pesasse nada. Depois, de costas para a câmera, o espartano caminhou até o Titã.

O monstro gemeu de dor.

— *Por favor, não* — implorou ele, as garras afiadas arranhando o braço do homem.

Um lobo preto gigantesco entrou em cena e se ajoelhou de maneira protetora ao lado do espartano. A besta rosnou com ferocidade, então virou a cabeça para a câmera. Olhos vermelhos e presas diabólicas pendiam de sua mandíbula.

Arrepios percorreram meus braços e minhas pernas.

Com um movimento ágil, o espartano pegou uma faca e a cravou no monstro. O lobo avançou. O Titã gritou de dor.

Desviei o olhar.

A julgar pelos murmúrios admirados da turma, eu era a única que achava aquilo repulsivo.

Enquanto os Olimpianos eram os heróis cujas tecnologias e melhorias salvaram a nossa civilização, os Ctônicos eram os novos deuses sombrios, reverenciados por seus poderes cruéis.

Que Deus nos ajude.

O sangue preto espirrou na tela.

O espartano se moveu para subir em cima do monstro e, pela primeira vez, o vídeo capturou seu perfil. Uma focinheira preta com uma grade estava presa na metade inferior de seu rosto bronzeado.

— Puta merda, é ele — comentou alguém. — É o Aquiles.

Todo mundo conhecia Aquiles.

Ele era o único espartano a usar focinheira.

Três anos antes, a Federação Espartana decidiu confiná-lo depois de seu desempenho aterrorizante no CGE, porque a voz de Aquiles tinha um único poder: torturar. Ele colocara dezenas de criaturas em coma com apenas algumas palavras.

Ele era um monstro entre monstros.

Na verdade, fazia sentido. A Casa de Ares ganhou o apelido de Casa da Guerra por um motivo.

Todos os espartanos que vinham dela eram psicopatas.

Seus poderes eram puramente cruéis, até mesmo se comparados com as outras Casas Ctônicas.

Eles destruíam as pessoas.

Por diversão.

— Ele é tão gato — sussurrou Jéssica.

— É mesmo — respondeu a turma inteira em uníssono.

Como os espartanos também eram famosos por transarem com qualquer um — eles não tinham preconceito quanto a gênero e costumavam namorar (pegar) várias pessoas ao mesmo tempo —, os humanos tinham a mania de imitar esse estilo de vida sexual livre.

Eu não ligava a mínima para isso.

Carl Gauss (em outras palavras, celibato radical) era tudo na minha vida.

Tim-Tom fez um comentário inspirador sobre abrir bem suas pernas e tomar tudo como um campeão, e eu me concentrei no Titã menos perturbador, que gritava enquanto era torturado.

Eles sabiam das coisas quando começaram a matar os humanos.

Dados sobre o espartano brilharam em letras neon do lado direito da tela:

- **Nome:** Aquiles.

- **Apelidos:** Filho da Guerra. O Assassino. A Besta da Díade Escarlate.
- **Linhagem:** Pai — Ares, líder da Casa de Ares. Mãe — humana.
- **Afiliação da Casa Espartana:** Ctônica.
- **Altura:** 2 metros.
- **Peso:** 132 quilos.
- **Data de Nascimento:** 23 de março de 2077.
- **Habilidade:** Torturar com a voz, detalhes desconhecidos.
- **Animal Protetor:** Lobo.
- **Grau de Poder:** 95 de 100.
- **Ocupações:** Membro da Congregação da Morte. Fundador da fábrica de armas GSMM, junto a Pátro, Augusto e Caronte.
- **Patrimônio líquido:** 3 bilhões de dólares.

Bang. Bang. Bang. Bang.

Aquiles descarregou um cartucho de balas no Titã que gritava.

Seus olhos de cor cinabre diferentes eram impiedosos — tinham um tom natural e impressionante de vermelho, até quando ele não estava usando seus poderes —, e o cabelo castanho comprido estava amarrado em um coque. Aquiles era com certeza o motivo pelo qual metade dos garotos da turma prendia os cabelos em coques.

— Viu isso? Prestou atenção *nele*? — sussurrou um garoto.

— Nem fala. Ele é... surreal.

— Selvagem *e* sexy.

A turma caiu na risada.

Eu me perguntei se deveria me estrangular agora ou mais tarde.

Bang. Bang. Bang. Bang.

O Titã continuou gritando, porque a imortalidade significava que ele não podia morrer, mas ainda podia ser torturado.

A arma estalou.

Devagar, a besta da Díade Escarlate pegou outro cartucho e voltou a atirar, como se estivesse entediado.

Coldres estendiam-se por seus músculos proeminentes, e seu corpo poderoso estava quase todo coberto de armas.

A logomarca dourada da GSMM reluziu no cano da arma de Aquiles.

Todos sabiam que o *G* e o *S* significavam Guerra e Sexo, uma ode aos

apelidos que os humanos deram à Díade Escarlate, mas ninguém sabia o que as letras *M* e *M* queriam dizer, apenas que elas representavam Caronte e Augusto, os herdeiros Ctônicos reclusos. Havia boatos de que eram ainda *mais* aterrorizantes do que a Díade Escarlate.

Como naquele momento Aquiles estava *torturando* um homem na tela, eu achava difícil acreditar nisso.

Um borrão surgiu na tela quando outro espartano de repente entrou em cena. O homem agarrou o ombro de Aquiles e o afastou do Titã.

Uma jaguar de Nemeia, fêmea, se esgueirou para perto deles e sentou-se ao lado do lobo. Os dois tinham o mesmo tamanho (eram da altura de um minipônei, mas sem a fofura).

— *AimeuDeus*, é ele!

— Não acredito.

— Sai da frente! Não consigo ver! — gritou alguém, empurrando outro aluno e o derrubando da cadeira.

A câmera capturou o segundo espartano — era o Sexo da GSMM. O filho da mulher mais bonita da face da Terra.

A única pessoa que tinha a chave da focinheira de Aquiles.

Pátro.

Ele se ajoelhou e envolveu o pescoço do Titã com as mãos, enquanto seus dados apareciam na tela.

- **Nome:** Pátroclo.
- **Apelidos:** Pátro. Filho do Sexo. Líder da Díade Escarlate. O Homem Ideal. O Domador de Aquiles.
- **Linhagem:** Mãe — Afrodite, líder da Casa de Afrodite. Pai — humano.
- **Afiliação da Casa Espartana:** Ctônica.
- **Altura:** 1,93 metro.
- **Peso:** 109 quilos.
- **Data de Nascimento:** 23 de agosto de 2078.
- **Habilidade:** Mental, detalhes desconhecidos.
- **Grau de Poder:** Dados insuficientes.
- **Animal Protetor:** Jaguar de Nemeia.
- **Ocupações:** Membro da Congregação da Morte. Fundador da fábrica de armas GSMM, junto a Aquiles, Augusto e Caronte.
- **Patrimônio Líquido:** 3,5 bilhões de dólares.

O Titã começou a espernear e implorar.

Pátro tocou a testa do monstro com o dedo indicador — os olhos verdes brilhando vermelhos ao usar os poderes Ctônicos —, e o Titã falou alguma coisa.

Pátro trincou a mandíbula de raiva. Depois, virou a cabeça na direção da câmera.

A imagem era impactante: cabelo preto curto e encaracolado, lábios carnudos e rosados, cílios escuros e compridos, pele preta, bochechas encovadas e covinhas profundas.

A turma arquejou alto.

— Os boatos estão certos. Ele parece mesmo a estátua de Davi — comentou alguém, e a turma murmurou, concordando.

Mesas foram arrastadas quando os alunos decidiram se aproximar da tela.

Mesmo com a imagem granulada, o perfil de Pátro era algo de outro mundo. Era atraente demais para ser de verdade.

O padre John com certeza havia pensado nele quando disse:

— O demônio tem um rosto bonito, e a humanidade vai para o inferno por adorá-lo.

Pátro ergueu o dedo e apontou diretamente para a câmera.

— *Puta merda* — sussurrou Tim-Tom atrás de mim.

Botas pretas pesadas apareceram e mostraram coxas grossas cobertas de armas, olhos vermelhos intensos e uma focinheira.

Aquiles ergueu o punho e estilhaçou a lente da câmera. A tela ficou preta.

Houve um silêncio mortal enquanto todo mundo assimilava o que acabara de assistir.

Lá fora, um relâmpago brilhou no céu, iluminando a cerca de arame farpado, e um trovão ressoou na escuridão.

A chuva caiu com mais força.

— *AimeuDeus*, vocês viram isso? Puta merda, nem consigo respirar. Essa foi a coisa mais sexy que eu já vi na vida. Não consigo nem…

TRIMMMM.

Estava na hora da próxima aula.

Animados, os alunos começaram a arrumar as mochilas e foram saindo aos poucos, mas fazendo questão de deixar um espaço grande ao meu redor, como se eu fosse a própria Pestilência.

O céu ficou iluminado com um tom sinistro de verde, que combinava com as luzes instáveis da sala de aula e dos corredores.

— Olha, criança, hoje foi mais interessante do que de costume — disse Nix em meu pescoço, e a empurrei discretamente para debaixo do moletom.

Peguei minha mochila e segui para a biblioteca.

— Foi horrível — sussurrei.

Um dos alunos me lançou um olhar esquisito.

— Se "horrível" significa *genial*, então eu concordo — respondeu Nix, depois murmurou alguma coisa perturbadora sobre as necessidades de uma mulher.

Eu a ignorei.

Meus pensamentos estavam acelerados. Rostos passavam por mim como borrões conforme eu caminhava pelos corredores lotados, iluminados pelas luzes verdes bruxuleantes.

Tecnicamente, eu terminara o ensino médio três anos antes, mas apenas adolescentes de 19 anos podiam prestar o teste de mérito e se formar.

Eu passava os dias na biblioteca, estudando para a prova e aprendendo sozinha algumas matérias avançadas de livros antigos de faculdade.

Enquanto acelerava o passo em meio à multidão de corpos, gritos de Titãs ainda ecoavam em meus ouvidos.

Homens de preto estavam parados pelos corredores, as mãos apoiadas nos cabos das armas. "GSMM" estava estampado em letras douradas nos coldres.

O Minotauro da Casa de Ares e os cães-esqueleto do inferno da Casa de Hades reluziam em seus distintivos.

O que restara do governo dos EUA obrigava os funcionários a usar os símbolos da Federação Espartana, em especial os das Casas Ctônicas. No fim das contas, não significava nada, mas fazia as pessoas se sentirem mais seguras.

Um dos mercenários fez contato visual comigo.

Ele desviou o olhar primeiro.

Os homens sempre faziam isso. Eles gostavam de fingir o contrário, mas meus olhos de cores diferentes os assustavam.

Os mercenários serviam de isca.

Titãs eram caçadores solitários, mas, como eram monstros imortais que mal conseguiam ser parados pelas armas espartanas mais avançadas, o fato

de andarem sozinhos não importava.

Um único Titã era capaz de destruir uma cidade inteira se quisesse.

Em 2050, quando eles surgiram pela primeira vez, as organizações governamentais tentaram eliminá-los com bombas nucleares.

Foi um desastre.

Havia uma fotografia famosa de um único Titã emergindo da explosão, desfigurado, mas ainda em movimento, os olhos fixos nos humanos feridos que estavam no raio de destruição.

Os mercenários no corredor garantiam *no máximo* cinco segundos de distração, mas, pelo jeito, haver homens armados encarando os estudantes fazia todo mundo se sentir mais seguro.

O corredor era um borrão de estranhos.

A mão de alguém agarrou meu ombro. Eu recuei depressa e bati em um armário.

— Opa, calma aí, sou eu.

Um garoto se aproximou demais do meu espaço, parando acima de mim como se fosse uma nuvem escura.

— Sou eu, Josh. Não se lembra de mim? — O sorriso dele vacilou. — Você foi minha monitora no mês passado e me ajudou com o teste de matemática. Eu tirei 65!

Eu o encarei, sem reação. *Será que ele quer que eu fale?*

As pessoas não falavam *comigo*, a não ser quando eu dava monitoria; elas falavam *de* mim.

Comentavam sobre os furos nas minhas roupas e perguntavam se eu de fato morava com cães ferozes na floresta.

Faziam piada sobre eu ter pulgas.

Josh inclinou a cabeça e caiu na gargalhada (nada engraçado aconteceu).

— Eu fiquei tão *feliz*. Foi a maior nota que já tirei — disse ele, e deu um tapinha no meu ombro.

O armário chacoalhou atrás de mim quando me afastei dele.

Eu era uma garota alta, então a maioria dos rapazes da escola era da minha altura, mas Josh era maior.

— Sei que a gente combinou de eu deixar o pagamento no seu armário — começou Josh, com uma expressão esquisita —, mas queria falar com você pessoalmente.

Ele me entregou três cupons de comida.

Peguei-os depressa, dobrei e guardei no bolso com cuidado, depois me afastei dele e dos armários e fui correndo em direção à biblioteca.

— Espere aí!

Josh também começou a correr ao meu lado. Agora eu me lembrava vividamente dele: era o aluno que pensava que seis vezes sete era sessenta e sete e não acreditava que o zero era um número (alguém precisava colocar o cara em seu devido lugar).

Eu não conseguia vê-lo.

O pânico fez o meu peito apertar.

— Pare de se preocupar. Ele tem cheiro de fracote. Não há nada a temer — sibilou Nix. — Mas... posso matá-lo com uma mordida para você, porque sou generosa e prestativa. De nada.

— Você não vai morder *ninguém* — sussurrei.

— O que você disse? — A voz de Josh saiu abafada e confusa, então demorei um instante para compreender a pergunta.

Não respondi.

Ao virar o corredor, pude ver os detectores de metal da biblioteca, então apertei o passo.

Josh entrou na minha frente e ergueu a mão para tocar meu rosto.

Engoli um grito.

Fiquei paralisada.

Esperei pelo golpe.

Com delicadeza, ele enrolou o dedo em um dos meus cachos loiros que havia escapado do capuz.

— Sabe, você *não é* o que dizem por aí. Na verdade, seus olhos são bem bonitos — comentou ele, baixinho.

Obrigada, e você, na verdade, é bem idiota.

Por dentro, eu bufei.

Por fora, estava em silêncio e paralisada de medo.

— Espere aí, criança — falou Nix. — Esse não é aquele garoto que não sabia multiplicar?

A voz dela me fez sair do transe, e eu continuei avançando em direção à biblioteca.

Josh foi junto.

— E aí, o que me diz? Você quer... — Ele balançou as sobrancelhas, depois parou, como se esperasse que eu dissesse alguma coisa.

Espere aí. Ele quer que a gente... faça aquilo.

Balancei a cabeça, apavorada.

Eu preferiria morrer.

De um jeito bem violento.

Naquele exato momento.

Naquele mesmo corredor.

Em um universo paralelo, eu teria coragem suficiente para dizer tudo isso na cara dele.

O sorriso simpático de Josh desapareceu ao ver a minha expressão.

Neste universo, eu passei por ele com um empurrão, em silêncio, e corri até o meu santuário, arquejando.

E é por isso que eu não interajo com as pessoas.

— Nada de correr na biblioteca! — gritou Dorean, a bibliotecária, assim que cruzei a soleira da porta. — Aqui não é uma área desprotegida, Alexis. Tenha educação. Nós *não somos* Titãs.

Dorean ergueu os olhos para mim, as feições enrugadas franzidas pela irritação. Uma arma espartana brilhava em seu quadril, que ela havia substituído no ano anterior em um instituto espartano de pesquisa de ponta. De acordo com os boatos, ela doara um rim para sair da lista de espera.

Que mulher esperta.

Eu me deleitei com sua presença imponente.

Dorean era o tipo de mulher que eu desejava ser.

Forte. Corajosa. Intimidadora. Capaz de verbalizar seus pensamentos intrusivos.

Estava um silêncio mortal na biblioteca, porque apenas alguns alunos tinham permissão para entrar depois do *acidente*. Dorean havia flagrado Jake Dalmer sendo masturbado embaixo de uma mesa e atirou no pênis dele. À queima-roupa. Sem hesitar.

Por isso ela era a minha heroína.

— O diretor quer falar com você. — Dorean (lenda da comunidade) me entregou uma permissão para estar no corredor em horário de aula, me arrancando dos meus devaneios.

— Obrigada p-pelo seu trabalho aqui na escola — falei, sem perceber.

Dorean colocou uma das mãos sobre a arma e ergueu as sobrancelhas. A mensagem era clara: *saia da minha biblioteca ou vou precisar entrar em ação.*

Era compreensível.

Além de Charlie, ela era a única outra pessoa de quem eu gostava.

Esperei na porta da biblioteca até o corredor ficar vazio. Depois, andei depressa pela escola. Meus olhos estavam arregalados, e eu virava a cabeça o tempo todo para ter certeza de que estava sozinha. Se Josh aparecesse de novo, eu começaria a correr.

Quando entrei na sala do diretor, Charlie estava sentado ao lado de um garoto todo ensanguentado.

O vento sacudia as barras da janela conforme a tempestade rugia lá fora.

O rosto do diretor estava vermelho.

— Mesmo Charlie tendo 18 anos, como guardiã dele, é dever da senhorita castigá-lo — declarou ele, assim que entrei na sala pequena. — Brandon empurrou Charlie, e então Charlie decidiu *espancá-lo* até tirar sangue.

Os três se viraram para mim.

O diretor me encarou como se *eu* tivesse autoridade para resolver a situação, como se nós não fôssemos apenas duas crianças desabrigadas que compartilhavam uma caixa de papelão.

— Eles estão esperando que você diga alguma coisa — sibilou Nix debaixo do casaco, e eu agradeci pela deixa.

— Vou castigar o Charlie. O comportamento dele é... — Procurei pela palavra certa: — imperdoável.

O diretor suspirou e se recostou na cadeira.

— Srta. Hert, a senhorita é a aluna mais inteligente que esta escola já viu. Por favor, garanta que isso não se repita. Seu irmão também é um dos nossos melhores alunos, e eu não tenho tempo nem energia para resolver esse tipo de bobagem. Já temos que nos preocupar com os *Titãs*.

Ele agitou a mão para indicar os dois rapazes pingando sangue pelo chão inteiro.

Todo mundo na sala ficou esperando algo.

Esperei com eles.

— Diga alguma coisa — sibilou Nix.

— E-entendi — falei.

Não entendi nada.

Algumas horas depois, saltei de um ônibus escolar amarelo e enferrujado, outra relíquia da época pré-espartana.

Agradecemos ao motorista, e ele exibiu um único dente preto ao

grunhir o que podia ser tanto uma piada quanto um palavrão (com certeza era a última opção).

A chuva quente da primavera caía, mas eu e Charlie não nos importávamos. Qualquer coisa era melhor do que o vento gélido de inverno.

Nix resmungou alguma coisa a respeito de morrer afogada.

Para uma serpente *selvagem*, ela era surpreendentemente mimada.

Charlie se aproximou de mim quando entramos no parque de trailers, fechando o portão de arame farpado atrás de nós.

De algum jeito, de alguma forma, o portão impedia os Titãs de entrarem desde que perdemos nossa casa.

Era um milagre. Mesmo assim, eu ainda ficava acordada todas as noites, a ansiedade tomando conta de mim. O fato de algo não ter acontecido no passado não afetava a probabilidade de acontecer no futuro. Essa constatação me assombrava.

Joguei o braço sobre os ombros largos de Charlie. Ele era magrinho, mas tinha um corpo mais largo e alto do que o meu. Caso se alimentasse direito, teria um físico impressionante.

Puxei ele mais para perto.

Charlie se curvou.

Havia algo de frágil naquele corpo enorme, como se ele temesse a própria capacidade de ser violento.

Os nós de seus dedos pálidos estavam cheios de sangue seco, os olhos amarelos aguçados.

Os tons de Charlie eram tão diferentes da minha pele e cabelos dourados que as pessoas na escola ficavam surpresas quando descobriam que éramos irmãos.

Mas os laços criados pelo trauma não mudavam a aparência, apenas as almas.

— Você está brava? — perguntou ele, sinalizando as palavras com os dedos longos.

Oito anos antes, quando ficou evidente que Charlie não falava, nós dois aprendemos a linguagem dos sinais em um livro antigo da biblioteca.

Franzi a testa, confusa.

— Por que estaria brava? — retruquei, sinalizando de volta. Eu sempre fazia isso quando falava, para que ele não se sentisse solitário ao se comunicar com as mãos.

— Eu bati naquele garoto até ele ficar coberto de sangue — respondeu

Charlie, a testa franzida, os movimentos das mãos desajeitados. — Não era a intenção, mas minha mente ficou vazia, e de repente ele era o pai, e eu só queria proteger...

— Ele não te empurrou primeiro? — perguntei.

— Sim — respondeu Charlie, os movimentos lentos.

— Estão a culpa é dele. Você tem o direito de se defender. Não é certo alguém encostar em você sem a sua permissão. *Nunca*. Não se esqueça disso.

Charlie me puxou em um abraço apertado. Seu corpo engoliu o meu, e me apoiei nele.

Eu adorava os abraços de Charlie.

Ficamos ali, abraçados.

Quando, por fim, se afastou, ele ergueu o braço, mostrando a tatuagem preta no antebraço: C+A.

Bati a minha tatuagem, que era igual, contra a dele.

Era o nosso segredo.

Um homem acenou para nós da janela de seu trailer, e acenamos de volta.

Era a alma mais gentil que havia naquele parque.

No ano anterior, havíamos pegado emprestado com ele um kit caseiro de tatuagem. Era a única pessoa que nos dava caixas de papelão e cobertores.

Se aquele homem não permitisse que entrássemos em seu trailer nos dias mais frios e cheios de neve do ano, Charlie e eu já estaríamos mortos.

Era o nosso herói.

Nosso santo particular.

Ele também era coberto de caveiras e símbolos satânicos da cabeça aos pés, o que era inspirador, desde que não se parasse para pensar muito no assunto.

Dava para ver o pentagrama estampado em sua testa enquanto ele observava eu e Charlie nos embrenharmos na floresta.

Puxamos a lona que protegia do clima a nossa estrutura de caixas de papelão, escondida atrás de galhos posicionados com cuidado.

O chão estava cheio de cobertores velhos e tapetes que havíamos roubado de outros trailers logo depois que os moradores faleceram, e antes que a federação viesse rebocá-los.

Fofinha — nome que Charlie deu para a fêmea de husky siberiano de

trinta e seis quilos — se levantou e se jogou em mim como um aríete, me fazendo cair de joelhos.

Beijei sua focinheira, e ela abanou o rabinho, animada.

Três invernos antes, Fofinha fora abandonada no parque por alguém. A cadela perambulou até o nosso abrigo e se recusou a nos deixar.

Eu havia ficado preocupada em como alimentá-la, mas, no fim das contas, ela gostou dos esquilos e coelhos mortos que Nix trazia para nós.

Às vezes, Charlie e eu aceitávamos os animais quando estávamos muito desesperados, mas comê-los demais nos fazia mal, então deixávamos tudo para Fofinha, que nem se abalava.

Agora, três anos depois, Fofinha era a que comia melhor entre todos nós.

E, por falar em comida, puxei uma ponta da pilha de tapetes e escondi os novos cupons de comida em uma garrafa velha de cerveja, já que eles só podiam ser resgatados às sextas-feiras.

Ainda era segunda.

Só precisávamos enfrentar mais quatro dias de fome. Três, tecnicamente, porque a segunda-feira já estava quase acabando, e conseguiríamos uma refeição na sexta.

Setenta e duas horas morrendo de fome.

Nem é tanto tempo assim.

Liguei a lanterna solar quebrada que havíamos roubado, e a luz verde bruxuleante preencheu o ambiente.

Alguns minutos depois, me deitei em uma pilha de cobertores, com uma cobra invisível enrolada no meu pescoço, acariciando meu rosto; um husky siberiano jogado sobre meu colo; e Charlie sentado ao meu lado, com o dever de casa espalhado no próprio colo.

Uma música clássica começou a tocar no rádio solar antigo e escangalhado.

Ele estava apoiado do lado direito da minha cabeça, e o zumbido fazia meu corpo inteiro formigar.

Charlie mordiscou um dos palitos de carne do estoque que eu montara para ele ter o que comer todos os dias. Estava em fase de crescimento, então precisava de mais proteína do que eu.

A fome queimou no estômago, mas me concentrei no conforto embaixo do meu corpo e na caixa de papelão sobre a minha cabeça.

Nós somos sortudos. Nossos pais adotivos se foram. Estamos livres de

todo aquele abuso.

A chuva tamborilou de leve sobre a lona.

Charlie sinalizava dúvidas de matemática, e sequências de números pairavam ao meu redor enquanto eu pensava na Hipótese de Riemann.

Sentia as escamas macias de Nix contra o meu rosto, e Fofinha se esfregava nas minhas pernas, espalhando pelo para todos os lados.

Nunca me senti tão grata.

Eu estava cercada pela minha família e me sentia segura. Tudo ia ficar bem.

Uma pena eu não saber o quanto estava errada.



4
O Teste de Mérito Espartano

Alexis

Cinco minutos para acabar o tempo — anunciou a fiscal na frente da quadra.

Mercenários estavam parados em volta do local, as armas espartanas à mostra.

— Terminem de escrever suas respostas — continuou ela. — Lembrem-se, depois de espetarem o dedo, *não* o pressionem contra o papel. Basta espremê-lo e deixar o sangue pingar nos dois círculos... só é necessária uma amostra pequena.

Papéis farfalharam quando centenas de estudantes viraram as páginas.

Minha mão estava com cãibra de tanto apertar o lápis enquanto eu escrevia sem parar. Doze horas de prova haviam cobrado seu preço.

O relógio tiquetaqueava na parede.

Por acaso eles não podiam ter nos dado mais uma hora?

Desesperada, eu me concentrei em terminar a redação sobre a física da mecânica quântica. A resposta tinha que ser em latim.

Conforme o teste de mérito espartano avançava, a dificuldade das perguntas aumentava exponencialmente.

Na metade da prova, cada questão passou a ter que ser respondida em latim. A julgar pela quantidade de alunos folheando o teste sem parar, eu era a única que chegara na última pergunta.

— Três minutos!

Droga, qual é a palavra em latim para "cromodinâmica quântica" ou "quarks"?

O suor escorria pelo meu corpo.

Uma possível tradução estava na ponta da minha língua, mas o tempo estava me pressionando.

— Um minuto!

Escrevi *parva pila*, o que traduzido literalmente significa "esferas pequenas". Não era uma resposta precisa, então expliquei o contexto depressa e torci para que fosse o bastante para...

Uma campainha tocou.

— Acabou o tempo! Coloquem os lápis sobre a mesa! — anunciou a fiscal. — Os professores passarão entre as fileiras e recolherão os testes. Deem uma olhada se o nome de vocês está escrito na primeira página. Para quem ainda não fez isso, aproveite esse tempo para espetar o dedo e preencher os dois círculos na última página.

Afundei na cadeira e puxei o capuz sobre a cabeça, arfando como se tivesse corrido uma maratona.

Se não tirar uma nota alta o suficiente, você e Charlie estão ferrados.

Minhas mãos tremiam.

Respire fundo, se acalme. Não pareceu tão difícil assim, e você fez a prova toda.

— Acabou? — perguntou Nix, debaixo do meu casaco. — Não sei o que vai me matar primeiro, a fome ou o tédio.

— Falei para você ficar em casa — sussurrei.

Nix envolveu minha barriga com mais força.

— E deixar você se virar sozinha?

— Tenho 19 anos. Não preciso de uma *babá*.

— Criança, eu não sou uma babá. Sou uma governanta em tempo integral, mas sem os benefícios de poder matar as pessoas. Minha vida é uma tragédia.

— Ah, sim, que catástrofe. — Meus dentes batiam graças à adrenalina de fazer uma prova tão longa. — Além disso, que tipo de governanta mata as pessoas? — perguntei, confusa.

— As que são das boas — respondeu Nix. — Aquelas que de fato protegem as crianças, é claro.

Nada estava claro para mim naquela situação.

— Você é tão esquisita — sussurrei.

A pessoa sentada à minha frente se virou e me lançou um olhar estranho.

Ela torceu o nariz.

Eu me afundei ainda mais na cadeira, cutucando os elásticos de cabelo no meu pulso. Os buracos nas mangas do casaco tiravam sarro de mim.

Você sobreviveu ao ensino médio. Nunca mais vai ter que ver essas pessoas de novo.

Uma professora que eu não conhecia caminhava devagar por entre as fileiras, recolhendo os testes. Ela parava e fazia uma pergunta para cada um dos alunos, então a coisa toda demorava uma eternidade.

Comecei a batucar com o pé, acompanhando uma música clássica que somente eu conseguia ouvir.

O ar-condicionado antigo estalava alto e mal conseguia resfriar a quadra úmida. As luzes verde neon tremeluziam e zumbiam conforme a rede elétrica se esforçava para sustentar aquilo tudo.

Estávamos no final de junho e o tempo estava úmido.

Eu estava presa com centenas de outros estudantes, na fileira do meio, cercada por todos os lados.

Quando a professora *finalmente* me alcançou, peguei minha prova e a entreguei para ela, ansiosa para acabar com aquilo e ir embora.

Ela pegou o teste com um sorriso e foi para a próxima...

— Espere. — Ela me devolveu a prova. — Você se esqueceu de espetar o dedo. Ainda bem que eu olhei. Certifique-se de marcar os dois círculos.

Peguei a prova das mãos dela, depois afundei o pequeno furador que todo mundo recebeu em meu dedo. O sangue jorrou.

— Ah, querida! — A professora arquejou. — Seja gentil consigo mesma.

Mal senti a picada.

— Está t-tudo bem. — Segurei o dedo e deixei o sangue pingar sobre os dois círculos na última página.

Devolvi a prova depressa.

Limpei o dedo no casaco e esperei a mulher se afastar.

Ela, porém, não se mexeu.

Ergui o olhar para a professora. *O que foi agora*?

O rosto dela estava pálido, e a prova oscilava em suas mãos trêmulas.

— O que houve? — sibilou Nix. — Por que seu coração está batendo mais forte?

— Não sei.

A professora estava imóvel. Parecia que acabara de ver um Titã.

Ela olhou de relance para o meu rosto, depois voltou a encarar a prova, as pupilas arregaladas. Um fiapo de fumaça espiralou do papel como se ele estivesse pegando fogo. A mulher deu um passo para trás, parecendo ter medo de mim.

— O que houve? — perguntei.

As escamas quentes de Nix deslizaram pelo meu pescoço.

— O que você fez com ela?

— Nada. — Apertei os pulsos com força quando a dor fantasma começou a subir pelos meus braços. — Não fiz nada.

A professora abriu e fechou a boca, como se não conseguisse encontrar as palavras. Os alunos se viraram a fim de procurar o motivo da demora.

Sussurros se espalharam pela quadra.

Os pelos na minha nuca se arrepiaram.

A quadra inteira encarava nós duas.

— Roube a arma de um dos mercenários — sugeriu Nix. — Atire nas duas pernas dela, depois saia correndo. Seja rápida. Eu te dou cobertura.

Minha pálpebra tremeu.

— Não dá para simplesmente *atirar* nas pessoas — sussurrei (eu não era a Dorean).

— Desculpe por ser a única aqui tentando resolver esse problema — sibilou Nix.

— Atirar nas pessoas não é resolver um problema — sibilei em resposta.

— É o tipo de coisa que diria alguém que *nunca* — Nix fez uma pausa dramática — resolveu de fato um problema.

— Você é louca.

— Ah, as coisas que eu faria se tivesse dois polegares — comentou Nix. — Os movimentos sexuais que eu tentaria, as *posições*...

— Por favor, cale a boca — implorei.

Por um milagre, Nix obedeceu.

O Sr. Brewer veio andando depressa pelo corredor até a mulher que segurava minha prova e ficava cada vez mais pálida.

— Julie, o que houve? Por que parou de recolher as provas? Precisamos sair daqui...

A professora mostrou a prova para ele, e o diretor ficou em silêncio. Na última página, havia um buraco que estava crescendo bem rápido, fumegante, como se alguém tivesse derramado veneno ali.

O Sr. Brewer cambaleou para trás.

— Iniciar protocolo — gritou o Sr. Brewer, bem alto, e todo mundo na quadra se virou para encará-lo.

Ele tirou um manual pequeno do bolso de trás da calça e o folheou.

Suas mãos também estavam trêmulas.

Eu queria vomitar.

— Precisamos dar o telefonema.

O Sr. Brewer agarrou o cotovelo da professora e a conduziu por entre as carteiras até a parede mais distante da quadra. Os dois pararam em frente ao telefone de emergência.

O Sr. Brewer tirou o martelo da parede. *Crás*. O vidro se estilhaçou em volta do telefone.

Ele discou três números, e atenderam do outro lado da linha.

— Protocolo iniciado — disse o Sr. Brewer, a voz mais aguda do que o normal. — Gostaria de informar que o sangue de um dos estudantes deixou um dos círculos amarelados e... depois queimou a página. Não, não é o círculo das criaturas. Não, a página não pegou fogo. É o... primeiro círculo.

A folha virou cinzas na mão dele.

— Sim... sim... sim... a página acabou de se desintegrar — respondeu o Sr. Brewer ao telefone.

Os alunos se viraram nas carteiras e começaram a conversar abertamente enquanto me lançavam olhares de aversão.

Nix rangeu os dentes.

— Todo mundo devia cuidar da própria vida.

Ninguém a escutou.

— As coordenadas são... — O Sr. Brewer semicerrou os olhos para o telefone e leu: — 46.5891 graus ao norte e 112.0391 graus a oeste. Isso, temos certeza absoluta... sim... entendido.

Ele desligou o telefone e o recolocou na parede.

Boom.

Houve uma explosão.

A quadra estremeceu. As carteiras chacoalharam. As luzes verdes se apagaram, depois piscaram depressa.

Um clarão branco fez meus olhos queimarem, a fumaça preencheu o ambiente e uma rajada forte de vento invadiu a quadra, como se alguém tivesse detonado uma bomba.

Dois homens saíram da fumaça. Eles eram gigantes: muito altos, cheios de músculos e com ternos sob medida delineando cada curva de seus corpos poderosos e sobrenaturais.

O olhar deles era ameaçador.

O leão da Casa de Zeus estava bordado em dourado nos bolsos em seus

peitorais.

— *Onde ele está*? — gritou um dos homens.

Fez-se um silêncio mortal na quadra.

A voz dele ecoou pelo ambiente.

A julgar pelas roupas, pelo físico impressionante e pela ausência de coroas, ficou claro quem eles eram: espartanos Olimpianos mestiços da Casa de Zeus.

O Sr. Brewer apontou diretamente para mim.

Um lápis caiu de uma carteira, e alguns alunos se sobressaltaram ao escutarem o barulho alto. Nix deslizou com mais firmeza em volta do meu pescoço e sibilou:

— Fiquem longe dela!

Os dois homens gigantescos marcharam até mim.

Senti gosto de sangue.

— Tire o capuz, filho — gritou um deles. — Olhe em nossos olhos enquanto falarmos com você!

Ele puxou com tudo o capuz da minha cabeça, e então ficou paralisado.

— É mais uma *garota*, chefe. Merda... outra delas *não* — disse o segundo homem, suspirando.

O chefe franziu a testa.

— Percebi.

Os dois se aproximaram.

Eu estava cercada.

Nix apertou ainda mais meu pescoço e sibilou mais alto:

— Vou mordê-los. Aí você corre. É só me dizer quando.

Nenhum dos homens reagiu à ameaça.

Eu não conseguiria responder nem se quisesse.

O chefe fez uma careta.

— De acordo com o artigo 3 do teste, se passar por um espartano e usar seu sangue é uma infração passível de pena de morte. Sabia disso? — gritou ele.

— Puta merda, criança — falou Nix. — Eu não fazia ideia... *você sabia*?

A quadra girou mais rápido.

— Sim ou não? — gritou ele bem no meu rosto, o tom de voz explosivo e cruel. — Precisamos que afirme seu conhecimento a respeito dessa informação. Responda!

A pessoa à minha frente começou a chorar.

Outro adolescente soluçou.

— ESTÁ CIENTE? — gritou ele, cuspindo saliva.

Pisquei, atônita.

— S-sim.

Alguma coisa prateada reluziu no ar, e um deles ergueu minha mão, apertando-a com força.

Uma agulha grossa foi espetada nela.

O homem empurrou uma seringa.

Um líquido prateado foi introduzido nas minhas veias. Uma sensação gelada se espalhou sob a pele.

Encarei aquilo tudo sem expressão.

Uma orquestra começou a tocar a marcha fúnebre de Chopin.

O espartano voltou a falar, mas era como se ele estivesse embaixo d'água.

— De acordo com a lei do teste de mérito da Federação Espartana, demos a você uma dose de adrenalina purificada, o suficiente para matar um ciclope. *Se* for de fato uma mestiça espartana abandonada, o que é bastante raro, irá sobreviver. — Ele parecia ter algumas dúvidas ao segurar um cronômetro. — Mas, se for uma *humana* que conseguiu sangue espartano *ilegalmente* no mercado clandestino e estiver mentindo para mim, então estará morta em três minutos.

Ele ligou o cronômetro.

Ouviu-se o barulho de alguém vomitando, e mais alunos começaram a chorar. Essa reação era meio estranha, já que não eram eles que tinham apenas segundos de vida.

Encarei impassível a agulha na minha mão.

Caramba

Meu coração se apertou.

Charlie vai ficar arrasado.

Além disso, Carl Gauss comprovou o teorema fundamental da álgebra aos 21 anos, e eu ainda não descobri nada de novo na matemática. Que vergonha.

O espartano interrompeu meu colapso mental.

— Os humanos são patéticos. Mais uma garota *boba* tentando se aproximar da Díade Escarlate. É a porra de uma epidemia. — Ele bufou. — Que Cronos nos salve da estupidez daquele site. Você jogou sua vida no lixo, mocinha, e para quê? Agora você vai morrer. Talvez ainda esteja

fantasiando a respeito dos dois como uma idiota...

Se eu morrer agora, nunca vou resolver a Hipótese de Riemann. Só precisava de mais alguns meses e teria conseguido.

O espartano balançou a cabeça, inconformado.

— Há séculos que uma mestiça não aparece — continuou ele. — E, embora existam algumas herdeiras, elas são as mais decentes e puras entre todos nós. Você não chega aos pés delas.

O homem engasgou depois de falar, como se até mesmo pensar em me comparar a elas o enojasse, depois continuou a se lamuriar.

— Uma herdeira *nunca* seria vista participando de alguma iniciação espartana, ou estaria em um — ele olhou ao redor da quadra, com aversão — chiqueiro desses.

Ele estremeceu de um jeito dramático e murmurou algo sobre desonra e a proteção dos costumes puros das Casas.

O homem balançou a cabeça de novo.

— Mestiça ou herdeira, um espartano *nunca* abandonaria voluntariamente uma bebezinha. Seria uma blasfêmia. — Ele fez uma expressão horrorizada. — Temos tão poucas mulheres.

Nós nos encaramos por um momento longo e constrangedor.

Será que ele está esperando que eu diga alguma coisa?

Não falei nada.

Infelizmente, ele achou que era uma deixa para continuar a tagarelar.

— E, adivinhe só, você nem é a *primeira* a fazer isso. No ano passado, tivemos *dezoito* fraudes confirmadas, todas garotas bobinhas... Acha que a gente gosta de desperdiçar recursos zanzando pelo mundo só para encontrar fãs que temos que *assassinar*? Cronos, é uma vergonha o estado em que a humanidade se encontra. Quer saber uma curiosidade, já que está prestes a ser enterrada a dois metros do chão? Mestiços costumavam injetar pequenas doses dessa adrenalina para competir com os herdeiros, mas isso acabou, porque todos eles ficaram *loucos*. Não que você precise de um sermão sobre loucu...

O cronômetro apitou, e o espartano que estava parado em silêncio ficou boquiaberto.

— Chefe... dá uma olhada. — Ele ergueu o aparelho com os olhos arregalados.

Os dois encararam o cronômetro.

Olharam para mim.

Então voltaram a olhar o aparelho.

— Fique de pé — disse o chefe para mim, com gentileza.

Será que ele vai quebrar o meu pescoço porque os remédios não funcionaram?

Não me mexi.

Droga. Não estou mentalmente preparada para morrer.

Cobri a traqueia com a mão.

— Alexis, você precisa obedecê-lo — disse Nix, com urgência na voz. — Levante-se, agora.

Com os joelhos tremendo, eu me levantei da cadeira e ajeitei a postura, sem saber quais eram as regras de etiqueta apropriadas para quando alguém quebra o seu pescoço.

Será que eu deveria tentar estalá-lo primeiro para aliviar a tensão? Ou virar na mesma direção para facilitar o movimento?

Os espartanos me encararam como se quisessem me convencer a cair morta no chão por telepatia. Esperei que atacassem. Em algum lugar do pós-vida, Carl Gauss esperava por mim (eu estava delirando).

Ficamos... esperando.

Cantarolei, desesperada.

Quem diria que ser assassinada seria tão constrangedor.

— Cacete, chefe, por Cronos. Isso vai... vai mudar tudo. A coisa é *séria*.

O chefe pigarreou.

— Eu sei. — Ele puxou com delicadeza a agulha da minha pele. — De acordo com o artigo 3, foi confirmado que você é uma espartana mestiça abandonada. Portanto, fica declarado que é uma cidadã de Esparta.

Espere aí... o quê?

— Você tem 19 anos? — perguntou ele, baixinho.

— Sim — sussurrei, meus lábios dormentes.

O homem engoliu em seco.

— Já está afiliada a alguma das doze Casas espartanas, seja por herança ou financiamento?

— Não.

— Existe algum motivo que te faça acreditar ser a herdeira de uma Casa?

— Não.

— De acordo com as emendas do artigo 3, todos os Ctônicos devem competir no CGE quando completam 18 anos. Caso sobrevivam ao torneio,

também são obrigados a entrar para a Congregação da Morte. Existe algum motivo que te faça acreditar ser uma Ctônica?

— Não.

— Em algum momento da sua vida, você foi recrutada, ou morou junto, ou teve algum contato com um Titã?

O pai implorando na porta do banheiro: "Por favor, liguem para os espartanos. Por favor, crianças." A mãe uivando de dor enquanto era estraçalhada.

— N-Não.

— Existe algum motivo que te faça acreditar que errou ao preencher os dois círculos… e que você também tem uma linhagem de criatura?

— Não — sussurrei, a voz rouca. *Esta situação é real.*

— Qual é o seu nome?

— Alexis. — Pigarreei. — Hert.

Ele deu um passo na minha direção.

— De acordo com o artigo 3 — seu tom de voz era firme —, Alexis Hert, você agora é candidata a começar na Academia de Guerra de Esparta… A imortalidade não é um direito, é um privilégio. Que as parcas te guiem, filha de Cronos.

É hora de entrar em pânico.

O homem segurou meu braço e sussurrou:

— *Domus*.

O mundo explodiu.

A fumaça me envolveu por completo. A dor queimou cada um dos meus nervos. Abri a boca para gritar, mas a escuridão me destruiu. A realidade se transformou em…

A dor excruciante parou.

Barulhos altos ecoavam por todos os lados.

Cambaleei.

Não estávamos mais dentro da quadra de luzes verdes.

Estávamos do lado de fora.

O chefe espartano, o mesmo homem aterrorizante que gritou na minha cara, envolveu meu rosto com delicadeza.

— Boa sorte, filha. Você vai precisar — disse ele, a voz cheia de arrependimento.

O homem suspirou e foi embora.

O céu estava cinzento, chuviscava um pouco e o ar estava meio frio,

como se ainda estivéssemos na primavera e não no fim de junho.

Eu estava pisando em areia molhada.

Meus ouvidos zumbiam. Eu estava boquiaberta enquanto olhava em volta.

Uma arena pouco lotada se erguia ao meu redor, e as pessoas e os animais majestosos nas arquibancadas gritavam bem alto:

— *Amor fati, memento mori... amor fati, memento mori... amor fati, memento mori*!

Arrepios percorreram meu corpo.

Lembre-se da morte, e ame o seu destino.

Não.

Não podia ser.

Mas era.

A multidão estava cheia de espartanos, animais protetores e criaturas vestindo togas pretas.

Garotos da minha idade estavam de pé na areia e pareciam esperar alguma coisa começar.

Todos se viraram e me encararam.

Aquele hino irritante reverberava pela arena inteira.

Montanhas acidentadas se agigantavam atrás da arena, e o sol espiava atrás das nuvens, mas, na quadra da escola, já era tarde da noite.

Aquele horizonte me era estranhamente familiar.

Ai, meu Deus.

A realidade me atingiu como um cigarro aceso pressionado contra a minha pele. A princípio, não senti nada. Depois, porém, a dor excruciante me sufocou.

Cambaleei para trás.

As Dolomitas italianas cutucavam o céu, e isso significava que aquela dor terrível tinha sido provocada pelo sistema de teletransporte espartano.

Havíamos *saltado* metade do mundo.

Minha respiração estava fraca, e meu coração, apertado.

Charlie estava a centenas de quilômetros.

Aquela arena ao meu redor era o Coliseu das Dolomitas, onde acontecia o CGE. De acordo com os rumores, também era o local onde jovens espartanos e criaturas lutavam até a morte em um sistema de iniciação secreto que era mais um boato do que uma realidade.

Tenho um mau pressentimento de que estou prestes a descobrir se é

verdade.

Uma corneta ressoou alto.

A multidão espalhada ergueu os punhos e doze bandeiras foram hasteadas em volta da arena.

Uma civilização antiga e imortal comemorava.

Esparta.

As oito bandeiras coloridas das Casas Olimpianas tremularam, e havia cerca de uma dúzia de pessoas em cada seção.

O leão dourado da Casa de Zeus.

O pavão colorido da Casa de Hera.

A coruja roxa da Casa de Atena.

O peixe verde da Casa de Hermes.

O golfinho azul da Casa de Poseidon.

O porco marrom da Casa de Deméter.

A águia amarela da Casa de Apolo.

A cabra verde e roxa da Casa de Dioniso.

Em contrapartida, as Casas Ctônicas se destacavam entre as Olimpianas como estranhas no ninho. Metade dos assentos do coliseu estava vazia, o que as separava do restante da multidão colorida.

Havia apenas dez espartanos naquela seção.

No total.

Algumas criaturas aterrorizantes de togas pretas compridas estavam entre eles.

Quatro bandeiras pretas tremularam, e seus símbolos também eram de arrepiar, todos cobertos de sangue e com olhos vermelhos terríveis.

O Minotauro agressivo da Casa de Ares.

O cão-esqueleto do inferno da Casa de Hades.

O cavalo furioso da Casa de Ártemis.

O cisne negro da Casa de Afrodite.

Mesmo de longe, os espartanos Ctônicos pareciam ameaçadores. Os homens e as mulheres eram mais altos e mais fortes (*mais atraentes*, observou, sem querer, a minha faceta de adolescente pervertida).

Usando ternos de três peças e vestidos pretos, todos esperavam de braços cruzados e em diferentes posições entediadas.

A única seção que não estava comemorando era a deles.

Por outro lado, eram seus animais protetores que *realmente* os distinguiam.

Em grande parte da seção Olimpiana, viam-se pássaros protetores coloridos: corvos e gralhas com asas resplandecentes, caudas de leão e bicos esquisitos. Também havia algumas gárgulas, macacos cor-de-rosa e outros bichos estranhos entre eles, mas a maioria era de pássaros.

Debaixo dos estandartes pretos das Casas Ctônicas, porém, os animais eram... diferentes.

Eram predadores terrestres.

Felinos grandes e selvagens.

Um cachorro marrom gigante de três cabeças.

Um lobo peludo estava parado ao lado de uma jaguar de pelo lustroso, e um homem bronzeado de focinheira se apoiava em outro homem magnífico, negro e de cabelo curto e encaracolado.

Caramba, é a Díade Escarlate!

Lembranças de um Titã gritando enquanto era torturado voltaram à minha mente.

Tremendo de medo, desviei o olhar daqueles homens e observei os arredores da arena. Quase não havia mulheres em Esparta.

Na arena era ainda pior.

Cerca de cinquenta garotos estavam junto comigo na areia, e todos me encaravam.

Eu era a única garota.

Por favor, que isto seja apenas um sonho lúcido. Por favor, que tudo isto não seja realidade.

Três garotos usavam pequenas coroas de louros douradas — o símbolo dos herdeiros Olimpianos — e olhavam em volta de nariz empinado, as cabeças empertigadas como se fossem melhores do que todo mundo.

GRRR.

O rugido de um animal ameaçador reverberou pelo ar.

A multidão ficou em silêncio.

Um leão de Nemeia se esgueirou até uma plataforma branca, que se estendia desde o fundo da arena, e agitou a juba dourada majestosa.

À direita dele caminhava um homem brutal, vestindo um terno todo branco.

Ele também usava uma magnífica coroa de louros dourada, coberta de joias brilhantes (muito mais elegante do que as dos garotos na areia). O acessório ilustre indicava que ele era o líder de uma Casa Olimpiana.

Era a realeza espartana *em pessoa*.

O famoso líder da federação.

Os cachos loiros e a barba cheia da mesma tonalidade, os olhos cinzentos impressionantes e a pele reluzente eram inconfundíveis. Ele não era muito alto, mas era largo e atarracado.

Aquele homem exalava poder.

Parou no final da plataforma, entre duas colunas brancas e altas, e abriu bem os braços.

A eletricidade percorreu sua pele cintilante como se ele fosse um fio desencapado. Zumbidos ecoaram quando a energia se misturou com a chuva, criando faíscas.

Aquele era o espartano mais divino que já existiu.

Era Zeus.

Seus poderes Olimpianos eram lendários: a eletricidade que ele produzia naturalmente aumentava sua velocidade, inteligência e força. Era apenas melhor do que todo mundo... sempre.

— Neste solstício de verão, a Casa de Zeus dá as boas-vindas a Esparta. — A voz de Zeus ecoou pelo coliseu inteiro. — Com nossos laboratórios Olimpianos e avanços científicos, estamos mais poderosos que nunca! Somos os *deuses* desta nova era.

A areia estremeceu quando os espartanos começaram a bater os pés no chão, e a garoa se transformou em uma tempestade. As faíscas ficaram mais brilhantes nos ombros de Zeus.

Ele abriu um sorriso largo e acenou para a multidão.

— As antigas doze Casas de Poder estão aqui à minha frente, ainda mais unidas e fortes, e é uma *grande honra* para mim dar as boas-vindas a todos vocês, generais espartanos e aprendizes, que estão se esforçando a fim de conquistar o título de general para, algum dia, também poderem se tornar membros da nossa ilustre federação.

Os espartanos comemoraram e continuaram a bater os pés. Alguns animais agitaram as asas e rugiram. As bandeiras das Casas tremularam.

Zeus se virou para a areia.

— E boas-vindas *em especial* aos novatos deste ano: os herdeiros, mestiços e criaturas da nova geração. Neste coliseu abençoado por Cronos, todos vocês são iguais. Não há Ctônicos este ano, mas temos uma variedade *impressionante* de Olimpianos.

Seus dentes brancos cintilaram.

Depois da Grande Guerra, os espartanos vinham tendo problemas para

ter herdeiros, e corria um boato de que estavam ficando desesperados, gerando o máximo possível de mestiços com humanos para que sua raça não se extinguisse.

Como apenas três garotos na areia usavam coroas, o boato parecia ser verdadeiro.

Apenas dois usavam as capas pretas das criaturas.

Raios elétricos se entrelaçaram aos braços de Zeus quando ele os abriu outra vez.

— *Memento homo quia pulvis es et in pulverem reverteris*!

Lembrem-se de que vocês são pó, e ao pó retornarão.

Era estranho escutar alguém falar latim em voz alta. Como as palavras eram ditas fora de ordem, minha cabeça latejava cada vez que eu me esforçava para traduzi-las.

Isso é real.

Estão falando em uma língua que os humanos consideram morta.

Recuei mais um passo.

Os cachos loiros de Zeus se arrepiaram graças à estática da eletricidade.

— Bem-vindos, novatos, ao massacre de iniciação da Academia de Guerra de Esparta. *Se* sobreviverem, vocês terão a honra de participar do torneio, o teste intelectual mais rigoroso do mundo. Este massacre de iniciação é um privilégio sagrado.

Meus olhos se arregalaram.

O que aconteceu com o bom e velho almoço de boas-vindas?

A multidão (monstros sedentos de sangue) comemorou ainda mais alto, batendo palmas no mesmo ritmo que batiam os pés.

— Todos aqui têm 19 anos. — Zeus assentiu, como se nossa idade fosse muito importante. — A esta altura, seus poderes já se desenvolveram. *Porém...* a maior parte de vocês só atingirá a maioridade imortal ao completar 20 anos. Então, este é o seu julgamento. O primeiro e... para a maioria... o último obstáculo que enfrentarão.

A areia molhada estremeceu sob meus pés.

Considerei levantar a mão. *O que a gente faz se não tiver poderes? Podemos escolher sair do massacre?* Além disso, quem ia contar para eles que a minha vida inteira foi um obstáculo? Eu não havia parado de lutar desde que saí do útero.

Zeus reclinou a cabeça e faíscas saíram de sua boca quando ele gritou para o céu:

— Como Cronos declarou na aurora dos tempos: *a imortalidade não é um direito, é um privilégio*!

A multidão gritou junto a ele, e eu estremeci quando essa resposta me causou uma pontada aguda.

O que acontece depois que a gente entra em pânico? Preciso chegar nessa parte.

Zeus olhou para nós.

— Novatos, vocês têm o que é necessário para SE TORNAR UM DEUS? — gritou ele a plenos pulmões.

Meus instintos dizem que não.

O céu se abriu e a chuva caiu com mais força. Pingos gelados atingiram meu rosto, e raios azul neon explodiram em volta de Zeus.

— Temos um problema — sussurrou Nix no meu ouvido direito.

Assenti, entorpecida.

Tive a sensação ruim de que estava prestes a descobrir um novo nível de sofrimento.



5
O Massacre de Iniciação

Alexis

Na chuva torrencial, uma figura pálida e graciosa, de cabelos compridos e pretos como tinta, caminhou devagar pela plataforma na direção de Zeus.

Ele usava uma coroa de rubis encrustados em estruturas prateadas altas e pontiagudas, conhecida como o símbolo dos líderes das Casas Ctônicas.

Ele era uns bons centímetros mais alto do que Zeus.

O semblante do homem era cruel.

Ameaçador.

Se fosse uma melodia, ele seria o modo lócrio, a escala musical mais sombria a ser tocada em um piano.

Uma névoa escura serpenteava em volta de seus pés, e os olhos eram de um tom traiçoeiro de preto.

Um monstruoso cão de três cabeças tornava sua presença ainda mais assustadora. O animal aterrorizante o seguia, os olhos pretos iguais aos do homem.

Ele e sua besta eram conhecidos por comandar o Mundo Inferior, uma prisão de segurança máxima no mar do Norte que aceitava apenas prisioneiros imortais. O lugar onde os Titãs e os espartanos aprisionados eram torturados. Era onde Medusa cumpria seu encarceramento infame.

Uma mulher baixinha de pele mais escura o acompanhava, usando um vestido cor-de-rosa.

Era o oposto dele: bonita e delicada.

Uma pequena coroa de louros adornava seus cachos loiros — o que indicava que ela era uma herdeira Olimpiana —, e um dragão do tamanho de um cachorro estava empoleirado em seu ombro bronzeado, a cauda

enrolada no pescoço dela.

Herdeiras eram muito raras e bastante requisitadas por causa de todos os problemas de fertilidade dos espartanos.

Quando a mulher se ergueu na ponta dos pés, sussurrando algo, a expressão do homem se suavizou, e ele a envolveu com um dos braços de maneira protetora.

Hades e Perséfone.

O amor dos dois era lendário.

Perséfone era filha de Deméter e Iasion, uma criatura sombria com fama de ter poder sobre as plantas.

Devido à sua linhagem, Perséfone tinha beleza e poderes únicos.

Em parte, esse era um dos motivos de Hades e Perséfone serem tão infames.

Além disso, todos sabiam que Hades faria *qualquer coisa* por Perséfone. Humanos foram assassinados e espartanos foram encarcerados apenas por olharem para ela do jeito errado.

Também havia o fato de que os espartanos eram famosos por serem promíscuos (tinham amantes de todos os sexos, *aos montes*). Por isso, poucos deles faziam votos de casamento, e menos ainda assumiam esse voto com uma única pessoa. Hades e Perséfone eram uma raridade singular.

Os outros líderes das Casas tinham relacionamentos, como Zeus e Hera, mas não fizeram os votos espartanos e eram conhecidos por terem casos com outros conterrâneos e humanos.

Havia um boato de que, séculos atrás, era normal para os espartanos assumirem votos de casamento, e a maior relação já registrada foi entre *sete* pessoas.

Hades deu um tapinha nas costas de Zeus em um cumprimento caloroso, agigantando-se acima do homem mais baixo e de pele dourada.

Embora nenhuma das famílias espartanas tivesse parentesco, as pessoas diziam que os dois eram tão próximos quanto irmãos, e a aliança deles havia acabado com a Grande Guerra.

Os pelos nas nucas do cachorro de três cabeças se arrepiaram enquanto ele rosnava para o leão. As feras se encararam, os dentes arreganhados.

Quando Zeus foi embora e o leão o seguiu, um sentimento de morte certeira penetrou meus ossos.

Recuei mais um passo na areia.

A chuva estava me deixando ensopada.

Hades abriu os braços.

— O massacre de iniciação vai começar. Como sempre, armas *não são permitidas.* Quem decidir empunhar uma, irá morrer. — A voz dele disparou pelo coliseu como um projétil. Hades olhou para nós, o rosto parecendo ter sido esculpido em mármore: indiferente e cruel. — Usem os punhos e a inteligência. A adrenalina pulsando em suas veias fará com que continuem, mesmo quando seus corpos quiserem desistir. Antes de mais nada, este é um teste de raciocínio. — Ele ergueu a voz. — Os espartanos são deuses... Lembrem-se... Não existem deuses imbecis!

A multidão rugiu.

Sombras se estenderam ao redor de Hades.

— *Esta é a chance de provarem o seu valor*! — gritou ele, e a névoa preta se acumulou aos seus pés, escorrendo pelas paredes altas e caindo na areia onde estávamos.

Seu poder lendário avançou em nossa direção. Ninguém tinha certeza do que ele fazia, mas todos sabiam que deviam temê-lo.

A Casa de Hades era conhecida como a Casa da *Morte* por um motivo. Seus poderes eram tão assustadores quanto os da Casa de Ares.

Todos os Ctônicos são cruéis.

Minha respiração saiu da boca em um sopro gélido e sobrenatural enquanto a névoa avançava e a temperatura despencava. Apertei o peito, meu coração acelerando com uma rapidez desconfortável por causa da adrenalina que injetaram nas minhas veias.

Trovões retumbaram no céu.

Eu estava dolorosamente viva.

A névoa preta se aproximava, e vozes a acompanhavam: *uma mulher choramingava, um homem implorava para que eu ligasse para os espartanos, um garotinho soluçava, um homem estranho gritava de dor, e Nix sibilava, confusa.*

Eu me virei, a fim de correr para longe dela, mas não havia para onde ir. Os gritos da névoa me cercaram de todos os lados. Ela me encurralou, escura e sólida.

Comecei a bater os dentes.

— LUTEM ATÉ A MORTE! — gritou Hades, a voz distorcida em uma cadência estranha, e três latidos altos o acompanharam.

— A imortalidade não é um direito, é um privilégio... A imortalidade

não é um direito, é um privilégio… — gritava a multidão, as vozes ressoando pelo coliseu.

À minha direita, um garoto berrou, e ouvi a carne ser esmagada na névoa.

Virei a cabeça e semicerrei os olhos.

À minha esquerda, o grito de outro garoto foi interrompido de maneira abrupta.

Ouviu-se um grunhido, depois o silêncio.

Relâmpagos brilharam, e a eletricidade preencheu o ar. Meu cabelo molhado crepitou. Girei ao redor e semicerrei os olhos para a névoa, mas não consegui enxergar nada.

— Você precisa se preparar. Fique alerta — disse Nix.

— Me preparar para quê? — sussurrei.

Um garoto saiu da névoa, avançando na minha direção.

Eu me virei para correr, mas ele se jogou contra mim. Caí de cara na areia molhada. O impacto fez meus membros formigarem. O garoto estava completamente em cima de mim. Estava me *tocando*.

Houve um instante de puro choque.

Fiquei paralisada.

Nix gritou algo para mim, mas não consegui escutar.

Punhos acertaram a lateral da minha cabeça, e o zumbido no meu ouvido ficou mais alto. Outro golpe acertou meu queixo.

O garoto ainda estava me tocando, e eu queria que isso parasse.

Algo dentro de mim surtou.

Resisti ao aperto do garoto, me joguei contra ele e comecei a chutar às cegas. A arranhar. Meus punhos encontraram os músculos grossos dele. Nós nos engalfinhamos, rolando na areia molhada.

Ele me deu um soco no estômago com uma força sobrenatural.

Senti gosto de vômito.

Nix deslizou pelo meu pescoço.

Meu agressor desabou em cima de mim, convulsionando.

Ela o havia mordido.

Soltei um grito por entre os dentes enquanto empurrava o corpo dele de cima de mim. Cambaleei, tentando ficar de pé, o coração acelerado, a respiração gélida irregular. Eu me esforcei para recuperar o fôlego e pensar. Minha pele estava arrepiada onde o garoto havia tocado.

Esfreguei as mãos pelos meus braços cobertos de areia, como se

pudesse limpar o nojo que sentia.

— Obrigada — falei, arfando.

— Criança, você tem que ficar alerta e correr — disse Nix. — Se alguém se aproximar, vou mordê-los para que você possa…

Dois corpos colidiram comigo.

Depois um terceiro.

Um quarto.

Perdi a conta. Garotos lutavam por todos os lados. Não havia tática, nem desvios e manobras inteligentes como descreviam os livros de ficção da biblioteca.

Não havia honra.

Éramos animais.

Címbalos colidiram, e uma música assustadora começou a tocar.

O inferno não era um lugar. Eram ossos quebrados e gritos roucos no meio de uma briga. Era lutar em um tumulto com uma névoa preta cujos gritos soavam de maneira alarmante como meus pais adotivos.

Minha sanidade foi desaparecendo enquanto eu batia, chutava e arranhava às cegas no meio do caos. O sangue se espalhava. A chuva caía. Os trovões retumbavam.

Batismo de fogo.

Outro punho acertou meu rosto. Meu nariz quebrou e senti o sangue escorrer. Um gosto de cobre preencheu minha boca.

Alguém o puxou de volta para a névoa.

Atrás de mim, mãos tentaram agarrar minha garganta, mas Nix foi mais rápida. O garoto caiu, convulsionando e gritando.

Minha respiração ofegante surgiu no ar.

A temperatura estava abaixo de zero, e a névoa serpenteava por cima de mim como um cobertor sádico. *Uma mulher choramingava enquanto morria.*

— Sua mestiça abandonada nojenta — resmungou alguém.

O zumbido no meu ouvido esquerdo ficou mais alto e intenso.

Eu me virei e corri.

Tropecei. Me esquivei. Corri pela areia molhada em um estupor, atravessando a névoa escura. *Fugir. Fugir. Fugir.* Eu precisava *fugir*.

A humilhação era demais para aguentar. Puxei o cabelo enquanto corria, meu estômago se revirando com uma vergonha que eu não conseguia compreender.

Relâmpagos reluziram, e trovões ribombaram em resposta.

Tudo estava distorcido.

Entre as vozes na névoa e os corpos lutando, eu não conseguia discernir o que era *realidade* e o que era imaginação.

Gritei na cara de um garoto ensanguentado, e ele gritou de volta.

Outro garoto me deu um chute, e meu antebraço estalou.

Mal reparei. Estava acostumada com a violência, mas não *deste jeito*. A adrenalina me fazia correr o mais rápido que conseguia, quando, na verdade, eu nem deveria estar de pé.

As escamas invisíveis de Nix deslizavam pelo meu pescoço enquanto ela atacava para todos os lados.

Mãos me agarravam, mas os garotos caíam, convulsionando.

Recuei pela névoa, tentando me distanciar da briga.

Esbarrei em alguma coisa e dei um pulo.

Virei de costas.

— *Não. Não. Não.* — Um garoto com uma toga preta esfarrapada soluçava, com o rosto entre as mãos, sem se mexer. Por algum motivo, não sentiu quando esbarrei nele. — Não foi minha intenção. Eu juro... Não queria te machucar.

Estava de joelhos, sozinho.

Chifres pretos minúsculos se projetavam de sua cabeça.

Ele é uma criatura.

A névoa preta se retorceu em volta dele como se o atacasse.

— Não, me desculpe! Sinto muito! — falou, engasgando, e um relâmpago iluminou seu semblante perturbado. — Me desculpe. Eu menti... Foi de propósito!

Ele deu um soco na própria cabeça.

Trovões ressoaram no céu.

Uma música sombria tocava.

Sangue se espalhava pela areia enquanto ele se espancava até a morte. Os chifres caíram na areia.

— *Minha nossa* — sussurrou Nix.

Eu me virei e corri, mas acabei escorregando.

Usei as mãos para me segurar, afundando-as em uma poça. A dor percorreu meu corpo. Quando voltei a ficar de pé, meus braços — das pontas dos dedos até os cotovelos — estavam cobertos de vermelho.

Gotas pesadas caíram sobre eles.

Encarei a poça viscosa de sangue onde eu caíra. Meus dentes batiam. Cuspi a areia da boca. Eu estava tremendo de medo. Arquejando enquanto me esforçava para puxar o ar.

Não consigo respirar.

— Sinto muito — disse Nix, desanimada. — Se eu soubesse, criança... teria te preparado melhor.

Encarei minhas mãos trêmulas, sem expressão.

— Até onde sei, aqueles que têm poderes sempre sofrem — sussurrou Nix.

A névoa barulhenta se enrolou em minhas pernas. Bati a curva da mão contra a lateral da cabeça, tentando fazer com que os gritos parassem.

Não adiantou.

Havia dezenas de feridas abertas espalhadas pelo meu corpo, e eu estava encharcada de sangue dos pés à cabeça, mas não era apenas do meu. Parte dele havia coagulado sob as unhas — aquelas que não foram arrancadas.

— Mas eu não tenho poderes — sussurrei.

Escamas deslizaram pelo meu pescoço.

— Está no seu sangue, goste você ou não — explicou Nix. — Você tem, sim. Sempre teve. Só não sabia.

— SÓ RESTAM VINTE COMPETIDORES. — A voz distorcida de Hades ressoou como um chicote. — APENAS DEZ PARTICIPARÃO DO TORNEIO. MOSTREM QUEM SÃO, OU ENCONTREM A MORTE.

Limpei uma crosta de sangue do meu nariz dolorido.

No meu antebraço, a tatuagem C+A reluziu e minha visão ficou borrada. *Estou com saudades do Charlie. Estou com saudades da Fofinha.* A vontade de cair de joelhos e deitar em posição fetal era devastadora.

Em um universo paralelo, talvez eu tenha feito isso.

Neste universo, um corpo enorme saiu correndo da névoa. De novo.

Mais um punho acertou a lateral esquerda da minha cabeça. Comecei a chutar e arranhar quando braços me envolveram e me jogaram no chão. O garoto puxou meu cabelo, tentando erguer minha cabeça para quebrar o pescoço.

Nix sibilou e avançou.

Assim como os outros, o garoto caiu.

Empurrei o corpo de cima de mim e me deitei de costas na chuva, arfando ao tentar recuperar o fôlego. Até que uma perna saiu da névoa.

O novo agressor chutou meu corpo com uma bota de bico de aço. Senti as costelas quebrarem. Outro garoto apareceu e me chutou pela segunda vez, antes que eu conseguisse me levantar.

— Uma mestiça abandonada. É óbvio que é uma *abominação* que foi largada por um motivo. Nossas Casas nos ensinaram o que fazer com renegadas como você — disse ele, rosnando.

Um terceiro se juntou à dupla.

Trovões ribombaram.

Nix saltou do meu pescoço. *Tum.* O peso dela bateu contra o meu peito.

O pânico tomou conta de mim. Parei de sentir os golpes e nem reparei nos respingos do meu sangue em seus queixos.

A chuva caiu com mais força.

— NIX! — gritei, agarrando seu corpo invisível.

Ela estava gelada e mole em meus braços.

Não. Não. Não. Não. Não. Não.

A sensação dentro do meu peito era devastadora.

Gritei como um animal e cravei as unhas nas pernas dos monstros que machucaram Nix. Senti o braço estalar quando uma bota o acertou, mas não me importei.

NIX!

Com movimentos rápidos, lutando e gritando, arranhei aqueles homens com as unhas que me restavam. Arranquei a pele de seus ossos enquanto eles xingavam e tentavam se livrar de mim. Avancei e comecei a mordê-los.

Os golpes deles não me causavam nada, porque eu *sabia* levar uma surra.

Um deles escorregou e caiu. Fiquei de pé num pulo e corri atrás dos garotos. Eles recuaram.

Três contra um.

Eles machucaram a Nix. Ela sempre esteve ao meu lado. Enrolada no meu corpo em uma caixa de papelão.

Mostrei os dentes e gritei para eles, meu coração ardendo como se estivesse se partindo em pedacinhos.

Os três recuaram mais um passo e me encararam, boquiabertos.

Avancei.

Estava cheia de raiva.

Alguém gritou. Nós quatro giramos a cabeça para a direita.

Uma silhueta sombria apareceu na névoa. Houve um movimento, e a mão dele se estendeu na direção dos meus agressores.

Uma luz vermelha brilhante refletiu na névoa preta.

Eu me esqueci de como respirava.

A dor apunhalou meu peito.

O poder do garoto na névoa era Ctônico. Ele conseguiria nos machucar, e não teríamos como impedi-lo. Como se para comprovar esse pensamento, meus três agressores caíram de joelhos e berraram de dor, me encarando com expressões aterrorizadas.

Zeus disse que não havia Ctônicos este ano. Será que ninguém sabe o que ele é?

Espuma escorria dos lábios dos garotos moribundos. Seus corpos se arquearam como se estivessem pegando fogo. Os três ainda me encaravam e berravam.

A névoa perto de mim se tornou mais espessa e avançou na minha direção como se fosse atacar. Vozes masculinas na névoa gritaram para mim.

Fechei os olhos.

Os gritos aumentaram: reais e imaginários.

O pânico ficou mais forte no meu coração.

A névoa gélida se retorceu em minha pele.

Eu estava paralisada e feliz por eles estarem morrendo, mas não tinha estômago para assistir à cena. Por fim, os três soltaram um gemido terrível e angustiante, depois tombaram em silêncio.

A chuva caía fraca na areia.

Acabou.

O pânico diminuiu, então abri os olhos.

O garoto Ctônico pálido saiu da névoa. Ele ainda tinha alguns farrapos de roupa sobre os ombros, mas o resto fora arrancado. Tinha uma expressão irritada ao me encarar. A aversão emanava dele.

Relâmpagos cortaram o céu, e um crescendo de trovões fez a areia vibrar.

Eu o encarei de volta.

Esperei para ver o que iria fazer.

Ele avançou…

— O MASSACRE TERMINOU. — A voz de Hades crepitou no ar como a eletricidade. — OS ÚLTIMOS DEZ SE CLASSIFICARAM PARA O TORNEIO.

PARABÉNS.

A névoa preta desapareceu. Voltou a subir pelas paredes e se amontoou aos pés de Hades. Os gritos terríveis pararam. A temperatura voltou ao normal.

Corpos mutilados estavam estirados por todos os lados.

Tudo estava coberto de vermelho: a areia, os mortos e nós, os dez sobreviventes.

— *Bem-vindos a Esparta*! — gritou a multidão, comemorando e balançando as bandeiras das Casas na chuva.

Olhei para baixo.

Minhas roupas estavam em frangalhos, os retalhos pendurados no meu corpo, mas pelo menos os elásticos de cabelo ainda cobriam as cicatrizes nos meus pulsos.

Eu estava seminua, coberta de farrapos e grãos de areia, mas estava sem energia para me importar. *Mamilos e lábios (vaginais) livres, certo?*

Fiquei tonta, e o mundo se transformou em um caleidoscópio.

A adrenalina ainda surtia efeito em mim.

Nada parecia real.

Suspirei aliviada quando senti Nix deslizar pelas minhas pernas e se enrolar no meu pescoço.

— Preciso... descansar — sussurrou ela, fraca.

Hades estava parado tranquilamente na beirada da plataforma, na chuva, a névoa preta cruel envolvendo seus tornozelos.

A sensação de seu poder parecera insanidade.

O padre John estava errado; o demônio existia, mas não havia um deus que pudesse vencê-lo.

O líder da Casa de Hades encarou a areia com uma expressão indiferente e implacável.

Nada conseguiria salvar a humanidade *dele*.

Foi por sua causa que Nix se machucou, foi por sua causa que tantos garotos morreram.

Eu nunca odiara tanto alguém.

— *Parabéns* aos dez espartanos que demonstraram ter uma resiliência mental e física digna dos deuses — falou Zeus, as faíscas saltando de seu corpo quando ele parou ao lado de Hades e abriu um sorriso. — Bem-vindos ao torneio. Sobrevivam ao próximo ano e serão nomeados cidadãos de Esparta. A imortalidade agora está ao seu alcance.

O coliseu gritou mais alto.

Eu ainda conseguia sentir a névoa preta me prendendo como um torno. *Estou enlouquecendo.*

Zeus abriu um sorriso largo para a multidão e seu brilho aumentou.

— Obrigado a todos que se juntaram a nós. Graças a vocês, Esparta e a Federação Espartana estão mais fortes do que nunca! Agora, espartanos honrados que foram escolhidos como mentores, juntem-se a mim na areia.

Bum.

Zeus e uma dúzia de homens saltaram da parede e caíram de joelhos na areia. Seus animais protetores os acompanharam.

A parede devia ter no mínimo uns dezesseis metros de altura.

Encarei, sem expressão, os homens que se aproximavam. Eu estava confusa.

O tempo parecia distorcido.

Do outro lado da areia, Zeus começou a falar:

— Ser um mentor é uma grande honra. Como sabem, se o seu novato sobreviver ao torneio, vocês receberão o título de general, a posição mais alta a que um espartano pode chegar, e uma chance de se juntar à federação!

Os espartanos que pularam da arena se ajoelharam e curvaram a cabeça para Zeus.

— É uma grande honra! — responderam eles, em uníssono.

Estavam ajoelhados no sangue.

Escutei um som abafado.

— Qual... nome?

Uma senhora baixinha apareceu à minha esquerda.

— Qual é o seu nome? — repetiu ela.

Seus cabelos eram de um branco lustroso, e os olhos tinham um tom estranho de violeta.

Fiquei paralisada.

Ela me parecia familiar, mas minha mente ainda estava acelerada pela adrenalina, então não consegui me lembrar por que a reconheci.

Zeus continuou com seu monólogo sobre honra.

A senhorinha segurava uma caneta sobre um pergaminho e me olhava, cheia de expectativa. Usava uma capa de chuva amarela e botas laranja neon. O conjunto estava ridículo.

— Qual é o seu *nome*? — repetiu ela. — Você é a última da lista...

Temos que fazer sua inscrição, deixar tudo nos conformes.

Sem querer, bufei de um jeito meio ensandecido.

— Sai dessa, garota!

Minha cabeça girou quando ela me deu um tapa.

Quem faz uma coisa dessas com alguém que acabou de conhecer?

A Dorean faria. Estava com saudades dela.

Enquanto eu massageava meu maxilar dolorido, a senhorinha (agressora violenta) segurou os retalhos esfarrapados do meu casaco e, com uma força surpreendente, me puxou para baixo, até eu ficar da altura dela.

— As parcas estão torcendo por você. Não se *atreva* a fazer com que nos arrependamos de te apoiar, Alexis Hert.

Eu me desvencilhei do aperto dela.

Se ela já sabia o meu nome, por que perguntou? Eu a teria questionado, mas parece que nem um massacre era o suficiente para me fazer superar o medo de falar com estranhos.

Os olhos dela brilharam em um tom sobrenatural e vibrante de azul.

— Me diga seu nome — insistiu ela, a voz baixando três oitavas. — Me diga *agora*.

— Alexis H-Hert — sussurrei.

O azul em seus olhos se desvaneceu até o violeta voltar. A senhorinha deu um tapinha na minha bochecha e abriu um sorriso doce.

— E não se esqueça, querida... — Ela se inclinou para perto de mim e sussurrou, em tom conspiratório: — *De garota para garota*, eu daria uma chance aos assassinos, se é que você me entende. Mesmo com aqueles cães. — Ela piscou para mim e escreveu meu nome no pergaminho. — Não deixe que a... *paixão* deles... assuste você.

— O quê?

Ela agitou as sobrancelhas e foi embora, pisando nos corpos para chegar até Zeus.

Acho que ela está pior do que o vizinho Paul, antes de ser acertado com a pá.

Até agora, eu só tinha ouvido falar dos olhos de Ctônicos se tornarem vermelhos quando eles usavam seus poderes. Qual seria o significado de os olhos dela terem se tornado azuis?

O que será que ela consegue fazer? O que ela é? Por que essa mulher me é familiar?

Uma sensação estranha percorreu meu corpo.

Parecia...

— A Destino inscreveu estes dez espartanos no nosso pódio — anunciou Zeus, segurando o pergaminho e começando a ler. — Maximum, mestiço da Casa de Hera.

Um garoto baixo e nu, com mechas azuis misturadas ao cabelo loiro e olhos castanhos, cambaleou para frente.

— Seu mentor será Ryax — declarou Zeus —, outro mestiço da Casa de Dioniso.

Um espartano avançou, com um corvo albino em seu ombro. Ele nos encarou com fúria nos olhos e parecia impetuoso. *Ainda bem que não será o meu mentor.*

A multidão vibrou.

Relâmpagos brilharam pelo céu cinzento e trovões ressoaram.

Voltei a bater os dentes.

Nomes foram chamados, homens se apresentaram, mas eu mal reparei neles. Tudo ao meu redor parecia desmoronar. Nada era real.

— Drex Chen — chamou Zeus.

Levei um susto, porque reconheci o garoto Ctônico nu que deu um passo à frente. Fora ele que havia assassinado meus três agressores.

Ninguém na multidão comemorou.

O sorriso de Zeus vacilou.

— Mestiço abandonado! — gritou alguém.

Deve ser por isso que não sei nada sobre ele. Será que sou a única que percebeu que ele é Ctônico? Isso não é bom.

Zeus assentiu para um homem loiro muito bonito, com um bronzeado forte e olhos cinzentos como uma tempestade. Um urubu-de-cabeça-amarela estava pousado em seu ombro.

— Seu mentor será Theros, herdeiro da Casa de Zeus.

Desta vez, as comemorações explodiram pelo coliseu.

Theros franziu a testa, a pequena coroa de louros dourada reluzindo no topo de sua cabeça, mas logo depois seu rosto se abriu em um sorriso brilhante. Ele acenou para a multidão, avançou e cumprimentou Drex com um tapinha nas costas.

Zeus pigarreou.

— E, finalmente, temos aqui Alexis Hert. As parcas nos... abençoaram. Por favor, deem as boas-vindas à primeira mestiça dos últimos séculos.

Houve uma salva de palmas constrangedora enquanto centenas de

espartanos me avaliavam. Drex olhou para mim com o cenho franzido.

Sussurros a respeito de eu ter sido rejeitada zumbiram pelo ar. Como eu morava em uma caixa de papelão nos fundos de um parque de trailers, foi fácil ignorar as críticas. A zombaria daquelas pessoas não era nada se comparada à de Jéssica, minha algoz do ensino médio.

— Por causa dela e de suas... circunstâncias especiais, os mentores de Alexis serão — Zeus parou e me encarou com uma expressão indecifrável — Pátro, o mestiço da Casa de Afrodite, *e* Aquiles, o mestiço da Casa de Ares.

Grande parte da seção Olimpiana ficou em silêncio. Poucas pessoas aplaudiram.

A seção Ctônica, porém, bateu os pés e gritou a plenos pulmões, agitando as bandeiras.

Duas sombras altas avançaram, saindo dos limites da arena.

Elas atravessaram a areia ensanguentada.

Os pelos na minha nuca se arrepiaram.

Os dois homens que vinham na minha direção eram, de alguma forma, mais ferozes do que o lobo e a jaguar monstruosos que caminhavam ao lado deles. Os dois animais arreganharam os dentes ao me encarar.

Corra enquanto é tempo.

Recuei.

Eles pararam a alguns centímetros de mim. Um deles era um pecado de tão bonito, e o outro era selvagem, a focinheira estendendo-se por sua mandíbula. Os vídeos não faziam jus ao tamanho deles. Tive que inclinar a cabeça para trás a fim de conseguir enxergar seus rostos.

Estavam próximos o bastante para me machucar.

Os dois se agigantaram acima de mim, os ternos perfeitos costurados sob medida. Em seus pulsos, abotoaduras de ouro cintilavam com diamantes, mas, ao contrário dos outros, havia coldres amarrados em seus peitos, nas coxas e nos braços. Ambos estavam cobertos de armas e facas.

Lúcifer em pessoa teria sido menos intimidante.

— Agora você é nossa — disse Pátro, tranquilo, a voz fria.

Que jeito legal de cumprimentar alguém.

Ele se aproximou de mim com um passo ameaçador.

— Deixe-me ser bem claro... — começou Pátro, rosnando. — Você nos pertence, e não vamos pegar leve só porque é uma *garota* abandonada. — Seus lábios se curvaram. — Além disso, você nos dá nojo, não gostamos de você e *nunca* gostaremos, então livre-se de qualquer ilusão romântica. Eis o

que vai acontecer: você vai sobreviver ao torneio e nos tornar generais. Depois, vamos nos *esquecer* da sua existência. É uma Olimpiana, e nós somos Ctônicos. Não damos a mínima para você. Entendeu?

Um alerta reluziu naqueles olhos verdes, como as luzes bruxuleantes de um trailer no meio da tempestade: perturbadoras e sinistras.

Pátro mostrou os dentes.

A internet estava certa: os Ctônicos eram cruéis.

— Entendeu? — Pátro se inclinou para a frente e Aquiles segurou seu ombro, como se tentasse contê-lo.

O homem de focinheira me encarou, e seus olhos vermelhos deixaram claro que ele me estriparia viva para proteger Pátro.

Parados diante de mim, eles irradiavam ódio.

— Vocês também me dão nojo — respondi, me assustando com a minha audácia.

Ambos ergueram as sobrancelhas.

Engoli em seco a necessidade de implorar por misericórdia, mas me recusava a ser covarde diante de brutamontes.

— *Ótimo*, fico feliz que seja recíproco — falou Pátro, com uma suavidade traiçoeira. — Mas não foi essa a pergunta... Quero saber se você me *entendeu*.

Ele inclinou a cabeça para o lado de um jeito irônico. "Aquiles" estava tatuado com letras vermelhas na lateral de seu pescoço.

O filho da mulher mais bonita da face da Terra irradiava ódio.

Arrepios percorreram meu corpo.

— Sim, e-entendi — sussurrei, abaixando a cabeça.

Zeus falou alguma coisa, e os dois homens avançaram, me cercando de ambos os lados. A milímetros de distância.

Perto o bastante para me matar.

Os arrepios se intensificaram.

À minha direita, Pátro se inclinou, e o cheiro refrescante de menta queimou meu nariz.

— Você não vai querer brincar conosco... — As palavras não ditas, *porque vamos te machucar*, pairaram no ar.

Ele não precisava dizê-las. Pátro não era a primeira pessoa a me ameaçar.

Eu me afastei do hálito frio que soprava contra a minha têmpora e meu quadril esbarrou em Aquiles. Dei um pulo e avancei para fugir deles.

Pátro segurou meu braço e me puxou de volta para ficar entre eles.

— Sorria — ordenou ele, baixinho. — Todo mundo está olhando. Recomponha-se.

A jaguar sibilou um alerta.

Pátro estava me *tocando*. Minha pele formigou, e o suor brotou pelo meu corpo. Havia algo de estranho naquele homem, algo… cruel.

O pânico aumentou.

Eu nunca deveria ter retrucado daquele jeito.

Onde estava com a cabeça?

Eu me afastei e esbarrei em Aquiles de novo. Ele me encarou com olhos vazios, rodeados de olheiras escuras. Seu cheiro era uma mistura de âmbar e fogo. Ele irradiava calor.

Pátro irradiava frieza.

Fogo e gelo.

— Eu disse… sorria — ordenou Pátro, de um jeito brusco.

Os cantos dos meus lábios se ergueram, a memória muscular assumindo o controle. Havia certo conforto em usar uma máscara e fingir que tudo estava bem. Fiz isso todos os dias da minha vida infeliz.

Zeus continuou o discurso.

— Se um novato sobreviver ao torneio até o Baile de Iniciação dos Cidadãos em janeiro e a cerimônia de formatura na manhã seguinte, será considerado um cidadão imortal de Esparta. Seus mentores serão nomeados generais e receberão uma cadeira na Federação Espartana. — Ele pigarreou. — Embora não tenha nenhum este ano, se o novato for Ctônico, ele será inscrito na Congregação da Morte na cerimônia de formatura.

Eles realmente não sabem que o garoto que me salvou é Ctônico.

Olhei para ele, mas o rapaz estava encarando as mãos ensanguentadas com olhos arregalados e uma expressão de choque.

Eu não tinha nada a ver com o segredo dele.

Pelo menos não havia *nenhuma chance* de eu acabar na Congregação da Morte, e provavelmente não iria sobreviver até janeiro.

Era o lado positivo da situação.

Oba. Que sorte a minha.

O lobo rosnou aos meus pés, mas não olhei para baixo.

— Criança, por que aquele vira-lata sujo está rosnando para você? — sibilou a voz de Nix, o que me fez desabar de alívio, já que ela parecia melhor.

O aperto de Pátro em meu bíceps era a única coisa que me mantinha de pé.

— Recomponha-se. — A voz dele era afiada como uma faca de serra.

— Você está bem? — perguntei a ela, baixinho.

— *É claro* que sim. — Nix tossiu. — Aquele garoto idiota me deu um chute, mas *é óbvio* que é preciso mais do que uma criança para me matar.

As escamas quentes deslizaram pelo meu pescoço em um abraço sufocante, e uma língua bifurcada lambeu as lágrimas do meu rosto.

— Hum, criança... por que a *Díade Escarlate* está parada do seu lado?

— São os meus mentores — sussurrei.

Pátro largou meu braço e se aproximou, as laterais de nossos corpos se tocando.

— Pare de resmungar coisas sem sentido consigo mesma e fique de pé direito.

Eu me afastei dele alguns centímetros.

Ele voltou a se aproximar.

— Você está ferrada — disse Nix, em um tom objetivo. — Esse homem *não* está bem. Dá para ver nos olhos dele. Tá querendo acabar com você. Com bastante violência.

Fiz uma careta.

Encantador.

Zeus olhou de relance para mim.

— Novatos, vocês passarão as próximas duas semanas morando com seus mentores e se recuperando, enquanto eles preparam vocês para o torneio. Além disso, durante o próximo ano, a cada duas semanas, vocês passarão três dias treinando e criando estratégias com eles.

— Acho que isso não vai acabar bem — comentou Nix, deslizando pelo meu pescoço.

Deixei escapar uma risadinha nervosa.

— Qual é a graça? — A voz de Pátro era fria.

E ele ainda precisa perguntar?

Eu estava seminua na frente de centenas de espartanos, parada ao lado da Díade Escarlate — que já me *detestava* por ser Olimpiana —, e Zeus estava tagarelando a respeito de como passaríamos bastante tempo juntos.

— Novatos, a adrenalina de vocês logo irá acabar — anunciou Zeus, o poder faiscando em sua pele dourada. — Mentores, curem os aprendizes e guiem seus caminhos. E lembrem-se... — Ele ergueu as mãos para a

multidão. — A imortalidade não é um direito, é um privilégio!

O coliseu inteiro repetiu suas palavras em uníssono.

Zeus sorriu, sua pele brilhando.

Dedos calejados envolveram meus braços.

— *Domus* — sussurrou Pátro, e nós nos teletransportamos.

Uma dor incandescente se espalhou pelos meus nervos. A fumaça preencheu meus pulmões. A escuridão me despedaçou. A realidade se transformou em...

A dor parou, e as mãos me soltaram.

Caí de joelhos, a fumaça espiralando ao meu redor.

— Seja bem-vinda ao lar — disse Pátro, a voz cruel.

Fiz a segunda melhor coisa depois de morrer: desmaiei.



6
Recuperação

Alexis

Aceite os remédios — ordenou Pátro, pela milionésima vez.

Ele olhou para baixo, para a cama onde eu estava estirada, inerte, imitando um cadáver.

Um lençol envolvia meu corpo, preservando minha modéstia inexistente (ainda não conseguia acreditar que havia ficado seminua em frente a um coliseu cheio de gente), e um teto de madeira se erguia uns dez metros acima de mim.

Não sabia que existiam cômodos tão altos.

Eu estava deitada na maior cama que já vira na vida. Havia uma cabeceira preta máscula e um edredom branco macio que parecia seda ao toque. Nix estava dormindo debaixo de um dos travesseiros.

A cama era extravagante, um luxo que eu nunca havia experimentado.

Também estava coberta com o meu sangue seco.

— Nem p-pensar — falei, com esforço, porque não havia a menor chance de eu apagar cercada de estranhos. Até onde sabia, eles podiam tentar roubar meus órgãos.

Ninguém vai levar meu rim. Ainda mais de graça. Ele vale pelo menos dez cupons de comida.

Pátro passou as mãos pelo cabelo bagunçado.

— Você é muito teimosa.

Tentei dar de ombros, mas senti dor ao me mexer.

Em vez disso, cantarolei baixinho (de um jeito obsessivo).

A adrenalina que me deram havia acabado assim que nos teletransportamos do coliseu. Quando os médicos finalmente chegaram, eu estava me contorcendo de dor.

As últimas horas passaram como um borrão de tortura.

— Segure ela — disse o médico espartano, que parecia um homem de meia-idade, mas devia ter centenas de anos. Tinha o peixe da Casa de Hermes bordado no bolso em seu peito, e uma coruja-das-neves estava empoleirada em seu ombro. — Não deixe ela se mexer.

Aquiles agarrou minhas pernas.

A vontade de gritar para que ele me soltasse subiu pela garganta. Eu me forcei a engoli-la e cantarolei mais alto.

Pátro me segurou pela cintura, hesitante, como se não quisesse me tocar.

O sentimento era recíproco.

Do outro lado do quarto, em frente à lareira, a jaguar ergueu a cabeça de suas patas e me encarou com olhos frios cor de esmeralda, sibilando para mim. Ao lado dela, o lobo de olhos vermelhos agitou as orelhas e arreganhou os dentes.

Abri a boca e perguntei se…

De maneira *brusca*, o médico colocou meu ombro deslocado de volta no lugar, e senti uma dor lancinante percorrer a lateral do corpo.

Choraminguei.

O rosnado profundo do lobo reverberou pelo quarto.

Uma reação aguda fez meu ouvido esquerdo arder.

O médico olhou de relance para o animal e se afastou um pouco de mim.

— Todos os ossos deslocados já estão no lugar. Só preciso enfaixar as fraturas.

A outra médica entrou no quarto, como se o tivesse escutado. Havia um corvo verde no ombro dela e uma prancheta com uma folha comprida em sua mão. Aquela atrocidade alada (nunca gostei de pássaros) me olhou de relance enquanto a mulher entregava a folha para o colega.

Os dois encararam o papel boquiabertos, voltando-se do meu rosto para a folha algumas vezes.

— Qual é o problema? — perguntou Pátro, irritado.

Os médicos estavam me costurando e colocando ossos no lugar havia horas, e era óbvio que ele já estava sem paciência.

A mulher virou a folha. Era um raio-x do meu corpo, que fora escaneado com um sofisticado aparelho espartano portátil. Havia setas vermelhas desenhadas no exame com caneta permanente.

— As setas marcam as fraturas nos ossos — explicou ela.

Eram *muitas* setas.

Meus punhos e antebraços estavam quase completamente pintados de vermelho.

— Como diabos você sobreviveu? — perguntou Pátro, baixinho.

Venho me perguntando isso há anos.

Aquiles me encarou da beirada da cama. Como não podia falar por causa da focinheira, não ficou claro o que ele estava pensando.

Fiquei com inveja.

Se usasse uma focinheira, as pessoas não ficariam esperando que eu falasse com elas.

Será que ele me emprestaria?

— Você sabe quantos ossos Aquiles e eu quebramos, ao todo, depois dos nossos massacres? — perguntou Pátro, os dentes cerrados. — Adivinhe.

Os médicos se afastaram da cama e olharam ansiosos para o homem.

Aquiles cruzou os braços.

Ele tirara o paletó e a gravata e soltara as abotoaduras. As mangas da blusa estavam enroladas até os cotovelos, exibindo uma tatuagem detalhada no antebraço direito. Um coldre pendia frouxo sobre seu peito largo.

— *Adivinhe* — repetiu Pátro, com agressividade.

Ele estalou os dedos na frente do meu rosto.

Eu o encarei, com raiva.

Seus olhos verdes cintilaram.

— *Nenhum* — respondeu ele, devagar. — Nós sobrevivemos porque quebramos os ossos de *todos os outros* competidores. É assim que funciona.

Cerrei os dentes, o suor escorrendo pela testa quando uma segunda onda de dor percorreu meu corpo.

Pátro se virou e deu um soco na parede ao lado da cabeceira, arquejando como se tentasse controlar a si mesmo.

Do outro lado do quarto, uma prancheta caiu no chão e a jaguar de Nemeia se levantou.

Os médicos se encostaram na parede, o mais longe possível da besta furiosa (Pátro). *Compreensível. Me levem com vocês.*

A jaguar se esgueirou preguiçosamente na direção dos dois, a cauda comprida balançando de um lado para o outro. De tempos em tempos, ela sibilava para mim. Os médicos encaravam o animal, em pânico, os olhos arregalados, enquanto seus pássaros agitavam as asas.

Pátro cerrou os dentes.

— Como *diabos* você conseguiu se qualificar para o torneio? — perguntou ele, devagar.

Suspirei, e deu para ouvir o chiado nos meus pulmões.

— Sou boa em sobreviver — sussurrei.

No fim das contas, era uma meia-verdade, e eu não ia contar a eles sobre Nix e colocá-la em perigo.

Por algum motivo, mesmo entre espartanos superpoderosos, eu era a única que conseguia ouvi-la.

— Xeque-mate, porra. Seus Olimpianos burros, calculistas e fracos — falou Pátro, olhando para mim com nojo. — Você venceu esta rodada, Zeus.

Do que ele está falando?

Arquejando, afrouxou a gravata e olhou para Aquiles.

Os dois se encararam por um longo tempo, e o silêncio entre eles era tenso.

— Estamos fodidos — comentou Aquiles, fazendo sinais grandiosos e suaves com as mãos.

— Será que devemos matar os médicos? — respondeu Pátro, também em linguagem de sinais. — Eles sabem como ela é fraca. Se as outras Casas descobrirem, usarão isso contra ela.

Meu coração disparou dentro do peito. Precisei de todas as minhas forças para controlar meu rosto e manter uma expressão neutra, sem transparecer que compreendia a linguagem de sinais. Era perturbadora a casualidade com que eles falavam sobre fazer picadinho das pessoas.

Prendi a respiração e esperei a resposta de Aquiles.

— Sim — concordou ele. — Vamos matá-los mais tarde.

Engoli um grito.

Ctônicos.

Cruéis.

Monstruosos.

Eu com certeza *não* perguntaria mais se podia pegar a focinheira emprestada.

Meus mentores se viraram ao mesmo tempo para os médicos encolhidos.

— Enfaixem as fraturas — ordenou Pátro, a voz fria. — Agora.

Os médicos assentiram e fizeram uma reverência com a cabeça. Então se apressaram até a cabeceira da cama. A jaguar bufou quando passaram por ela.

Esfregaram uma pomada gelada na minha pele, e meu braço foi envolvido em um pano branco estranho, ao mesmo tempo flexível e firme.

— A boa notícia é que nem todas as setas são fraturas recentes — disse a mulher, olhando para Pátro. — Cerca de um quarto delas são antigas.

Não reagi.

Meus pais adotivos foram cruéis, mas os invernos de Montana eram ainda piores. A neve e o gelo deixam os ossos quebradiços.

— Por que o fato de ela ter um *histórico* de fraqueza deveria fazer eu me sentir melhor? — perguntou Pátro, devagar, as palavras cheias de veneno.

A médica abriu e fechou a boca.

Pátro avançou em sua direção como se fosse atacá-la, e a mulher se encolheu. Aquiles balançou a cabeça, e Pátro revirou os olhos e se recostou na parede, onde já havia um buraco graças ao soco que ele dera.

Ficou ali enquanto os médicos enfaixavam meu antebraço direito, os dois ombros, o fêmur esquerdo, as costelas, três dedos do pé, oito dedos da mão e a minha cabeça.

Quando finalmente acabou, os médicos não perderam tempo me dando atenção. Disseram que demoraria cerca de duas semanas até meus ossos sararem e que, depois de uma semana, eu deveria retirar os curativos para deixá-los respirar, o que não fazia o menor sentido. Então, saíram depressa do quarto. Escutei apenas o estrondo no corredor quando eles se teletransportaram.

A fumaça serpenteou pela porta aberta. Eu até teria gritado "eles vão fazer picadinho de vocês", mas meus mentores provavelmente surtariam e matariam todos nós em um ataque de fúria.

Embora, no momento, eu até preferisse essa opção.

Voltei a encarar o teto impressionante de tão alto, e Pátro começou a me dar um sermão sobre como bloquear socos. Pelo menos foi isso que entendi.

Parei de me concentrar nele.

Já havia atingido o limite diário da minha bateria social.

Se ossos quebrados faziam Pátro me achar fraca (pela sua expressão de aversão, estava claro que pensava ser esse o motivo de eu ter sido abandonada), então ele ia *surtar* quando descobrisse que eu era cega e surda do lado esquerdo.

Não que isso me atrapalhasse, pois me adaptara à nova realidade, mas algo me dizia que Pátro não encararia dessa forma.

Ele vai me matar. Nunca vou contar a ele.

A pomada causou um formigamento agradável, e a sensação de torpor penetrou profundamente a pele. Tudo ficou confuso.

Flutuando nas nuvens.

Meus olhos se fecharam, e caí em um sono profundo e restaurador, aninhada no luxo de uma cama.

Os dias passaram em um borrão.

Eu estava perdida em sonhos febris.

Acordei ofegante, suando frio, mas voltei a dormir na mesma hora.

Essa sequência se repetiu.

Escamas deslizavam pelo meu pescoço e sussurravam que tudo ficaria bem. Em um raro momento de lucidez, Nix disse alguma coisa sobre a Medusa.

— Mas ela está no Mundo Inferior — sussurrei, a voz rouca, como se houvesse uma lixa na minha garganta. Ergui a cabeça. — Ela usou os Titãs para atacar a Casa de Zeus.

— Eu *não* acredito nessa história — sibilou Nix, trincando os dentes.

Abri a boca para fazer mais perguntas, mas minha cabeça tombou para trás.

Os pesadelos me puxaram de volta.

Desta vez, a morte em pessoa pairou acima de mim, as mãos agarrando meus tornozelos de um jeito possessivo. Ele tinha uma pele pálida e olhos vermelhos repugnantes, e me observava sem piscar. Uma sensação estranha de fascínio e curiosidade preencheu meu peito. Era uma *obsessão*.

Nunca senti nada parecido.

A morte ficou ali durante horas.

Em algum momento, ele se foi.

Tudo se distorceu e se transformou. Unhas pintadas de preto pressionavam um pano frio na minha testa. Uma voz masculina rouca sussurrou insultos a respeito de mestiços Olimpianos abandonados serem patéticos.

O delírio me deixou atrevida, e ergui o dedo médio enfaixado.

Ele soltou uma risada sombria.

Pelo menos Satã me acha engraçada.

Os insultos dele se tornaram mais maldosos, mas suspirei de alívio quando o pano frio acalmou minha pele febril. Ele o passou com cuidado pelo meu rosto, como se eu fosse feita de vidro.

A escuridão se distorceu.

— Estou feliz que esteja de volta, mas o que você vai fazer? — perguntou uma voz rouca masculina.

Houve uma longa pausa.

— Ela terá um bom desempenho por nós. Vamos garantir isso — disse outra voz.

— Boa sorte, porra. Uma rejeitada patética como ela? — Ouviu-se uma risada sombria e profunda. — Vai precisar da minha ajuda.

— Você é um babaca sortudo. Já é general e tudo o mais. Não precisa enfrentar essa merda — murmurou o outro homem, suspirando.

Eu me deixei vagar para longe.

Alguém começou a tocar piano em outro cômodo, e a melodia comovente ressoava como mel. Meus olhos se encheram de lágrimas. Era tão bonita. A música vibrava pelo meu corpo e afastava os pesadelos.

O tempo passou.

— Nero, Popeia, parem de grunhir para ela. É sério? Vocês vão me ignorar?

Sonhei que caía das nuvens.

Despencando.

Antes que eu alcançasse o chão, um homem desconhecido me pegou. Tinha uma beleza cruel e olhos azuis impressionantes. Era a morte outra vez.

Um anjo caído.

Ele colocou o dedão com firmeza na minha língua. Seus dedos agarraram meu queixo e seguraram a boca aberta, despejando comprimidos ali. Empurrou minha cabeça para trás e me obrigou a beber água.

Engasguei e cuspi.

— Vá… para… o inferno. — Tossi e tentei abrir os olhos lacrimejantes.

Ele tirou o polegar da minha boca.

— De onde acha que eu vim, *carissima*?

Uma risada grave ressoou pelo quarto, e o sono me puxou de volta.

Dois animais grunhiram, e o som era profundo e maligno. *Sobrenatural*.

Uma figura alta estava parada acima de mim.

— Charlie? — chamei. — Você… também veio?

A voz murmurou alguma coisa sobre idiotas, e eu tentei responder, mas os sonhos me fizeram vagar para longe.

Alguém tocava piano.

Acordei com lágrimas escorrendo dos olhos.

Eu me sentei na escuridão, arfando, coberta de suor. Uma brisa acariciou minha pele, e voltei a me deitar de olhos fechados, incapaz de permanecer sentada.

Minha vista estava borrada.

Vozes sussurravam.

Alguém encostou um copo em meus lábios.

Dedos calejados familiares envolveram meu queixo e inclinaram minha cabeça para trás. Depois, traçaram o contorno das minhas bochechas. A água gelada acalmou minha garganta ferida.

— Obrigada — sussurrei.

— Não me agradeça ainda — disse a voz rouca. — Tenho um pressentimento de que não vamos nos dar bem. Uma inocente como você deveria ter *muito* medo de um monstro como eu.

Abri a boca e tentei perguntar o que aquilo significava, mas minha voz não saiu.

Os pesadelos me oprimiam.

Havia sangue por todos os lados. Socos e cigarros encontravam minha pele. Meu peito doía enquanto ela morria. Será que eu a estava machucando? Olhos vermelhos brilharam quando a mão de alguém tocou minha perna, e uma curiosidade estranha queimou dentro do meu peito.

A vontade de devorar tomou conta de mim — pareciam as emoções de outra pessoa. Alguém pressionou uma adaga contra meu osso esterno, e agitei minhas mãos ensanguentadas. Um homem gritou.

Eu me sentei e coloquei a mão sobre o coração acelerado.

Arquejei, bem acordada, esfregando a cicatriz no peito.

A luz brilhante do sol queimava.

O lençol encrustado de sangue dos médicos ainda me cobria, e o quarto de teto alto estava quente. Uma brisa entrava pelas portas francesas que se abriam para a varanda. Eu ainda não havia reparado nelas.

Raios do sol matinal penetravam o quarto com um brilho ofuscante.

Dava para ouvir o bater das águas.

Semicerrei meu olho direito, ajustando-o à claridade.

Caramba. Depois do deque, águas azul-turquesa se estendiam até o horizonte. Folhas de um verde exuberante emolduravam as janelas.

O mar infinito estava perto o bastante para que eu pudesse sair e entrar

nele.

Era de tirar o fôlego.

Perfeito.

Eu já vira fotos de grandes massas de água, mas nada havia me preparado para a vida real. O cheiro da água salgada, o barulho das ondas, a maneira como o mar se estendia do horizonte até a eternidade.

A porta rangeu, e eu apertei o lençol ensanguentado contra o peito.

Pátro parou na soleira da porta com um copo d'água e uma toalha. Sua pele escura quase cintilava ao sol, e as maçãs de seu rosto eram altas e proeminentes o bastante para cortar vidro.

Era impressionante o quanto se parecia com a estátua de Davi.

Ele semicerrou os olhos verdes.

— Você acordou. — Virando-se, saiu do quarto.

Pisquei.

A voz dele era suave, com uma cadência fria — nada parecida com a rouquidão profunda que me insultara nos sonhos.

Devia ter sido uma alucinação.

Boa, já estou surtando. Os 19 anos não são a melhor idade.

Alguns minutos depois, ouvi um estrondo alto no corredor, e os mesmos médicos de antes entraram no quarto às pressas. Aquiles e Pátro os seguiram com aquelas feras aterrorizantes em seu encalço.

Pelo menos eles não mataram os médicos... ainda.

— Vocês deram a ela os comprimidos nutritivos para ganho de peso que nós receitamos? — perguntou o médico, tirando ferramentas de dentro da bolsa.

Aquiles e Pátro o encararam.

— Certo, é claro que sim — respondeu o próprio médico, a voz trêmula. — Como já faz uma semana, vamos precisar tirar o lençol e remover os gessos.

— Não! — gritei, rouca, apertando o lençol com mais força.

Vi o pai sorrindo ao me lançar um olhar lascivo e pressionar um cigarro na minha barriga. Os punhos da mãe acertando a lateral do meu rosto.

O corpo era meu, e ninguém o veria a não ser que eu quisesse.

Ao contrário de Charlie, cujas costas inteiras eram uma mistura de cicatrizes e cortes que ele nunca mencionou, eu tinha dezenas de cicatrizes pequenas e quase imperceptíveis. As marcas proeminentes nos meus pulsos eram as que mais se destacavam.

A maioria das cicatrizes estava na minha barriga.

Arranhões finos e superficiais que ganhei ao pegar galhos de árvores pontudos. O círculo vermelho retorcido de um cigarro. Pontos minúsculos onde cacos de vidro se cravaram nas minhas costas enquanto eu me arrastava sobre eles. Uma cavidade irregular de quando caí no gelo. E, por último, a cicatriz distorcida no meu peito, que eu tinha desde criança.

Mas ainda sentia que devia proteger minha pele.

O que aconteceu no coliseu foi diferente. Tinham me enchido de adrenalina e eu estava tão coberta de sangue que ninguém conseguia ver nada.

Agora, era pessoal.

Havia voltado a ser *eu*.

Aquiles parou na beirada da cama e me encarou, mas a focinheira não mostrava sua expressão.

Esperei pelo ataque.

Eu tinha visto os sinais que fizera para Pátro.

Ele era cruel.

Apertei o lençol com força, me preparando para lutar caso tentassem tirá-lo de mim. Eles venceriam... em algum momento, mas eu também era capaz de causar dor. Endireitei a postura e respirei fundo. Tensionei as coxas.

— Todo mundo para fora, menos você — ordenou Pátro, a voz percorrendo o quarto inteiro, e apontou para a médica.

O médico guardou tudo de volta na bolsa e saiu *correndo*. Devagar, a Díade Escarlate o seguiu.

Pátro parou à porta e olhou para trás.

— Ela está sob a proteção das Casas de Ares e Afrodite. Se *ousar* machucá-la, ninguém nunca mais te encontrará.

A mulher engoliu em seco.

— Entendido? — gritou Pátro, com sangue nos olhos, e eu dei um pulo ao ouvir a ferocidade em sua voz.

— Sim. É claro. Sou da Congregação dos Curandeiros. Fiz um voto de cura — respondeu ela, depressa. — Eu nunca faria nada que...

Pátro bateu a porta e a interrompeu.

Ela suspirou e inclinou a cabeça para o teto, como se estivesse rezando.

Eu teria me juntado a ela, mas tinha noventa e nove por cento de certeza de que Deus havia me abandonado. Além disso, fiquei nervosa

quanto ao fato de que a médica iria me tocar. Era melhor do que um homem, mas não muito.

Se havia uma coisa que aprendi ao longo dos anos, era que a maioria das pessoas não gostava de mim.

O lobo e a jaguar rosnaram de maneira cruel para nós duas, depois se sentaram em um canto do quarto.

Após um longo momento se recompondo, a médica pegou as ferramentas e se virou para mim.

Eu a encarei, agitada. *Por favor, não roube meus órgãos.*

O mundo pós-Titãs estava cheio de pessoas que se passavam por médicos a fim de roubar órgãos sem consentimento e lucrar ao vendê-los em mercados clandestinos prósperos.

A médica sorriu.

Tentei não gritar por misericórdia.

Ela tocou meu braço, e inspirei com dificuldade pelo nariz. A médica cortou um dos curativos, e eu observei a tesoura como um falcão, esperando para ver se machucaria minha pele.

— Tenha cuidado com a Díade Escarlate — murmurou ela, se inclinando sobre mim.

Dei um pulo diante de tanta proximidade.

— Eles são perigosos — comentou a mulher, e continuou cortando.

Não brinca! Parecem superlegais.

— Quer dizer, olha quem são os *amigos* deles. — Ela passou para o curativo da perna e murmurou baixinho alguma coisa sobre "todo mundo ser obcecado pelos psicopatas herdeiros".

A médica estremeceu, fazendo cena, depois puxou o lençol para verificar minhas costelas.

Fechei os olhos e fingi que não estava exposta diante dela.

A mulher pegou minha mão e foi observando dedo por dedo.

— Que Cronos nos ajude, mas, para ser sincera, não acho que a focinheira seja o bastante para Aquiles.

Pelo visto, ela entendeu que a minha falta de respostas era um encorajamento para continuar.

Pegou a bolsa e começou a retirar os últimos curativos da minha cabeça.

— Sabe — sussurrou a médica, como se tivesse medo de que a escutassem —, corre um boato de que iam mandar Aquiles para o Mundo

Inferior depois do que ele fez no CGE... um *mestiço* Ctônico como ele, com todo esse poder, é um risco de haver outra Grande Guerra.

Ela balançou a cabeça e se aproximou mais, a tesoura cortando o curativo na lateral da minha cabeça.

— Por exemplo, eles fundaram aquela terrível fábrica de armas com Augusto e Caronte, que são *de fato* dois sociopatas. Ouvi dizer que foram até diagnosticados. É só ver o que escolheram para representá-los.

Ela torceu o nariz, desgostosa.

Algo me diz que os *M*s de GSMM não significam "magnífico" e "maravilhoso".

Estava com medo demais para perguntar.

A médica afastou o cabelo da minha testa. Tentei não vomitar enquanto a mulher agia como se fôssemos melhores amigas.

Socorro?

Essa amizade era preocupante.

— E é pura loucura o fato de Pátro ter feito um juramento espartano de só retirar a focinheira de Aquiles se necessário — continuou ela. — Todo mundo sabe que *coisas ruins* acontecem com quem faz juramentos espartanos além dos de casamento e laço com os animais. — Ela sorriu para mim. — Acho que estou te chateando, já que você já sabe de tudo isso.

Na verdade, senhora, não sei de nada, e ainda não tenho certeza se você quer meu rim ou não.

Além disso, por favor, me sequestre e me tire daqui. Eu ficaria muito agradecida se a senhora fizesse isso rápido, antes que meus mentores voltem. Obrigada.

Desesperada, tentei reunir coragem para falar.

O curativo caiu da minha cabeça e a médica bateu palmas.

— Olha, seus ossos estão quase curados, mas continuarão muito fracos durante a próxima semana, então vá com calma. — Ela semicerrou os olhos para mim. — Sabe, faz sentido que você consiga quebrá-los com tanta facilidade. Todo mundo sabe que a Casa de Zeus tem problemas de fertilidade. Os últimos mestiços tiveram... *dificuldades*. Graças a Cronos, veio Theros. Ele é o primeiro herdeiro em séculos. Depois da Grande Guerra, todas as Casas Olimpianas tiveram... problemas com a força de seus descendentes.

Graças a Deus, ainda existe uma esperança. Talvez Esparta seja derrotada e eu consiga viver em paz.

— Mas a nova lei do casamento vai resolver tudo isso, graças a Cronos. — Ela abriu um sorriso largo. — Todo mundo só fala disso. Obrigar todos os cidadãos de Esparta a fazer votos de casamento quando completam 26 anos é *genial*. Bom, todos menos os líderes das Casas, é claro. Ninguém os obriga a fazer nada.

Franzi a testa.

Como é que é? Uma lei do casamento aos 26 anos? Eu seria uma noiva jovem demais.

Nunca quis me casar.

Ter que tocar outra pessoa *sexualmente*.

Nem pensar.

— A melhor parte — continuou a médica, alheia à minha discussão mental — é que colocaram uma cláusula que listava todos os dez nomes Ctônicos, e declararam que casamentos envolvendo *somente* pessoas da lista estavam proibidos. Os líderes Ctônicos se recusaram a obedecer caso suas Casas fossem completamente proibidas de se casar umas com as outras, então a federação chegou a um acordo e acrescentou o "somente". De qualquer forma, eles têm que se casar com um Olimpiano.

Ela bufou, tirando sarro.

— Na verdade, esse detalhe não importa. A próxima geração de Ctônicos terá o sangue misturado com o dos Olimpianos. Não tem como encontrarem uma saída. A federação alega que a lei é para resolver os problemas de fertilidade de Esparta, mas *todo mundo* sabe que, na realidade, é para obrigar os Ctônicos a se aliarem aos Olimpianos. É brilhante.

Ela tentou afastar mais cabelo da minha testa, e eu desviei de sua mão.

A médica semicerrou os olhos.

— Bom — começou ela, bufando —, eu tentei te ajudar. — Enquanto guardava as ferramentas, ela murmurou, baixinho: — Mesmo você sendo apenas uma mestiça abandonada nojenta.

Acabou a amizade.

— Tenha c-cuidado — falei depressa, agarrando o lençol com força. — Eles vão machucar você.

A médica deu uma risadinha de desdém.

— Você não entende *nada* sobre as grandes Casas. É você que está em perigo, não eu.

A porta foi escancarada e meus mentores entraram.

A médica se assustou, deixando escapar um gritinho.

— Foi um prazer ajudar as grandes Casas — disse ela, de cabeça baixa, fazendo uma reverência para os homens. — Por favor, comuniquem à Casa de Hades a respeito dos meus serviços para as grandes famílias Ctônicas, e digam à Congregação da Morte que, se algum dia precisarem…

— Saia — interrompeu Pátro, a voz fria.

Aquiles estava parado ao lado dele, os braços cruzados, o perigo reluzindo em seus olhos vermelhos.

Eu me senti culpada. *Tentei avisá-la.*

A médica arquejou e saiu correndo.

— Nero, saia do quarto — gritou Pátro para o lobo de Aquiles. O animal saiu com certa relutância, me olhando de relance. — Popeia, você também — acrescentou ele, e a jaguar obedeceu.

Sobramos somente nós três.

Sozinhos.

Socorro.



7
Estratégias

Alexis

Tentei limpar um pouco do sangue, mas imaginei que não iria gostar que alguém te desse banho enquanto estava inconsciente — disse Pátro, e Aquiles cruzou os braços atrás dele. — É por isso que o lençol ainda está sujo.

Ele parece mais... gentil.

— Ah, obrigada — falei, me ajeitando nos travesseiros enquanto o constrangimento se estendia entre nós.

Talvez ele não seja tão mau. Talvez estivessem brincando em relação a matar os médicos, e eu fiz muito drama...

— Seu cheiro e sua aparência estão asquerosos. — Pátro apontou para a porta do outro lado do quarto. — Use o chuveiro e fique mais apresentável. Ficar perto de você nesse estado é nojento, e uma desonra para nossas Casas. Se fosse uma herdeira, os líderes desmaiariam horrorizados quando vissem como é impura.

É, não adianta. Ele é cruel mesmo.

— E tente não escorregar e quebrar o pescoço — acrescentou. — Seria um contratempo.

Tentar morrer de propósito no chuveiro. Entendi.

Esperei que eles saíssem, apertando o lençol ainda mais próximo ao peito.

Pátro estreitou os olhos.

— Entendido? — perguntou, com gentileza.

— Perfeitamente — sussurrei. Por algum motivo, eu não conseguia segurar a língua perto dele.

— Muito bom.

— Ótimo.

— Fantástico.

— F-Fabuloso.

— Estupendo.

— Excelente.

Aquiles segurou Pátro pelo cotovelo e o arrastou para fora do quarto antes que a discussão continuasse. Quando fecharam a porta, eu me recostei, suspirando.

A parte mais irritante era que Pátro estava certo. Meu cabelo estava embaraçado e ensanguentado, e eu me sentia nojenta. Precisava com urgência de um banho.

— Nix — sussurrei para o quarto silencioso.

Na outra ponta da cama, o travesseiro de seda se mexeu.

— O que foi?

— Quer tomar um banho? — perguntei, já que a serpente gostava quando eu jogava água do poço nela nos meses mais quentes do verão.

— Se eu *quero* tomar banho? — Ela bufou. — Que pergunta idiota é essa? É claro que sim.

Uma hora depois, eu estava parada debaixo de uma cachoeira de água quente, as pernas trêmulas, com uma cobra invisível enrolada no pescoço. Música clássica tocava na minha cabeça enquanto a água jorrava do teto *e* das paredes.

Era o paraíso.

Meus olhos se encheram de lágrimas conforme eu lavava todos aqueles anos de sujeira.

A julgar pelos murmúrios felizes de Nix, ela concordava comigo. Havia vários frascos de produtos que eu não sabia bem como usar, já que Charlie e eu havíamos dividido um sabão em barra roubado durante anos.

Charlie.

Meu coração se apertou.

Queria exigir que os meus mentores descobrissem se ele estava bem, mas eu havia acabado de lutar até a morte e observado uma arena inteira comemorar o assassinato de dezenas de garotos, e eram seu próprio povo. Não dariam a mínima para um humano.

Não estava disposta a correr o risco de os espartanos o machucarem.

Charlie tinha 18 anos e sabia se cuidar.

Mas ele está sozinho, e com saudades de você.

O chuveiro girou ao meu redor. A música acabou. Ficou mais difícil

respirar e tive que apoiar as mãos nos joelhos quando senti a ânsia de vômito.

— Qual é o problema, criança? — perguntou Nix.

— Charlie — expliquei, arfando, meu peito queimando ao sentir o início de um ataque de pânico.

Nix sussurrou palavras firmes de encorajamento, dizendo que meu irmãozinho era muito habilidoso, até eu conseguir respirar de novo.

Às cegas, peguei um dos frascos na prateleira e ensaboei o cabelo e o corpo inteiro.

Tinha cheiro de menta.

Eu me esfreguei com vontade.

Depois de limpar a sujeira e o sangue, cravei as unhas na pele e me concentrei na névoa invisível. Ela ainda se agarrava a mim, traiçoeira e fria. Vozes sussurravam no meu corpo. *A mãe morreu porque você...*

— Você está limpa. Acalme-se, Alexis — pediu Nix, sua voz me trazendo de volta à realidade.

Meus dois antebraços estavam cobertos de marcas vermelhas.

Minha visão ficou turva e, por um instante, parecia que havia veneno se espalhando sob a minha pele.

Choraminguei.

— Sai dessa, mulher! — gritou Nix.

Inspirei, trêmula, e endireitei a postura, me recompondo.

— O que eu faria sem você?

— Passaria maus bocados — respondeu Nix.

Inclinei a cabeça para trás e fechei os olhos.

— Nix, será que o meu poder é conseguir conversar com você?

Ela deslizou pelo meu pescoço.

— Quando conversamos — começou ela, devagar — você sente um formigamento, uma animação na sua cabeça?

Suspirei, soprando água dos meus lábios.

— Não. — Tudo o que eu sentia era um desespero esmagador.

— Então esse não é o seu poder.

Abri os olhos e encarei o jato de água.

— Então, qual é?

— Criança, se eu soubesse, te contaria. Já vi muitas loucuras nesta vida, mas essas duas últimas semanas estão ganhando de lavada.

Nós duas suspiramos.

— Então, será que você é a minha protetora? — perguntei, animada. — Como Nero, Popeia e os pássaros nos ombros dos médicos? Será que estamos ligadas de algum jeito, e é por isso que...

— Não — sibilou Nix, me interrompendo.

Levei um susto ao ouvir a veemência em sua voz.

— Não — repetiu ela, com mais delicadeza. — Eu já tenho um laço com outra pessoa.

Meu coração se apertou.

— Com quem? — sussurrei, o ciúme queimando em meu peito.

— É um laço, criança. Quero te contar, mas não sou fisicamente capaz. — As escamas de Nix deslizaram pelo meu pescoço, como se ela estivesse subindo. — Os juramentos espartanos são assunto sério. Acima de tudo, eles juram fidelidade aos seus animais e, quando nós os aceitamos, estamos presos ao mesmo juramento. Mas a minha pessoa... se foi. O juramento não me permite falar sobre ela, não de maneira direta.

Por acaso isso significa que ela já falou de maneira indireta?

— Entendi — falei, embora não entendesse.

— Não se preocupe com isso, criança. Ainda estou aqui com você. Sempre estarei.

— Eu sei. — Sequei os olhos, agradecendo pelo chuveiro. — É claro.

— Juro que não estou tentando mudar de assunto — continuou Nix, devagar —, mas você acha que a jaguar poderia se interessar por mim?

Solucei quando caí na risada, a boca cheia de água.

— Você só pode estar brincando.

— Já viu as presas dela? Aqueles caninos são *letais*. Afiadíssimos. E os quadríceps são espetaculares.

— Você enlouqueceu. — Dei risada, sabendo que ela estava me distraindo, mas ainda assim grata pelo gesto. — Achei que gostasse de machos.

— Não seja uma puritana de mente fechada, Alexis. Não é bonitinho — sibilou Nix.

Dei uma risadinha fraca.

Depois que fiquei limpa e gastei o equivalente a uma pequena fortuna de conta de água — tentei não me sentir mal a respeito do custo, mas não adiantou —, saí do chuveiro.

Puxei uma toalha felpuda do toalheiro na parede e fiquei maravilhada ao senti-la bem quente, então segurei aquele objeto de luxo à minha frente.

Senti um peso deixar meu pescoço quando Nix se jogou contra ela.

Depois que nós duas estávamos secas, dei uma olhada no banheiro de mármore. Novos produtos estavam dispostos pela pia, e imaginei que fossem para mim.

Escovei o cabelo molhado e fingi não reparar que o cabo da escova tinha entalhes de ouro.

Então, me sentindo uma ladra, coloquei novos elásticos de cabelo em ambos os punhos, antes que eu desistisse da ideia. Estava acostumada a pegar os que as pessoas deixavam cair no chão, por isso, ver uma pilha novinha deles era uma oportunidade boa demais para deixar passar.

Escovei os dentes até as gengivas sangrarem.

Depois repeti tudo mais três vezes.

Quando finalmente saí do banheiro, o lençol que me serviu de apoio emocional havia desaparecido, e alguém trocara o cobertor por um novo e branco.

O quarto em si tinha uma decoração minimalista, com tetos altos e uma cama baixa.

Tudo estava imaculado.

Era o paraíso.

Charlie.

Eu me senti muito culpada e tentei não pensar nele totalmente sozinho nas nossas caixas de papelão.

Uma pilha de roupas limpas também esperava por mim em cima da cama, e havia *tops* esportivos de todos os tamanhos, ainda com as etiquetas. Peguei o menor deles, feliz por nenhum dos dois ter reparado o bastante para saber o tamanho.

Uma camiseta serviu bem e ficou larga do jeito que eu gostava, mas, para evitar uma situação constrangedora, tive de enrolar na cintura e amarrar o único par de calças de moletom.

Enquanto me vestia, percebi que a camiseta tinha um perfume de âmbar e fogo, e a calça, de menta. Cheirei a roupa algumas vezes, só para ter certeza.

Depois de passar séculos me arrumando, me senti renascer, então saí para o deque.

Sempre adorei nadar no lago lamacento atrás do parque de trailers, mas não conseguia nem *imaginar* como seria boiar naquele mar turquesa.

A folhagem verdejante se espalhava pelo casarão, que foi construído na

parte mais baixa de uma colina exuberante.

O cenário tropical era de tirar o fôlego.

Sentir o sol quente sobre a minha pele macia era glorioso, então me deitei com cuidado na *chaise* e fechei os olhos.

Meus lábios se curvaram em um sorriso.

Acabei cochilando.

— Por que você se parece com Zeus? — perguntou Pátro, num tom agressivo, e eu me sentei na mesma hora.

A Díade Escarlate estava parada acima de mim, bloqueando o sol completamente com aquelas silhuetas sobrenaturais.

— O quê? — perguntei, confusa.

— Vocês têm a mesma pele dourada ridícula e os mesmos cachos loiros. — Pátro encarou meu cabelo, agora seco, como se ele ofendesse sua moralidade. — Você tem até um de seus olhos esbranquiçados. Embora... — Ele estreitou os olhos. — Zeus nunca abandonaria uma filha, a não ser que houvesse algo de muito errado com ela.

Uma dor fantasma pinicou meu olho esquerdo, bem onde o pai adotivo me dera um soco.

Não o corrigi quanto à cor do olho.

Todo mundo sempre presumiu que eu nasci com heterocromia. *Algumas feridas são tão visíveis que ninguém consegue enxergá-las.*

Pátro semicerrou os olhos para mim, como se tentasse descobrir o que havia de errado comigo (tantas coisas; dá para fazer uma lista). Pigarreei e tentei mudar de assunto.

— Você podia fazer um t-teste de paternidade para confirmar — sugeri, hesitante.

Parecia ridículo presumir qual era a minha linhagem com base apenas na cor da pele. A genética não era famosa por ser um jogo de soma-zero. Não era *ele também tem a pele dourada, então, pá, vocês são parentes.*

Aquiles e Pátro me olharam como se eu fosse idiota, o que ainda era discutível.

— Não. — A expressão de Pátro dizia *dãa*. — Não podemos *testar* o seu sangue. Você deixou de ser apenas uma humana fraca. O sangue espartano é ácido demais para ser testado. Isso é óbvio.

Literalmente, nada é óbvio quando se trata de Esparta.

Pátro contraiu os lábios e suspirou de maneira dramática.

— Deixa pra lá. A verdadeira pergunta é: por que Zeus colocaria você

conosco e não com Theros?

Aquiles olhou para ele descaradamente e arqueou a sobrancelha.

— Ele é fraco e patético — sinalizou. — Assim como ela.

Precisei reunir todas as minhas forças para não fazer cara feia. *Não precisava desse comentário.*

— Sei que ele é um incompetente — respondeu Pátro, em voz alta. — Mas é o herdeiro da Casa, então porque Zeus... — Ele ficou boquiaberto ao olhar para mim. — A não ser que de fato *queira* que você ganhe. — Pátro torceu o nariz. — Mas ele a abandonou e nos odeia. A única coisa que faria sentido é se estiver tentando te matar enquanto ferra a gente.

A esta altura, parece que todo mundo quer me fazer ter traumas paternos.

Pátro coçou a testa como se estivesse pensando, ou talvez tivesse um tumor que lhe causasse dor.

Rezei para que fosse a segunda opção.

O silêncio se estendeu, e a situação ficou constrangedora outra vez.

Ou talvez sempre tenha sido assim? Eu tendia a causar esse efeito nas pessoas, principalmente nos homens. Deviam ser os seios gigantes, o corpo curvilíneo e a personalidade alegre e extrovertida.

— Estamos e-em Creta? — sussurrei, citando a primeira ilha grega que me veio na cabeça.

Os dois homens franziram a testa para mim. Bom, presumi que Aquiles tenha feito isso. Era difícil ter certeza por causa da focinheira.

Será que aquilo não irrita a pele?

— Não, não estamos em *Creta*. Estamos em Corfu — explicou Pátro, tirando sarro, como se eu tivesse feito a pergunta mais imbecil do mundo. — A Casa de Hades é a dona de Creta, é claro.

Vozes, frio, uma névoa preta por toda a parte, um garoto com chifres socando a própria cabeça durante o massacre.

— Não faça essa cara de nojo — gritou Pátro. — Você não é boa o bastante nem para lamber as botas de Hades ou Perséfone. Eles são os melhores entre os Ctônicos — completou ele, meio melancólico.

Se eles eram os melhores, eu não queria conhecer os piores.

Aquiles se sentou e ficou parado, como se tivesse sido esculpido em mármore. Pátro acendeu um cigarro que cheirava a cravo e tabaco.

Franzi o nariz ao sentir o cheiro.

Pátro soprou fumaça na minha direção e me mostrou o dedo médio.

Fiz uma careta e desviei o olhar.

— Enfim... — disse Pátro, depois de um momento tenso, dando uma longa tragada. — Então, filha de Zeus com uma humana qualquer que provavelmente queria um gostinho da fama, mas acabou na ruína porque ele não quis você, qual é o seu poder? Por favor, nos esclareça. Na verdade, cacete, mal posso *esperar* para ouvir.

— Xingar é sinal de uma mente fraca — sussurrei, depois tapei a boca com a mão, horrorizada por ter dito meus pensamentos em voz alta.

Eu estava perdendo a cabeça.

Pátro cruzou os braços.

— *Xingar é sinal de uma mente fraca* — zombou ele, abrindo um sorriso malicioso. — Cresça e apareça, caralho. Qual é a porra do seu poder? Fale logo, cacete.

Respirei fundo para me acalmar.

— Não tenho nenhum.

O olho direito de Pátro estremeceu, e Aquiles permaneceu imóvel.

— Como... assim? — perguntou Pátro, baixinho, o cigarro tremendo entre seus lábios.

Encarei meus pés.

— Não tenho poderes.

Uma brisa quente soprou do mar e balançou nossos cabelos.

Pátro esmagou o cigarro, entrou na casa e gritou a plenos pulmões em um dos cômodos.

Fiquei surpresa por ele não ter socado a parede como um psicopata.

Ouviu-se um estrondo esmagador e outro grito — lá se foi a parede. *Típico.*

Depois do surto, que durou mais ou menos dez minutos, a Díade Escarlate voltou a se sentar à minha frente nas *chaises*.

— Os Olimpianos sempre dizem que a sensação de seu poder é prazerosa e alegre... Você tem *mesmo* certeza de que nunca se sentiu assim? — perguntou Pátro, coçando os nós dos dedos ensanguentados.

Se for para ser honesta, acho que nunca conheci a sensação de algo "prazeroso". O mais perto que cheguei do prazer foi quando Tim-Tom foi suspenso da escola por uma semana, porque havia cantado "paz, amor e sexo anal" e começado um pequeno motim nos corredores. Sim, isso de fato aconteceu.

O ensino médio era pura esquisitice.

— Sim — repeti.

— Só pode ser piada! — gritou Pátro, se levantando.

Aquiles colocou uma das mãos em sua coxa e o forçou a se sentar de novo.

— Qual é a sensação de usar o *seu* p-poder? — perguntei, porque Nix dissera que era importante puxar conversa em vez de encarar as pessoas em silêncio (não me convenceu muito).

Pátro respirou fundo.

— É... forte — explicou ele, por entre os dentes. — Doloroso e avassalador, de um jeito que os Olimpianos *nunca* irão entender. Mas isso não é da sua conta. — Pátro balançou a cabeça e estreitou os olhos de maneira cruel. — As únicas Ctônicas são herdeiras — continuou ele, com veemência. — Uma mestiça Ctônica é literalmente impossível. Nosso poder te *destruiria* de dentro para fora. Transformaria você em pedacinhos patéticos e cozinharia seu útero. Você não consegue nem imaginar o que sentimos.

Fascinante. Parece um ciclo menstrual comum.

Não que eu tivesse tido muitos. Como passávamos fome, era possível contar nos dedos de uma das mãos a quantidade de vezes que menstruei. Todas elas, porém, foram bastante traumáticas.

— Então, só para deixar claro... — Pátro fez uma pausa e respirou fundo. — Você não tem poderes, não tem treinamento, não tem uma Casa que te apoie, mas tem um histórico de ossos quebrados. É isso que nos oferece?

Também tenho um olho cego e um ouvido surdo, e, certa vez, Tim-Tom me disse que eu tinha o corpo de uma girafa insana. Ainda não tenho certeza se ele quis dizer no sentido de "maneiro" ou de "mentalmente doente".

Os olhos de Pátro tremeram, como se ele tivesse um aneurisma que acabara de romper.

Aguardei, ansiosa.

Infelizmente, ele não morreu.

Não existe mais justiça neste mundo frio e cruel.

Depois de um momento bem demorado de contato visual incômodo, suspirei e acrescentei:

— Tiro boas notas na escola. Eu podia usar isso para ter alguma vantagem.

Pátro cortou o ar com a mão como se fosse uma faca.

— Os espartanos são *famosos* pela inteligência. Você acha que vai ter alguém burro no torneio? — Os olhos dele se arregalaram de medo. — Você ao menos sabe o que *é* o torneio?

Eu sempre soube reconhecer uma pergunta capciosa.

Fiquei de boca fechada.

Pátro cobriu a boca com a mão.

— Você *não* sabe. Não faz ideia do que te aguarda. — Ele se virou. — Ela vai morrer.

Aquiles concordou com a cabeça.

— É o que eu vivo dizendo! — gritou Nix, do quarto.

Pressionei os dedos contra a testa e rezei para um meteoro cair do cinturão de asteroides e me atingir.

Por favor, Deus, me acerte de primeira. Estou pronta.

— Você é patética. É uma vergonha, até mesmo para uma Olimpiana — criticou Pátro. — E olha que isso é difícil.

É, Deus não me acertou de primeira.

— Nunca pedi para fazer parte de nada disso — falei, minha garganta desacostumada ardendo com a força do meu desabafo. — Até semana *passada*, eu achava que era apenas humana.

— Ah, sim — falou Pátro, agitando as mãos no ar. — Deve ter sido *muito* difícil crescer como uma humana mimada, sem *nenhuma* responsabilidade além de ir à escola e viver uma vida deslumbrante. Assim eu vou chorar um rio Estige inteiro.

Cerrei os punhos para me impedir de socá-lo.

Você devia ter ficado quieta.

Nero me lançou um olhar do chão e mostrou os dentes.

Ele me fazia lembrar da Fofinha, só que com presas afiadas, olhos vermelhos, o tamanho de um mamute e a habilidade de rasgar a minha garganta com uma única mordida.

Além disso, ao contrário da Fofinha, o lobo me *odiava*.

Era doloroso de ver.

A quietude se estendeu enquanto Pátro e Aquiles pareciam ter outra conversa silenciosa.

Eu me recostei na *chaise* e fiquei tomando sol (sonhando com a morte e tentando me tornar um alvo maior para o meteoro). *Vamos torcer.*

Pátro se levantou de repente e saiu do deque.

Ergui os olhos. Aquiles estava me encarando.

Ele não desviou quando sustentei seu olhar.

Isso não é um bom presságio.

— Aqui — gritou Pátro quando voltou, jogando dois livros no meu colo.

Um deles tinha um cadáver eviscerado pintado na capa; o outro, o desenho de um elmo espartano.

Algo me diz que essas não são as minhas fanfics de Emmy e Carl.

— Você tem algum l-livro de matemática? — perguntei, antes que me desse conta. Meu nível de estresse estava no auge. Eu precisava de números para me acalmar. E também precisava parar de conversar com o homem que provavelmente surtaria e me mataria.

Pátro fez uma careta.

— Não, porque eu não sou um *fracassado*, pode acreditar. Além disso, a leitura não é para se distrair. — Ele apontou para a capa explícita. — Este é um manual original do fundador sobre o torneio, mas está em latim, então também te dei a tradução.

— Eu consigo ler em latim — sussurrei.

— Ah, sim, claro — zombou ele, sem acreditar. — Vamos nos reunir outra vez depois que você tiver terminado de ler e não for mais uma selvagem ignorante.

Passei os dedos pelas páginas amarelas e ásperas do original. *Quantos anos tem esse livro? Estou segurando a história nas mãos.*

Mal reparei quando os dois homens saíram.

Uma hora depois, eu me sentia enjoada e estava suando.

O latim era difícil, mas dava para entender — infelizmente.

Quem dera eu fosse analfabeta.

O livro havia começado assim:

> Esparta inteira é separada por um único teste mental, no qual a paranoia, a privação de sono e a fome se fazem presentes. Na Academia de Guerra de Esparta, o torneio é o que os outros chamam de "dor" em suas próprias línguas. O rio Estige separa as Dolomitas da Academia; os afogamentos e as corridas separam os espartanos de suas mentes. Entre todos eles, os astutos são os mais corajosos. E, por estarem mais afastados da civilização e dos requintes, suas mentes permanecem intactas quando o restante é destruído.

A coisa só piorou a partir daí.

O livro detalhava *ad nauseam* a importância da dor, do sofrimento, da sujeira, do medo e da fome. Era confuso, porque a história se referia ao torneio como um teste mental, mas sempre o descrevia como uma guerra.

Mais adiante, o livro repetia: "O torneio tem o direito de destruir aqueles aos quais conquista, para que não consigam se proteger de si mesmos. Se é necessário destruir um homem, faça-o para revelar poder. Em qualquer outra circunstância, mate-o."

Encantador.

E no último parágrafo estava escrito: "Não existem deuses estúpidos, porque não existem espartanos estúpidos. Ou o torneio, ou a morte. Não há uma terceira opção."

O suor escorria pela minha coluna. Abri a versão traduzida do livro, na esperança de ter entendido algo errado.

Era exatamente a mesma coisa, mas o autor da tradução usou mais vezes as palavras *massacre*, *sanguinário* e *repugnante*.

Tirei os livros do meu colo, sem conseguir digeri-los.

O torneio parecia quase pior do que o ensino médio.

Deitei-me na *chaise* com Nix enrolada no meu pescoço. O sol se punha no mar Jônico, e um cemitério de estrelas apareceu.

Mal reparei nelas.

O tempo se distorceu ao meu redor.

Grilos cricrilavam e ondas rebentavam na praia conforme eu submergia nos sons da noite.

Quando, por fim, me arrastei até a cama, a mente confusa, cheia de pensamentos angustiantes, escutei um rangido estranho do outro lado da parede.

Um gemido baixo e masculino, depois um grito.

Respirações ofegantes.

Alguém gritou de novo, e parecia sentir dor.

Então, o rangido recomeçou.

Antes que eu conseguisse voltar à consciência e investigar, os pesadelos me alcançaram.

Olhos vermelhos brilhavam na ponta da cama.

Senti um peso no meu tornozelo, e dedos o envolveram como se fossem um torno. Uma sensação estranha de interesse e curiosidade tomou conta de mim. A obsessão me queimou viva.

Esqueletos rosnaram.

A brisa noturna se arrastou pela minha pele como se tivesse garras.

— Você vai sobreviver — ordenou aquela voz rouca familiar. — Fará isso por eles, ou trarei você de volta à vida e te farei desejar que estivesse morta. Depois, obrigarei ele a destruir sua mente. Obedeça. Você não vai querer me testar, carissima.

— Acorde! — gritou Pátro.

Eu me sentei, arquejando.

Caramba, nunca tive sonhos assim antes.

Pátro estava parado perto da cama.

— Presumo que tenha lido os livros que deixei com você — disse ele, sem preâmbulos. — Entendeu como funciona o torneio?

Eu me recostei de novo nos travesseiros e assenti, sem forças.

— Teste mental, dor, sofrimento, fome, paranoia, morte, blá, blá, blá.

Um dia normal morando na floresta.

Pátro bufou e, por um segundo, quase pareceu abrir um sorriso.

— É um resumo bem específico.

Fiz uma careta quando vi sua expressão. Pessoas animadas me assustavam. *Como elas podem se sentir felizes hoje em dia? É sério. Eu quero saber.*

Por sorte, o rosto de Pátro se contorceu de insatisfação (compreensível). Ele colocou um livrinho fino em cima da mesinha de cabeceira.

— Leia este hoje. É sobre as quatro disciplinas do torneio.

Estendi a mão para pegá-lo.

— Você nunca ouviu falar delas — explicou ele. — A grade é mantida em segredo de propósito, para que nenhum novato tenha vantagem. No seu caso, isso vai ajudar. O livro resume os nomes e descreve cada matéria de maneira geral. Não é nada que você, ou alguém da sua idade, já tenha estudado.

Isso despertou meu interesse.

Que tipo de assunto poderia ser ensinado do qual eu nunca ouvi falar? O teste de mérito espartano abordava uma dúzia de matérias diferentes.

Pátro deve ter confundido o meu silêncio com desinteresse.

— Você *precisa* aprender sobre as quatro matérias — insistiu ele, bufando. — *Primeira*, Tágoras, matemática avançada combinada com filosofia. *Segunda*, Mitologia Clássica Esquecida, focada em histórias

arcaicas em latim. *Terceira*, Disciplina e Poder, D e P para facilitar, de longe a matéria mais útil, já que fala sobre poderes, juramentos espartanos, escudos mentais e teletransporte.

— Você disse que eram quatro...

Pátro abriu um sorrisinho.

— A quarta não é bem uma matéria, é mais um desafio demorado. Começa depois do verão. Você deve criar um laço com um animal protetor.

Olhei de relance para o travesseiro debaixo do qual eu sabia que Nix estava dormindo.

— Ah — falei, perdendo o ânimo, porque eu não queria criar um laço com um animal qualquer.

— Como você parece ser filha de Zeus — disse Pátro, franzindo a testa —, e como uma Olimpiana de linhagem poderosa, tenho certeza de que os pássaros vão se agrupar ao seu redor. Então, você escolherá um deles.

Não tive energia para concordar.

Nunca fui muito chegada a pássaros.

Não, não era porque o vizinho Paul (depois de ser acertado com a pá na cabeça) costumava gritar da varanda de seu trailer que os pássaros eram drones de vigilância do governo.

Era só que... ninguém comprovou que pássaros *não* estavam nos espiando.

Além disso, por que eles ficavam sempre voando por aí? Para onde iam? O que faziam? Por que estavam sempre cantando? Era suspeito.

Os gorjeios matinais ressoaram pelas janelas, e eu arregalei os olhos. *Estamos cercados.*

Pátro franziu a testa, como se esperasse que eu dissesse alguma coisa.

— Oba, p-pássaros — falei, hesitante. — Vai, pombos! Eles com certeza *não* estão nos observando e repassando informações para o...

Pátro saiu do quarto.

Que reação estranha, Alexis, até mesmo para você. Menos.

Suspirei, fui até o deque, me deitei e comecei a ler o livro novo.

O tempo voltou a passar com tranquilidade (uma marcha da morte).

Durante os cinco dias seguintes, tomei vários comprimidos nutritivos e meus ossos se recuperaram. A clavícula e as costelas também já não se projetavam tanto. Eu quase parecia saudável.

Um novo medo, porém, devorava meus nervos, porque o torneio — um teste mental semelhante à guerra — se aproximava depressa.

Todas as noites, pesadelos me consumiam, e aquela voz rouca sempre me provocava.

No último dia antes da partida, a Díade Escarlate voltou a se sentar à minha frente na varanda.

Folhas verdes farfalhavam na colina à nossa volta.

O mar cintilava como diamantes.

— Você não vai sobreviver à Academia de Guerra de Esparta sem um poder — explicou Pátro, em um tom sério. — Eles literalmente vão te matar se suspeitarem que você é fraca. Sem mais nem menos. Então, não diga nada a ninguém.

Engoli em seco.

— Meu irmão, Augusto, ensinará D e P este ano — continuou Pátro, com um sorriso afetuoso. — Ele é muito educado e honrado, mas não irá tolerar idiotas. Se você não tem poderes... digamos que é melhor não demonstrar, embora ele costume proteger as mulheres, por causa da nossa irmã, Helena. Ainda assim, Augusto irá explorar suas fraquezas de maneira implacável para te tornar melhor.

Estremeci.

Augusto é o herdeiro Ctônico mais velho, com 31 anos.

Todos, no mundo inteiro, literalmente, conheciam o filho infame de Afrodite e Ares.

Histórias absurdas sobre "a beleza imoral, o poder perturbador e a fúria divina" dele circulavam por aí, mas era famoso pela privacidade, então nenhuma delas chegou a ser comprovada.

Durante anos, a *Estilo Esparta* tentou, sem sucesso, conseguir fotos dele, já que Augusto fazia parte da alta sociedade, a realeza secreta de espartanos que se importava com a honra e a pureza.

São todos loucos.

O vizinho Paul (antes da pá) parecia ser mais equilibrado do que os herdeiros espartanos.

Uma coisa era mais que certa: Augusto *não* era uma pessoa que eu gostaria de conhecer. Como filho de dois herdeiros, ele podia ter escolhido suceder à Casa de Afrodite ou à de Ares, mas fora nomeado herdeiro da última.

Ele havia *escolhido* a Casa da Guerra.

Isso já diz o suficiente.

— A boa notícia é que perguntar para outro espartano sobre o seu

poder, sem a pessoa ter puxado esse assunto, é considerado um tabu — continuou Pátro. — Sua incompetência não será um problema tão grande, pelo menos por enquanto.

— Certo — falei, devagar. — Então, qual é a nossa estratégia?

Os dois homens se entreolharam.

Pátro passou a mão pelo cabelo.

— Você tem que sobreviver — falou ele, dando de ombros.

— Só isso? — perguntei, encarando-o boquiaberta, a raiva tomando conta de mim a ponto de eu cerrar os punhos.

Pátro revirou os olhos.

— Depois das primeiras duas semanas, você terá mais alguns dias de mentoria conosco. Quando já tiver um... *gostinho da nossa cultura*, faremos uma reavaliação. Sobreviva até o final de julho, e aí a gente conversa.

Fiquei com mais raiva.

— Você desistiu — sussurrei. — Nem se deu ao trabalho de bolar um plano.

Os olhos verdes faiscaram como um relâmpago na neblina.

— Não se atreva a me *dizer* o que fiz ou não, porra. Nós temos mais a perder do que você.

Cruzei os braços e encarei meus pés.

— Minha *v-vida* está em jogo.

Pátro se inclinou para a frente.

— Nosso *mundo* está em jogo. Se formos promovidos a generais, vamos ganhar cadeiras na Federação Espartana, e o poder Ctônico vai aumentar. Por outro lado, a sua vida não significa nada para ninguém em Esparta. — O tom dele era cruel. — Cresça e descubra um jeito de mudar isso.

Franzi o cenho, irritada.

— Quero uma estratégia. Agora.

— Quer saber qual foi a *minha* estratégia? — perguntou Pátro, mostrando os dentes. — Ser melhor que todo mundo em todas as matérias. Me destacar como o mais inteligente, o mais forte, o mais rápido, o mais resistente, desde o primeiro dia... Fiz o possível para que eles não conseguissem me ignorar. Eu não podia ficar para trás, porque todos estavam *me* perseguindo.

— O que acontece se você ficar para trás?

Os dois me olharam com pena.

— Eles te matam.

Não existem deuses estúpidos, porque não existem espartanos estúpidos. Ou o torneio, ou a morte. Não há uma terceira opção.

As palavras do livro me assombravam.

Pátro sorriu com malícia.

— Quer saber qual foi a estratégia de Aquiles? — perguntou ele, o tom sarcástico. — A mesma que a minha. Nós fomos os melhores entre os melhores. Algo que uma pessoa como *você* nem consegue imaginar.

Pátro falou como se eu valesse menos que ele.

Como se eu fosse insignificante.

Substituível.

Repugnante.

— Sobreviva — continuou ele. — Se você durar míseros catorze dias, então vamos pensar em um plano.

Pátro se levantou, e Aquiles e os animais foram atrás dele. Nenhum dos dois olhou para trás.

Nunca me senti tão pequena.

Naquela noite, mal consegui dormir.

Antes que o sol nascesse no horizonte, Pátro escancarou a porta do quarto e ordenou que eu me levantasse e me vestisse.

— É uma toga para exercícios — explicou ele, me entregando um pedaço de tecido fino e preto, feito de um material elástico que era macio como manteiga. Nunca havia colocado as mãos em nada parecido.

Parecia um vestido, mas tinha um short e um sutiã costurados junto. *Graças a Deus*. Ele pendia sem mangas sobre os meus ombros, com camadas que se amontoavam na cintura, e o caimento ia até os joelhos.

— Não tem sapatos. Você não pode usá-los durante o torneio — explicou Pátro, depois saiu para que eu pudesse me trocar.

Coloquei as vestes estranhas e conferi se os elásticos de cabelo cobriam as cicatrizes nos pulsos.

— Estou p-pronta — gritei.

Não estava.

A Díade Escarlate segurou meus braços, e nos teletransportamos em uma nuvem de fumaça e dor.

Quando me recuperei, ergui os olhos. Meus pés chapinhavam na grama, e o dourado do Coliseu das Dolomitas cintilava ao longe. Os dois homens já haviam desaparecido.

Estrondos ressoavam cada vez que mentores espartanos chegavam e

partiam.

Depois, só havia silêncio.

Nove garotos formavam uma fila ao meu lado, todos assassinos de sangue frio com a morte em suas mãos.

Apenas um deles usava uma coroa de louros dourada. Dos três herdeiros Olimpianos no massacre, ele era o único que sobrevivera.

Eu me virei… e fiquei sem fôlego.

Uma maravilha arquitetônica fora esculpida na lateral da montanha à nossa frente. Era um edifício com colunas altas, florões dourados, frontões arqueados e fontes de água que se estendiam por centenas de metros acima de nossas cabeças.

Estávamos no gramado da Academia de Guerra de Esparta.

O torneio havia começado.



8
A Academia de Guerra de Esparta

Alexis

Estremeci com o ar úmido da caverna.

Ainda que estivéssemos em meados de julho, as rochas da montanha estavam gélidas sob meus pés descalços.

O general Cleandro — um homem careca e imponente, que usava uma toga preta comprida — nos fez descer uma escadaria baixa, que levava direto para o interior da montanha esculpida.

Um falcão enorme, do tamanho de um cachorro de porte médio, estava pousado em seu ombro, nos encarando com olhos perspicazes.

Bom garoto. Por favor, não use suas garras afiadas para me escalpelar.

O falcão cortou o ar com o bico, como se estivesse sedento por um suco do meu cérebro.

— Que bicho repugnante — sibilou Nix no meu ouvido, e eu tive que concordar.

Na metade da pequena escadaria, um canal estreito foi entalhado na rocha, e velas vermelhas compridas estavam penduradas no teto, a cera pingando na calha.

A luz fraca bruxuleava.

A cera vermelha escorria.

Conforme descíamos na escuridão, uma música comovente ia ficando mais alta. Pela primeira vez em muito tempo, a melodia não estava na minha cabeça.

No final da escadaria, havia um cômodo comprido e espaçoso.

O canal se expandiu em uma piscina rasa e extensa de cera vermelha, com milhares de velas penduradas sobre ela, e um corredor estreito levava a

cinco portas.

Fiquei de queixo caído.

No teto alto acima da piscina, dezenas de esculturas em tamanho real de mármore e bronze representavam homens e mulheres batalhando. Era uma confusão de corpos, espadas e escudos.

O vermelho pingava abaixo da luta das esculturas, caindo das velas na água… *como se elas estivessem sangrando*.

O que havia embaixo, porém, me deixou sem fôlego.

É lindo.

Na piscina, havia estátuas de mulheres musicistas. Enquanto a cera vermelha pingava de seus rostos, harpas e violinos elétricos tocavam em suas mãos. Os vestidos foram entalhados na rocha em camadas primorosas, criando o efeito de estarem encharcados.

Aquilo era arte, além da imaginação.

— Novatos, formem uma fila! — gritou o general Cleandro, a voz ressoando pelas rochas, um contraste agudo à melodia alta tocando atrás dele.

Franziu o cenho para nós enquanto formávamos a fila, as rugas profundas se estendendo pela testa. O homem parecia ter uns 60 anos, o que significava que já devia ter centenas.

— Existem cinco portas — começou ele, gesticulando às suas costas — ao lado da piscina sagrada: uma sala de aula, uma biblioteca, um banheiro, um quarto e um túnel que leva ao cativeiro dos animais.

Seus olhos escuros se estreitaram, e ele caminhava devagar, indo e voltando à nossa frente.

Seja lá o que viu, não o agradou.

Touché.

— ENTENDERAM? — gritou ele.

Meu ouvido esquerdo zumbiu quando o retorno agudo de sua voz distorcida de barítono ecoou mais alto do que deveria ser possível.

— *Sim, general*! — respondemos em coro.

A música ficou mais alta.

Nós esperamos.

As cáligas do general Cleandro raspavam a rocha, e o ar frio do subsolo fazia minha pele se arrepiar.

— *Luctor et emergo* — falou ele, por fim, o tom sarcástico.

Eu luto e me ergo.

Uma nova canção começou a tocar quando o general Cleandro nos encarou com desprezo, e o falcão em seu ombro tinha uma expressão parecida.

A melodia era suave e hipnotizante.

Tudo parecia surreal.

— Humanos — falou ele, cuspindo, como se a palavra fosse nojenta — demoram *oito* semanas para sarar de um único osso quebrado. Também só conseguem ficar *vinte e um* dias sem comer... *dez* dias sem dormir, e apenas... *três* dias sem água.

Chovia cera atrás dele.

As musicistas pareciam chorar lágrimas vermelhas.

Queria chorar com elas.

A luz das velas lançava sombras esquisitas pelo cômodo.

— Vocês são humanos? — O general avançou e gritou bem no rosto de um novato à minha esquerda, a saliva espirrando para todos os lados, as bochechas de um vermelho vivo.

Tecnicamente, nove pessoas entre nós tinham sangue humano, porque éramos mestiços, mas até mesmo eu tinha consciência o suficiente para não dizer isso.

— VOCÊS SÃO HUMANOS? — repetiu ele.

O zumbido agudo no meu ouvido esquerdo ficou mais forte, e eu trinquei os dentes.

— *Não, general*! — respondemos em coro.

Ele voltou a caminhar diante de nós, a expressão fria como gelo.

— Diferentemente dos humanos — continuou ele —, os espartanos podem viver para sempre... Nossos ossos se recuperam em *duas* semanas, conseguimos ficar *sessenta* dias sem comer, *trinta* dias sem dormir e *duas* semanas inteiras sem uma única gota de água.

Ele estreitou os olhos.

— Mas vocês têm apenas 19 anos, e ainda não são espartanos completos. Alguns têm mentes e corpos mais fortes que os outros. Logo descobriremos quem tem as qualidades necessárias.

O general parou à minha frente.

— Você sabe o que acontece quando um humano ultrapassa esses limites, garota? — perguntou ele, o tom deixando claro que eu não era bem-vinda ali.

O sofrimento deles acaba, como deveria ser.

— Eles m-morrem, general! — respondi, mantendo a expressão tranquila e neutra.

À minha direita, um novato soltou uma risadinha ao ouvir minha gagueira, mas mantive a máscara inexpressiva. Estava acostumada a ser ridicularizada, às provocações, aos insultos.

Nix sibilou para ele, mas, como de costume, ninguém reagiu.

Houve um movimento repentino à minha esquerda, perto demais para eu desviar.

Pow. O general Cleandro acertou a cabeça do garoto ao meu lado com um soco. O rapaz caiu no chão com a força do golpe.

— QUAL É A GRAÇA, NOVATO?

O novato cambaleou até ficar de pé.

— Nenhuma, general!

— O QUE ACONTECE — o homem se inclinou para a frente até que seu rosto estivesse colado ao do garoto, nariz com nariz — COM OS ESPARTANOS QUE ULTRAPASSAM SEUS LIMITES?

— Eles entram em coma, general!

— Não. O segredo é que *sobrevivem*, novato! — gritou ele. — Se rir na minha frente de novo, vou arrancar sua língua.

— Sim, general!

Eu me encolhi, tornando-me um alvo menor.

O general Cleandro voltou a caminhar à nossa frente.

— Alguns de vocês se enganam quando pensam que este é um acampamento militar comum, mas *não* é um teste físico humano idiota. É... o teste mais civilizado do mundo. — Ele fez uma pausa. — NÓS SEPARAMOS OS ANIMAIS DOS DEUSES!

As rochas vibraram com a força de seu grito. Precisei reunir todo o meu autocontrole para não cobrir a orelha esquerda e estremecer.

O general Cleandro deu meia-volta e parou na frente do novato loiro com a coroa de louros.

— Cassius Hermes, espero que saiba que ser um herdeiro não significa *nada* aqui — resmungou ele no rosto do rapaz. — Aqui não há desonra, nem regras de ouro extravagantes. Não dou a mínima se você tem uma postura perfeita, veste roupas encrustadas de diamantes, sabe como se portar em uma refeição de catorze pratos ou corteja outro herdeiro com joias antigas para que ele aceite chupar o seu pau ridículo e mole por toda a eternidade. VOCÊ ENTENDEU, HERDEIRO?

— Sim, general! — gritou o novato, a coroa Olimpiana cintilando enquanto ele sustentava a postura perfeitamente imóvel.

Roupas com diamantes e refeições de catorze pratos não existem... certo? E os espartanos trocam mesmo joias por sexo?

Apertei os lábios.

Será que posso fazer isso em vez do torneio?

Infelizmente, a oportunidade de me juntar aos espartanos através do sexo oral — e não competir até de fato morrer — não apareceu.

Desanimador.

— Este é um teste *mental*. — O general Cleandro recuou e se dirigiu a todos nós. — Até o próximo mês de janeiro, vocês não comerão quando estiverem aqui, apenas quando liberarmos. Uma dica: não faremos isso. Vocês também não irão tomar banho, e... ficarão sem dormir até chegarem a segundos da morte. Além disso, caso se machuquem, irão se recuperar sozinhos. Não haverá médicos para mimá-los.

A música mudou, assim como a energia da montanha.

Parecia um mau presságio.

O general arreganhou os dentes.

— A única coisa que farão é estudar até seus olhos sangrarem, e depois — ele abriu um sorriso malicioso — irão estudar ainda mais.

E é por isso que eu evito as pessoas.

— O torneio treina a mente — continuou o homem, ainda sorrindo. — A pergunta que responderemos nesta montanha é: como vocês reagirão quando tudo ao seu redor desmoronar?

O general avançou como se fosse nos bater, e soltou uma gargalhada quando nos encolhemos.

— Se conseguirem sobreviver ao torneio — explicou ele, com uma suavidade traiçoeira —, estarão formados e serão nomeados cidadãos de Esparta. Vocês serão deuses imortais.

O sorriso dele era perverso.

— Mas esse é um grande *se*... Lembrem-se — ele bateu no peito largo com o punho e berrou —, NÃO EXISTEM *DEUSES ESTÚPIDOS*, PORQUE EU ME CERTIFICO DE QUE NÃO EXISTAM *ESPARTANOS ESTÚPIDOS*!

Eu me encolhi outra vez.

Aquilo não era bom.

— Bem-vindos à Academia de Guerra de Esparta. Sigam-me. — O general caminhou a passos largos pela borda da piscina, parou na primeira

porta e abriu-a. — Aqui fica o dormitório.

Dentro do cômodo escuro e de teto baixo, havia somente dez camas de armar espalhadas pelas rochas, nada além disso.

A porta foi fechada na nossa cara.

— Aconselho a nunca entrarem aqui — acrescentou ele. — Não se quiserem sobreviver. Não se deixem seduzir pelo que não podem ter. Isso os tornará mais fracos.

O general foi até a próxima porta.

— Aqui é o banheiro, um privilégio que vocês não merecem. No meu tempo, a gente cagava em um buraco — disse ele, estufando o peito como se tivesse orgulho dessa declaração.

Será que as pessoas estavam bem da cabeça?

O cômodo era minúsculo, sem nada a não ser um vaso enferrujado, que provavelmente me traria doenças, e uma pia quebrada.

— Um luxo — reclamou ele, balançando a cabeça, desapontado. Seguiu para a terceira porta. — Aqui é a sala de aula.

Era mais um cômodo sem janelas e cavernoso. A única diferença era que as velas vermelhas estavam penduradas no teto, contornando a parede, e a cera pingava em uma calha menor. A fumaça das velas pairava pelo teto em uma nuvem indistinta. Senti meus olhos lacrimejarem.

Havia uma mesa com uma cadeira e um quadro de giz na parede dianteira.

Dez pilhas diferentes estavam espalhadas pelo chão, cada uma com um caderno, três livros e uma caneta.

Não havia outras mesas ou cadeiras.

Era árido e frio.

Escuro.

Úmido.

Depressivo para caramba.

Francamente, tem a mesma energia do ensino médio.

— É aqui que vocês passarão grande parte dos dias — comentou o general Cleandro, vibrando com uma alegria mal contida.

Também seria bom se ele recebesse algumas pazadas na cabeça.

O general nos conduziu até a quarta porta.

— Aqui é a biblioteca, o segundo lugar onde passarão a maior parte do tempo.

Inclinei a cabeça para trás, arregalando os olhos.

Era magnífica.

Pilhas altas de livros, cadeiras de veludo, escrivaninhas de mogno e lareiras com chamas bruxuleantes preenchiam o cômodo comprido e apertado. Ao contrário dos outros aposentos, o teto de pedra era ainda mais alto. Velas vermelhas muito maiores pendiam do meio das pilhas, e a cera pingava em uma piscina extensa e estreita.

O perfume de pergaminho velho preenchia o ar, e as labaredas das lareiras afastavam o frio do subsolo.

Era encantador.

Algumas mulheres com togas brancas perambulavam pela biblioteca, colocando livros nas prateleiras e traduzindo textos nas escrivaninhas. Quase chorei ao perceber que não era a única mulher por ali.

— Este é o nosso novo grupo de novatos — anunciou o general Cleandro, e algumas mulheres ergueram o olhar, mas a maioria nos ignorou.

— É bom respeitarem as musas — advertiu ele. — Do contrário, estarão todos mortos.

Definitivamente, *não* era um bom sinal o fato de ele soar esperançoso.

Antes que eu pudesse me render a um ataque de pânico completo, seguimos o general até a última porta, que se abria para um túnel comprido e escuro.

— Como expliquei antes — disse ele, enquanto seu falcão (um drone de vigilância do governo) nos encarava —, o cativeiro dos animais fica no final deste corredor. Mas vocês só verão os bichos em setembro, então esta porta não será muito útil até lá.

Ele fez uma pausa.

— Alguns de vocês não sobreviverão por tanto tempo, então nem precisam se preocupar com este corredor — acrescentou, com um sorriso cruel. — Bom, espero que tenham gostado da nossa excursão. Não tem cozinha nem casa de banho, porque vocês *não* vão comer nem se limpar enquanto estiverem estudando aqui.

A porta se fechou com um baque.

Eu queria chorar.

— Os estudos começam agora. — A expressão dele era perversa. — Vocês terão as matérias: Tágoras, Mitologia Clássica Esquecida e Disciplina e Poder, nessa ordem. As aulas terão durações variadas, determinadas pelos dois professores, e eu irei avisar quando tiverem uma pausa e quanto tempo

ela durará... É tudo muito simples.

Simplesmente horrível.

— Ah, mais uma coisa — avisou ele, se aproximando. — Há três professores convidados na grade deste ano: o general Pine e o general Augusto estarão em sala de aula, e o general Caronte será o responsável pelo circuito.

Os novatos cochicharam ao meu redor, aterrorizados.

Augusto e Caronte, os dois *herdeiros Ctônicos infames, vão dar aula para nós?*

O general Cleandro arreganhou os dentes.

— Aqui nós usamos o método socrático. Vocês serão chamados de maneira aleatória e, se errarem a resposta de uma pergunta, seus mentores receberão um comunicado. Eles conduzirão a turma inteira pelo circuito, que consiste em correr pelas montanhas e nadar pelo rio Estige, onde Caronte estará esperando por vocês.

Houve uma pausa longa e constrangedora.

— Alguma dúvida, novatos?

Alguém choramingou, mas ninguém disse nada. *Quem seria idiota de perguntar alguma coisa para ele? A pessoa seria devorada viva.*

Drex, o outro mestiço abandonado, que eu tinha certeza de que era um Ctônico disfarçado, ergueu a mão devagar.

O general Cleandro arqueou a sobrancelha.

— O quê?

Drex pigarreou.

— Por acaso os Titãs vão aparecer no circuito? Eu não vi nenhuma cerca lá fora que marcasse esta área como protegida.

Boa pergunta.

O general Cleandro caiu na gargalhada.

Depois de cinco longos minutos de risada, ele secou as lágrimas dos olhos e bufou.

— É óbvio que estas terras não estão em uma patética área protegida dos humanos. Nós somos *espartanos*. Os Titãs têm medo de nós, não o contrário.

Os outros novatos deram uma risadinha.

— Entretanto — o general abriu um sorriso cruel —, todos sabem que alguns Titãs... atacam os novatos mais fracos lá em cima das montanhas. Então, fiquem de olho.

Todos pararam de rir.

Cassius ergueu a mão, a coroa de louros cintilando.

— Mas, general, é trabalho dos Ctônicos lutarem contra os Titãs, certo? Não dos Olimpianos, como nós. É para isso que existe a Congregação da Morte.

O sorriso do general Cleandro desapareceu, e ele bufou.

— A questão aqui é separar os fracos dos deuses. Se ter os Titãs capturando vocês ajudar essa causa, então que seja. Entendido?

— Sim, general.

Na verdade, não entendi nada, e tenho muitas dúvidas.

Uma das musas foi até o general Cleandro, e ele se virou para falar com ela. Seu falcão, porém, girou a cabeça completamente e continuou nos encarando.

É, aquilo sem dúvidas é um robô.

— Pelo menos Augusto tem fama de ser honrado e justo — sussurrou um novato à minha esquerda. — Ele é o herdeiro mais equilibrado que a Casa de Ares já teve.

— É, mas a gente vai ter que enfrentar o *Caronte* — retrucou um garoto de cachos castanhos. — Achei que fosse só um boato para nos assustar este ano. Que Cronos nos salve! Ele é quase tão descontrolado quanto a Medusa, e olha que ela se uniu à porra dos Titãs.

Ambos concordaram um com o outro, as expressões sérias.

— Caronte é literalmente *o Caçador* e o soldado favorito de Hades. Por que ele aceitaria trabalhar no torneio?

— Talvez porque seja *louco* e goste de torturar Olimpianos. — Todos os novatos estremeceram de um jeito dramático. — É isso que acontece quando Ártemis decide procriar com Érebo. Dizem que Caronte é mais monstro que humano. Corre um boato de que Ártemis deu à luz a ele para punir os Olimpianos por terem matado suas filhas na guerra. Ele é a vingança dela.

Empalideci. *Isso não me parece nada bom.*

Tim-Tom adorava criar teorias de que a linhagem de criatura de Caronte deu a ele um pau gigantesco. Por outro lado, o padre John dizia que ele era filho do demônio.

Contraí os lábios. Tecnicamente, as duas coisas podiam ser verdade.

Nota mental: começar a rezar pela minha alma.

Com vigor.

O general Cleandro se virou e nos lançou um olhar penetrante, o que fez todos se calarem na mesma hora. Depois, ele nos levou até a sala de aula austera e gélida.

O homem resmungou e se sentou à única mesa na sala — posicionada na frente para que pudesse se assomar sobre nós —, colocando os pés sobre ela.

Constrangidos, nós nos sentamos no chão, ao lado das dez pilhas de livros.

Alguns novatos lançaram sorrisinhos de escárnio para mim e olhares furtivos para o herdeiro, mas a grande maioria encarava a frente da sala com bastante ansiedade.

A tensão era palpável.

A porta se escancarou, e todos pularam de susto.

Um homem em uma toga longa e branca entrou na sala.

— Olá! — cumprimentou ele, sorrindo e acenando.

O novo professor era jovem e parecia amigável, com um rosto bonito, cabelo castanho curto e olhos castanhos gentis. Um corvo preto reluzente estava pousado com tranquilidade em seu ombro.

A expressão simpática parecia genuína.

Que cara esquisito.

— Olá, novatos — repetiu ele, com alegria. — Bem-vindos ao primeiro dia do torneio. Meu nome é Pine.

Ele bateu palmas, animado, como se não fôssemos de fato reféns mantidos em uma caverna contra a nossa vontade.

Eu quero esse antidepressivo espartano chique que ele deve tomar.

— Serei o responsável pelas aulas de Tágoras durante o circuito — explicou ele, dando uma risadinha. — Para alguns de vocês, a matéria é mais conhecida como matemática avançada, ou, como gosto de chamá-la: diversão.

Ninguém riu.

Ele escreveu o próprio nome no quadro em uma caligrafia grande e floreada.

— Assim como a maioria aqui — disse Pine —, sou um espartano mestiço. Porém, *ao contrário* da maioria, sou um mestiço que nasceu em circunstâncias nada comuns.

O olhar dele percorreu a sala, se demorando em mim.

A gente não vai fazer amizade por causa do medo do abandono.

Ele desviou o olhar bem rápido.

— Muito bem, pessoal. — Pine bateu palmas. — Abram na primeira página do livro. Vamos rever os fundamentos da filosofia e da ética da matemática. Na minha aula, esses dois princípios serão combinados em equações gloriosas.

Páginas farfalharam conforme abríamos os calhamaços pesados.

— Não se preocupem — disse Pine, com animação. — Esta não é uma aula simples, na qual a matemática comum e *chata* não tem permanência de objeto. Cada número e símbolo que usarmos estará atrelado a um problema ético da vida real.

Interessante. Quem sabe não será tão ruim?

A julgar pelas testas franzidas e pelos resmungos dos garotos, eu era minoria.

Na mesma hora, Pine começou a resolver uma equação.

Ping. Ping. Ping. A cera das velas pingava em um ritmo relaxante. A música clássica flutuava para a sala vinda do lado de fora, e a cadência da explicação de Pine era agradável enquanto eu fazia várias anotações.

Isso não parece nem um pouco ruim.

— Alessander Poseidon. — Pine parou de explicar e apontou para um novato baixinho, sentado nos fundos da sala. — O que eu acabei de dizer sobre a função do platonismo?

O corvo em seu ombro inclinou a cabeça para o lado, como se também esperasse uma resposta.

O rosto de Alessander empalideceu.

— O senhor disse... que é o axioma da... raiz quadrada?

Pine arqueou a sobrancelha, o sorriso desaparecendo.

— Nem chegou perto.

Ele se virou e assentiu para o general Cleandro, que digitou com alegria em um pager preto e pequeno.

O falcão bateu asas, animado.

BUM.

Em uma nuvem de fumaça, um homem alto de olhos cinzentos apareceu na frente da sala. Um furão cor-de-rosa do tamanho de um gatinho estava agarrado ao seu braço.

Ele havia se teletransportado direto para a montanha.

— Vorex, herdeiro da Casa de Poseidon — cumprimentou o general Cleandro. — Você é o mentor de Alessander, correto?

— *Sim, general!*

Vorex ergueu a palma da mão e curvou a cabeça, a coroa de louros reluzindo até mesmo nas sombras. O furão cor-de-rosa balançou a cabeça para cima e para baixo.

Ah, que fofo.

O general Cleandro o encarou.

— Leve a turma para a primeira volta do circuito. E talvez seja bom aconselhar o seu aprendiz a prestar atenção na aula. Ele é burro pra cacete.

Nada fofo.

— Sim, general!

Vorex lançou a Alessander um olhar cheio de ódio, que prometia retaliação.

Estremeci, porque Pátro não fora fisicamente violento comigo — ainda.

— LEVANTEM-SE! — gritou o general Cleandro, com sua voz retumbante, e nós nos levantamos aos tropeços. O falcão dele piou mais alto. — FORMEM UMA FILA ATRÁS DELE!

Meu ouvido esquerdo latejava de dor.

Seguimos Vorex, que saiu correndo da sala.

— Fique aqui — sussurrei para Nix, forçando minhas pernas rígidas a cooperarem.

As escamas se apertaram ao redor do meu pescoço, e me senti sufocar.

— Não vou te deixar sozinha de jeito nenhum, criança.

Isso era um problema.

Alguns minutos depois, nós saímos da montanha. Precisei me esforçar para me adaptar ao clima quente e à luz brilhante do dia. O sol de julho era escaldante, e a grama chapinhava enquanto corríamos por ela.

Era um contraste impressionante à sala escura e fria.

Vorex pegou um atalho até a montanha mais próxima e nos conduziu pela pista de terra.

Na escola, eu havia participado de uma única aula de educação física na vida. Estava passando fome, e o exercício quase me fez desmaiar, então, durante o resto do ano, eu me escondi atrás de um barracão, resolvendo problemas de matemática.

Eles nunca mais me deram essa matéria.

Agora, estava sofrendo pela minha inércia.

Subi a lateral de uma das Dolomitas. Meus pulmões ardiam, as panturrilhas e as coxas estavam com cãibras e o suor escorria pelo corpo.

Desesperada, agitei os braços para ativar a circulação.

Os outros novatos foram me ultrapassando, um a um.

Nix era um peso morto em volta do meu pescoço.

Na metade do caminho, a temperatura diminuiu e meu suor congelou, fazendo com que fosse mais difícil abrir os olhos.

— Você... está... — arfei — tentando... me... matar?

— Pare de falar! — gritou Nix, de maneira rude. — Você precisa guardar sua energia. Concentre-se, criança.

Minha respiração estava pesada (asfixiada) e me *concentrei* em não cometer sororicídio.

Meus pulmões chiaram.

Vorex gritou alguma coisa, mas não consegui escutá-lo por causa dos meus pensamentos suicidas.

O caminho se estreitou. À esquerda, havia um penhasco acidentado. Um passo em falso e eu morreria. *Assim espero*.

Eu me espremi contra a lateral da montanha, já que o ponto cego à minha esquerda dificultava a avaliação da profundidade.

Um passo na frente do outro. Descer vai ser mais fácil. É só chegar ao topo. Não pare.

Tentei pensar positivo.

Como será que eu invoco um Titã para que ele me mate? Agora.

Não consegui.

A distância entre mim e o último novato estava ficando maior. Cerrei os dentes e corri mais rápido, desesperada para não me perder do grupo.

Nix parecia pesar uma tonelada.

Próximo ao topo da maior montanha da face da Terra, os garotos *finalmente* pararam. Todos haviam desabado, as mãos sobre os joelhos, formando um círculo.

Quando me aproximei, alguns deles ergueram o olhar e me observaram, os olhos cheios de ódio.

— Eu não sabia que uma espartana podia ter uma aparência tão patética — comentou um novato alto e ruivo. — Não era para elas serem incrivelmente fortes e belas? Não me admira você ter sido rejeitada.

Ele tinha *muita* energia de Jéssica e Tim-Tom.

Dois outros garotos do grupo se aproximaram dele e riram.

— Essa foi boa, Titus — comentou um deles.

Eu os encarei, incrédula, os ouvidos zumbindo de exaustão.

Drex revirou os olhos e não se juntou a eles.

— Como é possível que você pareça mais fraca do que um humano? — continuou Titus, mais alto, olhando para mim. — Não tem vergonha?

Ignore-o. Ele não vale o seu tempo.

Ele cuspiu aos meus pés, depois avançou e puxou meu rabo de cavalo.

Cambaleei para trás, me afastando de seu toque repulsivo.

— Como é possível que o seu cérebro seja *menor* do que as suas bolas minúsculas? — gritei com agressividade, balançando o punho para ele.

Na minha cabeça.

Na realidade, eu não falei nada, porque não gostava de interagir com as pessoas. Além disso, não conseguia respirar. Também tinha esse detalhe.

Minhas pernas cederam.

Os joelhos bateram nas pedras frias, e as mãos trêmulas afundaram entre os seixos. Abaixei a cabeça e tive ânsia de vômito. O muco escorreu da minha boca de um jeito bem atraente.

Ah, como é bom ser mulher.

— É claro que você é uma vadia inútil que nem consegue engolir — zombou Titus, e seus cúmplices deram risadinhas.

Meus olhos doeram pela força com que os revirei.

— Quer que eu morda ele? — perguntou Nix, enquanto eu me abaixava e gemia de dor.

— Não — sussurrei.

Ela já matara muitas pessoas para mim no massacre.

Além disso, eu mesma queria enforcá-lo até que a luz de seus olhos se apagasse.

Queria?

Nota mental: exercícios físicos me tornam homicida. Evite tudo que não seja uma caminhada rápida.

Titus disse mais alguma coisa, mas parei de ouvir porque eu tinha livre arbítrio.

Tossi e cuspi mais muco nas pedras.

Será que devo me preocupar por estar com um pouco de sangue?

— É isso aí, coloque para fora — disse Nix. — Respire fundo e com calma. É supernormal cuspir sangue. Muito natural.

— Eu vou te matar — sussurrei, dando um tapa no ar à frente do meu pescoço, como se tivesse visto um inseto. — Deslize até o chão ao meu lado.

Nix grunhiu quando bati em sua cabeça, e as escamas apertaram a

minha garganta.

— Não seja ridícula — sibilou ela, afrouxando o aperto. — Eu não sou um cachorro. Você vai me carregar, sem reclamar.

— Você é terrível — sussurrei.

O garoto que vomitava ao meu lado me lançou um olhar estranho. Fiz uma careta para ele.

— Atenção, todos — disse Vorex, parado com as mãos na cintura, parecendo entediado.

O furão sibilou, mostrando as presas compridas e pontudas.

Ele não estava nem suando. Deus tinha seus favoritos, e eu não era uma.

Outro novato desabou no chão e vomitou.

Compreensível. Coloque para fora, colega.

Vorex revirou os olhos ao nos observar.

— Agora vocês irão *se recompor* e me seguir enquanto descemos a montanha. Faremos outra pausa quando chegarmos ao final, então parem de fazer drama. Esta será a volta *mais fácil* do circuito para vocês. — Ele gesticulou para o sol ofuscante. — O tempo está perfeito.

Aviso: ele era maluco.

O tempo estava horrível. Eu o descreveria como um dia abrasador no inferno antes de chamá-lo de *perfeito*.

Vorex parou de falar e murmurou algo baixinho sobre vadias fracas e patéticas.

Eu teria ficado ofendida, mas estava ocupada demais tentando encontrar minha vontade de viver, como a vadia fraca e patética antes mencionada. A beira da montanha parecia bastante tentadora.

— Vamos! — exclamou Vorex, alongando seu corpo bem musculoso e começando a correr com facilidade pela lateral da montanha, como se não pesasse nada.

O resto do grupo gemeu e o seguiu, e eu obedeci, de mau humor.

Infelizmente, a jornada para o inferno continua.



9
O Torneio

Alexis

Enquanto limpava a saliva e seguia o grupo montanha abaixo (estava quase caindo para a frente, mas ainda assim me mantive de pé), fiz contato visual sem querer com outro novato.

O garoto veio se arrastando até mim, o cabelo loiro cacheado colado em sua pele pálida graças ao suor.

— A gente consegue — disse ele, erguendo a mão para mim. Estava meio ensanguentada de quando ele caíra e se cortara.

Tropecei e cambaleei para evitar apanhar.

Arranhei as mãos nas pedras afiadas enquanto mal conseguia me equilibrar, depois voltei a correr com os pés doloridos.

Houve uma pausa desconfortável, porque a mão dele *ainda* estava estendida para apertar a minha.

Não a apertei.

Ele me lançou um olhar estranho.

Constrangida, corri mais rápido (saí do ritmo de um caracol machucado para o de um caracol mais saudável).

Infelizmente, ele me alcançou e começou a correr do meu lado esquerdo, bem no meu ponto cego.

A inquietação percorreu minha coluna.

O pânico fez meu coração disparar.

— Sou Christos Zeus — disse ele. — É um prazer te conhecer.

Resmunguei e continuei sem o encarar, para ver se ele entendia o recado.

— Alexis, né? Ouvi falar de você. Também sou mestiço. — Apontou para seus cachos encaracolados enquanto descíamos a montanha e acrescentou: — Como todo mundo acha que você também é da Casa de

Zeus, isso nos torna meios-irmãos.

Ele sorriu, como se achasse graça.

Não havia nada engraçado ultimamente. As pessoas precisavam aprender a aceitar a vibração dos tempos sombrios.

Além disso, Charlie estava do outro lado do mundo, e talvez estivesse bem preocupado.

— Já tenho um irmão — sussurrei.

— Bom, mesmo assim, tenho certeza de que seremos grandes amigos.

Christos deu um tapinha nas minhas costas, o que me fez pular de susto. Caí por cima das pedras ao tropeçar, tentando fugir dele.

Ele riu.

Eu não.

— Palhacinho idiota — sibilou Nix.

Eu teria dito algo para concordar, mas estava ocupada demais tentando não *morrer*.

O tempo se estendeu e o sol descia devagar pelo céu. Uma melodia agitada tocava na minha cabeça e aprendi uma coisa muito importante: descer uma montanha correndo *não era* mais fácil do que subir.

Não havia justiça neste mundo cruel.

Horas depois, com as panturrilhas cheias de cãibras e o peito arfando, desabei de quatro no pé da montanha, onde o grupo descansava.

Christos caiu de joelhos ao meu lado.

— Uau, isso foi uma merda — disse ele, tossindo.

Eu me afastei. Minha lista de amigos já estava cheia. Sim, Nix ocupava todos os espaços. A serpente tinha uma personalidade forte (insana).

Titus disse alguma coisa pejorativa sobre as mulheres ficarem melhor de costas.

— De pé! — ordenou Vorex, cedo demais, e eu me juntei ao coro de gemidos.

Ele gesticulou para a água azul-escura atrás de nós.

— Este é o rio Estige. Todos vocês conseguem ver o barco com um homem de pé dentro?

Uma figura alta e de ombros largos estava de pé em um barquinho estreito. Parecia mais uma sombra do que um homem, coberto dos pés à cabeça por uma capa preta que indicava que era metade criatura e segurando uma vara comprida.

— Aquele é Caronte, herdeiro da Casa de Ártemis e o assassino Ctônico

mais letal da face da Terra — explicou Vorex, franzindo a testa. — Se pararem de nadar... se ele pegar vocês... estarão *mortos*. Só o fato de ele ter aceitado ser o barqueiro do circuito este ano é uma *péssima* notícia para as suas chances de sobrevivência.

Na água, o barco de Caronte se virou na nossa direção.

Um rugido de arrepiar ressoou pela montanha. Todos olharam ao redor, em alerta. *De onde veio esse barulho?*

Vorex franziu o cenho.

— Chamam Caronte de Caçador por um motivo. Vocês não vão querer ser capturados por ele. É mais criatura do que homem.

Um novato estremeceu de medo (era eu).

Parecia, porém, que não estávamos assustados o suficiente, porque Vorex continuou:

— É o único espartano que não tem um animal protetor. Querem saber por quê? Porque todas as criaturas monstruosas têm *medo* dele. Caronte é um deles... só que pior.

Do outro lado do rio Estige, Caronte nos encarou e sorriu.

Por acaso ele está olhando para mim?

Dei um passo discreto para o lado e me escondi atrás de Christos.

— Corre o boato de que ele tem uma masmorra em uma *villa* no Lago de Como, onde tortura qualquer um que o irrite — continuou Vorex, com uma careta.

Caronte com certeza ainda está olhando para mim.

Empalideci e fiquei mais escondida.

Por favor, não me leve para a sua masmorra.

— Muito bem. — Vorex deu de ombros. O furão subiu até seu ombro e ficou em pé. — Quero que todos entrem na água e nadem até a Academia.

Ele apontou para a margem mais distante da água agitada, onde mal dava para ver a lateral esculpida da montanha.

Era *muito* longe.

Nix deslizou pela lateral do meu corpo e foi para o chão.

— Vou nadar ao seu lado, criança.

Caí sentada de alívio ao me ver livre de seu peso esmagador, mas não tive tempo para aproveitar.

Christos mais uma vez me ofereceu sua mão cortada e ensanguentada.

Suspirei e aceitei.

Os arranhões em minha mão arderam ao reabrirem.

— O que estão esperando? Vamos! Vamos! Vamos! — gritou Vorex. — Nadem como se suas vidas dependessem disso.

Todos corremos até o rio. A água gelada alarmou meu corpo exausto e o fez entrar em pânico. Foi como cair de cara no concreto.

Uma dor intensa penetrou meu peito.

Com todas as minhas forças, joguei os braços para a frente e bati os pés, lutando para me afastar dos corpos alvoroçados.

Foi uma loucura.

Braços se acotovelavam. Pele batia contra pele. Água espirrava. Mãos puxavam pés.

A dor no meu peito ficou pior.

Encontrei um espaço, agradecendo aos longos dias de verão que passei nadando no lago atrás do parque de trailers, depois que os pais adotivos saíram da minha vida.

Conforme continuei a nadar, essa gratidão morreu.

O pânico no meu coração se transformou em uma dor lancinante.

Estávamos nadando *contra* a correnteza. Na margem, parecera que a água corria preguiçosamente em um movimento lento e tranquilo, mas era o contrário.

A cada braçada, eu virava a cabeça para o lado e ofegava, desesperada para que o ar entrasse nos meus pulmões vazios, mas não era o suficiente.

Lutei contra a água.

Quando girei a cabeça e inspirei, a água entrou pelo meu nariz e eu engasguei. Tossindo, virei de costas. Puxei o ar desesperada, as narinas ardendo.

Ouvi um esguicho alto que chamou minha atenção. Ergui a cabeça e olhei em volta.

Christos estava ao meu lado, esperneando na água, gemendo de dor.

— Socorro! — gritou ele, uma espuma saindo de sua boca enquanto ele se debatia como se agonizasse.

Alguém o está machucando, mas quem?

Ele abaixou a cabeça depressa e me encarou, desesperado.

Tentei alcançá-lo para ajudar.

O garoto se afastou e gritou mais alto, lutando contra um monstro invisível.

De repente, um barco sombrio apareceu, como se tivesse surgido do nada. Arregalei os olhos.

Eu havia encontrado o "*alguém*" que o machucava.

— Nade! — gritei para Christos, desesperada, tentando mantê-lo acima da água.

Ele puxou nós dois para baixo. Quando emergimos, Christos gritou mais alto, debatendo-se na água enquanto lutava contra mim.

— *N-nade* — implorei a ele, gaguejando.

Ele me deu um chute.

Uma capa escura esfarrapada esvoaçou como uma ameaça na brisa da montanha quando Caronte se abaixou dentro do barco.

O pânico fez uma dor incandescente explodir no meu peito. Nadei para longe de Christos, desesperada para aumentar a distância entre nós.

Caronte me encarou. Inclinou a cabeça, curioso, como se observasse algo inusitado.

Olhei ao redor, mas o restante dos novatos nadava a metros de distância.

Caronte olhava direto para mim, com os olhos azuis gélidos.

Fitava meu rosto com raiva.

Concentrado.

Como se fosse me caçar.

Meu coração disparou no peito, e tudo ficou turvo.

Lutei para respirar.

A água me engolia. Quando emergi, os olhos de Caronte estavam cheios de sangue, e seu dedo comprido e pálido tocava a testa de Christos.

O garoto soltou um grito apavorante, como se um único toque o tivesse destruído. Ele se debateu ferozmente e dezenas de pássaros debandaram de uma árvore na margem do rio.

Caronte sorriu, afastou a mão e ficou de pé dentro do barco.

Encarou o garoto que se afogava, sem qualquer compaixão.

Christos choramingava como se fosse torturado por forças invisíveis. O sangue jorrava conforme sua pele era mutilada.

A espuma escorria de seus lábios como dos de uma besta feroz.

Seus gritos se tornaram mais aflitos.

Mais desesperançosos.

A dor agonizante perfurou meu peito.

Christos desapareceu sob a água, e não voltou mais.

Eu queria chorar.

Nós seremos amigos. Por que me recusei a falar com ele?

Devagar, Caronte Ártemis ergueu a cabeça encapuzada e olhou direto para mim, os olhos Ctônicos brilhantes, intensos e cheios de sangue.

O filho de Ártemis e Érebo era o mal encarnado.

Caronte abriu um sorriso mordaz. A proa do barco se virou para mim, a água espirrando em toda a embarcação.

Aquele era o sorriso de um predador que havia agarrado sua presa. *Ele está vindo na minha direção*.

Arregalei os olhos.

— Nade, Alexis — sibilou Nix, próxima a mim. — O mais rápido que você puder. *Agora*!

Ela não precisou falar duas vezes.

Bati as pernas com todas as minhas forças, os braços cortando a água, a cabeça submersa. Fiquei sem respirar por longos minutos.

Nadei como se o diabo estivesse me perseguindo.

E ele estava.

O mundo se tornou um borrão vertiginoso.

Por fim, meus joelhos afundaram na lama quente. Eu me arrastei pela margem do rio para sair da água. Vorex apontou para uma pilha de cobertores térmicos, e os novatos saíram correndo para pegá-los. Não havia, porém, o suficiente para todos nós, e eu não fui rápida o bastante.

Escamas geladas deslizaram pelo meu corpo, e Nix se enrolou no meu pescoço.

Entorpecida, cambaleei até ficar de pé. Manquei até o grupo, a água pingando, o corpo tremendo com os calafrios.

Formamos uma fila na frente da entrada da academia.

O general Cleandro parecia irritado.

— Se eu descobrir que alguém decidiu tentar se livrar sozinho dos colegas mais fracos…

Do que ele está falando? Foi o Caronte. Eu vi. Ele deve ter usado seus poderes de alguma forma para machucar Christos.

O general estreitou os olhos.

— Não vou ficar nada feliz. Vocês não precisam fazer *nada* a não ser se preocupar consigo mesmos. Eliminar os fracotes é o *meu* trabalho… Ou acham que não sou capaz de fazer isso?

— *Não, general*! — respondemos em coro, nossas vozes roucas e duras.

Alguém tossiu água (fui eu).

Em um único dia, tínhamos passado de dez para nove.

Uma sensação penetrante de morte preencheu meu peito.

Como vou sobreviver a este lugar?

A médica dissera que a Casa de Zeus era famosa por seus problemas de fertilidade, e que os novos mestiços enfrentavam dificuldades. Naquele momento, era doentio como as palavras dela soavam proféticas.

Mais um deles havia morrido.

Será que sou a próxima?

— Eu tinha pensado em dar um intervalo para vocês, mas, agora — o sorrisinho do general era cruel —, é melhor irem para a aula de Mitologia Clássica Esquecida com o professor Augusto.

O sol estava se pondo, lançando sombras compridas e sinistras.

— MEXAM-SE, NOVATOS! — berrou o general. — O QUE DIABOS ESTÃO ESPERANDO, SEUS PREGUIÇOSOS? MEXAM-SE, PORRA!

Como era de se esperar, começamos a nos mexer.

Voltamos ao interior da montanha. A cera escorrendo, as esculturas de tamanho real, a piscina comprida e vermelha e a música melancólica me causaram um sentimento depressivo.

O lugar também estava congelando.

Escorreguei e estremeci quando as pedras arranharam os cortes abertos nas solas dos meus pés. Eu me sentei no chão duro da sala de aula (desmoronei, na verdade, mas consegui cair de bunda).

Minhas mãos estavam cobertas de ferimentos. O sangue, a água do rio e o desespero pingavam do meu corpo.

Nossas respirações estavam altas e entrecortadas. De vez em quando, alguém tossia.

O clima na sala era de *sofrimento*.

A porta foi escancarada.

Um homem entrou.

Ele emanava crueldade.

Ao contrário do que ocorreu na entrada de Pine, desta vez todos endireitaram a postura na mesma hora, até o general Cleandro.

Era ele.

O famoso assassino, conhecido por ter poderes obscuros.

O herdeiro da Casa de Ares.

Augusto.

O filho de Ares e Afrodite parecia mais um guerreiro selvagem do que um professor.

O mal encarnado.

Uma cicatriz grossa cortava o topo de sua bochecha direita proeminente e terminava em seu nariz. A cor combinava com a coroa pontuda e cheia de rubis.

Cutuquei meus pulsos cobertos de elásticos de cabelo. O medo tornava difícil respirar.

Sua postura perfeita estendia-se bem acima de nós. Devia ter a altura de Aquiles, e seus músculos poderosos se contraíam conforme ele entrava na sala de aula. Suas mãos, do tamanho de pratos, estavam cerradas em punhos.

Ele tinha uma aura autoritária (aterrorizante).

De repente, beleza imoral, poder perturbador e fúria divina pareciam uma descrição perfeita.

Combinava com ele.

Augusto era um amálgama assustador de qualidades distintas.

A barba escura por fazer cobria o queixo quadrado e áspero. A pele bronzeada se estendia pelas maçãs do rosto cruéis. Sombras se acumulavam nas cavidades de suas bochechas. Seus olhos pretos eram abrasadores. Os lábios se curvavam de um jeito perverso.

O cabelo bicolor era rigidamente dividido ao meio, metade preto e metade branco, e estava amarrado em um rabo de cavalo longo e sedoso.

Sua linhagem ficava óbvia assim que se olhava para ele.

Augusto era letal.

Não quero ficar sozinha com ele em um beco escuro, ou até mesmo em um beco bem iluminado. Na verdade, espero nunca ficar sozinha com ele.

Augusto caminhou devagar até a frente da sala, e os pelos dos meus braços e pernas se arrepiaram.

— Você *realmente* precisa arranjar uma arma espartana — sibilou Nix no meu ouvido, e eu concordei.

Duas vozes sussurravam perto de mim. Olhei para a minha esquerda. Não havia nada ali.

Você está enlouquecendo.

Respirei fundo e me concentrei no monstro à minha frente.

Até mesmo o ar em volta dele era carregado. Um poder sombrio zumbia sob sua pele, e minha boca formigou, como se eu conseguisse sentir seu gosto.

Estávamos dentro de uma montanha, mas, de algum jeito, também

estávamos em uma tempestade de raios.

Augusto *era* a tempestade.

Um animal pequeno e cinzento com listras pretas entrou e disparou pela sala, subindo nos ombros de Augusto. Patinhas envolveram o pescoço largo do professor, e seus olhos eram de um preto profundo como os dele.

O bicho também era fofinho.

Fiquei boquiaberta ao encarar o *guaxinim* empoleirado em Augusto.

Era o protetor Ctônico mais encantador que eu já vira.

— Eu conseguiria comer aquele bicho com três mordidas — sibilou Nix, e dei um tapa discreto nela.

— Você estraga a minha vida — murmurou ela, depois soltou um ronco alto e rouco, caindo no sono de imediato.

Eu invejava seu estilo de vida.

Augusto olhou para nós enquanto o guaxinim adorável brincava com seu cabelo comprido.

— Vocês irão me chamar de professor Augusto — anunciou, a voz sedosa de barítono reverberando pelos meus ossos. — Este é o meu animal protetor, Poco.

Ele se virou para mostrar o animal que eu queria sequestrar e encher de beijos.

— Ele pode parecer inofensivo — alertou Augusto —, mas tomem cuidado. É um animal feroz. Encostem nele e sofrerão as consequências. Não digam que não avisei.

Poco, o guaxinim, olhou para nós de sua posição avantajada, segurando um rabo de cavalo preto e branco, e exibiu uma arcada completa de presas afiadíssimas, que pareciam pertencer à boca de um tubarão.

Seus olhos pretos reluziram quando ele reclinou a cabeça e guinchou.

Evitar o guaxinim raivoso.

Entendido.

— Como a maioria de vocês já sabe — continuou Augusto —, sou famoso pela minha honra. Não vou torturar vocês só por torturar. Tudo o que faremos nesta aula servirá a um propósito.

Os novatos relaxaram. Alguns até sorriram de alívio para o professor, que assentiu para eles.

Pátro disse que ele era educado. Talvez, no fim das contas, a aula não seja tão ruim.

— Vejo que este ano temos uma... garota na turma. — Augusto me

encarou. — Isso é lamentável.

Os garotos deram risadinhas atrás de mim.

A atenção do professor era intensa ao sustentar meu olhar.

— O que você acha de mulheres participarem do torneio?

Ele esperou pela resposta.

— É... bom? — falei, dando de ombros, sem muita certeza do que ele queria que eu dissesse.

Para ser sincera, não sei nem o que é tudo isso.

A expressão agradável de Augusto desapareceu. Uma aversão pura distorceu suas feições.

— Então aquele imbecil teve mesmo uma filha hipócrita igualzinha a ele. Você realmente acha que outras mulheres deveriam ser submetidas a este torneio?

Essa não. Sem dúvidas eu não dera a resposta certa.

Abri a boca para argumentar, mas ela estava seca, e eu estava com vergonha demais para falar.

— Ah, n-não foi... — Lutei com as palavras. — Não foi o q-que...

— Guarde suas desculpas — interrompeu Augusto, erguendo a mão. — As gerações futuras terão que sofrer por causa da sua façanha. Já pensou nisso? Ou é apenas egoísta?

Olhos pretos desalmados me atravessaram.

Hum, não faço ideia do que você está falando. Já pensou nisso?

Cocei os pulsos cheios de elásticos, as dores fantasmas subindo pelos meus antebraços. Então, desviei meu olhar do dele e encarei o chão.

Minha pele se arrepiou diante do peso de sua fúria.

Por fim, depois do que pareceram *séculos*, ele desviou sua atenção sufocante de mim. Girando a toga comprida de um jeito dramático, Augusto escreveu em latim no quadro: "A História do Minotauro."

— Abram na página dois do livro — disse ele, em latim. — A história começa com...

A cera pingava devagar.

Ping. Ping. Ping.

Com os olhos fechados pelo cansaço, segurei minhas pernas trêmulas contra o peito para conservar o calor do corpo enquanto ouvia a história sórdida de Cronos e um Minotauro feroz.

Meu cérebro doía ao tentar entender as palavras ditas em latim em ordem aleatória e uni-las em frases.

Não é à toa que é uma língua morta. Alguém precisa matá-la de novo. Além disso, quem a inventou deveria ser esfaqueado vinte e três vezes nas costas.

O tempo passou.

Eu me obriguei a me concentrar nas palavras.

No meio da aula, porém…

— Alexis — chamou Augusto, de maneira ríspida, mudando de idioma, o que foi impactante. — Qual era a principal função dos Minotauros para os antigos espartanos da Casa de Poseidon?

Poco sibilou em seu ombro.

Abri os olhos.

— Entretenimento.

Augusto soltou um murmúrio pouco impressionado.

— A que *tipo* de entretenimento você se refere? — perguntou ele, me olhando com desdém.

Ele emanava críticas.

Por que todos me detestam? Estou literalmente apenas tentando viver uma vida boa (curta).

Na frente da sala de aula, o general Cleandro se inclinou em sua cadeira e pegou o pager preto. Em seu ombro, o falcão abriu as asas devagar.

— Ou — zombou Augusto —, assim como o seu pai, você acha que já sabe tudo? E, sendo assim, não se deu ao trabalho de aprender as verdadeiras complexidades do latim? Você está sentada aí há duas horas, sem entender nada, mas se achando melhor do que todo mundo, só esperando…

Balancei a cabeça e o interrompi.

— Eles caçavam Minotauros por esporte no labirinto de Micenas, na ilha de Creta. — Com os lábios dormentes, repeti sua explicação antes que ele me criticasse ainda mais. — Os Minotauros, porém, eram criaturas conscientes e se comunicaram entre si a fim de capturar e impedir seus perseguidores. Eles se t-tornaram os caçadores e estraçalharam os espartanos, depois bloquearam a saída do labirinto. Toda vez que eles se curavam, os Minotauros logo os destroçavam de novo.

— *Nunca mais* me interrompa. Você não é melhor do que os outros só porque é da Casa de Zeus — disse Augusto, rígido, enquanto Poco enrolava seu longo rabo de cavalo preto e branco entre suas patinhas.

Alguns novatos soltaram risadinhas baixas.

— Por quanto tempo os espartanos ficaram presos? — perguntou ele, voltando para o latim.

Tive uma crise de tosse (meu pulmão pareceu se desfazer por um minuto).

— Eles ainda estão lá — falei, por fim. — A Casa de Hades nunca permitiu nenhum tipo de resgate.

— Por quê? — questionou Augusto.

Dei de ombros.

— Por que são Ctônicos e o-odeiam a Casa de Poseidon?

Porque são cruéis.

Em vez de zombar da minha gagueira, a turma concordou comigo, e alguns até bateram palmas.

— Ctônicos cruéis e imbecis — murmurou um garoto, que logo engoliu em seco de medo quando Augusto o encarou.

Rugas profundas apareceram na testa bronzeada de Augusto quando ele voltou a se virar para mim.

— Suas respostas sobre o que ensinei estão tecnicamente corretas, mas sua análise foi… *decepcionante*.

A turma soltou um suspiro coletivo de alívio por não termos de correr o circuito outra vez. Lancei um olhar cheio de culpa para Drex, que estava sentado ao meu lado. Ele encarava o próprio livro, ignorando todo mundo.

Ele também é Ctônico, mas salvou você.

Eu me senti constrangida. Suja. Augusto também era Ctônico, e eu acabara de insultá-lo.

Christos gritando enquanto morria, e Caronte sorrindo. A Díade Escarlate torturando um Titã.

A apatia se espalhou.

O padre John disse que o mal era a ausência de Deus e que ele vira o diabo em olhos Ctônicos sangrentos.

Eu também o vira.

Augusto mudou de tema e começou a discursar em latim sobre as sereias e como elas eram criaturas conscientes desenvolvidas, assim como os Minotauros. Suspirei de alívio.

Ele não chamou mais ninguém e sorriu para os outros novatos quando fizeram perguntas.

Augusto não sorriu para mim.

Nenhuma vez.

Não sei bem quanto tempo depois, mas pareceu uma *eternidade*, a aula de Mitologia Clássica Esquecida terminou. O general Cleandro anunciou um intervalo de estudo de três horas antes da aula de Tágoras com Pine.

— Espero que todos passem esse tempo na biblioteca, ou haverá... consequências.

Minha intuição me disse que ele *não* estava blefando, mas eu estava tão cansada e com tanto frio que mal conseguia ficar de pé.

Na biblioteca, me encolhi (me joguei de bruços) em um sofá de veludo carmesim em frente a uma lareira crepitante, que ficava escondida nos fundos, atrás das estantes.

Uma musa bonita, de cabelos longos e cor-de-rosa, guardava alguns livros em uma prateleira ali perto. Ela franziu o cenho para mim, mas desviou o olhar quando a encarei.

A maioria dos outros novatos havia se encolhido em frente às lareiras, mas dois garotos estavam sentados às escrivaninhas compridas de mogno, estudando. Pelo jeito, eram modelos de disciplina e tinham saúde mental e física o bastante para isso.

Não me identifiquei.

Eu nem tinha energia o suficiente para morrer, caso acontecesse (havia esperanças).

Nada teria me impedido de cair no sono.

Nix murmurou satisfeita em volta do meu pescoço, e eu a puxei para perto como se fosse um cobertor.

Tive uma sensação de *déjà vu*. Tudo havia mudado, mas ainda assim *nada* estava diferente. Eu ainda era uma garotinha exausta e rejeitada, cheia de machucados, tremendo em uma caixa de papelão.

— Este lugar é horrível — sussurrei. — Quero ir para casa.

— "Casa" não é um lugar — sussurrou Nix. — É uma pessoa.

Fechei os olhos.

— Isso não faz nenhum sentido.

— Algum dia você vai entender.

E a escuridão me chamou.

10
Tortura

Caronte: Algumas Horas Antes

Eu estava no barco, morrendo de tédio enquanto esperava aqueles garotos idiotas terminarem a primeira volta do circuito.

Quando a federação de repente me forçara a trabalhar no torneio deste ano (uma decisão que eu ainda não havia compreendido), presumi que torturar a prole dos Olimpianos deixaria as coisas mais divertidas.

Eu estava errado.

A monotonia já se instalara.

Meus dedos coçavam com a vontade de pegar minha faca e esfaquear alguma coisa. De preferência, *alguém*.

Queria estar na floresta caçando Titãs.

Precisava disso até para respirar.

Ansiava por essa sensação como um ciclope deseja sangue.

Inferno bocejou de tédio, e Cão se jogou no chão, o que fez o barco balançar.

Sim, eu chamava meus cães do inferno protetores exatamente do que eram. De qualquer forma, ninguém mais conseguia vê-los. Outra vantagem de ter o sangue de uma criatura monstruosa.

Nós três estávamos cansados de ficar parados.

Não fomos criados para ser pacientes.

Fomos criados para atormentar.

A violência e a perseguição significavam tudo. Cada segundo preso naquele barco idiota era um segundo que eu perdia caçando minha presa pela floresta. Seguindo-a durante horas, depois atacando-a quando ela menos esperasse.

Agora eu estava preso no ermo das Dolomitas, girando os polegares.

Fodam-se a federação e suas maquinações políticas. Se pensam que me

obrigar a ser babá de seus filhos me fará ter mais empatia pelos Olimpianos, terão uma surpresa e tanto. Vou matar todos eles.

Para começo de conversa, só o fato de terem nos obrigado a participar da Congregação da Morte já era uma prova de como eram burros. A federação achava que assim mantinha os Ctônicos ocupados, forçando-nos a lutar contra os Titãs para sobrevivermos.

Mal sabiam que era *exatamente* isso que todos nós queríamos fazer.

Estávamos apenas aprimorando nossas habilidades.

Esperando o momento certo.

Ao contrário dos Olimpianos inúteis, os Ctônicos foram feitos à mão pelo próprio Cronos. Nascemos para matar, e somos bons nisso.

Para nós, era um *prazer* massacrar.

Lutar.

A violência era gloriosa.

Endireitei a postura naquele maldito bote que chamavam de barco e encarei a passagem gigantesca da montanha, esperando os Olimpianos desgraçados chegarem para poder torturá-los até a morte.

Estalei os dedos.

Era um absurdo completo que a federação estivesse tentando manchar nossas linhagens Ctônicas ao nos obrigar a casar com Olimpianos fracos, patéticos e chorões. Fazer um voto de casamento e formar um laço entre minha alma sombria e um daqueles imbecis era um destino *pior* do que a morte.

Quando os Ctônicos formavam um laço entre si, ficavam mais fortes, mas, quando se uniam aos Olimpianos, tornavam-se mais fracos.

Era inaceitável.

Eu me recusava a ser privado da minha força.

Os Olimpianos chamavam seus atributos insignificantes de "habilidades", mas nós, Ctônicos, sabíamos a verdade.

Eles não tinham poderes.

Não conseguiam sentir a sede de sangue como nós. Não ansiavam pelos jogos, pela caçada. Não conheciam a glória de estraçalhar a presa com as próprias mãos enquanto seu coração latejava de dor ao usar o *verdadeiro* poder.

Não sentiam a adrenalina de matar, porque não eram predadores como nós.

Os Olimpianos eram os espartanos que não tinham força o suficiente

para controlar o verdadeiro poder.

Quase nem eram melhores do que aqueles humanos patéticos, e, comparados com nossas linhagens ilustres, não eram *nada*.

Cuspi de nojo no rio Estige.

A nova lei do casamento era a prova de como a federação estava ficando desesperada.

Faziam tudo ao seu alcance para nos manter sob controle, porque sabiam que éramos superiores a eles em todos os aspectos.

Era apenas uma questão de tempo até terminarmos o que a Grande Guerra havia começado.

Zeus e os outros líderes Olimpianos mal conseguiam manter seu poder.

Estávamos apenas esperando.

Para atacar.

Eu me empertiguei, e os músculos atrofiados da minha perna direita se contraíram, então girei o tornozelo, tentando aliviar a dor. *Foda-se o Combate dos Gladiadores. Fodam-se os Olimpianos. Foda-se este barco amaldiçoado por Cronos.*

Minha perna ruim era um lembrete.

Mesmo quando ainda era uma criança, a federação tentara me destruir. Naquela época, eu não tinha idade o suficiente para participar do torneio, mas, de acordo com eles, era velho o bastante para ser caçado no Coliseu das Dolomitas e mutilado como uma criatura feroz.

Era isto que os Olimpianos faziam quando percebiam que alguém tinha poder *de verdade*: eles atacavam.

A dor aumentou.

O pânico cravou as garras no meu coração, e respirei fundo para me acalmar. Cocei as marcas em meu peito.

Havia um motivo para eu caçar dia e noite: se parasse de me mexer, voltava a sentir a dor. Relembrava o trauma. Porém, se me mantivesse distraído, não conseguia me lembrar. De *quase* nada.

Trinquei os dentes e esfreguei meus olhos cansados.

Não conseguia me lembrar da última vez que havia dormido. O problema era que, assim que eu me deitava, meu subconsciente me torturava com lembranças cruéis.

Assim, eu ficava acordado.

Não fugia dos meus demônios. Eu os alimentei e me *tornei* o diabo.

Os Olimpianos me deram muitos apelidos.

Vigilante.

Sociopata.

Caçador.

Assassino.

Todos eles eram verdadeiros.

Bati o pé mais rápido e considerei virar o barco na água só para ter o que fazer.

Cão e Inferno ganiram ao se sentarem, bufando.

A vontade de matar *qualquer coisa* latejava dentro de mim como algo vivo e, pela linguagem corporal dos meus cães do inferno, eles concordavam. Não fomos feitos para isso.

O tempo se arrastou.

Brinquei com as minhas facas.

Depois do que pareceram horas, suspirei de alívio quando a prole finalmente apareceu. Cogitei atirar neles por diversão, mas não queria ter que encarar a burocracia.

Cambalearam até o pé da montanha, depois desabaram no chão em diferentes níveis de sofrimento.

Bufei.

O torneio não era *nada* comparado ao treinamento na Congregação da Morte. Eles não durariam um único segundo.

Inferno rosnou baixo e espiou por cima do barco, encarando um dos novatos com os dentes afiados arreganhados.

— O que foi? — perguntei.

Meus protetores rosnavam somente para Augusto, porque cães do inferno são muito territoriais, mas apenas perto de outros predadores. Como estavam no topo da cadeia alimentar, não ficavam irritados com muita frequência.

Inferno arreganhou ainda mais os dentes, e sua cabeça se virou para a figura graciosa ajoelhada longe do grupo, de cabeça baixa. O cão soltou um rosnado agressivo de arrepiar.

Eu me concentrei na figura.

A pele dourada quase brilhava sob a luz do sol.

Os cachos reluziam como seda.

A novata ergueu o olhar. Um olho branco e outro preto me encararam diretamente. As cores diferentes eram impressionantes.

Era *ela* outra vez.

Alexis Hert.

A garota abandonada da qual todo mundo em Esparta estava falando. De quem eu tive que bancar o enfermeiro na cabana que Pátro e Aquiles chamavam de casa, depois do massacre, quando os dois foram chamados para enfrentar Titãs.

Eu imaginara que os cães do inferno tivessem rosnado porque sentiram o cheiro de Augusto em mim, mas, na verdade, fora por causa da garota.

Interessante.

Ela estivera fora de si, perdida no delírio e na dor, mas, mesmo se contorcendo em lençóis ensanguentados, houvera algo *intenso* nela.

Era uma sensação indescritível.

Fosse o que fosse, o reconhecimento se agitou dentro de mim quando segurei seu queixo e lhe dei os comprimidos. A garota tinha uma energia, uma aura que me fez sentir como se já a tivesse conhecido antes.

Ela estivera tão indefesa, totalmente sujeita à minha (inexistente) boa-vontade e, mesmo meio adormecida, havia lutado como uma fera.

Sorri diante da lembrança.

Esparta era pequena, e não havia espartanos e criaturas o bastante na face da Terra que me mantivessem entretido, então era raro eu me interessar por alguém.

Com ela, porém, eu queria brincar.

Mesmo coberta de suor, ajoelhada na lama a alguns metros de distância, havia algo extraordinário em Alexis. Ia além de sua aparência física, que remetia a uma coisa selvagem.

A maneira como ela observava o mundo era intrigante, como se estivesse sempre alerta e surpresa com seus arredores.

A última pessoa que me atraiu desse jeito foi Augusto.

Com ele, porém, fazia sentido, já que Augusto tinha cicatrizes e era atormentado, assim como eu. A rigidez em seus olhos, a escuridão em sua alma, foi o que me encantou primeiro. Semelhante atraiu semelhante.

Alexis, por outro lado, parecia frágil e quebradiça. Seus membros eram compridos e desengonçados, e os olhos, inocentes e grandes.

Ela parecia ingênua.

Como diabos ela sobreviveu ao massacre? A garota parece ter passado fome.

Inferno rosnou mais alto. Cão parou ao lado dele e soltou um uivo de alerta. Seus caninos reluziram quando eles se abaixaram, como se

estivessem se preparando para enfrentar um predador implacável.

Ambos tinham os olhos fixos nela.

Quais são os seus segredos, carissima*? Você é mais do que aparenta?*

Um interesse doentio queimou dentro do meu peito, como uma nova obsessão ganhando vida.

Será que esse ar inocente é fingimento? Será que ela é perigosa?

Abri um sorriso mais largo.

De repente, os Titãs não eram mais as únicas coisas que eu queria machucar.

Como será divertido derrubar suas defesas. Destruí-la e descobrir todos os seus segredos.

Escutei um grito. Todos os dez novatos mergulharam no rio.

Minha atenção foi capturada quando Alexis começou a nadar com habilidade pela água. Eu a segui com o barco, perseguindo-a, o coração apertado de pura adrenalina e antecipação.

Então, um garoto perto dela começou a gritar. Ele berrou mais alto, o som de um animal moribundo, como se algo, *alguém*, o estivesse matando.

Olhei ao redor, procurando o culpado.

Cão e Inferno ficaram enlouquecidos, rosnando e latindo para Alexis, que havia parado de nadar e boiava ao lado dele.

Ela avançou na direção do garoto.

Seu rosto se virou para mim.

Uma *compreensão louca* me atingiu, e perdi o fôlego, como se tivesse levado um soco.

Ah, por Cronos! Ela está matando o rapaz.

O garoto gritou mais alto, como se estivesse sendo estraçalhado enquanto ela lutava com ele.

Seja lá o que Alexis estava fazendo, ela era *muito* poderosa.

A obsessão que despertara mais cedo agora havia explodido em uma fogueira de puro desejo. Ajeitei o cinto para aliviar a pressão crescente dentro da calça.

Puta merda, ela está assassinando o cara.

Ela é perversa.

O garoto gritou mais alto, se debatendo para se afastar dela.

Alexis gritou alguma coisa enquanto o afogava, mas não consegui escutar por causa da pressão nos meus ouvidos.

Eu a vi primeiro!

Ela se libertou do garoto e nadou para longe.

Uma euforia genuína cresceu dentro de mim.

Eu me ajoelhei e toquei a testa do garoto, libertando meu poder para terminar de matá-lo. A dor perfurou meu peito. Os gritos dele aumentaram quando permiti que visse meus protetores. O rapaz se debateu quando Cão e Inferno pularam para se banquetear, mas eu ainda estava concentrado nela.

Um plano se desdobrava na minha cabeça.

Daria certo.

Tinha que dar.

Eu era o caçador da minha geração, porque sabia jogar em caçadas mais longas. Sempre capturava minha presa.

Vou devorá-la.

Fiquei de pé, já me esquecendo do garoto, e virei devagar o barco na direção dela.

Alexis nadou mais rápido, se afastando.

Inclinei a cabeça para trás e caí na risada, perseguindo-a.

Cronos seja louvado. Obrigado por me entregar essa criatura magnífica como um cordeiro para o abate.

Era um dia maravilhoso para ser um monstro Ctônico.

Alea iacta est. A sorte estava lançada.

Era, de fato, um ótimo dia.



11
Inferno

Alexis

O INTERVALO ACABOU! — gritou o general, sua voz reverberando pela biblioteca como uma bomba nuclear, aquelas que os humanos usaram, sem sucesso, contra os Titãs quando eles apareceram pela primeira vez.

Eu me sentei de repente e gemi de dor. Parecia ter sido um sono de meros segundos.

— Mais dez minutos — resmungou Nix, apertando meu pescoço.

Cocei os olhos sonolentos e gemi mais alto ao me levantar.

Cada músculo da minha perna latejava de dor. Cada passo adiante era pura agonia, e eu queria desabar no chão.

Saí do sofá cambaleando e bati com a cara em uma estante.

Ótimo, agora até a mobília está tentando me matar.

Meu olho direito estava embaçado de tanto cansaço — eu tinha, no máximo, trinta e cinco por cento do meu campo de visão —, e meu rosto doía por causa da batida na estante.

— FORMEM UMA FILA, NOVATOS!

A julgar pelos resmungos sonolentos dos outros novatos, eu não era a única que estava sofrendo.

E é claro que o general Cleandro decidiu que aquele era o momento certo para começar um discurso ensandecido sobre a importância de fortalecer a mente e ser resiliente. Em seu ombro, o falcão movia o corpo para cima e para baixo, como se concordasse.

Pássaros são terríveis.

O falcão soltou um grito, e Nix sibilou.

O general Cleandro *continuou* falando sobre ser forte.

Eu, particularmente, preferia ter uma mente fraca. Deixava a vida mais

interessante.

Será que vou me matar hoje de um jeito dramático ou mal conseguirei sobreviver? Todo dia era um mistério diferente.

Não me lembrava de ter caminhado até a sala de aula, mas de repente estava sentada sobre as pedras frias, no mesmo lugar de antes, tremendo e cantarolando para mim mesma. O general Cleandro estava sentado na frente da sala, com aquele pássaro demoníaco no ombro.

O professor Pine desenhava equações no quadro, seu corvo nos encarando enquanto ele ensinava Tágoras. Os números se misturavam em um borrão, e minha caligrafia, que sempre fora caprichada, estava ilegível nas anotações bagunçadas que eu fazia.

Em algum momento, a aula terminou e o professor Augusto entrou para ensinar Disciplina e Poder. Poco vinha saltitando logo atrás, batendo as patinhas pretas como se estivesse animado.

— Existem algumas regras diferentes que orientam as vidas de mestiços e herdeiros — explicou o professor Augusto, falando devagar —, e isso fica ainda mais evidente quando se trata das mulheres, já que são muito raras. Por exemplo, uma mestiça pode até participar do torneio. — Ele olhou direto para mim, a ferocidade reluzindo em seus olhos pretos. — Mas, se uma herdeira fizesse isso, seria considerado uma *enorme* desonra. E se sobrevivesse, o que seria bem improvável devido à educação delicada e refinada que recebem, normas extremas teriam que ser aplicadas para salvar sua honra, como, por exemplo, um casamento arranjado.

Seus olhos estavam repletos de aversão.

Ele está tentando me constranger na frente de todo mundo.

Eu o encarei de volta, inexpressiva.

Eu não tinha honra.

Tudo o que era meu era roubado.

Morei em uma caixa de papelão durante anos.

Tomei banhos em pias no inverno, quando a água do poço ficava gelada demais.

As palavras dele não significavam nada para mim. Na verdade, fiquei feliz por todas as herdeiras que eram proibidas de participar daquele inferno.

Era bom saber que alguém as protegia.

Protejam sua honra, irmãs.

Augusto arqueou uma sobrancelha para mim, depois desviou o olhar.

— Deixando de lado as diferenças de tratamento das raras herdeiras — continuou ele —, existem quatro coisas em comum a todos os espartanos de vinte anos ou mais, sejam Olimpianos ou Ctônicos.

Ele ergueu quatro dedos, os lábios se curvando em um sorriso ao se dirigir ao resto da turma.

Minha cabeça começou a latejar de dor enquanto ele explicava.

— *Primeira*: atingir a imortalidade depois de completar 20 anos — disse ele, abaixando um dos dedos. — Com a idade, nossos corpos se tornam mais fortes e nossos sentidos ficam mais apurados. Mesmo assim, os espartanos não são invencíveis, e podem entrar em coma se estiverem feridos ou ficarem sem comer por tempo o suficiente. Cortar nossos corpos em pedacinhos e espalhá-los por aí também garantirá que permaneçamos em coma.

Por acaso essa opção é de graça? Ou eu preciso pagar?

Olhos pretos ardentes me encararam com desprezo, como se ele tivesse previsto um coma no meu futuro.

Desejo o mesmo.

Seus lábios cheios se curvaram de desgosto.

— *Segunda*... — Augusto abaixou outro dedo. — Inteligência aprimorada — continuou ele, bufando, como se achasse que aquele não era o nosso caso. — *Terceira*: saltar ou se teletransportar pelo mundo. Quando um espartano se teletransporta pela primeira vez, só consegue chegar a um lugar que considera sua *domus*, sua casa. Normalmente é uma pessoa com quem se tem uma conexão muito forte.

Ele franziu o lábio superior ao abaixar o terceiro dedo.

— Não sejam idiotas. O teletransporte espartano é *muito* difícil de controlar. Se a sua concentração se dispersar, você pode acabar no lugar errado, ou seja, no meio do mar na maioria das vezes. Alguns de vocês *nunca* conseguirão se teletransportar. No outono, porém, nos esforçaremos para começar a ensiná-los como clarear a mente... se sobreviverem até lá. — Augusto abaixou o último dedo e prosseguiu: — *Quarta*, e última, os espartanos têm a habilidade única de fazer um juramento.

Eu me balancei para a frente e para trás, tentando me aquecer.

— Os juramentos espartanos são... *extremamente* sérios — explicou ele, a voz de barítono caindo uma oitava em tom de alerta. — O juramento é um laço contratual, que acontece quando um espartano olha nos olhos de outro espartano. Acredita-se que seja uma forma antiga de hipnose, que altera os

caminhos neurais de nossos cérebros. Os dois espartanos devem dizer as palavras em latim para fundamentar o juramento — acrescentou ele, devagar —, e só é possível formar *três* laços, o número de ouro, com uma única pessoa.

Augusto balançou a cabeça.

— Esse costume, porém, é uma relíquia de décadas passadas. Hoje, ninguém forma um laço de boa vontade, a não ser que seja em um casamento espartano ou com seu animal protetor. A imortalidade é um período *longo* e perigoso demais para se ficar preso a uma promessa. É por isso que essa nova lei do casamento deixou todo mundo irritado.

Os garotos sussurraram entre si.

Augusto franziu a testa, os olhos escuros brilhando.

Como ele já passou dos 26 anos, isso significa que terá que se casar este ano? Coitada da esposa.

O professor se empertigou e gesticulou para Poco, que estava roendo um pedaço de giz com suas presas.

Quando o guaxinim raivoso viu que estava sendo chamado, ele se jogou cheio de alegria em Augusto e subiu correndo pelo seu corpo. O bicho se pendurou no pescoço do professor, então balançou a cabecinha para frente e para trás, tentando morder o rabo de cavalo comprido e bicolor.

Beleza, isso é muito fofo, galera. Alguém precisa tirar uma foto.

Augusto suspirou, mas não impediu Poco, como se estivesse acostumado com suas palhaçadas.

— Ganhamos um animal protetor — disse ele, em vez disso —, quando fazemos um juramento espartano. Repito, *se* vocês sobreviverem ao verão, terão acesso ao cativeiro das criaturas, que fica embaixo da montanha. — Augusto estreitou os olhos escuros. — *Não* pensem que ganhar um protetor é fácil. Alguns dos novatos mais fortes da história não se formaram nesta academia porque nenhum animal quis criar um laço com eles.

O professor olhou para mim.

— Os animais conseguem sentir as camadas de poder em nossas veias *e* a natureza de nossas almas. Eles nos enxergam melhor do que nós mesmos — continuou ele, seu olhar tornando-se mais profundo. — No decorrer da história, aprendemos que os animais são capazes de sentir a aura de uma pessoa. É o protetor que escolhe você, *nunca* o contrário, como muitos erroneamente acreditam. Quando fica claro que o bicho quer criar um laço, é necessário encará-lo nos olhos e dizer: *domus*. Se concordar com a união,

ele sustentará seu olhar. Os olhos do animal ficarão da cor dos seus quando a conexão estiver firmada.

Culpei o cansaço ao reparar nas dezenas de veias no antebraço bronzeado de Augusto. Era uma injustiça ser tão atraente.

O guaxinim fofinho pendurado nele também ajudava bastante.

Será que tem algum desenho indecente dele na Estilo Esparta*?*

Quando o orfanato me encontrou, o macacãozinho que eu estava usando também tinha a data 23/01/2080 bordada em linha dourada. Acharam que era o dia do meu aniversário, o que significava que eu era aquariana.

Uma revista antiga da biblioteca dissera que eu tinha uma personalidade independente, leal, tranquila e avoada.

Pelo visto, eu me distraía com desenhos vulgares de genitálias masculinas.

Vou para o inferno.

— Se o animal *não* concordar com o laço, ou enxergar algo em sua alma que ele não goste — disse Augusto, em um tom sério —, sua mente entrará em ebulição de dentro para fora, e então mataremos vocês para acabar com o sofrimento.

Engasguei com a saliva.

Ele lançou um olhar cruel para mim.

Ah, como é que é? Repita essa parte.

— Mas não precisam se preocupar com isso agora — afirmou Augusto. — Se tudo der certo... haverá um dia em dezembro em que todos criarão laços com um animal.

"Se tudo der certo" não é muito reconfortante.

— Chega de falar dos protetores — prosseguiu Augusto. — Todos vocês precisam se concentrar em se conectar com a fonte de seus poderes.

Ele se sentou com graciosidade na frente da turma, e Poco se empoleirou no topo de sua cabeça, deitado entre sua coroa pontuda como um chapéu gigante.

Não deve ser muito confortável.

— Agora, vamos meditar — ordenou Augusto.

Fechei os olhos e, de imediato, entrei em um transe sossegado.

Brincadeira. Eu dormi sentada.

Clap.

Acordei no susto.

— Que experiências vocês tiveram enquanto meditavam? — perguntou Augusto, olhando desconfiado para a turma.

Poco estava de barriga para cima, dormindo em sua cabeça.

Ninguém disse nada.

O general Cleandro pegou o pager preto. O herdeiro alto e loiro ergueu a mão depressa. Era um dos garotos que ficara estudando em vez de dormir durante o intervalo.

Augusto sorriu para ele.

— E você, quem é?

— Cassius, herdeiro da Casa de Hermes — respondeu o novato loiro, descruzando as pernas e mostrando os tornozelos. Asas da cor de sua pele se desprenderam do corpo bronzeado dele e esvoaçaram em seus calcanhares. — Quando meditei, percebi um formigamento gostoso na cabeça. Também *senti* o poder aumentar dentro das minhas pernas.

Boa. Ele tem tornozelos grossos.

As asas esquisitas esvoaçaram mais depressa.

Augusto falou alguma coisa sobre canalizar nossos poderes, mas eu estava muito cansada e com muito frio para prestar atenção.

O professor olhou para mim como se desconfiasse que eu era idiota — o que era irônico, porque Poco estava roendo sua coroa —, e eu me arrependi bastante de ter nascido.

O tempo continuou a avançar em uma marcha displicente.

Disciplina e Poder se misturou à aula de Tágoras, depois Mitologia Clássica Esquecida.

Não fiz anotações.

O ar gélido das montanhas penetrava meus ossos.

Histórias em latim sobre Ciclopes se transformavam em equações matemáticas que previam o futuro, e depois eram substituídas por horas de meditação (dormir de olhos abertos).

Será que estou viva?

Não conseguia me lembrar.

No meio de um momento depressivo, levantei a mão.

— Posso usar o b-banheiro?

Augusto arqueou uma sobrancelha escura, a expressão cética, já que não comíamos nem bebíamos nada há dias, então bufou e apontou para a porta.

— Rápido. E não espere um tratamento especial só porque é uma

garota — zombou ele, e Poco também apontou. — Foi você quem decidiu participar do torneio.

Foi mesmo? Não me lembro de terem me dado uma alternativa. Além disso, desde quando ir ao banheiro é um tratamento especial?

Saí mancando da sala de aula, a pele formigando sob o olhar intenso de Augusto, depois desabei sobre um vaso sanitário quebrado e comecei a chorar.

A ferrugem rasgou minha toga e talvez tenha me dado uma doença venérea, mas nem me importei.

Ele me odeia.

Estou cansada, com tanto frio.

Com tanta fome.

— Não vou conseguir — sussurrei. — Não vou. Não vou. *Não vou.*

Comecei a tremer de tanto soluçar.

— Alexis Hert — chamou Nix, tornando-se visível, os olhos roxos brilhando contra as escamas pretas reluzentes. — Você é a pessoa *mais forte* que já conheci, e olha que já conheci todo tipo de herói espartano.

Meu choro ficou mais forte.

Ela se inclinou mais para perto e sibilou:

— Você ainda é a mesma menina que virou amiga de um monstro e não teve medo. Que lutou todos os dias pela própria vida e pela de Charlie. Você foi forte a sua vida inteira. Não se atreva a desistir agora.

— Você não é um monstro — falei, arfando e limpando o ranho do rosto.

— Criança, nós duas sabemos que isso não é verdade.

— Não quero viver assim — sussurrei, reclinando a cabeça. — Não *consigo*.

Segurei os pulsos, que latejavam com uma dor fantasma.

Era para a vida finalmente melhorar, não piorar.

Não era assim que eu devia estar me sentindo.

Não mais.

Não consigo.

— É temporário. — Nix passou a língua pela minha bochecha manchada de lágrimas. — Faça pelo Charlie. Neste exato momento, ele está esperando a irmã mais velha voltar para casa, para ele. Não o decepcione.

Puxei o ar e descansei a cabeça entre as mãos.

Meu irmãozinho estava assustado e sozinho, morando na floresta.

Recomponha-se, mulher.

Cantarolei alto, pressionei as palmas contra os olhos e me concentrei em uma canção tranquila.

O tempo passou.

Puxando a respiração fraca por entre os dentes, envolvi o antebraço com a tatuagem C+A.

— Eu consigo, *sim* — sussurrei.

— Isso — sibilou Nix. — Você já conseguiu.

Peguei papel higiênico e limpei as lágrimas e o ranho do rosto. Fiquei de pé e manquei devagar até a sala de aula.

Quando desabei no chão, de volta ao meu lugar, o professor Augusto abriu a boca para dizer algo a respeito da minha demora no banheiro. Nossos olhares se encontraram e ele fechou a boca, a mandíbula trincada. Por sorte, não disse nada.

Não sei o que viu em meu rosto, mas o fez ficar em silêncio. Os cantos de seus olhos, porém, estavam crispados, a boca, retesada, como se Augusto estivesse angustiado.

Sequei uma lágrima, balançando meu corpo.

Ele me lançou olhares furtivos pelo resto da aula. Sua expressão foi ficando mais tensa conforme o tempo passava, até que ele se tornou uma nuvem obscura de fúria.

E agora, por que ele está com raiva?

Os professores trocavam de lugar, repetidas vezes, sem parar. As informações nos eram dadas em uma torrente constante de palavras e números.

Não havia mais o significado de "tempo".

— Leo Apollo — chamou o professor Augusto, e eu mal percebi que ele estava falando. — Leo! — repetiu Augusto, suspirando.

O amigo de Titus, um garoto musculoso de cabeça raspada, estava deitado no chão atrás de mim, os olhos fechados.

— Leo — chamou Augusto mais alto, mas o garoto não se mexeu. Com um giz nas patinhas, Poco chiou em cima da cabeça do professor. — Alguém ajude-o, por favor — disse Augusto, balançando a cabeça.

Será que ele está dormindo ou morreu?

— LEO, ACORDE, PORRA! — berrou o general Cleandro, e seu falcão (demônio) gritou como uma banshee.

O barulho fez meu ouvido esquerdo apitar.

Nem um pouco dramático.

Quando Leo acordou, balbuciando, o professor Augusto soltou outro suspiro. Poco ficou entediado e jogou o giz na boca (*eu me pergunto se o gosto é bom*).

O general Cleandro apertou o botão daquele pager preto terrível.

— HORA DO CIRCUITO! — gritou ele, feliz.

O tempo se distorceu. Todos sabiam que no inferno era assim.

Pisquei.

O sol estava escaldante e brilhante no céu, iluminando a lama congelada perto do topo da montanha. No vale abaixo, o Coliseu das Dolomitas era do tamanho de um brinquedo.

Olhei para baixo. Pegadas vermelhas me seguiam nas pedras acidentadas.

Alguém está me perseguindo. Olhei ao redor, nervosa, então fiz uma careta. As pegadas eram minhas.

O grupo avançou devagar, mancando.

Minhas pernas queimavam e os pulmões arfavam.

Rezei com todas as forças, mas, em uma reviravolta bastante irritante, um Titã não apareceu de repente para me assassinar com toda a violência.

Não há justiça neste mundo cruel.

Tempos sombrios, de fato.

Não me lembrava de chegar ao topo, nem de descer cambaleando pelo outro lado, nem de quase me afogar enquanto atravessava o rio de maneira patética, nem de Caronte me encarando enquanto eu me arrastava até a margem.

Ou talvez me lembrasse, mas queria esquecer.

Desta vez, havia cobertores térmicos para todos depois da natação, mas estava cansada demais para pegar um.

Com certa agressividade, Augusto envolveu meus ombros com um dos cobertores e gritou alguma coisa.

Pisquei.

Cambaleamos até a sala de aula. À minha frente, o general Cleandro enfiou copos na cara dos novatos.

Augusto se aproximou e segurou meu queixo com firmeza. Ele derramou a água em meus lábios. Minha garganta estava tão seca por causa da respiração entrecortada que a senti *queimar*. Tentei me afastar, mas ele segurou com mais força.

O restante dos novatos só foi obrigado a tomar um golinho, mas Augusto não me soltou até eu ter terminado o copo inteiro. Ele me lançou um olhar furioso e sussurrou algo em meu ouvido esquerdo a respeito dos Ctônicos. Por sorte, não consegui entender o que era.

— Chegou a hora da primeira prova de vocês — disse o professor Pine, depois de estarmos todos sentados no chão outra vez, seu corvo nos encarando com olhos sagazes.

Pine nos entregou folhas de papel.

Encarei a minha, inexpressiva.

Equações? Com os dedos dormentes, peguei a caneta. Precisei de várias tentativas até que a tinta se fixasse onde eu queria na página.

Escrever um único número demorou um minuto.

Devagar, número por número, fui escrevendo as sequências, seguindo o passo a passo quase sempre baseada na intuição. Eu me lembrava de algumas coisas das aulas de Pine, mas a maior parte era completamente nova. Cada questão estava conectada a dilemas éticos com dezenas de variáveis e etapas. As perguntas faziam a matemática do teste de mérito parecer brincadeira de criança.

— Acabou o tempo! — anunciou Pine. — Larguem as canetas.

Eu mal havia chegado na metade.

O tempo se distorceu.

Pisquei e o professor Augusto estava sentado à frente da turma, meditando com os olhos fechados. Todos os novatos dormiam ao meu redor.

Augusto se mexeu, e a cicatriz que cruzava sua bochecha tinha um tom violento de vermelho.

Seus ombros largos sustentavam sua postura perfeita.

Como eu estava meio deitada, meu peito esquerdo quase encostando no chão, não me identifiquei com a posição.

Semicerrei os olhos para o professor cruel. *Será que os demônios sempre foram tão atraentes?*

Olhos escuros e raivosos se abriram de repente.

— O que… está fazendo? — perguntou Augusto, devagar.

Fechei os olhos com força.

Por favor, que ele não me veja. Por favor, que ele não me veja.

— Como estou sentado bem na sua frente, é óbvio que consigo te ver.

AimeuDeus, ele consegue ler minha mente. Preciso matar nós dois.

Alguém bateu as mãos.

— Alexis, abra a porra dos olhos. Você está falando em voz alta e distraindo a turma. Olhe para mim. Agora.

Abri os olhos.

O estado da turma era tal que dava somente para descrevê-lo como bastante catatônico. *Distraindo eles do quê? Da morte?*

Augusto resmungou algo a respeito de garotas, desonra e o torneio.

— Concordo, amiga — resmunguei em resposta.

O olho direito dele estremeceu.

— Acalme-se — falou ele, o cenho franzido. — Concentre-se em seu coração, encontre sua paz interior.

— Farei isso... capitão — concordei, fazendo uma reverência e batendo com a cara no chão. — Como uma baleia encalhada — continuei, as bochechas pressionadas contra a rocha. — Não se preocupe, a maré vai me puxar de volta.

Rolei e me deitei de lado.

Augusto parecia preocupado.

Imitei o som de uma baleia.

Ele não imitou de volta. *É por isso que eu não converso com as pessoas. Elas nunca me entendem.*

Um músculo na mandíbula de Augusto se contraiu quando ele se levantou, inclinou-se e me colocou sentada.

O garoto na minha frente gemeu enquanto dormia.

Augusto segurou meu ombro com um aperto doloroso e não soltou.

— Você me salvou? — sussurrei para ele.

Cílios surpreendentes de tão longos estremeceram. A expressão dele se suavizou. O aperto afrouxou.

— Você salvou a Grande Berta, a baleia-jubarte.

Ele me soltou.

Deixei escapar o canto (gemido aquático) da minha espécie.

Em uma reviravolta surpreendente, que ninguém imaginava, ele não falou comigo durante o resto da aula.

O tempo avançou.

— Você está bem, criança? — perguntou alguém.

— Quem quer saber?

Olhei em volta, mas não vi ninguém. O novato sentado ao meu lado — *acho que o nome dele é Drex, né?* — me lançou um olhar estranho. Atrás

dele, um garoto encarava o teto de pedra, a saliva escorrendo de sua boca aberta.

— Criança, é a Nix — repetiu a voz estranha. — Fale baixo.

Eu não conhecia nenhuma Nix.

Pine escreveu nomes nos quadros, e um quatro estava anotado ao lado de "Alexis".

Semicerrei os olhos e tentei solucionar aquele quebra-cabeça.

Alexis é o meu nome. Fiquei toda satisfeita por ter conseguido resolver.

— Esta é a classificação de vocês na prova — explicou Pine.

Que prova?

Pine apontou para o garoto babão.

— Iason Athena — disse ele. — Você é uma vergonha para a sua Casa ilustre. Não conseguiu responder nem uma *única* questão de Tágoras. Esse nível de ignorância é inaceitável para um espartano.

O general Cleandro ficou de pé.

— Iason, você vai correr o circuito sozinho — anunciou ele. — Vou liderar o caminho. Vamos, levante-se.

Iason foi arrastado para fora da sala, a boca aberta e os olhos cansados.

Horas depois, o general Cleandro voltou.

Ele estava sozinho.

Os pelos da minha nuca se arrepiaram, mas eu não consegui lembrar por que isso era importante.

Ganhamos um intervalo curto na biblioteca.

Augusto me parou no corredor, a testa bastante franzida.

— Está tudo bem com você, Alexis? — perguntou ele, com delicadeza, e os dedos dos meus pés se curvaram.

— *Que*... "tudo bem" é esse que devia estar comigo? — perguntei, estremecendo quando meus pés ensanguentados se arrastaram sobre o piso de pedra.

A julgar pelo olhar assassino de Augusto, eu não queria saber.

— Guarde seus s-segredos — falei, e dei um tapinha em seu peito perturbadoramente duro.

Augusto encarou o lugar onde o toquei.

Nenhum de nós disse mais nada.

Não conseguia lembrar quem se afastou primeiro (foi ele).

O tempo ficou mais indistinto.

Recebemos mais provas; corremos (mancamos) pelo circuito. Na

lateral da montanha, sob a escuridão da noite, um ponto brilhante cintilava no meu campo de visão. Havia uma luz mais adiante, e estaria quente.

Só preciso chegar até lá.

Nunca cheguei.

A música tocava sem parar na minha cabeça.

Três das minhas unhas dos pés ficaram pretas depois que dei algumas topadas nas pedras. À noite, o rio Estige era assustador. Estava soluçando quando me arrastei para fora da água e subi a margem lamacenta. Duas vozes resmungaram, depois sussurraram na escuridão.

Resmunguei de volta.

A luz brilhante ainda pairava fora do meu alcance.

— Parabéns, você sobreviveu às primeiras duas semanas — falou alguém, mas eu não sabia quem.

Estava tonta e enjoada.

Bang. Pessoas apareceram em uma nuvem de fumaça.

— Por Cronos, Alex, você está bem?

O luar iluminou olhos cor de esmeralda, que se encheram de sangue quando um dedo tocou minha testa.

Odeio esse nome.

— N-não e-estou bem há a-anos — falei, meus dentes batendo com tanta força por causa do frio que minha mandíbula doía.

— Interessante. Ela está dizendo a verdade. — Houve uma pausa. Então, a voz bufou e acrescentou: — Mas nenhum de nós esteve bem.

Alguém colocou um cobertor térmico sobre meus ombros, e a dor gélida se tornou um pouco mais cálida.

O homem bonito com olhos brilhantes como luzes sinistras se voltou para uma focinheira.

Franzi o cenho.

— C-c-cachorrinho b-b-bonzinho.

— Por acaso ela acabou de te chamar de *cachorro*? — perguntou o outro, rindo de maneira sombria.

Senti dor quando mãos envolveram meu braço.

— Vamos embora. *Domus*.

O mundo se distorceu.

A escuridão me sufocou, e a música acabou.

Para sempre.



12
Dias dos Mentores

Alexis

Acorde! — ordenou uma voz.

Gemi e puxei a coberta quentinha sobre a minha cabeça, porém o mais simples dos movimentos fazia meus braços queimarem de dor.

Meu arrependimento por estar viva era profundo (mais do que o normal).

— Já é quase meio-dia — reclamou a voz. — Você tem que acordar *agora*. Precisamos alimentar seu corpo e criar uma estratégia. Nosso futuro depende de você se levantar, porra.

Um homem estava falando, então parei de ouvir.

Os sonhos me chamavam.

Alguém puxou a coberta quentinha. Estava um frio gélido, então enfiei minha cara no travesseiro, procurando calor. Ele também foi arrancado de mim.

Gritei por entre os dentes cerrados e cogitei acordar, mas parecia ser muito trabalhoso. Fui reivindicada pelo sono.

Mãos envolveram minhas pernas e meus braços de forma brusca. Fui erguida no ar, e o cheiro de menta preencheu meu nariz. Alguém me pegara no colo.

A baba escorria pela lateral do meu rosto, e rezei para estar nos braços de Carl Gauss. *Por favor, que ele tenha o pênis num formato normal. Não consigo enfrentar mais um trauma.*

Gemi mais alto quando me sacudiram.

— Calem a boca, pessoal! — gritou Nix ali por perto.

Meu pescoço balançava, sem apoio, e um calor brilhante de repente aqueceu meu rosto.

Escutei um chapinhar esquisito.

De súbito, as mãos me soltaram.

Eu estava em queda livre.

Splash.

Gritei, e bolhas saíram da minha boca.

Submersa e desorientada, comecei a me debater.

Caronte está por perto. Ele vai me matar. Nade. Nade o mais rápido que puder, antes que ele te mate e...

De repente, emergi de dentro d'água.

A luz brilhante do sol queimou meus olhos. Eu me esforcei para recuperar o fôlego e fugir do barqueiro maligno que estava me perseguindo no circuito.

O pânico aumentou.

Eu me debati com mais força.

Minha visão entrou em foco. Fiquei de pé (meio caída, ainda me debatendo) na água azul-turquesa, que batia na altura da cintura e estava quente e tranquila, nada parecida com o rio Estige.

Uma colina verdejante contrastava com o mar reluzente, e uma casa branca grande estava aninhada entre as plantas na orla da ilha.

As portas francesas estavam abertas e conduziam a um quarto familiar.

Ou era uma alucinação, ou eu estava de volta a Corfu, na casa da Díade Escarlate.

À minha volta, o mar Egeu estava calmo.

Cintilante e sereno.

Se eu voltei para os meus mentores, então devemos estar no início de agosto.

O sol brilhante do verão aquecia meu rosto. Nas sombras do deque, uma figura se mexeu. Aquiles tinha uma postura imponente, vestido de preto da cabeça aos pés. Um cigarro se projetava da grade de sua focinheira.

Ele baforou uma nuvem de fumaça.

Sombras se moviam em suas pernas. Nero abanou o rabo, e Popeia me encarou.

As ondas quebravam, e outra figura bloqueou meu sol.

Pátro estava parado acima de mim.

Ele parecia *irritado*.

Abri a boca para perguntar por que ele me jogara no mar, mas um gemido escapou de meus lábios. Minha cabeça latejava, e a visão ficou

repleta de pontinhos brancos.

O mundo girou.

Cada músculo do meu corpo *doía*.

Apoiei as mãos nos joelhos e soltei uma tosse rouca. Respingos vermelhos de sangue deixaram meus lábios, afundando nas águas claras.

A situação toda era demais para suportar.

Desabei de costas no mar, os braços doloridos abertos. Na minha cabeça, eu flutuava em paz. Na realidade, quase me afoguei, porque não consegui encontrar forças para erguer meus quadris doídos.

Uma lágrima escorreu pelo canto do olho.

Se eu não soubesse o que aconteceu, teria presumido que fui atropelada por um caminhão espartano. Parecia que o caminhoneiro havia batido a lateral do veículo em mim, depois passado por cima do corpo, e então saído do carro e pisado no meu...

— Por que está franzindo a testa desse jeito? — perguntou Pátro, interrompendo a espiral dos meus pensamentos.

Grunhi ao tentar respirar.

— Estou traçando o perfil do motorista imaginário que me atropelou com seu caminhão — falei, semicerrando os olhos ao pensar no assunto.

Um pássaro gritou enquanto planava pelo céu sem nuvens, e eu o observei com certa suspeita. *Será que ele está me espionando?*

— Da próxima vez — disse Pátro, devagar —, não me conte.

— Da próxima vez — sussurrei —, não pergunte.

— Que tal da próxima vez você acordar como uma pessoa normal? — gritou Pátro. — Aí não vou ter que te jogar no mar e ficar assistindo enquanto você se *afoga* no raso.

Revirei os olhos suspeitosamente úmidos.

— É só me deixar dormir.

Pátro agarrou meu tornozelo e me arrastou pela água até que eu estivesse ao lado dele.

— Não, você precisa reabastecer seu corpo depois da academia. É o principal objetivo desses três dias de folga. Estou tentando te acordar há *horas*, Alex — resmungou ele. — Nada funcionava.

Eu detestava aquele apelido.

Ele apertou com mais força. "FALSO" estava escrito com tinta vermelha nos nós de seus dedos. Seu polegar roçou minha canela.

Nós dois encaramos o lugar onde ele me tocava.

Então, me senti atingida, com mais força do que pelo meu caminhoneiro imaginário: ele estava me tocando. *Outra pessoa está me tocando*.

Gritei e chutei sua virilha.

Pátro gemeu e dobrou o corpo.

— *Por que caralhos* — resmungou ele, cheio de dor — *você fez isso*?

Eu me arrastei em direção à costa, ainda me debatendo, os músculos contraídos.

— Não me t-toque! — gritei, a voz fraca.

Pátro ficou de pé, a postura empertigada, os ombros largos imponentes — o mar cintilante não o suavizava nem um pouco —, a camisa verde molhada grudada em seu peito esculpido como uma segunda pele. Ela destacava a cor de seus olhos.

Se eu não soubesse a verdade, teria jurado que a estátua de Davi fora baseada em Pátro. A beleza dele era de fato imoral.

Não que eu tenha reparado.

— *Qual é* a porra do seu problema, hein? — gritou ele.

— A raiva é uma emoção secundária — afirmei, prestativa, a voz rouca. Recuei até a areia. — Você devia tentar expressar suas emoções primárias… e não xingar.

As narinas de Pátro dilataram e ele estalou os nós dos dedos.

— Foi uma pergunta sincera. Qual é *a porra da merda do caralho* do seu problema?

Estremeci.

Por que eu continuo interagindo com o assassino psicótico?

Pátro estreitou os olhos.

— Tem algo a dizer?

As feridas nos meus pés ardiam. Continuei recuando pelos seixos no fundo do mar e balancei a cabeça.

A coragem repentina havia desaparecido.

Devia ter ficado calada.

— Você acabou de me chutar, Alex — disse Pátro, a voz fria. — Sua pirralhinha *mimada*.

Não me passou despercebida a ironia de ele ter me chamado de mimada logo depois de falar aquele apelido horroroso que *os pais adotivos* costumavam usar.

— Por favor, não me chame por esse apelido — pedi, baixinho.

— Me dê outro chute desses — alertou Pátro, avançando pela água rasa —, e eu quebro a porra da sua perna. *Alex.*

Eu não compreendia como o mundo conseguia endeusar o homem cruel que estava na minha frente. É claro que era interessante olhar para ele, mas admirar o magma também era, até ele começar a queimar as pessoas vivas.

Alonguei minhas pernas doloridas. Uma mancha escarlate subiu pela água graças às feridas abertas em meus pés. Tentei fingir que não estava prestes a desmaiar e me afogar.

Lembranças cruéis se repetiam sem parar no meu subconsciente.

Pátro deu mais um passo à frente, chegando perto o bastante para me atacar. *Recuar, recuar.* Eu me virei e saí correndo (manquei devagar) pelos seixos da beira da praia, subindo o deque.

Deixei uma trilha vermelha em meu encalço.

Peguei uma toalha na cadeira mais distante de Aquiles e fiquei atrás da mobília e de Nero, a cabeça inclinada para conseguir vigiar os dois homens com meu olho direito.

Eu me preparei para gritar por Nix.

Quando Pátro atacar, vou jogar a cadeira na cabeça dele.

O filho de Afrodite subiu o deque, e eu colei o corpo na parede próxima às portas francesas.

Nero virou a cabeça para o lado e me encarou como se perguntasse: *qual é o seu problema, mulher?*

São tantos.

Ele arreganhou os dentes e grunhiu, como se quisesse me atacar.

Fiz uma careta.

— Você é muito dramática. Não vou te machucar, Alexis. — Pátro revirou os olhos, e Aquiles lhe entregou uma toalha. — Pelo menos não agora.

Pátro avançou na minha direção, e dei um grito.

Ele caiu na risada. Apertei meu peito.

O imbecil está me provocando.

De repente, aquelas crenças antigas de que as mulheres tinham problemas de "histeria" não pareciam tão improváveis.

Eu conseguia entender.

Por exemplo, eu era uma mulher e estava histérica.

Depois de parar de provocar meus nervos sensíveis, Pátro se apoiou na

parede ao lado de Aquiles e sussurrou algo em seu ouvido. Pátro ficou na ponta dos pés para falar com ele, e a linguagem corporal dos dois parecia quase... carinhosa.

Só *quase*.

Quando os homens me encararam, desapontados, eu me encolhi e tentei parecer indiferente (infelizmente, nunca consegui relaxar um único dia da minha vida para saber agir assim).

— Quando foi que cheguei aqui? — perguntei, numa tentativa patética de quebrar a tensão.

Quando olhei para o interior da casa arejada, porém, a dúvida tomou conta de mim.

Será que havia imaginado tudo o que aconteceu na montanha?

Será que tudo não passou de um pesadelo?

Os olhos de Pátro cintilaram enquanto ele secava o cabelo curto e cacheado com a toalha.

— Na noite passada, você completou as duas primeiras semanas na academia — explicou ele, falando devagar, como se eu fosse uma idiota.

Estava prestes a fazer uma careta e zombar dele, mas meu instinto de autoproteção falou mais alto. Mantive uma expressão neutra.

Uma melodia suave tocou em minha mente, e eu cantarolei.

Pátro me lançou um olhar desinteressado, como se conseguisse enxergar através de mim.

— Fomos te buscar ontem à tarde. Depois de correr o circuito, você começou a delirar e estava coberta de lama. Não reconhecia ninguém. Trouxemos você para cá e te demos um banho aqui fora — contou ele, e ergueu uma das mãos. — Não surte. Ninguém tirou suas roupas.

Ele ergueu as sobrancelhas, como se eu devesse agradecer por terem me dado um banho de mangueira que dariam em um animal selvagem (eu estava grata, sim).

Minha gratidão, porém, ia somente até certo ponto, já que eu havia sido torturada até perder a consciência.

— Você dormiu por mais de doze horas — acrescentou Pátro, franzindo a testa. — Só temos mais dois dias e meio para planejar alguma coisa antes de você voltar para a academia.

Meu estômago se revirou.

— Não quero voltar — sussurrei.

Por favor, não me obriguem. Por favor. Eu faço qualquer coisa.

— Essa opção não existe. Cresça. — Pátro jogou a toalha em um canto. — Vamos comer. Estou morrendo de fome.

Ele se afastou e entrou na casa, como se a conversa tivesse terminado.

Choraminguei.

Aquiles seguiu Pátro até o interior da casa, baforando uma nuvem de fumaça com cheiro de cravo que saiu pela grade de sua focinheira.

— Esse hábito pode te m-matar — falei, seguindo-o.

Depois de anos alertando Charlie sobre o perigo de usar drogas, esse comentário estava arraigado em mim.

Aquiles olhou por cima do ombro. De perto, seus olhos eram de um tom de vermelho extremamente desconcertante.

Ele também tinha "Pátro" tatuado com tinta vermelha na lateral do pescoço.

Envolvi o antebraço onde estava tatuado C+A. Era uma coincidência esquisita que nós três tivéssemos nomes de pessoas em nossos corpos, mas isso não fazia eu me sentir mais próxima deles. Na verdade, apenas destacava os mundos diferentes de onde viéramos.

Charlie era humano.

Ele estava desabrigado.

Morava em uma caixa de papelão, estava sozinho, e talvez sentisse saudades de mim como eu sentia dele.

Eu estava convivendo com bilionários imortais.

Aquiles bufou e se virou para a frente.

Nunca mais vou falar em voz alta. Não vale a pena.

Segui os dois por um corredor estreito.

Os tetos eram baixos e o chão era de uma cor vívida de nogueira que refletia a luz cintilante do sol, entrando pelas janelas em arcos. Chegamos a uma cozinha rústica e ampla, que tinha uma janela larga e sem vidro com vista para o mar azul-turquesa.

Eu não sabia que uma casa podia ser tão bonita.

Em um balcão de madeira, uma jovem de avental colocava pedaços de fruta em uma tigela. Ela sorriu meio tímida para os homens, olhou para mim com curiosidade e depois saiu depressa do cômodo.

Aromas frescos preenchiam o ar. Pilhas de comidas que não reconheci estavam dispostas em uma mesa de pedra comprida. Pisquei, mas o banquete espetacular não desapareceu.

Eu queria chorar.

Do outro lado do mundo, Charlie estava contando cupons de comida e racionando uma única caixa de cereal durante semanas. Ele estava deitado e acordado debaixo de uma lona, tentando ignorar a sensação torturante da fome contínua.

E ali estava eu, parada na frente de comida o bastante para alimentar um vilarejo.

Comam os ricos!

Não havia justiça no nosso mundo infestado de Titãs.

— Você precisa comer o máximo possível para se reabastecer e enfrentar as próximas duas semanas de fome — disse Pátro, e ele e Aquiles se sentaram e se serviram em uma demonstração natural de gulodice.

Aquiles comia pedaços pequenos através da grade da focinheira.

Manquei devagar pelo cômodo, tonta, os membros doloridos formigando como se eu estivesse em uma experiência extracorpórea.

Um barulho abafado à minha esquerda me fez pular de susto.

Outra jovem sorria para mim, limpando o chão onde pisei. Ela franziu o cenho, como se esperasse uma resposta, mas, antes que eu pudesse decidir o que fazer, saiu correndo com o esfregão ensanguentado.

Me sentei à mesa ao lado dos homens (tropecei na direção da cadeira e consegui me sentar de algum jeito).

Minha mente ficou vazia quando a fome tomou conta de mim. Comecei a enfiar comida na boca o mais rápido possível, tentando provar cada delicioso...

Pisquei.

O tempo passou.

Meu estômago se revirou. Abracei uma lata de lixo no canto da cozinha e vomitei dentro dela. Lágrimas escorriam pelo meu rosto. Alguém falou alguma coisa, mas não consegui ouvir.

Nunca comi uma refeição tão farta na vida, e por isso meu estômago me castigou.

Depois de um tempo, voltei para a mesa.

Estava tonta, enjoada, indisposta, exausta, deprimida e catatônica — exatamente como havia me sentido depois da única aula de educação física que fiz na escola. Encarei a comida.

Com dedos trêmulos, peguei uma frutinha roxa e mastiguei devagar.

Hesitante, peguei outra fruta, depois mais uma.

Três horas depois, eu havia comido frutas, queijos e carnes o suficiente

para me sustentar durante meses.

Quando terminei de me empanturrar, Pátro e Aquiles ainda estavam sentados do outro lado da mesa com expressões irritadas. Bom, presumi que Aquiles estivesse irritado. Era difícil dizer com aquela focinheira.

Ainda queria pegá-la emprestada.

Suspirei e afundei o corpo na cadeira (quase caí, mas a ponta da mesa me segurou).

— O que foi? — perguntei, enquanto eles me encaravam.

Pátro deu uma risadinha.

— Você tem o estômago mais fraco que já vi na vida, e seus hábitos à mesa são ainda piores. Precisa parar de ser tão dramática e gulosa.

Eu o encarei, inexpressiva.

O homem persiste em sua audácia.

Pátro bateu palmas e assentiu, como se tivesse chegado a uma conclusão.

— Estamos fodidos. Entre tantas criações de Cronos, como foi que conseguimos ficar presos a uma aprendiz igual a *você*? Deve ser uma piada de mau gosto. Você é a espartana mais patética que já conheci.

Uma sensação forte perfurou meu coração.

Eu estava cansada de ser rotulada por todos como desajustada.

Algo se partiu dentro de mim.

Entrelacei as mãos trêmulas e as apoiei sobre a mesa.

— Deve ser bem trágico — sussurrei — ter o destino de vocês como generais nas minhas mãos patéticas.

Ambos os homens estreitaram os olhos de maneira perigosa.

Aquiles baforou fumaça por entre as grades da focinheira. Seus olhos escarlates ardiam. *"Vamos matá-los mais tarde",* sinalizara ele de maneira casual.

Eu não estava enfrentando homens.

Estava enfrentando monstros.

— Você está nos ameaçando? — perguntou Pátro, baixinho.

— Qual é a minha estratégia? — retruquei.

As narinas de Pátro se dilataram, e ele segurou a mesa como se estivesse prestes a jogá-la na minha cabeça.

— Seduza os outros novatos — disse ele, por fim. — Distraia-os para que cometam erros.

O quê?

— Não. Prefiro morrer — falei, com sinceridade.

— Podemos resolver isso — rebateu Pátro, avançando na minha direção de um jeito ameaçador, mas, desta vez, não me encolhi.

Pode me bater.

Eu te desafio.

Você não é o primeiro.

— Então v-vá em frente — falei, em um tom frio sobrenatural, e tudo ficou entorpecido. — Me mate. Agora.

Por favor.

Pátro inspirou por entre os dentes e flexionou as mãos, como se tentasse não me estrangular.

Nada aconteceu.

Covarde.

— Quero uma estratégia de verdade — sussurrei.

Pátro deu um soco na mesa.

— Existem apenas *três* estratégias — resmungou ele. — Fodê-los, matá-los ou superá-los. — Seus olhos verdes brilharam. — Como você não consegue superá-los e *se recusa* a fodê-los, terá que MATÁ-LOS — concluiu ele, arfando e se recostando na cadeira.

Aquiles cruzou os braços, os bíceps saltando de maneira obscena. Ele me lançou um olhar afiado.

A vontade de morrer aumentou.

Olhei para eles, boquiaberta, sem acreditar.

— Qual é mesmo o objetivo de serem meus m-mentores? Vocês são inúteis.

— Ah, que gracinha — disse Pátro, irritado. — Olha quem fala, a mestiça abandonada. Você *nem devia existir*. Ah, mas espere aí...

— Infelizmente, eu existo — murmurei.

Pátro puxou o próprio cabelo.

— Herdeiros e mestiços espartanos são criados treinando para o massacre e para a academia de guerra desde o berço. Os únicos mestiços abandonados que por acaso sobrevivem são os que têm poderes *insanos*.

Drex erguendo a mão, o brilho vermelho na névoa, três garotos caindo de joelhos, gritando.

— Mas você — Pátro olhou para mim — não tem poderes. Para ser sincero, me surpreende que tenha sobrevivido às duas primeiras semanas. E ainda não acredito que tudo não passou de uma puta sorte.

Minha vida inteira tem sido na sorte.

De alguma forma, minha vida desafia todas as probabilidades matemáticas e sempre fica pior.

— Talvez — falei, devagar — eu não... sobreviva à próxima semana.

Um momento se passou enquanto minhas palavras eram assimiladas.

A crueldade cintilou nos olhos de Pátro.

— Você ainda está nos *ameaçando*?

Ele se inclinou para a frente por sobre a mesa. Aquiles cerrou os punhos.

Uma melodia sinistra tocou em minha mente.

Pela primeira vez na vida, eu me senti perigosa, como se estivesse brincando com um fósforo aceso em cima da gasolina.

Esta é a sensação de ter poder. Gostei.

Aquiles abriu as mãos, colocou uma delas sobre o ombro de Pátro e o puxou para trás. O homem de focinheira massageou a coluna dele para acalmá-lo.

Pátro se inclinou em direção ao toque.

— Não se atreva a tentar sabotar tudo o que nós...

BOOM.

A fumaça saiu do corredor e entrou na cozinha.

Ah, ótimo, outro espartano se teletransportou para a casa. Devem ser aqueles médicos idiotas. Bom, tomara que ainda estejam vivos.

Uma figura alta com uma capa preta esfarrapada entrou na cozinha.

— Queridos, cheguei — zombou uma voz rouca masculina.

Não.

Não pisquei.

Não me mexi.

Não respirei.

A cabeça encapuzada do recém-chegado roçava o teto. Ele era alto e largo, rivalizando com o tamanho de Aquiles e Augusto.

— Ora — falou ele, com uma risadinha sombria —, que cena *acolhedora*.

Por favor, Deus, me mate.

Seja rápido.

Caronte — o Caçador, um dos dois únicos herdeiros Ctônicos do mundo, o filho de Ártemis e Érebo, mestiço, o assassino de Christos — afastou o capuz da capa preta de criatura.

Uma coroa de prata coberta de rubis estava no topo do cabelo preto bagunçado.

Engoli em seco.

Os olhos de um azul gélido ardiam. A pele pálida se estendia por maçãs do rosto proeminentes, e sombras escuras preenchiam seu rosto liso perfeito.

Pátro tinha uma beleza clássica. Caronte era atraente de um jeito *perturbador*.

Dentes brancos reluzentes brilharam quando sorriu. Aquela era a mesma expressão cruel de quando assistira ao afogamento de Christos.

Ele tinha o cheiro de uma tempestade violenta — chuva com pitadas de sal —, de um furacão.

Da morte.

— Não estávamos te esperando — disse Pátro, surpreso. — Você veio reclamar da nova lei do casamento? Tecnicamente, você *e* Augusto precisam se amarrar este ano por causa da idade. O que vão fazer?

Caronte abriu um sorriso sombrio.

— Ah, não estou preocupado. Acho que encontrei uma… solução.

— Qual? — perguntou Pátro. — Eles fizeram uma lista com todos os nomes. Não há *brechas*. Você não pode se casar com Augusto, ou com um de nós dois, ou com a Helena. Está preso a um Olimpiano ou a uma criatura, e *todas* as escolhidas estão nas mãos dos Olimpianos.

— Está me pedindo em casamento? — perguntou Caronte a Pátro com uma risada sinistra. — Sem querer ofender, mas vocês não são meu tipo. Prefiro que meus amantes tenham mais sede de sangue.

Pátro deu um empurrão em seus ombros, mas um rubor escuro subiu pelas bochechas dele.

Encarei-os, boquiaberta.

Por acaso Pátro não tem sede de sangue o bastante para ele? Com quem ele quer se casar? Com o diabo?

Caronte apoiou o quadril de leve na beirada do balcão e pegou um pão doce.

— Só posso dizer que há uma brecha em potencial. Estou de olho em alguém. Até dá para dizer que estou meio… obcecado.

Ai, por que ele está olhando para mim?

Sua capa se abriu, e a palavra *Furia*, em latim, estava tatuada em sua garganta.

Significava fúria, mas eu já vira outra tradução em algum lugar. Só não conseguia lembrar qual era. Algum tipo de gíria.

Tentar lembrar me deixaria louca.

Uma camisa branca de seda estava abotoada sobre seu peito largo, e botões de diamantes azuis cintilavam ao sol, sem conseguir segurar muito bem o tecido esticado.

Os coldres de armas também se esticavam sobre suas coxas enormes, guardando armas e uma faca que parecia perversa. As calças caras tinham um caimento perfeito.

Sua adaga estava coberta de sangue fresco.

Não sei por quem ele está obcecado, mas essa pessoa devia se matar com urgência.

— E então, o que eu perdi? — perguntou Caronte, devagar.

— A Alex aqui... — começou Pátro.

Ergui o olhar para o meu mentor, apavorada. *Por que ele está chamando atenção para mim*? *Socorro!*

— ... tinha acabado de nos ameaçar. — Pátro abriu um sorrisinho cruel para mim enquanto falava com Caronte. — Ela estava dizendo que ia morrer de propósito para a gente não virar general.

Mordi o lábio inferior e senti gosto de cobre.

Caronte mastigou com calma.

— É mesmo? — perguntou ele, devagar, a voz rouca reverberando pelo cômodo como um alerta. — Que... interessante.

Visualizei imagens rápidas de sangue se espalhando enquanto um predador se banqueteava com a minha carcaça.

Caronte não teve reação, *nenhuma* reação. Algo cruel borbulhava sob aquele disfarce.

Havia uma característica feroz em suas maneiras, como se ele estivesse a um movimento em falso de se livrar da fachada formal e sair em uma matança desenfreada.

— Eu estava b-brincando — falei, forçando uma risada deplorável.

Caronte engoliu, e as palavras oscilaram em sua garganta.

— Assim espero — disse ele, baixinho, lambendo o açúcar do polegar.

Suas unhas estavam pintadas de preto e havia um esqueleto tatuado nas costas da mão direita.

Olhos azuis gélidos sustentaram meu olhar.

Calafrios explodiram pelo meu corpo.

Por algum motivo, ele me encarava com total concentração, como se estivesse tentando enxergar a minha alma.

Encarei a mesa. Meu pescoço formigava sob o peso de seu olhar cruel, e minha vida inteira passou diante dos meus olhos.

— Hades — murmurou Caronte — quer que eu revise informações e estratégias com vocês dois a respeito de movimentações de Titãs antes de sairmos na próxima missão.

Ele está falando da Congregação da Morte.

— Nos próximos dias, vou dormir umas noites aqui no meu quarto, nesta cabana adorável — acrescentou ele. — Enquanto meu parceiro está ocupado com outras coisas.

Cabana? Esta é a casa mais bonita que já vi. Ele devia ver onde eu moro.

As cadeiras arranharam o piso quando meus mentores se levantaram. Inclinei a cabeça para o lado, a fim de mantê-los em minha visão periférica, e continuei sentada.

Pátro fez uma reverência profunda para Caronte.

— Ficaremos encantados com a sua companhia. Nós *vivemos* para servi-lo, ó grande e terrível herdeiro — disse ele, a voz cheia de respeito. — Nem todos conseguem morar em uma *villa* como você.

Fiquei boquiaberta.

Será que eles o veneram porque é um herdeiro? O Caronte não tem 26 anos, somente alguns a mais que Pátro?

Pátro caiu na gargalhada, e Caronte revirou os olhos.

Era uma piada.

Quem iria brincar com aquele monstro?

— E como está a vida honrada de herdeiro? — perguntou Pátro, o tom sarcástico. — Ouvi dizer que este ano você é o solteiro mais cobiçado da alta sociedade, por causa da porra da lei do casamento. Como estão todas aquelas bocetas e paus desesperados dos Olimpianos? Parece que tem até algumas criaturas te seguindo por aí.

Caronte trincou a mandíbula.

— São todos tolos sorridentes e sem poderes. Têm medo demais de me olhar nos olhos, mas querem a coroa e a fortuna. E a emoção de transar com um membro da Congregação da Morte também ajuda. Como se eu fosse me casar com um daqueles covardes chorões.

Não olhar você nos olhos parece bem sensato.

Assim como se casar com alguém rico, para nunca mais ter que se

preocupar com a fome.

Eu faria isso.

— Não! — Pátro arfou, zombando. — Mas as mamães e os papais Olimpianos juraram que eles eram especiais.

Os dois riram.

Semicerrei os olhos, tentando entender se pais realmente faziam isso ou se essa era a piada.

Caronte trincou os dentes.

— No próximo baile idiota da alta sociedade, vou começar a *esfaquear* os Olimpianos que se aproximarem de mim.

Ambos gargalharam alto.

Afundei ainda mais na cadeira, na esperança de que ele esquecesse que eu existia.

— Alex, amanhã a gente volta a conversar — disse Pátro.

Por que ele veio falar comigo logo depois da conversa sobre esfaquear Olimpianos? Por que estava olhando para mim? PARE DE OLHAR. NÃO FALE COMIGO.

E é claro que ele continuou.

— Agora que parou com o drama e já comeu, devia dormir um pouco mais — acrescentou Pátro. — E talvez seja bom tomar um banho. Você está fedendo.

Vou acabar com esse cara.

Encarei a mesa, minha pele formigando com o peso da atenção de todos. Finalmente, séculos depois, os três saíram da cozinha.

Suspirei de alívio e reclinei a cabeça para trás.

Caronte reapareceu no corredor.

Fiquei paralisada.

Ele veio caminhando até onde eu estava sentada.

A fúria queimava em seus olhos azuis gélidos.

— Se você se atrever a se machucar — sussurrou, baixinho, as maçãs altas do rosto reluzindo como se estivessem afiadas —, vou trazer você de volta à vida e torturá-la por toda a eternidade.

Minha respiração falhou.

Dedos longos envolveram o meu pescoço, em uma demonstração do que ele faria.

O polegar pairou sobre a minha pulsação vibrante.

Um enjoo esquisito fez o meu estômago se contrair, e minha cabeça

girou.

O branco de seus olhos se encheu de sangue.

A sensação no meu estômago quadruplicou, e eu arfei, buscando o ar, esmagada pelas sensações estranhas. Algo diferente e obsessivo fez meu intestino se revirar.

Será que ele vai usar os poderes dele e me matar, como fez com Christos?

Esperei pela dor.

Caronte afastou a mão e recuou. Seus olhos voltaram ao normal.

O suor escorria pela lateral do meu rosto enquanto eu o observava com cautela.

— As vidas dos Ctônicos são importantes — sussurrou ele, cortante, ainda inclinado na minha direção. — Pátro e Aquiles *vão* se tornar generais, e você *vai* sobreviver ao torneio para que isso aconteça. Se tentar desviar desse plano de algum jeito, vou te machucar. Só por diversão.

Empalideci.

Cílios longos estremeceram sobre as sombras escuras que marcavam seus olhos penetrantes.

— Eu juro que você *nunca* vai se recuperar — disse ele, o tom áspero, recuando e aumentando a distância entre nós. — Seremos só eu e você... para sempre.

Espere aí, do que estamos falando?

— Não se preocupe. Nós dois vamos nos divertir muito no futuro — acrescentou, num tom enigmático.

Eu estava mais do que apenas preocupada.

O sorriso dele era feroz.

— Mas, se você se machucar de propósito, se tornará minha inimiga mortal.

Minha respiração estava acelerada.

— Você *sabe* o que eu faço com os meus inimigos? — perguntou ele, a voz rouca e ameaçadora. — Já ouviu os boatos? — Mostrou então os dentes. — Me diga, quer descobrir se são verdadeiros?

— Hum, n-não — falei, a voz trêmula.

— Eu *sei* o que você fez com Christos. — Caronte abriu um sorrisinho. — Sei que você estava matando o garoto.

Fiquei ainda mais pálida e balancei rápido a cabeça.

— Não. Não. Eu estava tentando salvá-lo e...

— *Pare* com a porra dessas mentiras. — Ele fez um movimento cortante

com a mão. — Não se atreva a fazer joguinhos comigo — continuou, sombrio, como se já tivesse certeza da minha desonestidade. — Vou te encurralar de uma maneira que você nunca imaginou.

Por que ele disse que eu matei o garoto? Nós dois sabemos que foi ele. Será que é porque Christos estava se debatendo e eu tentei salvá-lo? Como ele podia ter interpretado tão mal a cena?

As palavras de Caronte diziam uma coisa, mas seu tom depravado dizia outra.

Havia várias camadas naquele contexto que eu não entendia.

Abri a boca para responder (implorar por misericórdia e por uma morte rápida), mas ele já havia desaparecido pelo corredor.

Bom... isso foi demais.

Deixei a cabeça tombar para a frente, batendo na mesa.

A ameaça de Caronte não era nada parecida com a de Pátro. Era muito pior.

Eu já conseguia sentir os dedos dele apertando minha garganta, tirando minha vida aos poucos enquanto sorria.

Longos minutos se passaram enquanto eu estava sentada à mesa, tentando reunir coragem para me levantar. Quando enfim o fiz e voltei para o meu quarto, estava me sentindo meio delirante.

Atordoada, tirei aquela toga idiota e cambaleei até o chuveiro. A água escaldou minha pele, então a deixei ainda mais quente. Depois voltei a aumentar a temperatura, odiando o fato de que parecia o paraíso.

Sentada nos ladrilhos, solucei sob a corrente escaldante.

Um zumbido agudo fez meu ouvido esquerdo doer.

Minha cabeça latejava. A visão estava borrada. Minha garganta machucada ardia com a força da minha tristeza.

Eu não queria um inimigo *mortal*.

Só queria escutar músicas do século XVIII e resolver equações matemáticas obscuras. Talvez me deitar no meio das flores de um campo durante o verão e nadar em um lago aquecido. Casar com Carl Gauss e ser mãe dos filhos dele na vida após a morte.

Será que é pedir muito?

Depois de quase afogar a mim mesma, engatinhei para sair do chuveiro, literalmente de quatro, como um animal ferido. Desabei nua na cama. Puxei a coberta grossa sobre a minha cabeça até a escuridão me envolver.

Os sonhos vieram rápido.

O diabo estava parado no final da cama, me encarando com olhos vermelhos brilhantes. Ele tocou meu tornozelo e se transformou em dois esqueletos monstruosos que sussurravam de maneira sombria. A curiosidade estranha foi manchada pela loucura. O diabo queria saber mais sobre mim.

— Por que está mentindo sobre quem você é? — perguntou ele.

Acordei gritando, apertando meu peito.

A sanidade se esgueirava pelas minhas mãos.

O mar Jônico cintilava do lado de fora, ironicamente pitoresco, e os sons da natureza me cobriam de uma sensação de paz.

Por sorte, eu estava sozinha.

Horas se passaram e os meus mentores não apareceram, mas ouvi a voz de Pátro o dia inteiro enquanto ele conversava com Caronte (o diabo) em algum lugar da casa.

Fiquei agradecida pelo momento sozinha para contemplar meu destino iminente. Passei aquelas horas comendo devagar pequenas porções de comida na cozinha, boiando no mar calmo e conversando com Nix.

De tempos em tempos, eu tomava um banho escaldante e esfregava a pele até que ficasse vermelha.

Às vezes eu chorava no banho, às vezes ria, e uma vez (três vezes) avolumei meus cachos, tentando imitar um dos pais fundadores. Fingia dar um discurso revolucionário, mas, todas as vezes, o que eu dizia era bom *demais* (o xerife da cidade me dava um tiro por insurreição, e eu me debatia dramaticamente no chuveiro — morria — enquanto meus companheiros rebeldes assistiam, aterrorizados).

Durante o dia, o desejo feminino de liderar uma revolução fictícia me atormentou.

À noite, pesadelos voltaram a me destruir.

Eram sempre olhos vermelhos brilhantes e um homem me observando com crueldade. O toque dele na minha perna era cheio de possessividade, e eu voltei a sentir uma emoção esquisita: uma compulsão por observar, um fascínio, uma obsessão sombria.

Quando acordei na manhã seguinte, o ciclo se repetiu.

Comi devagar; cantei uma música deprimente que inventei na hora, bem desafinada; mergulhei no mar e tentei me afogar, sem vontade; contei em detalhes para Nix o enredo da minha fanfic favorita de Emmy e Carl (sim, eles sussurravam problemas de cálculo entre si enquanto cavalgavam

em direção ao pôr do sol… um sobre o outro); tomei mais um banho e dormi ali mesmo; acordei e bebi água gelada; cantarolei a Sinfonia 41 de Mozart até minha garganta arder; e então tomei outro banho, porque ainda não conseguia acreditar em tamanho luxo.

Mesmo com todo o meu descanso (três banhos seguidos), a dor de cabeça latejante não diminuiu, e ainda doía quando eu andava.

Tentei pensar na Hipótese de Riemann, mas parecia que eu a estava sujando ao contemplá-la naquele estado deplorável, então desisti.

Mais tarde naquela noite, meu estômago *queimou* de dor. Comecei a soluçar, porque estava convencida de que estava morrendo graças a uma úlcera.

Eram apenas cólicas por ter comido demais.

A dor metafísica, porém, persistiu.

Os grunhidos estranhos, as batidas e os gemidos que ressoavam a noite inteira do outro lado da parede não ajudavam a minha saúde mental.

Por isso, acordei no último dia antes de voltar ao inferno com um propósito de vida renovado: *preciso me matar antes que me mandem de volta para aquele lugar infeliz.*

Corri até o mar, fazendo bastante drama.

Cinco minutos depois, eu boiava de costas na água quente, os olhos fechados porque não conseguia suportar olhar para a natureza gloriosa.

O mar é o meu lugar favorito no mundo inteiro. Gostaria que Charlie estivesse aqui para vê-lo.

Agosto em uma ilha grega parecia um sonho dentro de um pesadelo.

O fato de que eu ainda conseguia escutar as vibrações profundas e sobrenaturais da voz de Caronte através das janelas abertas não ajudava muito. Por outro lado, a voz de Pátro estava mais leve do que de costume, e ele ria o tempo todo. Como Aquiles usava uma focinheira, eu não o escutava, mas conseguia *sentir* sua presença maliciosa.

Eu me virei na água.

Gritei dentro do mar, o rosto submerso, os olhos diferentes arregalados.

— Está melhor, criança? — perguntou Nix quando ergui a cabeça para respirar.

A água ondulava ali perto, como se ela estivesse nadando em círculos.

— Não — falei, sendo franca.

— Você devia tentar comer um rato recém-capturado. Juro que *nada* no mundo tem um gosto tão bom.

— Na verdade, ratos são animais muito inteligentes — respondi, sem reação. — São conhecidos por serem bons companheiros.

— E daí? — perguntou Nix.

Fechei os olhos e fingi que era uma astronauta no início dos anos 2000, flutuando em paz no espaço na Estação Espacial Internacional. Os Titãs não existiam, e os espartanos não tinham voltado. Um livro antigo de astronomia na biblioteca dizia que matemáticos costumavam virar astronautas. Eu teria adorado explorar o cosmos.

— Caçar é uma ótima diversão. Você devia tentar — disse Nix.

A ilusão se estilhaçou.

Minha melhor amiga era uma cobra venenosa falante, e todas as missões espaciais foram abandonadas depois que um Titã solitário massacrou quase todas as pessoas na Flórida, incluindo os cientistas do Cabo Canaveral. Foi um dos primeiros lugares que eles atacaram.

Pelo jeito, monstros imortais eram contra a exploração do espaço e o calor. *Que tristeza.*

Senti meu pescoço formigar como se estivesse sendo observada. Ergui a cabeça e olhei ao redor, mas estava sozinha.

Nix continuou a tagarelar sobre perseguição, e uma sensação ruim tomou conta de mim.

Algo me dizia que uma caçada já havia começado, mas eu não era a predadora.

Era a presa.

Eu me virei e voltei a gritar dentro d'água.

13
Testes

Alexis

O professor Pine ergueu o polegar para nós, e o corvo empoleirado em seu ombro inclinou a cabeça para o lado.

Não me olhe assim, pássaro. Sei que você é um drone espião.

— Boa sorte com Disciplina e Poder — disse Pine, reunindo os papéis de Tágoras e se retirando da sala de aula com seu espião robótico.

A porta se fechou com delicadeza atrás de Pine, e eu resmunguei baixinho junto ao resto da turma. Ficamos esperando Augusto entrar.

Apenas oito de nós estávamos sentados na sala fria da academia, já que Christos e Iason foram assassinados por Caronte.

Fiquei com inveja.

Nota mental: rezar com mais convicção pela minha alma.

Ainda estávamos em agosto, mas, para sobrevivermos ao torneio, tínhamos que aguentar até janeiro.

Sem chance de eu durar tanto tempo.

Esfreguei os olhos, tremendo por causa do frio da montanha úmida. Graças à exaustão, minha visão entrava e saía de foco. Eu me mantinha acordada observando meus colegas.

Uma semana atrás, quando voltamos para a academia, fizeram a chamada, e fiz questão de aprender seus nomes.

Era sempre bom conhecer as pessoas que assistiriam à sua morte.

Dois garotos se sentavam na primeira fileira: Dimitrios, mestiço da Casa de Apolo, e Maximum, mestiço da Casa de Hera.

Dimitrios era bronzeado e esguio, o cabelo preso em um rabo de cavalo escuro. Em contrapartida, Maximum era baixo e tinha olhos castanhos, cabelo loiro e mechas azuis. (Além disso, os pais deviam odiá-lo, porque lhe deram o nome de um limite de uma função. Quem fazia uma coisa dessas?)

Na fileira do meio, ao meu lado, estava Drex Chen, o único novato que era Ctônico e também um mestiço abandonado.

Cassius, herdeiro da Casa de Hermes, com asas nos pés — que ficavam cada vez mais horripilantes conforme eu pensava nelas —, se sentava empertigado do outro lado de Drex.

Eu, por outro lado, estava tão curvada que meus seios inexistentes quase tocavam o chão.

A boa notícia era que esses quatro novatos na frente da sala pareciam cuidar das próprias vidas. A má notícia era que não se podia dizer o mesmo dos três valentões que sentavam no fundão.

Leo, Alessander e Titus.

Leo, mestiço da Casa de Apolo, era o garoto musculoso de cabeça raspada que tinha pegado no sono e dado risada com Titus.

Alessander, mestiço da Casa de Poseidon, era o garoto baixo e robusto de cabelos pretos que também dera risada.

E, por fim, Titus, mestiço da Casa de Dioniso, era o ruivo de cabelos cor de fogo alto e magricelo que me atormentara durante o circuito.

Eu conseguia sentir o peso de seus olhares raivosos atrás de mim.

Eles não eram os únicos homens tóxicos naquela sala. O general Cleandro estava sentado à mesa, lendo um livro à toa, cujo título devia ser: *Maneiras Eficazes de Torturar as Pessoas com o Menor Esforço Possível*.

Como prova disso, o pager preto estava ao lado de seus pés, na posição perfeita para ficar aos olhos de todos.

O pager era uma lembrança constante de que Caronte estava por aí, naquele barco *idiota*, com aquela vara *idiota*, esperando para nos perseguir até nossas mortes *idiotas*.

A tática de intimidação era brutalmente eficaz.

Cada vez que o general se mexia, eu encarava o pager, nervosa.

Suas dimensões estavam impressas no meu cérebro.

Eu contava os dias na cabeça, embora fosse difícil monitorar o tempo naquela sala sem janelas.

Só falta mais uma semana até o intervalo de três dias. Mais ou menos seis dias, porque, da última vez, os mentores vieram ao meio-dia. Então, na verdade, menos que uma semana. Fácil. Nem um pouco difícil. Você vai conseguir.

O general Cleandro ergueu o olhar de seu livro, e a turma inteira ficou paralisada e abaixou a cabeça. Ele pigarreou, de um jeito meio teatral, virou

a página e voltou a ler.

Ninguém relaxou.

A fome corroía o meu estômago, e minha cabeça girava com a vertigem.

Você não vai conseguir.

A tensão na sala era tão espessa que dava para cortá-la com uma faca, porque já tínhamos voltado havia cerca de uma semana, mas ainda não corrêramos o circuito.

Nenhuma vez.

Dezenas de aulas e, ainda assim, nenhum dos dois professores nos fizera uma *única* pergunta.

De alguma forma, a antecipação era pior.

Em vez de ficar contente por não correr o circuito, eu passava cada segundo *esperando* por ele. Tentando imaginar o que o general Cleandro e os professores estavam pensando. Que jogos mentais estavam jogando conosco.

Eu estava nervosa e no limite. Meus dentes batiam, e o suor do estresse escorria pelo rosto.

A fumaça das velas tornava a sala nebulosa, deixando meus olhos irritados e úmidos.

Abri uma folha nova no meu caderno, ignorando a sensação de formigamento nas pernas e o fato de que a minha bunda estava dormente havia dias.

Era surpreendente, mas sentar no chão curvada sobre um caderno não era uma posição ergonômica, e, se Caronte não me assassinasse (ele *com certeza* o faria), uma escoliose tardia se encarregaria disso.

— As aulas acabaram? Parece que já faz um século — perguntou Nix, sonolenta, se enrolando com mais firmeza em volta do meu pescoço.

— Não — sussurrei, baixinho.

— Me mate — choramingou ela. — Estou tão entediada.

Esfreguei minha cabeça dolorida.

— É você que tem o veneno. Mate nós duas.

Nix bufou.

— Não me tente.

Senti uma pontada de dor na base da coluna quando me mexi.

— Não estou brincando — resmunguei.

Houve uma pausa longa, como se Nix avaliasse a proposta.

— Nada disso — respondeu, por fim, e logo escutei um sibilar baixo

quando ela voltou a roncar.

Revirei os olhos.

— Covarde.

Ela gemia enquanto dormia, e fiquei com inveja. Eu teria feito coisas *profanas* por um gole de água e uma soneca de dez minutos, como vender meus órgãos no mercado clandestino, por exemplo.

Quem precisa de uma vesícula biliar ou de um rim? Eu, não. Pelo preço certo, posso até incluir alguns dedos e dentes.

Cumprimentei a mim mesma (bati as mãos como uma doida, e todo mundo olhou para mim).

Era oficial: eu estava enlouquecendo.

Nix roncou mais alto.

Bang.

— Alguém está atirando na gente? — perguntei, e Drex deu risada ao meu lado.

Era a porta.

O professor Augusto entrou depressa na sala, o cabelo bicolor e a coroa de prata reluzindo sob a luz fraca das velas, e largou uma pilha de papéis sobre a escrivaninha. Poco estava enrolado em seu pescoço, parecendo um cachecol felpudo e raivoso.

Tão fofo. Ele é uma mamãe guaxinim.

O professor assentiu para a turma com um pequeno sorriso.

— Em vez de começarmos com a meditação... — disse Augusto, virando-se e me lançando um olhar cheio de ódio (nada fofo).

A expressão dele tinha uma severidade estranha, que não estivera ali na última aula. Ele me encarava de maneira acusatória, como se eu houvesse acabado de fazer algo imperdoável.

Eu me contorci, desconfortável, o pescoço formigando.

Olhos pretos desalmados me encaravam com uma concentração inabalável.

Ele se recusava a desviar o olhar.

Rezo por quem quer que seja a alma amaldiçoada que vai ter que se casar com ele este ano.

Por fim, depois do que pareceu uma eternidade, Augusto pigarreou e se virou para o resto da turma.

— Vamos começar com uma demonstração — disse ele, gesticulando para a porta.

Um homem entrou.

O recém-chegado abriu um sorriso atraente.

Era o mentor de Drex, Theros, herdeiro da Casa de Zeus. Uma coroa de louros áurea adornava o topo de sua cabeça, combinando com as penas douradas do abutre que estava empoleirado em seu ombro.

Esperei sentir alguma coisa enquanto encarava a pessoa que talvez fosse meu parente de sangue. Não senti nada.

Ele não era o Charlie.

Semanas antes, a médica dissera que ele era o único herdeiro que Zeus tivera durante séculos.

Aquele homem era importante.

Augusto gesticulou para Theros.

— Como herdeiro da Casa de Zeus, o poder Olimpiano de Theros é um dos mais *úteis*. Ele fará uma demonstração de como se sente quando executa suas habilidades, para que todos tenham uma referência do *motivo* para meditarmos tanto.

A julgar pela expressão aborrecida de Augusto ao olhar para nós, ele não tinha muita fé nas nossas habilidades de meditação.

Seus olhos escuros ardentes ainda estavam fixos nos meus, me acusando.

Não tem como ele saber que passei a última meditação imaginando Carl Gauss sussurrando palavras de amor para mim enquanto comprovava a existência da álgebra... né?

Ele continuou me encarando.

Engoli em seco.

E se ele estiver lendo a minha mente neste exato momento? E se o poder Ctônico dele for o controle da mente? E se ele me matar porque imaginei o Carl Gauss nu? E se souber que estou imaginando ele de vestido porque ele é uma mamãe guaxinim...?

Augusto arqueou uma sobrancelha.

Você consegue... hã... me ouvir?, pensei, hesitante.

Ele não desviou o olhar.

Senti vontade de vomitar. Aquilo definitivamente era um "sim".

Estreitei os olhos, me concentrando, e, aos gritos, pensei: *POR FAVOR, NÃO CONTROLE A MINHA MENTE.*

Os parâmetros da realidade escapavam ao meu redor.

Continuei a gritar mentalmente: *PISQUE UMA VEZ SE CONSEGUE ME*

ENTEN…

Augusto desviou o olhar, e suspirei de alívio.

Graças a Deus ele não piscou. Estou fora de perigo.

Então bateu a vergonha. Era oficial: eu tinha ficado louca. Só porque fizemos contato visual, não significava que Augusto podia *ler* a minha mente.

Nix murmurou algo enquanto dormia e apertou meu pescoço.

Coloquei a culpa da situação na asfixia.

— O palco é seu — disse o professor Augusto, que eu tinha noventa por cento de certeza de que *não* conseguia ler mentes (talvez, mas ainda tinha minhas suspeitas), e caminhou até o canto esquerdo da sala.

Ele desapareceu no meu ponto cego, e fiquei feliz por não conseguir vê-lo.

Theros deu um passo à frente.

— Vou mostrar para vocês como funciona minha técnica de meditação — disse ele, estufando o peito. — Gosto de começar visualizando uma bola dourada de luz pairando sobre meu peito.

Ele pressionou a mão contra o osso esterno e fechou os olhos.

Parece mentira.

— Eu visualizo a luz crescendo e se expandindo, até envolver meu corpo inteiro.

Ele fez uma pausa.

— Então… meu cérebro começa a comichar.

Ele abriu bem os braços, as palmas viradas para cima.

Descobri uma coisa: homens adultos nunca deveriam dizer a palavra *comichar* em voz alta.

Era muito estranho.

— É impossível ignorar essa sensação — continuou Theros. — É um alívio arrebatador… como quando a gente *finalmente* coça aquela coceirinha que incomodava há horas. Eu visualizo o brilho se solidificando, e a sensação de formigamento aumenta até eu conseguir sentir o poder latejando em meu cérebro.

Nunca senti nada remotamente parecido com o que ele descrevia.

Eu com certeza não tenho poderes. Houve um grande erro.

O ar ao redor de Theros se distorceu, como se tivesse ficado mais espesso à sua volta.

Ele abriu os olhos e deu um sorriso arrogante.

— Theros conseguiu ativar sua habilidade — explicou Augusto, avançando.

Sem aviso prévio, Augusto recuou o punho e o soltou com tudo na direção do rosto de Theros. Seu braço parou no meio do caminho e uma vibração abafada ressoou pela sala, como se ele tivesse atingido algo sólido.

Theros abriu ainda mais os braços, intocado pelo punho que pairava a centímetros de seu rosto. O abutre agitou as asas.

— Nada nem ninguém pode me tocar depois que ativo meu escudo — disse ele, sorrindo como se fosse invencível.

Augusto baixou o braço e retribuiu o sorriso.

— Por quanto tempo consegue mantê-lo assim? — perguntou.

— Duas horas foi o máximo que já consegui, mas quem sabe. — Theros deu uma piscadinha (*para mim? Socorro!*) e flexionou os músculos. — Todos os dias eu testo novos limites.

O sorriso de Augusto desapareceu. Ele olhou para Theros como se o homem fosse insignificante. *Por que essa mudança repentina de atitude?*

Eu teria aplaudido Theros, mas não tinha forças para erguer minhas mãos e juntá-las. Além disso… as pessoas não mereciam ser aclamadas.

Ninguém da turma reagiu.

Todos concordávamos.

Se Theros tivesse dado sua demonstração no começo da semana, quando a fome, a sede, a exaustão e o desconforto geral ainda não existiam, talvez tivéssemos ficado mais impressionados.

Alguns novatos piscaram depressa e se balançaram como se tentassem não pegar no sono (eu era uma deles).

Theros parou de flexionar os músculos e pareceu estar decepcionado.

— Por favor, explique para a turma quais são as limitações de seu poder — ordenou Augusto, a expressão séria. Qualquer resquício de gentileza havia desaparecido.

Por que ele olhou para mim quando disse "poder"?

O rosto de Theros se contorceu como se ele tivesse provado algo azedo. Ao lado do semblante assustador de Augusto, ele parecia uma criança brincando de usar uma coroa.

Augusto ou não estava impressionado com a apresentação, ou se irritara com Poco, que mordia metade de seu rabo de cavalo.

Theros baixou a bola diante daquele escrutínio.

— Se alguém estiver muito perto de mim antes de eu ativar meu escudo

— explicou ele —, posso acabar prendendo nós dois dentro dele. Quando estou estressado, é mais difícil liberar o escudo.

Nota para mim mesma: ficar perto de Theros quando tentar matá-lo. Dei uma risadinha ao pensar naquilo, mas logo franzi a testa.

Pelo jeito, agora eu achava assassinato engraçado.

Era o fundo do poço.

Em vez de responder a Theros, Augusto de repente olhou para mim e sustentou o contato visual de propósito.

Ai, caramba, ele com certeza ouviu isso.

A expressão de Augusto era confusa, então ele desviou o olhar com o cenho franzido.

E agora quem é a maioral na sala, hein?

Por acaso era a minha imaginação ou Augusto tinha acabado de abrir um sorrisinho? Voltei a encarar o chão e desejei nunca ter reparado.

O tempo passou em um borrão de tristeza.

Mais um dia na minha vida.

Os professores trocaram de lugar.

O professor Pine escreveu frações complicadas no quadro enquanto falava sobre a ética dos cálculos utilitários. Não fiz anotações porque não conseguia sentir as mãos. Minha mente se afastava cada vez mais de mim.

A fome cravou as garras mais fundo no meu estômago.

O professor Augusto voltara para a frente da sala, os ombros empertigados, e lia um livro grosso em latim. Poco estava deitado em cima de sua cabeça.

O mesmo livro estava aberto no meu colo, e eu não conseguia me lembrar de como ele fora parar ali.

— As sereias são criaturas únicas e bastante incompreendidas — disse Augusto. — E têm habilidades regenerativas. Quando um grupo de sereias recebeu uma prova de inteligência, tirou uma nota mais alta que a dos espartanos. Porém, como são uma classe de criaturas que consegue compreender outras línguas, mas não as falar, porque só conseguem se comunicar em sua própria linguagem ininteligível, elas têm uma posição inferior na sociedade espartana.

Ele franziu a testa enquanto explicava, e eu tentei não cair para frente.

— Como ambas as sereias macho e fêmea são extremamente amorosas, com características sexuais secundárias bastante exageradas, elas são mais conhecidas por oferecer entretenimento sexual em simpósios.

Como um ser nada sexy e que só queria apodrecer em paz, eu *não* me identifiquei com o estilo de vida das sereias.

Como, porém, os espartanos haviam tecnicamente me sequestrado, me forçado a lutar até a morte e agora me mantinham prisioneira dentro de uma montanha, me *torturando*, eu estava cem por cento do lado delas.

Libertem os mamilos, os lábios (vaginais) e as sereias da escravidão sexual.

Infelizmente, aquele foi o último pensamento sensato que tive por um tempo.

O professor Pine voltou e deu mais uma aula, depois foi o professor Augusto, então Pine, então... Perdi a conta de quantas vezes eles trocaram.

— Agora vocês farão uma prova de cada uma das matérias — avisou o general Cleandro de repente (em literalmente um segundo, eu vi a escuridão, e então, *pá*, ele estava na minha frente).

Um pacote grosso foi colocado sobre meu colo.

— Comecem — ordenou ele.

Encarei a página, sem expressão.

Alguém bateu palmas bem alto, mas mal reparei.

— ACORDEM, PESSOAL.

Água gelada atingiu meu rosto. Arquejei e pisquei, voltando à consciência. Outros resmungavam ao meu redor conforme o general Cleandro jogava água em todos nós.

Aleluia, está chovendo homens (eu estava acordada, não ativa).

Lambi com avidez a umidade dos meus lábios, desesperada para matar minha sede.

— A prova começa agora! — gritou o general Cleandro. — Acordem e parem de agir como humanos patéticos. Ou preferem correr o circuito?

É uma pegadinha?

— PROVA! AGORA! — A voz dele reverberou pela sala cavernosa.

Os papéis farfalharam.

— RESOLVAM AS QUESTÕES!

Puxei o ar por entre os dentes e estreitei os olhos para os números até que parassem de dançar pela página, borrados e inelegíveis. Bem devagar, comecei a resolver equações.

Encontrei as propriedades divididas entre polinômios.

Formalizei as sequências em padrões de números repetidos.

Estabeleci o paralelo correspondente.

Construí um sistema axiomático.

Desenhei um pênis pequeno.

— ACABOU O TEMPO.

Horrorizada, encarei o desenho detalhado e gráfico que eu fizera no canto da página.

O general Cleandro pegou o pacote do meu colo. *Isso não é bom.*

Então desmaiei.

Água gelada foi jogada na minha cabeça, e eu acordei tremendo.

— Aqui está a próxima prova. — O general Cleandro me entregou outro pacote. — Mantenha a postura, novata. Desta vez, tente não… desenhar.

Querido Deus… sou eu de novo.

Assenti de maneira brusca, incapaz de formular as palavras para explicar a ele que eu não era pervertida e que não era o que parecia.

Na verdade, o desenho era exatamente o que parecia.

Eu precisava trocar meu rim por uma arma espartana.

— AGORA, COMECEM A SEGUNDA PROVA! — berrou o general Cleandro.

Meu ouvido esquerdo queimou com o eco excruciante. Decidi tapá-lo, mas não consegui erguer o braço do colo. *Legal.*

Respirei fundo, tentando não desmaiar, e me concentrei nas palavras em latim escritas no topo da página: "Escreva uma redação em latim sobre as sereias, sua inteligência e o papel que desempenham na sociedade espartana."

Fácil.

Rabisquei de qualquer jeito: "As sereias são mais inteligentes que os espartanos e falam uma língua própria. Esparta, porém, é uma sociedade discriminatória, e elas sofrem preconceito por terem características sexuais secundárias exageradas, ou seja, as sereias têm peitões e pênis enormes, e é provável que o preconceito tenha raízes na inveja masculina chauvinista (dos espartanos, não das sereias sensuais). A maioria das coisas na vida são…"

— ACABOU O TEMPO.

Espere aí… o que foi que eu escrevi?

O general Cleandro tentou pegar a minha prova, mas eu a segurei como se minha vida dependesse disso.

— Não — resmunguei, desesperada para não largar minhas palavras honestas demais.

Infelizmente, ele arrancou a folha com facilidade das minhas mãos.

O general se afastou e, para o meu alívio, caí para a frente, batendo a cabeça em algo macio que resmungou. Apaguei na mesma hora.

— MUITO BEM, JÁ CHEGA DE DESCANSO. DEI UMA HORA INTEIRA PARA VOCÊS... ACORDEM, PESSOAL. — Alguém chutou a lateral do meu corpo. Com força. — PESSOAL, LEVANTEM-SE! AGORA!

Botas pesadas entraram na sala, e os novatos gemeram.

Um peso saiu das minhas coxas.

Meu cabelo estava preso em algo, como se alguém estivesse deitado nele, e a dor no escalpo me forçou a abrir os olhos.

Tossi e dei um jeito de voltar a me sentar.

Meu estômago se revirou, mas não vomitei. Não comia nem bebia nada havia *dias*. Estremeci com as dores pelo meu corpo.

Eu queria chorar, mas não conseguia sentir o rosto nem os olhos.

A voz do professor Augusto ressoou de muito longe.

— Eis a ordem da pontuação de vocês na prova, do melhor para o pior: em primeiro lugar, Cassius Hermes. Em segundo, Alexis Hert. — Ele parou e me lançou um olhar desapontado (pelo visto, ele *não* aderiu à ideologia de que o segundo lugar era o melhor), depois continuou: — Em terceiro, Alessander Poseidon. Em quarto, Maximum Hera. Em quinto, Leo Apolo. Em sexto, Drex Chen. Em sétimo, Titus Dioniso. Em oitavo, Dimitrios Apolo.

— *Dimitrios* Apolo! — gritou o general Cleandro. — ACORDE, PORRA! AGORA!

O montinho no chão à minha frente se mexeu.

O general Cleandro agarrou o garoto e o ergueu.

— Você vai correr o circuito comigo, filho. Vamos.

O general sacudiu o montinho até ele ficar de pé e segui-lo, embora meio trêmulo (o garoto foi arrastado para fora).

— Duas semanas se passaram — disse o professor Augusto, e alguém soluçou de alívio. Pode ter sido eu. Não sei dizer. — Nós, porém, conversamos com seus mentores e decidimos que vocês *não* terão um intervalo esta semana. O torneio continuará por mais duas semanas.

Alguém gritou. Desta vez, com certeza fui eu.

14
Alianças

Alexis

Meu estômago virou cinzas.

Sem intervalo, sem comida, sem descanso, sem misericórdia.

Soluços ecoaram.

— Por favor, não — sussurrou Maximum na frente da sala (me identifiquei).

O professor Augusto suspirou.

— Recomponham-se. Pelo amor de Cronos, vocês são espartanos. Comecem a agir de acordo.

Não havia nenhum deus naquele mundo cruel e cheio de monstros.

— Só mais duas semanas de estudo. — Augusto me olhou, irritado, como se fosse tudo culpa minha. — Depois vocês terão uma folga.

Estudo era uma escolha interessante de palavra. Eu teria preferido *tormento* ou *sofrimento infernal*.

Augusto massageou as têmporas.

— Parem de drama, ou todos se juntarão a Dimitrios no circuito. É isso que vocês querem?

A sala ficou completamente em silêncio.

Existe uma terceira opção?

— Depois dessas duas semanas — continuou Augusto, andando de um lado para o outro na frente da sala —, vocês terão sobrevivido ao verão, que é a parte mais difícil. O outono é fácil. Vão começar as visitas ao cativeiro dos animais, para escolher aquele com o qual querem formar um laço. Os intervalos serão mais frequentes *e* vocês ganharão acesso ao simpósio da academia.

Onde todas as sereias peitudas são subjugadas? Prefiro não ir.

— Terá comida nos simpósios — acrescentou Augusto.

Estarei lá. Sempre quis conhecer as sereias. Elas parecem ser pessoas boas, trabalhadoras e de seios grandes.

Augusto estreitou os olhos para mim.

— Apenas mais catorze dias — disse ele. — Depois, suas vidas ficarão muito mais fáceis. Parem de reclamar e se recomponham. O que são meros catorze dias comparados à imortalidade?

Parecia tão simples quando ele falava daquele jeito.

A minha língua, porém, estava presa no céu da boca, e eu não conseguia sentir os membros, ou o rosto, ou... *Aquilo é um guaxinim comendo um castiçal*?

— O general Cleandro — continuou Augusto — queria que corressem o circuito, mas pedi uma pausa. Vocês agora têm cinco horas para estudar na biblioteca. Utilizem esse tempo com sabedoria. Acalmem suas mentes. Tudo ficará bem.

Alguém arquejou alto.

Fui eu.

— Todos vão ganhar um gole de água de presente.

O professor andou pela sala, entregando (jogando) copos de água para nós. Mal peguei o meu e já fui bebendo com avidez.

Se um gole de água é um presente, não quero saber o que ele vê como punição.

Augusto murmurou algo a respeito de uma garota ingrata (ele devia estar falando do Titus).

— Recomendo que usem esse tempo para ler com antecedência os livros de Tágoras — disse ele. — É a matéria em que a maioria de vocês tem mais *dificuldade*. Era para serem espartanos inteligentes e poderosos. Cresçam, porra. — Ele virou a cabeça. — Suas... habilidades raras — continuou ele, devagar, olhando direto para mim, sem piscar — não serão o suficiente para fazê-los avançar.

Com quem ele está falando?

— Podem ir, saiam daqui. — Ele bateu uma palma na outra. — Mexam-se. Vai ficar tudo bem. Concentrem-se em aumentar o controle sobre seus pensamentos.

Minha coluna reclamou quando fiquei totalmente de pé (curvada com as mãos nos joelhos).

O peso de Nix não ajudava.

Dei um passo à frente, me arrastando, então parei quando senti que ia

desmaiar. Maximum passou por mim, engatinhando.

Droga, devia ter feito isso.

De alguma forma, de algum jeito, contra todas as probabilidades do universo, consegui chegar à biblioteca (desmaiei, e Augusto me carregou desde a sala de aula, murmurando algo que não fazia sentido a respeito de desonra, legados e mentiras).

— Enfim a droga de um intervalo — resmungou Nix, e acordei num pulo.

Eu estava estirada em frente a uma lareira da biblioteca.

Que delícia.

— Como é que você ainda está viva, criança? — perguntou Nix. Gemi e me sentei. — É uma pergunta sincera, porque eu dormi o tempo todo e me sinto morta.

Resmunguei em resposta, os lábios secos e rachados, a língua grossa demais para usar.

Quem sou eu?

Devagar, fiquei de pé e manquei pela biblioteca. Eu me sentei em uma cadeira à mesa (esbarrei nela e caí no chão, avancei me arrastando e me deitei em cima dela, então uma musa a levantou comigo em cima).

Quando enfim me sentei (mais ou menos), reclinei a cabeça para trás e fechei os olhos, aliviada.

Por favor, Deus, me dê um sinal de que vai ficar tudo bem.

— Você acha que pertence a este lugar — provocou uma voz abafada. — Você é uma mestiça abandonada, uma ninguém. Um erro. A filha de uma *vagabunda* que fodeu com alguém superior a ela.

Mensagem recebida, Deus. As coisas não vão melhorar. Entendi. Louvado seja o Senhor.

Devagar, me virei para a esquerda.

Titus estava sentado algumas cadeiras depois de mim, o corpo inclinado para a frente de um jeito ameaçador. Ele abriu um sorrisinho de escárnio, a expressão mergulhada nas sombras, e, na luz fraca da lareira, seu cabelo ruivo se projetava como chamas furiosas.

Ele abriu a boca.

Virei a cabeça para a frente e suspirei de alívio quando ele desapareceu em meu ponto cego.

O retorno agudo zumbia no meu ouvido esquerdo enquanto Titus falava, mas ignorei-o com facilidade.

Drex revirou os olhos, de frente para mim.

— Que merda — comentou.

Esperei.

Com quem ele está falando?

Ele esperou.

Nós dois esperamos.

Nix soltou um suspiro pesado de serpente.

— Ele está falando com *você*, criança — disse ela, exasperada.

Por quê?

Lambi os lábios, procurando um pouco de umidade.

— O q-que disse? — resmunguei, rouca, a garganta arranhando como se eu tivesse engolido vidro.

— Essa coisa toda de torneio é uma *merda* — disse Drex. — Não acha?

Assenti, meio sem jeito.

Páginas farfalharam e livros estalaram conforme os novatos os abriam na quietude da biblioteca. Com dedos trêmulos, fiz o mesmo.

Com a visão borrada, encarei o livro durante longos minutos, até que uma equação matemática bastante comprida de Tágoras entrou em foco.

Suspirei internamente — dava muito trabalho continuar com a respiração pesada e alta — e li a questão: "Atribua o problema de palavra a variáveis e resolva-o."

— Proponho uma aliança — disse Drex.

Hum. O conceito faz sentido, se você dividir os números primos por…

— Ele ainda está falando com você, criança — disse Nix, interrompendo minha linha de raciocínio.

Ergui os olhos, surpresa, e o movimento machucou meu pescoço. *Eu saberia se estivesse quebrado, certo?*

Drex me encarava, a expressão cheia de expectativa.

— O que disse? — repeti, meus lábios rachados se abrindo de um jeito atraente.

Drex se inclinou para a frente e olhou em volta, como se quisesse garantir que ninguém estava olhando para nós.

— Somos os únicos que cresceram no mundo humano — sussurrou ele. — Só restam oito de nós. Precisamos de todo o apoio que pudermos ter. *Proponho que a gente forme uma aliança.*

Estreitei os olhos.

— Para fazer… o quê?

Será que está tentando me recrutar para um culto? Tinha lido que era um grande problema nos dias de hoje. Tempos obscuros e tudo o mais.

Titus disse alguma coisa depreciativa no fim da mesa, e o retorno no meu ouvido esquerdo aumentou.

Os olhos escuros de Drex observaram o entorno, ansiosos.

Ele passou a mão trêmula pelo cabelo curto e escuro e se aproximou mais.

— Eu só estudei até Cálculo III. Era o curso mais avançado de matemática que a minha escola oferecia. Preciso de ajuda em Tágoras. *Por favor,* me ensina.

Por acaso ele não aprendeu álgebra linear, equações diferenciais ou estruturas algébricas? Tágoras usava todos esses princípios básicos.

Estremeci, horrorizada.

Como alguém consegue passar um único dia sem saber álgebra linear? Como é que se vive desse jeito?

— Não posso — falei, mal me lembrando de como falar.

Drex balançou a cabeça, desesperado.

— *Por favor* — implorou ele. — Vou te ajudar durante o circuito e a enfrentar Titus e os amigos dele. *Por favor*. Eu aprendo rápido, e só preciso do básico. Senão, vou ficar em último e... — Ele deixou a voz morrer.

Estará morto.

— Eu sinto muito. — Balancei a cabeça e baixei os olhos para o livro, o peso do olhar desesperado de Drex me atravessando.

Eu me lembrei de seus olhos vermelhos brilhantes, da mão estendida enquanto garotos gritavam. Estremeci e engoli em seco. *Ele é cruel.*

— Por favor — pediu, mais alto.

Não ergui o olhar.

— Por que está conversando com essa vagabunda, Drex? — perguntou Titus, a voz repulsiva reverberando alto pela biblioteca. — Por acaso os dois mestiços abandonados reconhecem a vadia que existe um no outro?

Isso nem faz sentido.

— Viu? Vou te ajudar com ele — disse Drex. — Por favor. Posso te proteger.

Balancei a cabeça e não ergui o olhar.

Ninguém me protege a não ser eu mesma.

Drex soltou um murmúrio de tristeza.

— Você não deve nada a ninguém. Tem o direito de se priorizar — disse

Nix, a voz suave.

Franzi a testa.

— Entretanto... — sibilou. — Vou morder esse Titus para você... agora mesmo. Nunca mais vai precisar se preocupar com ele.

— Não — sussurrei, agarrando seu corpo invisível.

Nix soltou um murmúrio dramático, mas não resistiu.

— Você sufoca a minha criatividade — disse ela, esfregando o rosto na minha palma.

— Matar as pessoas não é criativo — sussurrei, o mais baixinho possível.

— Não critique antes de tentar, criança. — Nix deslizou pelo meu pescoço, a língua roçando a bochecha. — Sou uma artista. Ah, as maneiras com que posso fazer alguém gritar com um pavor violento.

Infelizmente, foi a última vez que alguém falou comigo durante horas. Todos se concentraram nos estudos e ficaram em silêncio.

O tempo se moveu em um ritmo *estranho*.

Uma música triste flutuava pelas estantes, as luzes das velas tremeluziam, as lareiras estalavam e a cera pingava. Tudo estava mergulhado em tons quentes de vermelho.

— ACABOU O TEMPO! — gritou o general Cleandro, interrompendo a paz.

Acordei de repente. Sonhei que estava sentada à mesa estudando, mas não era verdade. O general ordenou que todos voltássemos à sala de aula, e nós obedecemos, mancando até lá.

O professor Pine nos cumprimentou com um sorriso largo e cheio de dentes.

Qual é o problema dele?

A maratona de aulas continuou.

Desejei que Charlie estivesse comigo.

Somente na segunda sessão de meditação em Disciplina e Poder, eu me dei conta de que Maximum era o único sentado na primeira fileira da classe. Dimitrios não voltara.

Agora éramos sete.

Titus sussurrou algo em meu ouvido e puxou um dos meus cachos quando Pine se virou de costas para resolver a equação no quadro.

— Você é a próxima a morrer, vadia.

Espero que sim.

O tempo ficou ainda mais estranho.

Nix sussurrava incentivos constantes e cutucava meu rosto sempre que eu começava a pegar no sono.

Os insultos de Titus ficaram mais atrevidos e frequentes.

O zumbido no ouvido esquerdo aumentou, tornando-se um zunido agudo.

Como passei uma boa parte da vida surda, eu conseguia ler os lábios dos professores quando estavam de frente para nós, mas, quando se viravam de costas, ficava perdida.

O professor Augusto falava alto e claro, mesmo quando era latim, então era fácil de acompanhar.

O professor Pine murmurava.

O tempo se estendia em segundos, que escoavam para horas, que se derretiam em dias.

— Leo, qual é a função? — perguntou Pine, tão alto que o som se sobrepôs ao zumbido em meu ouvido.

A turma se virou a fim de olhar para Leo (um garoto se virou, dois tombaram e alguém bateu a cabeça na parede).

Esfreguei o novo machucado na testa.

Leo estava dormindo no chão, o braço jogado sobre os olhos, a baba escorrendo pela lateral do rosto. Sua posição não era nada discreta. A julgar pelos espasmos na perna dele, estava em um estágio *profundo* do sono.

Ou isso, ou estava convulsionando e precisava de um médico, rápido.

Titus e Alessander sacudiram o ombro de Leo, mas ele não acordou.

BANG. O general Cleandro fechou seu livro amarelo com tudo — eu tinha cento e dez por cento de certeza de que ele apenas fingia ler — e pegou o pager.

Não.

Por favor, Deus, não.

Obrigue ele a correr sozinho. É culpa dele se tem um problema com o sono. Todo o resto ficou acordado. Por favor, não faça a gente sofrer. Não é justo...

O general Cleandro sorriu ao apertar o botão.

Murchei até virar pó.

BOOM. Um homem alto e bonito, de cabelos escuros compridos e com uma coroa de louros, entrou na sala, franzindo o cenho. Havia uma fênix colorida em seu ombro.

— Fox, herdeiro da Casa de Atena — disse o general Cleandro, cumprimentando o recém-chegado.

— General, como sempre, é uma honra. — Fox curvou sua bela cabeça em uma reverência.

Então, seus olhos percorreram a sala. Seu lábio superior se retraiu de desgosto.

O general Cleandro apontou para Leo.

— Seu aprendiz parece estar com bastante sono.

Fox tinha uma carranca cruel. Ele foi pisando forte até Leo e o puxou pela toga. Gritou alguma coisa, e o retorno no meu ouvido foi excruciante. Então, ele deu um tapa no rosto de Leo. Forte.

Esfreguei os pulsos.

— CHEGA DE PREGUIÇA! LEVANTEM-SE E VAMOS... VAMOS... VAMOS! — berrou o general Cleandro, a voz explodindo pela sala enquanto seu falcão batia as asas.

Cambaleando — oprimida pelo enjoo causado pelo zumbido no ouvido —, saí da sala junto ao restante da turma.

Fox liderou o grupo, arrastando Leo pela orelha de forma brusca. A fênix soltou um grito estridente, que quase parecia o miado de um gato.

Saímos correndo da montanha gelada, direto para o inferno.

A luz do sol nos cegava, o ar úmido era sufocante, o calor nos oprimia, e a grama quente chapinhava sob meus pés descalços.

O sol brilhava alto no céu, e quase não havia nuvens.

Já havia me esquecido da sensação do calor.

Fox nos conduziu pela trilha na grama, que se transformava em seixos e subia a montanha. A fênix voava bem alto, a cauda um arco-íris colorido.

Com as pernas trêmulas, permiti que minha mente vagasse.

Rezei para o tempo se distorcer.

Cada segundo era uma eternidade, e cada passo, uma agonia.

Nada conseguia me distrair da queimação nas pernas e da inspiração *agonizante* nos meus pulmões exaustos.

O suor escorria pelo meu rosto.

Cada passo da subida ficava pior.

Eu cambaleava próximo à beira da montanha, oscilando, os olhos cegos pelo cansaço.

Bem distante, do outro lado da montanha, um grito ensandecido e violento ressoou. *Um Titã*.

Boquiaberta, tropecei em uma pedra e caí na direção da...

— Fique perto de mim. Tenha cuidado. O Titã está muito longe, não vai conseguir nos alcançar. — Drex me puxou da beirada do abismo, então me arrastou junto a si, avançando.

Tentei empurrá-lo, mas ele nem se mexeu.

Balancei a cabeça, desesperada, porque não tinha energia para ensinar nada a ele. Eu não *conseguiria*.

— Acalme-se — disse Drex. — Não espero nada em troca. Relaxa, porra.

Tropecei em outra pedra, e só fiquei de pé porque ele segurava minha toga.

Eu estava desorientada e indisposta, a baba escorrendo pelos lábios enquanto eu bufava e arfava. Engasgava e chorava.

Éons depois, nós *finalmente* chegamos à parada no topo. Caí de joelhos. Cada inspiração doía; cada batida do meu coração fazia os membros latejarem de angústia. Eu não conseguia enxergar nada.

— Você é a vadia espartana mais patética que já existiu. Você não merece isso. É só se matar para que o nosso sofrimento acabe — sussurrou Titus no meu ouvido.

Rangi os dentes.

— Tem certeza de que não quer que eu morda esse cara? — perguntou Nix. — Será *doloroso*.

Tentei mexer os lábios para formar as palavras, mas só saiu o silêncio. Sem forças, ergui a mão e comecei a bater no pescoço.

— Ai, ai, pare com isso, mulher — reclamou Nix. — Está bem. *Está bem*, não vou mordê-lo. Pare de me bater.

Titus bufou.

— Você é nojenta e fraca. Os homens sofrem por causa de vadias como você. *Roubou* o lugar de um homem no torneio. É uma ladra e uma farsa — disse ele, puxando um cacho que escapara do elástico.

Jéssica teria lhe dito que não dava ouvidos a homens que tinham cheiro de ratazanas de esgoto.

Estava com saudades da valentona da minha escola.

A situação era realmente trágica.

— Vamos. Acabou o intervalo! — gritou Fox, e todos resmungaram ao se levantar.

Tive dificuldades para me orientar. Alguém me puxou para que eu me levantasse, e comecei a lutar contra...

— Acalme-se — resmungou Drex enquanto eu o chutava.

Parei de lutar.

— Descul… — interrompi, incapaz de terminar o pedido.

— Tudo bem. Vamos — chamou ele, enroscando a mão outra vez no tecido frouxo na frente da minha toga e me arrastando montanha abaixo.

Cada passo era pura dor.

Quando *enfim* chegamos ao pé da montanha, desabei no chão.

— Vou dar um tempo maior para vocês se recuperarem antes de nadar — disse Fox, e houve um coro de murmúrios aliviados.

Ergui o polegar trêmulo para ele.

— Obrigado — disse Leo. — Nós agradecemos.

— Cale a porra da boca! — gritou Fox. — Pare de cair no sono e de me obrigar a fazer essa merda. Achei que tivesse deixado claro da última vez o que aconteceria se isso se repetisse. Então, cale a boca, sente-se, e pense em como você nunca mais vai dormir na aula de novo.

Aleluia, irmã.

Leo murmurou um pedido de desculpas.

— Acabei de mandar você *calar a porra da boca*. Está falando por quê? — questionou Fox.

Havia algo de atraente em um homem que dizia a verdade com tanto carisma. Fox ganhou meu voto.

Depois de longos minutos arfando (uma hora), meu coração desacelerou e a visão entrou em foco.

O céu estava pintado de laranja e cor-de-rosa conforme o sol se punha atrás dos picos.

Que lindo.

Meus olhos ficaram marejados.

— Ah, por Cronos, você está *chorando*? — perguntou Titus, e seus amigos deram risadinhas, como se ele fosse hilário.

Sim, porque você é feio pra caramba.

Eu me arrependi na hora de não ter dito aquilo em voz alta.

Mais uma vez, Drex se sentou à minha frente. Desta vez, estava de pernas cruzadas sobre a grama, à margem do rio. Estava encharcado de suor e assentiu para mim, exausto.

Sem ele, eu teria caído na ravina ao lado da montanha.

Você vai ter que ensinar matemática para ele.

— Acha mesmo que vai sobreviver ao torneio? — perguntou Titus,

caminhando e me encarando do alto.

Leo e Alessander estavam ao lado dele.

— Que merda branca é essa na sua boca? — perguntou Titus. Com a mão trêmula, limpei a baba seca e o suor. Titus deu uma risada exagerada. — É sêmen?

Seus amigos caíram na gargalhada.

Drex revirou os olhos.

Dobrei os joelhos e me inclinei para a frente, colocando a cabeça entre as pernas. *Diga a ele que ninguém nunca irá amá-lo.*

Titus riu mais alto.

— Tem *certeza* de que não posso mord… — sibilou Nix em meu ouvido.

Cutuquei a serpente.

O momento passou, e mais uma vez me arrependi de não ter insultado Titus. Por algum motivo, Pátro era o único que eu conseguia insultar.

— Que grosseria — resmungou ela, mas sua língua cutucou minha bochecha. — Você vale muito mais do que eles. Ignore-os. Uma leoa de Nemeia não escuta as ovelhas balirem.

As palavras dela eram inspiradoras.

Infelizmente, Charlie dissera certa vez que eu tinha o semblante de um ornitorrinco e a energia de um esquilo enlouquecido. Estávamos apenas começando a conversar através de sinais, então eu não tinha muita certeza se foi isso que ele quis dizer. Fiquei assustada demais para perguntar.

— Puta merda. Pessoal, *olhem*. — A voz de Alessander estremeceu de medo, e os três valentões enfim se calaram.

Obrigada, Deus, pelas pequenas misericórdias.

Ergui os olhos.

Meu coração parou.

Caronte estava a alguns metros de distância, o barco comprido flutuando pela margem do rio. Olhos azuis gélidos me encararam.

Esqueça o que eu disse.

Estava perto o bastante para estender a mão e me tocar, a capa preta esfarrapada esvoaçando em volta de si como uma sombra.

Minha visão ficou turva. Aquela vara parecia uma foice.

Devagar, Titus, Leo e Alessander se afastaram da margem do rio.

Eu estava cansada demais para me mexer.

A brisa jogou o capuz de Caronte para o lado, revelando maçãs do rosto proeminentes e um olhar afiado.

Longos segundos se passaram enquanto ele me encarava.

— O que ele está fazendo? — sussurrou Leo.

Garantindo que eu me lembre de sua ameaça.

Desviei o olhar primeiro.

Pela visão periférica, vi Caronte se afastar da margem com um sorrisinho cruel.

Satã: 1.

Alexis: 0.

O resto do intervalo passou em um silêncio tenso, e até Fox parecia desconfortável.

Como todas as coisas boas na vida, porém, a pausa acabou de repente, e nós nadamos pelo rio Estige (nos afogamos enquanto avançávamos). A água estava mais quente do que da última vez, mas ainda foi um choque para o meu corpo.

Cada braçada refletia meu desespero e o medo. Cada ondulação era o barqueiro caçando. Eu não achava que ele iria me matar, *ainda* não, mas aquilo não significava que não me atormentaria com um afogamento de leve.

Caronte parecia ser do tipo que brincava com a comida.

Quando nós sete nos arrastamos em grupo até a margem, a lua já brilhava no céu, e não havia cobertores térmicos.

O general Cleandro estava parado ali e parecia pouco impressionado. Então, anunciou outro intervalo de cinco horas para estudarmos.

Não me lembrava de como entrei na montanha.

Tinha somente uma vaga lembrança de engatinhar.

Em um minuto eu estava sob as estrelas, e no outro, sentada a uma mesa, tentando ler um livro enquanto as lágrimas escorriam pelo rosto. As escamas geladas de Nix estavam enroladas em uma bola aos meus pés.

Drex estava sentado à minha frente, a testa franzida, fazendo anotações. Também estava chorando.

— Você só deu sorte. Seus dias estão contados, vadia — sussurrou Titus, bem no meu ouvido direito.

Ele estava parado atrás de mim, a respiração quente no meu pescoço.

Eu me concentrei no texto à frente. *Diga que ele vai morrer sozinho. Diga logo, rápido.*

Virei a página, incapaz de reunir a coragem para falar.

— Eu disse que seus dias estão contados, *vagabunda*.

Rápido, xingue a mãe dele.

Ergui os dedos trêmulos para virar a página.

Titus segurou meu braço.

— Você vai desejar…

Encarei seus dedos, que envolviam meu antebraço com força.

— Me solte — falei, rouca.

Ele apertou ainda mais. Aqueles dedos malignos pressionaram minha pele, as unhas abrindo cortes.

De repente, estava de volta ao trailer.

Titus deu risada.

— Me obrigue.

Empurrei a cadeira para trás e girei. Meu corpo oscilou, sem jeito, e me joguei para a frente, dando um soco na lateral de seu rosto idiota.

Ele cambaleou para trás com a força.

— Você me deu… *um soco*? — Ele trincou a mandíbula, os olhos arregalados e ensandecidos.

Cambaleei para frente e para trás, sem equilíbrio. Minha cabeça girava com o movimento repentino, o estômago se revirando.

O punho dele voou.

Crack. Dores explodiram pelo meu nariz, e sangue jorrou em meus lábios. Fiquei paralisada, piscando, em choque, atordoada com o líquido que escorria pelo rosto.

— É, foi o que eu *pensei, porra* — gritou Titus na minha cara. — Você é uma vadia fraca e não tem nem chance contra um homem de verdade como…

Avancei e, com toda a minha força, bati o joelho em sua virilha. Ele se abraçou e caiu de joelhos. Chutei seu rosto enquanto ele caía.

Crack. O sangue jorrou quando seu nariz quebrou. Titus gemeu em posição fetal no chão.

E agora, quem é o homem de verdade?

Cambaleei, meio bêbada, e minha visão duplicou.

Escutei um barulho abafado e me virei para a esquerda. Leo e Alessander iam me atacar pelo meu ponto cego. Semicerrei os olhos e me preparei para…

Drex apareceu do nada e acertou um soco no rosto de Leo.

Drex e Leo bateram na mesa.

Alessander parou, surpreso.

Com os braços trêmulos, peguei uma cadeira, gemendo ao erguê-la no alto. Alessander se virou para mim. Eu a joguei sobre sua cabeça, e ele caiu como uma pedra.

Os estilhaços da cadeira se espalharam para todos os lados.

Leo e Drex se afastaram e me encararam. Maximum e Cassius arquejaram em suas cadeiras, boquiabertos. As musas espiavam por detrás das estantes.

Pelo canto do olho, observei sombras se movimentarem de maneira estranha.

Meu pescoço formigou. Pela porta aberta da biblioteca, estreitei os olhos para a escuridão do lado de fora. *Será que tem alguém me observando?*

Não havia ninguém ali.

Titus gemeu, e eu joguei no chão o pedaço de madeira que segurava.

— Iupiiiiii! — Nix deslizou pela minha perna. — *Essa* é a minha garota. — Ela parecia estar fungando. — Estou tão orgulhosa… este é o melhor dia da minha vida. Sabia que você ia conseguir, amiga. É o poder feminino, abaixo o patriarcado! Não pare. Mate todos eles. MATE TODOS AQUI DENTRO!

Franzi o cenho, caí no chão e vomitei em cima de Alessander.

Opa.

Limpei a boca com as costas da mão e mal consegui me segurar para não cair de cara no chão.

— Que porra de barulho é esse?

O general Cleandro entrou na biblioteca, e o professor Augusto o seguiu com uma expressão preocupada. Quando me viu, seu rosto se transformou em uma carranca horrível.

Ambos pararam.

Piscaram e absorveram a cena.

Devagar, os dois homens (gigantes enormes, que pareciam pertencer a um campo de batalha) foram até Alessander, que estava desmaiado, coberto por pedaços da cadeira e *coisas*, ou seja, meu vômito. Ao lado de seu amigo inconsciente, Titus cambaleou e ficou de pé, segurando a virilha como um pervertido.

— O que… aconteceu aqui? — perguntou o general Cleandro, devagar.

Augusto me encarou, os olhos escuros e desalmados me acusando, os rubis reluzindo em sua cabeça sob a luz das lareiras da biblioteca.

Em respeito à sua autoridade (puro medo), encarei o chão.

Titus balbuciou.

O general Cleandro ergueu a mão.

— Só gostaria de lembrá-los — falou, em voz baixa — de que, se alguém andou brigando, seja lá qual foi a razão, todos vocês irão correr o circuito até seus pés sangrarem… depois correrão ainda mais.

Os dentes de Titus bateram quando ele fechou a boca depressa.

— Então vou perguntar de novo — disse o general Cleandro. — Que *merda* aconteceu aqui?

Cassius falou rápido.

— Foi só…

— Titus. — O general interrompeu Cassius e apontou para o garoto coberto de sangue. — *Titus* vai me contar o que aconteceu.

O silêncio ficou tão carregado que, se alguém acendesse um fósforo, o ar teria explodido.

— Alessander caiu da cadeira — sussurrou Titus, depois de uma pausa longa e excruciante. — Quando caiu, a cadeira bateu em mim… e… é… foi por isso que acabamos os dois no chão.

Ergui os olhos.

O general Cleandro observava Titus com uma expressão indecifrável, e Augusto ainda olhava para mim.

— No futuro, tenha mais cuidado com suas ações — disse o general. — A mobília pode ser… *perigosa*.

Não parecia que ele estava falando de uma cadeira.

— O que estão esperando? — Ele girou e encarou a turma. — VOLTEM A ESTUDAR E PAREM DE FICAR PARADOS.

Quando o general Cleandro saiu da biblioteca, nós voltamos aos nossos lugares.

A desculpa de Titus não explicara meu nariz quebrado, o olho roxo de Leo, o machucado na bochecha de Drex, ou como a cadeira quebrou *em cima* de Alessander e o cobriu de vômito.

O general, porém, não havia nos punido.

Augusto permaneceu na biblioteca, os olhos semicerrados.

Socorro, por que ele ainda está olhando para cá?

Por que está vindo na minha direção?

Augusto caminhou até onde eu estava sentada e parou atrás de mim, como uma nuvem escura.

Rezei para entrar em combustão espontânea.

— O que acha que está fazendo? — perguntou Augusto, baixinho, tão baixo que somente eu conseguia ouvir.

Infelizmente, não explodi.

Engoli em seco.

— Do que está f-falando? — sussurrei.

Ele se inclinou mais para perto, a respiração fazendo cócegas na lateral da minha orelha, e sensações estranhas me causaram um frio na barriga.

— Por que *caralhos* você está se colocando em perigo? — perguntou ele, devagar, a voz vibrando com a veemência. Baixinho, em um sussurro mortal, acrescentou: — Ctônicos são *extremamente* raros e importantes. Haja de acordo.

Ah, é porque os meus mentores são Ctônicos, e ele está preocupado com o fato de se tornarem generais.

Agitei a mão, despreocupada.

— Não se preocupe, só estou me defendendo. Estava tudo sob controle. Está tudo bem. — Meu tom era confiante, mas o sangue que jorrava do meu nariz quebrado em cima da mesa estragava a cena.

Augusto soltou um murmúrio rouco no fundo da garganta e flexionou as mãos. Ou ele tinha artrite reumatoide, ou estava tentando não me estrangular (as duas opções eram bem preocupantes).

— Cuide melhor de si mesma — criticou ele. — Ou vou ter que fazer algo a respeito. Isso não pode continuar.

Como não ficou nem um pouco claro a que "isso" ele se referia, abri um sorriso hesitante para Augusto.

Ele resmungou e saiu batendo o pé, então bateu a porta da biblioteca ao fechá-la.

A conversa correu bem.

Desabei sobre a mesa, gemendo ao sentir o rosto latejar.

Quando os dois generais espartanos (ditadores fascistas sedentos por poder, que com certeza sofriam de uma doença mental não diagnosticada) saíram, houve um suspiro de alívio coletivo na biblioteca.

Sentimos alegria por termos evitado o destino trágico.

Eba, não fomos assassinados em um acesso de raiva! Iupiii! Deus é bom.

— Uau, criança — sibilou Nix, deslizando pelo meu corpo. — Aquilo foi *sexy*. Sentiu a tensão? Nem consigo respirar.

— Primeiro, você está doida — sussurrei. — Segundo, você é uma cobra. Você tem pulmões?

— Primeiro, que grosseria. Tenho, sim — sibilou Nix. — Segundo, por favor, eu sou uma *fêmea*. É óbvio que aquele homem quer fazer coisas obscenas com você. Graças a Cronos, finalmente um pretendente à altura. Estava ficando com medo de que você fosse morrer virgem. Teria sido uma vergonha para a honra da nossa família.

Engasguei.

A nossa família tinha honra?

— Escuta, qual é o problema com o celibato? — sussurrei. — Eu já disse, Carl Gauss é o único homem para mim. Você *sabe* disso. Além do mais, não tem jeito, você enlouqueceu. Augusto me odeia.

— Eu nunca disse que ele não te odiava. — Nix apertou minha garganta. — Isso é óbvio. Aquele homem te DETESTA, mas isso não significa que ele não quer te matar… na cama. Se é que me *entende*.

Infelizmente, eu entendi. Mais ou menos. Num sentido bem vívido, porém, eu não fazia ideia do que ela estava falando.

Pigarreei, sem acreditar, e a saliva pingou na mesa de um jeito atraente.

— Você é louca — falei para Nix, tentando limpar a baba cheia de sangue com o braço, mas acabei espalhando e sujando ainda mais.

— Você é idiota — disse Nix, bufando, e resolvi agir de forma madura (belisquei a serpente até ela calar a boca).

Às vezes, a violência *era* a solução.

Drex resmungou ao se sentar à minha frente.

— O que foi aquilo com o Augusto? — Os olhos dele estavam arregalados, e a expressão, confusa. — Por que ele estava sussurrando para você daquele jeito? Você… conversa com ele fora do torneio?

Bufei.

— Não, isso seria horrível.

Ele continuou olhando para mim de um jeito estranho.

— Ele age de um jeito muito… possessivo com você.

Lá vem mais um.

Balancei a cabeça e agitei a mão, rejeitando a ideia.

— É só porque os meus mentores são Ctônicos. Todos estão s-superpreocupados quanto a eles se tornarem generais. Criaram um ambiente muito opressivo e doentio. O velho e bom clubinho dos garotos. Sabe como é.

O que eu estou dizendo?

Drex não parecia saber de nada, mas deu de ombros e abriu o livro.

— Aqui. — Tossi. — Vou te explicar — sussurrei, a voz rouca, o ar assobiando pelo meu nariz quebrado, e empurrei meu livro em sua direção.

A cabeça de Drex se ergueu depressa. Ele olhou para mim como se eu fosse sua heroína.

— Aliança, que tal? — resmunguei. Depois, esclareci: — Nada parecido com um culto. Sem sacrifícios humanos, coroas de flores ou círculos estranhos de gravetos.

Àquela altura da minha vida, não conseguiria encarar a rotina de um culto. Talvez depois, quando tivesse mais tempo livre.

— É claro. — Drex abriu um sorriso de dentes ensanguentados por sua briga com Leo, e acrescentou: — Nós, mestiços abandonados, precisamos nos unir.

Assenti (e logo me arrependi, porque forçou meu nariz dolorido) e, devagar, comecei a explicar álgebra linear para ele. Por sorte, Drex aprendia rápido e entendeu os conceitos com facilidade.

Conforme as horas passavam, um calor estranho preencheu meu peito. A sensação era tão esquisita que demorei um instante para entender o que era.

Era *esperança*.

As duas semanas já estavam quase acabando, e logo descansaríamos. Já estávamos no fim de agosto e, de alguma forma, eu ainda estava viva. O professor Augusto dissera que o outono era muito mais fácil. *Você já enfrentou a parte mais difícil.*

As coisas não seriam tão ruins e, no fim, tudo daria certo.

A ilusão era uma droga e tanto.

Aviso: não daria “tudo certo”.

15
Obsessão

Augusto

Houve um estalido alto de algo quebrando e um baque na sala ao lado, onde os novatos deveriam estar estudando.

Alguém gritou.

Um grunhido ressoou.

Cleandro e eu paramos de planejar as aulas e nos encaramos, horrorizados. Então saímos correndo até a biblioteca.

Paramos à porta, quase escorregando. Cerrei os punhos.

Era a maldição da minha existência. *Por que ela está sempre causando problemas, porra?*

Alexis estava parada no meio da biblioteca.

Seu nariz estava quebrado, o queixo, coberto de sangue, e os dois olhos, inchados e ficando pretos.

Alguém lhe deu um soco no rosto.

Minha visão ficou vermelha. A raiva pura e simples me consumiu por inteiro. Massageei o peito, respirando fundo.

Alexis era delicada, assim como minha irmã, Helena, e suas feições suaves estavam distorcidas pela dor.

Todos os meus músculos ficaram tensos. Homens que machucavam mulheres não mereciam viver.

E é por isso que ela não deveria estar participando desta merda de torneio. É uma maldita desonra ultrajante para Cronos.

Minhas mãos coçavam de vontade de quebrar o pescoço de alguém, e eu estremeci diante da força com que tentei me controlar.

Cleandro me lançou um olhar estranho, como se enxergasse através de mim.

Eu o ignorei.

Ele não conseguia enxergar *nada*; era apenas um Olimpiano.

Nunca entenderia como era ser eu. O poder. A raiva. O peso da responsabilidade.

Os Ctônicos eram uma espécie em risco de extinção e, como o mais velho, era meu dever manter a geração seguinte a salvo. Todos dependiam de mim. E eu não falharia.

Os lábios de Alexis tremeram.

Não cairei nos joguinhos dela.

Ódio e outra coisa que não identifiquei queimaram dentro de mim. Alexis abria a possibilidade de Helena ser obrigada a participar daquela loucura imoral.

Eu queria matá-la por isso.

Quando Caronte me contou o que ela era, o ódio aumentou dez vezes mais.

Como ela se atreve?

Sua presença zombava de tudo aquilo que eu defendia.

Nenhuma mulher, por mais forte que fosse, deveria ser obrigada a enfrentar o torneio. Era errado, era uma desonra.

Não dava a mínima se Afrodite e Ártemis diziam que eu não era progressista. A questão não era se as mulheres eram tão resistentes quanto os homens. A questão era que não *deveriam* ser.

As mulheres espartanas eram raras e precisavam ser protegidas a todo custo. O futuro da nossa sociedade dependia dessa proteção.

Os olhos bicolores de Alexis estavam arregalados ao encararem o chão da biblioteca.

Cleandro e eu entramos no cômodo.

Aos pés de Alexis, Alessander sangrava, inconsciente.

Fiquei boquiaberto ao absorver a cena: os pedaços de madeira espalhados em cima do garoto e o pedaço que sobrara na mão de Alexis. Ela quebrara a cadeira em cima dele.

Por Cronos.

A raiva lutou contra um respeito relutante.

Outra pessoa gemeu. Titus estava no chão, o sangue escorrendo de seu rosto enquanto ele se contorcia como um covarde fraco.

Ela destruiu os fracotes chorões. Os dois. Ótimo.

Emoções fortes me sufocaram, e eu não sabia como me sentir.

Tudo em relação a Alexis era confuso.

Ela era tímida e quieta, mas também selvagem e sanguinária. Fazia comentários idiotas, mas, segundo Pine, era um prodígio na matemática teórica.

Não acreditei quando Caronte me contou o que ela havia feito no circuito. Agora eu acreditava.

Estava claro que seu objetivo era mudar o conceito das mulheres em Esparta.

Não enquanto eu estiver aqui.

Era completamente inaceitável.

Meus dedos coçaram, e cerrei as mãos. A vontade de sequestrá-la e trancafiá-la em algum lugar longínquo, e depois fazer pedacinhos da mente de Titus, era avassaladora.

Faça isso mais tarde. Agora não é o momento.

A dor se espalhou pelo meu peito.

Respirei fundo e lutei contra as minhas vontades degradantes, enquanto Cleandro livrava a cara da garota.

Ele deveria puni-la por essa falta de autopreservação, e não a recompensar. Ela está a um passo em falso da morte.

Alexis encarou Cleandro com olhos arregalados e gratos, mas havia uma certa escuridão em seu olhar que era dolorosamente familiar.

A vida a havia machucado.

Bastante.

Assim como havia me machucado.

Não importa. Não sinta pena. É isso que ela quer. É tudo um jogo para Alexis.

O comportamento dela não fazia sentido.

Pelo que eu já tinha visto, Alexis tropeçava pela vida, de um jeito ingênuo e inocente a ponto de ser frustrante, sem nem pensar nas consequências. Junte isso à sua necessidade hipócrita de provar que as mulheres deveriam lutar ao lado dos homens espartanos, e ela se torna a encarnação do meu pior pesadelo.

Eu, porém, estava ali.

Eu era as consequências.

Protegeria Alexis e todas as mulheres sob minha responsabilidade, quer ela gostasse ou não.

Cleandro saiu da biblioteca, e eu me demorei à porta, lutando contra a vontade de fazer algo. Em vez de segui-lo, como deveria, eu avancei pela

biblioteca, incapaz de evitar os instintos que me puxavam até lá.

As feições delicadas de Alexis empalideceram quando me aproximei.

É bom mesmo você ter medo.

Quando parei a centímetros de distância, eu me inclinei ainda mais perto, inspirando discretamente seu perfume inebriante. Um rugido queimou no fundo da minha garganta, e meus dedos coçaram, querendo descobrir se seus cachos loiros eram tão macios quanto pareciam.

Concentre-se.

Com um rosnado baixo, alertei Alexis de que devia cuidar melhor de si mesma. Alertei-a de que haveria consequências.

Ela ergueu os olhos para mim, apavorada.

Por Cronos, a garota fazia eu me sentir um monstro, como se não fosse ela quem estivesse colocando Helena em perigo. Era eu quem estava tentando proteger todo mundo.

Será que ela achava que era fácil?

Será que pensava que eu a mimaria, porra? Daria as boas-vindas de braços abertos? Aplaudiria enquanto ela arriscava a própria vida como uma idiota?

Alexis me encarava, e seus cílios longos e escuros estremeceram. De perto, eu conseguia ver as manchinhas douradas em seu olho preto como a meia-noite. A língua umedeceu os lábios cheios de sangue. Eles tinham curvas perfeitas.

Minha cueca de seda ficou apertada, e me odiei na mesma hora.

Cacete, o que estou fazendo?

Eu era mais velho que ela e era seu professor.

Aquilo era errado de várias maneiras.

Havia algo em Alexis que me fazia perder o controle.

Eu me sentia feroz com a raiva que ela me provocava.

Se eu ficar mais um segundo nesta biblioteca, vou matar aqueles dois garotos por terem tocado nela, e depois sequestrá-la e algemá-la à minha cama.

Saí do cômodo.

No corredor, Poco bateu os dentes e subiu em meus ombros. Seu peso era familiar. Tranquilizador.

Saí da montanha para a noite quente e berrei de raiva. Um mar de estrelas cintilou no céu.

A Via Láctea tinha faixas amareladas.

Dei um soco em uma pedra, a respiração pesada. Balancei a cabeça, confuso, e comecei a descer a trilha da montanha.

Precisava correr o circuito para recuperar o controle.

Algumas horas depois, meus músculos queimavam devido ao exercício, e voltei a exibir uma fachada calma.

Na biblioteca, Cleandro anunciou que era hora do descanso, apertou os botões do pager e se teletransportou.

Os novatos acordaram assustados.

Pátro e Aquiles chegaram primeiro e seguraram uma Alexis meio inconsciente.

Os nós dos meus dedos estalaram.

Por que caralhos eles a tocam com tanta familiaridade, e por que me importo com isso?

Eu os encarei com raiva, e eles olharam confusos para mim, então desapareceram em uma explosão alta.

Mal consegui reprimir a vontade de segui-los.

Preciso me distrair.

Os outros mentores começaram a chegar. Peguei Alessander e Titus pela frente de suas togas e os arrastei para trás de uma estante.

Joguei-os com força no chão.

Eles gemeram de dor. *Ótimo.*

A dor explodiu em meu peito quando usei meus poderes, ergui-os do chão e encarei seus olhos.

A pressão queimava meu cérebro.

Eles não tinham defesas mentais, então penetrei suas mentes Olimpianas patéticas.

Ao contrário dos Ctônicos, que resistiam, as mentes Olimpianas eram suaves e maleáveis.

Os dois garotos caíram de joelhos.

Caso voltem a se atrever *a machucar Alexis, ou* qualquer outra *mulher*, berrei dentro de suas mentes, *vou destruí-los de dentro para fora*.

Eles choraram como bebezinhos.

Garanti que sentissem dor.

O sangue escorreu por suas bocas, olhos, narizes e ouvidos. Rios vermelhos cobriam seus corpos. Ambos sufocaram e se engasgaram, sem conseguir respirar.

Se fossem humanos, estariam mortos.

Como eram espartanos, continuaram vivos. Infelizmente.

Permaneci em suas mentes. *Os espartanos não machucam as mulheres, senão eu os machuco. Entendido? Isso foi só um gostinho do que posso fazer.*

Suas mentes estremeceram de dor e começaram a rachar. Eles engasgaram mais alto.

Revirei os olhos, porque usei pouquíssimo do meu poder. O cérebro deles nem começara a vazar pelas orelhas.

Os garotos estavam bem.

Os covardes chorões assentiram de maneira brusca, tremendo no chão, sufocando.

Eu me empertiguei em toda a minha altura e limpei as mãos.

— Vocês me dão nojo — falei, e cuspi neles. Depois, me afastei. — Eles estão ali atrás — acrescentei para os mentores, apontando para a estante.

Os dois Olimpianos fizeram uma reverência, o medo estampado em seus rostos.

Eu me forcei a usar a máscara da calma de novo.

Os homens relaxaram.

Tolos ingênuos.

Dei meia-volta e bufei. Estalei os dedos e apalpei minha arma. Precisava enfrentar um titã, ou perderia a cabeça e começaria a torturar Olimpianos. Mais do que já havia torturado.

— *Domus* — sussurrei, e imaginei a sensação de lar.

O mundo explodiu em fumaça e me teletransportei.

Estreitei os olhos, confuso. Olhei ao redor da floresta silenciosa. Uma lona estava estendida de propósito entre alguns galhos. *Eu não queria me teletransportar para cá.*

Dei de ombros, me virei e comecei a andar por entre as árvores.

Daria para o gasto.

Pulei a cerca de arame farpado de uma área protegida e me aventurei pelo interior da floresta, procurando minha presa.

Por Cronos, como eu estava puto.

Alexis Hert será a responsável pela minha morte.

Caronte estava certo. Seu plano era o único caminho aceitável.

Mais tarde direi a ele que concordo. Vamos fazer do jeito dele.

As coisas iriam mudar por ali.

Tinham que mudar.

Aut viam inveniam aut faciam. Ou encontrarei um caminho, ou criarei

um.

Do contrário, eu enlouqueceria, e pessoas morreriam.



16
Assombrada

Alexis

Por que seu nariz está torto? — perguntou Pátro, num tom acusatório, como se eu *quisesse* andar deformada.

Tropecei e tentei recobrar a consciência, mas, depois de horas de estudo na biblioteca (dormi sobre a escrivaninha com os olhos abertos e o sangue pingando do nariz), estava difícil.

A fumaça do teletransporte se dispersou ao nosso redor, revelando uma cozinha de fogão à lenha familiar, coberta de raios dourados de sol.

Do outro lado da janela da sacada, a água cintilava em um tom azul-escuro e o sol se punha no horizonte.

Um lobo e uma jaguar rosnaram para mim. Acenei para eles.

Estávamos de volta a Corfu.

Obrigada, Deus.

Tive um acesso de tosse terrível, a dor e a exaustão irradiando de cada célula do meu corpo insone.

Pátro me puxou pelos pulsos até me levantar.

Eu me afastei de seu toque, os antebraços queimando com dores fantasmas. Bati na parede, então cambaleei, mais ou menos de pé.

Ele disse algo depreciativo, mas não consegui escutar por causa do zumbido agudo no ouvido esquerdo.

Além disso, o desespero mórbido estava alto. *A vida é uma droga.*

Meu rosto ainda doía graças ao *incidente* na biblioteca, onde eu talvez tenha tido um surto mental violento e agredido dois homens (não me arrependia de nada, alguém tinha que fazer aquilo).

Então, depois de eu ter ajudado Drex com matemática, respirando pela boca porque minhas narinas estavam destruídas, e pegado no sono, o general Cleandro anunciou que havíamos sobrevivido a quatro semanas

inteiras na Academia de Guerra de Esparta e podíamos ir embora com nossos mentores.

Eba, essa não.

Eu, particularmente, desejava estar morta.

Naquele momento, a expressão de Pátro era uma mistura de desgosto e ódio ao me observar apoiada na parede, lutando para ficar de pé. Aquiles estava parado atrás dele, a focinheira estendida em seu rosto.

Aquiles estalou os dedos. A palavra MORTE estava soletrada nas articulações. A tinta da tatuagem estava desbotada, e era por isso que eu ainda não havia notado.

Como o nosso vizinho gentil no parque de trailers era coberto de símbolos satânicos dos pés à cabeça, não me senti intimidada. *Espero que aquele homem ainda esteja tomando conta do Charlie.*

O desconsolo fez eu me sentir enjoada.

— Explique-se — ordenou Pátro, gesticulando para o meu nariz quebrado. — Você está acabada.

Comecei a falar, mas uma crise de tosse áspera explodiu do meu peito, e o sangue espirrou no chão da cozinha. Eu me curvei, arquejando, as mãos apoiadas nos joelhos.

As escamas de Nix estremeceram em meu pescoço enquanto ela dormia tranquila. *Deve ser bom demais ser assim.*

Pátro se sentou à mesa da cozinha, bufando, irritado.

— Pelo amor de Cronos. — Ele olhou para mim com raiva. — Será que você consegue se recompor uma vez na vida? Parece que se *esforça* para ser patética.

No meio da crise de tosse, lancei-lhe um olhar mortal.

Eu acabara de passar quatro semanas sendo torturada sem comida ou água. Mais um novato havia *morrido* durante essa vivência. Era de se esperar um pouco de compaixão da parte dele.

Pátro se inclinou para a frente e estalou os dedos diante do meu rosto.

— Não tenho o dia inteiro.

Tossi de propósito na mão dele.

— Eca! — Ele baixou a mão. — Por acaso, você acabou de *tossir* em mim como uma plebeia imunda e nojenta...

BUUM.

Mais fumaça preencheu a cozinha.

Por favor, Deus, não faça isso comigo.

De novo, não.

A tosse aumentou.

— Queridos, cheguei — provocou uma voz profunda e rouca, saída diretamente dos meus pesadelos.

O diabo entrou na cozinha.

Deus com certeza está me castigando. Primeiro, Augusto, agora, ele. Será que não podem me dar um tempo?

O perigo reluzia naqueles olhos azuis gélidos, e a tinta forte delineava *Furia* em seu pescoço.

As mangas da camisa social branca estavam enroladas, revelando antebraços musculosos. *Pare de olhar para os braços dele.* Os coldres da coxa e do peito estavam cheios de armas.

A coroa pontiaguda brilhava no topo de sua cabeça, um lembrete de quem ele era.

Realeza Ctônica.

Quem diria que o mal tinha ombros tão largos e uma cintura tão fina?

Eu queria me dar um tiro.

— Ora, ora, ora — disse Caronte, soltando um muxoxo. — Se não é a delinquente. Você causou um rebuliço e tanto. Todo mundo em Esparta está falando do seu pequeno... *show*. — Ele me examinou. — Falei para não se machucar — reclamou.

Assim como Augusto, ele está irritado com a possibilidade de eu colocar em perigo as chances de Pátro e Aquiles se tornarem generais.

— N-não me machuquei — falei, tropeçando e tentando não desmaiar de pura exaustão.

O tom dourado da cozinha escureceu, tornando-se um azul espectral. Ou pelo menos foi o que imaginei. E, mesmo com o nariz quebrado, o cheiro de uma tempestade de verão era inebriante.

As sombras se alongaram, e duas vozes sussurraram.

Não, você só está enlouquecendo. As vozes não são reais. O pensamento era reconfortante.

À mesa, Pátro franziu o cenho, depois lançou um olhar cômico de incredulidade.

— O que a Alex poderia ter feito a alguém a ponto de Esparta *inteira* saber? — perguntou ele.

Meu mentor riu, como se fosse engraçada a ideia de eu fazer algo que não fosse morrer.

— Não me chame assim — sussurrei.

Seu sorriso se desfez.

— Vou te chamar do que eu quiser, *Alex*.

Senti uma pontada na cicatriz em meu peito, e uma sensação gélida e dormente se espalhou pelos meus membros.

Eu queria machucá-lo. Muito.

Não. Você não é como os pais adotivos.

Balancei a cabeça, afastando aqueles pensamentos sombrios, e soltei um suspiro pesado.

— Alexis — começou Caronte, devagar — deu um soco na cara de Titus, da Casa de Dioniso. Aí ele devolveu o soco.

Pátro bufou.

— Vejo que decidiu atacar quem é melhor que você — zombou Pátro, virando-se para mim. — Você precisa se concentrar em se proteger. Espero que tenha aprendido a lição... *Não* é uma boa ideia mexer com um mestiço espartano que foi treinado desde que nasceu...

— E isso não é tudo — interrompeu Caronte.

O gosto de cobre invadiu minha boca graças ao nariz quebrado, então reclinei a cabeça para trás, gorgolejando de um jeito esquisito até conseguir respirar de novo. Havia aprendido a fazer aquilo desde criança, já que o pai adotivo me acordara com um soco no nariz mais de uma vez.

O fato de que o meu rosto sempre havia se curado perfeitamente já devia ser um sinal de que eu não era cem por cento humana, mas eu estava meio distraída tentando sobreviver, então não vou julgar a Alexis mais jovem.

Os três homens (monstros Ctônicos cruéis) arfaram para mim com expressões diferentes de incredulidade.

Era como se nunca tivessem visto uma mulher engolir saliva com sangue e ranho antes.

Dei de ombros.

O segredo para sobreviver à adolescência no meio de um apocalipse era a adaptação — e coletores menstruais. A música também ajudava. Assim como as fanfics de Carl Gauss.

Caronte se aproximou, os coldres de couro rangendo nas coxas largas, as faixas de couro cruzadas bem abaixo de outra protuberância...

Eu estava encarando aquela região masculina (coxa/virilha) como uma doida.

Nota mental: rezar. COM URGÊNCIA.

Ter 19 anos era estranho.

Eu me esforcei para não parecer tanto uma pervertida melancólica e observei os botões de diamantes azuis cintilando em seu peito largo.

Diamantes azuis não são os mais caros do mundo?

Já havia lido algo a respeito da raridade do Diamante Hope, que também era azul e costumava ser guardado em um museu, até os Titãs começarem a era da anarquia e ladrões roubarem a joia.

Uma dúzia de diamantes *grandes* reluzia na camisa de Caronte.

Qual é a probabilidade de eu conseguir roubar um deles e fugir? Aí, Charlie e eu podemos viver do lucro pelo resto de nossas vidas.

O diabo se aproximou com a postura perfeita. Os ombros largos estavam empertigados (não que eu tenha notado), exibindo as armas espartanas nos coldres em seu peito.

Dez por cento de chance de eu roubar um botão.

Caronte me olhou por sobre seu nariz aristocrático e se inclinou perigosamente mais perto.

A rouquidão de sua voz era mortal.

— É uma história e *tanto*, sabiam? Depois de levar um soco, Alexis deu uma joelhada na virilha do garoto, e então... deu outra joelhada no rosto dele, derrubando-o no chão.

A melodia agitada de um piano começou a tocar.

Pátro soltou um resmungo no fundo da garganta.

— E daí? Ela conseguiu incapacitar razoavelmente um único garoto. Não é como se...

— Depois — interrompeu Caronte, de maneira brusca —, Alexis ergueu uma das cadeiras da biblioteca e bateu em outro garoto até ele ficar inconsciente.

Pátro se virou e ergueu as sobrancelhas.

Caronte invadiu meu espaço pessoal ainda mais.

Estreitei os olhos e ergui o pescoço a fim de olhar para ele.

— Não foi bem assim — falei. — Eu só... bati nele uma vez. Com a cadeira. Foi quase um tapinha. Um golpe leve.

— E então, para piorar a situação — continuou Caronte, como se eu não tivesse dito nada —, ela vomitou no garoto desmaiado para afirmar que o subjugara.

Ah... isso não é bom.

Pátro ficou boquiaberto.

— Hum. — Estremeci e ergui um dedo. — N-não foi isso que aconteceu.

Caronte se moveu mais rápido do que meu olho conseguiu acompanhar. Ele estava a milímetros de distância. O calor de seu corpo queimava, e uma sensação diferente fez meu estômago se revirar.

— Você não vomitou nele? — perguntou, zombando de mim, a voz profunda de barítono arranhando minhas orelhas.

O fogo ardia dentro de mim, e aquelas sensações estranhas me deixaram fraca.

— Foi um acidente. — Dei de ombros, casual. — O vômito.

Sou só uma garota com o estômago fraco, nada de mais.

Uma mão pálida se ergueu na direção do meu rosto.

Eu me encolhi, fechei os olhos e esperei pelo golpe.

Dedos compridos e ardentes me seguraram pela nuca com firmeza. Arrepios explodiram pela minha coluna. Os joelhos bambearam.

Tá, zero por cento de chance de eu roubar um botão.

Nada aconteceu.

Ótimo, ele vai prolongar a minha morte e deixar a situação desconfortável.

Ergui o olhar semicerrado. Olhos azuis ainda mais gélidos me encararam com uma expressão indecifrável, a mandíbula cerrada.

— Vou contar até cinco — falou Caronte, baixinho.

O quê?

— Um — disse ele, a voz fria e ríspida.

Houve uma longa pausa enquanto ele me olhava, cheio de expectativa. *AimeuDeus, será que ele quer que eu conte até ele me matar? Quem faz uma coisa dessas?*

— Hã, dois? — falei.

Sim, eu estava participando voluntariamente do meu próprio assassinato. Não, não estou a fim de falar disso.

— Três — sussurrei, estremecendo.

Caronte segurou meu nariz quebrado. Senti uma dor incandescente explodir pelo meu rosto. Ele colocou o osso de volta no lugar. Com força.

Eu gritei e joguei a cabeça para trás, as lágrimas escorrendo, o rosto pegando fogo. Gemi e segurei o nariz machucado, cambaleando para trás e batendo na mesa.

Pátro gritou alguma coisa.

Tropecei, e estava prestes a cair de cara no…

Caronte segurou meus ombros e impediu a queda.

Ergui os olhos para ele, e o enjoo no meu estômago piorou. Durante um longo momento, nós nos encaramos.

O branco de seus olhos se transformou em vermelho.

Sentimentos estranhos e intensos percorreram meu corpo. Pareciam… *obsessivos*.

— Não me toque — sussurrei.

— Tudo bem. — Ele me soltou.

Desabei no chão, uma confusão de membros espalhados e orgulho ferido. Por sorte, eu havia me virado no último segundo e por pouco consegui evitar quebrar o nariz de novo.

Rolei e ofeguei.

Nero, que estava deitado embaixo da mesa, ficou de pé e rosnou. Popeia lambeu a pata com delicadeza e observou a cozinha com um olhar raivoso.

Acho que eles estão começando a gostar de mim.

Popeia sibilou, depois cuspiu uma bola de pelos com tudo.

Talvez não.

Botas de couro pesadas, decoradas com ouro — e que eu com certeza nunca conseguiria comprar, mesmo se vendesse minha virgindade *e* todos os órgãos (inclusive a pele) no mercado clandestino — pararam ao lado da minha cabeça.

— Levante-se, porra! — gritou Caronte. — Agora!

A promessa de dor estava refletida em seus olhos. Por mais estranho que parecesse, de repente encontrei minhas forças.

— Agora você entende com o que estamos lidando? — perguntou Pátro, quando me sentei à sua frente na mesa. — Foi isso que eu quis dizer.

— Entendo — respondeu Caronte. — Sei mais do que você imagina. Mas *você* sabe quem ela é, exatamente?

— O quê? — perguntou Pátro, confuso.

— Meu nome é Alexis — falei, prestativa. — Essa sou eu.

— Cale a boca! — berrou Caronte para mim. — Como se atreve? — perguntou ele, rosnando.

Na mesma hora, me arrependi de ter falado. *Por que insisto em interagir com eles*? Fechei a boca com força e encarei a mesa, rezando para ficar invisível.

Até onde eu sabia, todos os Ctônicos falavam em enigmas complicados.

Além disso, eram todos malucos. Também tinha essa questão.

Uma pazada na cabeça *não* seria o suficiente para eles. Seria necessário atropelá-los com um carro.

Ninguém mais disse nada. Estávamos sentados em grupo naquele ambiente desconfortável que Caronte criara.

Carl Gauss nunca agiria assim.

A luz do luar entrava na cozinha obscura, e meus mentores me encaravam do outro lado da mesa. Caronte permaneceu de pé, o que era ainda mais desconcertante.

Meu coração disparou de medo.

Pense positivo, Alexis. Ele não vai te matar. Quer você viva por causa dos amigos dele. Não precisa temê-lo.

Crack. Um punho coberto pelo desenho de um esqueleto socou a mesa ao meu lado.

Ele vai comer seu cérebro. Corra. Corra. Corra.

— Pátro e Aquiles — disse Caronte, baixinho. — Por que vocês não vão preparar o quarto para Alexis? Quero ter uma... conversinha com ela. Sozinho.

AimeuDeus.

— É claro — disse Pátro, sorrindo e oferecendo o braço para Aquiles. Ao saírem da cozinha, ele virou a cabeça a fim de olhar para mim, e a mensagem em seus olhos verdes era clara. *Agora Caronte vai comer seu cérebro.*

Caronte se inclinou mais próximo, e sua respiração roçou minha nuca.

Engoli um grito.

Sua voz sinistra era a corda de uma forca envolvendo minha garganta.

— Você machucou seus colegas novatos — falou, a voz rouca. — Você fingiu ser fraca, mas aí... fez *picadinho* deles, com tranquilidade. Até seria impressionante, se isso não estivesse tão abaixo do seu potencial.

Ele deu outro soco na superfície.

Que potencial?

Sombras se estenderam pela mesa. Alguma coisa rosnou.

Um grito começou a se formar na base da minha garganta.

— Você é uma mentirosa de merda. — A respiração de Caronte estava gelada na lateral da minha bochecha, um contraste forte ao calor intenso de seu corpo. — Como se atreve a se colocar em risco, e ainda trazer desonra

para todos nós com essa farsa?

Ele me prendeu contra a mesa. Os músculos de seu abdômen se contraíram, pressionando minhas costas.

— Eu avisei o que aconteceria. Você quer ser minha inimiga mortal?

O suor escorria pela lateral do meu rosto. Minha respiração estava fraca.

— Eu não m-menti — sussurrei, assustada demais para falar alto. — Estava tudo sob controle.

Caronte não se mexeu.

Uma risada sarcástica escapou de seus lábios.

Ele não acredita em mim.

— Caronte… eu juro pela minha vida.

O calor se dissipou quando ele se afastou de forma abrupta.

— Do que você me chamou?

Arquejei. Precisei de um instante para compreender a pergunta dele.

— Caronte? — repeti, confusa.

Será que isso é um jogo mental?

— Meu nome não é *Caronti* — reclamou ele, em um tom amargo, como se eu o tivesse insultado seriamente. — Pronuncia-se Ca-ron-te.

Estreitei os olhos.

— Certo, mas só muda uma vogal.

— Diga o meu nome — ordenou ele. — Agora, Alexis.

— Caronte? — murmurei.

— Você acabou de dizer Caronti de novo?

— O quê? Não… — Semicerrei os olhos outra vez. — Espere, pode repetir a pronúncia?

Dedos compridos se enterraram no meu couro cabeludo. Então, ele puxou minha cabeça para trás. Caronte se agigantou acima de mim, o torso próximo ao meu rosto, os olhos azuis frios e cruéis repletos de promessas violentas.

— Diga *Ca-ron-te*. Agora.

— Caronte. — Engoli em seco. — Perdão, senhor.

Ele inspirou de maneira brusca.

Os olhos Ctônicos estavam cobertos de sangue.

Um golpe incandescente de *alguma coisa* explodiu no meu estômago. A sensação era poderosa e estranha, como se não tivesse vindo de mim.

Ofeguei, erguendo o olhar para ele, sem entender.

Caronte me soltou e recuou, como se eu o tivesse escaldado. Passou os dedos tatuados com força pelo cabelo bagunçado, os olhos voltando ao normal.

Por um longo instante, ambos respiramos com dificuldade.

Uma tensão estranha se desdobrou entre nós. Era elétrica. Volátil. *Aterrorizante*.

— Não se esqueça do que eu te disse antes. — Sua voz era grave, com tom ameaçador. — Pare de mentir. Se permitir que te machuquem, tornarei sua vida tão infeliz que você vai rezar a Cronos para morrer.

Tarde demais. Já estou fazendo isso.

Balancei a cabeça e respirei fundo para me recompor.

Não serei manipulada por um homem com uma tatuagem de esqueleto. Sou boa demais para isso. Eu não tentei me machucar.

— Mas — começou ele, devagar — você realmente deu uma surra naqueles garotos. Estou quase... orgulhoso, *carissima*. Mas não se atreva a fazer isso de novo. Lembre-se: estou de olho.

Antes que eu pudesse responder (começar a chorar), ele saiu da cozinha.

Fiquei sozinha.

A energia fria e zombeteira dele ainda pairava, pérfida, no ar.

Por favor, não se orgulhe. Por favor, não fique de olho em mim. Na verdade, nunca mais olhe para mim. E, por favor, não me chame de "querida" em latim. Obrigada.

Mais uma vez, o filho infame de Ártemis e Érebo me deixara tonta à mesa da cozinha.

— Tchau, Caronti — sussurrei, com desprezo.

As sensações estranhas em meu estômago desapareceram aos poucos. Eu me afundei na cadeira, aliviada. A luz do luar e a brisa do mar pareciam suaves, menos traiçoeiras.

— Cacete — sibilou Nix no meu ouvido direito. — Uau! Isso é que é um pretendente de verdade. Eu não sentia um homem exalar esse tipo de *energia* há séculos. Embora Augusto tenha instintos protetores parecidos. São homens bons, Alexis.

Engasguei.

Por acaso ela estava vendo esses "homens bons" na cozinha conosco?

— Hã, nem pensar. Ele é literalmente um psicopata — falei, sem acreditar.

— Por isso mesmo — sibilou Nix. — Ele é determinado e implacável. Não é um daqueles covardões do torneio que nem sabem matar alguém.

É isso que eu chamo de distorcer a situação.

— A pessoa que ele amar será protegida pelo resto da vida. — Nix suspirou como se aquilo fosse romântico. — Ele seria... dedicado... possessivo, se é que me entende.

Uma gargalhada subiu pela minha garganta.

Não, eu não entendia. Nem um pouco. Com a cabeça nas mãos, comecei a gargalhar sem parar ao pensar em Caronte apaixonado. Ele provavelmente mataria pessoas, depois daria à sua amada pedaços dos corpos.

— Você é engraçada — falei para Nix, enxugando as lágrimas das bochechas.

Parei de rir.

Como é que Caronte soube o que aconteceu na biblioteca?

Meu coração se apertou, e me senti enjoada.

Será que ele está me seguindo? Esperando para cumprir a ameaça? Esperando para me sequestrar e me levar até seu covil, onde vai me torturar por...

Não. Pare com isso.

Bati na testa com o punho para afastar aqueles pensamentos terríveis.

Caronte havia dito que todo mundo em Esparta sabia da briga, então um dos novatos deve ter dito alguma coisa.

Mas nós acabamos de sair da academia.

Afastei a mão da cabeça e afundei ainda mais. Meus membros estavam pesados, e senti a gravidade me esmagar.

Minha sanidade estava em frangalhos.

De repente, compreendi bem por que aquele livro horrível dissera que o torneio era um teste mental.

Eu não conseguia confiar nos meus pensamentos.

Está tudo bem. Você só está paranoica. Vai conseguir superar isso. Já aguentou o inferno uma vez e se manteve sã. Vai conseguir fazer isso de novo.

A determinação percorreu meu corpo.

Decidi mudar as coisas.

E começaria agora.

Com uma lentidão dolorosa, cambaleei até as pilhas de comidas frescas e cortadas dispostas pela cozinha. Mastiguei devagar e comi até não

aguentar mais. Depois, bebi uma jarra de água gelada, que estava deliciosa.

Tirei da tomada o rádio brilhante sobre o balcão da cozinha, peguei um queijo inteiro e levei tudo para o meu quarto.

Com a música tocando e um pedaço de queijo fresco na boca, caminhei até o mar Jônico para dar um mergulho noturno.

A luz tinha um brilho mágico. A água morna batia de leve contra a costa rochosa.

Era tranquilo.

Calmo.

Nadei sem pressa, como teria feito no lago em Montana, como teria feito se não estivesse em estado de alerta e fosse somente por diversão.

Depois de nadar, tomei um banho quente demorado no chuveiro, esfregando quatro semanas de sujeira e lama enquanto cantarolava junto ao rádio. Usei todos os recipientes de sabão, em todas as partes do corpo. Nix dançava comigo.

Então, avolumei os cachos e fiz outro discurso revolucionário.

Foi o melhor até o momento.

Quando enfim me enfiei sob os lençóis de seda, abracei Nix contra o peito.

— Muito obrigada por todos os dias que passamos juntas. Você é minha melhor amiga — sussurrei.

Não iria deixar que aquele lugar me tornasse cruel.

— Eu que agradeço, criança. — A língua dela fez cócegas na minha bochecha.

— Também amo vocês, Emmy e Carl — sussurrei para a escuridão enquanto o sono me puxava com delicadeza.

Sonhei com olhos sangrentos me observando; uma obsessão estranha e compulsiva; duas vozes sussurrando; esqueletos.

A manhã seguinte estava ensolarada e bela, então afastei os pesadelos.

Eu controlo a minha mente.

Será?

Não havia ninguém na cozinha, então comi pedaços de carne e frutas até sentir a mandíbula doer.

Depois, encontrei um caderno e uma caneta em uma das gavetas da mesinha de cabeceira e me sentei em frente ao mar (ainda comendo) para trabalhar na Hipótese de Riemann. Não estava perfeita, porque eu não tinha os cálculos antigos ali comigo, mas escrever os números graficamente foi

fácil.

Foi pura tranquilidade.

Pela primeira vez em semanas, me senti viva.

Passei o resto do dia nadando de toga (àquela altura, eu estava convencida de que havia algum tipo de magia impregnada no tecido). Devagar, nadei de peito pelas cintilantes águas azul-turquesa. Estávamos no começo de setembro, então o mar e o sol ainda tinham uma temperatura agradável.

A vida na ilha era diferente.

A folhagem verde da colina quase reluzia com os raios de sol.

Galhos estalaram alto. Semicerrei os olhos para a floresta atrás da casa. Dois homens apontavam câmeras compridas para mim.

Estavam bem *perto.*

Gritei e segurei Nix em volta do meu pescoço, correndo para dentro da casa.

Caçadores de espartanos.

— E agora, qual é o problema? — perguntou Pátro, escancarando a porta do meu quarto com Aquiles em seu encalço.

Ambos me encararam com olhos estreitos.

— Tem dois homens na colina, bem perto da casa. Tiraram fotos m-minhas nadando — expliquei, pingando por ter saído correndo do mar.

— Isso é inadmissível. Temos que fazer alguma coisa — sinalizou Aquiles para Pátro, cheio de raiva, os olhos escarlates brilhando. — Temos que enforcá-los com os próprios intestinos.

Eu me encolhi.

Aquiles estreitou os olhos para mim, desconfiado, e eu observei um grão de poeira muito interessante no chão.

Não, não. Eu não entendo nada de linguagem de sinais, e você com certeza não é um assassino psicótico. Não há nada de interessante aqui.

— *Merda*, como é que sempre nos acham? — gritou Pátro. — Se esta casa tiver sido comprometida, teremos que nos mudar de novo. A situação está saindo do…

— Por acaso você disse que tiraram fotos suas, Alexis? — perguntou Caronte, saindo do corredor e entrando no quarto.

Seus olhos estavam escondidos por óculos escuros finos e com detalhes em ouro.

Pelo visto, o diabo passara a noite ali, e era preocupante o quanto ele

ficava bem de óculos.

A humanidade está condenada.

Caronte estalou o pescoço, a tatuagem se mexendo enquanto ele me prendia em seu olhar.

— Eles. Tiraram. Fotos. Suas? — perguntou, devagar, com uma expressão feroz.

De repente, fiquei preocupada com a saúde dos fotógrafos.

Franzi os lábios e balancei a cabeça em negação.

Caronte deu um passo à frente.

— Ela está mentindo — disse Pátro, ao mesmo tempo em que Aquiles apontava com raiva para mim.

Fuzilei meus mentores com os olhos.

Click. Caronte destravou uma de suas armas. A sigla GSMM reluziu no cano enquanto ele encaixava um cartucho. Depois, enrolou as mangas da camisa.

BUUM.

A fumaça espiralou no corredor, e um cheiro fraco de sal e chuva pairou no ar, como vestígios de uma tempestade de verão.

Ele havia se teletransportado.

Pátro suspirou.

— Bom, se é assim, vamos assistir ao show. — Ele gesticulou para o deque da minha varanda, e nós três fomos até lá e estreitamos os olhos para a mata atrás da casa.

Vários minutos se passaram e nada aconteceu.

— Talvez ele não tenha conseguido encontrá-los — falei, cheia de esperança.

Pátro balançou a cabeça, como se eu fosse uma idiota.

— Ah, ele com certeza vai encontrá-los. É o Caronte. Existe uma razão para o chamarem de *Caçador*.

— O que tem de tão especial no Caronti? — murmurei em um tom petulante.

Pátro arqueou a sobrancelha.

— Eu não o chamaria desse jeito na frente dele. Ele vai surtar, e a coisa vai ficar feia.

Tarde demais. Além do mais, trago novidades: já está feia.

— Por que o nome da empresa é GSMM? — perguntei, mudando de assunto e apontando para os dois mentores. — Por que escolheram os

apelidos *G* e *S*?

Pátro inclinou a cabeça, confuso.

— Não escolhemos. — Ele ergueu os nós dos dedos tatuados com a palavra "FALSO", depois apontou para a tatuagem desbotada de Aquiles. — Morte e mentiras, ou falsidade. *MM*. São essas letras que nos representam.

As grades da focinheira de Aquiles se mexeram quando ele esboçou alguma expressão, e algo me disse que não era um sorriso de amor e felicidade. Olhos vermelhos brilharam de orgulho, como se ele se sentisse *honrado* de ser chamado de morte.

Eu me afastei discretamente de Aquiles.

Ele se aproximou mais um pouco.

— Então o que *G* e *S* significam? — perguntei, engolindo um grito nervoso (a histeria já era meu estilo de vida).

Será que é Guerra e Sexo mesmo, ou outra coisa? Grotesco e Sufocante, talvez?

Pátro não me respondeu, porque tiros ressoaram alto. *Splash*.

Os dois fotógrafos caíram no mar a alguns metros de distância, como se tivessem sido jogados. Cuspiram e lutaram para se levantar na água rasa.

Caronte vinha caminhando atrás deles.

— Quem mais — berrou ele — sabe desta localização?

Com uma das mãos, Caronte apontou a arma para as cabeças dos homens. Com a outra, tirou aquela adaga maligna do coldre.

Os caçadores de espartanos balbuciaram e choraram enquanto imploravam por suas vidas, chapinhando sem parar na água.

Caronte enfiou a faca na perna de um dos homens — um grito ensurdecedor ressoou pela colina —, depois se inclinou e disse alguma coisa, baixo demais para que ouvíssemos.

Os gritos ficaram mais altos.

A mãe adotiva gritando.

Cocei os pulsos, fechei os olhos com força e respirei pelo nariz com dificuldade.

Bang. Bang.

Silêncio.

Eles estavam mortos.

Aquiles bateu palmas devagar.

Péssima hora.

— O que disseram? — perguntou Pátro.

— Que estavam sozinhos, explorando o lugar, e deram sorte — respondeu Caronte, com calma, caminhando pela água em nossa direção. — Disseram que o barco deles está estacionado do outro lado da ilha. Vou procurá-lo e me livrar dele.

— Eu podia ter interrogado os dois — comentou Pátro. — Sem os esfaquear, sabe?

Caronte grunhiu.

— E aí qual seria a graça? — Seu tom de voz era casual, como se estivesse debatendo sobre o tempo e não sobre os dois homens que acabara de *assassinar* a sangue-frio por tirarem uma foto minha.

Os três homens riram.

Dei um passo para trás, tentando me distanciar dos três assassinos.

Caronte se aproximou. A camisa branca estava coberta de vermelho, e cachos de seu cabelo escuro caíam desarrumados sobre os olhos. Ele reparou no meu olhar e abriu um sorriso largo. Então, devagar, lambeu a parte plana da adaga ensanguentada (*isso não é nada higiênico*). A loucura brilhou nos olhos azuis gélidos.

— Ah, sim. — Nix suspirou, sonhadora, no meu pescoço. — Ele seria um amante dedicado.

Ela precisava de um exorcismo.

Caronte deu outro passo na minha direção.

Recuei mais um pouco.

— Assustada, garotinha? — Ele recolocou as armas nos coldres, flexionando as coxas fortes. — Ou o nosso mundo é assustador demais para a sua delicada sensibilidade feminina? — Caronte deu risada, como se tivesse dito algo hilário. — Não precisa fingir perto de mim. Eu *sei* o que você é.

Estremeci, horrorizada. *O que fazer quando um monstro pensa erroneamente que você também é um deles?*

Pátro riu alto, e os olhos de Aquiles se enrugaram como se ele também achasse graça.

Agarrei meu pulso.

Luzes verde neon tremeluzindo; o zumbido crepitante da eletricidade; um telhado velho de metal; uma corda presa a um prego no chão.

Um longo momento se passou.

O diabo olhou de relance para onde eu embalava minhas mãos de forma protetora e cerrou a mandíbula quadrada. Então se virou e foi

embora, mancando de leve.

Será que ele se machucou?

BUUM.

Caronte desapareceu em uma onda de fumaça, talvez para ir atrás do barco dos homens mortos ou começar uma balbúrdia assassina só por diversão. Hoje em dia, não dava mais para saber.

— Popeia, Nero — chamou Pátro, apontando para os corpos flutuantes. — Jantar.

Os animais correram para o mar.

Eu me virei e voltei em choque para dentro de casa. Liguei o chuveiro e coloquei no mais escaldante, os dedos trêmulos. Sentei sob a água, as lágrimas escorrendo dos olhos.

Quando meus dedos ficaram enrugados e as lembranças pararam de destruir minha mente, voltei para a cama.

Fiquei acordada durante horas, comendo e ouvindo música clássica no rádio. Ouvi o barulho de grilos e sapos.

Quando os rangidos começaram de novo — desta vez, do lado de fora —, olhei em volta, a paranoia fazendo meu coração disparar.

A poltrona no canto do meu quarto estava totalmente encoberta pelas sombras, ainda que o luar iluminasse o restante do cômodo. *Por acaso ela se mexeu*?

Os pelos na minha nuca se arrepiaram. Longos segundos se passaram enquanto eu a encarava, sem piscar.

Nada aconteceu.

Você enlouqueceu de novo. É só um móvel. Acalme seus pensamentos.

O rangido ficou mais alto, e era inconfundível. Havia alguma coisa lá fora.

Com movimentos cautelosos para não esbarrar em Nix, que roncava debaixo do travesseiro, permaneci bem longe do canto da poltrona e saí na ponta dos pés pela porta aberta do deque, com um cobertor em volta dos ombros.

A água batia tranquilamente nas pedras, e a lua crescente brilhava prateada.

Uma orquestra suave tocava atrás de mim.

Algumas janelas adiante, em um deque parecido com o meu, figuras se moviam na noite.

Semicerrei os olhos para as sombras.

Uma silhueta obscura estava sentada em uma cadeira, e a outra estava... no chão? A cadeira balançava para trás e batia na grade com um rangido. Por isso aquele barulho.

Um gemido baixo e gutural ressoou pela noite.

Arquejos masculinos pesados se misturaram à música suave.

Devagar, meu olho se ajustou à luz fraca. O homem na cadeira tinha uma focinheira no rosto, e suas mãos estavam enterradas em... um cabelo encaracolado.

Aquiles segurava o rosto de Pátro contra seu colo.

O filho de Afrodite estava ajoelhado diante do Filho da Guerra.

Quadris ergueram-se da cadeira, o rangido aumentou, e os grunhidos ficaram mais fortes. Rápidos. Ouvi um barulho alto de sucção.

O suor escorreu pelas minhas costelas.

A brisa salgada do mar tomou meus sentidos.

Estremeci.

Aquiles puxou a cabeça de Pátro para trás de um jeito brusco e ergueu os quadris ainda mais, as sombras delineando sua masculinidade. Então ele gozou.

Pátro soltou um arquejo pesado.

— Porra — sussurrou ele, a voz, antes suave, agora rouca. Um líquido escorria por suas bochechas.

Esperei que ele ficasse irritado.

Que fizesse alguma coisa por ter sido tratado com tanto... desrespeito.

— Porra, eu te amo — sussurrou Pátro, em um tom cheio de emoção. — Tanto. — Ele lambeu os lábios, depois roçou o rosto no colo do homem enorme.

Aquiles o encarou, o peito arfando, e abraçou a cabeça de Pátro como se o homem fosse precioso, brincando com o cabelo dele. Usou a barra da blusa para limpar o rosto de Pátro com delicadeza.

— Eu te amo mais — sinalizou ele, devagar.

Seus gestos eram carinhosos e delicados, um contraste forte com aquelas investidas rápidas.

Havia algo de partir o coração em relação aos dois. Uma intimidade que parecia ser impossível.

Pátro ergueu um olhar de adoração para Aquiles.

O grandalhão se inclinou e descansou a bochecha sobre a testa de Pátro, como se desejasse poder lhe dar um beijo.

— Eu te amo tanto — repetiu Pátro, a voz rouca, abraçando a cintura do companheiro.

Aquiles acariciou sua cabeça e brincou com seu cabelo.

Em silêncio, voltei para o quarto na ponta dos pés, ofegante, meu estômago se revirando. Era difícil compreender o que eu acabara de ver.

Caí de cara na cama com os braços bem abertos.

A música baixa me envolveu em um zumbido suave.

— Nix, acho que entendi o que você quis dizer — sussurrei contra o cobertor. — Sobre a violência ser… romântica, e sobre a… devoção.

Não houve resposta.

Nix dormia com tranquilidade.

Mal sabia eu que aquela declaração viria me assombrar.

De maneiras que eu nem conseguia começar a compreender.

Naquela noite, sonhei com a mão de alguém agarrando meu tornozelo, dois monstros esqueletos sussurrando um para o outro, e promessas sombrias. No fundo, Charlie tremia em uma caixa de papelão, implorando que eu voltasse para casa.

Acordei soluçando.



17
O Cativeiro

Alexis

Lembrem-se: só se aproximem de um animal se ele se aproximar de você — disse o general Cleandro, conduzindo os sete novatos que restaram pelas profundezas da montanha, descendo as escadas de pedra em espiral. — Há feras antigas no cativeiro que *vão* atacar vocês caso se sintam ameaçadas.

Graças a Deus.

Aproximar-se de todos os animais até que um deles acabe com o meu sofrimento. Entendido.

O general Cleandro caminhou mais depressa pelo corredor escuro.

— Esses animais não são comuns — continuou ele, em tom ameaçador. — São predadores criados com cuidado, com linhagens de criaturas, mas... só porque são parentes distantes de seres sencientes... não significa que são inteligentes.

Então, os animais eram burros, mas poderosos.

Parecem a maioria dos espartanos.

O general acelerou o passo como se quisesse que nos perdêssemos no túnel estreito, o que teria sido divertido se eu não fosse uma das idiotas tentando segui-lo.

— Se forem atacados por um animal — falou ele, em tom ainda ameaçador —, vocês têm o direito de se defender ou se vingar, porém ninguém mais pode interferir.

Isso é preocupante.

Já fazia mais de uma semana e meia desde que eu havia voltado para a Academia de Guerra de Esparta, e a grande surpresa era que minha vontade de viver não existia mais.

Horas de aulas fizeram meu cérebro derreter. Também não conseguia

tirar cochilos nos intervalos porque estava ajudando Drex, o que piorava as coisas.

A falta de comida, água, ar fresco e direitos humanos (espartanos?) básicos não era ideal.

Naquela manhã, a gota d'água foi eu ter raspado a bunda no único vaso sanitário por estar enferrujado demais.

Sim, em Corfu eu tive um momento em que decidi pensar positivo e viver melhor. Infelizmente, eu desistia fácil, e já havia abandonado aquela ideia.

Tinha aceitado a verdade. *Não fui feita para viver bem.*

Agora, eu avançava cambaleando, exausta, os dentes batendo, os pés descalços chapinhando conforme os cortes se abriam nas solas doloridas.

O estômago de alguém roncou alto, e um gemido de desespero ressoou. Ultimamente, os outros novatos vinham reclamando cada vez mais de que estavam famintos.

Era irritante.

Será que não sabem que quanto mais você toca no assunto, pior é a sensação?

Afastei a fome persistente do pensamento e me concentrei em não tropeçar.

O caminho estreito ficara mais escuro, e estava quase um breu. As estalactites pendiam baixas e a água pingava do teto rochoso. Drex andava atrás de mim, murmurando que, se o túnel ficasse mais estreito, ficaríamos presos. *Estou rezando para que sim.*

Qualquer coisa era melhor do que ficar sentada assistindo a outra aula de D e P com Augusto.

Pelo visto, clarear a mente até alcançar uma sensação de paz (de uma fonte de luz inexistente brilhando sobre a minha cabeça) não era muito o meu forte.

Acho que não sou mesmo perfeita.

O general Cleandro parou de repente, e nossos ombros se chocaram quando esbarramos uns nos outros.

— Silêncio! — sussurrou o general, ríspido. — Dentro do cativeiro existe uma fera que atacará vocês até a morte se falarem muito alto.

Graças a Deus.

Ele abriu a porta pesada de bronze escondida na parede de pedra do corredor.

— A partir de agora, estão por conta própria — disse ele. — Espartanos com animais protetores não têm permissão para entrar. Dentro de três horas em ponto, vou abrir a porta para vocês saírem. Boa sorte.

Ninguém se mexeu.

Para ser justa, somente um idiota entraria voluntariamente.

— Mexam esses traseiros — sussurrou o general, ríspido. — Ou vão correr o circuito até seus paus caírem.

Franzi os lábios. Por acaso isso também afetaria uma vagina, ou era só uma...

O general agarrou a frente da minha toga, me levantou do chão e me jogou lá dentro.

Será que isso significa que sou sua favorita?

Com os ouvidos zumbindo, eu me deitei por um bom tempo sobre a... grama. Que estava... quente?

Uma luz brilhante ardia, folhas farfalhavam e pássaros cantarolavam lá no alto. Com os olhos arregalados, eu me sentei, boquiaberta.

Eu estava deitada na trilha de uma floresta de árvores floridas.

Bem ao longe, havia colinas onduladas verdejantes e um lago de água azul cristalina.

Havia um buraco gigantesco no topo da montanha, e a luz do sol entrava por ali.

A natureza estava *dentro* da montanha.

Era mágico.

Pássaros com caudas compridas e roxas e penachos amarelos em suas cabeças planavam preguiçosamente lá em cima, no ar fresco. Animais vermelhos parecidos com macacos gritavam uns com os outros enquanto corriam sobre os galhos cor-de-rosa das árvores.

O lago cintilava, e bichos que se assemelhavam a alces com galhadas esquisitas pastavam na margem. Um animal com tentáculos e um bico deslizou para fora da água e desapareceu no gramado alto.

Os novatos entraram e perambularam em todas as direções, as cabeças reclinadas, boquiabertos.

Um paraíso no meio do inferno.

Sorrindo e me sentindo como Eva, eu me levantei devagar. À minha direita, escutei um rosnado baixo de arrepiar.

Fiquei paralisada.

Uma espécie de leopardo esguio alaranjado, com presas tão compridas

quanto os meus antebraços, se agachou e rosnou, os músculos flexionados, como se fosse atacar.

Olhei ao redor. Só havia nós dois.

— Gatinho bonzinho — sussurrei.

Garras que pareciam adagas saltaram de suas patas, e ele arranhou o chão com violência.

— Gatinho mau?

O animal arreganhou as presas malignas três vezes, depois se virou e saiu correndo para dentro da floresta.

— Uau — sussurrou Nix no meu pescoço. — Aquele gato te detestou mesmo.

Dei um pulo e coloquei a mão sobre o coração.

— Ou talvez estivesse rosnando para você.

— Por favor. — Nix bufou, como se tal ideia fosse absurda. — Ele assentiu para mim com respeito, depois disse para você ir embora ou iria devorar sua coluna.

— Espere aí. — Estreitei os olhos. — Você consegue falar com leopardos?

— Não, eu improvisei.

Revirei os olhos e puxei a serpente.

— Certo, bem, talvez ele tenha se sentido ameaçado pelo seu veneno, então desça daí e serpenteie pela floresta. Seja livre, passarinho!

Tentei jogar Nix no ar, mas ela se enrolou no meu braço e o apertou.

— Ai, isso dói! — gritei, contente porque os outros novatos estavam distantes, explorando, e não teriam que assistir à minha luta contra aquela inimiga invisível.

— Bom, também fiquei magoada por você ter tentado me jogar no ar como se eu fosse uma simples pomba — sibilou Nix, recusando-se a me soltar.

Soltei um grunhido e usei a outra mão para tentar empurrá-la do meu antebraço.

— Então me encontre aqui dentro de algumas horas — sugeri, como uma adulta sensata.

Ela apertou até minha mão ficar roxa. Eu me deitei no chão e a empurrei com os dois pés.

— Está bem — sibilou ela, afrouxando o aperto. — Ficou claro que você não me respeita, então vou estraçalhar um coelho.

Ela deslizou para longe, a grama alta se dividindo em volta de seu corpo invisível.

— Não tente me manipular — sussurrei, quase gritando. — Você me trata como se eu fosse um cavalo em que monta sempre que quer. E digo mais: deixe os coelhinhos em paz.

— Aposto que aquele leopardo monstruoso precisa de uma amiga — gritou Nix em resposta.

— Você parece uma lesma gorda.

— Seu cabelo é seboso e cheio de frizz.

Arquejei e agarrei meu rabo de cavalo cheio. Não acreditei que ela tivesse sido tão baixa. Nix sabia que não podíamos tomar banho.

Semicerrei os olhos e apontei para a árvore à qual ela se dirigia.

— Escute aqui, sua…

— Hein? — perguntou Drex. — Você está brigando com uma árvore?

Girei e abaixei o dedo.

— Não…

Drex franziu o cenho.

— Eu entendo. Este lugar realmente faz a gente — ele girou o dedo ao lado da orelha — perder a cabeça. — Um minicavalo (com presas) passou galopando. — Depois a gente se fala.

Ele saiu correndo atrás do animal.

Suspirei e saí pisando firme, descendo a trilha e esperando que um animal fofinho e felpudo viesse me adorar.

Não iria me importar se fosse um guaxinim.

Um cachorrão também seria legal.

Um falcão (drone de vigilância do governo) com olhos roxos brilhantes e uma cauda prateada comprida pousou em cima de uma árvore e gritou para mim, com raiva.

Depois, abriu as asas, que tinham uma envergadura maior que a minha altura, e foi embora. *O design de robôs está saindo do controle.*

Enquanto eu caminhava pela floresta, todas as espécies de (supostos) pássaros balançavam a cabeça irritados, depois saíam voando.

Pelo visto, eu era o oposto de uma princesa: os animais me odiavam por completo.

Legal.

Isso nem me incomoda.

Um cervo com asas estava parado na trilha arborizada, comendo

frutinhas em um arbusto. Olhos cor-de-rosa cintilaram, e o bicho saiu correndo desembestado. *Por acaso ele olhou para mim duas vezes*?

Aquele comportamento bizarro continuou conforme eu caminhava pela floresta. Sempre que esbarrava com outro novato acompanhado de animais pacíficos, os bichos me viam e entravam em pânico, correndo em disparada para fugir de mim.

Depois de uma hora sendo a pária da Mãe Natureza, desabei na grama-baixa à margem do lago.

Eu achava que Nero e Popeia me odiavam porque seus donos me odiavam. Agora, já não tinha tanta certeza.

Parecia que *eu* era o problema.

A água espirrou quando um jacaré (um tiranossauro?) com espinhos de três metros saiu gingando para a margem, me viu, virou-se e nadou para longe com muita rapidez.

Lágrimas arderam em meus olhos.

Por que os animais agem como se eu fosse um monstro terrível?

Pelo jeito, era difícil me amar.

Abelhas roxas zumbiam, e borboletas azul neon voavam por perto.

— Você quer ser minha protetora? — sussurrei de maneira patética para uma abelha robusta, que mal conseguia manter o corpo redondo no alto.

Ela desistiu de tentar e foi caindo em espiral até o chão.

Sei como é.

Uma borboleta pousou na ponta do meu nariz, e um besouro gordinho, com belas manchinhas cor-de-rosa e pinças compridas, se acomodou em cima da minha mão.

Pelo menos os insetos gostam de mim.

O besouro me mordeu. Com força.

Meus gritos ecoaram e tapei a boca com a mão. Eu me sentei e olhei ao redor várias vezes, preocupada com a possibilidade de ter provocado o monstro sobre o qual o general havia nos alertado.

Houve um instante de silêncio, então ouvi um rosnado de arrepiar. Meu coração disparou.

Ótimo, Alexis, você conseguiu. Você é antipática E vai morrer.

— Nix — sussurrei. — Me desculpe. Você não parece uma lesma, só quando come e a sua barriga fica enorme. Eu te amo e espero que você tenha uma vida maravilhosa.

O barulho assustador se repetiu, mais próximo, e os pássaros empoleirados ao longo da margem mais distante do lago alçaram voo.

Permaneci sentada, paralisada.

A grama alta farfalhou à minha direita, e eu estreitei os olhos. O pânico tomou a minha garganta.

Um cachorrinho branco estava sentado, indefeso, entre as hastes da grama, as orelhas grandes empertigadas. *Fuja, pequenino, antes que o monstro pegue você.*

O animalzinho abriu a boca, exibindo presas afiadas grandes demais para sua boca, e soltou um rosnado feroz. *Deixa para lá, você é o monstro.*

Eu desabei, aliviada.

Os olhos do cachorro se estreitaram, e ele se agachou.

— Venha aqui... sua... coisinha — sussurrei, chamando-o, mas sem querer chatear o pobre animal.

Enquanto os outros bichos no cativeiro exibiam suas características únicas de maneira pomposa e impressionante, aquele... possível cão parecia ter passado por tempos difíceis.

Como eu também estava passando por uma fase ruim, tentei não o julgar.

Tufos disformes de pelo branco formavam protuberâncias em seus ombros e no bumbum, e as presas enormes cutucavam as laterais da boca. As patinhas pareciam dez vezes maiores que o corpo minúsculo.

O cachorro parecia um pouco com um filhote de husky, caso a gente semicerrasse os olhos e ignorasse os dentes pontudos, os tufos de pelos, os olhos roxos brilhantes e o rosnado assustador.

— Qual é o seu nome? — sussurrei.

O animal arreganhou as presas afiadas, abocanhou as plantas e as sacudiu com violência.

— Muito bem, você acabou com aquele dente-de-leão.

Em uma demonstração de pura habilidade de caça, o cãozinho atacou outra flor desavisada e a mordeu de maneira selvagem.

Uma nuvem de sementes brancas felpudas flutuou no ar.

Eu me aproximei, a mão estendida.

O animal recuou e soltou um rosnado baixo de alerta.

Com as mãos erguidas a fim de mostrar que não ia machucá-lo, voltei a me deitar.

Feliz por saber que eu não era uma ameaça, o filhote voltou a caçar

(destruir) as plantas. De vez em quando, os olhos roxos olhavam para mim, como se ele quisesse garantir que eu não havia me mexido.

Longos minutos se passaram, e o bichinho não saiu de perto de mim. Em determinado momento, ele rolou de costas. Era macho.

— Vou te chamar de Fofinho Jr. — falei para ele.

Ou ele se identificava como outra coisa, ou detestou o nome, porque o cachorro se aproximou e vomitou. O fato de ter vomitado muitos galhos parecia preocupante.

Fiquei de pé devagar.

Fofinho Jr. se agachou e rosnou para mim, mas não causou muito efeito porque a cabeça dele ficou escondida pela grama e pelos meus tornozelos. Eu tinha cinquenta por cento de certeza de que podia derrotá-lo.

O cãozinho balançou o corpo disforme e mordeu meus pés (*certo, quarenta e nove por cento*).

— O que você quer que eu faça? — perguntei, e apontei para a bagunça de galhos que ele vomitara. — Você fez isso sozinho.

Ele voltou a se agachar.

Eu fui embora.

— AimeuDeus. — Eu me virei ao entrar na floresta. — Você está me caçando?

As orelhas de Fofinho Jr. caíram, e ele me encarou sem se mexer. O brilho de seus olhos roxos ficou mais forte.

Ele voltou a rosnar.

— Você é tão inteligente e forte! — elogiei, porque todo mundo precisa de incentivo, e voltei a caminhar (arrastei os pés em um passo de caracol porque o cachorro parava o tempo todo e se distraía com as folhas).

Enquanto eu atravessava a floresta, a maioria dos outros novatos estava espalhada pelas árvores, sussurrando para os animais.

Titus estreitou os olhos para mim, mas desviou o olhar quando ergui a sobrancelha. Ele vinha agindo como um derrotado desde a briga da biblioteca na semana anterior.

Se eu soubesse que bastava dar uma joelhada no seu virrosto (virilha, depois rosto), teria feito isso séculos antes.

— Acho que os pássaros me adoram — disse Drex, quando o encontrei sentado em um toco coberto pela hera. Um tucano dourado com garras compridas prateadas estava pousado em um galho acima da cabeça dele, cantando uma bela melodia. — E você?

— Ah. — Apontei para as minhas costas, porque Fofinho Jr. estava tentando (sem sucesso) capturar uma borboleta. — Esse f-filhote está me seguindo.

Drex olhou duas vezes.

— Tem certeza de que é um filhote? O que houve com o pelo dele, e por que é tão cheio de... tufos?

Deus nos livre de encontrar alguém que pareça *um pouco* diferente durante um apocalipse.

Todo mundo criticava naqueles tempos.

Vivíamos uma época sombria.

— Não o magoe — falei. — Ele é só... único.

O tucano parou de cantar e começou a gritar, o que pareceu uma metáfora da minha vida.

— Depois a gente se fala — sussurrei para Drex, recuando devagar para não estragar a interação entre o pássaro (robô) e ele.

Voltei para perto da porta. Ali, a floresta era mais escassa, e não havia animais que eu pudesse perturbar com a minha suposta presença aterrorizante.

Fofinho Jr. ainda me seguia, agora com um galho na boca. (Ele o segurava pela ponta, e o graveto parecia estar na metade de sua garganta, sufocando-o, talvez?)

— Nix? — sussurrei. — Onde você está? Retiro tudo o que eu disse.

— Quer que eu morda aquela coisa e acabe com o sofrimento dela? — perguntou a serpente, deslizando pelo meu corpo e se acomodando como se fosse um cachecol.

Sorri e acariciei suas escamas quentes. Ter sido humilhada pelo resto do reino animal me fez gostar ainda mais da minha melhor amiga.

— Não, não morda ele. É o Fofinho Jr. — expliquei.

— Minha nossa, criança — sibilou ela. — Você deu até nome. Olhe para aquilo. É uma abominação da natureza.

Ambas encaramos o cachorro.

Fofinho Jr. engasgou com o galho, depois cuspiu e começou a comer pedaços de terra. Com bastante agressividade.

Era uma cena difícil de assistir.

— O pelo dele só cresceu de um jeito meio estranho. — Estremeci. — Mas quem sou eu para julgar a aparência dos outros? Pelo que dizem, até frizz no cabelo eu tenho.

— Seus problemas podem ser resolvidos — sibilou Nix. — Nada pode ajudar aquela coisa.

— O nome dele é Fofinho Jr. — Revirei os olhos. — E é um filhote de cachorro… eu acho. Talvez.

Nix se enrolou com mais força no meu pescoço.

— Se você criar um laço com aquela coisa… vou matá-la.

— Não vou criar um laço com ele — murmurei, chutando uma pedra. — Só que todos os outros animais me odeiam.

— É melhor ficar sozinha do que olhar para aquele bicho todo dia — falou Nix, estremecendo.

— Achei ele bonitinho — rebati, em um tom arrogante.

— Não é. — A língua de Nix fez cócegas na minha bochecha, e ela acrescentou: — Além do mais, talvez você só tenha assustado os outros bichos por causa dos seus hormônios depressivos. Tente pensar um pouco menos na morte. Os animais conseguem sentir essa energia.

Fiquei sem argumentos.

A porta de bronze se abriu.

— Acabou o tempo — anunciou o general Cleandro do corredor escuro.

Ao longe, depois do lago, um rugido de arrepiar ressoou. Somente uma criatura enorme poderia emitir aquele som.

Os novatos passaram correndo por mim em direção à porta.

Fofinho Jr. choramingou. Meu coração se partiu.

— Da próxima vez, vou te tirar daqui — prometi. — Até lá, tente carregar os galhos pelo meio.

Peguei um graveto e mordi a fim de mostrar a ele como segurar do jeito certo, depois joguei-o para o cãozinho e fui correndo até a porta. Quando olhei para trás, o galho bateu em seu focinho e o cachorro caiu. Pouco antes de a porta se fechar, ele já engolira metade do graveto, a outra ponta para fora, parecendo uma adaga.

Eu tentei.

Em uma reviravolta impressionante (que ninguém previu), o general Cleandro nos levou de volta para a forca.

As horas de tortura na sala de aula continuaram.

Senti saudades das borboletas.

Pine escreveu frações no quadro; Augusto nos ensinou meditação; Pine tagarelava sobre a ética dos gráficos enquanto escrevia equações que eram compridas demais para o quadro; Augusto nos contou, em latim, sobre os

ciclopes, criaturas assustadoras que pareciam sencientes, mas eram burras como pedras (ele me encarou o tempo todo).

Será que está insinuando que eu tenho a inteligência de um ciclope?

A cera pingava das velas. A fumaça pairava no teto baixo de pedra, nublando a sala. Melodias clássicas tocavam, e dentes batiam por causa do frio úmido.

O mundo não passava de tons de preto, vermelho e cinza.

Sem janelas, o tempo não existia, somente a tristeza.

— Aqui estão as provas — anunciou o general Cleandro, não sei dizer quanto tempo depois, jogando maços de papel nos nossos colos.

A sala voltou a entrar em foco.

Botas rasparam as pedras, e Leo choramingou quando o general lhe deu um chute.

— Chega de preguiça. Sente-se direito e comece a prova.

O falcão gritou um alerta.

Será que os drones vão parar de nos espionar algum dia?

Segurando a caneta meio desajeitada e com o braço trêmulo, comecei a equação comprida de Tágoras, que ocupava várias páginas. Resolvi a questão, um número de cada vez.

O padrão, a repetição, era tranquilizante.

— BAIXEM AS CANETAS.

Outro maço foi colocado no meu colo. Demorou longos minutos até meu cérebro se acostumar com o latim. Por fim, comecei a rabiscar uma redação sobre os ciclopes e sua inteligência limitada.

— ACABOU O TEMPO.

Na primeira fileira, Maximum resmungou quando o general Cleandro lhe deu um chute "sem querer" ao pegar sua prova.

Quando o general veio até mim, me encolhi e esperei. Ele resmungou, me encarando com uma expressão indecifrável ao pegar a prova. Então, foi para a última fileira. Alessander, Titus e Leo receberam chutes. Fortes.

Obrigada, Deus, por ser tão bom comigo. Eu vejo o que faz. Louvado seja. Infelizmente, eu estava exausta demais para comemorar do jeito certo (sentir alguma coisa).

— Atenção, todos. — O professor Augusto estava parado na frente da turma. Ele me lançou um olhar feroz, depois olhou para os demais de maneira amigável.

Qual é o antônimo de favoritismo? Espere aí, isso não seria bullying?

Será que a academia tem RH? Preciso dar queixa dele.

Óculos pretos estilosos estavam empoleirados no nariz de Augusto e contrastavam com a cicatriz, deixando-o com uma aparência *ainda mais* primitiva.

— Todos vocês demonstraram uma boa aptidão na prova, então ninguém será punido pelo resultado. — Ele fez uma pausa. — Dito isso, se você sempre tira as menores notas, precisa estudar mais se quiser durar até a primavera. Eis a ordem da pontuação: em primeiro lugar, Alexis Hert. Em segundo, Cassius Hermes. Em terceiro, Alessander Poseidon. Em quarto, Drex Chen. Em quinto, Maximum Hera. Em sexto, Leo Apolo. E, em sétimo, Titus Dioniso.

Justo na vez em que decidiram não punir o último. Não há mais justiça neste mundo cruel.

Drex me cutucou com o cotovelo e sorriu. Tentei erguer o polegar para ele, mas minhas mãos não obedeceram, então acabei levantando três dedos curvados e trêmulos.

Nós dois franzimos a testa.

— Vocês têm duas horas para estudar até o anoitecer — gritou Augusto, franzindo o cenho para o lugar onde o cotovelo de Drex encostou em mim. — Como todos sabem, como recompensa por terem chegado até aqui, vão ganhar um gostinho do que Esparta tem a oferecer. Todo mês, acontece um simpósio no Coliseu das Dolomitas. Esta noite, depois do intervalo de estudo, nós iremos até lá.

Não disseram que teria comida? Graças a Deus. Lágrimas de alívio encheram meus olhos quando meu estômago vazio doeu.

Sussurros animados irromperam pela sala.

— SILÊNCIO! — berrou o general Cleandro.

Se um alfinete caísse no chão, seria possível escutar.

Augusto estreitou os olhos escuros para mim, depois sorriu para o resto da turma.

— Vocês voltarão para a academia no amanhecer do dia seguinte. Então, haverá apenas mais um dia de aula antes de reencontrarem seus mentores.

Todos desanimaram.

— Caso alguém não volte ao amanhecer — alertou Augusto —, presumiremos que a pessoa desertou, e eu recebi ordens para caçá-la e eliminá-la pessoalmente.

Bom, a situação piorou bem rápido. Além disso, é meio tentador. Devo escolher a segunda opção?

— Muito bem. Bom trabalho, pessoal. — Ele bateu palmas. — Podem ir estudar.

Nós sete nos levantamos devagar, resmungando, os ossos rangendo e as juntas estalando.

A gravidade era uma amante cruel.

O general Cleandro saiu da sala, murmurando algo sobre precisar ir ao banheiro. Eu não tinha muita certeza e, para ser sincera, não queria saber.

— Alexis, fique na sala — chamou Augusto, o sorriso desaparecendo do rosto. — Gostaria de falar com você.

Fechei os olhos e engoli um grito de frustração. O calor da biblioteca estava tão perto.

Maravilha, ele vai me matar.

— Sim, p-professor — sussurrei, o rosto enrubescendo de vergonha enquanto os outros novatos saíam e eu ia até o quadro.

Quando gaguejava na frente de Augusto, eu me sentia a maior idiota do mundo.

Poco trincou os dentes, empoleirado no ombro dele, uma enorme bola de pelos cinza e preta. *Espero que o Fofinho Jr. esteja bem.*

Encarei o guaxinim e esperei Augusto falar. Era covarde demais para encará-lo nos olhos.

— Olhe para mim — ordenou ele, a voz suave transformando-se em um rosnado rouco.

Levantei a cabeça depressa.

Olhos pretos desalmados se estreitaram de forma ameaçadora e sustentaram meu olhar. A cicatriz que cortava sua bochecha tinha um tom forte de vermelho.

Senti dificuldade de respirar diante daquele escrutínio intenso. O cheiro de ozônio e eletricidade preencheu o ar, forte o suficiente para machucar, mas quente o bastante para ser meio inebriante.

Ele cheirava a uma tempestade de raios.

Longos segundos se passaram enquanto eu esperava que ele falasse. Havia uma tensão estranha entre nós.

Parecia... *violenta*.

— Zeus pediu para conhecê-la antes do simpósio — disse ele, por fim, num tom acusatório, como se eu tivesse agido pelas costas dele.

O silêncio, pesado e opressivo, se estendeu.

— Tudo bem...

Augusto inspirou profundamente.

— Como deve saber, as mulheres costumam ser proibidas de participar de simpósios.

Por que todo mundo presume que eu saiba das coisas?

— Entretanto... — Seus olhos pretos reluziram. — A federação votou para torná-la uma exceção. Como você é uma mestiça abandonada que já está participando do torneio, eles acham que não há mais nenhuma honra a ser perdida.

A julgar pelo tom de escárnio, ele não concordava com aquela declaração. Eu, particularmente, entendia o raciocínio deles. *Passei todos os dias da minha vida sem ser honrada.*

Augusto balançou a cabeça com força.

— Caso não se sinta confortável, você não precisa ir. Não é mesmo um bom lugar para uma jovem como você. Ainda mais depois do que Caronte me contou a seu respeito. A minha honra como herdeiro Ctônico não me permite concordar com isso. Vou avisar a Zeus para encontrá-la aqui na academia e...

— Não, eu vou — falei, interrompendo com um dar de ombros casual (muito tenso). *Vai ter comida lá. É por isso que estarei presente. Pode contar comigo.* — Parece... delicioso.

Augusto ficou paralisado, de um jeito sobrenatural.

— Como é? — perguntou ele, em voz baixa.

— Eu vou — repeti, o estômago vazio roncando alto. — Não tem problema.

Será que ele não me ouviu?

Ele se lançou na minha direção, a postura contorcida de raiva, o rosto distorcido, as mãos cerradas em punhos.

Eu recuei, cambaleando. Esqueça, tinha problema, sim.

O professor Augusto parou acima de mim, irradiando crueldade, como se estivesse prestes a cometer um assassinato.

E Nix tinha que estar dormindo justo neste momento. Eu precisava da ajuda dela agora. Havia perdido uma parte crucial da conversa.

Ai, meu Deus, ele vai me matar mesmo.

Ele deu outro passo à frente.

Eu recuei para perto do quadro.

O cheiro de eletricidade aumentou cem vezes, como se um raio tivesse atingido a sala.

Poco sibilou, sentindo aquela energia.

De repente, Augusto parou de se mexer e cerrou os dentes, depois estalou o pescoço, movendo-o para frente e para trás, como se estivesse se preparando para uma batalha. O movimento fez o rabo de cavalo comprido balançar e, à luz das velas, o cabelo bicolor brilhou como seda sob a coroa.

— O simpósio — disse ele, em tom baixo e ameaçador — não é lugar para uma garota superprotegida que cresceu no mundo benevolente dos humanos. Esparta é... perigosa, ainda mais para alguém como você. Devia repensar suas escolhas, se sabe o que é bom para si. É meu dever protegê-la.

O que ele quis dizer com "alguém como eu"? Será que é porque todo mundo pensa que sou filha de Zeus?

Dores fantasmas subiram pelos meus pulsos, e cocei as cicatrizes. Uma centelha de raiva ardeu em meu peito enquanto a palavra "superprotegida" ecoava na minha cabeça, me provocando.

Você não faz ideia do que é preciso para sobreviver no mundo humano.

— Sem querer ofender, professor — sussurrei, sustentando seu olhar abrasador, cansada de ser manipulada por todos —, mas eu sei o que é melhor para mim. Não preciso da sua ajuda.

Meu peito se encheu de orgulho.

Eu finalmente havia conseguido: rebati um argumento.

Augusto cerrou a mandíbula quadrada, a veia saltando em sua testa. Foi o único aviso que recebi.

O sangue tomou conta do branco de seus olhos.

Um peso se jogou contra a minha mente como um aríete, e uma dor aguda latejou na frente do meu crânio.

A sensação das batidas aumentou, como se alguém estivesse martelando atrás dos meus olhos.

Senti uma pressão ofuscante.

O mundo estava em chamas.

Os lábios de Augusto não se mexeram, mas uma voz masculina distorcida retumbou pelo meu crânio. *Você não quer ir ao simpósio.* A pressão e as chamas destruíram a minha mente, aniquilando todos os pensamentos. *Você não irá*, ordenou.

A voz estava certa.

Eu não queria ir.

A dor ardente se transformou em um inferno, a ordem se repetindo sem parar, subjugando minha mente e minhas vontades.

Espere aí. Não.

A chama do medo foi mais forte. Eu o empurrei mentalmente com todas as minhas forças, fazendo o intruso sair.

De repente, a pressão no meu crânio desapareceu.

Cambaleei, cega, a cabeça latejando. Bati com as costas no quadro e mal consegui ficar de pé.

Quando minha visão enfim recuperou o foco, eu estava curvada, com as mãos nos joelhos, suando em bicas.

Trêmula, sequei a umidade embaixo dos olhos. Meus dedos voltaram manchados de vermelho. Eu estava chorando sangue.

Ele também escorria do nariz e das orelhas.

Apavorada, ergui o olhar para Augusto, então fui deslizando pelo quadro em direção à porta.

A expressão dele era dura e implacável. Impiedosa. Como se não se arrependesse. Como se quisesse fazer de novo. Como se quisesse me machucar. Me derrotar. Me destruir. Me torturar.

Desviei os olhos.

Ele tentou destruir minha mente. Tentou… mudar os meus pensamentos. Tentou me forçar a não ir.

Seu poder era muito pior do que eu podia ter imaginado.

Augusto não lia mentes. Ele as destruía.

Com os dentes batendo e os braços envolvendo meu corpo, eu me afastei do monstro Ctônico que violara meus pensamentos.

— Posso ir, professor? — sussurrei para o chão.

Nunca mais olharia em seus olhos.

— Não — respondeu ele, com delicadeza.

A dor latejava em minhas têmporas, e eu queria gritar diante de toda aquela injustiça. Com apenas três passos, ele atravessou a sala e parou próximo a mim.

A eletricidade preencheu meu nariz.

Seu hálito quente roçou minha orelha, e eu choraminguei com a proximidade.

— Suas notas em Mitologia Clássica Esquecida são inaceitáveis. — Sua voz suave enganava qualquer um. — Suas análises são superficiais e críticas. A gramática é péssima, e as frases não são bem pontuadas.

Engoli em seco.

Números sempre fizeram sentido, as palavras, nem tanto.

Ele se inclinou mais para perto.

— O resultado do seu trabalho é... irritante.

As palavras dele diziam uma coisa, mas a linguagem corporal dizia outra. Mais uma vez, havia uma segunda conversa que eu não compreendia.

Por que os Ctônicos são tão enigmáticos e confusos?

Raiva, violência e uma mistura de emoções fortes e intensas demais para serem nomeadas emanavam de Augusto. Ele estava me encurralando, como um predador brincando com a comida.

Ele acabou de violar a minha mente, e agora está me ameaçando. Eu não sabia se queria soluçar ou gritar.

— Só isso, p-professor? — sussurrei, quase sem conseguir falar.

— Por enquanto — respondeu ele, mas não se mexeu, como se soubesse o quanto me afetava ficar diante de sua presença. — Pode ir.

Cambaleei às cegas na direção da porta, me recusando a dar as costas para o monstro.

— Ah, mais uma coisa — chamou ele, quando atravessei a soleira, bem perto da liberdade.

Augusto estava brincando comigo.

Choraminguei.

— Suas notas de Tágoras só irão te sustentar durante certo tempo. Não ligo a mínima se você é um prodígio da matemática. — Ele deu uma risada cruel. — Você é uma mulher, e o mundo é dos homens. É uma desonra para todos nós permitir que isso continue. Faça escolhas mais inteligentes, senão... haverá consequências, Alexis. — Meu nome saiu de seus lábios como se fosse o mais perverso dos pecados. — Você não está conseguindo provar aquilo que pensa em relação às mulheres. Só está ferrando a si mesma.

Acho que não quero provar nada. Só estou tentando sobreviver.

— Se não for capaz de cuidar de si mesma — disse ele, baixinho —, outra pessoa irá intervir e fazer isso por você. Já está avisada.

Olhos cobertos de sangue brilharam na minha visão periférica.

Encarei o chão, arfando.

Que droga está acontecendo aqui? O que ele quer dizer com essa história de intervir?

Estava tentando me assustar para que eu desistisse... certo? Mas não foi

o que pareceu. Na verdade, senti que estava deixando passar alguma coisa.

Algo importante.

Você descobriu que ele não te odeia, apenas despreza tudo que está relacionado a você.

Corri até a biblioteca e não olhei para trás. Desabei atrás das estantes, a mão sobre o coração disparado, e lutei para respirar.

Era oficial.

Nunca mais eu iria falar.

Uma musa empurrando um carrinho cheio de livros parou e me lançou um olhar estranho, depois desviou os olhos e desapareceu.

Ninguém iria me ajudar.

Não aqui.

Não em Esparta.

Agarrei a tatuagem torta no antebraço e choraminguei. Estava com tanta saudade de Charlie que doía quando eu respirava.

Doía viver.

Os arquejos se transformaram em uma risada ensandecida. Então, soluços brutais afligiram meu peito enquanto eu arranhava os pulsos, chorando lágrimas vermelhas. As orelhas e o nariz escorriam. Um zumbido muito alto queimava de forma impiedosa.

Não restava mais nada em mim que pudesse ser arruinado, nem o corpo, nem a mente.

Os pelos na minha nuca se arrepiaram, e duas vozes sussurraram, mas não me dei ao trabalho de erguer o olhar.

Sabia que não havia nada ali.

Era coisa da minha cabeça.

Eu havia perdido o controle.

De tudo.



18
O Simpósio

Alexis

Arrastei os pés, subindo as colinas ondeadas, o fantasma de uma mulher, mais morta do que viva. Nix dormia enrolada na minha cintura.

Em grupo, íamos em direção aos pináculos do Coliseu das Dolomitas. Luzes brilhavam em três arcos superiores. O simpósio já havia começado.

A lua cheia lançava sombras estranhas, e eu tremia dolorosamente sob a brisa mordaz do outono.

Augusto (O Mal Encarnado) ia à frente. Ele havia trocado a toga e agora usava um terno preto feito sob medida, com abotoaduras de rubi. Nós sete o seguíamos.

Titus, Leo e Alessander sussurravam, animados. Até mesmo o estoico Cassius estava quase saltitante.

Eu era a última, arrastando os pés, exausta, o mais longe possível de Augusto. Sangue escorria do meu nariz, e eu o limpei com raiva. Drex olhou para mim com uma expressão preocupada, mas eu o dispensei com um gesto da mão e um sorriso forçado.

Enquanto caminhávamos pela paisagem escura, os pelos na minha nuca se arrepiaram, como se alguém estivesse me observando.

Esfreguei os pulsos, o ouvido esquerdo zumbindo.

Estou ficando louca.

Quando terminamos de atravessar os campos e chegamos ao coliseu, eu me sentia entorpecida. Com a visão borrada, subi a antiga escada em espiral até o último andar.

Quando enfim entramos no simpósio, eu hesitei.

Minha mente fora violada por causa de poltronas confortáveis, um bar lustroso, lareiras crepitantes, carteados e bebidas.

Colunas coríntias de madeira, cobertas de realces dourados até o topo, estavam espaçadas em volta do salão.

Todos usavam trajes esporte fino.

Estávamos malvestidos.

Foi por causa disso que ele me atacou? Por causa desse clube de aparência mundana?

Eu teria dado risada, mas não era engraçado.

Augusto entrou e cumprimentou meus mentores. Pátro e Aquiles gargalharam e sorriram quando o viram (presumi, pelas rugas nos cantos de seus olhos, que Aquiles estava sorrindo).

Por que Augusto é legal com todo mundo, menos comigo?

Ao me ver observando, Pátro se inclinou para a frente e arqueou uma sobrancelha, zombando de mim.

Eu o encarei de volta, inexpressiva.

Quando Augusto se sentou, o paletó do terno se abriu. O torso dele estava coberto de armas. *Está só fingindo ser um professor. Lembre-se, ele faz parte da Congregação da Morte. É o herdeiro Ctônico mais velho. Não se esqueça de quem ele realmente é.*

O lembrete fez eu me arrepiar.

Poco foi para debaixo da mesa e desapareceu. As presas reluziram nas sombras aos pés do trio.

Risadas ressoaram enquanto eles petiscavam uma variedade de queijos, peixes e frutas.

Apenas Ctônicos aproveitando a atmosfera perturbadora de suas companhias.

Drex falou alguma coisa e seguiu os outros novatos até uma mesa perto de Augusto. Fui na direção contrária.

Tropecei e passei por homens falando em latim com pássaros empoleirados em seus ombros. Seus olhos se arregalaram quando perceberam que eu era uma garota, mas nenhum deles tentou me impedir de continuar cruzando o salão.

Havia uma mesa vazia escondida em um canto, cheia de comida.

Perfeito.

Afundei o máximo possível no couro, até ficar completamente escondida nas sombras, e encarei, sem afinco, a monotonia que implicara na minha morte. Nix se mexeu enquanto dormia, e eu me agarrei a ela.

Risadas altas irromperam mais uma vez na mesa de Augusto. Eu me

virei, para que ficassem no meu ponto cego.

Minhas bochechas coraram por causa da temperatura alta. Os dedos e a alma formigaram enquanto derretiam devagar.

Você ainda está viva. Está tudo bem. Você vai sobreviver a esse inferno, voltar para o Charlie, e nunca mais verá Augusto de novo.

Madeiras escuras, couros elegantes e cores quentes preenchiam o salão.

Senti o cheiro de uísque e de cigarros.

Será que foi por isso que Augusto chamou o simpósio de perigoso? Ele não duraria nem um minuto no parque de trailers.

Em um canto, um bartender comum servia bebidas para homens excepcionais.

Do outro lado do salão, um piano grande e recém-polido reluzia à luz da lareira. Uma figura, escondida atrás de uma coluna, preparou partituras de músicas, depois começou a tocar uma melodia suave.

Os homens ergueram os copos e curvaram a cabeça em reverência ao pianista. Depois, brindaram e beberam tudo de um gole só.

Dados foram jogados.

Cartas eram dispostas em mesas.

Um herdeiro jogou a cabeça para trás ao dar risada, a coroa de louros cintilando.

Dei as costas para a cena alegre e peguei o prato de comida, fechando os olhos a cada mordida saborosa enquanto tentava memorizar aqueles sabores.

O tempo passou. Eu me perdia no luxo da comida e da música, tentando esquecer os olhos vermelhos brilhantes de Augusto.

Minha mente é minha. Eu o expulsei daqui. Ele não venceu. E nem vai. Porque vou sobreviver.

Cantarolei baixinho, no fundo da garganta, e meus olhos estremeceram enquanto eu lutava contra o sono.

— Aqui está ela, senhor — zombou alguém.

Com um abutre dourado no ombro, Theros — mentor de Drex, herdeiro da Casa de Zeus e, nas horas vagas, um egomaníaco capaz de criar um escudo — gesticulou entre mim e um homem gigantesco.

Depois, Theros fez uma reverência profunda com a cabeça, me lançou um olhar fulminante e se afastou, mantendo uma distância razoável.

— Estava procurando você — disse o gigante, em um tom acusatório.

Uma coroa de louros enorme e com joias reluzia no topo de sua cabeça.

Ele era o único líder de uma Casa no simpósio. Até onde eu sabia, todos os outros eram herdeiros e mestiços.

Suspirei, me sentei direito e tirei os cotovelos da mesa. Estava tão concentrada em comer que havia me esquecido do recado inicial de Augusto.

A eletricidade faiscou quando olhos cinzentos da cor de uma tempestade me analisaram de cima a baixo.

Zeus se erguia acima de mim, a luz da lareira iluminando as feições famosas. Um leão dourado estava ao lado dele, com olhos da mesma cor.

Voltei a me afundar nas sombras.

Sem ser convidado, Zeus se sentou à mesa. Eu me arrastei para o lado, a fim de que ficássemos de frente um para o outro.

O leão arreganhou os dentes de um jeito ameaçador, depois recuou.

Fiz uma careta para ele. *Entre na fila. O leopardo me odiou primeiro*. O bicho semicerrou os olhos e se deitou devagar sobre a barriga.

— Então — começou Zeus, sem preâmbulos — você cresceu no mundo humano?

— Sim, c-cresci.

Ele estreitou os olhos, franzindo a testa.

— Você sempre foi gaga?

Houve uma época — uma lembrança nebulosa de paz — em que as palavras saíam com facilidade da minha boca, suaves e tranquilas, mas isso foi antes de as surras começarem. Muito antes de eu me tornar quem era.

Aquela época não contava.

— Sim.

— Você consegue controlar? Ou é sempre assim? — perguntou ele, num tom crítico.

— É sempre assim.

— Você já fez terapia da fala, ou outra coisa para se ajudar?

Cerrei os dentes.

— Não.

Por mais que fosse surpreendente, terapia da fala não era uma opção para uma órfã pobre nas áreas protegidas. Assim como a comida. Ou um abrigo.

Zeus franziu o cenho.

— Interessante.

Será mesmo?

Um silêncio constrangedor se estendeu entre nós.

Ele fez uma careta e olhou por sobre meu ombro, sem conseguir sustentar meu olhar.

Que previsível. Meu próprio sangue me achava decepcionante.

O padre John dizia que o único pai que importava era Deus. Charlie dizia que estávamos bem sem nossos pais biológicos, e ele já teria sinalizado para Zeus se mandar (com uma linguagem bem mais criativa).

Abri um sorrisinho diante daquele pensamento.

Zeus franziu ainda mais o cenho. Os vincos marcaram sua pele dourada, que brilhava em um tom mais claro que a minha.

Comi o último pedaço de carne do prato antes que ele pegasse.

Os olhos cinzentos ficaram mais afiados.

— Você come o suficiente? Por que é tão magra? Minha prole costuma ser forte e larga, não tão...

— Alta? — sugeri.

— Fraca — respondeu ele.

Engasguei com a comida.

Era evidente que o homem à minha frente nunca havia escondido cupons de comida em uma caixa de papelão enquanto contava os dias até poder comer.

Ele ergueu uma sobrancelha dourada.

— Por que você é assim? — perguntou, torcendo o nariz de desgosto.

Então, esperou uma resposta.

Ah, não é uma pergunta retórica? Que grosseria.

— Não faço ideia — menti, puxando a faca do queijo pelo prato a fim de comer os pedacinhos que sobraram.

A dor fantasma subiu por meus pulsos. As velhas queimaduras de cigarro doeram nas costas.

Zeus crispou os lábios, observando a faca raspar alto o prato.

Lambi o talher e o encarei.

Ele soltou um suspiro profundo e doloroso, depois cutucou as abotoaduras de diamante e se empertigou.

— Você vai precisar de aulas de etiqueta depois do torneio.

Zeus falou como se não houvesse dúvidas quanto à minha sobrevivência e à necessidade de aprender as regras da alta sociedade.

Soltei um resmungo significativo.

— *Não* estou surpreso, porém, com as notas das suas provas — disse Zeus, talvez sem perceber ou se importar com a minha linguagem corporal. — Existe um motivo para a Casa de Zeus ser conhecida como uma das Casas mais inteligentes. Que uma... mestiça como você tenha notas tão altas é mais uma comprovação da nossa genialidade. Você devia estar orgulhosa.

Nossa genialidade? Quando foi que isso virou um trabalho em grupo?

Zeus abriu um sorriso largo, os olhos cintilando de animação.

— Esparta inteira está falando da primeira mestiça a aparecer em séculos, e que está derrotando os outros novatos com os punhos e as notas.

Soltei a faca, que retiniu sobre o prato.

Eu fiz o quê?

Cachos dourados balançaram quando Zeus estufou o peito.

— Continue nesse ritmo e com certeza haverá um lugar para você na nossa Casa. — Ele sorriu. — Quem sabe eu não a treino junto ao meu herdeiro?

Ele deve estar bastante desesperado por crianças.

Pela visão periférica, vi Theros virar a cabeça, ajeitar a postura e abrir a boca, indignado. O abutre dourado me olhou, de cara feia.

— Talvez — falei, neutra. — Ou talvez n-não — murmurei, baixinho.

O homem à minha frente era um estranho. Ele não conseguia nem olhar para mim, muito menos me *enxergar*.

— Ótimo. — Zeus bateu as mãos e se levantou. O leão o seguiu, rosnando.

— Gatinho mau — sussurrei.

O bicho mordeu o ar.

Revirei os olhos. Não era à toa que sempre preferi cachorros.

— É curioso. Você sem dúvidas tem o meu olho — disse Zeus, batendo com os nós dos dedos na mesa para chamar minha atenção —, mas não me lembro de uma mulher com heterocromia ou olhos tão... pretos. — Ele deu um tapinha sob o olho direito.

Luzes verdes tremeluzindo; vidro quebrado; vários golpes no rosto.

Esfreguei os pulsos.

— Que estranho.

— É mesmo — concordou Zeus, sem titubear. — Continue estudando bastante. E recomendo provar a sopa. Não tem erro com um bom caldo, se é que me entende.

Ele deu uma piscadela e riu.

Estreitei os olhos, confusa. *Qual seria a graça em uma sopa*?

Zeus foi embora, o leão seguindo-o, a cabeça virada para trás com os pelos eriçados. Theros correu para ficar ao lado dele, falando sem parar e gesticulando com as mãos. Ambos eram largos, com músculos bem definidos, mas eu era mais alta que os dois.

Os homens faziam reverências profundas conforme Zeus passava. O salão estava concentrado nele.

Um deus entre deuses.

Envolvi meu bíceps com a mão e franzi a testa quando meus dedos se tocaram. Os elásticos de cabelo cobriam pulsos finos. C+A se destacava de maneira simples e torta no antebraço sujo de terra.

Era estranho. Nunca havia me preocupado com a minha aparência. Sempre estive preocupada demais em garantir que Charlie e eu não morrêssemos de fome.

Pela primeira vez, eu me senti… feia.

Desajustada.

— Que se foda aquele babaca — disse Nix, a língua cutucando minha bochecha. — A cabeça dele está tão enfiada na bunda que não consegue enxergar a grandeza diante de si.

Dei uma risada molhada, enxugando os olhos, e soube que ela havia dito aquilo como minha melhor amiga.

Meus dedos voltaram cor-de-rosa.

— Odeio este lugar — sussurrei. — Gostaria de ser apenas uma humana estúpida morando em uma caixa de papelão. Era mais fácil naquela época.

Nix acariciou a lateral do meu rosto com a cabeça.

— Não sei se vai te fazer se sentir melhor, criança, mas eu também gostaria que estivéssemos na floresta.

Suspirei, passei o dedo pelo sumo de frutas vermelhas que ainda restava no prato e lambi.

— Danem-se esses homens — sussurrei.

— Isso aí! — exclamou Nix, entusiasmada. — Fodam-se todos. É só me dar um sinal e vou mordê-los até entrarem em coma. Será um prazer.

Dei risada e, pela primeira vez naquela noite, senti que conseguia respirar.

— Você não pode dormir de novo — sussurrei para Nix. — As coisas ficaram difíceis por aqui.

— Não! — Ela arquejou. — O que houve? Me conte tudo.

Sorrindo apesar de tudo, contei a ela a história de Augusto dilacerando a minha mente como se fosse divertida e não profundamente traumática.

Nix soltou todas as exclamações adequadas. Depois, me contou que a praga misteriosa de Montana (que virou notícia nacional no rádio e assolou o parque de trailers quando eu tinha 11 anos) era, na verdade, ela mesma, mordendo todos os vizinhos que eram cruéis comigo. Rezei para que fosse brincadeira, mas temia não ser.

Ainda assim, dei risada (gargalhei em pânico) com ela, porque amigos serviam para isso.

O salão zumbia com as conversas.

Bebidas circulavam.

A música do piano era alta e delicada.

De repente, bem quando o desespero já havia passado, as lareiras se apagaram com um farfalhar dramático.

Um silêncio mortal tomou o salão.

A escuridão imperava.

Luzes baixas se acenderam. Embutidas nas tábuas do assoalho, elas deixaram tudo com um tom de vermelho. Os homens sorriram e se reclinaram nas cadeiras, ansiosos.

Uma melodia sedutora e comovente começou a tocar.

Então...

Elas apareceram.

As sereias.

Homens e mulheres belíssimos entraram no salão, vestindo nada além de suas peles cintilantes e nuas. Eram mais magníficos que as modelos das revistas antigas.

Mesmo na luz baixa, seus cabelos brilhavam como diamantes. Olhos em tons pastéis reluziam em cores que nunca imaginei que existissem. Não havia com o que comparar a simetria daqueles rostos, e os corpos eram curvas esculpidas que somente um artista profissional conseguiria imaginar.

Cada sereia que saía do quarto dos fundos era ainda mais perfeita e única que a anterior.

Dezenas daquelas criaturas etéreas ocuparam o salão.

Os espartanos se inclinaram na direção das sereias, os olhos ávidos acompanhando-as enquanto elas giravam de maneira sensual pelo ambiente.

Estavam completamente extasiados.

Hipnotizados pela luxúria.

Nix deslizou em volta do meu pescoço para ver melhor, e eu acariciei as escamas quentes.

Uma risada subiu pela minha garganta.

Não havia como negar a ironia: eu estava literalmente desmoronando enquanto anjos giravam ao meu redor.

Ah, ser uma sereia, dançando em um simpósio e sendo adorada por homens espartanos.

Alguns momentos arrancavam o ar dos pulmões e lhe arrastavam pela lama, relembrando o motivo de a vida ser ruim. Outros momentos, porém, roubavam esse mesmo ar em um turbilhão cintilante, relembrando o motivo de a vida ser mágica.

Aquele momento era o segundo caso.

Era arte.

E então, não era mais.

Um espartano envolveu a cintura de uma mulher-sereia e a puxou para o colo dele. Passou a língua pela garganta dela, e a sereia reclinou a cabeça com um sorriso, a expressão se transformando em êxtase quando ele passou para seus mamilos.

Pisquei, chocada.

Outro espartano caiu da cadeira, os joelhos batendo no chão e o paletó caro do terno se apertando conforme ele engatinhava pelo chão com a boca bem aberta até um homem-sereia, e... *Ah, uau.*

A energia mudou.

Como se um interruptor tivesse sido ligado, as sereias e os espartanos se chocaram em uma desinibição carnal.

Afundei ainda mais no cubículo, grata pela escuridão.

Meu rosto corou.

Do outro lado do salão, sob a luz vermelha baixa, um homem- -sereia e uma mulher-sereia subiram nos colos dos meus colegas novatos. Os garotos arrancaram as togas, e as duas criaturas começaram a lamber e chupar a pele exposta.

Desviei o olhar bem rápido.

Nota mental: comprar alvejante e beber. E mais, nunca olhe nos olhos de Maximum outra vez.

Um espartano tirou as calças a poucos metros de onde eu estava (*socorro*), depois pressionou o corpo contra uma mulher-sereia, que

estremeceu de prazer e abriu as pernas.

Um homem-sereia se juntou a eles, e o trio enamorado caiu no chão em um emaranhado de estocadas e membros.

Desviei o olhar daquela copulação violenta acontecendo aos meus pés (aquilo não devia ser higiênico), e olhei sem querer para onde estavam os meus mentores. Pátro e Aquiles estavam na mesa, mas Augusto havia desaparecido.

Talvez esteja nu com um grupo de sereias neste exato momento. Lutei contra a vontade irracional de procurar por ele.

Em contrapartida, reparei que meus mentores eram os únicos espartanos ignorando as sereias por completo.

Talvez ainda não seja o fim do romance.

Aquiles ergueu o olhar. Olhos vermelhos encontraram os meus. Pátro virou a cabeça para ver o que Aquiles estava encarando.

Meu coração descompassou.

Pátro abriu um sorrisinho. Então, virou-se de novo e arrastou a língua de um jeito possessivo pela garganta de Aquiles. Ele lambeu a borda da focinheira, onde ela encontrava a pele.

Corei e encarei o chão.

Quando olhei de novo, os dois estavam rindo de mim.

Pátro me lançou um beijo zombeteiro, depois piscou e baixou a cabeça até o colo de Aquiles. Meu corpo inteiro corou e, desta vez, mantive os olhos afastados.

O problema era que não havia um lugar seguro para onde olhar.

Um mar de corpos nus participava de obscenidades.

Todos se *balançavam* de maneiras que eu nunca teria imaginado.

— Não olhe, criança. — Nix se enrolou em volta da minha cabeça, cobrindo meus olhos. — Você é inocente demais para isso.

Eu a puxei de volta para o pescoço.

— Ah, por favor — sussurrei. — Já, já eu faço 20 anos.

Nix fez um gesto de indiferença.

— Criança, você se encolhe toda vez que vê um pênis.

— Bom, você já viu como eles são? Horríveis!

— Estou vendo um agora mesmo — sibilou Nix. — Infelizmente.

Nós duas recuamos quando um espartano com uma coroa de louros passou com o traseiro de fora pela nossa mesa, o pênis balançando.

As pessoas precisam voltar a ter vergonha.

— É normal ser dobrado para a esquerda daquele jeito? — sussurrei.

Nix pareceu engasgar.

— Sei lá. Por acaso eu pareço uma especialista em pênis?

Nós resmungamos, sobrecarregadas com todas aquelas cenas pelo salão. Procurei um assunto mais seguro em meu cérebro (traumatizado).

— O que aquelas pessoas estão fazendo? — perguntei, apontando para onde sereias, assim como alguns espartanos, engatinhavam nuas em cima do piano.

— Acho que estão... tentando seduzir o músico — respondeu Nix. — Sem sucesso.

Encaramos, boquiabertas.

O pianista ainda estava meio escondido atrás da coluna grossa ao lado de seu banco. Ele não passava de um vislumbre de ombros largos e terno preto.

Não sei qual era a aparência dele, mas estava deixando o salão *feroz*.

Um espartano engatinhou debaixo do piano e levou um chute. Uma mulher-sereia se esgueirou pela lateral do banco e foi empurrada. Um homem-sereia estava exposto sobre o piano (pontos pela criatividade) e foi ignorado.

— Talvez o pianista seja um daqueles seres assexuados — comentou Nix. — Como as aranhas.

Franzi os lábios e estreitei os olhos.

— Você quis dizer *aracnídeos*?

— Isso.

No geral, eu não diria que estávamos indo bem.

— Acho que este é o fundo do poço — sussurrei.

O trio no chão se levantou, as partes nuas bem expostas, e então começou a fazer *aquilo* com bastante agressividade contra uma pilastra de madeira a centímetros de distância.

— Concordo — falou Nix. — Chegamos a um nível pior.

Uma risada ensandecida escapou dos meus lábios.

A mulher-sereia se afastou dos dois amantes e apontou para mim.

— Acho que ela está rindo de nós — disse ela para o homem- -sereia, que assentiu e voltou a se jogar no chão com o espartano.

— Nós só estávamos falando... — *Maldita Nix, por ser invisível.* Eu parecia ainda mais louca. — Hum, desculpe. — Ergui as duas mãos, como se ela fosse atirar em mim. — Não estava rindo de você, só da s-situação em

geral.

Apontei para o pênis de um espartano que passou por nós, só para que não houvesse dúvidas de qual era a situação.

— Ah! — exclamou a sereia. — Não se preocupe, querida.

— Ah, não estou preocupada. — Fiz um gesto de desdém com a mão enquanto os dois homens gemiam alto aos pés dela.

Nunca estive mais preocupada.

A sereia sorriu e abriu a boca. Então, arregalou os olhos e ficou paralisada. Longos segundos se passaram, e ela continuou sem se mexer.

Olhei ao redor, sem graça.

Antes que eu pudesse descobrir por que ela estava surtando, a sereia avançou e segurou meu rosto.

Perigo, tem uma estranha me tocando. Alguém que não *esteja nu, por favor, me ajude.*

Olhos de tom pastel encararam profundamente os meus. Os dedos da sereia estavam trêmulos ao cobrirem minhas bochechas.

Espere aí, será que estamos nos apaixonando?

— Você consegue... me entender? — sussurrou ela, admirada.

Deixa pra lá.

— Hã, sim... Você consegue me entender? — perguntei, tentando me desvencilhar de seu aperto.

A sereia me puxou mais para perto.

— Você é espartana? — perguntou.

— S-sim.

Tentei fugir com mais força, esticando o pescoço. Ela me segurou até eu ficar imóvel. *Qual é a força dessa mulher?*

A sereia jogou a cabeça para trás, o cabelo longo e sedoso cintilando, e então... se debulhou em lágrimas.

— Eu — arquejou — sempre — arquejou — quis — arquejou — conversar com alguém em Esparta.

A sereia caiu no meu colo, se sacudindo com os soluços (ainda completamente nua).

Não foi culpa minha.

Dei um tapinha nas costas dela, sem jeito.

— Coloque para fora, a-amiga.

Ela chorou ainda mais.

Em minha defesa, foi a primeira vez que ajudei uma mulher aleatória

em prantos. Nunca tive uma irmã.

— Hã, Alexis — chamou Nix. — Quando você aprendeu a falar a língua das sereias?

— Eu não falo a língua das sereias — falei, em um tom óbvio, franzindo o cenho quando três sereias e dois espartanos começaram a transar (com violência) na mesa à nossa frente.

Nix apertou meu pescoço como se estivesse recuando.

— Então, como diabos você está *conversando com uma sereia neste exato momento*?

Minha mão ficou imóvel. Encarei a mulher nua chorando abatida no meu colo.

— Eu falo a língua das sereias? — perguntei.

Ai, meu Deus. Augusto disse que elas falavam apenas um dialeto único. Era por isso que os espartanos as subjugavam.

— E você consegue falar comigo... — disse Nix, devagar. — Sabe o que isso significa, criança?

Estreitei os olhos.

— Que eu sou trilíngue?

Nix sibilou, abocanhando o ar.

— Significa que você descobriu o seu poder: conseguir falar com criaturas sencientes.

— Mas meu cérebro não está... eufórico — Crispei os lábios. — Como deveria estar.

Para falar a verdade, ainda havia sangue escorrendo dele, então talvez estivesse atrapalhando. Além disso, se eu tivesse que avaliar meu estado mental, diria que estava depressiva com uma pitada (quantidade imensa) de ansiedade.

— Talvez você só seja meio doida da cabeça. — Nix soltou um suspiro pesado. — Para ser sincera, sempre achei estranho você conseguir conversar comigo.

Caí para trás, chocada.

— E você nunca disse nada?

Nix apertou meu pescoço.

— Bom, estou dizendo agora.

— Nove anos depois — falei, indignada.

A mesa balançou com a força das estocadas que aconteciam na que estava ao lado, e a sereia soluçou mais no meu colo. Franzi o cenho e dei

tapinhas na cabeça dela. *Está ficando esquisito.*

— Hã, a senhora precisa de alguma coisa? — perguntei à sereia. — Água? Uma blusa? Calças?

Olhos claros marejados se ergueram e me encararam.

— Estou bem. Obrigada por se importar comigo. Você é tão graciosa e bela.

Fiz uma careta.

— O que ela disse? — perguntou Nix, curiosa.

— Que eu sou... graciosa e bela.

— Hum — murmurou Nix, cética. — Tem certeza de que consegue entendê-la?

Tentei dar um tapa nela, mas a serpente desviou.

— Tenho bastante certeza. Eu sei quando alguém me diz que sou bonita. Não acontece muito.

— Isso é um pedido de ajuda? — perguntou Nix. — Você não está conseguindo enfrentar a situação?

Não respondi, porque um sorriso alargou minhas bochechas.

Aquilo era real.

Uma risada escapou dos meus lábios. *Eu tenho poderes.*

Lágrimas de felicidade escorreram pelo meu rosto.

Nunca mais serei fraca. Eu sei o que sou.

A felicidade cintilou dentro da minha alma. Abracei Nix com força, beijando sua cabeça invisível enquanto ela se afastava.

Aquilo era só o começo.

— Quer jogar? — perguntou a sereia, levantando-se de repente do meu colo, ainda chorando ao falar, algo com que me identifiquei.

Abri a boca para recusar, então me lembrei de que não tinha nada a perder. Eu já estava ali, e era poderosa.

— É claro — falei, e sorrimos uma para a outra. — Quero, sim.

O pianista errou uma nota.

19
O Diabo Que Você Não Conhece

Alexis

Não acredito que você cresceu com os humanos — disse Lena, a sereia nua que havia chorado no meu colo e que agora estava sentada à minha direita, na ponta da mesa.

Para mim, as palavras dela soavam normais, mas Nix disse que pareciam resmungos incompreensíveis.

E, pelo visto, quando eu falava, também saíam resmungos, o que era esquisito, porque não parecia diferente de como eu costumava falar.

De repente, entendi por que todo mundo sempre me lançava olhares estranhos quando eu conversava com Nix. Não conseguia nem imaginar o quanto a língua dela devia soar estranha para os outros.

Não era de admirar que todo mundo na escola me achasse esquisita.

— Sua infância deve ter sido animada — disse Lena, apoiando-se em mim.

Tossi, constrangida.

Ah, sim, com fome, pais adotivos abusivos e desabrigada. Bem animada.

A sereia ainda estava nua (libertem os mamilos e os lábios), mas agora empilhava facas no meio da mesa. Parece que fazia parte de um jogo de cartas. Eu estava assustada demais para perguntar.

A música sedutora do piano tocava.

À minha esquerda, outras sete sereias estavam amontoadas no cubículo conosco. Sim, todas estavam nuas.

— Estar no mundo humano deve ter sido tão legal. — Lena ergueu as sobrancelhas de maneira sugestiva, sua beleza brilhando na escuridão.

— É — sussurrei. — Foi... interessante. — Senti as dores fantasmas nos pulsos. — Sabe como é, por causa dos Titãs e da q-queda da civilização.

Ela deu de ombros, como se aquela parte não importasse.

— Por acaso todos os humanos são mesmo puritanos sexualmente reprimidos? — perguntou.

Oron, que era o único homem-sereia à mesa, se inclinou sobre mim — já que estava sentado à minha esquerda — e cumprimentou Lena com um "toca aqui".

— É uma boa pergunta. — Ele piscou para mim.

Franzi o cenho em resposta.

A coxa dele pressionou a minha (*não olhe para baixo, Alexis; não faça isso*).

— Pare de olhar para o pênis volumoso dele — sibilou Nix, e apertou meu pescoço.

Se ela disser "volumoso" mais uma vez, vou matar nós duas. Sem perguntas.

Minhas bochechas coraram, pois, pelo visto, eu era uma pervertida.

E ficava ainda pior porque, pelo salão, sereias e espartanos ainda copulavam e gemiam. Quadris se empurravam. Peles batiam. Na verdade, o fervor ficara mais agressivo.

Sereias nuas e espartanos ainda gritavam perto do piano, agora fazendo atos obscenos.

Lena viu para onde eu estava olhando.

— Aquele é um homem *de verdade* — sussurrou ela, assentindo para o pianista. — Toda sereia sabe o que acontece se tiver a honra de tocá-lo. Ele é uma lenda entre o nosso povo. Os poderes dele são... deliciosos a ponto de arrepiar. — Ela suspirou, sonhadora. — Se é que você me entende.

Não.

Não fazia ideia do que ela queria dizer.

Talvez as sereias gostem muito de música...

Lena estalou os dedos para chamar minha atenção.

— Voltando à pergunta principal, Alexis. Todos os humanos são puritanos?

— Não — falei, tentando ignorar (observar) os atos profanos acontecendo perto do banco do piano. — Alguns humanos têm a mente fechada, mas muitos são bem abertos... sexualmente.

Até demais.

As pessoas esqueceram que Tim-Tom anunciou na sala de aula que conseguia pegar uma régua com a bunda, depois passou dez minutos tentando fazer uma demonstração.

Infelizmente, era uma cena que eu não conseguia esquecer.

Lena, porém, não parecia convencida pela resposta enquanto distribuía as cartas para todos à mesa.

— Tem certeza? — perguntou. — Ouvi dizer que os humanos têm medo de transar com tipos diferentes de pessoas. Isso os assusta.

Balancei a cabeça.

— Não é verdade.

Parte de mim estava surpresa de eu estar conversando tão livremente com elas. Aquele era o máximo que já havia falado com alguém. *Estranho*.

— Então, com quantos homens você já transou? — perguntou uma sereia na ponta do cubículo, os seios largos balançando conforme ela pulava de animação.

— Aaaaaaah.

As sereias bateram palmas, ansiosas.

— Outra pergunta boa! — comentou alguém.

Dei risada (choraminguei) e gesticulei com a mão, fazendo pouco caso da pergunta.

A sereia piscou, o cabelo cintilando.

— Entendi… você perdeu a conta. Respeito *muito* essa atitude.

Franzi os lábios.

— Não… exatamente.

Lena balançou as sobrancelhas de novo.

— Então pelo menos conte com quantas mulheres já esteve.

Estremeci e balancei a cabeça.

— Criaturas? Espartanos? Centauros? — perguntou Lena, estreitando os olhos como se analisasse um bicho estranho.

— Espere aí, os centauros existem? — perguntei. — Eles têm cabeças ou c-corpos de cavalo?

Houve muitos debates em relação ao assunto nos corredores da escola. Tim-Tom achava que eram as cabeças.

— É óbvio que as cabeças são de cavalo. — Lena revirou os olhos, como se não tivesse acabado de me deixar de queixo caído. — Agora, responda à pergunta, mulher. Com quantas pessoas você já transou? Qualquer uma conta. Por favor, mãe dos espíritos, conte para a gente.

— Espere. — Pisquei, sem conseguir deixar o assunto de lado. — Então os centauros têm um corpo *humano*… com uma cabeça de *cavalo*?

Aquela informação era surpreendente.

Lena bateu na mesa com as duas mãos, espalhando as cartas.

— Alexis — alertou ela. — Responda à pergunta.

— Por que todas as sereias estão te encarando horrorizadas? — sibilou Nix. — Você contou sobre a fanfic de Emmy e Carl? Já falei que isso te faz parecer esquisita e desagradável.

Ela não compreende os matemáticos como eu.

Lena me deu um tapa no braço. Forte. Ergueu os olhos para mim com expectativa e esperou.

Vamos acabar logo com isso.

Cutucando a resina da mesa de madeira, soltei um suspiro pesado.

— Eu n-nunca transei — sussurrei.

Todas as sereias assentiram, compreensivas, porque o celibato era sexy e misterioso. Ou, pelo menos, na minha mente, foi isso o que achei que aconteceria.

Na vida real...

— NÃO! — gritou Lena, como se alguém tivesse levado um tiro.

Todas as sereias no cubículo começaram a chorar. Nix se juntou a elas, somente pelo drama.

Eu me afundei ainda mais no cubículo e desejei poder desaparecer da face da Terra.

Alguns espartanos próximos pararam de fornicar a fim de ver o que era toda aquela confusão.

Eu devia ter deixado as coisas como estavam.

Lena apontou para mim de maneira acusatória.

— Então *você* é a puritana reprimida. Por que escolheu viver uma vida tão infeliz?

Porque tenho medo das pessoas. Do toque. De sexo.

— Não tive muita escolha — murmurei, baixinho, dando de ombros. As dores fantasmas pioraram.

Não era fácil perder a virgindade quando se morava em uma caixa de papelão e simplesmente detestava ser tocada.

Em vez de mudar de assunto, as sereias se animaram com a resposta.

— Podemos mudar isso. Você quer foder? Agora? — Oron colocou a mão na minha coxa.

Dei um pulo, quase saindo do corpo, e me afastei da mão dele.

— Não.

Oron deu de ombros, ainda sorrindo.

— Podemos, por favor, jogar cartas? — falei, mudando de assunto, e olhei suplicante para Lena.

— É claro. — Ela assentiu, a expressão séria. — Ó, grande e bela puritana.

Crispei os lábios e decidi me sentir lisonjeada.

Pelo menos sou grande e bela. Podia ser pior… quem sabe.

— Certo, as oito facas ficam no meio da mesa — explicou Lena. — Mas somos nove, então vamos repassar as cartas até que alguém fique com quatro espíritos de sereia ou quatro Casas Espartanas das mesmas cores. Quem conseguir, pega uma faca, e então os demais podem pegar uma também. A pessoa que ficar sem faca deve aceitar um desafio escolhido pelo resto da mesa.

— Então vamos brigar pelas facas? — perguntei, certa de que não havia entendido.

Todas as sereias assentiram, animadas.

— Isso mesmo — disse Lena. — É mais divertido quando fica violento e as pessoas brigam.

— Ah… — falei, sem saber como expressar meus sentimentos com palavras.

Ou vai ser muito divertido, ou um desastre sangrento.

Duas horas depois, dei um grito, rindo, e puxei a última faca das mãos de Lena antes que ela a segurasse.

— Não é justo! — gritou ela. — Como diabos você consegue segurá-las pelo lado afiado?

Dei de ombros e limpei a mão na toga. Alguns cortes nos dedos não significavam nada se comparados ao cenário da minha vida. Na verdade, eu mal os sentia.

— Por que me sinto tão… alegre? — perguntei em voz alta.

— Ah, é a ambrosia na comida e nas bebidas — explicou Lena, num tom casual.

Eu me virei para ela.

— O quê?

— Ambrosia. É um tempero sem gosto colocado na comida, que age como um estimulante. Mas não se preocupe, sua linhagem meio humana deve neutralizar os efeitos. As reações são piores em espartanos de sangue puro.

— Ah, que bom. — Sorri (não fazia ideia do que estava dizendo).

— Eu te desafio a beijar um espartano, depois dizer na cara dele que ele é feio — gritou uma sereia no fim da mesa para Lena.

Todo mundo deu risada.

— Vai ter que cumprir — falei. — São as regras.

Lena revirou os olhos, esperneando ao sair do cubículo e entrar na escuridão. Ela empurrou um espartano qualquer contra a parede e o beijou com tudo. O homem derreteu em seus braços.

— Você, meu senhor, é horroroso! — gritou Lena na cara dele.

Nossa mesa caiu na gargalhada.

Lágrimas escorreram dos meus olhos quando o espartano olhou para ela com adoração. *Que idiota.*

— Quer uma bebida? — perguntou Oron, quando o bartender serviu doses na nossa mesa.

— Não. — Tentei sorrir, mas acabei fazendo uma careta.

— Então, que tal um cigarro? — ofereceu a sereia na ponta da mesa.

— Não, não. — Dei risada. — Estou bem. Já me sinto ótima.

— Quer umas drogas espartanas? — perguntou outra sereia, erguendo uma pílula branca. — Fazem você escutar cores e enxergar música.

Para ser sincera, é tentador.

— Talvez mais tarde — respondi, rindo mais alto.

Mesmo me sentindo tão bem, eu sabia que ainda não estava emocionalmente preparada para brincar com drogas pesadas. Não era a hora. Por enquanto...

— Ela é a nossa grande puritana — declarou Lena com orgulho, abraçando meu ombro.

— Muito bem, próxima rodada! — Oron reuniu as facas manchadas de sangue e as colocou de volta no meio da mesa. As cartas foram distribuídas e começamos a jogar.

No meio do jogo, ele colocou a mão livre sobre meu braço. Os anéis grossos de ouro, decorados com símbolos de espíritos de sereias, afundaram em minha pele.

— Você tem que experimentar a minha bebida — sussurrou. — É muito boa, você vai adorar. — Ele piscou. — Só um golinho.

A sensação alegre diminuiu de leve.

— Não, e-estou bem — gaguejei.

— VOCÊ PERDEU! — Lena sacudiu meus ombros e gritou. — Finalmente.

As sereias ergueram as facas.

Droga.

— Como punição — Lena deu uma batidinha no lábio — você tem que ficar pelada, como nós.

A mesa deu risada e vaiou.

Revirei os olhos.

— Ah, por favor.

— Tira! Tira! Tira!

Elas começaram a bater com as mãos na mesa cheia de facas. Uma sereia estremeceu, depois riu, exibindo um corte onde batera por acidente em uma faca.

— Está bem.

Ergui as mãos, depois abaixei-as devagar sobre as coxas.

Elas se inclinaram para a frente, ansiosas.

Com um movimento rápido, fiquei de pé desajeitadamente em frente à mesa e puxei a saia para cima. Todo mundo gritou.

Dei risada e rebolei os quadris, mostrando os shorts nada sensuais que ficavam sob a toga, preservando meu pudor.

— Perdi todo o respeito por você — disse Nix, num tom seco.

Com um sorriso, dei um beijo em sua cabeça invisível antes que ela desviasse, depois baixei a saia. A serpente deslizou para dentro da toga, escondendo-se da minha atenção.

— Nãoooooo! — gritou Lena em um tom amigável quando me sentei, rindo tanto que eu não conseguia respirar.

É tudo tão hilário hoje em dia.

— Tira! Tira! Tira! — gritaram as sereias de novo.

— Iupiiiii! — gritei enquanto ria.

Segurei a manga curta da toga e puxei o tecido superelástico, exibindo o braço.

A mesa soltou todas as exclamações adequadas enquanto eu mostrava o ombro e o cotovelo. Pelo visto, eu tinha vocação para performances de teatro (*striptease*). *Parece um talento bem lucrativo. Acho que vou investir.*

Puxei a outra manga, e os dois braços ficaram livres.

Todo mundo aplaudiu. Dei risada. Como uma pessoa naturalmente introvertida, havia algo de estranho e inebriante em receber toda aquela atenção. Eu estava voando alto, tão leve quanto o ar.

Devagar, puxei o tecido elástico que cobria meu peito e fiz caras e bocas

enquanto a mesa dava mais risadas.

A música do piano parou.

Houve uma confusão no canto mais afastado do salão.

Quando o pianista se levantou, o banco saiu voando e fez três sereias nuas caírem de joelhos.

Ainda baixando a toga, recuei horrorizada ao vislumbrar olhos azuis glaciais. Letras tatuadas estendiam-se sobre uma garganta pálida, e sombras delineavam um rosto bem definido. Coldres de armas cheios de pistolas estavam cruzados sobre uma camisa de seda branca com botões de diamantes azuis.

Caronte atravessou o salão na minha direção.

A morte reluzia em seus olhos.

Ele empurrou um espartano nu que se aproximou dele. Depois, fez o mesmo com uma sereia.

Ai, meu Deus, ele *é o pianista.*

Por que todo mundo estava tentando alcançá-lo e não fugindo dele?

Então me lembrei: depois do massacre, enquanto eu me recuperava em Corfu, pensei ter tido alucinações com um piano tocando, mas fora real.

Caronte estivera tocando na casa.

Distraída, abaixei ainda mais o tecido da toga e...

— Que porra você está fazendo?

As mãos calejadas de Augusto envolveram meu pescoço. Seus dedos afundaram de maneira possessiva na minha pele sensível. Com a outra mão, ele puxou as alças da toga para cima.

Caronte parou, ainda na metade do salão. Sem piscar, observou o toque de Augusto. A expressão dele era indecifrável.

Esqueci como respirar.

— Foi uma pergunta simples. — Ele apertou ainda mais meu pescoço, sua respiração fazendo cócegas na minha orelha. — Por que está tirando as roupas em público?

— Professor — sussurrei enquanto ele me estrangulava. — O que está *fazendo*?

Augusto se inclinou mais para perto, os olhos escuros ferozes.

— Estou assumindo o controle... Alexis — respondeu, com voz suave.

— Por quê? — Engoli em seco.

Ele soltou um murmúrio rouco no fundo da garganta.

— Cansei de fingir.

Seu polegar acariciou com gentileza a minha nuca, os dedos ardentes queimando minha pele bem mais fria. As mangas da camisa verde-escura estavam arregaçadas, exibindo um antebraço bronzeado coberto de veias grossas.

Meu estômago se revirou. *Será que gosto de homens mais velhos?*

É, a ambrosia era cem por cento uma droga pesada. Eu com certeza não pensaria aquilo se estivesse sóbria.

Arfei quando ele apertou com mais força.

Seus lábios pararam próximos à minha orelha.

— Isto não é um jogo, Alexis. — Meu nome deslizou de seus lábios como a confissão de um pecado. — Eu sei quem você é.

Será que isso é porque me encontrei com Zeus?

Augusto não tirou os dedos do meu pescoço.

Eu estava à mercê dele.

Presa em sua armadilha.

O calor se acumulava no meu estômago, e tudo ficou indistinto, como se fosse um sonho. O cheiro de ozônio preencheu meu nariz, e faíscas elétricas invisíveis saltaram entre nós.

Lábios quentes roçaram a curva da minha orelha.

— Você não tem ideia do que acabou de fazer ao dar esse showzinho. O que você começou...

Arrepios percorreram a minha coluna.

Augusto respirou fundo, depois soltou um gemido gutural, como se não conseguisse se controlar.

Depois de um longo momento de respirações entrecortadas, como se lutasse para se recompor, ele disse:

— Você me enfurece pra cacete.

As palavras me fizeram sair do transe. Puxei o pescoço das mãos dele e caí de volta na mesa.

— Me s-solte — falei, mal conseguindo formular palavras em sua presença.

— Ei, solte ela! — gritou Lena, jogando os cotovelos para frente.

Como Augusto estava inclinado sobre a sereia para me alcançar, ele grunhiu, surpreso, e cambaleou para trás.

— Obrigada — sussurrei, as mãos trêmulas.

— O que ele te disse? — perguntou Lena, curiosa.

Mantive o olhar sobre a mesa, já que *ele* ainda estava parado atrás dela.

Observando. Esperando.

Augusto estava pronto para destruir minha mente e esmagar minha vontade.

— Nada legal. — *Nada que fizesse sentido.*

Oron abraçou meu ombro e me puxou contra seu corpo nu, ficando quase colado em mim.

Ele está me tocando. Ele está me tocando muito.

Fiquei paralisada.

Ficou ainda mais difícil respirar. Parecia que meu coração ia explodir e sair do peito. Minha visão ficou turva.

— Eu te protejo, Alexis, não se preocupe — disse Oron. — Não vamos deixá-lo te machucar.

Franzi a testa e tentei me sentar direito, mas ele me segurou contra si. O suor escorria pelas têmporas, e minha respiração estava fraca, a visão ainda mais borrada. Uma sensação de fraqueza tomou conta de mim.

Sereias e espartanos me encaravam. O salão girou.

— Você está bem, criança? — perguntou Nix. — Quer que eu morda esse cara?

O pânico aumentou.

— Preciso sair desta mesa — sussurrei.

Lena rapidamente abriu espaço, as mãos gentis me tirando dali. Fiquei de pé, tremendo.

O problema foi que Oron também me escoltou para fora da mesa. Ele me segurou por trás, sussurrando palavras bobas de conforto contra o meu cabelo.

Antes que eu pudesse fazer algo, Augusto agarrou Oron pela nuca e o tirou de perto de mim.

— Como *se atreve* a tocá-la? — Augusto rosnou. Depois, atirou o homem-sereia do outro lado do salão como se não pesasse nada. — SE ALGUÉM EM ESPARTA ENCOSTAR UM ÚNICO DEDO EM ALEXIS, VAI SE VER COMIGO! — berrou ele para o salão.

Pisquei atônita e horrorizada para o meu professor — o homem que me odiava.

Mas que droga ele está fazendo?

Ele ajeitou os ombros dentro do paletó, exibindo as armas nos coldres em seu peito.

O pânico preencheu meus pulmões.

Cambaleei para trás.

— Desculpe, desculpe, desculpe — sussurrei para Lena, arfando ávida em busca de ar, minhas mãos nos joelhos.

Algo estava acontecendo comigo. Eu havia perdido todo o controle.

Não estava mais voando.

Estava despencando.

Qual é a droga dos efeitos da ambrosia em uma pessoa? Parecia adrenalina, mas era dez vezes pior.

Espartanos e sereias se viraram para ver a confusão.

O constrangimento queimou no meu peito.

Antes que eu conseguisse inventar uma explicação (me lembrar de como falar), Augusto invadiu meu espaço pessoal.

A tensão estalou no ar.

— Alexis, é melhor você sair do simpósio, agora — ordenou. — Senão... — Ele fez uma pausa perigosa.

A vergonha aumentou.

De cabeça baixa, tropecei na direção da saída, tentando ir embora.

Lena entrou na minha frente.

— Não sei o que está acontecendo — falou —, mas, se precisar de ajuda, estou aqui. Você não está sozinha. Não deixe ninguém te tratar de um jeito inferior ao que você merece, grandiosa.

Ela olhou para mim como se achasse que eu era poderosa. Somente Charlie já me olhara daquele jeito.

Respirei fundo e assenti.

Tentei reunir coragem por causa dela.

O salão girou mais rápido.

— Não vou embora — sussurrei para Augusto, os olhos ainda focados na minha nova amiga.

Não vou deixar ele me dar ordens. Preciso erguer minha voz e me defender.

Lena sorriu para mim, me encorajando.

Mãos brutais agarraram minha cintura e me jogaram no ar.

Em choque, gritei e pisquei quando o ombro de Augusto bateu contra o meu estômago. Ele havia me jogado em suas costas e estava me carregando até a saída.

— Segurem ele! — gritou Lena, mas os espartanos a impediram quando ela tentou correr atrás de nós.

O resto das sereias no cubículo ficou ao lado dela com expressões de raiva, segurando as facas manchadas de sangue de um jeito ameaçador.

A alguns metros, Pátro arqueou a sobrancelha para Augusto, como se estivesse surpreso com as atitudes dele, mas se apoiou em Aquiles e não interferiu.

Os demais espartanos tropeçaram uns nos outros a fim de sair do caminho de Augusto. Todos o respeitavam e achavam que era um homem justo.

Ninguém iria me ajudar.

Ergui a cabeça e abri um sorriso úmido para Lena. “Vou ficar bem”, gesticulei com a boca, sem querer assustar minhas novas amigas com a realidade sombria da minha vida.

As sereias, porém, não devem ter acreditado em mim, porque gritos ecoaram, e houve trocas de empurrões.

Entrei em pânico por minhas novas amigas. A dor forte e quente perfurou meu peito, que já latejava.

Será que estou morrendo?

Augusto escancarou a porta para sair do simpósio. A última coisa que vi foi um espartano empurrar uma sereia, que caiu no chão gritando e espumando pelo canto da boca.

— Precisamos ajudá-la! — falei para Augusto, esperando ele me colocar no chão, batendo em suas costas.

O pânico aumentou.

— Outra pessoa vai ajudá-la — resmungou ele. — Os melhores médicos Olimpianos do mundo estão lá dentro.

Ele está certo.

A dor incandescente no peito começou a se dissipar devagar. Parei de lutar, mas ainda assim ele não me soltou. Apenas desceu os degraus, depois atravessou os campos em silêncio.

Demorei um segundo para perceber que o borrão na perna dele era Poco. O guaxinim estava enrolado em sua panturrilha, me encarando com curiosidade.

Augusto carregou nós dois sem esforço, os passos largos e decididos. Seu braço direito pressionava minhas pernas, e a mão segurava minha coxa direita.

Senti a cabeça girar mais rápido.

Nada parecia real.

Calos arranharam minha pele quando ele apertou com mais força. *Talvez os tenha ganhado lutando contra os Titãs.*

Estremeci.

Minha pele formigou.

Sua respiração saía alta e entrecortada na noite, e seu peito arfava a cada passo. Augusto, porém, não parecia cansado. Na verdade, parecia um selvagem tentando controlar a si mesmo.

O luar lançava estranhas sombras prateadas, e eu estremeci com o frio.

— Me s-solte — ordenei, quando o choque se dissipou o suficiente para eu conseguir falar.

Ele apertou minha coxa com mais força. Foi sua única resposta.

Um enjoo estranho me queimou viva, e uma ansiedade obscura fez meu estômago se revirar.

— Hum, será que eu devia fazer alguma coisa? — perguntou Nix ao redor do meu pescoço, e até ela parecia indecisa, como se não soubesse o que fazer.

Sua voz me fez sair do choque.

— Não — falei. — Deixe comigo.

Depois de respirar fundo e com calma, dei socos nas costas dele e me remexi o máximo possível.

— Me solte! — ordenei, batendo nele com toda a força, lutando pela minha liberdade.

Seus músculos se contraíram sob meus punhos, mas os passos de Augusto não hesitaram.

Ele nem grunhiu.

Lutei com mais afinco e gritei a plenos pulmões, resistindo e chutando. Estava desesperada para me libertar.

Minutos depois, eu jazia prostrada.

Arfei de exaustão, cansada demais para continuar lutando. Poco riu para mim. Respondi ao guaxinim com uma careta.

Seu gosto para espartanos é péssimo. Como pôde criar um laço com ele?

Poco sibilou.

Sibilei de volta.

Unhas cravaram-se mais fundo atrás das minhas coxas enquanto ele me carregava, com força o suficiente para machucar. Eu me mexi de leve, e Augusto soltou um grunhido rouco no fundo da garganta.

— Uma hora — disse ele, com uma voz de seda. — Me dê mais um

chute e vou acrescentar uma hora além da que você já ganhou na sua punição.

Congelei, a perna paralisada.

— Que punição? — perguntei. Era a primeira vez que ele falava desde que deixáramos o simpósio. — Uma hora de quê?

— Eu te avisei — disse ele, baixinho, a voz vibrando de raiva. — Desta vez você me provocou demais.

— Espere aí. Você me avisou de quê? — perguntei, genuinamente confusa.

Ele não respondeu.

Nem um pouco enigmático ou assustador.

Que maravilha, com certeza vai me torturar.

— Hum, criança — sussurrou Nix, agarrando-se ao meu pescoço virado de cabeça para baixo. — Acho que Augusto está a fim de você, tipo, *muito* a fim.

Balancei a cabeça e respirei fundo.

— Claro que não — sussurrei. — Ele me odeia.

— Está, sim. — Nix estremeceu. — Está louco por você. Quase selvagem. Ferrou, amiga. A situação é bem pior do que eu pensava. Ele te odeia tanto que quer brigar... na cama.

Engasguei. Uma risada enlouquecida escapou pela minha garganta, e lágrimas de desespero escorreram pelos meus olhos.

— Carl Gauss nunca me trataria assim — sussurrei, triste. — O que aconteceu com os homens legais que adoram matemática e tratam bem uma mulher?

Nix bufou.

— Morreram, porque eram perdedores patéticos e vergonhosos. Nenhuma mulher quer um nerd.

— Eu quero.

— Não, você só acha que quer — sibilou Nix. — O que você quer mesmo é um homem de verdade, que deseja matar por você.

Balancei a cabeça.

— Você tem que se tratar — falei, as lágrimas ainda escorrendo pelo rosto.

— Bom, e você tem que transar.

Chorei ainda mais, porque era oficial: minha melhor amiga era uma lunática pervertida. Era demais para mim. Não dava para continuar vivendo

daquele jeito.

Meus ossos pareciam de borracha, os músculos ridículos de tão fracos.

Lena achou que eu era poderosa. Havia me olhado com esperança, como se acreditasse em mim. Alguns adversários, porém, eram cruéis demais, implacáveis demais, para continuar enfrentando. Às vezes, havia somente uma solução.

Fechei os olhos e permaneci prostrada.

Às vezes, a única coisa que dava para fazer era se fingir de morta e esperar a tempestade passar.

Doía menos desse jeito.

Duas vozes sussurravam no limiar do meu subconsciente.

Elas me observavam.

Encaravam.

Perseguiam.

Acordei arfando. Meu coração batia dolorosamente dentro do peito.

Nix murmurou, mas não acordou. Eu estava sozinha.

O *ping, ping, ping* suave da cera das velas e o crepitar da lareira eram os únicos sons no cômodo.

Esfreguei os olhos e tentei me orientar.

Eu me lembrei vagamente de pegar no sono enquanto Augusto me carregava até a academia. Sorri ao me recordar do que acontecera no simpósio antes de ele estragar tudo.

Você finalmente descobriu sua habilidade espartana. Você tem poderes. Consegue conversar com criaturas sencientes.

O alívio me deixou tonta.

Aquela sereia estava gritando. Ela se machucou por sua causa.

Eu me senti enjoada.

Me sentei e observei o esplendor da biblioteca da academia.

Eu estava esparramada em uma *chaise* de veludo em frente a uma lareira, e alguém me cobrira com um cobertor de tricô. O tecido macio enrolava meus pés com firmeza, como se a pessoa houvesse me colocado para dormir.

Um cobertor como aquele valia ouro, já que as temperaturas do outono deixaram o frio da montanha ainda mais terrível.

Será que foi Augusto? *Não, não faria isso. Ele me odeia.*

Olhei minhas coxas e soltei um suspiro pesado.

Como era de se esperar, havia hematomas roxos onde ele me segurara.

Pelo menos minhas orelhas não estão mais sangrando.

Era alarmante o quanto eu me contentava com pouco.

Com cuidado, coloquei meu novo tesouro em volta dos ombros e fiquei de pé.

Bocejei e olhei o relógio na parede. Eram apenas três da manhã. O sol ainda não havia nascido, e era por isso que os outros novatos ainda não haviam voltado do simpósio.

Eu ainda tinha algumas horas sozinha.

Suspirei de novo e me joguei na cadeira em que sempre estudava. Toquei a ponta do meu livro de Tágoras, onde eu escrevera meu nome na capa.

Posso muito bem usar esse tempo para estudar um pouquinho.

Eu nunca admitiria para os outros novatos, porque eles sempre reclamavam da aula, mas adorava demais o nível de complexidade das equações de Tágoras.

Adorava a adrenalina de decifrar os passos e encontrar a solução.

Esta era a parte mais legal da matemática: sempre havia uma resposta certa. O cálculo até podia ser confuso, mas o resultado era preto no branco.

Não havia outra coisa na vida que fosse tão simples.

Tudo estava uma bagunça desde aquele teste idiota de mérito espartano.

Os pelos da minha nuca se arrepiaram. Gemi, mas me recusei a olhar em volta.

Ninguém está te observando. É tudo coisa da sua cabeça.

Ignorando meu estado mental destruído, abri o livro, desesperada para me distrair.

Uma ficha saiu voando de dentro.

Eu a virei com um bocejo. As seguintes palavras haviam sido rabiscadas de qualquer jeito com tinta:

Saia de Esparta agora ou enfrentará consequências terríveis. Você tem até o Baile de Iniciação em janeiro para desaparecer. Vai se

arrepender se ignorar este aviso.

Revirei os olhos e guardei a ficha na orelha da contracapa do livro.

Que ameaça mais idiota. Parecia algo que uma criança faria, se quisesse assustar alguém.

Eu estava presa em uma academia, morrendo de fome e estudando até perder a confiança nos meus pensamentos. O fato de que alguém queria que eu desaparecesse era o menor dos meus problemas. Jéssica havia sido mais cruel ao me insultar.

Provavelmente foi Titus ou Alessander.

Os dois tinham acesso aos meus livros e estavam quietos demais desde a briga na biblioteca, mas eu estava esperando uma retaliação bem mais dura.

Rindo sozinha, como se tivesse perdido a cabeça (eu tinha), apertei mais o cobertor sobre os ombros e ajeitei a cadeira, que bateu em algo pesado.

Eu me inclinei e peguei o objeto enigmático.

Era uma caixa média.

Estava embrulhada com veludo vermelho, amarrada no topo com um laço preto de seda com acabamento dourado. Havia um cartão com meu nome escrito em uma letra cursiva elegante.

Aaah, um presente.

Nunca havia recebido um daqueles antes. Era um luxo que Charlie e eu nunca nos demos ao trabalho de conversar a respeito. Quando se estava morrendo de fome, você reconhecia o que era mais importante. Havia prioridades, e presentes fúteis não eram uma delas.

Quem sabe não veio da mesma pessoa que me deu o cobertor?

Desembrulhei devagar as dobraduras perfeitas. Não consegui tirar o sorriso do rosto. *Talvez minha sorte esteja finalmente mudando.*

Depois dos eventos dramáticos (horríveis) do dia anterior, eu precisava de algo positivo.

Com calma, puxei a tampa pesada.

O sorriso desapareceu do meu rosto.

Os segundos se transformaram em minutos enquanto eu encarava inexpressiva o conteúdo da caixa.

Fiquei paralisada. Não conseguia me mexer.

Água pingou sobre a mesa, e percebi que eu estava chorando.

Escamas deslizaram contra a minha garganta, e eu dei um pulo, quase caindo da cadeira, o coração disparado. Um grito queimou no fundo da minha garganta. *É só Nix se mexendo enquanto dorme.*

Pisquei e me inclinei devagar sobre a caixa. Arquejei, porque era exatamente o que eu pensava.

Havia quatro objetos dispostos sobre um papel de seda preto amassado: dois globos oculares cheios de veias vermelhas, um nariz esmagado e um dedo masculino decepado com anéis grossos de ouro. Havia sangue espalhado por todos os lados.

Os olhos eram de um tom pastel.

Os anéis tinham símbolos do espírito das sereias.

Era Oron — *partes* dele.

De repente, o bilhete no meu livro não parecia mais brincadeira de criança. Alguém o assassinara. Cortara ele em pedaços. Apenas como um alerta para me manter longe da academia.

Minhas mãos tremeram de medo. A caixa caiu no chão.

Alguma coisa brilhou debaixo das partes do corpo.

Eu estava enjoada demais para olhar.

Com o corpo entorpecido e dedos trêmulos, recoloquei a tampa na caixa e a embrulhei de novo, amarrando com o laço.

Como um zumbi, saí da biblioteca e subi as escadas, saindo para a noite. Perto da encosta da montanha, encontrei uma pedra grande na grama. Arfando, rolei a pedra e encontrei terra úmida.

Então, cavei.

Quando abri um buraco pequeno, coloquei a caixa dentro e cobri de novo com terra. Por um instante, pensei em dizer algumas palavras. *Ele está morto por sua causa. O que está fazendo? Você está louca.*

Arregalei os olhos, me virei e voltei correndo o mais rápido possível para a academia.

Fui direto para o banheiro.

Desabei sobre o vaso sanitário enferrujado, abracei os joelhos e me balancei.

Meus dentes batiam graças ao choque.

Permaneci paralisada.

Horas depois, os garotos soltavam risadas estridentes enquanto voltavam do simpósio.

Em um estupor, fiquei de pé, sequei os olhos e cambaleei até a biblioteca.

— Cara, que loucura! Não acredito que o professor Augusto te carregou daquele jeito. — Drex veio correndo até mim quando entrei. — Todo mundo está falando disso. Você viu o jeito como ele te encarou a noite toda? Ele ficou literalmente parado em um canto observando, sem tocar em ninguém. Foi assustador.

Eu o encarei, inexpressiva, incapaz de falar.

Ele deve ter visto algo no meu rosto, porque gesticulou com a mão, fazendo pouco caso da situação.

— Mas não é nada de mais. Para falar a verdade, todo mundo surtou por causa da sereia que morreu.

Virei a cabeça depressa.

— O que aconteceu com ele? Quem f-fez isso?

Todos já sabiam que Oron estava morto.

Eu recebi partes dele em uma caixa. Socorro.

A vontade de contar queimou a ponta da minha língua, mas eu não sabia o suficiente sobre Esparta. O Mundo Inferior parecia ser um lugar abominável. Talvez colocassem a culpa em mim e me mandassem para lá.

Drex franziu a testa, confuso.

— Ele? Não. Estavam todos falando da mulher-sereia que caiu morta depois que o professor te levou.

A sensação de entorpecimento se transformou em uma avalanche esmagadora.

— Todo mundo acha que ela foi envenenada. — Drex franziu o cenho de novo. — Deve ter sido outra sereia. Elas têm rivalidades. Ou talvez uma criatura obscura, ou um Ctônico. Eles são famosos por atacar outros espartanos. Talvez tenham tentado envenenar um Olimpiano, mas acabaram machucando ela.

Cambaleei para trás, esbarrando numa estante, e desabei no chão.

Drex arregalou os olhos e me ofereceu a mão para que eu me levantasse.

Não aceitei.

— Desculpe — disse ele, depressa. — Eu não devia ter dito nada. Mas não é culpa sua. Mesmo que Augusto não tivesse te levado embora, eles provavelmente teriam surtado e matado a sereia depois. Ctônicos não precisam de motivos.

Arquejei e fiquei de pé.

Os únicos Ctônicos no simpósio eram os meus mentores, Augusto e Caronte. Eu não conseguia vê-los matando a sereia.

— Por que você fala assim, se você é C-Ctônico? — sussurrei, quando enfim recuperei a habilidade de falar.

Drex recuou.

— Não sou, não.

— Eu te vi… durante o massacre — sussurrei.

O garoto empalideceu.

— Do que está falando? Eu não fiz nada.

Por que ele está mentindo?

— Não conte para ninguém, mas a minha habilidade é a resistência — sussurrou Drex, num tom conspiratório, inclinando-se para perto de mim. — Minha mente fica toda eufórica, e eu entro em transe. Consigo correr por *quilômetros*… é uma loucura.

Ele sorriu, bastante orgulhoso do que conseguia fazer.

Então, quem matou aqueles três garotos no massacre?

Eu podia jurar que a mão dele estava estendida, os olhos vermelhos brilhando na névoa estranha.

Os pelos na minha nuca se arrepiaram quando vozes esquisitas sussurraram.

— Ouviu isso? — perguntei, apontando para o barulho.

— O quê?

As vozes ficaram mais altas.

— Ali… essa voz. — Apontei de novo.

Drex espiou naquela direção.

— Não estou ouvindo nada. Nadinha.

Baixei a mão.

Há quanto tempo estou ficando louca?

Tudo estava desmoronando ao meu redor. Nada fazia sentido.

Será que tenho um tumor cerebral? As mulheres não correm o risco de ter esquizofrenia até completarem 26 anos? Será que o olho e o ouvido não foram os únicos afetados pela surra? Será que meu cérebro foi danificado para sempre?

— Deixa pra lá — sussurrei para Drex.

— Está se sentindo bem? — perguntou ele, estendendo a mão para mim. — Você está muito pálida.

Recuei contra a estante para evitar seu toque.

Drex levantou as mãos em um gesto de rendição.

— Tente respirar fundo. Vai ficar tudo bem — disse ele, em um tom gentil. — Sei que tem sido difícil para você ultimamente. Com a cena do Augusto e tudo o mais. Mas ele deve se esquecer disso em um ou dois dias.

Drex olhou para mim, e eu percebi que ele estava esperando que eu fizesse alguma coisa. Assenti.

— É... — menti. — Tenho certeza de que ele vai esquecer.

Tentei parecer normal, como se não estivesse desmoronando por dentro.

— Você pode me ensinar um pouquinho antes da aula? — perguntou Drex, esperançoso.

Engoli um soluço.

— Claro.

Entorpecida, voltei a me sentar na cadeira onde havia encontrado a caixa com o corpo de Oron e abri o livro, no qual ainda estava guardado o bilhete terrível. Com os lábios frios, ensinei e desenhei alguns conceitos para Drex.

Em determinado momento, Maximum Hera, o novato amigável com mechas azuis no cabelo loiro, se sentou ao meu lado e perguntou se podia estudar com a gente. Drex concordou antes que eu pudesse recusar.

Maximum ficou puxando papo o tempo todo. Eu queria morrer.

Horas depois, encarei atordoada o chão de pedra da sala de aula enquanto Augusto contava uma lenda antiga em latim a respeito de saltos sobre touros.

— Alexis, onde eu disse que aconteceu essa lenda? — perguntou ele, parando no meio da história. Sua voz era um chicote cruel.

— Micenas — respondi, sem vontade.

Soou esquisito. Seco e frio.

Um longo instante se passou. Augusto franziu a testa e me encarou. Os olhos pretos desalmados se estreitaram, como se ele estivesse tentando solucionar um quebra-cabeça.

Eu o encarei de volta.

Entorpecida.

Paralisada.

Quase morta.

Destrua a minha mente. Controle a minha vontade.

Eu te desafio.
Mais uma vez, foi ele quem desviou o olhar.
Não senti nenhuma satisfação. Na verdade, não senti nada.



20
O Pianista

Caronte: Algumas horas antes, no simpósio

Eu me inclinei sobre o piano e observei minha presa.

Alexis estava sentada a uma mesa, cercada de sereias. Ela sorria e gargalhava abertamente, conversando com as criaturas nuas. *Que outros segredos você guarda,* carissima*?*

O homem-sereia sentado ao lado dela se aproximou mais, encarando-a com pura luxúria.

Rangi os dentes.

Errei uma nota.

Os músculos da minha coxa se contraíram. Precisei reunir todo o meu autocontrole para não me levantar e lançar minha adaga na garganta dele.

Pense a longo prazo, Caronte.

Não estrague todos os seus planos cuidadosamente elaborados.

Bati com os dedos nas teclas de marfim, pressionando o pedal com tanta força que o piano rangeu.

Outro Olimpiano engatinhou até o banco do piano, e eu o afastei com um chute cheio de aversão. Não estava interessado em brincar com vadias fracas. Meu gosto era mais requintado.

Quando eu me decidia, nada me fazia mudar de ideia.

E eu estava olhando para o que queria.

Cão e Inferno estavam deitados aos meus pés, os pelos eriçados de irritação devido ao fluxo constante de sereias e espartanos que avançavam, engatinhando, tentando me seduzir.

Eu me arrependi de ter desperdiçado meus poderes com eles.

Nenhum deles merecia.

Respirei fundo e me concentrei somente na música.

Meus dedos moviam-se depressa pelas teclas, e eu me perdi no ritmo

de uma melodia mais rápida. Planos e movimentações se desdobravam diante de mim, e estudei cada um com cuidado.

Não havia espaço para erros. Não com o que estava em jogo.

Risadas explodiram do outro lado do salão, e eu me inclinei para a frente a fim de olhar pelo lado da coluna. Era incapaz de evitar o magnetismo que Alexis exercia em um cômodo.

Meus dedos ficaram paralisados.

Ela estava de pé em frente à mesa, a pele cintilando como ouro polido, os olhos bicolores enrugados pela risada.

Havia sangue seco incrustado nas curvas perfeitas de seus lábios, os braços estavam sujos de terra e os cachos estavam soltos em volta do rosto. Ela parecia um anjo desgrenhado.

Nunca havia conhecido ninguém que fosse uma combinação tão inebriante de timidez e sede de sangue.

Afrouxei o cinto incrustado de diamantes para liberar a pressão na calça.

Alexis sorriu de maneira sedutora, baixando devagar uma das mangas da toga.

Eu me apalpei sobre a calça.

Encarei a cena, em transe.

Inferno soltou um rosnado profundo na garganta. Levei um susto, saindo do transe. *Que merda ela está fazendo?*

Levantei-me e joguei o banco do piano para trás. Pessoas resmungaram de dor, mas eu as ignorei.

Preciso impedi-la. Que Cronos me ajude, mas, se as sereias virem a pele nua dela, vou matar todas.

Comecei a atravessar o salão e empurrei um espartano para que saísse da frente.

Parei a meio caminho da minha presa.

Augusto agarrou Alexis pelo pescoço e a impediu.

Ele a estava sufocando. Com gentileza.

Seus olhos escuros estavam arregalados de raiva. Ele se inclinou e sussurrou algo no ouvido dela, o cabelo comprido preto e branco caindo entre os dois como uma cortina de seda. A cicatriz que cortava a bochecha e o nariz era de um vermelho intenso.

Meu desejo aumentou dez vezes.

A beleza dos dois juntos era devastadora.

Ambos eram perversos. Atraentes de um jeito único.

Augusto e eu compartilhamos centenas de pessoas ao longo dos anos. Preferíamos foder juntos. Fazia com que as pessoas não se apegassem muito, e era divertido fazê-las soluçar com um êxtase inimaginável.

Eu, porém, nunca havia me sentido assim.

O orgulho preencheu meu peito quando vi Alexis derreter sob o toque dele.

O calor brilhou nos olhos de ambos.

Abri um sorriso.

Tudo estava acontecendo mais rápido do que imaginei. Seria preciso acelerar as próximas etapas.

Devagar, segurei meu pau latejante e o acariciei.

O prazer foi sobrenatural.

Apertei.

Um homem-sereia choramingou e pressionou o corpo com toda a vontade contra o meu.

Rosnei, tirei a mão dali e empurrei a sereia. Ele caiu no chão, e eu lhe dei um chute. Depois, peguei um drinque numa bandeja e bebi de um gole só. A queimação da ambrosia foi deliciosa.

Era hora de pôr a mão na massa.

Eu tinha uma presa para capturar.

21
O Ataque do Titã

Alexis: Final de Novembro

A luz dourada cintilava sobre o mar Jônico conforme o sol se punha em Corfu.

A brisa meio fria do final de novembro soprava pelas portas francesas abertas, e vozes masculinas gargalhavam alto em algum lugar da casa. Eu estava deitada na cama.

Não sentia vontade de rir desde que recebi aquele presente aterrorizante dois meses antes.

Não acredito que amanhã vou voltar para aquele inferno.

Resmunguei, frustrada, porque o tempo passava com uma rapidez preocupante.

A vida era um borrão monótono e torturante.

Principalmente porque eu era covarde e havia decidido não participar mais do simpósio nos últimos dois meses.

Toda semana eu passava fome, sofria de desidratação, chorava enquanto corria o circuito agora gélido, desejava poder tomar banho porque me sentia suja e estudava até querer morrer.

Talvez isso seja pior do que o ensino médio. Talvez.

Jéssica e Tim-Tom eram uma espécie de tormento à parte.

Agora, deitada na minha cama e fazendo os gráficos da Hipótese de Riemann, joguei com raiva uma uva dentro da boca.

O rádio apoiado no travesseiro tocava música clássica.

Fiquei tentando relaxar o fim de semana inteiro, mas meus pensamentos continuavam fugindo de mim.

Uma hora de corrida? Uma hora de flexões? Uma hora de prova?

A ameaça perturbadora de Augusto ainda me assombrava semanas depois. Durante os últimos dois meses, o professor não deu nenhuma dica

do que quis dizer enquanto me carregava sobre os ombros como um homem das cavernas.

Esfreguei o pescoço e a coxa, onde ele havia deixado hematomas ao me segurar.

Um enjoo estranho fez meu estômago se revirar. Respirei fundo pelo nariz e esperei a sensação passar.

Senti aquela ansiedade sombria de novo.

Tudo em relação àquele homem me confundia.

Ele fazia questão de rosnar de desgosto toda vez que meu nome vinha em primeiro lugar depois das provas, me lançando um olhar letal. Se olhares pudessem matar, eu já estaria enterrada.

Os professores não costumam favorecer os melhores alunos?

A verdade da minha existência se tornava óbvia de maneira deprimente: as pessoas não gostavam de mim.

Havia algo de errado comigo. Eu era medíocre.

As cortinas flutuaram com as rajadas de vento, e as sombras se estenderam conforme o sol se punha, então puxei o capuz do moletom enorme que servia de apoio emocional.

Nix roncava e se mexia embaixo dele.

Semanas atrás, alguém tinha deixado o casaco preto sobre a poltrona no meu quarto, logo depois do incidente da caixa. Como o material era ridículo de tão macio (a coisa mais delicada que eu já havia tocado ou vestido), agora o moletom era meu.

A caveira na frente, que levantava o dedo médio, acabara me conquistando.

Dane-se a droga do mundo. A vida era mesmo uma vadia.

Sim, eu estava na minha fase emo.

Não, não queria tocar no assunto — esse era o objetivo —, porém, para me comprometer com aquele estilo de vida, eu estava experimentando xingar nos meus pensamentos.

Já estava até melhorando (mentira).

Depois de anos associando palavrões aos pais adotivos, aquele era um hábito difícil de quebrar. Ainda assim, eu tentava enfrentar o bloqueio mental.

Não quero voltar para aquela bosta de academia amanhã, pratiquei em minha mente.

Fora do meu quarto, as vozes masculinas ficaram mais altas e alguém

rugiu uma gargalhada.

Larguei a caneta e baixei o rádio para tentar escutar.

Nos dias de folga, eu costumava evitar os meus mentores, principalmente porque *ele* sempre estava junto.

— Aquiles, você leu *As Crônicas do Falcão* do mês passado? Helena me deu a revista — disse Pátro, bem alto, na cozinha. — Caronte, você saiu na primeira página. Então finalmente escolheu uma noiva? São uma ou duas Olimpianas? Quem são?

Uma voz feminina zombou bem alto. Ergui a cabeça, curiosa. Naquele tempo todo em que estive ali, eles nunca haviam recebido a visita de uma mulher.

Uma voz rouca deu uma risadinha sombria.

— Mais ou menos — respondeu Caronte.

Falando no diabo...

Fiquei de queixo caído.

Satã tem uma namorada? Talvez duas? Pobres Olimpianas. Estou rezando por elas.

A conversa continuou, mas não consegui ouvir. Depois, tudo ficou quieto quando os homens voltaram para o outro lado da casa.

Meu estômago roncou, e eu comi o último pedaço (metade de uma peça) de queijo, então fui até a porta na ponta dos pés com o prato vazio.

Depois de verificar e garantir que a barra estava limpa, corri até a cozinha.

Fiz uma pilha alta no prato com a comida que estava sempre espalhada pelos balcões e me virei para sair, mas um pergaminho amarelo sobre a mesa chamou minha atenção. Estava entreaberto e era todo colorido.

Eu me sentei e o abri, meio hesitante.

As Crônicas do Falcão estava escrito em negrito no topo. "A maior fonte de notícias de Esparta."

Uma foto colorida de Caronte, usando um terno em um grande salão de baile, ocupava a maior parte do pergaminho.

Seus olhos azuis gélidos brilhavam de forma ameaçadora na página, os lábios franzidos. Uma coroa de prata cintilava com rubis no topo de seu cabelo preto estiloso.

O diabo de fato é muito bonito.

Em uma tinta preta densa, lia-se: "Ctônico rebelde: o solteiro mais cobiçado de Esparta foi flagrado enviando joias de noivado no mês passado.

Quem é a herdeira, ou herdeiro, Olimpiana sortuda?”

Logo depois, havia uma notícia detalhada:

> Os olhos azuis de Caronte brilharam de desejo no baile anual da Casa de Dioniso. Ele se recusou a dançar com todos os espartanos cobiçados e, em vez disso, ficou contemplativo, a cabeça claramente cheia de pensamentos sobre seu(s) amor(es). Nossas fontes confirmam que ele enviou os três presentes de noivado como manda o costume, e um deles foi os diamantes azuis de valor inestimável da Casa de Ártemis. Senhoras e senhores, a corte do século acaba de começar.
>
> Quem é o morador de Esparta sortudo? Não temos dúvidas de que as joias foram abertas e, portanto, o noivado foi aceito. A qual(is) Olimpiano(s) ou Olimpiana(s) de sorte o solteiro mais cobiçado de Esparta dedicará sua vida? A lei do casamento foi um sucesso esmagador, incentivando os jovens espartanos a encontrar o amor verdadeiro.

Dei uma risadinha e joguei uma uva na boca.

As amantes dele vão precisar de muito *mais que joias. Talvez uma lobotomia, e uma arma, por segurança. Quem voluntariamente dormiria ao lado daquele psicopata?*

O resto da história também era ridículo, cheio de uma linguagem floreada para falar de saudades e de um grande romance secreto.

Quem acredita nessa bosta?

Embora Caronte não tenha negado quando Pátro perguntou sobre o assunto.

Será que ele está mesmo apaixonado?

Estremeci, horrorizada. Algumas pessoas deviam passar a vida inteira sozinhas. Ele era desse tipo de gente.

Abri mais o pergaminho e engasguei com a notícia seguinte. Pedaços de uva ficaram presos no meu esôfago.

Tossi e encarei a foto, sem acreditar.

Era eu, sentada sozinha em uma mesa escura no simpósio. Estava curvada, parecendo triste, e o cinza pálido de um dos meus olhos fazia um contraste forte com meu olho escuro e me dava uma aparência ameaçadora.

Droga, meu cabelo de fato tem frizz.

As manchas de sangue embaixo do meu nariz e dos olhos também não eram atraentes.

Suspirei. Não seria possível encontrar uma foto mais feia.

Que grosseria.

Abaixo da imagem, a manchete em negrito dizia: "Conheça Alexis Hert, a mais nova Olimpiana prodígio. Zeus confirma que a mestiça abandonada é dele, e seus colegas de classe contam tudo."

Sentindo-me invadida, li a notícia por cima.

> "Não, ela não é tão atraente quanto as pessoas dizem", falou o colega Titus. "Os olhos dela são esquisitos, e ela é superestimada. Alexis teve sorte no massacre, e as notas dela nas provas são só um pouco mais altas que as do restante da turma."

Óbvio que escolheram entrevistar justo o Titus.

Nota mental: encará-lo o máximo possível esta semana. Eu esperava que meus olhos o fizessem se cagar de medo.

Dane-se ele.

— Por Cronos, é você! — berrou uma garota na porta, e eu soltei um gritinho surpreso.

Apertei meu peito e desabei na mesa, tentando me recuperar do ataque cardíaco.

— Meus irmãos não me contaram que você estava aqui. Eu com certeza teria me apresentado — disse a garota, com entusiasmo, como se a minha presença fosse emocionante. Uma coroa de rubis cintilou na cabeça dela. — Eu sou a Helena.

— Seus irmãos? — perguntei, boquiaberta, meu cérebro compreendendo o que a garota acabara de dizer.

Ela é a herdeira da Casa de Afrodite.

Todo mundo sabia quem era Helena.

— Pátro é meu meio-irmão por parte de mãe. Augusto é meu irmão, e *muito* superprotetor.

Ela suspirou de forma dramática, então parou à minha esquerda e murmurou algo inaudível sobre garotos.

Eu não conseguia imaginar Augusto com uma irmã caçula.

Talvez ele apenas rosne para ela como uma besta.

A filha da mulher mais bonita do mundo estava diante de *mim* (uma garota que mais parecia um troll da montanha).

— Ah, l-legal — falei, como sempre eloquente.

Naquele exato momento, meu estômago roncou alto.

— Não vou te incomodar — disse Helena. — Sei que você está treinando e participando do torneio, o que é literalmente uma loucura. Você deve ter que meditar e estudar. E deve ter uma mente tãooooo forte.

Engasguei com o doce que estava engolindo.

Eu não diria que "forte" era uma descrição adequada.

Helena desviou o olhar com respeito enquanto eu tossia, e acenou para mim.

— Continue arrasando. Talvez a gente se veja por aí. Vai ser muito divertido. Eu juro, quase não tem mulheres em Esparta. Ainda mais jovens como nós. Sabe como é, né?

Grunhi e concordei, embora eu não soubesse.

De nada.

Àquela altura, eu tinha cinquenta por cento de certeza de que estava passando fome em uma caixa de papelão, tendo um sonho lúcido com Esparta. Tudo parecia surreal, e a coisa piorava a cada minuto.

Helena se aproximou.

— É loucura! E não existem jovens Ctônicas. Eu sou a única. É uma droga. A morte de todos aqueles Ctônicos na Grande Guerra foi um golpe terrível para namoros e amizades. Ainda mais porque os homens Ctônicos são *muito* sufocantes. Você já conheceu Augusto. Sabe do que estou falando.

Talvez do fato de que ele é o homem mais grosseiro e agressivo da face da Terra?

Assenti para ela, em choque.

Era a espartana mais normal que eu já havia conhecido.

— Bom... — Helena deu de ombros, desdenhando. — Pelo menos os Ctônicos são fortes, e também muito unidos. Nós sempre protegemos uns aos outros. É até legal, se você ignorar toda a violência, a melancolia e a obsessão com filhos.

Acho que ela está confundindo psicose com proteção. Tadinha.

Helena devia ter interpretado mal minha expressão horrorizada, porque me deu um tapinha no braço.

— Não se preocupe. Você não é uma Olimpiana fraca como os outros...

Dá para perceber pelo jeito como você se comporta. Você me lembra o meu irmão. É forte como uma Ctônica.

— Obrigada? — falei.

Seu irmão me dá medo, então isso é preocupante.

Ignorante ao meu pânico, Helena saiu da cozinha com um copo de água na mão.

— É só manter a mente forte — gritou ela, do corredor. — E tranquila. É aí que está o pulo do gato.

Meu olho tremeu.

O pulo do gato estava em *me matar* antes de ter que voltar, mas eu adorei o espírito guerreiro dela.

Pela minha visão periférica, o pergaminho entreaberto anunciava o noivado de Caronte e exibia meu cabelo bagunçado. Franzi a testa quando me lembrei das palavras de Titus.

Irritada, peguei mais comida no balcão e enfiei tudo na boca de uma vez.

De volta ao meu quarto, agarrei um travesseiro e o chutei com raiva para o outro lado do cômodo. Soltei um grito por entre os dentes cerrados e me joguei de cara na cama, então soquei o colchão.

Ajudou um pouco (nadinha).

Helena não teria ficado impressionada.

Enquanto estava deitada na cama, imitando um cadáver, duas vozes sussurraram no canto do quarto.

Não.

De jeito nenhum.

NÃO!

Não ia cair naquela.

Eu me levantei da cama de um pulo, marchei até o canto e apontei para a poltrona.

— Não sei quem vocês são, nem por que estão sempre sussurrando e me seguindo por aí, mas já cansei. Parem com isso! — gritei para as vozes, fazendo um X com as mãos.

A poltrona não se mexeu.

As cortinas esvoaçaram com uma rajada de vento. O quarto estava silencioso.

Você está enlouquecendo de novo, Alexis. Recomponha-se, mulher. Não tem vozes sussurrando. Você está imaginando coisas.

Naqueles dias, era mais fácil falar do que manter a sanidade.

Puxei meu cabelo cacheado (cheio de frizz), a respiração ofegante, e me afastei devagar do objeto inanimado que eu acabara de repreender.

Existiam pedidos de socorro. E existiam *súplicas* por socorro. Aquela cena havia sido uma súplica.

Caí de joelhos e enfiei a cabeça nas mãos.

— Droga, caramba, putz, poxa, caraca, diabos, bodega — reclamei, desanimada, mas meus olhos estavam totalmente secos, porque garotas emo não choravam (chorei no dia anterior).

O desespero continuou.

Estava com saudades de Charlie e Fofinha.

Eu desejava, com todas as minhas forças, estar de volta à floresta, passando fome.

Naquela noite, sonhei com música de piano, uma caixa cheia de partes de um corpo, olhos vermelhos brilhantes, monstros esqueletos, uma estranha obsessão com um toque de possessividade, um esqueleto erguendo o dedo médio, rabiscos escritos em um bilhete e dedos calejados enterrando-se em minha pele.

O diabo me chamou de *carissima* e sussurrou, dizendo que a partir de agora cuidaria de mim.

Acordei gritando.

Na manhã seguinte, com certa relutância, tirei meu moletom de apoio emocional, depois encontrei Pátro e Aquiles na cozinha para o café da manhã (comer o máximo possível em cinco segundos) antes de voltar para a academia.

Pátro conversava fiado sobre uma nova arma espartana que eles iriam lançar, mas Aquiles não dizia nada, porque literalmente não podia. Nix roncava no meu pescoço.

Helena entrou na cozinha e puxou a cadeira bem ao lado da minha.

— Bom dia!

Respondi com um aceno, sem jeito, depois quis me matar por ser tão esquisita em situações sociais. *Ela está a centímetros de você. Pra que acenar?*

Com certeza era por isso que as pessoas me odiavam.

— Dormiu bem? — perguntou Helena, completamente alheia aos meus pensamentos obsessivos. — Eu tive uma noite ótima. Os colchões nesta cabaninha são maravilhosos.

Cabaninha? Isto aqui é uma mansão.

Helena piscou, cheia de expectativa, e percebi que ela estava esperando uma resposta.

— Foi horrível — falei, com sinceridade.

Ela franziu o cenho.

— Sinto muito. Uma boa noite de sono é fundamental para o funcionamento cognitivo.

— Isso e-explicaria muitas coisas — concordei.

Helena crispou os lábios, como se não conseguisse decidir se era brincadeira ou não.

Enfiei metade de um pão na boca, depois engoli com manteiga e algumas uvas.

Helena usou um garfo e uma faca para cortar com delicadeza uma tâmara em pedacinhos. Ela era uma dama. Era tão fofo.

— Muito bem, vamos lá. Não podemos nos atrasar — ordenou Pátro.

Choraminguei por dentro, peguei mais um pouco de comida e comi o mais rápido possível.

— Boa sorte! Mate todos aqueles garotos! — exclamou Helena, enquanto desaparecíamos em uma nuvem de fumaça.

Infelizmente, talvez isso de fato aconteça.

O entusiasmo dela pela vida era bastante incompreensível e meio desagradável, mas também doce.

Ela me inspirava a querer me matar menos. Talvez.

A Díade Escarlate me deixou no gramado da frente.

Quando entrei na escuridão gélida da sala de aula praticamente vazia, o general Cleandro estava sentado à escrivaninha com os pés para cima, e Augusto sorria enquanto conversava com Cassius.

O sorriso se desfez e ele franziu a testa quando me viu.

— Se manca! — falei, mostrando o dedo médio.

Na minha cabeça.

Na vida real, desviei o olhar e desabei no chão onde eu sempre me sentava, gemendo quando uma pedra machucou minha bunda.

— Não consigo mais fazer isso — resmungou Nix no meu pescoço. — É tãooooo frio nesta montanha horrorosa.

— Nem me fale — sussurrei, o mais baixo possível, superciente de que eu devia estar falando alguma língua esquisita de cobra.

Na frente da sala, Augusto virou a cabeça de súbito. Olhos pretos

desalmados se estreitaram para mim enquanto Poco subia no ombro dele.

Cassius acompanhou seu olhar, depois encarou o professor de novo, confuso.

— É... — disse Nix. — Aquilo é um olhar lascivo. Não é um teste. Vai acontecer. Augusto está te lançando um olhar lascivo. Uau, a coisa está avançando rápido!

Engasguei.

— Se lascivo for o adjetivo adequado para o olhar que se dá a alguém acorrentado na sua masmorra, então, sim, ele está me olhando desse jeito.

— Ah, sim — sibilou Nix. — Isso também seria bom. Se a masmorra tiver luzes vermelhas, chicotes e correntes por todos os lados. Além de música sedutora e chocolate.

Fechei os olhos e apertei o nariz. *Por favor, Deus, me traga uma nova melhor amiga. Que ela seja menos pervertida e tarada. Obrigada.*

Quando abri os olhos, Augusto se voltara para Cassius, outra vez com um sorriso no rosto.

Filho da mãe.

Eu me deitei de lado e fantasiei todas as maneiras criativas com que poderia me matar. Para ser sincera, àquela altura, não me importava se, no pós-vida, Carl Gauss acharia que eu não era bem- -sucedida (me importava, sim).

Carl podia ir... se ferrar.

— Por que eu sou tão patética? — sussurrei para Nix, desejando conseguir xingar como um marinheiro.

Uma língua fina fez cócegas na minha bochecha.

— Temo que seja culpa minha por ter te superprotegido — disse Nix, séria. — Eu devia ter te maltratado mais. Em vez disso, deixei que você virasse uma esquisitona. Sinto muito.

Engasguei de novo.

Por que todo mundo sempre responde às minhas piadas?

— Alexis, você também chegou cedo!

Mechas azuis cintilaram em um cabelo loiro.

NÃO. Deus, não. Não consigo. Por favor, Deus. NÃOOOOOOO. Esse NÃO é o amigo que eu queria. Retiro o que disse.

Maximum sorriu para mim como se fôssemos melhores amigos (não éramos).

— Ele de novo não. — Nix gemeu no meu pescoço.

Maximum era o tipo de pessoa que acordava com um sorriso e escrevia em um diário tudo aquilo pelo que era grato. Alguém precisava contar a ele que havia acontecido um *apocalipse*. As pessoas tinham que aprender a agir de acordo.

— Na verdade, é perfeito! — disse Maximum, sentando-se à minha esquerda e me forçando a mover meus livros para que houvesse espaço. — Eu queria passar para a fileira de trás e me sentar ao seu lado, já que estamos estudando juntos há meses.

Ele agitou as sobrancelhas e piscou.

O que ele se esqueceu de mencionar era que estudávamos juntos havia meses *contra* a minha vontade.

Eu ensinava Drex por causa da nossa aliança, e Maximum se sentava conosco, sendo irritante o tempo inteiro porque ficava desconfortável com os próprios pensamentos e queria contar para todo mundo como era feliz vinte e quatro horas por dia.

O garoto precisava levar uma pazada na cabeça.

Meu pescoço doeu quando virei a cabeça, a fim de manter Maximum no meu campo de visão.

— Hum, tem certeza? — perguntei, cética.

Nunca disseram que tínhamos lugares fixos, mas estava meio que subentendido.

— É claro, está tudo bem — disse Maximum, fazendo uma cena ao empilhar os livros ao lado dos meus. — E aí, como foi sua folga? Vi que fizeram uma matéria completa sobre você nas *Crônicas do Falcão*. Você viu?

Soltei um suspiro pesado e assenti.

Sim, vi a foto em que eu parecia um monstro do pântano. Eba.

— Muito maneiro. Não tem ideia do quanto as pessoas em Esparta estão falando de você. O pessoal da minha Casa sempre me pergunta de você. Eles surtaram quando contei que éramos amigos próximos. Não é incrível?

Resmunguei algo ininteligível.

Drex entrou na sala.

— Você mudou de lugar? — perguntou ele a Maximum, franzindo a testa.

Eu me deitei de costas, aliviada quando os dois desviaram a atenção de mim.

Alguns minutos depois, nós sete estávamos sentados e Augusto

começou uma aula sobre ciclopes.

Eu me concentrei na minha postura e fiz anotações práticas em latim. Ao final daquelas duas semanas, elas estariam ilegíveis, mas pelo menos era algo para fazer no momento.

Um cotovelo cutucou minhas costelas.

— Uma vez eu conheci um ciclope — sussurrou Maximum, a voz quase inaudível no meu ouvido esquerdo.

Não fale comigo. Assenti, mas não falei nada.

Ele me cutucou de novo.

— Você já conheceu algum?

Não me toque.

Com o olho tremendo, balancei a cabeça e continuei anotando.

Alguns minutos depois, ele me cutucou de novo. Desta vez, seu hálito estava quente na lateral do meu rosto porque ele havia se aproximado.

— Você sabia que…

— Maximum e Alexis. — Augusto fechou com um baque o livro que estava lendo. — Afastem-se um do outro, *porra*. Isto é uma sala de aula, não um simpósio.

Maximum guinchou e se afastou de mim, claramente chocado com o semblante implacável do professor. Titus e os amigos deram risadinhas na fileira de trás.

E eu enfim tinha algum espaço.

— Espere aí — disse Augusto, o tom ameaçador. O perigo reluziu nos olhos pretos desalmados, e ele trincou a mandíbula. — Por que caralhos você mudou de lugar? Esta sala é *minha*, não sua.

Os novatos se remexeram, confusos, já que o professor que costumava ser calmo havia surtado. Eu, por outro lado, como alguém que já fora vítima de seus poderes mentais bizarros, não fiquei surpresa.

— Levantem-se! — berrou Augusto. — Vocês vão correr o circuito.

O quê?

Deixa para lá. Aquilo era demais, até mesmo para ele. Geralmente, alertava os novatos e tentava minimizar a nossa quantidade de corridas, ainda mais agora que o inverno estava intenso.

O general Cleandro se sentou com um sorriso ensandecido e apertou o pager. O falcão gritou.

Nenhum de nós ousou soltar um único pio de reclamação.

BUUM.

Um homem de aparência feroz, com cabelos loiros compridos, apareceu. Um corvo albino estava empoleirado em seu ombro.

— Ryax, herdeiro da Casa de Dioniso — anunciou o general Cleandro. — Seu aprendiz decidiu, por ele mesmo, trocar de lugar e incomodar os colegas. Guie a turma pelo circuito.

— Sim, general. — Ryax curvou a cabeça, depois se empertigou de imediato. Ele não parecia feliz.

— Vão! — berrou Augusto. — O que estão esperando?

Os novatos recuaram fisicamente com o mau-humor dele, então saíram correndo da sala o mais rápido possível.

Eu me juntei a eles.

Horas depois, minha respiração saía em baforadas trêmulas e gélidas. Meus dentes batiam. Esfreguei os braços para me aquecer enquanto subia correndo a encosta da montanha. O gelo e a neve mordiam meus dedos do pé dormentes.

O céu tinha um tom cinzento triste. O final de novembro nas montanhas parecia o nono círculo do inferno.

A neve caía, e eu tremia ainda mais. O tecido fino da toga não era quente. Meus braços e pernas tinham um tom cinza preocupante.

Tudo doía. Eu estava com saudades do calor sufocante do verão.

Drex corria ao meu lado com uma expressão tranquila, os olhos meio nebulosos enquanto ele usava seu poder.

— Você está indo bem — falou. — Só mais um pouquinho, e aí é só ladeira abaixo.

Só mais um pouquinho, e aí vou matar nós dois.

— Está tão frio — resmungou Nix.

Drex continuou correndo em paz, perdido dentro da própria cabeça, ignorante às minhas dificuldades.

Tive uma crise de tosse horrível, mas contraí minhas pernas congeladas e tentei ficar ao lado dele.

Ryax havia desaparecido no topo da montanha, mas o restante dos novatos estava alguns metros à frente. Pegadas ensanguentadas manchavam a neve atrás deles.

— *AHHHHHH.* — Um grito alto e agudo ressoou de algum lugar à direita.

Tropecei.

Drex mal conseguiu me segurar, porque também tropeçou.

Todos pararam de correr.

Viramos a cabeça de um lado para o outro.

O barulho ressoou de novo, muito mais perto, como se estivesse se aproximando rápido.

— Titãs! — gritou Cassius, e houve uma longa pausa de pavor.

Então todo mundo entrou em pânico.

Com os braços impulsionando e as pernas em disparada, nós sete subimos correndo a trilha estreita da montanha o mais rápido que podíamos. Gotas geladas batiam contra nós, uma mistura de gelo e neve, enquanto nos aproximávamos do pico.

— Estou cuidando da retaguarda! — gritou Nix. — Concentre-se em correr. Eu aviso se algo se aproximar.

Resmunguei, concordando, e continuei correndo.

— Titãs na trilha! — gritou Cassius bem alto quando finalmente viu Ryax esperando por nós no topo, o corvo albino rodeando o ar acima da cabeça dele.

Os olhos de Ryax se arregalaram, e o corvo grasnou, mergulhando até seu ombro.

— Vou avisar à Congregação da Morte.

BUUM.

Ele se teletransportou.

Cassius tropeçou e, por um instante, nós sete paramos e encaramos o vazio, incrédulos por Ryax ter nos deixado *sozinhos* na montanha, sem nada para nos proteger.

O grito de um Titã ressoou mais alto.

— Vou tentar chegar ao lago e avisar Caronte! — gritou Cassius.

Asas se agitaram em seus pés. Então ele voltou a correr, desta vez em uma velocidade impossível de tão rápida, pairando acima do chão.

Ele desapareceu.

Restavam apenas seis de nós.

— MERDA — gritou Titus, e foi o comentário dele com o qual mais me identifiquei desde que o conhecera.

Nós seis passamos correndo por onde Cassius desaparecera.

Os braços davam impulso.

As pernas latejavam.

Corremos sobre pedras congeladas a toda velocidade.

No meio do caminho, Leo tropeçou em um pedregulho à minha frente.

Sua perna soltou um estalo terrível, dobrando-se em um ângulo estranho, o pé preso embaixo dela.

Ele gritou enquanto caía.

Eu tropecei e parei, tentando segurá-lo. Os outros continuaram correndo.

— Merda, criança! — gritou Nix. — Está atrás de você!

Olhei para trás e arquejei.

Um Titã estava a menos de cem metros de nós.

Alto e magricelo, sua pele pálida estava coberta de veias pretas sarapintadas, e suas feições humanoides eram ocas e deformadas. Farrapos de roupas pendiam de seu corpo.

Parecia um cadáver em decomposição.

Fiquei boquiaberta.

Em um borrão, ele avançou correndo.

Os olhos cheios de veias estavam arregalados. Os dentes afiados estavam arreganhados. Garras pretas brilhavam.

Ele se aproximava depressa.

Perigosamente perto.

Parada ao lado de Leo, eu agarrei a mão dele e puxei seu braço para tentar ajudá-lo a se levantar. O Titã deu um salto à frente de uma distância impossível, as garras reluzindo.

Por favor, mexa-se. Vamos, caramba!

Puxei o braço de Leo com toda a força enquanto ele gemia, tentando desesperadamente soltá-lo de onde estava preso.

O ar farfalhou.

Respingos vermelhos me atingiram.

A centímetros de mim, o Titã se agachou sobre Leo e rasgou-lhe a garganta com os dentes.

Leo não emitiu um único murmúrio.

A mão que agarrava a minha espasmou. A cabeça do garoto pendeu para trás, os olhos vidrados, os dedos deslizando pelos meus.

Eu apenas segurei sua mão enquanto ele morria.

Recuei, horrorizada, incapaz de assimilar a brutalidade absoluta daquela cena.

Continuei me afastando do monstro, descendo a montanha.

O Titã estalou os lábios, cuspindo sangue. De repente, como se tivesse sido atingido por uma força invisível, ele cambaleou para trás, balançando

os braços de maneira agitada enquanto seu sangue preto jorrava.

Rosnados profundos e arrepiantes ressoaram.

De onde vêm esses barulhos?

O Titã deu um chute para frente com uma velocidade sobrenatural. Houve um baque e um ganido, como se algo invisível o tivesse atacado e sido nocauteado. Tateei o pescoço. Nix ainda estava ali. *Que diabos?*

O Titã ergueu a cabeça e olhou.

Direto para mim.

Corri montanha abaixo e olhei por cima do ombro.

Ele ainda me encarava.

Droga, isso não é NADA bom.

Escamas deslizaram pela minha pele.

— Vou atrasá-lo. Procure um lugar seguro! — gritou Nix, desaparecendo do meu pescoço.

— Não!

Estendi o braço para ela, seu corpo invisível escapando por entre meus dedos quando a serpente se jogou de mim e subiu a montanha na direção dos monstros.

Diminuí a velocidade, esperando por Nix.

Alguns segundos depois, marcas apareceram no pescoço do Titã, que grunhiu e começou a bater no próprio corpo com as garras.

Nix gritou quando o Titã cambaleou, confuso.

— Nix! — chamei, parando de correr. — Volte aqui!

— *CORRA*! — gritou ela.

— Não vou sem você!

Olhei para trás. O resto da turma havia desaparecido. Na direção contrária, Leo jazia morto.

Tremi de frio, adrenalina e um medo vergonhoso. Tudo o que eu queria era me virar e correr, mas não podia.

— Não vou embora sem você — gritei, rezando para ela estar perto.

O Titã ainda cambaleava, como se o veneno dela o tivesse enfraquecido.

Escamas frias envolveram meu tornozelo. Suspirei de alívio.

— O que está fazendo? — gritou Nix, subindo até meu pescoço.

O Titã parou de cambalear.

Perdi o fôlego.

Ele se virou para mim e me encarou, os dentes arreganhados como um

animal selvagem, os olhos absurdamente arregalados. O sangue de Leo cobria a parte inferior de seu rosto.

O Titã estava a uns seis metros de mim.

Em um borrão, ele saltou.

Não havia tempo para me virar e correr.

Ele me alcançaria.

Gritando por entre os dentes cerrados, eu me abaixei e peguei uma pedra pesada, coberta de gelo.

Com braços trêmulos, segurei-a acima da cabeça e esperei. Cada célula do meu corpo gritava para que eu corresse, mas ignorei esse instinto.

Três metros de distância.

Estendi minha postura.

Droga, isso vai doer. Droga. Droga. Droga. Droga.

Um metro e meio de distância.

Você consegue.

Joguei a pedra no rosto do Titã, me inclinei para trás e me virei enquanto suas garras golpeavam. Pontas afiadíssimas roçaram meu ombro de leve.

Uma dor intensa explodiu pelo meu corpo.

Eu a ignorei.

O Titã caiu para trás, agarrando o rosto destruído, o sangue preto jorrando.

Lutei para encontrar minha pedra, peguei-a e avancei. Bati com tudo na cabeça dele.

O Titã se moveu em uma velocidade impressionante, mas a pedra arranhou a lateral de seu rosto. Rosnando, o monstro rolou e assumiu uma postura agachada.

De joelhos, eu não tinha tempo para pegar a pedra de novo. Trinquei os dentes e me preparei para lançar o corpo contra o dele. Eu tinha apenas unhas e raiva. Nix recuou no meu pescoço, como se estivesse se preparando para morder.

Aquilo era o inferno, mas estávamos juntas.

O Titã soltou uma lamúria perversa ao avançar até mim. Fechei os olhos e também avancei.

BUUM.

Bang. Bang. Bang. Bang. Bang. Bang. Bang.

A colisão nunca aconteceu.

Tropecei e endireitei a postura.

Uma capa preta ondulava no vento gelado.

Um espartano montou no Titã, o peito arfando, com duas armas reluzentes estendidas. Ele descarregou as balas.

— Fico feliz que esteja bem. Não toque nele, é meu.

O espartano falava virado para a direita, o que era estranho, porque eu estava à esquerda.

Com quem ele está falando?

— Eu falei para não se meter — ordenou o espartano.

Não se preocupe, na verdade, eu nem ia interferir. Ele é todo seu. Lutei para compreender o que estava vendo e ouvindo.

O sangue preto se espalhou.

O Titã gorgolejou e se contraiu.

Clique. Clique.

O espartano colocou dois pentes novos e voltou a atirar. Longos minutos se passaram. Ele não parou.

— Puta merda — sussurrou Nix, impressionada, voltando a se apoiar no meu pescoço. — Tá vendo isso?

Assenti, incapaz de falar.

— Gostoso com *G* maiúsculo, se é que me entende — sibilou ela.

Franzi o cenho, porque eu com certeza não entendia. Além disso, estava começando a me preocupar de verdade com as minhas escolhas de amizade.

O Titã havia parado de se contrair e resmungar. Era uma carcaça mole de carne mutante, mas os tiros ainda ressoavam alto. Por fim, o espartano jogou as duas armas fumegantes para o lado.

Nix e eu suspiramos (eu em tom de alívio, ela em um tom sexual desconfortável).

O espartano puxou uma adaga perversa, ajoelhou-se sobre a carcaça e começou a esfaqueá-la com violência. O sangue esguichou.

Com os olhos arregalados, me levantei devagar e recuei, descendo a montanha.

Talvez eu consiga ir embora antes que ele repare...

— Aonde pensa que vai? — disse o espartano, a voz rouca e sombria.

Desta vez, ele virou a cabeça e olhou direto para mim.

Chamas ardiam em olhos azuis glaciais.

Fiquei paralisada.

— Merda, é *ele* — disse Nix.

Fiquei com inveja da habilidade dela para xingar. Aquele era o momento perfeito para isso.

O espartano se levantou, erguendo a cabeça encapuzada ao virar o corpo na minha direção, a adaga afiada ainda em sua mão.

Os músculos de Caronte se contraíram, o peito arfando. Ele apontou a faca para mim. O sangue preto havia respingado nos ângulos sombrios de suas feições bem desenhadas.

Ele parece possuído.

Não. É ele *que possui as pessoas.*

Dei outro passo para trás.

— Hum — sussurrei, bem articulada.

— Merda, merda, merda — disse Nix. Agora ela estava só se exibindo. Suas escamas deslizaram pelo meu pescoço conforme se escondia dentro da toga. — Você tem que correr, criança. O mais rápido possível.

Balancei a cabeça devagar e ergui as duas mãos para mostrar que me rendia. Regra número um para sobreviver no interior de Montana: nunca fugir dos predadores selvagens da natureza. Se fizer isso, você morre. Eles gostam de caçar.

— Obrigada por d-derrotar o Titã — sussurrei, recuando devagar.

A dor queimou em meu peito, e eu estremeci quando o movimento fez a ferida abrir.

Caronte veio na minha direção, as pernas compridas engolindo o chão, os coldres se esticando no peito e nas coxas grossas. A capa preta esfarrapada de criatura flutuava atrás dele, e seu andar não parecia firme, como se mancasse de leve.

Aquilo não o fazia diminuir o passo.

Uma faca maligna coberta de sangue estava apontada direto para o meu coração.

Recuei mais rápido e choraminguei quando ele me alcançou. Meus olhos se fecharam por instinto, e esperei pelo golpe.

Dedos quentes roçaram meu queixo.

Abri os olhos um pouquinho.

Devagar, Caronte inclinou minha cabeça para cima, o polegar traçando o contorno da mandíbula com delicadeza. Sua mão direita segurou meu rosto, e a esquerda ainda segurava a faca.

Ele se aproximou, a boca pairando a centímetros da minha.

Meus lábios se entreabriram.

Um enjoo estranho fez o fundo do meu estômago se revirar, e um rubor queimou minha pele.

A respiração dele falhou.

O polegar calejado foi se arrastando devagar pela minha mandíbula.

— Alexis — murmurou, baixinho, os dedos ainda me acariciando com uma gentileza inacreditável, o rosto próximo ao meu.

— Caronte?

— Este é o seu último aviso. Caso *volte* a se colocar em perigo desse jeito — alertou, com a voz estremecendo —, haverá… consequências.

— Por que se importa? — sussurrei. — Você me odeia. Somos inimigos.

Ele inspirou de repente.

— *Carissima*, não me teste. — Sua voz áspera era cruel, os lábios a centímetros de distância. — Por favor — implorou.

— O quê? — perguntei, confusa.

Os dedos me apertaram com força, e eu gritei quando o aperto ficou doloroso. As pupilas dele estavam dilatadas.

— Por que CARALHOS VOCÊ NÃO FUGIU COM OS OUTROS NOVATOS? SUA VIDA ESTAVA EM PERIGO. UMA VIDA CTÔNICA, PORRA!

Pisquei enquanto Caronte gritava na minha cara, a dormência tomando meu corpo em uma onda gelada. *Ele está com raiva porque coloquei em risco a nomeação dos meus mentores como generais.*

Minha respiração ficou presa na garganta.

— EXPLIQUE-SE!

Dores fantasmas subiram pelos meus pulsos.

Luzes verdes tremeluzindo. Punhos. Cordas. Dor. A mãe gritando na minha cara.

A memória muscular assumiu o controle e eu congelei.

Como enfrentar um espancamento: fique parada e diminua os danos. Não reclame. Não recue. Não reaja. Sofra em silêncio.

Tudo se distorceu e mudou.

Minha visão ficou turva.

Eu me tornei insensível.

— Respire pelo nariz — disse Nix, me acalmando. — Ele está preso, e ela está morta. Você está segura, criança. Eu juro.

Olhos azuis ainda mais gélidos se arregalaram ao encararem os meus.

Meus membros estavam paralisados. Não conseguia me mexer, não

conseguia respirar. Não conseguia sentir. Nada.

Caronte cambaleou para trás, soltou a faca e xingou baixinho, passando as mãos com força pelo cabelo curto.

— MERDA — gritou ele, puxando os fios com mais força e olhando para mim. — Não foi minha intenção. Me desculpe. Você... você está bem? Alexis?

Tentei falar, mas meus lábios não obedeceram.

Caronte xingou com vigor, parecendo mais angustiado a cada minuto. Ele olhou para o Titã mutilado.

— Preciso levá-lo para o Mundo Inferior. NÃO — gritou ele, e se virou para mim. — Preciso te tirar daqui. Preciso te levar para um lugar seguro. Você está machucada. MERDA.

Meus membros não se mexiam. A paralisia piorou.

— Tenho que te levar de volta para a academia. Ele vai saber o que fazer. — As palavras de Caronte estavam mais ríspidas que de costume, os olhos franzidos de angústia. — Posso... — Ele estendeu os braços para mim, devagar. — Posso tocar em você? Só para a gente se teletransportar.

Assenti de um jeito brusco.

Com delicadeza, como se eu fosse feita de vidro, ele segurou meus bíceps.

— Venham aqui, vocês dois — disse ele.

Para quem?

O mundo explodiu. Mal reparei.

Uma musa gritou quando esbarramos nela, as lareiras crepitaram e as velas brilharam na escuridão nebulosa.

A fumaça serpenteou ao nosso redor.

Havíamos nos teletransportado para a biblioteca.

Os novatos e alguns espartanos familiares armados estavam reunidos em um canto. Deviam ter voltado antes de nós.

Ainda bem que os outros estão seguros.

Meu estômago se revirou.

Mas você não conseguiu salvar o Leo.

Caronte berrou alguma coisa enquanto me deitava com delicadeza sobre uma chaise, mas tudo que eu conseguia ouvir era um zumbido agudo nos ouvidos.

Houve uma confusão.

Pátro e Aquiles se inclinaram sobre mim com expressões de pavor.

Pátro gritou algo no meu rosto. Alguém o puxou dali e se inclinou na minha direção, mas tudo ficou borrado.

— Como diabos um Titã conseguiu chegar até aqui? Não faz sentido — resmungou uma voz masculina.

Perdi a consciência, mas depois a recobrei.

Abri os olhos um pouquinho. Um médico estava ajoelhado sobre mim, usando luvas. *Os médicos não são proibidos no torneio?*

Tentei falar, mas estava presa em algum tipo de paralisia do sono.

— Que merda você pensa que está fazendo? — perguntou uma voz cruel próxima a mim.

O médico ficou paralisado.

— Estou c-colocando a nova pomada cicatrizante nas feridas... Você pediu para eu cuidar dela. Isso vai fechar a pele em questão de horas.

— Encoste o dedo nela — disse a voz, com calma —, e eu decepo as suas mãos. Depois, vou enfiá-las na sua garganta. E então, enquanto estiver engasgando, vou te esfolar vivo.

O médico recuou e deixou cair a pomada.

— Acalme-se. Não precisa se preocupar — disse uma segunda voz, mais sensata. — Se ele encostar nela, vou esfaqueá-lo. Você vai passar a pomada nela.

Deixa pra lá, nem um pouco sensata.

O médico saiu.

Quem escolheu dois psicopatas como meus responsáveis legais?

Minhas pálpebras se fecharam. Não consegui abri-las.

Com delicadeza, mãos afastaram o cabelo da minha testa.

— Seja gentil com ela — disse a segunda voz.

— É óbvio — respondeu a primeira voz.

Dedos deslizaram suavemente pelas feridas em meu peito, como se eu fosse uma boneca prestes a quebrar sob pressão. As mãos na minha testa continuaram alisando meu cabelo para trás com ternura.

Talvez eles não sejam tão maus.

— Aquele médico baixou a toga dela na frente de todo mundo — sussurrou a segunda voz. — Se você não tivesse entrado na frente dela, todos teriam visto seus seios expostos. Ele teria desonrado nós três.

Por que exibir meus mamilos é problema deles? Era típico dos homens querer ser o centro das atenções.

— Eu sei. Vou cuidar dele esta noite — disse o outro homem, enquanto

dedos gentis colocavam um cacho atrás da minha orelha.

— Use sua faca mais afiada.

— Pode deixar.

Espere aí. O quê?

Horas depois, acordei arfando.

Eu estava deitada na chaise em frente a uma lareira, com ataduras em meu peito. Um cobertor preto luxuoso e macio envolvia meus ombros.

Os outros novatos estavam sentados às mesas, estudando.

Tudo parecia normal. Tranquilo.

Eu devia ter imaginado as vozes que ameaçaram esfaquear pessoas. *Graças a Deus.*

Bocejei e cambaleei até a minha cadeira de sempre.

— Ela está viva! — Maximum abriu um sorriso largo quando me sentei, então fez uma careta quando todos olharam para ele.

Leo está morto.

Massageei as têmporas, me perguntando se tudo não passou de um pesadelo.

— Foi uma loucura — sussurrou Maximum, meio alto (ele literalmente não conseguia falar baixo, nem sob a mira de uma arma). — Pátro, Aquiles e Augusto se teletransportaram para a montanha e nos levaram de volta para a biblioteca. Mas Augusto surtou legal quando percebeu que você não estava com a gente e continuava em perigo. Achei que fosse matar todo mundo.

— Ele só está preocupado com a promoção dos meus mentores a generais — sussurrei, e Drex me lançou um olhar estranho.

Estremeci e puxei mais o cobertor macio sobre os ombros.

Maximum estreitou os olhos, como se quisesse dizer algo.

— Pode me ajudar com esse problema? — perguntou Drex, e fiquei feliz por ele mudar de assunto.

Algumas horas depois, quando voltamos para a sala, Augusto era uma nuvem sombria de fúria. Ele gritou com os novatos e sustentou um olhar letal o tempo todo.

Pelo menos está bravo com todo mundo, não só comigo.

— Alexis! — A voz dele estalou como um chicote.

Deixa pra lá.

— Está prestando atenção, ou está ocupada demais sonhando acordada com a sua façanha idiota na montanha? Eis um conselho: da

próxima vez, quando vir um Titã se aproximar... tente *fugir* dele, e não correr *para* ele.

Titus deu uma risadinha e sussurrou algo depreciativo.

Encarei o chão e cerrei os punhos.

E o tormento continuou.



22
Justiça Distorcida

Augusto: Algumas horas antes

Alexis estava dormindo.

Saí de seu lado.

Movendo-me silenciosamente por detrás das estantes da biblioteca, agarrei o médico desavisado pela nuca.

— *Domus* — sussurrei enquanto ele lutava.

Buum.

Fomos teletransportados da academia em uma nuvem de fumaça.

Joguei aquele homem patético no chão duro de concreto e coloquei algemas em seus pulsos antes que conseguisse reagir.

Ele semicerrou os olhos para mim e relaxou de imediato.

— Ah, graças a Cronos, achei que você fosse Caronte.

Eu o encarei em silêncio.

Aos poucos, o homem ficou tenso ao absorver minha expressão explícita.

— *Fronti nulla fides* — sussurrei, num tom cruel.

Não confie na aparência.

Seus olhos se encheram de medo.

Eu estava cansado de fingir.

O médico gritou e puxou, as correntes de aço chacoalhando conforme lutava para escapar de mim.

— Você trata todas as suas pacientes com tanta violência? — perguntei, minha voz ressoando pela cela da masmorra enorme. — Não era preciso expor *A PORRA DOS SEIOS DELA* — berrei na cara dele — para tratar a ferida no ombro.

Ele choramingou e se mijou.

— P-P-P-Por favor, juro por Cronos que não vou fazer de novo.

O peixe da Casa de Hermes brilhou no bolso do jaleco branco enquanto ele tremia de medo.

— Não me machuque — implorou ele. — Ela é só uma Olimpiana mestiça. Ela não tem importância, e nem percebeu. Não foi nada de mais. Eu só queria ver o peito dela. Só uma olhadinha. Existem tão poucas espartanas — balbuciou.

Senti gosto de bile.

E pensar no que ele teria feito se não estivéssemos lá para impedi-lo. No que também poderia fazer com Helena. Aquele homem era um médico bastante conceituado, que costumava trabalhar bem próximo a todas as Casas.

— Cronos, por favor — implorou ele, as lágrimas escorrendo pelo rosto. — Não foi nada de mais. Ela não tem importância.

— Cronos não vai te salvar — falei, de maneira sombria. — Ele não se importa com pervertidos sujos e indignos como você.

A dor preencheu meu peito quando ativei meus poderes.

Ele lutou com ainda mais força e gritou.

— *Alguém me a-ajude! Por favor!*

Segurei seu queixo com força e puxei a cabeça para trás, encarando seus olhos.

— Vou te contar um segredo — falei, a voz monótona e fria. — Alexis Hert tem mais importância do que você poderia imaginar. E está sob a minha proteção. Sabe o que isso significa? Você violou uma das minhas protegidas.

Seus olhos se arregalaram ainda mais. Ele choramingou mais alto ao perceber a gravidade do erro e a verdadeira natureza do homem à sua frente.

A dor queimou meu peito.

Atravessei suas defesas mentais quase inexistentes e invadi a mente dele. Os olhos do médico explodiram com a força da minha invasão.

DESPEDACE SEU CORPO, berrei em sua mente.

As correntes chacoalharam.

Ele rasgou a própria pele.

Fiquei ali parado e observei a justiça ser feita.

E sorri.

23
Raiva Distorcida

Caronte

É bom o médico já estar quase morto! — gritei para Augusto, ao me teletransportar para a masmorra.

A fumaça serpenteou aos meus pés.

A raiva ardente e obscura queimava em meu peito, e minha visão se distorcia, entrando e saindo de foco conforme eu ativava meus poderes.

A vontade de matar — todo mundo — me queimava vivo.

Eu havia deixado Cão e Inferno na biblioteca. Seus ossos quebrados se regenerariam em um dia.

Minha pobre amada estava com muita dor.

Assim como os cães do inferno.

Estalei os nós dos dedos ao cerrar os punhos. *Alexis quase morreu naquela montanha. Um Titã quase a despedaçou. Nós quase a perdemos. Para sempre.*

Avancei, descendo mais fundo na masmorra.

Augusto estava parado nas sombras, o perigo reluzindo em seus olhos enquanto ele encarava a carcaça mutilada e imóvel do médico.

Sua expressão era perversa.

Ele havia tirado a máscara de falsa simpatia que sempre usava com os Olimpianos.

Do outro lado do cômodo espaçoso, correntes chacoalharam, e um segundo homem gemeu de dor.

Nós dois ignoramos o barulho.

— Bom trabalho. — Parei ao lado de Augusto e admirei sua execução. — Vou espalhar os pedaços do médico para que ele não consiga se regenerar.

— Não! — gritou Augusto.

Eu me virei para ele, confuso.

— Quero... mantê-lo aqui por um tempo — disse ele, a voz ríspida. — Este homem não merece uma morte rápida. Quero fazê-lo sofrer.

A intensidade vibrava em seu corpo.

Estreitei os olhos.

— O que o médico... te disse?

— Ele fez de propósito. Queria ver os seios dela. — Augusto cuspiu no chão, cheio de desprezo. — Disse que existem pouquíssimas espartanas para admirar, então queria *ver*. Imagine o que teria feito se nós não estivéssemos lá.

Minha mente ficou vazia.

Correntes chacoalharam.

Sem pensar, peguei minha arma com a mão esquerda. Apontei para o canto mais distante. Atirei no outro prisioneiro até ele ficar parado.

Não me senti melhor.

A arma na minha mão estava fumegante, e a fúria me comia vivo.

— Na montanha... — falei, depressa, precisando colocar para fora aquela descoberta terrível. — Houve um momento em que gritei com Alexis, e ela... desapareceu. Como eu costumava fazer.

Augusto ficou paralisado, de um jeito sobrenatural.

Arquejei, e as lembranças distorcidas me sufocaram. Senti minha perna ruim latejar.

— Alguém a machucou — sussurrei, agarrando a gola da camisa com a mão direita e arrebentando os botões para conseguir respirar. — Muito. Pra cacete.

Os diamantes se espalharam pela masmorra.

— Estou em dúvida... sobre o nosso plano — falei, balançando a arma e tentando respirar. — Se alguém já a machucou antes, talvez devêssemos...

— O plano continua — interrompeu Augusto, ríspido. — É mais uma razão para agirmos rápido. Alexis precisa da nossa proteção, e a daremos a ela, porra.

Endireitei a postura, respirando fundo.

No canto, correntes arranharam o chão, e ouviu-se um gemido longo e doloroso.

— Vamos protegê-la — repeti, o aperto no peito se desfazendo.

A simples ideia de abandonar nosso esquema havia me causado dor física.

Nós nos encaramos e assentimos.

Promessas não ditas pairaram entre nós.

O poder era um jogo perigoso, mas éramos homens perigosos. Sabíamos exatamente como conseguir o que queríamos.

Sabíamos o que era necessário: *audentes fortuna iuvat*.

A fortuna favorece os corajosos.

Correntes chacoalharam. Sem desviar o olhar de Augusto, apontei minha arma para o canto e descarreguei o pente até o prisioneiro finalmente se calar.

— O plano *deve* continuar — disse Augusto, a voz suave como seda. — Esparta está em jogo.

— Por... Esparta — falei, devagar, e os olhos de Augusto brilharam com uma satisfação imoral.

Nossas verdadeiras palavras não foram ditas.

Elas pairaram entre nós, lentas e venenosas como beladona.



24
Sofrimento

Alexis: Começo de dezembro

Pisquei e tentei focar a vista enquanto esperávamos a aula seguinte começar.

Não deu certo.

A temperatura no começo de dezembro era torturante. Mais uma semana do torneio (inferno na Terra) havia se passado, e eu estava morrendo de fome e com privação de sono.

Àquela altura, era apenas um dia normal na minha vida.

Nós seis estávamos sentados em silêncio, em estados quase catatônicos, enquanto nossas respirações saíam congeladas. Tudo era um borrão nebuloso de dentes batendo e um sofrimento infernal. O frio corroía meus ossos.

Leo havia falecido algumas semanas antes.

Eu segurei sua mão enquanto ele morria, os dedos espasmando em meu aperto.

Meus cílios tremeram, e pedaços brancos obstruíam minha visão onde o gelo grudara neles.

Nix era um bloco de gelo pesado que envolvia minha cintura. Ela havia passado do meu pescoço para o torso. Disse que era um pouquinho mais quente debaixo do tecido frouxo da toga. Agora estava em uma brumação profunda e nem se mexia.

Eu me balançava para frente e para trás, sentindo falta do calor do verão e fantasiando com comida.

É oficial: o torneio é pior que o ensino médio.

Naquele momento, eu venderia os dois rins no mercado clandestino por uma chance de abraçar Charlie e ouvir Jéssica me dizer que eu fedia.

Na frente da sala, o general Cleandro estava usando um casaco preto

pesado, e o falcão estava aninhado no capuz de pele em sua nuca. Havia olheiras profundas sob os olhos dele, e sua testa estava sempre franzida.

Todo mundo estava no limite desde o ataque do Titã.

Vozes sussurraram, e eu virei depressa a cabeça para a direita (mal me mexi). Pela visão periférica, um monstro esqueleto indistinto arreganhou os dentes afiados.

Apavorada, arregalei os olhos e abri a boca para o… espaço vazio.

Não havia nada ali.

Apenas pedras cobertas de gelo e Titus, que tentava me eviscerar com os olhos. Depois que Leo fora brutalmente assassinado, ele voltara a me importunar. Parece que a morte do amigo dele o havia inspirado a maltratar os outros.

A mente masculina era fascinante (horrível).

— O que caralhos você está olhando? — zombou Titus, os lábios pálidos e azulados.

Pisquei, devagar.

— Um d-desperdício de oxigênio.

Uau! Eu realmente disse isso em voz alta? Caramba. Sou incrível. Gostaria que Carl Gauss estivesse aqui para me ver brilhar.

Titus era uma mancha borrada de energia raivosa ao se inclinar para mim.

— Repita, vadia. Eu te desafio, porra. Veja o que acontece.

— Você é um desperdício — falei devagar — de oxi…

A porta foi escancarada.

— Alexis, vire-se e pare de flertar com Titus, ou todos irão correr o circuito de novo — gritou Augusto.

Titus trincou a mandíbula, e o resto da turma choramingou.

Um grito de desespero preencheu meu peito quando forcei meu pescoço congelado a virar para a frente.

A única coisa com que estou flertando é um ataque cardíaco.

Na frente da sala mal iluminada, Augusto usava apenas uma toga, exibindo os braços bronzeados e os músculos obscenos de tão grossos (não que eu tenha reparado). Mais uma vez, estava olhando com cara feia para mim.

Parece que ele tinha um interesse pessoal em me impedir de viver uma vida boa.

As pessoas precisam focar mais em si mesmas. Já ouviu falar de

autoaperfeiçoamento?

Cutuquei os elásticos de cabelo nos pulsos e desviei o olhar. Minha nuca se arrepiou, como se ele ainda estivesse me encarando.

— O teletransporte, assim como juramentos e laços, também se resume a ter um conceito forte de lar — explicou Augusto, em latim. — É uma questão de se *concentrar* na sensação de segurança e proteção. A maioria dos espartanos imagina uma pessoa. Agora, fechem os olhos e concentrem-se.

Por sorte, meus olhos já estavam fechados (eu estava entrando em coma).

De imediato, Charlie surgiu em minha mente.

Meu peito se apertou com o desconsolo. O osso esterno queimou de tristeza. Forcei minha mente a não pensar em nada, porque doía demais lembrar dele.

Eu não tinha mais um lar.

— Abram os olhos. O que visualizaram? — perguntou Augusto.

Ninguém disse nada.

— Alexis — chamou ele. — Quem você viu?

Cravei as unhas no meu antebraço e pulei de susto. Não tinha percebido que estava apertando minha tatuagem.

— Eu v-vi Charlie. Ele é meu... — interrompi as palavras, horrorizada com o quanto eu dissera.

Não conte aos espartanos sobre ele. Recomponha-se, mulher.

A loucura distorceu a expressão de Augusto.

Poco sibilou.

— Quem caralhos... — ele avançou e parou a milímetros de onde eu estava sentada — é Charlie?

Sua postura era ampla, pairando acima de mim. As mãos estavam cerradas em punhos.

Por que ele surta com tudo que eu digo?

Engoli em seco e reclinei o pescoço.

— Ninguém.

Segundos longos e dolorosos se passaram enquanto ele se agigantava à minha frente, como se estivesse tentando me intimidar com seu tamanho.

Eu me balancei mais rápido.

Augusto abriu um dos punhos, depois se inclinou para frente com a mão estendida. Ela vinha na minha direção. Arregalei os olhos, minha

respiração pairando no ar entre nós, enquanto ele parecia se aproximar em câmera lenta.

A turma inteira nos encarou com expectativa.

Esperei (ansiosa) que ele me estrangulasse até a morte.

O general Cleandro pigarreou.

Augusto retraiu o braço depressa, flexionando os dedos, e balançou a cabeça como se estivesse saindo de um transe. Poco gritou e mostrou a língua para mim.

Eu teria gritado de volta, mas estava cansada demais.

Augusto se virou e saiu pisando forte até a frente da sala, sem dar qualquer explicação para aquele comportamento esquisito.

— O que foi aquilo? — sussurrou Drex, os olhos arregalados enquanto olhava de mim para Augusto várias vezes.

Aquilo foi um guaxinim com raiva e uma tentativa frustrada de assassinato.

Abri a boca para responder, mas esqueci como falar e não emiti um único murmúrio.

Vozes estranhas sussurraram em minha visão periférica.

Minha visão perdeu o foco.

Eu não conseguia enxergar nada.

Uma risada ensandecida escapou dos meus lábios, mas não tinha graça. Nada era engraçado.

A costura da realidade estava se desfazendo.

Na frente da sala de aula, Augusto pigarreou e voltou a dar aula. Ou pelo menos foi isso que eu presumi, porque sua boca se abria e fechava, e ele estava escrevendo no quadro de giz.

Pisquei.

O tempo se distorceu e deformou.

— Alexis, pode me ajudar aqui um minutinho? — pediu Drex.

Acordei assustada e percebi que estávamos no intervalo, estudando na biblioteca (os outros garotos estavam sentados à mesa; eu estava deitada em frente à lareira, estudando o interior das pálpebras).

Eu me levantei, resmungando.

— *Nãoooo* — reclamou Nix, debaixo da toga, quando me afastei da lareira quente.

Fui me arrastando até os fundos de uma estante e a tirei da minha toga (enquanto tentava fazer parecer que estava me alongando). Coloquei a

serpente na frente da lareira.

— Depois eu volto para te buscar.

— Não precisa — sibilou ela, quase balbuciando.

Preferi não me ofender e cambaleei até Drex. Algumas horas depois, tudo ficou confuso de novo.

Eu estava andando (tropeçando enquanto Drex me puxava pela frente da toga) pelo corredor estreito e escuro que levava ao cativeiro.

Como cheguei até aqui? Será que vamos ver os animais outra vez?

Augusto ia à frente, e nós seis o seguíamos. Ele andava despreocupado pela escuridão gelada, como se o gelo não ousasse tocá-lo.

Meus dentes batiam tanto que minha mandíbula doía.

Cada passo fazia uma dor intensa percorrer minha coluna, que já estava maltratada por eu ficar sentada e curvada durante horas.

Augusto parou de repente, e nós seis atropelamos uns aos outros. Gemidos ressoaram na escuridão.

Ninguém estava bem.

Augusto abriu a porta do cativeiro.

— Todos para dentro — ordenou.

A turma avançou se arrastando.

— Menos Alexis — acrescentou.

O desespero me deu um soco no estômago e meus pés ficaram paralisados.

O resto da turma passou pela porta bem iluminada, mas Drex deu um passo à minha frente de maneira protetora.

Estávamos só nós três.

Augusto estalou alto o pescoço e deu um único passo em nossa direção.

— Drex, entre, agora.

A luz do sol iluminava a cicatriz na maçã do rosto proeminente, e a loucura ardia em seus olhos pretos.

Como é que alguém de fato acredita que ele é um cara legal?

Houve um momento longo e tenso enquanto Drex encarava o professor. Até que meu amigo assentiu e me lançou um olhar arrependido, depois entrou no cativeiro.

Augusto fechou a porta atrás dele com um estalo.

Restávamos apenas nós dois.

No escuro.

Antes que conseguisse me mexer (correr o mais rápido possível até

uma parede e me nocautear), uma força bateu contra o meu corpo. *Ah, legal, a parede veio até mim. Que prático.*

A parede era quente e se mexia.

Tinha um cheiro perigoso e inebriante.

Arquejei, confusa.

Arrepios percorreram meus nervos, e lutei para me orientar conforme minha visão clareava.

Pisquei e o pescoço de Augusto entrou em um foco sombrio.

Gritei.

Os dedos dele envolviam meus braços com força, e o peito duro arfava. O corpo inteiro estava pressionado contra o meu, e o hálito quente fazia cócegas em minha orelha. Ele me imprensava contra a parede.

Minha pele congelada formigava por inteiro.

Socorro!

A pulsação de Augusto latejava pelo tecido fino de nossas togas e se misturava à minha.

Ele inspirou alto, e os músculos de aço do abdômen moveram-se contra o meu torso. A sensação estranha fez meu estômago começar a queimar.

A ansiedade me dominou.

— Professor? — perguntei devagar, incapaz de pronunciar outras palavras.

— Alexis — resmungou Augusto num tom sombrio, movendo a cabeça para que a barba por fazer arranhasse a lateral do meu rosto.

Todos os músculos do meu corpo ficaram tensos.

O calor aumentou e a ansiedade se tornou cruel, me devastando de dentro para fora.

— Vou te dar mais uma *única* chance de responder. — Augusto enfiou o joelho entre as minhas pernas e forçou-as a se separarem, o corpo pesado inclinando-se sobre mim e me imprensando com mais força contra a parede de pedra. — Quem caralhos é Charlie?

Eu não conseguia discernir onde ele começava e eu terminava.

Muita coisa está acontecendo neste momento.

A ansiedade letal se multiplicou no meu estômago, e meus joelhos bambearam.

Pigarreei, com a garganta seca, e lutei para falar.

— Por que você se i-importa? — sussurrei na escuridão.

Uma risada imoral e solene ressoou, e o peito dele vibrou contra o meu. Sensações intensas viajaram dos meus seios até o meu interior.

Tudo estava pegando fogo.

Seus lábios pairaram perigosamente próximos aos meus ouvidos.

— Porque nenhum outro homem pode ter você — disse ele, com delicadeza.

As palavras foram como um soco no estômago. Abri os olhos de repente.

Recuei e sem querer bati a cabeça nas pedras.

Um baque alto ressoou, e Augusto xingou.

Era só o que me faltava, uma concussão.

Ele me imprensou com mais força contra a parede, para que eu não conseguisse me mexer. Seu aperto era firme o bastante para machucar.

— Do que está falando, professor? — perguntei, genuinamente confusa.

Que jogo é esse?

O cheiro de eletricidade queimava causticante no ar, como se um raio tivesse caído entre nós.

Ele flexionou os dedos e me segurou imóvel.

— Como herdeiro mais velho, quando vidas Ctônicas estão em risco, é meu dever saber de tudo — disse Augusto, o tom sombrio. — Responda à pergunta. Agora.

É por causa dos meus mentores. Por que tudo sempre gira ao redor de Pátro e Aquiles se tornarem generais?

Olhos cobertos de sangue brilhavam de leve na escuridão e eram a única fonte de luz.

Uma pressão queimou atrás dos meus olhos. Senti como se tivesse levado uma facada. *Responda*!, ordenou uma voz estranha dentro do meu crânio.

Desviei o olhar de forma brusca e encarei o chão. Uma dor lancinante perfurou meu crânio.

Ele está tentando invadir a minha mente de novo.

Tremores sacudiram meus membros, os dentes batendo.

Momentos longos e tensos se passaram.

— Olhe para mim! — ordenou Augusto em voz alta, com delicadeza.

Não obedeci.

Continuei encarando o chão e me concentrei em não me transformar em um zumbi estúpido, o que vinha sendo bastante difícil nos últimos

tempos.

A tensão entre nós era um fio elétrico desencapado, e nossas respirações estavam altas e ofegantes.

Esperei que ele me atacasse. Ele esperou para atacar.

Seus dedos se afundaram ainda mais na pele nua dos meus bíceps.

Tudo era muito confuso. Minha cabeça girou.

Estou cansada demais para isso.

Desabei contra a parede gelada.

Augusto sussurrou algo sobre Ctônicos no meu ouvido esquerdo, mas não consegui ouvir. Além disso, já tinha me esquecido do que estávamos falando.

A exaustão latejava impiedosamente.

Onde estou?

Com delicadeza, ele me afastou da parede e me levou pelo corredor escuro.

Uma porta se abriu e surgiu uma luz brilhante e ofuscante. Ele sussurrou algo a respeito de me cuidar e pegou o tecido sobressalente de sua toga, passando-o suavemente pelo meu rosto.

Será que está limpando a sujeira ou se preparando para me sufocar?

De qualquer maneira, fiquei parada e deixei-o continuar.

— Quer que eu pegue alguma coisa para você? — A voz dele soou distante. — Não posso fazer muito para ajudar, mas posso tentar.

— Uma lobotomia — murmurei.

Ele resmungou alguma coisa sobre uma "garota difícil e exausta enchendo o saco dele". *Parece gente boa.*

De repente, Augusto me pegou em seus braços e me carregou porta adentro. Então me colocou no chão com cuidado.

— Sente-se aqui. *Não* se mexa. Você só vai se machucar — ordenou ele, o que era irônico, já que tinha acabado de tentar *destruir* minha mente.

— Não se mexa você — retruquei com inteligência, e então caí.

Desafiar a gravidade era um trabalho duro.

— É sério, Alexis, fique aqui e espere eu voltar — disse Augusto. — Por favor, não se mexa.

Ele me deu as costas e a porta se fechou.

Fiquei sozinha.

Estávamos somente eu e meus pensamentos perspicazes.

Tenho um pressentimento de que a Terra, na verdade, é plana.

Era difícil ser tão inteligente o tempo todo.

O tempo se partiu ao meu redor.

Tudo ficou borrado.

Pisquei. Eu estava toda esparramada na margem coberta de neve de um lago familiar. A água estava congelada, e eu também.

Pássaros voavam acima da minha cabeça, e escutei as vozes dos meus colegas em uma fileira de árvores perto dali.

Sentei-me, resmungando.

Ah, olha só, eu estava de volta ao cativeiro.

Havia terra e sangue em meus joelhos nus, e um rastro vermelho cobria a neve atrás de mim, como se tivesse rastejado.

Eu me lembrei vagamente de Augusto pedindo para que não me mexesse.

Epa.

Decidi me alongar e estremeci quando minha coluna estalou como uma metralhadora sendo disparada. Virei o pescoço dolorido de um lado para o outro e admirei uma mancha branca esquisita em cima da minha mão.

Ah, eba, uma queimadura de frio.

Era oficial: eu não estava vivendo a vida boa.

Deus, isso tudo é porque escrevi aquela fanfic +16 do Carl Gauss? Por favor, me perdoe. Eu sabia que era errado quando escrevi, mas não consegui parar.

Escutei um barulho alto e seco.

Entendi, Deus, vou melhorar.

O barulho se repetiu, e eu me virei. O animal meio leopardo do outro dia se esgueirou até o local em que meu sangue cobria a neve e o cheirou.

O bicho ergueu a cabeça com as pupilas dilatadas. Todos os pelos de seu corpo se eriçaram. Ele uivou e saiu correndo.

— Que grosseria. Aposto que é delicioso — gritei para ele. — Você está perdendo.

Um sibilar ecoou pelas árvores.

— Não precisava disso tudo — resmunguei, baixinho.

Pelo jeito, eu não era boa o suficiente nem para ser amiga, nem para ser devorada. Aquilo não devia ter doído tanto, mas doeu.

Era uma questão de princípios.

Triste, cutuquei a mancha de pele congelada na minha mão.

De repente, Fofinho Jr. surgiu detrás da grama morta e veio correndo na minha direção, balançando o rabinho (se é que se podia chamar assim aquela coisa branca que ficava atrás dele).

O cachorro virou a cabeça. Um galho estava enfiado pela metade em sua garganta, a outra ponta saindo pelo focinho.

Ele era tão lindo.

— Oi, garotão. — Lágrimas escorreram pelas minhas bochechas. — Senti muitas saudades. Você está bem? Como tem passado? Você é lindo demais.

Era ótimo ver um amigo ali. Eu precisava disso.

— As coisas têm estado muito... difíceis para mim ultimamente, ainda mais porque Nix está sempre dormindo — confessei, fungando e secando os olhos turvos. — Sua presença neste momento significa muito para mim. Nem consigo descrever.

Fofinho Jr. balançou o corpo, depois inclinou a cabeça para baixo e enfiou o galho mais fundo.

Ele engasgou e caiu.

Depois de minutos estressantes de massagem cardíaca, eu estava de quatro, arquejando pelo esforço e segurando um galho babado.

Fofinho Jr. comemorou por ter sobrevivido à sua experiência de quase morte correndo em círculos e perseguindo seu rabo deformado.

Cogitei atravessar o cativeiro e implorar para o monstro me matar. *Deus sabe que o leopardo é covarde demais para fazer isso.*

A caminhada, porém, era muito longa.

Seria exigir muito que o monstro ficasse em um lugar mais conveniente?

— Acabou o tempo! — gritou Augusto, da porta. — Vocês têm cinco minutos para sair ou vão correr o circuito. Alexis, onde diabos você está? Eu falei para não se mexer! — A raiva dele ressoou pela caverna do cativeiro.

Ah, isso não é nada bom.

Fofinho Jr. se aproveitou da minha distração momentânea para correr e roubar o galho meio digerido da minha mão.

Eu o encarei.

Ele o enfiou de volta na garganta.

Parece que hoje em dia todo mundo está lutando com a própria saúde mental. Quem sou eu para julgar?

Gemi e, com os pés doloridos, me levantei cambaleando, então me

arrastei até a porta, deixando Fofinho Jr. com as próprias decisões mórbidas.

Sorri e manquei de forma casual até Augusto, que esperava por todos nós à porta. Havia uma corcunda fofa em suas costas. Poco apertava as patinhas na frente do pescoço dele.

Augusto encarou meus joelhos ensanguentados.

Suas feições bronzeadas ficaram roxas, as mãos cerradas em punhos. Uma veia pulsava em sua testa. A mandíbula estava trincada com tanta força que eu quase conseguia ouvir os dentes rangendo.

Por sorte, ele não disse nada. Apenas girou e saiu pisando duro pelo corredor enquanto todos corríamos para acompanhá-lo.

Poco virou a cabeça e sibilou para mim.

"Você tem raiva", gesticulei com a boca, em silêncio.

Poco decidiu demonstrar que *não tinha raiva* enfiando metade do rabo de cavalo de Augusto na boca e gritando a plenos pulmões.

— Quanta maturidade — falei.

Drex olhou preocupado para mim.

O tempo avançou.

Horas depois, eu me balançava para frente e para trás enquanto Pine explicava o número zero.

— Alexis — chamou ele. — No mês passado, o que eu disse que é um princípio da ética de Tágoras que permite dividir frações de zero?

O resto da turma olhou para mim em pânico.

— N-números complexos — respondi, entorpecida, os dentes batendo.

A resposta era tão óbvia que nem precisei pensar muito, o que foi bom porque, naquele momento, meus pensamentos não estavam concatenando.

Pine abriu um sorriso largo.

— Correto. De novo. Sua mente de fato é impressionante.

Carl Gauss me pressionaria a ser melhor, não me elogiaria por responder a perguntas idiotas.

A turma relaxou.

Permaneci tensa (meio catatônica).

Vozes sussurraram atrás de mim, e meu pescoço se arrepiou. *As vozes não são reais. Recomponha-se, Alexis.*

Pisquei.

Drex estava me puxando para a biblioteca.

— Vamos lá, temos quatro horas de estudo — disse ele, me dando um empurrãozinho gentil na direção da minha cadeira de sempre.

O tempo é estranho.

Caí e me esparramei no chão.

Alessander passou por mim engatinhando, os lábios azuis e os olhos injetados devido à privação de sono.

Nós nos cumprimentamos com a cabeça.

Naquele momento, nos identificamos um com o outro.

Drex me colocou de pé puxando a frente da toga, me sentou na cadeira, depois me empurrou com força para que eu não caísse.

— O-O-Obrigada — balbuciei.

Ele resmungou e assentiu, então desabou na própria cadeira à minha frente.

Tremendo, eu mal consegui pegar meu livro e abri-lo.

Um cartão saiu voando.

Palavras confusas foram rabiscadas de qualquer jeito com tinta:

> Este é o seu último aviso. Saia de Esparta agora ou HAVERÁ consequências. O Titã foi só um gostinho do que irei fazer. É bom que você desapareça até o Baile de Iniciação em janeiro, senão...

Encarei o bilhete.

Ai.

Meu.

Deus.

Leo estava morto por minha causa.

Alguém libertou um Titã de propósito.

Estou sendo caçada.

Depois que o choque repentino passou, senti... absolutamente nada. É, era oficial. Eu estava exausta demais para me importar.

O niilismo (o torneio) roubara todas as minhas emoções.

A vida perdera o significado.

A morte não era assustadora porque... eu não estava viva.

Devagar, guardei o papel no final do livro. Depois, com cuidado, dei um chute para frente e para trás a fim de conferir se havia algo debaixo da cadeira. Não havia nada.

Ótimo. Foi só um bilhete desta vez.

— Você está bem? — perguntou Drex, e percebi que eu estava encarando o tampo da mesa com os olhos arregalados.

Olhei para ele.

— Não.

Ele empalideceu.

— Hum, acha melhor não estudar hoje? Eu sei que tem sido difícil. Talvez a gente devesse dormir na frente da lareira e...

— Me dê o seu livro — ordenei, interrompendo-o, enquanto Maximum se sentava ao meu lado.

Drex empurrou o livro para a frente.

— Ai, que tristeza — disse Maximum, desabando perto de nós.

Eu o ignorei.

Com os lábios dormentes, ensinei as equações para Drex. De tempos em tempos, ele me lançava um olhar aflito, como se estivesse preocupado com o meu bem-estar.

Quem vai contar a ele que já faz dezenove anos que é tarde demais para isso?

Horas depois, o general Cleandro gritou alguma coisa, e Drex me arrastou de volta para a sala de aula.

Infelizmente, ninguém se lembrou de buscar Alessander.

O general sorriu e anunciou que iríamos correr o circuito.

Augusto olhou para mim com uma expressão intensa e preocupada, então ergui o polegar para mostrar que tudo ficaria bem. Ele franziu ainda mais a testa, e percebi que tinha levantado o cotovelo, não o polegar. *Constrangedor.*

Pisquei.

O vento uivava, e a neve nos açoitava sem parar.

Não dava para enxergar nada.

Eu tinha noventa e nove por cento de certeza de que meus globos oculares estavam congelados, porque era difícil movê-los.

Meus pés ensanguentados escorregaram no gelo enquanto eu me esforçava para acompanhar o grupo. Se Drex não tivesse corrido um pouco na minha frente, me puxando, eu com certeza teria caído na ravina lá

embaixo (de propósito).

Infelizmente, ele não me deixou em paz.

A angústia continuou.

Séculos depois, quando enfim chegamos ao pé da montanha, fiquei boquiaberta — na minha mente, porque eu não conseguia mexer os músculos do meu rosto. Eles haviam quebrado um caminho no lago congelado para que pudéssemos atravessar nadando.

Aquilo era a cara do Caronte.

Por que os homens de Esparta são assim? Deus nos livre de tentar viver uma vida razoavelmente boa hoje em dia.

Caronte estava dentro do barco no lago. Um casaco grosso de pele pendia de seus ombros largos. Ele cerrou a mandíbula e me encarou com uma expressão estranha.

Parecia quase... preocupado?

Assim como Augusto, rugas profundas marcavam sua testa.

Eles tinham um bom motivo para se preocupar.

Horas depois, rastejei até a margem congelada, a cabeça baixa, os olhos tremendo, os membros formigando, arquejando em busca de ar. Meu corpo inteiro estava dormente.

Nadar no gelo foi de longe a pior experiência da minha vida.

Com tranquilidade.

Ser um espartano significava que nós sobreviveríamos a situações nas quais os humanos entrariam em choque, mas nem por isso doía menos. Só queria dizer que podíamos sofrer mais.

Que sorte a minha.

Rastejei até a entrada da montanha enquanto os outros novatos ao meu redor tropeçavam ao tentar se levantar. Cambaleamos até a biblioteca, e eu desabei em frente à lareira de sempre.

Caí em cima de um montinho quente, que gemeu.

— Nix? — chamei, me lembrando de que eu tinha uma melhor amiga serpente.

Você já quase abandonou um amigo? Eu também.

Ela sibilou e deslizou em meu pescoço. A sensação de suas escamas quentes foi divina, como um cachecol quentinho.

Abri a boca para agradecer, mas desmaiei de exaustão.

— Alexis! — gritou alguém. — Merda!

O tempo ficou confuso outra vez.

Tudo girava em tons suaves de vermelho.

Será que este é o pós-vida? E nós nos esquecemos do que vem antes? Será que é tudo uma simulação, e é por isso que a matemática faz tanto sentido?

Minha cabeça pendeu para trás, e eu encarei os olhos azuis gélidos de um assassino. Um casaco de pele envolvia meus ombros. Caronte me carregava aninhada contra seu peito, e Augusto estava com a mão na minha testa.

Os dois me olhavam de cara feia.

O que foi que eu fiz agora?

Vislumbrei uma focinheira, e Pátro disse alguma coisa. *Quando foi que os meus mentores chegaram aqui?*

Escutei um gorgolejar alto.

Água.

Eles iam me obrigar a nadar de novo. Não. Não. Não.

Lutei para fugir do rio Estige congelado, mas o diabo flexionou os músculos e me segurou firme. Eu não conseguia me mexer. Ele era implacável.

Caronte me colocou em uma banheira.

A água quente me envolveu.

Suspirei ao sentir o calor, e Nix sibilou baixinho de satisfação e saiu deslizando.

De repente, um formigamento explodiu por todos os meus nervos. Meu corpo fervia.

Gritei e tentei fugir da dor, mas Caronte e Augusto me seguraram. Ambos tinham expressões estranhas.

Pátro seguia dizendo algo atrás deles, mas eu não conseguia ouvi-lo por causa dos meus gritos agonizantes. Pela visão periférica, vi uma focinheira se mexer enquanto Aquiles passava as mãos com força pelo cabelo.

Lágrimas quentes escorreram pelas minhas bochechas congeladas, e eu implorei a eles, balbuciando coisas sem sentido.

Eles não me soltaram.

Monstros sem empatia.

A escuridão me puxou, e graças a Deus eu finalmente morri.

Acordei assustada. Foi só um desmaio. *Outra decepção.*

A água quente e borbulhante se agitava conforme eu me mexia. Eu estava deitada, completamente vestida, em uma banheira grande de mármore.

O banheiro escuro não me era familiar. O luar entrava pela janela fechada. Um formigamento leve percorreu meus membros, mas, na maior parte do tempo, não senti nada.

Meu corpo inteiro estava dormente.

A dor física havia passado.

Sussurros ressoaram, e eu agarrei os pulsos cobertos de elásticos quando dores antigas queimaram meus antebraços.

A porta rangeu ao ser aberta devagar, e eu afundei mais na água.

Olhos pretos encontraram os meus. Augusto estava segurando uma caneca fumegante e um frasco de remédio. Ele levou um susto quando percebeu que eu estava acordada, observando-o.

— Você tem que beber isto aqui — disse ele, baixinho, os olhos semicerrados de preocupação. — E tomar este comprimido vitamínico para recuperar as forças. É importante que você...

— Saia — interrompi com um resmungo rouco, o som áspero soando alto de forma sobrenatural naquele silêncio.

Eu não queria a ajuda dele, ou o que quer que tivesse naquela caneca idiota.

A lembrança da água gelada, congelante e escura assombrava meus pensamentos. A dor mental daquele esforço persistia.

Augusto se empertigou diante do meu escrutínio, a coroa de prata reluzindo.

— Vou sair. Depois que você beber isto e tomar o remédio. — Os olhos pretos se estreitaram ainda mais.

Encarei a água e evitei seu olhar monstruoso.

Os passos dele ecoaram baixinho e pararam a centímetros de mim. Estava próximo o suficiente para eu sentir o cheiro de eletricidade e almíscar.

Augusto se ajoelhou ao lado da banheira.

— Recline a cabeça — ordenou. — Alexis, não me faça pedir de novo.

Eu queria arrancar a caneca da mão dele e jogá-la em seu rosto, mas nunca fui boa em brigas.

Reclinei a cabeça e encarei a água cheia de sabão enquanto ele pressionava com delicadeza a caneca fumegante em meus lábios. Tinha um gosto de terra e era meio adocicado.

— Muito bem, minha *carus* — disse ele, quando tomei um gole grande.

Engasguei quando ouvi o apelido carinhoso em latim.

Um calor estranho aqueceu meu estômago.

— Não me c-chame assim — sussurrei, a voz trêmula. — Não sou nada *sua*. Você nem me conhece.

— Tem certeza disso? — perguntou ele devagar, a voz suave e perigosa. — *Nota res mala, optima*.

Um mal conhecido é o ideal.

Sua mão espalmou minha nuca enquanto ele segurava minha cabeça e inclinava a caneca. Meu coração retumbava dolorosamente dentro do peito. Bebi depressa, com a consciência perturbadora de que os dedos dele pressionavam meu escalpo.

Depois que tomei o remédio e esvaziei a caneca, criei coragem e perguntei:

— Quem de nós dois é o mal?

Ele deu risada, um som obscuro e suave.

— Vá dormir. Vou te proteger e cuidar de você. Não vou a lugar algum.

Parecia uma ameaça.

Minhas pálpebras estavam terrivelmente pesadas.

Fechei os olhos.

Ele não respondeu à pergunta.

Foi a última coisa em que pensei.

25
Criando Laços com Protetores

Alexis: Final de dezembro

Em um silêncio gelado, nós esperávamos a aula seguinte começar.

Na montanha, o tempo passava de um jeito estranho. Os dias seguiam uma lentidão dolorosa, mas os meses passavam num piscar de olhos.

Já estávamos no final de dezembro.

Tremi ainda mais.

Faltava apenas um mês para o Baile de Iniciação e a cerimônia de formatura. Um mês para eu fazer 20 anos e me tornar, ao que parece, imortal.

Não parecia verdade.

Eu já quase havia sobrevivido, mas o problema era que nem estivera viva para começo de conversa.

Não tinha vontade nenhuma de comemorar.

Os dias se tornavam mais difíceis de suportar.

Minha alma estava definhando.

Desde que Augusto se ajoelhou ao meu lado enquanto eu dormia em uma banheira, as coisas estavam estranhas entre nós. Ele ainda era um idiota mal-humorado, mas, durante suas aulas, toda vez que erguia o olhar, eu o via me encarando.

Era esquisito.

Agora, com os dentes batendo sem parar, eu abracei os joelhos contra o peito e me balancei para frente e para trás. Minha respiração pairava em uma nuvem gélida.

As escamas de Nix ainda estavam geladas debaixo da minha toga.

A sala de aula estava mais escura do que o normal. A única fonte de luz era uma tocha solitária queimando na parede acima do quadro de giz.

Todas as velas se apagaram uma semana antes, e sincelos pendiam delas.

Drex gemeu ao meu lado ao se abraçar com mais força. Maximum olhou para trás e sorriu para nós. Seus lábios estavam brancos e havia uma queimadura de gelo quadrada na bochecha dele.

Tentei franzir a testa, mas meu rosto estava congelado.

Alguém resmungou atrás de mim.

Nós seis, os novatos restantes, estávamos amontoados enquanto tentávamos conservar o máximo de calor corporal possível. Nossas respirações estavam altas e entrecortadas, a pele de tons sobrenaturais de gelo.

Dezembro estava tentando nos matar.

— Seus dentes batendo são repugnantes — sussurrou Titus atrás de mim. — Agora entende por que mulheres não deveriam participar do torneio? Você é fraca demais.

Como eu ainda estou viva (contra a minha vontade) e vários garotos estão mortos, isso não faz nenhum sentido.

Alessander riu ao lado dele, mas saiu apenas um som estrangulado e dolorido.

Drex e eu reviramos os olhos (nossas pálpebras mal tremeram, mas nós nos entendemos).

Maximum se virou ao ouvir o barulho e se arrastou para mais perto de mim e de Drex.

— Sabem o que eu ouvi? — sussurrou ele, num tom conspiratório.

Nenhum de nós respondeu.

Infelizmente, ele presumiu que era um convite para continuar.

— As Casas não estão nada felizes com a quantidade de novatos mortos este ano. — Maximum balançou a cabeça e assumiu uma expressão dramática. — Geralmente morrem uns três. E elas estão bastante irritadas com o ataque do Titã. Parece que não acontecia há séculos.

É porque alguém fez de propósito. E também vivem me deixando bilhetes, o que não é nem um pouco estranho, perturbador ou preocupante.

Drex e eu não reagimos.

Maximum murchou.

Eis uma ideia louca: se queriam que as pessoas vivessem, talvez não devessem ter promovido um massacre para começo de conversa. É só uma sugestão.

Em vez de virar para a frente e nos deixar sofrer em paz, Maximum virou completamente a atenção para mim e se aproximou mais.

— Você está bem, Alexis? Sei que tem menos músculos do que o resto de nós.

Uau.

Que declaração ousada, ainda mais considerando que ele é mais baixo do que eu.

Estreitei os olhos e grunhi com eloquência.

— Quer que eu esfregue seus braços para esquentar? — Maximum sorriu e ergueu as mãos.

— Não. — Recuei. *Eu preferiria morrer.*

— Tá. — Ele piscou e manteve as mãos estendidas. — A oferta ainda está de pé.

Que pena.

A porta foi escancarada.

Augusto entrou na sala com Poco empoleirado no ombro.

Ele olhou para Maximum, inclinado na minha direção, e sua expressão se contorceu de raiva.

Com os olhos pretos brilhando, ele trincou a mandíbula.

Poco bateu palmas e cutucou sua bochecha.

Pine entrou correndo atrás dele.

Todos endireitaram a postura, porque, exceto quando liam as notas das provas, os dois professores nunca ficavam na sala ao mesmo tempo.

Prendemos a respiração.

Se nos obrigassem a correr o circuito agora, eu iria morrer de hipotermia (me jogaria do topo da montanha).

A única parte boa daquela semana foi que havíamos meditado bastante, porque estávamos aprendendo a nos teletransportar, então não tive de fazer muitas anotações.

No geral, porém, a última semana na academia fora a pior.

Até agora.

Deve piorar. Tudo na vida piora.

Uma cadeira foi arrastada na frente da sala quando o general Cleandro se levantou e ficou ao lado de Pine. Ambos usavam casacos compridos e pesados.

Augusto ainda era o único usando uma toga. Seus braços nus e cobertos de veias estavam cruzados de maneira relaxada, os bíceps se

projetando de um jeito obsceno, como se ele nem estivesse com frio.

Eu me balancei mais rápido para me aquecer.

— Hoje é um dia importante para todos vocês — disse Augusto, com uma expressão séria, e Poco assentiu. — Hoje vocês irão criar um laço com o protetor que escolheram.

Parei de me balançar.

Isso não é bom.

Fomos ao cativeiro algumas vezes nos últimos meses, mas os animais continuaram reagindo da mesma maneira. Eles me odiavam.

Congelando e enjoada por causa da ansiedade, segui os outros novatos pelo corredor estreito e coberto de gelo.

O general Cleandro segurou a porta aberta do cativeiro.

— Lembrem-se, os animais conseguem sentir os poderes e a alma de vocês. Avancem com cuidado. Vocês têm uma hora para criar o laço com um animal — explicou ele, num tom ríspido.

O *senão* implícito pairou no ar gelado.

Lá dentro, as árvores estavam nuas.

Uma leve camada de neve cobria o lugar inteiro. Os pássaros grasnavam alto e voavam ali por perto, e pareciam faixas coloridas e brilhantes em uma paisagem árida. Os bichos maiores se moviam em silêncio, escondidos atrás das árvores.

Todo mundo se espalhou, observando os pássaros.

Esfreguei as têmporas. Não tinha ideia do que iria fazer.

Como provavelmente era melhor tentar em outro lugar, caminhei o mais distante para a direita e me sentei em um toco no meio de uma clareira.

Os pássaros soltaram grasnados agressivos lá do alto, me avisando para sair dali.

Longos minutos se passaram enquanto eu esperava que um animal mítico aparecesse e me amasse.

Nenhum deles apareceu.

Um por um, os outros novatos comemoraram e gritaram de alegria ao formarem seus laços.

Um falcão com uma impressionante cauda comprida prateada estufou o peito com orgulho no braço de Cassius, e ele abriu um sorriso largo e envaidecido.

Então, alguns minutos depois, um pássaro roxo atarracado de duas

cabeças grasnou no ombro de Alessander, e ele deu um soco no ar.

Houve uma salva de palmas. Não aplaudi.

Drex ergueu o tucano dourado com o qual sempre se sentava.

— Olhe, Alexis! — gritou ele.

Ergui o polegar para ele, e um sorriso falso machucou minhas bochechas.

O tempo continuou passando.

O pânico se instalou no meu corpo.

Levantei-me e caminhei em direção à floresta. Pássaros voaram para longe, um cervo com uma galhada esquisita saiu correndo, e um gambá vermelho subiu depressa em uma árvore e sibilou para mim.

Talvez eu possa mentir e dizer que Nix é a minha protetora? Ela dormia enrolada na minha cintura, mas, se eu conseguisse fazer com que se exibisse, podia dar certo.

Era o único plano que eu tinha. *Minha vida é uma bosta.*

— Uau! Não estou surpreso por nenhum bicho querer formar um laço com você. — Titus se esgueirou por detrás de uma árvore. O peito dele estava estufado de orgulho. Uma águia com manchas verde neon e garras douradas compridas estava empoleirada no ombro dele. — Agora eles vão te matar por não ter se unido a um protetor.

Ele riu e se aproximou. A águia gritou, mas continuou parada. Por algum motivo, os animais que já tinham laços não surtavam tanto perto de mim quanto os que eram livres, embora também não ficassem felizes com a minha presença.

Claro que Titus achou isso hilário e riu ainda mais.

Gostaria de voltar para aquele lago congelado idiota.

Cerrei os punhos e respirei fundo pelo nariz a fim de me acalmar.

Titus continuou se aproximando, e a águia virou a cabeça, como se não suportasse olhar para mim. *O sentimento é recíproco, robô.*

Então, vi um borrão repentino passar perto das minhas pernas. Titus caiu de costas, gritando.

A águia bateu as asas com violência.

Rosnados ameaçadores ressoaram.

Fofinho Jr. estava parado à minha frente, em postura protetora. A cabeça dele batia nas minhas coxas, e os esquisitos tufos brancos de pelo estavam arrepiados enquanto ele tremia de raiva.

Será que ele cresceu desde a última vez que o vi? Sempre foi grande

assim?

Titus apontou para o meu herói.

— Pegue aquela coisa!

Antes que o pássaro pudesse reagir, eu me abaixei e peguei Fofinho Jr. com um grunhido alto, protegendo-o. Ele não era leve, então tive que usar as duas mãos.

Será que ele está engordando por causa dos galhos?

— Essa coisa me mordeu — reclamou Titus, apontando para a perna ensanguentada.

— Bom garoto — sussurrei, beijando a cabeça de Fofinho Jr.

Seu corpo disforme tremeu de animação. Ele virou a cabeça para cima e lambeu minha bochecha.

Engasguei. O hálito dele era rançoso.

— Me dê essa coisa! — ordenou Titus. — Você conhece as regras. Se um espartano for atacado por um animal, tem o direito de exigir vingança. Passe ele para cá. Agora.

Segurei Fofinho Jr. com mais firmeza e recuei.

— Ah, por favor — falei. — Foi só um a-arranhãozinho.

Titus estendeu a perna e mostrou o que restava da canela.

— Dá para ver o osso!

Minha nossa. O cachorro literalmente arrancou um pedaço dele e engoliu?

Dei outro beijo na cabeça de Fofinho Jr. Desta vez pela coragem e pela audácia de fazer o que era preciso em um momento de tensão.

— Se não me der ele agora — disse Titus, em um tom ameaçador —, vou arrancá-lo de você.

A águia bateu as asas e se inclinou para a frente, como se estivesse se preparando para atacar. Era um pássaro *enorme*.

Meu estômago se revirou e o coração disparou, porque eu sabia o que precisava fazer. *Nix vai ficar muito brava quando acordar.*

— Não pode fazer isso. Ele é meu... protetor.

Titus ficou boquiaberto.

— Que mentira! Você está inventando. Nunca iria criar um laço com essa coisa.

— Afaste-se. — Apontei para ele e recuei. — Deixe a gente se conectar.

Animado, Fofinho Jr. se contorceu e latiu nos meus braços, lambendo meu queixo, como se soubesse o que ia acontecer.

— Se você me rejeitar e fritar o meu cérebro — sussurrei para o cachorro —, *não* vou te perdoar.

Ele me lambeu de novo.

— É bom que você ache minha alma bonita.

Depois de respirar fundo para me acalmar, levantei, meio sem jeito, o corpo pesado de Fofinho Jr. à minha frente e encarei seus olhos como nos ensinaram.

Clareei meus pensamentos.

Eu me concentrei no sentimento de lar. Risadas, equações resolvidas, aconchegar-me debaixo da lona, música, Charlie.

— *Domus* — sussurrei.

Nada aconteceu. *Bom, isso foi decepcionante.*

Suspirei e comecei a baixar os braços…

Uma energia espontânea explodiu no meu peito. Era como se eu estivesse caindo e voando ao mesmo tempo.

Algo novo, um fio de luz, se desenrolou dentro do meu peito, reverberando com lealdade, violência e uma vontade de proteger. A sensação era agressiva.

O fio queimou incandescente, e meu coração disparou como se eu estivesse tendo um ataque cardíaco enquanto lutava para respirar.

Era um ataque de pânico.

A conexão era avassaladora. Arrebatadora.

Intensa. Perigosa. Volátil.

Caí de joelhos e arranhei meu peito. Eu tremia. Arquejava.

Tudo ficou distorcido.

Um fedor horrível me fez recobrar a consciência. Algo úmido lambeu meu nariz. Então, Fofinho Jr. recuou e me encarou.

Ele tinha olhos bicolores.

Um era branco pálido, o outro preto como a meia-noite.

— Você está cego? — sussurrei, afagando sua orelhinha amassada. Ele girou em círculos e latiu, um som alto e perigoso. *Depois a gente resolve isso.*

Gemi quando a neve gelada queimou minha pele exposta e fiquei de pé. Havia uma nova dor latejante no meu peito e, embora já não fosse extenuante, era *forte*.

Titus estava parado a alguns centímetros de distância, boquiaberto. Ele me encarou como se eu fosse uma idiota.

Era o momento perfeito para eu praticar a arte de xingar.

— Vá se ferrar — falei para ele, depois saí pisando duro (me arrastei). Fofinho Jr. passou correndo e seguiu à minha frente.

— ACABOU O TEMPO! — gritou o general Cleandro da porta, um minuto depois. — Todos para fora.

Saí correndo (avancei mancando com mais determinação), e Fofinho Jr. passou em disparada por mim.

Animado, ele balançou a bunda cheia de tufos de pelos e olhou para trás, a fim de garantir que eu o seguia. Sorri para ele.

— Vocês têm cinco horas de estudo na biblioteca — anunciou o general Cleandro, enquanto nos arrastávamos pelo corredor escuro. — Usem esse tempo com sabedoria.

Quando enfim voltamos à biblioteca, meu sorriso se desfez.

Augusto bloqueava a porta. Poco ainda estava empoleirado em seu ombro. Os outros novatos já haviam entrado na biblioteca.

— O que é... isso? — Augusto apontou para Fofinho Jr., e Poco imitou o gesto.

— Este é o Fofinho Jr. — falei, confiante. — Meu protetor.

Poco sibilou.

Augusto avançou, o sangue se acumulando no branco de seus olhos. A pressão perfurou meu crânio dolorosamente.

Desviei o olhar depressa.

Encarei o chão e arfei. *Ele tentou violar minha mente de novo. Mas que diabos? Achei que quisesse me* proteger*, não fritar o meu cérebro.*

A respiração de Augusto era alta e áspera. Pelo canto do olho, vi que ele abriu e cerrou os punhos como se quisesse bater em algo (com certeza o algo era eu).

— Algum p-problema, professor? — sussurrei com calma, como se não quisesse vomitar de medo.

Os outros novatos estão bem perto. Posso gritar e pedir ajuda, e todos descobrirão o que ele está fazendo.

Nós dois sabíamos que ninguém faria nada para impedi-lo.

Ele era um herdeiro Ctônico famoso e de sangue puro, e eu era uma mestiça Olimpiana abandonada. Ele era da realeza antiga. Eu não era nada.

Fofinho Jr. rosnou. O som era baixo e ameaçador, o barulho de um predador muito maior.

O fio no meu peito queimou com o calor, e a vontade de *proteger e matar* reverberou pelo meu corpo.

Poco arreganhou as presas afiadas.

Augusto murmurou algo baixinho a respeito de Ctônicos, desonra e mulheres que não conseguiam cuidar de si mesmas.

Por fim, ele rangeu os dentes e disse:

— Não. Isso é... tudo, Alexis. — Mais uma vez, Augusto disse o meu nome com uma inflexão estranha, como se tivesse algum significado para ele.

Ele deu um passo para o lado e gesticulou a fim de que eu entrasse na biblioteca. Não havia espaço o suficiente para passar.

Tomei coragem e passei por ele.

Arrepios explodiram pela lateral direita do meu corpo. Os músculos dele se flexionaram sob o meu toque, e Augusto soltou um murmúrio baixo e rouco na garganta.

O enjoo estranho no estômago queimou.

Um inferno se espalhou.

Poco se inclinou e tentou agarrar meus cachos com as patinhas.

Cambaleei para dentro da biblioteca.

Foi um contato de segundos entre nós, talvez menos, e ainda assim meu coração acelerou como se eu tivesse corrido o circuito.

Augusto foi embora sem dizer mais nada, e eu desabei, aliviada.

Tem algo nele que me deixa louca.

Seja lá o que fosse, eu tinha o mau pressentimento de que seria o meu fim.



26
Presentes

Alexis

Augusto me deixou trêmula.

Quando recuperei o equilíbrio o suficiente para caminhar (cambalear para a frente), me apressei até as mesas de estudo onde os outros garotos estavam espalhados nos lugares de sempre.

Os novatos se encolheram quando passei com Fofinho Jr. Titus lançou um olhar mortal para nós, a perna ainda sangrando.

Se ainda houvesse justiça neste mundo, ele teria gangrena.

Quando enfim cheguei ao meu lugar, desabei. O cobertor luxuoso que alguém me dera de presente estava dobrado e pendurado nas costas da cadeira. Eu o enrolei em volta dos braços, agradecida por tê-lo ali.

— Uau! Você criou um laço com essa coisa? — sussurrou Drex, enquanto seu tucano dourado me encarava.

Ajeitei a cabeça de Fofinho Jr. no meu colo. Ele não era uma coisa. Animais deformados também mereciam amor.

— Aham — confirmei, me concentrando em pegar nossos livros. Não queria conversar sobre o assunto.

— Olha. — Maximum ergueu o braço e exibiu um esquilo amarelo de cinco pernas.

O bicho gritou quando me viu e se escondeu embaixo da camisa dele.

Deixa para lá, aquela coisa é esquisita e não merece amor.

— Muito... legal?

Maximum abriu um sorriso largo e puxou a cadeira para mais perto da minha. Tentei me afastar, mas não havia espaço com a cadeira do outro lado.

— Não foi uma loucura? — continuou ele. — Consigo sentir a presença dele até agora, uma pressão forte aqui dentro, o tempo todo. — Ele deu um

tapinha na testa.

— É — respondeu Drex. — Minha cabeça está me matando aos poucos desde que criamos o laço. O calor é constante. É meio parecido com quando uso meus poderes, só que mais intenso.

Olhei de um garoto para o outro, meu estômago se revirando.

— Vocês sentiram alguma coisa no peito? — perguntei, tentando soar casual.

— Não — disse Maximum.

— Não. Por quê? — perguntou Drex.

Abri meu livro.

— Por n-nada — murmurei.

O fio latejante no meu peito era inegável.

Não havia nada na minha cabeça.

Nadinha. Zero dores.

Por que nada na minha vida é normal? Será que algo pode dar certo pelo menos uma vez? É pedir muito?

Pelo jeito, sim.

Seis horas depois, corremos o circuito no meio de uma nevasca.

A neve nos açoitava sem parar, queimando meus olhos, e não tínhamos visibilidade. Eu mal conseguia enxergar meus braços enquanto os usava para me impulsionar. Nix era um bloco de gelo em volta da minha barriga.

Pátro e Aquiles corriam comigo, um de cada lado. Nero e Popeia estavam em nosso encalço, percorrendo a montanha com facilidade, como se tivessem nascido para correr.

Os outros novatos estavam à nossa frente, exceto por Titus, que mancava atrás de nós com a perna machucada.

Minha nuca se arrepiou sob o peso do olhar dele.

Titus estava furioso.

Entre na fila, colega.

Eu tinha noventa e nove por cento de certeza de que só corríamos naquele momento porque Augusto estava tentando matar Fofinho Jr.

Uma hora antes, enquanto meditávamos e visualizávamos o teletransporte, Fofinho Jr. havia latido, e Augusto anunciara que eu estava "tentando atrapalhar a aula de propósito com o meu protetor idiota e inútil".

Depois, ele ordenou que corrêssemos o circuito, e o general Cleandro chamou meus mentores.

E o pior: Augusto permitiu que os animais dos outros garotos ficassem na academia, mas obrigou Fofinho Jr. a correr comigo para "puni-lo".

Foi Augusto, porém, que saiu perdendo. Fofinho Jr. parecia estar se divertindo à beça.

Ele corria à nossa frente, o corpo tremendo e a cabeça jogada para trás enquanto tentava pegar todos os flocos de neve. Estava fazendo isso há horas, e não demonstrava sinais de parar. Suas patas desproporcionais e suas pernas surpreendentemente poderosas subiam a montanha sem esforço.

Pelo menos alguém estava feliz.

Minha respiração estava rasa, a gengiva dolorida de inspirar o ar gélido, os cílios congelados. Forcei meus músculos a avançarem.

— Então — começou Pátro, o tom casual, como se nem estivesse se esforçando —, você notou algo estranho em Augusto nos últimos dias? Conheço ele a vida inteira, e costuma ser um cara bem calmo, mas parece meio... diferente.

Engasguei com a saliva e cuspi.

O vento a cuspiu de volta no meu rosto, e a saliva congelou na minha bochecha.

O universo me odeia.

— Notou? — perguntou Pátro de novo, e era óbvio que não ia deixar para lá.

— Ele é um filho da puta — falei, depois tropecei de alegria, porque eu enfim tinha conseguido. Xinguei em voz alta.

Fofinho Jr. latiu alto e pulou ao meu redor enquanto o fio no meu peito vibrava. Ele estava feliz por mim. *Que bonitinho.*

— É estranho. — Pátro balançou a cabeça devagar, como se estivesse refletindo com calma e não subindo a lateral de uma montanha numa nevasca, tentando sobreviver. — Ele disse alguma coisa para você?

Balancei a cabeça.

Sim, ele me ameaçou, depois esmigalhou meu cérebro. Também segurou uma caneca contra meus lábios, talvez tenha me chamado de mal em latim, e prometeu me proteger. Aí me encurralou contra uma parede. E fica me perseguindo com os olhos.

— Tem certeza de que ele não fez nada... dramático? Como te dar alguma coisa? — Pátro me encarou como se quisesse me perguntar algo mais específico, mas Aquiles balançou a cabeça, e ele não disse mais nada.

— Não — respondi.

A única coisa que ele me deu foi TEPT.

Alguns minutos se passaram.

— Ele é f-filho de Ares — continuei, como se aquilo explicasse tudo.

Augusto havia escolhido ser o herdeiro da linhagem cujo apelido era *Casa da Guerra*. Isso já me dizia tudo o que eu precisava saber a respeito da saúde mental dele.

Meus mentores não se convenceram.

— Mudando de assunto — disse Pátro —, você nunca nos contou se descobriu qual é o seu poder. E então?

Tropecei de novo.

Aquiles me segurou. Seus dedos calejados se demoraram no meu braço conforme ele me soltava devagar, como se não quisesse largar.

Inclinei a cabeça em sua direção, lançando um olhar inquisidor, mas ele cerrou os punhos e desviou os olhos.

— Você descobriu? — insistiu Pátro, olhando para mim cheio de expectativa.

— Descobri, sim — falei, arfando. — Eu consigo falar com criaturas sencientes, na língua delas. Consigo falar com sereias e outras... criaturas que já conheci.

A empolgação transformou o rosto de Pátro. Ele nunca se animara perto de mim.

Engasguei de novo. O sorriso dele era de tirar o fôlego.

Quanto mais tempo eu sobrevivia no torneio, mais legal ele se tornava.

— Espere aí. Isso é maravilhoso! — exclamou Pátro. — Esse é o poder Olimpiano menos idiota de que já ouvi falar. Parabéns.

Assenti, exausta.

Ele deu um tapinha nas minhas costas.

— Ainda vamos te transformar em uma espartana decente. Sempre soube que tivemos sorte quando você se tornou nossa aprendiz.

Aquiles soltou um murmúrio incrédulo dentro da focinheira. Ao contrário de Pátro, e a julgar por seus olhos semicerrados, não estava tão agradecido assim de me ter por perto.

Claro. Vamos fingir que foi isso que aconteceu.

Um pensamento surgiu. Aproveitei a brecha.

— Pátro — chamei, arquejando —, qual é o seu poder?

Os olhos verdes brilharam com tanta intensidade quanto a neve que

nos açoitava.

Por um instante, pensei que ele não responderia. Até que ele respondeu, baixinho:

— Quando toco em alguém, consigo descobrir se a pessoa está mentindo ou falando a verdade.

Meu estômago se revirou. Era por isso que *Falso* estava tatuado nos nós de seus dedos. Era uma referência ao *M* de "Mentiras" em *GSMM*, que representava Pátro.

Ele podia descobrir todos os meus segredos com muita facilidade.

Fingi estar tranquila.

— Que legal.

Ele piscou para mim, e minha respiração ficou presa na garganta.

— Então — falei, meio sem graça —, você e Aquiles sabem com quem vão se casar quando fizerem 26 anos?

Os dois se empertigaram e trocaram olhares.

— Temos uma ideia — disse Pátro, enigmático.

Assenti e voltei a me concentrar na corrida.

Ele pigarreou.

— Eu queria te agradecer — disse Pátro, a expressão estranhamente solene. — Por não... dar em cima do Aquiles.

Tive uma crise de tosse. *Como é que é?*

— Muitas mulheres e homens — explicou ele, com a voz amarga — já o assediaram por causa da focinheira e da incapacidade de falar. Como você cresceu no mundo dos humanos, nós presumimos que agiria como as outras humanas que conhecemos.

Grunhi e assenti, sem saber o que dizer.

— Nós estamos juntos — explicou Pátro depressa. — Mas, como somos bissexuais, ninguém parece nos respeitar como casal. Por isso, obrigado mais uma vez. — Ele assentiu para mim, depois desviou o olhar, como se estivesse constrangido.

Dei de ombros (tentei movê-los, mas não consegui).

— Não costumamos nos interessar por outras pessoas — continuou Pátro, enrubescendo. Ele olhou para mim como se estivesse tentando comunicar algo importante. — Mas recentemente...

Aquiles balançou a cabeça.

Esperei, mas Pátro nunca terminou a frase.

Eles estão agindo meio estranho.

Para mudar de assunto, perguntei uma coisa que estava me incomodando há semanas.

— Qual é o poder de Hades? A névoa durante o massacre era... estranha.

Pátro arqueou a sobrancelha e olhou para mim.

— Ela te atormenta com a pior coisa que você já fez na vida.

O garoto com chifres gritando por misericórdia enquanto se dava vários socos.

Eu escutara tantas vozes. Nenhuma delas fazia sentido.

— A névoa é... confusa? — perguntei, sem saber como verbalizar a mistura de sons que havia escutado naquele dia.

Pátro balançou a cabeça.

— Não, é dolorosamente clara.

Meu peito esfriou, e não era por causa do tempo gélido.

Corremos o resto do caminho em silêncio.

Quando enfim chegamos ao pé da montanha, o rio estava tão congelado que eles não conseguiram abrir um caminho.

Lágrimas de alívio escorreram pelo meu rosto. Elas congelaram e deixaram minha cara dolorida.

Drex sorriu para mim.

Os outros novatos desabaram, agradecidos.

Pátro anunciou que correríamos a trilha da montanha de novo porque não podíamos nadar. Qualquer sentimento agradável que eu tinha por ele desapareceu.

Chorei de novo, desta vez de tristeza.

Quando o sofrimento acabou, nós descemos cambaleando as escadas que levavam ao interior da montanha. Estávamos quase desmaiando de exaustão.

Fofinho Jr. liderava o caminho, o pelo coberto de neve e gelo. Augusto ficou incrédulo quando viu o cachorro do lado de fora da sala de aula. Ele olhou para o meu protetor com uma expressão assassina.

Fofinho Jr. rosnou para ele.

O general Cleandro saiu da sala e anunciou um intervalo na biblioteca.

Nós seis nos viramos e cambaleamos naquela direção. Titus gemeu, arrastando a perna machucada.

Ninguém foi até as mesas. Todos desabaram em frente a lareiras diferentes, espalhados pelo cômodo.

Coloquei os dois pés, que tinham um tom azul-claro doentio, perto das chamas. Se eu fosse apenas humana, teria de amputá-los. Como era metade espartana, eles se recuperariam.

Que sorte a minha.

Vozes sussurraram ali perto, e os pelos da minha nuca se arrepiaram como se eu estivesse sendo vigiada.

Trinquei os dentes, que ainda batiam, e as ignorei.

Fofinho Jr. lambeu meu rosto (parecia que algo tinha *morrido* dentro de sua boca) quando me deitei no chão em frente à lareira. A dormência se transformou em um formigamento terrível, e eu comecei a tremer sobre o tapete.

Em uma demonstração audaciosa de solidariedade, Fofinho Jr. pegou no sono e começou a roncar. Alto.

Quando enfim parei de tremer, afastei os pés da lareira e cambaleei até ficar de pé.

Então desabei em uma chaise e fechei os olhos.

A música clássica no lado de fora ressoava baixinho dentro da biblioteca.

— Alexis? — chamou Maximum, e a almofada se mexeu embaixo de mim.

Oi, Deus, sou eu de novo. Me ajude, por favor.

Entreabri meu olho direito. Ele estava sentado ao meu lado, se inclinando para a frente.

O rosto de Maximum pairava a centímetros do meu.

— Sei que não é o melhor momento, mas... eu estava querendo ficar sozinho com você... para poder te dizer uma coisa.

— Hum? — resmunguei, sem lhe dar atenção.

— Eu gosto de você — sussurrou Maximum, se inclinando ainda mais. — Tipo, muito. Você é a garota mais legal que já conheci.

Ele não deve conhecer muitas mulheres.

— Hã, tá? — falei, sem jeito, ainda recostada, sem saber o que ele queria que eu fizesse.

Por que ele continua se inclinando?

Minha nuca se arrepiou.

Lábios gelados pressionaram os meus com delicadeza.

Chocada e de olhos arregalados, demorei um segundo para perceber que ele estava me beijando. Um garoto estava me beijando.

O beijo foi... legal? Não pareceu nada muito extraordinário.

Meu rosto ainda estava dormente.

O rosnado de um animal feroz ressoou. Fofinho Jr. devia ter acordado.

Permaneci sentada, imóvel, e esperei o beijo acabar.

Por fim, Maximum se afastou e abriu os olhos.

De perto, ele tinha uma sarda escura em cima do lábio, e seus olhos eram castanho-claros, sarapintados de dourado.

O sorriso dele era ofuscante.

— Isso foi muito bom — sussurrou ele, pegando um cacho que havia se soltado no meu pescoço com o polegar e o indicador.

Eu grunhi.

— Vamos repetir qualquer dia desses. — Ele piscou e beijou minha testa antes que eu pudesse me afastar. Depois, foi caminhando até uma lareira do outro lado da biblioteca.

Pisquei, em choque.

Fofinho Jr. roncou alto.

Atordoada e mais do que confusa, deslizei até o tapete e coloquei os pés sobre as chamas. Desta vez, eu senti o fogo. Era uma distração agradável dos meus pensamentos acelerados.

Depois do beijo, o resto dos dias passou em um borrão.

Mais uma vez, Augusto anunciou que eu tirara a melhor nota da turma, mas agora havia um músculo latejando em sua testa, e ele estreitou o olhar ao me encarar. Os olhos pretos estavam mais maliciosos do que de costume, como se fosse possível.

Quando Pátro e Aquiles voltaram, eu estava desesperada para sair da montanha gelada.

Suspirei de alívio quando nos teletransportamos.

A temperatura em Corfu estava amena, mas um arrepio gelado estava impregnado nos meus ossos. Meu quarto estava quente, então fiquei parada sobre a saída do aquecedor, descongelando daquela semana com o moletom de caveira.

Helena apareceu uma vez e me deu uma loção com cheiro de rosas e um creme que, segundo ela, era um hidratante para o rosto com infusão de ouro.

Usei nos pés rachados.

Nix finalmente acordou. Ela deu uma única olhada em Fofinho Jr. e voltou a hibernar na mesma hora, a fim de não o assassinar.

Ou, pelo menos, foi o que entendi.

Era difícil dizer.

Popeia saiu correndo quando viu Fofinho Jr., e Nero arreganhou os dentes para ele.

Enquanto isso, passei meu tempo comendo o máximo de doces possível e bebendo água, ainda parada sobre a grade quente do aquecedor.

A música clássica tocava.

Vozes masculinas gritaram, mas não me dei ao trabalho de ouvir. Àquela altura, eu não queria saber.

Estávamos em janeiro, o que significava que faltavam apenas catorze dias para o Baile de Iniciação e a Cerimônia da Congregação.

Depois estaria livre.

Eu estava *tão* perto de sobreviver ao torneio.

Num piscar de olhos, já chegara a hora de voltar à academia.

Com delicadeza, Pátro e Aquiles seguraram eu e Fofinho Jr. para nos teletransportarmos de Corfu.

Angustiada, eu me arrastei de volta para a sala de aula gelada e me sentei com um suspiro exausto.

— Onde está Maximum? — perguntou Augusto, a voz cortante como um chicote.

Havia manchas roxas debaixo de seus olhos e sombras sob as bochechas proeminentes, como se ele não tivesse dormido desde que o víramos pela última vez e estivesse perdendo peso por causa do estresse.

Drex olhou para mim no frio enregelante, e eu respondi com um dar de ombros enquanto esperávamos que nossas últimas duas semanas no inferno começassem.

O general Cleandro apertou um botão no pager, e Ryax Dioniso apareceu.

— Onde está seu aprendiz? — questionou o general.

Ryax baixou a cabeça, e o corvo albino em seu ombro imitou o gesto.

— Ele foi para casa nesse fim de semana e nunca mais voltou. Entrei em contato com a Casa de Hera, e disseram que ele desertou. Não tenho notícias dele desde então.

O general bufou.

— Que covarde. Está dispensado.

— Sim, general. — Ryax se teletransportou e desapareceu em uma nuvem de fumaça.

Drex e eu nos entreolhamos, nossos olhos arregalados.

Maximum jamais desertaria tão perto do fim. Meu estômago se revirou, e abracei Fofinho Jr. contra o peito.

As aulas passaram em um borrão. Eu mal ouvia o que diziam.

Quando o general nos deu um intervalo na biblioteca, cambaleei às cegas até lá. Desabei na minha cadeira.

Meu pé bateu em um objeto.

Não.

Por favor, não.

Fiquei paralisada.

Tudo girou, e eu caí da cadeira.

— Você está bem? — perguntou Drex.

Fofinho Jr. ganiu e cheirou meu rosto.

Eu estava no chão.

Havia uma caixa de tamanho médio debaixo da cadeira.

Estava embrulhada em veludo vermelho, e um laço preto de seda com detalhes dourados estava amarrado no topo.

Avancei engatinhando para debaixo da mesa como um zumbi. Rasguei o embrulho, puxando o laço com força, e empurrei a tampa.

Eu precisava saber.

Tinha que descobrir.

Devagar, me inclinei um pouquinho para a frente.

Dois globos oculares cheios de veias — castanho-claros, com pintinhas douradas — estavam acomodados sobre lábios com uma sarda escura no topo. Ao lado, um polegar e um dedo decepados e ensanguentados se tocavam, como se segurassem algo.

Pedaços de Maximum estavam espalhados sobre um papel de seda preto amassado. Algo reluziu debaixo das partes sangrentas.

Ele está morto.

E, por algum motivo, a culpa é minha.

A bile queimou na minha garganta, e engasguei ao engoli-la.

Com as mãos trêmulas, coloquei a tampa sobre a caixa e a enfiei em um compartimento debaixo da mesa.

Depois, voltei a me sentar na cadeira.

— Você está bem? — perguntou Drex, preocupado.

Balancei a cabeça para ele e abri meu livro devagar. Desta vez, não havia bilhete.

Minha nuca se arrepiou como se eu estivesse sendo vigiada. Vozes sussurraram.

Drex falou alguma coisa. Assenti, mas não consegui escutá-lo.

Por dentro, eu estava gritando.



27
O Baile Espartano

Alexis: Duas semanas depois

De algum jeito, eu havia sobrevivido até a metade de janeiro.

Para a minha surpresa, o torneiro terminara com um suspiro, não com uma explosão. Foi apenas mais uma semana de estudos, aulas, fome e uma prova. E tudo acabou, simples assim.

Eu havia sobrevivido.

Então por que me sinto morta? Será que realmente consigo suportar uma imortalidade com essas emoções?

Esfreguei meus olhos cansados enquanto encarava um cabideiro cheio de vestidos de gala.

Sempre vai dar para cortar você em pedacinhos ou deixá-la com fome até entrar em coma.

O pensamento me acalmou.

Do lado de fora das portas francesas, o mar Jônico cintilava. Os raios de sol refletiam nos tecidos luxuosos.

A folhagem verde se agitava lá fora conforme a brisa amena de Corfu invadia meu quarto.

Tudo o que eu queria fazer era me deitar na cama e dormir durante dias, mas o Baile de Iniciação era naquela noite.

O baile tinha o objetivo de nos introduzir ao estado inteiro de Esparta. Era uma celebração por termos completado o torneio. Depois, no amanhecer do dia seguinte, aconteceria a cerimônia de graduação no Coliseu das Dolomitas.

Resmunguei de exaustão.

Estremeci e soprei as mãos, tentando aquecê-las.

Ainda que a temperatura da ilha fosse agradável, meus dedos das mãos e dos pés ainda pareciam congelados. Precisavam terminar de degelar.

— O que você acha? — perguntou Helena, gesticulando para o cabideiro de vestidos, a coroa Ctônica cintilando em sua cabeça.

Naquela manhã, ela invadira o meu quarto. Eu havia me sentado na cama, meio grogue, e ela gritou, horrorizada.

Achei que estávamos sendo atacadas.

Quando ela começou a choramingar por causa do frizz no meu cabelo, desabei aliviada nos travesseiros macios.

Depois de se acalmar o bastante para falar, ela explicou que Pátro a deixou encarregada de me tornar apresentável para o Baile de Iniciação.

Agora, usando o largo moletom de caveira que me dava apoio emocional, eu estava esperando as instruções dela.

Nix estava enrolada no meu pescoço, roncando.

— Estas são todas as suas opções para o baile — explicou ela. — Você tem alguma pergunta? Preocupações? É, eu sei, são poucas opções... você deve estar surtando. Mas não se preocupe, todos estarão mascarados. Assim, você pode se misturar com todo mundo em Esparta sem se preocupar com preconceitos entre Casas. Desde a Grande Guerra, eles adoram promover bailes de máscaras a fim de incentivar a união.

Dezenas de braceletes de diamantes retiniam em seus pulsos conforme ela gesticulava.

— Ah, Cronos — continuou Helena, antes que eu pudesse responder. — Agora eu também estou surtando. Nós duas estamos entrando em pânico. — Ela abanou o rosto. — Isso com certeza é péssimo para os nossos poros.

Eu, em particular, me sentia bastante calma.

Essa é literalmente a coisa menos estressante que já aconteceu na minha vida.

— Você tem algum creme para rugas? — Helena franziu o cenho. — Toda hora eu tensiono o rosto sem querer. Esse estresse está me afetando.

Eles fazem mesmo um creme para rugas? Por quê?

Encarei sua pele macia e perfeita.

— Quantos anos você tem mesmo?

— Dezesseis. Dãa. — Ela deu de ombros de leve. — Mas não se preocupe, eu ajudo o meu irmão a se vestir para eventos o tempo todo. Posso ser jovem, mas sou profissional.

Na verdade, agora fiquei preocupada.

Naquele exato momento, Fofinho Jr., que estava deitado na cama,

roendo a enorme pata dianteira, soltou um arroto.

Eis algo que resume a minha vida.

Helena caiu na gargalhada e tapou o nariz.

— Seu protetor é tão lindo. — Ela mandou beijinho para Fofinho Jr. (ele não reparou; não era muito inteligente). — Tão... *real*. Entende? A energia dele é meio... feroz. De um jeito que dá para se identificar. Ele não é sério nem pomposo. É pé no chão. Perturbado, mas forte.

Não, eu não entendia. Não o achava nada daquilo.

O espanto devia estar estampado na minha cara, porque ela voltou a se virar para o cabideiro.

— Certo, foco. — Ela agitou a mão para mim. — Você já consultou um especialista quanto à sua colorimetria pessoal para esta estação? Não quero ter que adivinhar.

Engasguei.

— Não — falei, ignorando como a minha mente ia definhando. — Não consultei.

Ela recuou e arquejou, um terror absoluto inundando seus olhos.

Será que um Titã invadiu a casa?

Eu me virei. Estávamos sozinhas.

Meu coração disparou de maneira errática. Respirei fundo, tentando me acalmar. Ultimamente, parecia que eu estava vivendo por um fio. Naquela estação, a única coisa que eu havia feito foi congelar até a morte, passar fome, receber partes de corpos de presente, correr o circuito e estudar até querer morrer.

Também havia sonhado acordada com Carl Gauss sem camisa e começado a escrever em segredo outra fanfic sobre ele, e fiquei completamente calada durante duas semanas depois da morte de Maximum, porque não queria falar com ninguém.

As pessoas enfrentavam seus terrores de maneiras diferentes.

Pegando a deixa, vozes sussurraram no limite do meu subconsciente.

— Você nunca analisou suas cores pessoais? — Helena ficou boquiaberta. — O que você usa no dia a dia? Como sabe o que vestir? — Ela olhou para o meu moletom de caveira. — Na verdade, faz sentido.

Também olhei para o casaco.

— Qual é o problema? É c-confortável.

Para a minha surpresa, Helena deu uma gargalhada profunda e rouca.

— Você é engraçada. Todo mundo em Esparta se leva a sério demais,

especialmente as mulheres, sabe? Porque somos raríssimas. É um ambiente *muito* tóxico. Mas você parece tranquila... Acho que seremos ótimas amigas.

Massageei as têmporas doloridas.

Acho que ela está confundindo traumatizada ao extremo com tranquila.

— Na verdade, agora que olhei para ele... — Ela deu um tapinha nos lábios cor-de-rosa cheios de gloss. — Acho que já vi esse moletom antes...

— Deve ser do Pátro. — Afinal, eu havia achado na casa dele.

— Não, com certeza não é dele. Embora tenha esse desenho horroroso, que é a cara dele. Esse tecido é uma mistura cara de caxemira do Himalaia... Tenho certeza de que é feito sob medida. Ele nunca esbanja em roupas assim.

— Ah. — Dei de ombros.

— Você disse que o encontrou. Tem certeza de que ninguém deixou para você? Em Esparta, pode ser um problemão receber presentes...

— Não, eu encontrei.

Decidi interrompê-la, porque, quando ela começava um assunto, não parava de falar nunca. Além disso, era só um moletom. Não era nada profundo. Era macio e quase chegava nos meus joelhos. Era isso que importava.

— Certo. — Ela bateu palmas. — Eu sempre me distraio. Já me autodiagnostiquei com milhares de coisas. Mas vamos nos concentrar. Você é famosa em Esparta: a mestiça abandonada da Casa de Zeus que esmagou todos os garotos do torneio. Você é um ícone do poder feminino, e precisa se vestir como tal.

Reprimi outro bocejo e dei uma risadinha.

Helena me encarou com uma expressão intensa.

Espere aí, não foi uma piada?

— Sabe... você é uma inspiração para mim — disse ela, baixinho, a voz séria. — Eu quero participar do massacre e do torneio, igualzinho a você. Toda essa besteira nas Casas a respeito de preservar a honra das herdeiras é tão ridícula. Os homens ficam muito irritados sempre que toco nesse assunto, ainda mais Augusto. Mas você entende.

Engasguei com a saliva.

Não sou a heroína que você imagina.

Helena olhou para mim com os olhos cor de esmeralda arregalados, como se eu fosse a salvadora da pátria e não uma adolescente um pouco mais velha e profundamente traumatizada, com problemas psicológicos e

físicos, além de questões de abandono.

— Eu acho — falei, devagar — que você deveria m-manter sua honra. — Sua expressão ficou triste, o desânimo fazendo seus ombros caírem. — Ou... não? — Franzi a testa. — Acho que, se você quer... você pode? Não é tão grave — menti.

A morte e a tortura não deveriam ser encaradas de maneira leviana.

Ela ergueu um olhar esperançoso, exibindo dentes brancos brilhantes.

— Acha mesmo que eu consigo sobreviver ao torneio?

Crispei os lábios.

— A questão não é se você conseguiria s-sobreviver. É muito ruim. Por que você iria querer participar?

— Porque quero provar que não preciso de Augusto para me proteger. — Ela trincou os dentes. — Ele é tão irritante. *Todos* eles são. Os homens Ctônicos são muito autoritários. Tipo, são dez vezes piores que os Olimpianos, ainda mais quando se trata das pessoas que amam. São psicóticos. E, como sou a única herdeira deles, todos agem como se eu fosse feita de *porcelana*.

Assenti como se entendesse, mas não entendia.

Helena se aproximou.

— Mas o meu poder é... sombrio — sussurrou ela, em um tom conspiratório. — Eu consigo fazer coisas... coisas ruins, se é que me entende. — Ela deu uma piscadela.

— Ah — falei, sempre bem eloquente.

Nota mental: não a irritar.

— Foco, Helena! — Ela deu um tapa no rosto, depois começou a vasculhar uma caixa grande ao lado do cabideiro. — É óbvio que esta aqui vai ser a sua máscara.

Ela segurava o que parecia ser uma peça de fantasia. Era a cabeça gigante de um leão.

Vai mesmo?

Quatro horas depois, eu estava parada na frente do espelho de corpo inteiro do quarto, o sol poente lançando faixas douradas pelo ambiente.

Fofinho Jr. roncava alto na cama.

— Tem certeza de que não quer usar nenhum dos vestidos coloridos? — perguntou Helena pela milionésima vez. Ela puxou um vestido tomara-que-caia, cor-de-rosa e cheio de brilhos, e o mostrou para mim. — E este aqui?

— Não.

— Ai! — Ela fez beicinho. — Você não é divertida.

Dei de ombros e admirei meu reflexo. Eu usava um longo vestido preto de mangas compridas, que cobria minha pele inteira. Era um pouco apertado em volta do tronco para o meu gosto, mas comparado aos outros vestidos, bem decotados, era perfeito.

Analisei meu reflexo no espelho e franzi o cenho quando percebi o que estava faltando.

— Helena, preciso de um sutiã.

— Não precisa, não. — O sorriso dela era diabólico.

— Sim. — Apontei para o meu peito. — Preciso.

— Não — insistiu ela, com aquele sorrisinho maquiavélico. — Você tem seios pequenos, que são simplesmente perfeitos para esse estilo de vestido. O tecido é tão fino e apertado que as costuras do sutiã estragariam o resultado. Além do mais, mamilos são sexy.

— Concordo com ela — disse Nix.

Agora ela está acordada.

— Hum, não — resmunguei, cruzando os braços sobre o peito num gesto protetor. — Não é o meu estilo.

A campanha dos mamilos (e lábios) livres era uma forma de pensar, mas não era necessário colocá-la em prática.

Helena cruzou os braços e empinou o nariz.

— Você se recusou a tirar os elásticos de cabelo dos pulsos e a usar saltos. Isso é o mínimo que pode fazer em nome das mulheres do mundo inteiro.

Essa reação me pareceu meio dramática.

Apontei para as sapatilhas douradas nos meus pés.

— É porque os meus pés estão machucados e os dedos cheios de bolhas. Os saltos machucam demais.

— Bom… — Helena bufou. — Os seus *mamilos* estão doendo?

— Bom argumento — comentou Nix, deslizando pelo meu pescoço.

Oi, Deus, sou eu de novo.

Antes que eu pudesse debater com uma menor de idade sobre a sensibilidade dos meus mamilos (aquilo era o meu inferno particular), Helena pegou a máscara de leão e a colocou na minha cabeça.

Nix sibilou quando a ponta da máscara bateu nela.

Olha o carma.

Ela deslizou pelo meu corpo e se enrolou com força no tornozelo e na panturrilha. Ainda bem que a saia do vestido era larga o bastante para escondê-la.

— Perfeito! — Helena deu um gritinho. — Eu sou um gênio. Todo mundo vai surtar ao te ver. — Ela bateu palmas. — Uma vadia. Uma vadia total e absoluta.

Como é que é? Do que ela acabou de me chamar?

A cultura jovem era irritante.

— Vamos, vamos, vamos. — Ela colocou uma máscara de elefante sobre o rosto, ajustou as alças finas do vestido branco de gaze, depois foi me empurrando pela porta com uma força surpreendente. — Estamos atrasadas.

Encontramos meus mentores no corredor. Pelo visto, o tema da festa era safári.

Pátro usava um terno azul-escuro com uma máscara de javali. Aquiles estava ao lado dele, todo de preto, usando uma máscara de hiena.

Ambos ficaram paralisados de um jeito esquisito, e me encararam por um momento longo e demorado.

Helena bateu palmas, e a tensão estranha se quebrou.

Os homens nos seguraram.

— *Domus* — murmurou Pátro.

BUUM.

O mundo se contorceu em escuridão. Nos teletransportamos.

Cambaleei e tentei recuperar o fôlego, a fumaça serpenteando ao redor.

Estávamos em um grande salão de baile, saído diretamente de um conto de fadas. As paredes eram douradas, e o chão feito de mármore preto polido. Colunas jônicas cheias de hera circundavam o cômodo.

Minha nossa.

Candelabros de cristais cintilantes estavam pendurados em um teto com afrescos que retratavam nuvens e querubins.

Uma orquestra completa tocava no canto.

Centenas de pessoas perambulavam em trajes de gala, todas exibindo máscaras variadas que representavam todos os tipos de animais possíveis, muitas delas bem mais detalhadas que a minha.

Criaturas passavam por nós com rabos e protuberâncias estranhas espiando por debaixo das capas pretas.

A julgar pela quantidade de gente, o estado inteiro de Esparta estava

presente. Uma coisa, porém, se repetia entre os grupos imortais diferentes: todo mundo estava coberto de joias.

Como não eram permitidos protetores no baile e não havia coroas à mostra, era praticamente impossível diferenciar as pessoas.

Toda aquela pompa parecia demais para apenas cinco novatos.

Helena havia dito alguma coisa sobre os espartanos adorarem uma chance de festejar, então devia ser por isso.

Houve um movimento repentino, e eu cambaleei para sair do caminho de espartanos que giravam na pista de dança perto de mim.

— Algumas pessoas têm modificadores de voz nas máscaras — explicou Helena, a tromba do seu elefante balançando. — Então nem perca tempo tentando descobrir quem é quem. Não é à toa que este é um baile de máscaras, e os espartanos levam essa coisa de anonimato *muito* a sério.

— Helena, por que está aconselhando a *nossa* aprendiz? — perguntou Pátro, a cabeça do javali se inclinando.

A mão dele descansava de maneira possessiva sobre o meu ombro, e a náusea fez o meu estômago se revirar.

Um longo instante se passou, e eu percebi o que havia de tão estranho no gesto. O toque de Pátro não era desconfortável.

— Deixa ela — falei, na defensiva, me afastando dele, incomodada por eu *não* ter me incomodado com sua demonstração casual de carinho.

Helena era a primeira pessoa em Esparta que realmente se dera ao trabalho de me explicar as coisas.

— Vamos, precisamos nos misturar. — Helena pegou minha mão e me puxou em direção às mesas.

Horas depois, minha cabeça girava de cansaço. Os espartanos adoravam se gabar de si mesmos.

— Você é engraçada — comentou Zeus, usando uma máscara de cobra.

Ele havia me encontrado horas antes e estava me alugando desde então. A eletricidade faiscava em seu terno, fazendo com que fosse impossível não o reconhecer, e sua risada retumbante ressoava pelo salão.

Eu só perguntei se tinha comida no baile.

Zeus estava rindo desde que percebeu que era eu por trás da máscara de leão.

Um homem próximo a nós, usando uma máscara de jaguar, girou a cabeça depressa. Olhos pretos de diamante nos encararam.

— Vejo que já tem orgulho da Casa. — Zeus me deu um tapa no ombro,

e eu me encolhi. — Falei para continuar se esforçando, e foi o que você fez. Depois da formatura de amanhã, você será oficialmente um membro da minha Casa. Tenho *grandes* planos para você.

Tossi, as costas doloridas por causa do tapa.

— Quem sabe! — gritou Zeus. — Talvez você até ganhe uma coroa.

Os espartanos à nossa volta bateram palmas, e ele se virou para cumprimentá-los. Constrangida, eu me retirei, cambaleando para longe dali.

Eu me virei para perguntar a Helena se havia lugares disponíveis em alguma mesa, mas ela não estava ali. Meus mentores também desapareceram.

Deviam ter se afastado quando Zeus me segurou. Suspirei, o suor escorrendo pelas laterais do meu corpo graças ao estresse de ter que conversar com as pessoas. Vaguei sem rumo até algumas cadeiras no canto dos fundos. Drex devia estar em algum lugar por ali, mas encontrá-lo naquela multidão seria difícil.

Minhas pernas doíam de tanto ficar em pé.

O relógio enorme na parede alta mostrava que já era de madrugada. A cerimônia de formatura aconteceria no Coliseu das Dolomitas em menos de três horas.

Até onde eu sabia, todos em Esparta também compareciam àquele evento. Ou seja, todo mundo naquele baile estaria lá, e mesmo assim ninguém parecia ter pressa de ir embora.

Será que os espartanos são contra o sono porque são imortais?

Eu, particularmente, não aguentava mais a exaustão.

Duas semanas seguidas sem dormir faziam com que fosse difícil manter os olhos abertos.

O fato de eu não ter encontrado comes e bebes no baile também não ajudava, talvez por causa das máscaras detalhadas.

Qual é o problema de passar um pouquinho mais de fome quando já se viveu assim a vida inteira?

Suspirei de novo, depois tropecei ao quase esbarrar num trio que dançava. Dois homens giravam ao redor de uma mulher curvilínea usando um vestido vermelho transparente.

Eu me afastei depressa, estremecendo quando quase dei de cara com quatro homens dançando juntos em círculo.

A música da orquestra estava alta, e a máscara de leão limitava a minha

visão. Um zumbido abafado ecoou no meu ouvido, e lutei para me orientar.

Joias reluziam em fendas largas de pele exposta.

Cocei os pulsos doloridos.

Você não pertence a este lugar.

O torneio havia sido terrível por vários motivos, mas estávamos isolados nas montanhas.

Agora, uma cultura antiga resplandecia ao meu redor.

Uma da qual eu não sabia quase nada.

Os pelos na minha nuca se arrepiaram como se alguém estivesse me observando, e um grito borbulhou na garganta.

Você controla seus pensamentos. Recomponha-se, mulher.

— Gostaria de dançar? — perguntou uma voz adulterada.

Um homem alto, com um corpo largo e poderoso, usando um terno perfeitamente feito sob medida e uma máscara de lobo com olhos de cristal, estava parado diante de mim.

Minha boca ficou seca de imediato, e o desconforto me fez estremecer.

O estranho estava esperando que eu respondesse.

Depois de tossir e pigarrear (deixando a cena bem esquisita), finalmente encontrei a voz.

— Não — falei, tentando passar por ele e sair da pista de dança.

O homem se mexeu e bloqueou meu caminho.

— Eu insisto. — Ele estendeu a mão, enluvada com um tecido preto, e fez uma reverência profunda com a cabeça, como se eu fosse da realeza.

Na mesma hora, as palmas das minhas mãos começaram a suar. *Será que ele me confundiu com outra pessoa?*

— Desculpe, mas n-não — falei, e tentei empurrá-lo para tirá-lo do caminho.

Foi como empurrar uma parede de tijolos. Ele não se mexeu.

— Nós vamos dançar. — Havia um quê de violência em sua voz modificada, algo de que não gostei.

Meus instintos me diziam para correr.

— Acho que não é comigo que você quer dançar — sussurrei, recusando sua mão e esperando diminuir qualquer que fosse a tensão que crescia entre nós.

Ele continuou parado, completamente imóvel, os olhos de cristal concentrados em mim.

— Eu sei — disse ele, devagar — muito bem o que eu quero.

A tensão triplicou.

Recuei, pulando de susto quando pisei em outro homem.

Mãos fortes seguraram meus ombros e me estabilizaram.

— Desculpe — resmunguei, baixando a cabeça e saindo do caminho dele.

Os dois homens se moveram depressa e bloquearam meu caminho.

Ambos usavam luvas e máscaras de lobo, mas um tinha olhos de esmeralda e o outro de cristal, e assomavam-se sobre mim em ternos sob medida.

Engoli em seco.

De repente, eu queria sair correndo na direção contrária. O mais rápido possível.

— Eu vou me sentar. — Joguei os ombros para trás e tentei transmitir autoridade.

Nenhum dos dois saiu do caminho.

— Não vai, não — disse o homem de máscara com olhos de esmeralda.

A voz dele também estava modificada.

Olhei ao redor, procurando desesperada por Helena ou pelos meus mentores. O salão tinha ficado ainda mais lotado, e era impossível enxergar alguma coisa acima da multidão de corpos.

Quando me virei de costas, os homens estavam a centímetros de mim. Meu estômago se revirou conforme eles se amontoavam no meu espaço pessoal. Tive um mau pressentimento de que eu sabia quem eram.

— Agora nós vamos dançar com você — disse um deles.

Não era uma pergunta.

Era uma ordem.

Antes que eu pudesse recuperar o fôlego, o homem com olhos de esmeralda segurou minha mão na sua e espalmou minha cintura com a outra.

A ansiedade me dominou.

O outro ficou atrás de mim e segurou a curva sobre os meus quadris com ambas as mãos.

A ansiedade aumentou e minha respiração saiu trêmula.

Isso não é bom.

Eles me giraram antes que eu pudesse fazer ou dizer alguma coisa. Pressionada entre os dois, fomos rodando pelo salão de baile com total naturalidade. Tudo o que eu podia fazer era me segurar e deixá-los

conduzir.

Dançamos.

Foi aterrorizante; foi emocionante.

A orquestra mudou para uma música mais suave, e eu suspirei de alívio quando o zumbido no meu ouvido se dissipou.

Dedos pressionaram o topo dos meus quadris com mais força, e a mão que segurava a minha a apertou.

Os dois homens avançaram. Ambos já estavam bastante próximos antes. Agora estávamos colados uns nos outros.

Era obsceno.

Meus mamilos expostos roçaram os músculos duros de um peitoral. Um rubor ardeu em minhas bochechas e desceu pelo pescoço. A náusea estranha revirava dolorosamente o meu estômago.

Estremeci.

As mãos que seguravam meus quadris por trás se moveram devagar pelo meu tronco, subindo centímetro por centímetro.

Eu nunca havia sido tocada com tanta intimidade antes.

Seus corpos se moveram quando giramos mais depressa, me escondendo da vista dos outros.

Dedos enluvados continuaram subindo.

Mais alto.

Mais alto.

Mais alto.

Até roçarem meus mamilos de um jeito possessivo.

Arquejei. Um prazer incandescente queimou desde o peito até o meu interior.

— Por que caralhos — disse o homem colado à minha frente — eles estão expostos? Não consegue mesmo cuidar de si, não é?

Naquele momento, o homem atrás de mim torceu os dedos de forma perversa sobre meus seios, e ficou bem óbvio a que ele se referia.

Estrelas brilharam na minha visão.

Gemi e joguei a cabeça para trás, descansando-a sobre um peito musculoso.

Os dois homens soltaram gemidos roucos.

O que estava à minha frente se inclinou mais para perto.

— Terei que torturar todos os homens e mulheres que olharam para você esta noite — sussurrou ele. — *Carissima*.

O homem às minhas costas voltou a arrastar os dedos sobre meus seios. Tudo estava pegando fogo.

O elogio em latim, porém, não foi engraçado.

— Não sou sua querida — murmurei, a cabeça ainda jogada para trás, mole, enquanto me seguravam entre eles.

O prazer vibrava pelas minhas veias.

— É sim — disseram em uníssono.

Falaram como se soubessem de algo que eu não sabia.

Mãos se afastaram dos meus seios e desceram até a barriga. Soltei outro gemido. Sensações desconhecidas fizeram meus nervos formigarem.

Ambos recuaram enquanto girávamos.

Voltaram a me segurar a uma distância respeitável, como se fôssemos estranhos dançando e os dois não tivessem acabado de fazer o meu corpo pegar fogo.

— Por que — disse o homem de olhos esmeralda, num tom leve — você não pegou as joias?

Demorei um instante para me lembrar de como falar.

— Do que está falando? Que joias? Peguei onde?

Que pergunta estranha.

Era difícil pensar com a exaustão, a tontura por causa dos giros e as sensações cálidas se revirando no meu estômago.

Havia algo esquisito acontecendo.

Eles devem achar que sou outra pessoa.

Meu primeiro evento no mundo espartano e eu já havia roubado os amantes de outra mulher.

— Hã, eu sou pobre — confessei, querendo destruir qualquer ilusão que tivessem a respeito de quem eu era. — Não tenho joias.

A verdade pareceu o caminho mais fácil.

Ambos voltaram a ficar paralisados. Dedos apertaram minha pele com mais força e, por um segundo, eles tremeram, algo volátil percorrendo seus corpos. As vibrações me atravessaram.

— Não é, não — disse o homem atrás de mim, forçando a voz, como se estivesse rangendo os dentes. — Não é mais.

Como é que é? Eles estão zombando de mim?

Bufei e tentei puxar a mão do aperto do homem à minha frente.

— Sou, s-sim.

Eu não tinha vergonha de quem era ou de como havia crescido.

Até onde eu sabia, os espartanos não tinham a capacidade de compreender como era estar na base da cadeia alimentar. Sujos, na floresta, debaixo de uma lona. *Charlie ainda está lá, esperando por mim.*

Não iria permitir que aquele lugar me fizesse esquecer disso.

Puxei com mais força, mas os homens apenas se aproximaram e voltaram a dançar. Seus quadris me imobilizavam.

— Me soltem. — Puxei o braço mais uma vez, tentando recuperar o controle da situação.

Ambos deram risadinhas sombrias e me abraçaram com mais força enquanto nós três girávamos.

— Nem pensar — disse o homem à frente, a voz rouca. — *Non ducor, duco.*

Não sou conduzido, eu conduzo.

O homem às minhas costas se aproximou.

— Minha *carus.*

Arrepios explodiram pelos meus braços quando ele me chamou de querida em latim, como se aquilo significasse algo.

Meus pés pararam, mas seus quadris firmes continuaram me movendo entre eles. Os dois giraram, me arrastando pela pista de dança abarrotada.

Estão brincando com você. É tudo um jogo.

Eu me senti mal.

— Tenho uma pergunta — afirmei, baixinho.

Ambos se curvaram para ouvir, os lobos se aproximando para me devorar.

Ergui o joelho (da perna em que Nix não estava) e bati com tudo na virilha do homem à frente, depois empurrei o cotovelo para trás.

Pernas fortes prenderam minha coxa levantada, e o meu joelho pressionou algo duro. Eu não conseguia me mexer. O homem à frente soltou um gemido rouco.

Não era para isso ter acontecido.

Dedos apertaram minha mão, mas não a soltaram.

O homem atrás de mim empurrou os quadris para a frente, e uma protuberância afundou na minha lombar. O peito dele vibrou contra mim.

Eu estava presa. Imobilizada.

Todas as pretensões de dança desapareceram.

Eles nem haviam se encolhido diante da minha violência. Aquilo, no máximo, os excitara.

Aqueles homens não eram normais. *Monstros.*

— Qual era a sua... pergunta? — questionou o homem atrás de mim num tom perverso, os quadris flexionados.

Meu coração batia dolorosamente dentro do peito.

Eles haviam me encurralado.

Reclinei a cabeça, trinquei os dentes e me forcei a dizer o que queria.

— Quem *caralhos* — sussurrei — vocês dois pensam que são?

Ambos soltaram risadas altas e cruéis.

— Ah, você não sabe? Nós pertencemos a *você*, *carus*.

Minha respiração saiu entrecortada, porque o jogo já não era mais engraçado. Era aterrorizante.

— Me soltem — ordenei, tentando me libertar, porém, mais uma vez, eles não se mexeram nem um pouquinho. Apenas gemeram sem parar.

Minha ansiedade aumentou.

— Nunca vamos te deixar ir — disse um deles, a voz rouca. — Você já pertence a nós. E decidimos que vamos cuidar de você. Alguém tem que fazer isso, porque é óbvio que não consegue sozinha.

Por que isso me soa familiar?

— Eu só pertenço a mim mesma. — Balancei a cabeça. — E tenho me saído muito bem durante anos.

— Que ponto de vista encantador — disse o outro homem, dando uma risadinha rouca. — Mas suas ações dizem outra coisa.

Comecei a me remexer e tentei chutá-los.

— Me soltem agora mesmo, ou vou fazer uma cena. Não tem mais g-graça.

O homem atrás de mim girou os quadris devagar.

— Nunca falamos tão sério em nossas merdas de vidas.

— *Carissima* — disse o homem à frente, a voz rouca. — *Adoraríamos* fazer uma cena com você.

Algo duro latejou contra a minha coxa.

Mãos voltaram a se arrastar até meus seios de maneira perversa, beliscando os mamilos. Depois, voltaram a descer e agarraram o espaço onde a minha cintura encontrava os quadris. Dedos se espalharam de forma possessiva sobre a minha barriga e me puxaram contra um corpo duro.

Arrepios percorreram minha pele.

Tudo virou um borrão.

— *Carissima* — sussurrou uma voz modificada em um tom sedutor —,

por que não...

— Estou interrompendo alguma coisa? — perguntou Pátro, bem alto.

Arfei quando os dois homens com máscaras de lobo se afastaram de mim. Minha cabeça girava, e eu quase desmaiei de alívio ao ouvir aquela voz familiar. Duas máscaras de animais entraram em foco.

— Sim. Está, sim, porra — disse o homem detrás, ríspido.

Pátro avançou.

O homem à frente virou a cabeça na direção dos meus heróis.

— Estávamos só... conversando.

Como ele flexionou as mãos, depois visivelmente arrumou a protuberância dentro da calça e apertou o cinto, suas palavras não foram convincentes.

Mentiroso.

Pátro avançou ainda mais na minha direção.

— Eu estava te procurando! — disse Helena, que apareceu correndo sabe-se lá de onde, a tromba do elefante balançando. — Tem alguém que quer muito dançar com você. Vamos.

Ela me arrastou pela pista de dança e deixou os quatro homens juntos ali. Tentei olhar para trás, mas ela me obrigou a avançar.

— Aquilo foi loucura. Que química... Por Cronos! *Todo mundo* em Esparta está falando da sua dança. — Ela ofegou e abanou a máscara em um gesto dramático. — Tive que tirar você de lá antes que começassem a falar em desonra e acordos de noivado. Embora... como você é mestiça, talvez não precise se preocupar com isso até completar 26 anos. Mesmo assim. Uau.

Eu me sentia como se tivesse sido atingida por um raio.

— Nem sei quem eles são — sussurrei.

A mentira tinha gosto de veneno, mas não me permiti pensar em quem eram aqueles homens. Se fizesse isso, eu desabaria.

Parte de mim ganhara uma vivacidade selvagem, e a outra parte estava gritando de pavor.

A ansiedade parecia uma faca cortando meu estômago.

Helena bufou.

— Bom, uma coisa é certa: aqueles homens sabiam *exatamente* quem você é. — Ela parou de repente na beirada do piso de mármore e gesticulou para um homem com máscara de alce. — Ali está a pessoa que queria te ver. Ele disse que é um dos seus professores.

Fiquei paralisada e prendi a respiração.

— Alexis! — A voz de Pine foi inconfundível quando ele me ofereceu a mão. — Como está? Queria conversar com você.

É só o Pine. Suspirei de alívio.

— Claro, professor. — Aceitei a mão dele.

Ele me segurou a uma distância respeitável e me conduziu pela pista de dança, falando sobre Tágoras e conceitos da matemática avançada. Outros dançarinos giravam ao nosso redor.

Não consegui me concentrar em uma única palavra.

Minha cabeça rodava, procurando por... algo que nem eu mesma sabia o que era.

Acalme-se. Já acabou. Não pense naqueles homens. Preocupe-se com isso amanhã, depois da formatura.

O problema era que não parecia que havia acabado.

A música terminou, e nós paramos de dançar.

— Alexis — disse Pine, devagar, e eu instintivamente me afastei dele. Seu tom deixou meu estômago inquieto. — Agora que não somos mais professor e aluna, gostaria de dizer que eu...

Uma adaga diabólica pressionou a frente da garganta dele, exposta sob a máscara, com força o bastante para derramar sangue.

Pine gorgolejou.

Cristais cintilaram, e uma máscara de lobo balançou enquanto a adaga pressionava a pele com mais força.

— Termine essa frase, e vou te colocar em coma. Depois, vou te deixar desse jeito pelo resto da sua imortalidade. Eu avisei para não falar com ela, porra. Não me teste.

Uma segunda máscara de lobo pairava atrás dele.

De repente, uma mulher gritou.

— Estamos sob ataque! — berrou um homem. — Titãs!

As pessoas gritaram. Foi o inferno na Terra.

Explosões ressoaram conforme os espartanos se teletransportavam.

Eu me virei e corri, abrindo caminho por entre a confusão de corpos e fumaça.

— Alexis! — gritou Helena.

Eu me virei e vi uma máscara de elefante avançando até mim.

Estendi a mão para ela.

Um homem estranho, com uma máscara de jaguar, me agarrou de

maneira brusca. Helena se jogou em nossa direção. O mundo desapareceu em um lampejo preto agonizante.

Cambaleei e caí de joelhos.

Algo puxou meus braços. Um material áspero arranhou meus pulsos.

O homem grunhiu e se afastou. Um grito feminino ecoou ao longe. Escutei estalos altos.

Desorientada graças ao teletransporte repentino, pisquei por trás da máscara pesada de leão. Esperei minha visão entrar em foco e o zumbido no meu ouvido parar.

Quando finalmente parou, tentei me mexer. Não consegui.

A temperatura gelada atravessava o tecido fino do vestido. Olhei para baixo, apavorada. Não era uma dor fantasma. Uma corda áspera envolvia meus pulsos com firmeza.

A corda também estava presa a um gancho de metal grosso, que estava soldado na parede de um barracão.

Ajoelhada no chão de terra, eu puxei com toda a força, os ombros queimando. O gancho nem se mexeu. Na verdade, o nó nos pulsos ficou mais apertado.

A corda era extremamente forte.

Eu estava presa.

Arquejei e virei a cabeça.

Do outro lado do barracão, os braços de Helena também estavam amarrados à frente do corpo com uma corda presa a uma parede de metal. Ela estava deitada no chão, inconsciente, mas ainda com a máscara de elefante.

Que diabos está acontecendo?

Havia pilhas de entulho espalhadas pelo pequeno barracão. O luar lançava sombras prateadas pelos vidros quebrados das janelas, e galhos congelados de árvores chacoalhavam do lado de fora.

O céu escuro tinha um tom cinzento conforme a noite começava a abrir espaço para o amanhecer.

A Cerimônia da Congregação logo começaria.

Por quanto tempo fiquei dançando?

— Eu te avisei o que aconteceria, mas você não me ouviu — disse uma voz mo3dificada. — Agora você vai pagar. E a sua amiga idiota também.

Meu sequestrador tirou a máscara de jaguar.

Eu o encarei, chocada.

— Você?



28
O Assassino

Alexis

Sentada na terra, com os pulsos amarrados à minha frente, ergui o olhar para o meu sequestrador por trás da máscara pesada de leão.

— Eu te avisei várias vezes. Falei para sair de Esparta se quisesse viver — disse o meu sequestrador, em um tom amargo. — Mas você não me escutou... foi lá e tentou usurpar o meu lugar.

Pisquei de novo, incapaz de assimilar o que estava acontecendo.

— Agora você vai morrer, assim como todos os outros. — Ele gesticulou para as pilhas de entulho espalhadas pelas paredes do pequeno barracão. — E ela também. Sua amiga mestiça idiota tentou te salvar agarrando-se em mim quando nos teletransportamos. Bom, agora as duas vão morrer.

Arregalei os olhos quando vi um crânio encostado na parede.

As pilhas não eram de entulho. Eram de ossos. Cordas desgastadas e podres estavam presas às paredes próximas a elas.

Ele assassinou essas pessoas.

E vai nos matar.

— Mas p-por quê? — retruquei, os lábios secos, o cérebro paralisado de choque.

Nada daquilo fazia sentido.

Olhos cor de tempestade se estreitaram, a pele de um dourado profundo mergulhada nas sombras, a coroa de louros cintilando em cima do cabelo loiro.

Theros abriu um sorriso cruel.

— Porque eu sou o herdeiro da Casa de Zeus. — A expressão dele era doentia. — Somente eu vou usar uma coroa. Somente eu vou herdar o legado da nossa Casa e trazer honra para a nossa família... nenhuma mestiça abandonada *sarnenta* vai tirar o meu direito de nascença.

Meses antes, quando a médica dissera que os mestiços da Casa de Zeus tiveram "dificuldades", eu havia pensado que a escolha de palavras fora estranha.

Esses ossos pertencem aos mestiços.

A Casa de Zeus não tinha um problema de fertilidade. O problema era um assassino.

Demorei a montar aquele quebra-cabeça, porque algumas coisas não se encaixavam.

— Mas por que matar a sereia? Por que matar Maximum?

As caixas com partes de corpos não faziam sentido.

— Do que está falando? — perguntou Theros. — Eu não matei eles. Sei que você leu meu bilhete. Uma musa me contou. Então não finja que não foi avisada.

Espere aí, não foi ele que deixou as caixas?

A caligrafia no bilhete era diferente da que estava na caixa, mas presumi que havia sido um truque para me enganar.

Eu tinha dois perseguidores diferentes.

Puxei as cordas e gritei por entre os dentes cerrados diante da injustiça de tudo aquilo. Helena estava no chão, ainda sem se mexer.

Theros soltou um muxoxo.

— Não adianta lutar. Já fiz isso... várias vezes. Como pode ver, meu sistema é bem elaborado.

Ele se ajoelhou e pegou uma barra de ferro enferrujada.

Arregalei os olhos e puxei com mais força.

Theros se virou e bateu com o ferro na parede de metal. O baque foi alto, um som áspero ecoando pela floresta silenciosa.

Ao longe, alguma coisa gritou.

Theros sorriu para mim e soltou a barra de ferro.

— Desta vez foi fácil demais... só tive que gritar que os Titãs estavam atacando, e cá estamos: onde os verdadeiros Titãs vão atacar. Esta zona desprotegida está cheia deles. Fazer aquele Titã atacar o circuito foi quase tão fácil quanto me teletransportar. Mas os malditos Ctônicos tinham que interferir.

Ele matou Leo. Foi ele quem soltou o Titã em nosso encalço.

O grito ressoou mais alto.

Puxei com mais força.

Agora estava mais perto.

Ele amarra os prisioneiros, depois deixa os Titãs matá-los.

Theros era um monstro.

Eu ia morrer.

— Nix, ACORDE! — gritei, puxando a corda.

Ela gemeu, meio sonolenta, depois sibilou quando percebeu que havia algo errado.

— Ataque-o!

Theros arregalou os olhos e recuou.

Escamas geladas deslizaram pela minha panturrilha conforme ela se lançava para a frente. O ar se distorceu.

Um barulho abafado ressoou. Nix gemeu e caiu na terra com um baque. Atrás de seu escudo, Theros olhou ao redor, nervoso. BUUM. Ele desapareceu em uma nuvem de fumaça.

— *COVARDE!* — gritei para o espaço vazio de onde ele havia se teletransportado.

Lá fora, gritos arrepiantes ecoaram mais alto. Nix gemeu e sussurrou algo que não consegui ouvir.

Presa em uma máscara de leão, choraminguei de medo.

Aquilo tudo era real.

Eu estava cercada de cadáveres de pessoas que já estiveram naquela mesma posição antes. Helena tentara me ajudar e agora ia morrer.

Eu estava presa.

Nix fora nocauteada.

Ninguém sabia onde estávamos.

Ninguém viria nos salvar.

O canto dos pássaros ressoou conforme o cinza-escuro ia clareando com o nascer do sol.

O amanhecer havia chegado.

Outro barulho terrível ecoou pela floresta, muito mais próximo do que o anterior. Um Titã se aproximava depressa.

Se continuássemos amarradas daquele jeito, ele iria nos estraçalhar com suas garras. Seríamos fáceis de matar.

Você consegue, Alexis. Pense. Pense.

Olhei ao redor, mas não havia nada que eu pudesse alcançar para me ajudar. Nenhuma ponta afiada que cortasse a corda. Não havia uma brecha em meus pulsos. Estavam dolorosamente apertados. Theros sabia o que estava fazendo.

Respirei com dificuldade pelo nariz, abaixei a cabeça e murmurei uma oração.

Você sabe exatamente o que precisa fazer. É a única chance de salvar Helena. Charlie está esperando você voltar para casa.

Eu sabia.

Não queria, porém, fazer o que devia.

Não é justo.

O Titã gritou. Estava se aproximando. Rápido.

FAÇA.

Trinquei a mandíbula o máximo possível, me recusando a pensar no que faria, ergui as mãos amarradas sobre a cabeça e as bati com toda a força contra o chão.

Gritei e repeti o gesto.

Mais uma vez.

O tempo se distorceu em um borrão de déjà vu.

Eu tinha 10 anos, e estava batendo os pulsos contra as pedras para me livrar das cordas. Eu tinha quase 20 anos, e estava batendo as mãos contra o chão para quebrar os polegares. *Solucei, o ranho escorrendo pelo meu rosto*. Berrei, sobrepondo-me à dor.

De novo e de novo.

Puxei com força enquanto quebrava os ossos.

Gritei diante da dor ofuscante, então puxei com mais força.

Ossos quebrados perfuraram a pele queimada pela corda.

Milímetro a milímetro, minhas mãos mutiladas deslizavam por uma abertura ínfima.

Helena acordou e começou a gritar alguma coisa, mas eu não conseguia entender nada do que ela estava dizendo por causa dos berros de dor.

Minha visão ficou borrada como se eu fosse desmaiar, então pisquei rápido.

Não. Fique acordada. Recomponha-se. Ela precisa de você.

Puxei com todas as minhas forças. Continuei me batendo pelo que pareceu uma eternidade, mesmo trêmula, ofegante e coberta de suor.

Helena gritou.

Berrei e puxei com tudo. As mãos ensanguentadas *finalmente* escorregaram pela corda, e me joguei do outro lado do barracão.

De joelhos, tateei o pedaço de terra remexida até encontrar Nix. Com

movimentos bruscos, agarrei a serpente e a empurrei para a frente do vestido a fim de não me separar dela. Quando cambaleei para ficar de pé, ela gemeu de dor, mas deslizou e se enrolou com firmeza na minha perna.

Eu estava livre.

Helena, porém, ainda estava amarrada, e eu não sabia como ia libertá-la. A barra de ferro era a única ferramenta, mas não era afiada o suficiente para cortar a corda.

Ela gritou alguma coisa, mas o zumbido no meu ouvido era mais alto. Eu não conseguia entender.

Gemendo de dor, arranquei sua máscara de elefante. Seus olhos arregalados e marejados encaravam apavorados minhas mãos destruídas.

Um longo momento se passou. Então ela balançou a cabeça como se estivesse saindo de um transe.

— Faca! — disse ela, e eu fiz leitura labial. — Tem uma faca no interior da minha coxa. Pátro me obriga a carregá-la para me proteger.

Deus me ajude.

Com movimentos bruscos, levantei o vestido dela e encarei minhas mãos mutiladas, depois olhei para a faca pequena. Nunca que eu ia conseguir segurá-la. Não desse jeito. Não era humanamente possível.

Você não é humana. É metade espartana.

Não me mexi.

A dor latejou nas minhas mãos. A visão ficou borrada. O mundo girou.

É só fazer, Alexis. Não se atreva a pensar.

Eu estava paralisada.

Helena encarou a faca, depois olhou minhas mãos ensanguentadas. Seus lábios tremeram de tristeza.

Um Titã gritou lá fora, e o som estava perto. Muito perto.

Os olhos dela ficaram marejados, e Helena parecia desesperada, como se soubesse que estava condenada.

Não pense. É só agir. Agora. Senão, ela vai morrer.

Forcei meus dedos a pegarem a faca.

Gritando por entre os dentes cerrados, segurei com mais força o cabo fino e comecei a cortar o pedaço de corda entre as mãos de Helena.

A faca era afiada, mas a corda era grossa, e o movimento de cortar enviava ondas de dor inimagináveis pelo meu antebraço. Meus dedos escorregavam no cabo. A dor intensa piorou quando segurei a lâmina sem querer.

O sangue dos cortes recentes deixou o cabo escorregadio, então tive que flexionar a mão para segurá-lo.

Gritei e empurrei com mais força, cortando a corda.

Aquilo era o inferno.

O mundo girou, lágrimas escorreram pelas minhas bochechas e a escuridão fez os cantos da minha vista ficarem turvos.

Então, algo retiniu.

O barracão de metal estremeceu. Alguma coisa bateu contra ele do lado de fora.

Cortei com toda a força que eu tinha, afundando a faca na corda desgastada. Ignorei a dor profunda que devorava meus nervos enquanto o mundo girava mais rápido. O suor escorria pelo rosto. A escuridão cravava as garras nos limites da minha consciência.

Não se atreva a desmaiar.

Escutei um barulho terrível e girei a cabeça, a fim de olhar em volta. A porta emoldurava uma criatura.

A luz da manhã iluminava seu rosto repulsivo. Ele era alto e magro, a pele pálida coberta de veias escuras. Uma boca larga com dentes irregulares, olhos esbugalhados e garras afiadíssimas completavam aquela imagem aterrorizante.

Não. Não. Não. Não.

Cortei com mais afinco, e Helena puxou com toda a força, soltando um grito ao se libertar.

Não havia tempo para comemorar.

O Titã atacou.

Com a faca estendida, eu me virei e a enfiei no olho do monstro. Unhas arranharam meu braço como brasas, e eu gritei.

O Titã cambaleou e berrou, tropeçando e caindo de bunda sobre o chão de terra enquanto tentava segurar o cabo que se projetava de seu rosto.

Aproveitei a deixa.

Segurei a porta do barracão, os dedos ensanguentados escorregando conforme eu tentava me equilibrar. Então, joguei o corpo contra a porta, que bateu na cabeça do Titã. O sangue preto espirrou. Eu me joguei para a frente várias vezes, batendo nele.

Helena gritou, e o som perfurou meu transe.

Eu me virei, cambaleei até ela e a segurei.

Atrás de mim, houve um grito alto quando o Titã começou a se

levantar. Sem armas espartanas, não havia como pará-lo.

Minha visão se estreitou. Tudo rodou.

Parecia que eu estava me afogando.

Você está encurralada. Está condenada. Não há outras opções.

Havia, porém, uma possibilidade. Um tiro no escuro.

Mais teoria do que realidade.

Nem deveria ser de fato uma opção.

Clareei meus pensamentos e me concentrei em um único destino: o sentimento de lar.

O Titã avançou em nossa direção.

— *Domus* — sussurrei, as garras errando nossos corpos por centímetros enquanto o mundo desaparecia em uma explosão de escuridão ofuscante.

A dor me despedaçou.

Pisquei. Eu estava ajoelhada nas areias do Coliseu das Dolomitas, em uma nuvem de fumaça que se dissipava.

Helena soluçava ao meu lado.

Nix resmungou alguma coisa sobre ter sido esmagada e deslizou da minha perna até a areia.

De algum jeito, eu havia teletransportado nós três. Havia feito o impossível.

Dois homens em togas pretas compridas com casacos longos de pele nos encararam. A neve girava ao nosso redor.

— Alexis? Helena?

Olhos azuis gélidos e olhos pretos desalmados se arregalaram ao nos observar.

Cambaleei até ficar de pé. Helena permaneceu ajoelhada, choramingando.

Caronte avançou, o rosto contorcido ao encarar minhas mãos destruídas e o braço arranhado. Augusto estava completamente imóvel, e seu rosto empalideceu até a cicatriz se tornar um corte vermelho.

— Quem. Caralhos. Fez. ISSO. COM. VOCÊ? — A voz rouca de Caronte foi aumentando aos poucos até ele começar a gritar a plenos pulmões. — ME DIGA O NOME.

Augusto sacou uma arma e a destravou, com os olhos arregalados.

Helena soluçou mais alto na areia.

Dei as costas para aqueles homens, procurando por entre os rostos parados nas areias do coliseu.

A fúria era algo vivo e pulsante. Meu sangue fervia conforme a respiração congelada pairava no ar frio.

Como ele se atreve? Será que pensa que vai se safar dessa?

Membros de todas as doze Casas estavam espalhados ao longo do espaço oval das areias do coliseu. Bandeiras das Casas tremulavam atrás de cada grupo.

O silêncio era mortal.

Os flocos de neve caíam com delicadeza.

No meio do coliseu, Drex, Cassius, Alessander e Titus formavam uma fila. O general Cleandro, o professor Augusto e o professor Pine, que tinha uma atadura branca em volta da garganta, estavam ao lado deles. Todos usavam togas compridas com casacos de pele e, assim como no Baile de Iniciação, os protetores não estavam presentes.

A cerimônia de formatura ainda não havia começado.

Eu, porém, não me importava. Não estava ali por esse motivo.

Drex gesticulou para que me juntasse a eles, e eu desviei o olhar. Ainda o procurava.

Ali.

Caronte avançou até mim.

— ALEXIS, DIGA QUEM FEZ ISSO COM VOCÊ!

Eu me esquivei de seu aperto, porque aquela raiva era minha, não dele.

Apontei com o dedo ensanguentado e mutilado, e atravessei as areias em direção à bandeira tremulante que exibia o leão dourado da Casa de Zeus.

A adrenalina, a dor e a raiva me fizeram tremer.

Meu alvo ficou boquiaberto quando me viu caminhando na direção dele, coberta de sangue.

É bom ter medo mesmo.

Zeus franziu o cenho.

— O que significa isso? O que está…

Arranquei a máscara de leão do rosto e ataquei.

29
As Consequências

Alexis

Antes que Theros ou mais alguém percebesse o que estava acontecendo — ninguém ousaria atacar um precioso herdeiro Olimpiano na frente de todo mundo —, minhas mãos ensanguentadas envolveram o pescoço dele.

Theros cambaleou para trás.

Houve um barulho alto e retumbante conforme Zeus tentava nos alcançar. Homens se juntaram a ele, distribuindo socos sem parar. De repente, havia corpos para todos os lados. Olhos sangrentos brilharam quando dois homens atacaram os outros.

Ignorei todos eles.

Era bom mesmo que se preocupassem com seu precioso herdeiro. Era bom mesmo que entrassem em pânico. Nenhum deles era capaz de atravessar o escudo de Theros.

O mundo lá fora não passava de sons abafados e um borrão de cores.

Estávamos presos juntos.

Perfeito.

Theros caiu para trás.

— Você tentou nos matar! — gritei, me jogando em cima dele. — Deixou a gente amarrada para morrer.

Nós lutamos, minhas mãos e meus ombros latejando continuamente, mas não me importei.

— É melhor... não fazer isso — disse ele, grunhindo enquanto rolávamos na areia. — Pense na honra da nossa Casa.

Soltei uma risada rouca enquanto nos engalfinhávamos.

— Não dou a mínima para essa estupidez de honra da Casa. Eu cresci *sem casa*, seu imbecil.

Recuei o corpo e bati a cabeça em seu nariz.

Theros gemeu quando o sangue explodiu.

Arreganhei os dentes.

— O que eu aguentei durante anos te mataria num único dia.

Bati outra vez, e ele gritou de dor. Eu gritei de satisfação.

De repente, ele me deu um soco no estômago, e eu engasguei. Meus ouvidos zumbiram. Revirei os olhos e lutei para permanecer consciente.

Theros se contorceu e me jogou contra a areia, os olhos cinzentos arregalados e ensandecidos conforme montava em mim. Suas mãos deslizaram até o meu pescoço e ele começou a me enforcar.

Ergui os punhos e acertei seu rosto, os pedaços de ossos quebrados arranhando sua pele.

— *Covarde*! — gritei.

O sangue começou a pingar.

Ele apertou meu pescoço com mais força.

Forcei os lábios a se abrirem em um sorriso, mesmo sufocando.

— Agora todo mundo... sabe — arquejei — que tipo de monstro você... é. — Soltei uma risada rouca e zombeteira.

Suas narinas se dilataram, e ele gritou, recuando o punho.

Uma dor explodiu no meu peito, mas Theros estava paralisado. Seu punho estava recuado como se estivesse se preparando para me dar um soco, mas ele estava imóvel.

Eu não sabia de onde vinha a dor intensa que perfurava meu peito. A dor incandescente.

Apertei o peito, respirando com dificuldade.

Será que estou tendo um ataque cardíaco?

Acima de mim, Theros começou a gritar.

Seus olhos se reviraram. Uma espuma escorria de seus lábios enquanto ele convulsionava.

A dor no meu peito aumentou.

Theros gritou mais alto, e o som era terrível.

Em câmera lenta, ele caiu para trás. Seu escudo desmoronou, e o mundo exterior entrou completamente em foco.

Agora, todo mundo nas areias nos cercava. Dezenas de espartanos me encararam. Os Olimpianos avançaram, mas duas figuras os puxaram de volta.

— Fiquem longe dela! — gritou alguém.

Então, escutei alguns grunhidos conforme os espartanos se viravam para se defender contra os agressores.

No chão, Theros berrou ainda mais alto.

— Alexis! — Pátro se ajoelhou diante de mim, bloqueando minha visão do tumulto. — Pare com isso. Solte-o! — gritou ele.

Aquiles estava ao seu lado, a expressão furiosa.

Do que ele está falando?

Theros soltou um grito ensurdecedor.

— Concentre-se em respirar devagar — explicou Pátro, compreendendo a confusão em meu rosto. — Imagine que a dor no seu peito está se dissipando. Apenas se concentre em cada respiração.

Ele respirou fundo para demonstrar o que queria dizer.

Imitei seus movimentos.

Aos poucos, a dor lancinante no meu peito diminuiu.

A pressão terrível relaxou.

Theros parou de berrar. Ele gemeu baixinho e foi se sentando devagar, ainda se contorcendo na areia.

— Muito bem, você está conseguindo — disse Pátro, acariciando minhas costas. — Desse jeito, boa garota. Estou muito orgulhoso de você.

Eu me reclinei contra seu toque.

— Ela... ela... ela estava... — gaguejou Theros, se arrastando para longe de mim, a espuma ainda escorrendo pela lateral da boca.

Olhei para ele de cara feia e arreganhei os dentes.

Ele soltou um gritinho.

— Não se preocupe com ele. Theros não tem importância — disse Pátro, me tranquilizando. — Concentre-se em mim. Concentre-se em respirar fundo até a dor no seu peito desaparecer. Isso, desse jeito. Você está indo bem. Ao contrário dos Olimpianos, o nosso poder está no coração.

Que poder?

Assenti, trêmula, e continuei respirando devagar enquanto me apoiava nele, embora não estivesse entendendo nada.

— Ela... ela... ela — gritou Theros, tossindo e apontando para mim. — Os olhos dela estavam cheios de sangue... ela é um deles... quase me matou... Prendam essa menina! Ela é um monstro... ela estava...

— SILÊNCIO! — berrou uma voz de arrepiar.

Um silêncio mortal caiu sobre o coliseu, e os homens pararam de lutar à nossa volta. Não se ouvia um único pio.

— O. Que. Significa. Isso? — Hades pronunciou cada palavra com uma lentidão meticulosa, atravessando a areia em direção a nós.

Uma névoa preta rodeava seus pés como se fosse fumaça.

Ninguém se mexeu.

Ninguém respirou.

Um alerta reluziu em olhos pretos como a meia-noite.

— É bom alguém me explicar *agora* o que acabei de ver.

Pátro engoliu em seco, depois se levantou diante de mim. Seu corpo impediu que Hades me visse.

— Nossa aprendiz, Alexis Hert — declarou Pátro, bem alto, a confiança ressoando em sua voz —, desapareceu na noite passada com a minha irmã, Helena Afrodite, no meio do caos do Baile de Iniciação... As duas chegaram aqui esta manhã.

Theros arquejou de surpresa ao ouvir o sobrenome de Helena, depois ganiu de dor.

Todo mundo começou a sussurrar.

Ótimo, espero que ele perceba que é um homem morto. Não vão deixá-lo se safar por machucá-la.

— Minha irmã está em choque e lutando para se recuperar — continuou Pátro —, mas, pelo que me contou, este homem as atacou. — Ele apontou para Theros, os olhos cheios de sangue. — Alexis se sacrificou para salvar minha irmã, depois se teletransportou com ela até estarem em segurança.

Os sussurros aumentaram.

Pátro pigarreou e respirou fundo.

— O que vimos aqui foi Alexis confrontando o agressor da minha irmã. Durante a briga, seus olhos se encheram de sangue. Ela ativou poderes Ctônicos que não sabia que tinha, e pelo que vi... acredito que o sangue de Alexis *é* o seu poder. Com ele, ela consegue causar dor aos outros.

O quê?

Pátro voltou a olhar para mim com uma expressão suplicante, como se me implorasse para compreender algo que não fora dito.

Os sussurros se transformaram em gritos.

Zeus se encolheu como se tivesse levado um soco, a eletricidade faiscando sem controle em volta dele.

— Alexis é uma herdeira Ctônica poderosa, e salvou Helena! — gritou Pátro com orgulho, erguendo o punho no ar. — Ela é uma heroína!

Aquiles ficou de pé e imitou o gesto.

Os gritos se transformaram em um rugido quando todos em Esparta surtaram.

Theros choramingou.

O retorno forte zumbiu no meu ouvido esquerdo.

Encarei minhas mãos mutiladas, os pedaços de ossos espiando pela pele destruída, enquanto tudo girava ao meu redor.

Respirei com dificuldade.

Ai, meu Deus.

Não.

Por favor, não.

O comentário de Pátro sobre o poder dentro do meu peito me atingiu como um soco direto no rosto. Foi por isso que senti aquela pressão no peito quando me conectei com Fofinho Jr., enquanto os outros novatos sentiram apenas em suas cabeças.

Pátro dissera que os Olimpianos sentiam seus poderes de maneira diferente dele e de Aquiles.

Eu era como eles. Era Ctônica.

Não. Não. Não. Não. Não. Não.

Deus me ajude.

Durante toda a minha vida, eu sentira aquela dor ofuscante no peito apenas quatro vezes além daquele dia.

Primeira.

A mãe adotiva havia morrido depois que arranhei seu rosto com as unhas ensanguentadas. Ela gritara alguma coisa a respeito de um demônio de olhos vermelhos enquanto olhava direto para mim.

Segunda.

Os garotos implorando e convulsionando durante o massacre, a espuma escorrendo de seus lábios, depois que eu arranhei suas feridas com dedos ensanguentados. Todos me encararam apavorados. E um brilho vermelho refletiu na névoa.

Terceira.

Christos se debatendo na água, espumando pela boca enquanto gritava e tentava se afastar de mim, depois de termos trocado um aperto de mão cheio de sangue.

Quarta.

A sereia espasmando quando se cortou com uma faca coberta pelo meu

sangue. Ela morreu logo depois.

Todas as vezes, eu havia sentido uma dor excruciante no peito, como se estivesse tendo um ataque cardíaco.

Não era pânico.

Eu havia matado, assassinado todos eles.

Ao contrário dessa última vez, antes nunca houve ninguém por perto para me acalmar, para me ensinar a controlar meus poderes.

— *VOCÊ OS ASSASSINOU. PECADORA*! — gritou o padre John na minha cabeça, apontando para mim.

Pátro disse que a névoa de Hades te mostra a pior coisa que você já fez na vida.

Você ouviu a mãe gritar.

No final, a névoa te atacou porque você *estava matando aqueles garotos.*

Agarrei a cabeça com as mãos destruídas e abri a boca para implorar por misericórdia, mas não consegui falar.

Os animais no cativeiro me odiaram porque perceberam o que eu realmente era.

Minha cabeça parecia submersa.

Minha alma estava no inferno.

Eu estivera me iludindo aquele tempo todo, esperando que a minha habilidade fosse comum.

O motivo de eu não sentir alegria quando conversava com Nix ou com as sereias era porque o meu poder espartano não influenciava nesses diálogos. Devia ser outra coisa.

Drex nunca fora o monstro Ctônico. Sempre havia sido eu.

Havia muita coisa acontecendo. Eu estava em queda livre, incapaz de desacelerar enquanto despencava para a ruína.

Ai, meu Deus.

A expressão suplicante de Pátro fez sentido. Por causa dele, todos achavam que o meu poder causava apenas dor. Era mentira.

Ele matava.

E eu teria assassinado Theros se Pátro não tivesse ajudado a me acalmar. Eu teria matado um *imortal*.

Aquilo não devia ser possível, mas era.

Se o mal passa despercebido, será que ele ainda existe?

Eu estava completamente desequilibrada. Caí de volta na areia,

esparramada e destruída. A sensação de estar submersa piorou.

O que eu sou?

Uma névoa preta espiralou quando vestes escuras se aproximaram.

Como posso viver comigo mesma?

Como posso conviver com o que me tornei?

— Mas isso não é possível — disse Hades, bem alto, e todos em Esparta ficaram em silêncio. — Ela não pode ser uma herdeira Ctônica. Nós saberíamos se uma criança tivesse nascido...

Ele parou de falar e deu um passo para trás.

Tinha o rosto de um homem atormentado.

— ZEUS — berrou ele, de repente. — Você *disse* que ela estava morta... disse que tinha certeza de que os Titãs a mataram. Fizemos o funeral juntos!

Zeus avançou, a eletricidade faiscando ao seu redor.

— Ela estava! Vyco da Casa de Hermes, onde você está? Explique-se!

Um homem mais velho deu uma corridinha até nós.

— Pátro — chamou Hades. — Toque-o. Precisamos saber se ele está mentindo.

Meu mentor assentiu e se apressou até o homem que se apresentara. Aquiles parou ao seu lado de maneira protetora, como uma sentinela de focinheira.

— AJOELHE-SE! — ordenou Zeus, e Vyco caiu de joelhos. — Volte a me explicar *exatamente* o que aconteceu no dia em que Hércules foi assassinada.

Olhos cinzentos como a tempestade se reviraram de raiva.

Eu me empertiguei.

Hércules era a palavra de oito letras que estava bordada no tecido com que me encontraram quando eu era bebê. Era um nome, não uma marca.

Os pelos dos meus braços se arrepiaram.

Um mau pressentimento percorreu meu corpo.

Tudo acontecia em câmera lenta, como se eu estivesse no meio de um acidente de carro.

Vyco ergueu a cabeça.

— Houve um ataque de Titãs na Casa de Zeus durante uma reunião da federação — contou ele. — Os espartanos estavam reunidos em outro cômodo. Eu tinha acabado de chegar e estava no vestíbulo. As babás de Hércules morreram na minha frente. No meio do caos, eu peguei a bebê e me teletransportei. Acabei indo parar em uma zona rural. De repente, havia

sangue para todos os lados, e eu comecei a convulsionar. Desmaiei... e, quando acordei, estava sozinho. A bebê havia desaparecido. Presumi que tinha sido assassinada pelos Titãs ou por um animal selvagem.

Pátro ergueu a cabeça, os olhos vermelhos ardentes.

— Ele está dizendo a verdade.

— Você disse que viu a bebê morrer! — berrou Zeus, rodeando Vyco.

Vyco balançou a cabeça.

— Eu achei que sim. Era uma bebê *desprotegida*. Tinha sangue, monstros atacando. Foi isso o que achei que aconteceu.

— É verdade — anunciou Pátro, os olhos ainda vermelho-sangue.

Zeus se virou para Hades, que derramava névoa.

Ambos trocaram um olhar longo.

Naquele momento, a cicatriz no meu peito formigou, e eu a cocei. Minha mão ficou imóvel. Eu tinha aquela marca desde que era bebê.

Era uma linha reta perfeita. Alguém tentou me esfaquear.

Arrepios percorreram minha coluna, e minha intuição me disse que a história de Vyco não era toda a verdade.

Havia mais alguma coisa acontecendo.

Algo maior do que o que fora dito.

A voz de Zeus reverberou, seu olhar ainda fixo em Hades.

— Vyco, você ocultou informações sobre o sequestro da minha afilhada. Depois decidiremos o que fazer com você.

Espere aí, se ele é meu padrinho, então quem é o meu...

Hades veio até mim. Seus olhos pretos como a meia-noite e sua constituição alta e esguia eram estranhamente familiares. A neve rodopiava em volta dele.

Ele parou à minha frente e caiu de joelhos.

— Filha, é você mesmo? — Lágrimas brilharam em seus olhos, e dedos compridos e pálidos tremeram ao se estenderem devagar e pegarem um cacho solto do meu cabelo. — Você se parece tanto com a sua mãe.

— Hércules!

Perséfone se ajoelhou diante de mim. O tom dourado-escuro de sua pele também era familiar. Sua juba de cachos dourados era igual à minha, apenas um pouco mais clara. Olhos azuis arregalados me encaravam enquanto ela apertava meu rosto. Então, começou a soluçar.

— Obrigaram a minha filhinha a participar do torneio — reclamou ela, me abraçando. — Minha pobre anjinha. — Ela afastou alguns cachos da

minha testa. — Você deve ter ficado tão assustada.

Eu a encarei de volta.

Estava paralisada.

Não conseguia encontrar palavras para dizer.

Ela me abraçava como se me amasse. Ninguém nunca me abraçou desse jeito.

Mãe?

Pai?

Lágrimas escorreram pelas minhas bochechas.

Ambos me abraçavam com muito carinho, e eu, um monstro, estava ajoelhada nos braços deles.

Um longo instante se passou enquanto nós três nos abraçávamos nas areias.

Zeus avançou, lançando uma sombra sobre nós. A voz dele destruiu aquele momento.

— Como ela é uma herdeira honrada que foi forçada a suportar a selvageria do torneio... de acordo com os nossos costumes, algo deve ser feito para reparar a desonra crítica que sofreu... Eu proponho uma aliança com a minha Casa. Um casamento.

Espere aí, o quê?

Hades e Perséfone ficaram paralisados nos meus braços. Juntos, ambos ficaram de pé.

Eu também me levantei, cambaleando atrás deles, quase desmaiando de dor ao me mexer. Tudo girou. A vontade de desabar era grande.

A adrenalina estava passando.

Pisquei depressa, me obrigando a permanecer consciente.

— Como se atreve a propor um noivado com o homem que machucou ela e Helena? — perguntou Hades, a voz trêmula de raiva.

Perséfone gritou e avançou.

— Olhe para as mãos e o braço destruídos da minha filha! Olhe o que ele fez com ela! Helena está inconsolável por causa do ataque... como se *atreve*...

Hades a segurou.

Zeus ergueu as mãos em um gesto de quem se rendia.

— Não quis insinuar que a minha afilhada se casaria com Theros. Eu não me expliquei bem. Peço sinceras desculpas. Vamos resolver as coisas com Theros depois. — Ele colocou a mão sobre o coração. — Ambas as

mulheres sofreram uma desonra crítica — continuou Zeus. — Por associação, a honra de Helena também está em jogo. Vocês sabem disso, é a nossa lei. Qualquer Casa Olimpiana irá servir. Algum herdeiro se coloca à disposição de cortejar a mão dela?

Por que Helena seria punida por ser sequestrada? Por que eu estaria desonrada se eles *me forçaram a participar do torneio?*

Eu queria gritar e puxar meu cabelo. As leis espartanas eram arcaicas e psicóticas.

Dezenas de homens avançaram. Eu recuei.

Não. Por favor, não. Eu preferiria lutar contra um Titã.

Perséfone se virou para mim, e eu balancei a cabeça. Hades soltou a esposa, e ela veio ficar ao meu lado.

— A *minha* filha não aceitará nenhum contrato de casamento hoje — zombou Perséfone, num tom cruel. — Afastem-se, seus idiotas. Ela está machucada, está sangrando. Onde está a honra de vocês? São todos uma vergonha.

Os homens baixaram as cabeças, constrangidos.

Eu me aproximei ainda mais dela. A dor lancinante nas minhas mãos fazia com que tudo ficasse indistinto, e estava ficando mais difícil de enxergar.

— Temos um probleminha — gritou uma voz rouca.

Caronte deu um passo à frente.

Ele caminhou devagar pelo coliseu, a capa de pele se arrastando pela areia, a coroa de prata torta em sua cabeça. Havia sangue espalhado por seu rosto, e os nós dos dedos estavam machucados, como se ele tivesse se metido em uma briga.

Olhos azuis gélidos encararam os meus.

— Ela já está comprometida — anunciou ele.

Murmúrios irromperam pelo coliseu.

Confusa, Perséfone olhou para mim. Eu encarei Caronte.

O que ele está fazendo?

Seu sorriso era perverso.

— Ela já está comprometida comigo e com o meu parceiro. De acordo com a nova lei do casamento, nós decidimos nos casar com ela.

Os murmúrios se transformaram em gritos.

— Como é que é? — Hades rosnou, a névoa preta espiralando. — O que foi que você disse a respeito da minha filha?

Não, não estou comprometida. Por que ele está mentindo?

Estreitei os olhos para ele e balancei a cabeça, tentando impedi-lo de continuar com o que quer que estivesse tramando.

— Posso provar! — gritou ele, e as areias ficaram em silêncio.

Ele arqueou uma sobrancelha escura, como se desafiasse alguém a contestar seu blefe.

Hades gesticulou para Pátro.

— Veja se ele está mentindo.

Olhos verdes se arregalaram. Então, Pátro foi devagar até seu amigo, como se desejasse estar em qualquer outro lugar.

Bufei. *Com certeza estão nessa juntos. É tudo fingimento.*

Caronte sorriu, ainda olhando direto nos meus olhos.

— Meu companheiro e eu enviamos dois presentes de noivado para Alexis Hert. Duas caixas — explicou ele, com orgulho.

O mundo estremeceu. Meus joelhos cederam. Tudo girou.

Caronte abriu um sorrisinho, como se eu estivesse exatamente onde ele queria.

— Ambas as caixas foram embrulhadas com veludo vermelho e amarradas com um laço preto de seda com detalhes dourados. Cada uma tinha dois dos três presentes de costume. Símbolos de nossa proteção foram colocados sobre relíquias de família inestimáveis.

Senti o gosto da bile.

Símbolos de proteção. Ele quis dizer partes de corpos.

Eu nunca havia olhado debaixo do papel de seda, mas algo de fato havia reluzido.

— Também lhe demos um cobertor bem caro — continuou Caronte — e roupas nossas. Ela abriu as duas caixas, usou o cobertor e vestiu as roupas. Ficou bem *evidente* que aceitou o noivado.

Um rugido irrompeu por Esparta. As pessoas gritavam e falavam, todos berrando como se eu tivesse feito algo chocante.

Os olhos do traidor brilharam de satisfação. Olhei de cara feia para ele. *Vá se ferrar.*

Caronte sabia que eu não fazia ideia de que estava aceitando algo ao abrir as caixas. Ele havia me encurralado e jogado comigo. Eu estava exatamente onde ele queria.

Seu sorriso era imoral.

Uma satisfação masculina exalava dele, como se tivesse apostado a

longo prazo e ganhado.

Outra percepção terrível me atingiu.

Não.

Puta merda.

Não pode ser.

Ele havia me encarado com certo interesse enquanto Christos se afogava. Meus olhos deviam estar cheios de sangue.

Caronte sabia que eu era Ctônica. O tempo todo.

Ele sabia desde o começo.

Os comentários enigmáticos sobre segredos, ou o fato de ter me encurralado na primeira vez que nos encontramos, não pareciam mais atos tão misteriosos.

Quando ele falara sobre me manter segura, eu havia presumido que estava apenas preocupado com os meus mentores.

Caronte, porém, me queria ilesa.

Porque sabia que *eu* era Ctônica.

Ele queria se casar comigo desde que descobriu.

Eu sou a porra da brecha. É comigo que ele pode contornar a lei e não ser obrigado a se casar com uma Olimpiana.

A bile subiu até a minha garganta.

Eu havia me sentido tão mal pela pobre mulher com quem ele ia se casar. *As Crônicas do Falcão* disseram que o flagraram enviando joias de noivado no mesmo momento em que eu recebera a primeira caixa.

Eu era a mulher a respeito de quem eles escreveram.

Caronte brincou comigo esse tempo todo.

— SILÊNCIO! — berrou Hades, e mais uma vez o coliseu parou de falar. — Pátro, é verdade?

Olhos verdes olharam de relance para os meus, se desculpando.

— Sim, ele disse a verdade — afirmou Pátro, franzindo a testa como se lhe doesse pronunciar aquelas palavras.

Hades se virou para mim.

— Filha, você nega o que ele diz? Pode falar livremente. Por favor, seja honesta. Se ele estiver mentindo, eu posso…

— É verdade — falei, entorpecida, interrompendo Hades.

Uma dor profunda se misturou à exaustão.

Aquilo tudo era demais.

Eu estava enjoada. Havia perdido a vontade de lutar.

— Um noivado é sagrado — anunciou Caronte, sério. — A federação não pode interferir depois de ela ter aceitado. Não só estou agindo dentro da lei do casamento, como isso também salva a honra dela *e* a de Helena. — O rosto dele era simpático, como se estivesse apenas tentando ajudar. — Eu passei a... me importar muito com Alexis — concluiu ele, a voz trêmula de emoção.

Mentiroso.

MENTIROSO!

Ele está fazendo cena. É tudo um jogo.

Eu sou só uma brecha.

Perséfone deve ter sentido a minha agitação, porque abraçou meus ombros e me aninhou contra seu corpo.

— Vai ficar tudo bem, querida. Pode deixar comigo.

Meus olhos ficaram marejados porque ninguém nunca dissera aquilo para mim, e nunca havia sido menos verdadeiro.

Zeus avançou, o ultraje estampado em seu rosto.

— E quem é esse companheiro que também vai se casar?

Caronte deu um passo para o lado.

Augusto avançou, a coroa cintilando sobre o cabelo bicolor. Assim como Caronte, havia sangue espalhado pelo seu corpo.

Não.

Ele não. Qualquer um, menos ele.

Vozes murmuraram.

— O herdeiro da Casa de Ártemis *e* o herdeiro da Casa de Ares. Por Cronos! — disse uma pessoa.

— Os dois herdeiros Ctônicos? — Alguém arquejou. — Isso é loucura.

Do outro lado da areia, Augusto me encarou com os olhos de um assassino. Ele sustentou meu olhar, sem piscar.

Caronte contou a ele o que eu era depois daquela primeira semana. Foi por isso que ele me lançou um olhar acusador na aula. Por isso fez comentários enigmáticos sobre o meu poder e a minha desonra. Por isso reforçou que as vidas Ctônicas eram importantes. Era a minha vida Ctônica, não as dos meus mentores.

Ambos estavam me usando. Simples assim.

Helena ergueu o olhar, ainda ajoelhada na areia, agora com Pátro ao seu lado. Os olhos dela estavam arregalados de compaixão. Eles brilharam de tristeza.

O burburinho aumentou ao nosso redor.

— Nós a cortejamos juntos — anunciou Augusto, a voz suave como seda e cheia de confiança. — Por isso mandamos duas caixas, e as duas foram abertas. Ela aceitou nós dois.

Nunca.

Ao contrário de Caronte, ele não sorriu. Sua expressão era estoica.

Zeus franziu o cenho.

— Mas a federação declarou na lei do casamento que vocês não podem se casar com uma Ctônica. É inaceitável que os três…

— A federação declarou — interrompeu Augusto, devagar — que não podíamos nos casar *somente* com um dos dez nomes Ctônicos listados na lei. Alexis Hert não está naquela lista.

— Mas… — gaguejou Zeus. — O objetivo da lei…

— O objetivo da lei — interrompeu Caronte — não importa. O que importa é que cumprimos o mandato da lei em vigor com precisão. Como Alexis *não* está na lista, não tem problema.

Zeus cerrou os punhos, o rosto enrubescendo, mas não disse nada.

Perdi o fôlego. Os dois homens com máscaras de lobo me perguntaram onde estavam as minhas joias.

Eram eles.

Queriam saber por que eu não estava usando seus presentes horríveis.

E haviam me tocado com tanta… intimidade. E a pior parte? Eu gostei. Uma parte de mim sabia quem eram. Como uma tola, porém, ignorei os sinais de alerta.

Devem ter dado risada depois.

Ambos participaram de um jogo doentio durante meses.

Armando para se casarem comigo.

E me usando para evitar a lei do casamento.

Tem algo de errado com eles. São… loucos.

Eu conseguia sentir sua energia feroz a quilômetros de distância pela maneira como me observavam. Os olhos de ambos estavam meio arregalados, a postura rígida demais.

Eles usavam o carisma para esconder quem de fato eram.

O padre John estava errado. O diabo não era uma figura solitária. Eram dois homens, e ambos estavam diante de mim, banhados em sangue.

Promessas selvagens brilhavam em suas expressões.

De repente, as emoções me sobrecarregaram.

Eu nunca tivera um relacionamento, e agora *aquilo* estava acontecendo. Eu me sentia completamente perdida.

Meu lábio inferior tremeu quando olhei de cara feia para os dois. O semblante de Augusto ficou triste. Ele parecia despedaçado.

Desviei o olhar.

Tudo se transformou em um borrão. O tempo ficou meio confuso conforme minha cabeça girava pela perda de sangue.

Zeus pigarreou, e uma centelha de rancor brilhou em seus olhos ao me encarar.

— De acordo com a cláusula do artigo três — declarou ele, com a voz rouca —, a lei declara que todos os Ctônicos são obrigados a participar da Congregação da Morte se sobreviverem ao torneio. É a nossa lei. Ela deve se juntar a eles. Como Ctônica, Alexis também… deve competir no próximo Combate dos Gladiadores Espartanos.

Perséfone gritou. Zeus e Hades começaram a discutir.

Helena soluçou mais alto na areia.

Totalmente exausta, apenas desejando que o dia (a vida) acabasse, eu cambaleei até o grupo.

— Eu topo — falei.

Nada mais importa. Já estou morta mesmo.

— Filha — disse Hades —, não precisa fazer isso.

— Por Cronos, nem fodendo que você vai obrigar nossa noiva a lutar contra os Titãs e competir naquele combate selvagem — gritou Augusto, cheio de desprezo. — Ela seria a primeira jovem herdeira a fazer isso em décadas. É absurdo e vergonhoso. *Nunca* permitirei isso.

Ao lado dele, Caronte concordou. Ambos pareciam furiosos.

Se mais algum homem falasse por mim, eu ia surtar.

— Tecnicamente… — Zeus franziu a testa. — De acordo com o artigo três do Ato de Reparação da Grande Guerra, ela tem que…

— *EU TOPO*! — gritei, a plenos pulmões, o peito arfando e a visão turva. — Já falei que topo, porra — afirmei, agitando minhas mãos mutiladas.

Todos em Esparta ficaram em silêncio.

Ninguém disse nada.

Cambaleei até onde os novatos estavam parados, esperando a cerimônia de formatura começar.

Eu queria lutar.

Matar.

Morrer num campo de batalha.

Cortem-me em pedacinhos. Coloquem-me em coma. Eu desafio todos vocês. POR FAVOR, FAÇAM ISSO, SEUS MENTIROSOS NOJENTOS.

Zeus e Hades gritaram para que todos voltassem a suas posições.

O tempo se distorceu.

Eu estava parada ao lado de Drex e dos outros novatos no meio do coliseu. A neve caía em silêncio ao nosso redor.

Na fila, Titus olhou para mim. Ele tinha uma expressão horrorizada, como se estivesse se sentindo mal por mim.

Eu o encarei, inexpressiva.

Morta.

Entorpecida.

Uma assassina.

O sangue envenenado pingava das minhas mãos destruídas, as mãos de uma assassina.

Quando os nomes dos outros novatos foram lidos em voz alta, o general Cleandro anunciou que eles estavam formados e eram cidadãos de Esparta. No entanto, ao ler o meu, ele parou.

— Alexis... digo, Hércules — chamou ele, relutante. — Você aceita servir durante toda a vida na Congregação da Morte, lutando contra Titãs e... defendendo Esparta?

Ele aguardou, a expressão severa.

Abri um sorriso frio.

— Sim. Com prazer.

Ele fez uma careta e desviou o olhar, como se não conseguisse encarar a escuridão nos meus olhos. Bufei e cambaleei de volta até a fila.

Eu era aquilo que eles me tornaram. E todos odiavam esse fato.

Dei uma risadinha trêmula para mim mesma quando nos formamos no torneio, com todos em Esparta nos encarando.

Ninguém comemorou.

Hades e Perséfone correram até mim, enquanto Aquiles e Pátro se ajoelharam perto de Helena, sussurrando algo para ela. Meus mentores ergueram o olhar e me encararam com expressões intensas. Desviei os olhos.

Eu queria ir até lá e garantir que ela estava bem, mas mal conseguia ficar de pé.

Caronte e Augusto caminhavam atrás dos meus pais. Nix me encontrou

com um sibilar exausto, se enrolando em minha garganta.

Vilões.

Inimigos.

Meus noivos.

O mundo girou mais rápido.

— O que aconteceu com seu olho? — perguntou Perséfone, andando depressa ao meu lado e reclinando meu queixo. — Não era assim quando você era bebê.

Caronte e Augusto viraram as cabeças depressa para mim.

— Não sei — murmurei, entorpecida, a mentira pouco convincente.

Então, Pátro, Caronte, Aquiles e Augusto se viraram para Theros com expressões assassinas.

Eu me afastei dos meus pais.

— Tenho que ir.

Eles estenderam os braços para mim, mas era tarde demais.

— *Domus* — sussurrei, a voz trêmula, com apenas um rosto na mente.

O mundo explodiu quando me teletransportei.



30
Charlie

Alexis

Tudo estava escuro quando cheguei.

— Você está aí? — gritei, a respiração saindo em uma lufada congelada conforme eu cambaleava até ficar de pé e evitava por pouco bater no tronco de uma árvore.

A floresta de Montana estava escura.

Estávamos no meio da noite, e a neve caía em flocos pesados.

Andando em círculos e com a visão turva, tentei desesperadamente me orientar entre os galhos congelados das árvores.

Avancei aos trancos e barrancos, meio inconsciente e delirando de dor, esmagando a neve com minhas solas destruídas.

— Charlie? — gritei, atravessando a floresta.

Gravetos estalavam alto, mas eu não me importei de agitar a vida noturna. Pela primeira vez na vida, os Titãs não pareciam uma ameaça arrasadora.

Havia monstros piores no mundo. E eu era um deles.

Nix resmungava enquanto dormia, se mexendo na minha garganta, e meu coração batia descompassado dentro do peito, bombeando sangue venenoso para as minhas veias.

Você assassinou todos eles.

— Charlie! — gritei, o desespero me deixando enjoada.

Ele estava lá quando você matou sua primeira vítima. Estava chorando num canto enquanto você destruía a mãe. Como se atreve a sujá-lo com sua presença imoral?

As lágrimas congelavam conforme escorriam pelo meu rosto.

Tudo doía.

Minha alma sombria estava pegando fogo.

Empurrei galhos congelados, sem me importar quando arranharam minha pele e abriram novas feridas.

— Charlie — sussurrei, desapontada, perdendo a esperança.

Ele não quer te ver. Você o abandonou. Agora ele te odeia.

Soluçando, esbarrei em uma árvore e caí no chão da floresta.

Você é realmente má. Deus não vai te salvar. Carl e Emmy ficariam desapontados.

Com as mãos e os joelhos sobre a neve rasa, abri a boca para chorar, mas saiu um berro.

— Alexis? — gritou uma voz masculina desconhecida, e passos pesados atravessaram a floresta.

Chorei ainda mais, porque Charlie não falava. *Os espartanos me encontraram antes que eu conseguisse chegar até ele.*

O espartano se aproximava depressa enquanto corria com habilidade pela floresta. Era apenas uma sombra se movendo.

— Alexis! — gritou o desconhecido ao cair de joelhos ao meu lado.

O luar tocou sua pele pálida, as feições proeminentes, o cabelo loiro bagunçado e os olhos amarelos intensos.

— Charlie — sussurrei, com a voz rouca.

Dedos compridos se moveram depressa.

— Irmãzinha — sinalizou Charlie, envolvendo meus ombros e me dando um abraço apertado.

Nix sibilou quando ele esbarrou nela, mas Charlie não pareceu notar. Estava ocupado demais me abraçando, como se tivesse medo de que eu desaparecesse.

Cercados pelo gelo e pela neve, o calor explodiu no meu peito. Eu finalmente estava em casa.

Ambos tremíamos enquanto nos abraçávamos.

Mesmo eu reclamando que conseguia andar, Charlie me pegou no colo e me carregou por entre as árvores.

O tempo passou em um borrão.

O mundo se distorceu.

Eu estava sentada sobre várias camadas de tapetes antigos. Uma colcha de retalhos envolvia meus ombros e os de Charlie. Ele estava mais alto e mais largo que da última vez que eu o vira, e nós dois mal cabíamos dentro da caixa recortada.

O papelão e a lona cobriam nossas cabeças. Galhos congelados

retiniam contra as laterais da caixa enquanto o vento uivava.

A luz verde bruxuleante da lanterna quebrada iluminava a superfície angular do rosto de Charlie. Sua estrutura óssea crescera, mas ele não tinha músculos ou gordura corporal. As feições eram encovadas e magricelas.

O desespero queimou dentro do meu peito.

— Me desculpe — sussurrei. — Por abandonar você. Eu fiz o teste, e tudo aconteceu muito rápido. Eles me levaram. Houve um massacre, depois veio o torneio, e então descobri... meu sangue... eles me usaram.

Arfei, incapaz de concatenar meus pensamentos.

Charlie se aproximou, e nos apoiamos completamente um no outro. O corpo dele tremia.

— Fiquei com tanto medo — sinalizou ele. — Todo mundo na escola começou a dizer que você era uma espartana perdida e que tinham te levado para a Itália. Tentei dar um jeito de chegar até você, mas humanos não podem atravessar o Atlântico. Não havia como entrar em contato. Morri de preocupação todos os dias. Eu *devia* estar lá para te proteger. Você nunca foi muito de lutar. Não devia ter passado por tudo isso... Sinto muito.

Lágrimas escorreram pelo rosto dele.

Eu me joguei para a frente e o abracei com força.

Sua pele estava gélida, como se ele não se aquecesse há semanas, e eu queria gritar diante da injustiça de tudo aquilo.

Nós nos abraçamos com desespero.

— Se eu tivesse que escolher entre participar do torneio ou ver você participar — sussurrei, a voz trêmula —, eu iria sem pestanejar. Você também não gosta de lutar. Não muito. Nenhum de nós dois devia viver desse jeito. Merecemos mais.

Longos instantes se passaram enquanto nos abraçávamos.

Recuei um pouco.

— Onde está Fofinha? — sussurrei, confusa, olhando em volta da caixa pequena e apertada.

Charlie abaixou a cabeça.

— Eu tentei — sinalizou devagar. — Dei toda a carne para ela, mas não foi o suficiente.

Minha visão ficou preta. Nix não estava ali, então não havia ninguém para alimentar a cadela.

— Ela não sobreviveu ao começo do inverno. — Ele afundou a cabeça nas mãos e chorou, um lamento de partir o coração.

— Não foi culpa sua. — Engasguei com um soluço choroso. — Por favor, não foi culpa sua. Por favor. Por favor, me escute. Por favor.

Mais uma vez, abracei meu irmãozinho e o apertei com força.

O vento uivava alto. Os galhos retiniam. E nós dois não passávamos de almas destruídas, tentando fazer o possível para sobreviver em um mundo cruel e impiedoso.

Naquela noite escura, sofremos juntos.

Por Fofinha, que sempre fora uma luz brilhante e reluzente de amor em um lugar cruel.

Por nós dois.

Pelos dias terríveis que passamos separados.

— Eu prometo — sussurrei sob a luz verde bruxuleante — que nunca mais vou te abandonar. Você sempre estará ao meu lado.

— Sempre — sinalizou ele.

Enrolados debaixo de um cobertor roubado, pegamos no sono, tremendo nos braços um do outro. A dor latejava pelos meus membros, mas eu a ignorei com facilidade.

Ali era o único lugar em que eu queria estar.

Acordei com latidos furiosos à distância. Charlie gemeu e se remexeu enquanto dormia.

— Acorde — sussurrei, cutucando seu ombro com o cotovelo.

Ele se sentou, arfando.

— O que foi? — sinalizou, o cabelo loiro desgrenhado, os olhos amarelos sonolentos.

— Escute. — Apontei para o lado de fora.

Os latidos ficaram mais altos.

— Quem são? — sinalizou. — O que eles…

O teto foi arrancado de nossas cabeças. Os raios brilhantes da manhã refletiram na neve com uma intensidade ofuscante.

Quatro homens altos estavam parados na floresta, usando togas e peles compridas. Um deles sacou uma arma.

Popeia se ajoelhou aos pés deles, e Nero estava imóvel, cheirando o ar como se houvesse algo ali.

Antes que eu pudesse reagir, Charlie se jogou na minha frente, criando um escudo com seu corpo largo.

— Por que *caralhos* você está dentro de uma caixa de papelão, e quem diabos é esse aí? — questionou Caronte, a voz rouca. — Na verdade, não

responda. Prefiro atirar primeiro e descobrir depois.

Ouvi o clique da trava.

— Não se a-atreva! — gritei, tentando empurrar Charlie, mas ele flexionou o corpo e não se mexeu. — É o meu irmãozinho, Charlie!

Houve um longo momento de silêncio.

— Esse é o seu irmãozinho? — perguntou Pátro, num tom incrédulo. — Você morava *aqui*?

Alguém xingou com vontade.

— Charlie, saia da frente — pedi, empurrando as costas dele. — Preciso falar com eles.

Ele balançou a cabeça e não se mexeu.

Eu me empertiguei e espiei por cima do ombro dele. Caronte tinha uma arma estendida a centímetros da testa de Charlie.

A fúria queimava naqueles olhos gélidos.

Ao seu lado, Augusto tinha uma expressão parecida de raiva. O cabelo bicolor comprido estava bagunçado, como se tivesse passado os dedos por ele várias vezes. Poco estava sentado em seu ombro, os dentes pontiagudos arreganhados com violência.

A alguns centímetros de distância, um cigarro aceso pendia das grades da focinheira de Aquiles, e seus olhos vermelhos brilhavam. Os punhos estavam cerrados com força, o peito arfando.

Pátro estava ao lado dele, de cara feia. Qualquer vestígio do homem agradável que eu conhecera nas últimas semanas havia desaparecido. Ele estava furioso.

— Saia da frente — ordenou Augusto, com uma gentileza falsa. Era o tom que ele sempre usava antes de surtar por completo. — Precisamos levar Alexis a um médico. Ela passou a noite sangrando na porra dessa *desgraça* de abrigo.

Ele apontou para o cobertor manchado de vermelho.

Charlie empalideceu.

Ai, meu Deus, eu podia ter machucado ele. Eu estava tão perturbada, tão preocupada em voltar para ele, que esqueci que podia colocá-lo em risco. *Graças a Deus, ele está bem. Graças a Deus, eu não usei meus poderes sem querer.*

Preocupado, Charlie se virou para mim e recuou.

Augusto aproveitou a deixa. Ele se moveu com uma rapidez impressionante e me jogou sobre seus ombros. Nix gemeu, ainda dormindo,

enquanto eu era lançada no ar.

Charlie se jogou na minha direção, mas Pátro e Aquiles o seguraram.

Por um segundo, fiquei aturdida. Então, explodi.

— NÃO! — gritei a plenos pulmões, lutando com todas as forças. — CHARLIE TEM QUE VIR COMIGO. SE O DEIXAREM AQUI, VOU MATAR TODOS NÓS!

Augusto envolveu a parte de trás das minhas pernas com um aperto firme. Sua mão agarrava minha coxa por cima do material fino do vestido. Ele apertou com força o bastante para machucar.

— Eu juro. — Arquejei enquanto lutava. — Eu *juro* que, se o deixarem aqui, nunca vou perdoar nenhum de vocês. Vou me cortar em pedacinhos. Vou envenenar a comida de vocês com o meu sangue. Vou destruir todos nós, e então...

— Pelo amor de Cronos! — gritou Pátro, interrompendo meu discurso. — Enquanto Caronte te rastreava, Augusto nos contou que você tinha um irmão. O plano sempre foi levá-lo com você. Não somos monstros.

Parei de lutar.

Inclinei a cabeça a fim de olhar para o rosto de Caronte.

— Promete? — falei, precisando confirmar que não era uma piada doentia e que não iriam nos separar. — Por favor.

Eu não confiava em nenhum deles, muito menos em Caronte.

Os olhos gélidos se estreitaram.

— Então vocês não são parentes de sangue? — perguntou Caronte, cético.

— Ele é a porra do meu irmão. Como *se atreve*? — gritei.

Caronte travou a arma e a colocou no coldre da coxa.

— Acalme-se, *carissima*. Vamos levá-lo conosco.

— Não! — gritei. — Não vou me acalmar. Por que estão aqui?

As unhas de Augusto afundaram na minha coxa.

Caronte abriu um sorriso largo.

— A questão é: por que a nossa noiva mora na merda de uma caixa? Vamos conversar sobre isso depois. Por enquanto, se fugir de nós outra vez, vamos acorrentá-la à nossa cama. Para sempre.

Ergui os dois dedos médios quebrados para ele.

— Também vamos conversar sobre isso depois — disse Caronte, com um sorrisinho depravado.

Bufei diante daquela arrogância.

Pátro retesou os lábios, e a crueldade brilhou nos olhos de Aquiles. De repente, meus mentores olhavam de cara feia para Caronte, como se quisessem matá-lo.

Por que eles estão tão bravos?

— *Domus* — sussurrou Augusto, as unhas cravadas como se estivesse tentando se entocar debaixo da minha pele.

O mundo se distorceu em escuridão.

E nós seis nos teletransportamos.



31
Laços Perversos

Alexis: Fim de janeiro

Era impossível se recuperar de algumas revelações.

Você é uma assassina. Uma carniceira. Matou várias pessoas. Como consegue viver consigo mesma?

Os pensamentos — a verdade — não paravam de perfurar o meu crânio.

A culpa era um peso sobre os meus ombros.

Esmagadora.

Meu rosto estava dormente, o corpo, paralisado. Caminhei até o altar segurando um buquê de lírios pretos enquanto alguém tocava uma harpa.

Todos em Esparta se viraram a fim de olhar para mim, as coroas e joias brilhando. Centenas deles, entre espartanos, protetores e criaturas, estavam amontoados no enorme palácio. A maioria estava de pé, exceto pelos Ctônicos, os convidados da realeza e Charlie.

Pelo menos ele está aqui. Vocês nunca mais vão se separar.

Não era o suficiente.

Queria matar todos eles, e o melhor era que eu realmente podia.

E nem serão as primeiras, ou segundas, ou terceiras vítimas.

Eu fiz o impossível: me tornei uma assassina em série sem querer.

Socorro?

Uma coroa de prata pontiaguda e coberta de rubis pesava sobre a minha cabeça. Laços estavam amarrados na minha garganta com nós soltos, uma toga branca encrustada de diamantes pendia dos ombros, e uma capa larga de seda combinando se arrastava pelo chão.

Minha vontade de viver se arrastava com ela.

Uma pintura de guerra completava a imagem bonita (melancólica): o blush enrubescia as bochechas de um cadáver, o rímel iluminava olhos

mortos, e o batom trancafiava os gritos.

No átrio de pé direito alto, candelabros cintilavam sobre o piso de mármore preto, e janelas enormes emolduravam as margens cobertas de neve do Lago de Como.

Onde estão os forcados? A fogueira? Os ghouls? O sangue? A energia demoníaca?

O inferno não se parecia em nada com o que eu imaginara.

Mais à frente, meus progenitores — meus pais? — estavam sentados com um cão de três cabeças e um dragão aos seus pés. Perséfone se inclinou para o corredor cheio de pétalas e gesticulou "eu te amo" com a boca. Então, secou os olhos, os lábios tremendo.

Hades a abraçou e gesticulou com a boca: "Estou muito orgulhoso de você, filha." Gêmeos com coroas distintas estavam sentados ao lado dele.

Hades sorriu para mim.

Eu não ficaria orgulhosa.

Não fui esperta o bastante para enxergar a armadilha que prepararam para mim. Sou apenas uma brecha.

Forcei meus lábios a se mexer e abri um sorriso tranquilo para eles. Por dentro, eu estava furiosa.

Gritando sem parar.

Meus progenitores pareciam tão esperançosos.

Durante as duas semanas anteriores, eles permitiram que Charlie ficasse conosco e cuidaram das minhas mãos até que ficassem curadas. Também se lembraram de que era o meu aniversário de 20 anos.

Ambos fizeram todo o possível para me ajudar a "superar" o sequestro. Hades ficou bastante contente ao me contar que Theros havia "desaparecido" misteriosamente.

Ninguém estava procurando por ele.

Embora a provável tortura do meu sequestrador fosse algo positivo, não era o bastante para resolver o problema maior: eu.

Meu sorriso se desfez depois que passei por eles.

Eu não conseguia fingir por muito tempo.

Na fileira seguinte, onze espartanos usavam coroas enormes e cheias de joias, além de adornos requintados. Todos os líderes das Casas estavam presentes. Zeus olhou para mim, furioso, e seu leão arreganhou os dentes. Reprimi a vontade de fazer o mesmo.

Os líderes das Casas franziram o cenho para mim, e eu deixei que

vissem a tristeza nos meus olhos.

Nunca fui muito fã da tirania.

Este casamento é uma farsa.

Por causa dessa lei idiota, minha vida está arruinada.

Do outro lado do corredor, a expressão de Pátro era furiosa, e a postura de Aquiles estava rígida. O braço dele estava estendido sobre o peito de Pátro, como se estivesse impedindo-o fisicamente de fazer uma cena.

Charlie estava sentado ao lado deles, tenso, com as íris amarelas arregaladas de preocupação.

Helena estava ao lado dele com uma expressão de choque, como se não acreditasse no que estava acontecendo.

Bom, somos duas.

No final do corredor, Fofinho Jr. dormia no chão com uma Nix invisível enrolada em seu pescoço.

Na última semana, ele triplicara de tamanho e ganhara uns cinquenta quilos. Eu não tinha muita certeza, já que suas feições ainda eram protuberantes e cheias de tufos de pelos, mas talvez eu tivesse criado um laço com um cavalo horroroso.

São tempos sombrios, de fato.

Durante o salto repentino de crescimento de Fofinho Jr. (o comecinho de uma obesidade?), ele virou amigo de Nix. Ela tentava estrangular seu pescoço grosso e cheio de tufos, e ele balançava o rabinho deformado, pensando que era uma brincadeira. Era por isso que agora ela estava enrolada nele.

Poco estava sentado ao lado dos meus bichinhos assassinos, mordendo as duas mãos ao mesmo tempo.

De vez em quando, por nenhum motivo aparente, o guaxinim soltava um grito alto e ensurdecedor.

Todo mundo estava fazendo o melhor que podia.

Afinal, eu caminhava em direção a *eles.*

Meus passos vacilaram.

Capas de seda e togas pretas compridas não ajudavam a humanizar o brilho doentio em seus olhos imóveis. Eram bestas disfarçadas de homens.

O cabelo curto e geralmente bagunçado de Caronte agora estava alisado para trás com perfeição sob a coroa. Ele engoliu em seco, e a tinta preta da tatuagem em seu pescoço, *Furia*, contrastava com a pele pálida.

Ao lado dele, Augusto estava de óculos e, sob a coroa, o cabelo bicolor

pendia até a cintura como um lençol sedoso.

As novas aparências não ajudaram a suavizar nenhum dos dois. Eram lobos em peles de cordeiro, no sentido de que ambos haviam estripado as ovelhas, colocado partes delas em uma caixa e dado a mim de presente apenas para manter suas linhagens doentias.

Augusto trincou a mandíbula ao me olhar de cara feia, sempre furioso comigo, e Caronte estalou o pescoço como se estivesse se preparando para uma guerra.

Isso não é nada bom.

Parei no altar, e a música foi interrompida.

O silêncio era pesado.

Uma satisfação cruel reluziu nos olhos deles ao me ladearem.

Eu estava encurralada.

A celebrante idosa e familiar avançou, os olhos de um tom surpreendente de roxo e o cabelo completamente branco. Era estranho como, de perto, pareci reconhecer suas feições.

Meu estômago se revirou.

Foi por isso que a reconheci depois do massacre. Foi ela quem levou Charlie para o trailer, dez anos antes.

Eu me sentia em queda livre, os braços abertos, incapaz de controlar a loucura intensa que me engolia.

— Fiquei feliz por você ter dado uma chance aos assassinos. Ótima escolha — sussurrou ela para mim, gesticulando para os homens.

Eu a encarei com uma expressão dura. *Essa senhorinha está falando sério?*

Ela ignorou meu semblante de desdém, desenrolou um pergaminho, depois semicerrou os olhos, surpresa, como se o estivesse lendo pela primeira vez.

Momentos longos e constrangedores se passaram e, enquanto esperávamos, meu corpo transpirava.

Eu não tivera escolha quanto a este casamento de fachada.

Embora as Casas fossem contra a união de três Ctônicos, elas haviam movimentado a celebração o mais rápido possível a fim de atenuar o escândalo de uma preciosa herdeira ter participado do torneio. Todos queriam salvar minha "honra" feminina, para que eu continuasse "pura".

Era uma pena que eu fosse tão suja.

Chafurdei na lama a vida inteira: passei fome, usei cupons de comida

ilegais, *matei*, menti, fingi e fiz tudo que podia para sobreviver.

Não havia mais nenhuma honra para salvar.

A vontade de me teletransportar era esmagadora, mas mordi a língua para impedir que a palavra escapasse.

Meus pais me observavam com expressões esperançosas, e os espartanos nunca me deixariam fugir, não agora que haviam recuperado sua preciosa herdeira Ctônica. Não enquanto achassem que o meu matrimônio "sagrado" era uma decisão voluntária. E, de alguma forma, a honra de Helena também estava "manchada" por ter se associado a mim.

Ela só tem 16 anos. Não merece sofrer por minha causa.

Além disso, Caronte e Augusto me caçariam, me perseguiriam até o fim do mundo, se eu tentasse fugir.

Ainda tinha esse problema.

O laço na minha garganta parecia uma forca.

Meus noivos se aproximaram, como se conseguissem ler minha mente.

Eu devia ter trazido uma bomba.

Suas mãos repousavam de maneira possessiva nas minhas costas, uma em cima da outra. O calor de seus corpos ardia através das camadas finas de seda.

Tentei me desvencilhar de seus toques.

Eles se aproximaram mais.

O cheiro de sal e almíscar se misturou ao da eletricidade, e eu estremeci. Estava parada no meio de um furacão, esperando bater contra a muralha de nuvens.

Caronte inclinou a cabeça para o meu ouvido.

— Você está bem? — A voz dele era um sussurro rouco.

Não. Estou traindo Carl Gauss. Sou uma vadia infiel.

As lembranças de dedos se arrastando pelo meu peito invadiram meu cérebro, e a ansiedade me dominou.

Ele enrolou um dos dedos em um cacho que pendia solto às minhas costas e deu um puxão, sorrindo.

— Está, *carissima*? — insistiu ele.

Está zombando de mim.

Olhei para Caronte, de cara feia.

— Não — sussurrei. — Não, *querido.* Não estou.

O sorriso de Caronte se desfez.

— Mas vai ficar — afirmou ele por entre os dentes cerrados.

A formalidade falsa havia desaparecido.

— Não. Não vou.

Augusto se aproximou.

— Prestem atenção, não é bom fazer isso agora — sussurrou ele, encarando nós dois, os olhos pretos brilhando de raiva.

— É óbvio que você ia dizer isso — retruquei, bufando.

Dedos se flexionaram contra a minha coluna, pressionando a pele com mais força. Augusto abaixou a cabeça, a respiração quente roçando minha orelha.

— O que quer dizer com isso, *Alexis*?

As pontas de seu cabelo sedoso roçaram meu peito, e a ansiedade aumentou. A náusea fez meu estômago se revirar com mais intensidade.

Odiei a maneira como ele disse meu nome. Como se fosse imoral. Como se significasse algo para ele.

— Ou — sussurrou Augusto, a voz rouca contra o meu ouvido — será que devo te chamar de... Hércules?

O caule de um lírio se quebrou em minha mão.

Eu me virei para ele. Nossos rostos estavam a centímetros de distância, próximos de maneira desconcertante.

— Que tal você não me chamar de nada, *professor*? Só estou aqui porque vocês me enganaram.

Os olhos pretos se transformaram em um abismo sem fim.

— Você está aqui porque aceitou nossos presentes — disse ele, ríspido. — Eu te avisei que alguém iria se intrometer graças à maneira imprudente com que agia, e *você* aceitou que fôssemos nós os seus protetores. Só Cronos sabe o quanto precisa da nossa ajuda.

Engasguei ao ouvir aquilo.

— Você é louco. Eu nunca escolheria os dois... nem em um m-milhão de anos. Vocês armaram para mim.

Caronte enrijeceu, trincando a mandíbula ao nosso lado.

— Isso não é verdade, Alexis — disse Augusto em um tom sombrio, cravando as unhas mais fundo nas minhas costas.

Aquele homem tinha uma tara em arranhar.

— É sim. Tenho certeza — resmunguei. — Não me toque.

Eu me afastei. Augusto segurou meu bíceps e me colocou de volta entre eles.

— Mas você pertence a nós — rebateu ele, com voz suave. — Você

demonstrou. *Acta, non verba.*

Atos, e não palavras.

— Vai sonhando. Eu não demonstrei nada — resmunguei para ele, tentando me soltar.

— Ah, Alexis, você não quer saber sobre as coisas perversas com que eu sonho. Não me teste — sussurrou Augusto, em um tom ameaçador. — Não aqui, nem agora. Não vai gostar das consequências.

Bufei na cara dele. Se Augusto me atacasse, eu o mataria com os poderes do meu sangue.

Que legal, já estou aceitando a ideia de assassinato.

A celebrante pigarreou, e nós três olhamos irritados para ela.

Augusto soltou meu braço.

A mulher estava boquiaberta, o pergaminho tremendo em suas mãos.

— Minha nossa! — exclamou ela, piscando depressa. — Esta união sem dúvida será... intensa. Melhor começarmos antes que... — Ela se interrompeu.

Antes de quê?

Seus olhos roxos começaram a brilhar em um tom vibrante de azul.

— Estamos aqui reunidos — berrou ela, a voz três oitavas mais profunda do que uma voz normal seria — para testemunhar o mais sagrado juramento espartano, que irá, sem sombra de dúvidas, acorrentar essas três almas em uma só corrente... durante toda a imortalidade!

Um arrepio de medo percorreu minha coluna.

Não era unir.

Nem prender.

Acorrentar.

Eu só estou aqui porque eles não quiseram fazer isso com uma Olimpiana.

A mulher ergueu a cabeça de repente.

— Encarem os olhos uns dos outros — ordenou.

Augusto e Caronte se moveram. Relutante, ergui o olhar.

O azul gélido. O preto desalmado.

— Agora, repitam comigo! — A voz da celebrante soava abafada, como se estivéssemos todos submersos, nos afogando.

— *Omnia causa fiunt. Vi et animo. Sic itur ad astra.*

Meus lábios estavam dormentes.

— Tudo acontece por uma razão. Com força e coragem. E assim se vai

até as estrelas — respondemos em latim, nossas vozes se misturando.

A celebrante ergueu os braços sobre a cabeça.

— *Stet fortuna domus*!

— Que a fortuna da Casa permaneça — repetimos em uníssono.

A última sílaba ecoou pelo átrio silencioso.

A tempestade me atingiu.

Uma dor incandescente perfurou meu coração. Uma espada fantasma me trespassava. Arfando, eu me curvei, agarrando o peito conforme a dor queimava de maneira implacável.

A pressão era gigantesca. Incalculável.

Augusto e Caronte soltaram grunhidos ríspidos ao se curvarem, as mandíbulas cerradas conforme agarravam o peito.

Nós três queimamos juntos.

De repente, tão rápido quanto surgira, a dor cessou.

Tudo se acalmou.

O que foi que eu fiz? Devia ter corrido.

Ainda havia, porém, uma dor esquisita fervilhando nas profundezas do meu coração, como se a calmaria fosse apenas uma pausa e não o fim.

O pior ainda está por vir.

Com as mãos nos joelhos, tossi e me esforcei para recuperar o fôlego. Alguém esfregou as minhas costas com delicadeza.

Quando enfim recuperei as forças para endireitar a postura, Caronte e Augusto já haviam se recuperado. Ambos me encaravam com total concentração.

Franzi a testa.

Por que eles pararam de piscar?

A celebrante suspirou alto, e o pergaminho farfalhou.

— Eu sabia que vocês três seriam intensos, mas isso foi… inesperado. — A voz dela era grave. — Que união poderosa… Com certeza haverá consequências… sombrias até. — Ela estremeceu. — Sempre há.

A dormência se espalhou.

Se eu não estivesse no meio do pior ataque de pânico da minha vida, até teria me preocupado com os comentários perturbadores e sombrios dela.

Do jeito que estava, não senti nada. Eu havia chegado ao limite.

Ela bateu as mãos e abriu um sorriso largo, como se quisesse compensar as palavras.

— Agora vocês podem trocar as alianças.

Augusto tirou uma caixa de veludo comprida e fina da toga.

Ali dentro havia dois anéis iguais, com serpentes comendo as próprias caudas e rubis no lugar dos olhos. Presas aos anéis, correntes de diamantes azuis formavam braceletes no final.

Augusto e Caronte colocaram os anéis de serpente nos anelares um do outro, depois prenderam os braceletes nos pulsos. As joias eram muito mais brilhantes do que alianças humanas.

— Agora vou prendê-las de forma permanente — disse a celebrante, avançando com uma ferramenta de metal.

Ambos os homens ergueram os pulsos. A mulher apertou a ponta reluzente da ferramenta em volta dos fechos dos braceletes. Ouviu-se um sibilar quando o metal esquentou e o fecho desapareceu.

Que maravilha, joias permanentes que não saem. O que vem depois? Uma coleira e uma trela?

Eu me senti enjoada.

Os dois se abraçaram e deram tapinhas nas costas.

Caronte pegou uma caixa de veludo maior.

Um diamante azul oval, ofuscante de tão largo, brilhava sobre um anel dourado fino. Uma corrente comprida e delicada com os mesmos diamantes azuis pendia do anel.

Empalideci diante da ostentação da joia.

Augusto pegou meu pulso esquerdo com firmeza, como se conseguisse sentir que eu hesitava. Seus calos arranharam a pele ao erguerem minha mão para Caronte.

Os pelos na minha nuca se arrepiaram, e tentei me desvencilhar de seu aperto. Ele flexionou os dedos, e não consegui mais me mexer.

Enquanto lutávamos, Caronte deslizou o anel extravagante, que cobriu toda a parte de baixo do meu dedo. Quem quer que visse a minha mão saberia o que aquilo representava.

Uma satisfação primitiva reluziu nos olhos de ambos quando Augusto colocou a corrente comprida e fina sobre a minha mão, empurrando a manga do vestido para fechar o bracelete.

Ele ficou paralisado.

Os dedos de Augusto estremeceram, e Caronte respirou fundo por entre os dentes cerrados.

Como a pele recém-cicatrizada ainda estava sensível, eu não consegui

cobrir os pulsos com os elásticos de cabelo de sempre. Cicatrizes antigas atravessavam as novas marcas vermelhas. A pele estava destruída.

Ninguém se mexeu.

— Essas são antigas. Que porra é essa? — resmungou Augusto, cerrando a mandíbula com força. — Onde arrumou essas?

— Não é nada — sussurrei, tentando puxar o braço, mas, desta vez, Caronte manteve minha mão imóvel.

A carranca em seu rosto era perigosa.

Augusto respirou fundo, tentando se acalmar, e fechou o bracelete.

— Vamos conversar sobre isso depois. — A violência ardeu em seus olhos.

— Não — falei, por entre dentes cerrados —, não vamos falar sobre nada.

As íris de Augusto se encheram de sangue.

Arreganhei os dentes para ele.

Antes que a situação piorasse (virasse um homicídio), a celebrante avançou e derreteu o fecho.

Quando ela terminou, puxei a mão de maneira protetora.

Augusto encarou meu braço, como se conseguisse enxergar através da manga e estivesse tentando memorizar minhas cicatrizes.

O diamante azul pesava em meu dedo, e a corrente pinicava a pele supersensível.

É para sempre. Realmente não dá para tirá-la.

O mundo oscilou.

— Agora, podem beijar a noiva — anunciou a celebrante.

Meu coração disparou, a pele formigando com uma antecipação estranha. *Me desculpe, Carl.*

— Só um minuto. — A celebrante ergueu ambas as mãos e deu uma risadinha sem graça. — Esperem até eu e todos os outros termos saído antes de vocês... se beijarem.

Por que ela precisaria sair?

Eu me virei, e a confusão fez o meu estômago se retorcer. A maioria dos convidados já estava no corredor, saindo pela porta da frente. Apenas alguns homens permaneceram sentados.

Perséfone acenou para mim do gramado principal, o Lago de Como cintilando atrás dela. Depois, desapareceu com Hades em uma nuvem de fumaça.

Explosões abafadas ressoaram conforme os convidados iam embora. Somente alguns permaneciam sentados.

— Todos para fora! — gritou Caronte para eles, a voz ríspida açoitando como um chicote. — Agora.

Por quê?

Alguns dos homens que sobraram se levantaram de um pulo e saíram.

Aquiles teve que arrastar Pátro, e Charlie os seguiu, relutante.

Apenas um homem permaneceu. Havia uma coroa de louros dourada sobre seu cabelo loiro. Ele esticou os pés e se reclinou na cadeira.

— Saia — ordenou Caronte, avançando até o homem de maneira ameaçadora, mas Augusto o conteve.

O homem loiro abriu um sorriso arrogante.

— São as leis de Esparta — explicou ele. — O beijo de um casamento pode ser testemunhado por alguém do público caso a pessoa deseje ficar. — Ele colocou as mãos atrás da cabeça. — E eu desejo ficar.

Caronte cerrou os punhos.

— É mesmo?

Augusto desceu do altar e caminhou devagar até o homem. Depois, movendo-se com mais rapidez do que meu olhar podia acompanhar, ele avançou e o segurou pela garganta.

Um vermelho-carmesim brilhou nos olhos de Augusto, que encarou o homem durante um longo momento tenso.

Uma batalha silenciosa foi travada.

O homem loiro choramingou, e uma pressão fantasma vibrou atrás dos meus olhos conforme eu me lembrava daquela sensação.

Augusto o soltou. Então se empertigou e arrumou a toga. Um leve rubor em suas bochechas era o único sinal de que ele fizera alguma coisa.

Em contrapartida, o homem loiro se levantou cambaleando, os olhos vidrados, o sangue jorrando continuamente dos olhos, do nariz e das orelhas. Então, como um zumbi, ele se virou e saiu trocando as pernas pelo corredor, até chegar à porta.

Houve uma confusão do lado de fora quando ele desmaiou, e uma explosão ressoou quando alguém o levou embora.

Augusto abriu um sorrisinho para nós, os olhos ainda vermelhos de sangue. Caronte soltou uma risadinha sombria.

Dois monstros caminharam na minha direção.

Eu recuei, esbarrando no altar de pedra.



32
Você Pertence a Nós

Pátro

Meus joelhos bateram contra o chão da nossa casa.

A fumaça serpenteou.

Eu me levantei depressa, agarrei Aquiles pela camisa e o empurrei para dentro de nosso quarto, para que o irmão de Alexis nos desse privacidade. Chutei a porta atrás de mim, e ela se fechou com um baque alto.

— Você devia ter me deixado ficar — falei, os dentes cerrados, a mandíbula dolorida com a força da minha raiva. — A gente devia ter interferido.

Um alerta brilhou naqueles olhos vermelhos. Aquiles me empurrou de volta, e nós lutamos. Nossa respiração soava rasa e entrecortada no silêncio do quarto.

— Ela não queria se casar com eles. Aquilo não foi certo, porra — falei, enquanto Aquiles empurrava minhas costas contra a parede.

Estrelas explodiram na minha vista.

A dor me fez pensar com clareza.

— Merda — sussurrei, minha voz triste. — Ela é *nossa* aprendiz, não deles... ela... ela...

Lutei para colocar em palavras a bagunça confusa de sentimentos que eu tinha por Alexis Hert. Ela devia ter sido apenas um incômodo, a garota irritante que tínhamos de ensinar.

Eu devia tê-la odiado.

O problema era que... eu não a odiava, nem um pouco.

— O que vamos fazer? — perguntei, o desespero fazendo minha voz estremecer.

A pergunta pairou entre nós como uma granada.

— Vamos dar um jeito de tirá-la deles — sinalizou Aquiles, devagar.

Respirei fundo, esfregando meu peito. Senti a protuberância que marcava a cicatriz na minha pele.

— Ela vai ser nossa?

O fogo ardeu nos olhos de Aquiles enquanto seus dedos se moviam depressa.

— Ela já é. Só não sabe disso ainda.



33
Prazeres Carnais

Alexis

Estávamos sozinhos.

Segundos longos e cheios de tensão se passaram enquanto nós três nos encarávamos, sem nos mexermos, sem falar, apenas respirando profundamente.

A expectativa era um fio desencapado.

Minha pele formigou sob o peso de seus olhares.

— Posso — sussurrou Caronte, quebrando o encanto do momento, e estendeu a mão para acariciar meu rosto — beijar a noiva?

Seu polegar percorreu devagar a linha do meu queixo.

Minha cabeça parecia estar mergulhada em água gelada, o coração quase na garganta. Dois fios novos, meio apagados, vibravam dentro do meu peito.

Não havia mais limites bem desenhados.

Engoli em seco.

O estrago já está feito. Não há nada mais a perder. É só um beijo idiota.

Assenti de maneira brusca.

Caronte abriu um sorrisinho imoral ao se aproximar.

Plaft. O herdeiro de Ártemis, o filho de Érebo, o Caçador, caiu de joelhos na frente do altar.

Eu encarei sua reverência.

Augusto se aproximou. Com um movimento rápido, ele segurou meus quadris e me levantou, para que eu me sentasse no altar. O rosto de Caronte ficou de frente para a junção entre as minhas coxas.

Uma noiva sacrificada.

Os dedos de Augusto se demoraram nos meus quadris.

— Posso beijar a noiva? — repetiu Caronte, erguendo devagar a bainha

da toga e exibindo minhas pernas.

Ele arrastou os dedos pela pele sensível.

— O quê? — sussurrei, minha visão ficando turva.

Tudo saiu de foco.

Caronte arqueou uma sobrancelha escura, as bochechas proeminentes brilhando enquanto me desafiava com seu olhar.

Ele umedeceu os lábios. Inclinou-se para a frente, o hálito quente roçando minha coxa exposta, e empurrou o resto da toga de seda para cima dos meus quadris.

O tecido se amontoou na minha cintura.

Sua intenção ficou óbvia.

A náusea fez meu estômago queimar, e o salão girou.

A ansiedade percorreu meu corpo.

Caronte parou sobre o tecido fino que cobria o meu interior.

— Posso beijar a noiva? — repetiu, com voz rouca.

Ai, meu Deus.

A ansiedade aumentou.

Ele olhou para mim, a sobrancelha arqueada de um jeito zombeteiro. Havia uma risada em seus olhos, como se ele achasse que eu fosse negar.

Era tudo um jogo para eles. Estavam brincando comigo.

Você já está morta.

Afundei ainda mais na água suja, nas consequências.

Olhe o que você fez com todas aquelas pessoas.

Eu precisava de uma distração. Precisava esquecer que era uma assassina.

— Pode — sussurrei, os lábios secos, antes que perdesse a coragem.

Suas pupilas se dilataram, os olhos se arregalando de surpresa.

Com força o bastante para machucar, unhas pretas agarraram minhas coxas e as puxaram para abri-las.

A expressão de Caronte era feroz.

Ele se inclinou para a frente, afastou a seda com os dentes e arrastou a língua deliberadamente pelo meu interior.

Revirei os olhos e arfei de prazer.

Augusto invadiu meu espaço pessoal, a mão envolvendo minha nuca, os dedos cravando-se na minha garganta. Ele apertou, me deixando paralisada.

— Shhh — sussurrou ele no meu ouvido, o polegar calejado

pressionando meus lábios e forçando a boca a se abrir. Então, a boca aberta de Augusto pairou sobre a minha. — Este é o seu castigo, minha *carus*. Eu te avisei... Você tem uma hora de punição. Só vamos permitir que você goze depois disso.

Espere aí, ele não disse algo parecido meses atrás?

Um soar de alerta ecoou na minha cabeça, mas não consegui me concentrar nele.

Caronte sugou meu clitóris. Estrelas explodiram na minha visão quando ele enfiou devagar o dedo em mim.

O caçador infame, o filho de Ártemis, afastou a cabeça das minhas coxas, o dedo ainda enterrado bem fundo, e lambeu os lábios devagar.

— *Dulce periculum* — disse Caronte, com um sorrisinho perverso, a boca brilhando. Seu hálito estava quente conforme ele me lambia com delicadeza. — *Carissima*.

— O perigo *é* doce — disse Augusto.

Então, enfiou a língua bem fundo na minha boca, como se tentasse me devorar com seu beijo.

Caronte empurrou o dedo ainda mais fundo e soprou meu clitóris. Eu gritei na boca de Augusto.

Os dois gemeram.

A ansiedade fez meu corpo pegar fogo.

Caronte me torturou com a língua e os dedos, me levando ao limite do êxtase, mas se afastando bem no último instante.

Aquilo era o inferno.

Augusto puxou minha toga para baixo. Ele envolveu e sugou meus mamilos enquanto Caronte massageava o clitóris com a língua.

Meu corpo inteiro formigava, e eu me esqueci de respirar. De pensar. De me importar.

Isso é o paraíso.

Eles trocaram de lugar. Augusto ficou de joelhos na frente do altar e ergueu minha bunda com as duas mãos. Então, lambeu toda a extensão até o meu interior, como se fosse o dono da minha pele.

Caronte mordeu meu mamilo.

Eu gritei.

Ambos me devoravam.

O tempo ficou indistinto.

Arfando, lutando para ver e ouvir, coberta de suor, eu agarrei os cabelos

deles e implorei. Supliquei por misericórdia enquanto me contorcia debaixo dos dois. Palavras e murmúrios escapavam dos meus lábios.

Eu não era nada, apenas deles.

— Porra. — A voz rouca de Caronte atravessou a névoa de prazer. — Perdemos a noção do tempo. Já passou uma hora. O que você quer fazer?

Os dois homens se afastaram, e eu gemi de desespero.

O ar frio queimou a pele excitada.

— Você fica entre as pernas dela — ordenou Augusto, e mais uma vez Caronte ficou de joelhos diante de mim, o hálito fazendo cócegas no meu interior. Agora, porém, os olhos azuis gélidos estavam cheios de sangue. — Eu seguro ela — continuou Augusto, parado ao lado de Caronte.

Ele agarrou minha nuca, virando meu rosto para o dele.

Gemi mais alto.

Olhos pretos encararam os meus.

— Alexis, preciso que olhe para mim, minha *carus*. Você se comportou muito bem — elogiou Augusto. — Seu castigo acabou.

Pisquei, confusa.

Caronte lambeu meu clitóris. Sensações estranhas percorreram meu corpo, incendiando todos os meus nervos.

Senti meu próprio prazer, mas algo além.

Uma satisfação masculina presunçosa misturada ao êxtase.

Minha nossa. Estou sentindo o meu prazer e *o dele ao mesmo tempo.*

As ondas de êxtase cresceram, e inclinei a cabeça para a frente, gritando. Eu me contorci diante daquela intensidade. Augusto puxou minha cabeça para trás a fim de que eu não caísse. Olhos vermelhos de sangue sustentaram meu olhar semicerrado.

Senti uma pressão pinicar atrás dos meus olhos. Por instinto, tentei me afastar, mas ele me segurou firme.

Sua voz retumbou dentro do meu crânio.

"*Sinta o prazer*" ordenou ele.

Na mesma hora, uma onda de puro êxtase explodiu dentro da minha mente.

Gritei de prazer.

O tempo não existia.

Enquanto eu arfava e tremia, minha visão recuperou o foco aos poucos.

Os dois ainda estavam completamente vestidos.

Minha toga estava amontoada na cintura, e eu estava inclinada para a

frente, apoiada em Augusto. Meu queixo repousava no ombro dele.

— Que *carus* mais boazinha — elogiou Augusto, acariciando minhas costas.

Caronte apoiou a cabeça na minha coxa, traçando o contorno da minha panturrilha.

Ou eu estava alucinando, ou havia dois cachorros-esqueleto ferozes dormindo no meio do corredor.

Tentei falar, mas minha garganta estava áspera.

— Que cachorros-esqueleto são aqueles? — sussurrei, depois de algumas tentativas.

Os dentes de Caronte arranharam o interior da minha coxa enquanto ele mordiscava a pele. Augusto beijou a lateral do meu pescoço e continuou acariciando minhas costas.

— Aqueles — explicou Caronte, beijando minha perna — são os meus dois protetores. São cães do inferno.

A tatuagem no pescoço dele. Era disso que eu não conseguia me lembrar. *Furia* era uma gíria para cão do inferno.

— Mas por que eu nunca os vi antes? — Minha voz saiu rouca de tanto gritar.

O mundo parecia onírico.

Nada aparentava ser real.

— Eles são invisíveis para os espartanos — disse Caronte, beijando minha coxa. — Eu consigo vê-los. É uma habilidade da minha linhagem de criatura.

Perséfone é metade criatura. Será que é por isso que consigo compreender animais e os outros não?

Fiquei perdida nos meus pensamentos.

— E como neste momento estou usando meu poder espartano, que permite que qualquer pessoa que eu toque veja e sinta o mesmo que eu, agora você também consegue ver meus cães do inferno — continuou Caronte.

— Ah — murmurei, sempre bem articulada.

Com a mente viajando, tentei compreender tudo aquilo.

O prazer de Caronte havia se misturado ao meu em um êxtase inimaginável.

Será que foi por isso que senti um prazer estranho sempre que ele me tocava em Corfu? Será que estava sentindo o que ele *sentia esse tempo todo?*

Meu Deus.

— Não é de admirar que você tenha sido tão disputado no simpósio — sussurrei, apoiando minha cabeça em Augusto, que brincava com as pontas do meu cabelo.

Ambos ficaram paralisados.

— Se eu fosse você, não falaria do seu... showzinho no simpósio — resmungou Augusto. — Não quando acabou de ser punida por isso.

Grunhi, irritada, fraca demais para responder de outro jeito.

Caronte mordeu minha coxa, com força o bastante para deixar uma marca, depois lambeu o local.

— É por isso que o meu apelido é Sexo — sussurrou ele.

Levei um susto.

Então é Sexo mesmo.

— Então o *G* significa... — sussurrei, a voz trêmula.

— Guerra — interrompeu Augusto, beijando minha testa com delicadeza. — Eu sou a Guerra, graças ao que consigo fazer com a mente das pessoas.

Arrepios percorreram minha coluna.

Um dos cães do inferno acordou, os caninos afiados reluzindo enquanto ele bocejava, a língua invisível esticada. Chamas azul-claras ardiam onde deveriam estar seus olhos.

O bicho se virou e sussurrou alguma coisa para o outro cão. Estavam longe demais para que eu conseguisse ouvir o que diziam.

Parecem os sussurros que eu estava sempre ouvindo.

A vontade de gritar me atingiu.

— Eles conseguem falar — comentei, os lábios dormentes.

— Não — disse Caronte. — Só soltam grunhidos estranhos.

Não. Eles estão falando em alguma língua.

Uma sensação fria desceu pela minha coluna, como se alguém tivesse jogado um balde de água fria sobre a minha cabeça.

— Você colocou e-eles para me seguir? — perguntei, lutando para acalmar meu coração acelerado.

Suas unhas arranharam meus tornozelos.

— Talvez — disse Caronte, com uma naturalidade fingida.

Ele mentia muito mal.

Meu pescoço estava sempre arrepiado. Eu os ouvi em todos os cantos durante meses.

As vozes não eram coisa da minha cabeça. Eram reais.

Caronte estivera me perseguindo.

Os pesadelos com olhos vermelhos brilhantes, a pressão no meu pé, aquela obsessão estranha, as criaturas-esqueleto e os sussurros tinham me atormentado sempre que eu dormia.

Nos sonhos, o diabo havia me alertado que cuidaria de mim.

Ai, meu Deus, será que Caronte me tocou enquanto eu dormia, e por isso eu conseguia sentir sua obsessão comigo e ver os cães do inferno? Às vezes havia dois homens. Será que eram eles? Tudo aquilo foi real?

Comecei a ofegar, os olhos arregalados.

— Você ficou me o-observando dormir em Corfu?

Os dedos de Caronte ficaram imóveis, parando de acariciar minha pele.

— Talvez.

Eu queria morrer.

Ele me perseguiu. Todas. As. Noites.

Arquejei.

— Vocês dois já... me vigiaram?

Caronte deu um beijo delicado na pele sensível do interior da minha coxa.

— Talvez — sussurrou ele de novo.

Era mais terrível do que eu podia ter imaginado.

Aqueles dois eram verdadeiros vilões.

— Preciso ir embora — falei, com a voz trêmula, lutando para me acalmar.

Um ataque de pânico queimou dentro do meu peito.

Augusto me pegou no colo.

— Shhh. Relaxe, minha *carus*. Esta *villa* é a nossa casa. — Ele me aninhou contra seu peito. — Agora também é a sua. Você *nunca mais* vai passar a noite em uma caixa de papelão. Vamos cuidar de você.

Tentei me desvencilhar de Augusto, mas ele flexionou os músculos de aço. Seu aperto se tornou doloroso enquanto ele me imprensava contra seu peito.

O ataque de pânico ficou dez vezes pior.

Por que ele não me solta?

Os limites da minha vista ficaram turvos. Meu coração estava disparado, e o medo me sufocava.

— Respire devagar, por favor — implorou Augusto. — Você está se

machucando.

— Me solte — pedi, arfando, minha voz soando distante conforme o mundo desabava ao meu redor.

Augusto flexionou os braços, me mantendo parada.

— Nunca — responderam os dois ao mesmo tempo.

Aquilo era demais.

Tudo era demais.

O salão girou depressa, e minha visão escureceu.

Desta vez, não lutei para ficar acordada.

Deixei que a escuridão me puxasse e desmaiei.



34
O Perseguidor

Caronte: Cinco meses antes
A primeira volta dos novatos no circuito (A descoberta omitida de Caronte)

Uma *compreensão louca* me atingiu, e eu perdi o fôlego, como se tivesse levado um soco, enquanto Alexis e o garoto que se afogava se debatiam na água.

Não.

Não pode ser.

É impossível.

Os olhos de Alexis estavam ensanguentados e brilhantes.

Estavam vermelho *Ctônico*.

Rapidamente liguei os pontos na minha cabeça: havia apenas uma criança Ctônica que morrera ainda bebê.

Hércules.

Fiquei boquiaberto.

Ela era a famosa filha de Perséfone e Hades. Todos em Esparta sabiam como eles perderam a filha de maneira trágica depois de um ataque de Titãs.

Que reviravolta. Ela estava bem viva.

O garoto gritou mais alto na água, como se estivesse sendo estraçalhado enquanto os dois lutavam.

Ah, por Cronos! Ela está matando o rapaz.

O garoto se debateu com mais força, e Alexis gritou alguma coisa, mas não consegui ouvir por causa do zumbido nos meus ouvidos.

A federação não sabe.

Não sabe que ela é Ctônica.

E ninguém pode saber.

Abri um sorriso tão largo que meu rosto doeu. Ela era a solução para a lei do casamento. Era a brecha que estivéramos procurando.

Eu a vi primeiro!

Uma euforia genuína cresceu dentro de mim.

Ela será nossa. Augusto vai ficar muito animado.

Eu tinha que fazer parecer que matei o garoto antes que alguém percebesse o que Alexis era. Tinha que proteger a identidade dela.

Ela seria o nosso segredinho.

Eu me ajoelhei e toquei a testa do rapaz. A dor perfurou meu peito quando ativei meus poderes Ctônicos. Os gritos dele aumentaram quando permiti que visse meus protetores. O garoto se debateu quando Cão e Inferno pularam para se banquetear, mas eu ainda estava concentrado nela.

Um plano se desdobrava na minha cabeça.

Uma artimanha.

Alexis fora criada no mundo humano.

Ela não conhecia os nossos costumes.

Não saberia que o simples ato de abrir uma caixa de noivado significava aceitar uma união.

Em contrapartida, todo mundo em Esparta sabia que o primeiro passo era descobrir quem enviara.

A ignorância dela era o ingrediente perfeito.

Podíamos explorar esse ângulo.

Impiedosamente.

E então, em sua cerimônia de formatura, revelaríamos para todos os espartanos que ela aceitara nossos presentes.

Alexis seria nossa.

Para sempre.

A federação não podia fazer nada para impedir a celebração se todos em Esparta soubessem que ela já era nossa. Intervir seria considerado a pior das desonras.

Podíamos montar uma armadilha para nos casarmos com ela.

Daria certo.

Tinha que dar.

Quem governava Esparta estava em jogo.

Eu era o caçador da minha geração porque sabia jogar em caçadas mais longas. Sempre capturava minha presa.

Alexis Hert será nossa. Ela ficará no meio de nós dois. Debaixo. De quatro. No altar do nosso casamento, com as pernas bem abertas enquanto nos banqueteamos com seu corpo. Vamos devorá-la.

Nosso poder será sem precedentes.

Nós três seremos os vilões desta nova era.

A federação será derrubada.

Fiquei de pé, já me esquecendo do garoto, e virei devagar o barco na direção dela.

Os incríveis olhos cheios de sangue de Alexis brilharam. Ela nadou mais rápido, se afastando.

Inclinei a cabeça para trás e caí na risada.

Então a segui de perto.

Quando ela parou de nadar e rastejou até a margem, eu me sentei no barco e usei a outra habilidade sombria que minha linhagem de criatura me dava.

Espelhei minha consciência para os meus protetores.

— Sigam Alexis. Cuidem dela. Não a deixem sozinha — ordenei.

Cão e Inferno correram até a entrada da montanha, visíveis apenas para mim.

Ainda sentado no barco, eu me concentrei na conexão com os meus protetores que vibrava dentro do meu peito.

O que quer que eles vissem, eu via também.

Éramos um só.

Estar em dois lugares ao mesmo tempo era meio desconfortável, mas era mais fácil quando eu não tinha nada para fazer. Para a minha sorte, eu tinha *meses* livres na minha agenda.

Cão e Inferno se esgueiraram até os fundos da sala de aula escura, soltando grunhidos animalescos que apenas eu podia ouvir, e focaram Alexis, que estava curvada, tremendo.

Ela ergueu a cabeça depressa e olhou em volta, semicerrando os olhos diretamente para o lugar onde os cães estavam.

Perdi o fôlego.

Será que ela consegue vê-los?

Alexis afundou mais no chão e desviou o olhar, balançando a cabeça como se estivesse imaginando coisas.

Ela não sabe que eu a estou observando.

Soltei uma risadinha, me recostei no barco e abri bem os braços

enquanto apreciava a vista.

Alexis Hert ainda não sabia, mas havia cativado um monstro.

As coisas estavam prestes a ficar *muito* caóticas.

Soltei outra risada.

A perseguição havia começado.



35
O Plano

Augusto: Dias atuais

Tap. Tap. Tap.

Meus sapatos de bico fino reverberavam contra o mármore italiano. Eu carregava minha noiva contra o peito, subindo a escadaria comprida da nossa *villa*.

Caronte caminhava ao meu lado com uma expressão presunçosa.

Meu semblante imitava o dele.

Nós tínhamos vencido.

Nosso plano havia se concretizado.

Estávamos casados com Alexis. Tínhamos criado um laço eterno com uma Ctônica que estava à nossa altura. Estávamos mais poderosos que nunca. Aquele sentimento era o mais glorioso do mundo. Ela era perfeita para nós.

E perfeitamente *nossa*.

Meu sorriso se desfez.

O orgulho se transformou em raiva.

Alexis entrara em pânico ao perceber até que ponto havíamos chegado para nos casarmos com ela. Suas pupilas tinham se dilatado, e ela havia tentado fugir de nós. O medo ficara evidente, e fiquei feliz que tivesse desmaiado antes de se machucar.

E aquele não era o único problema.

Os pulsos dela estavam cobertos de cicatrizes antigas e deformadas. Perséfone também dissera que ela não havia nascido com olhos de cores diferentes. Para completar, a havíamos encontrado dormindo em uma maldita *caixa de papelão* junto ao irmão.

Alexis estava escondendo coisas de nós. Coisas impróprias. Coisas que nos fariam assassinar pessoas.

Seu silêncio era inaceitável. Ela revelaria todos os seus segredos, e depois nós torturaríamos quem quer que a tivesse machucado. Com bastante brutalidade.

Era assim que aquele casamento funcionaria.

Minhas mãos se contraíram, e eu me forcei a relaxar meu aperto firme. Não queria machucá-la. Não queria assustá-la. O problema era que havia muitas coisas na vida que eu não queria fazer, mas ainda assim as fiz.

Eu não pedira para nascer com tantas... tendências *violentas*.

Mas nasci.

Caronte se inclinou e deu um tapinha nas cabeças invisíveis de seus perversos cães do inferno.

Nós dois fomos criados no torneio do poder. Cronos havia nos forjado com ira e selvageria.

Eu tinha um pressentimento de que, quando Alexis acordasse, seria uma guerra. Havia armas presas a nossas coxas debaixo das togas de casamento por um motivo. Estávamos sempre prontos para o combate. Ela aprenderia que não havia como fugir de nós.

Nunca.

— *Amore et melle et felle es fecundissimus* — sussurrei para o anjo adormecido em meus braços.

Caronte assentiu, ajeitando o coldre das armas debaixo da toga.

O amor é fertilíssimo em mel e fel.

Tal declaração nunca fora tão verdadeira.



36
O Monstro

Alexis

Abri os olhos de repente.

Acordei engasgada.

A paralisia do sono imobilizou meus membros, e cada célula do meu corpo gritava de dor. Eu ainda estava com a toga do casamento, enfiada debaixo de lençóis de seda.

Roncos masculinos profundos ecoavam pelo quarto amplo. Nós três estávamos deitados em uma cama antiga de dossel.

Lembranças das expressões presunçosas dos meus maridos me atingiram. O fogo do inferno se acendeu em meu peito, ardendo em chamas, e o ódio tomou conta de mim.

Eles não vão se safar dessa. Vão pagar por terem me enganado.

Dois fios novos — correntes — queimaram meu peito, ardendo conforme envolviam meu coração com força, como se o laço do casamento conseguisse sentir o meu desgosto.

Augusto e Caronte gemeram de dor enquanto dormiam.

Casar-se com um monstro gerava consequências.

E elas já haviam começado.

Só que para eles.



Cena Bônus Exclusiva

Uma Semana Antes do Casamento...

Será que a gente deveria se preocupar? — perguntou Perséfone, olhando para a filha deles do outro lado do cômodo.

Hércules, ou "Alexis", como gostava de ser chamada (um nome digno de uma plebeia ao qual Perséfone ainda resistia), estava esparramada no chão em frente à lareira extravagante de mármore preto.

A água azul-turquesa do mar Jônico cintilava do lado de fora da *villa* suntuosa em Creta.

O que motivava a preocupação de Perséfone não era o fato de sua filha estar estirada no chão. Nem a bola de pelos branca e disforme que ela chamava de protetor cobrindo suas pernas. Muito menos o fato de Alexis não ter dito nada em uma semana inteira.

Hades também ficava calado quando estava estressado, o que era quase sempre.

Não. A preocupação de Perséfone vinha dos pedaços de fita adesiva preta que a filha colou no rosto, formando um enorme X.

Hades ergueu o olhar do livro de física teórica, tirou os óculos e semicerrou os olhos para a lareira.

— Por que a gente se preocuparia? — perguntou ele, confuso. — Ela é perfeita.

Perséfone suspirou, porque, embora concordasse com a perfeição da filha, a situação com certeza emitia sinais de perigo que ele não enxergava. Como sempre.

— E a fita nos olhos e na boca? — rebateu Perséfone, gesticulando de maneira dramática para o próprio rosto.

Hades bufou.

— Todos nós passamos por isso... Talvez ela só esteja um pouquinho

nervosa antes do casamento. Lembra-se daquela vez em que fiquei irritado com a invasão dos ciclopes e usei um capacete sem olhos e boca durante uma semana? Ela só está encarando a realidade.

Perséfone massageou as têmporas.

— Eu também lembro — respondeu ela, num tom seco — que você entrou num frenesi assassino no dia seguinte e matou dezenas de ciclopes sozinho quando devia ter esperado reforços.

Hades sorriu.

— Bons tempos.

Hidra, o dragão protetor dela, soltou um suspiro (de fogo) e Perséfone grunhiu, exasperada. Ser casada com o líder da ilustre Casa de Hades não era para as fracas.

Perséfone se considerava uma mulher leal, prática e obstinada, capaz de enfrentar personalidades fortes.

Ainda assim, o marido e a filha recém-encontrada estavam testando sua paciência.

— Devemos fazer alguma coisa? — perguntou ela, a exasperação aumentando. — Nós finalmente recuperamos nossa filha... Temos que ajudá-la.

Hades grunhiu e baixou o livro. A névoa preta e sedosa serpenteou ao seu redor. Não se parecia tanto com um homem, e sim com um monstro de outro mundo.

— Tudo bem. Vou ajudar nossa filha. — Ele se levantou, e Cérbero balançou o rabinho ao se levantar também. — Alexis! — gritou Hades para o outro cômodo.

Alexis ergueu a cabeça. Os olhos bicolores (dos quais ela se recusava a falar, apesar da insistência de Perséfone) estavam meio escondidos atrás da fita adesiva, mas as partes visíveis refletiam emoções fortes.

O peito de Perséfone se apertou ao reconhecer o desamparo no olhar da filha. Muito tempo atrás, ela se sentia encurralada por sua mãe, Deméter, e vivia afundada na angústia. Agora, o sofrimento da filha a estava matando.

Os mocassins italianos caros de Hades estalavam no chão de mármore conforme ele andava na direção da filha.

— Sua mãe está preocupada com você... Ela quer que a gente te ajude — explicou Hades, constatando o óbvio sem nenhum tato.

Perséfone suspirou de novo. Seu marido e "discreto" eram palavras que nunca usara na mesma frase.

— Então... — Hades sorriu para a filha, que ainda estava deitada no chão com uma cara péssima. — Quer usar um dos meus capacetes? Não tem olhos nem boca, e me ajuda muito em momentos de pressão extrema.

— Hum, espere aí. — Perséfone se levantou. — Querido, não foi isso que eu quis dizer quando pedi para você...

Alexis assentiu.

Hades abriu um sorriso largo e bateu palmas.

— Perfeito.

Cérbero cheirou a bola de pelos branca e disforme que sua filha chamava de Fofinho Jr., então soltou três latidos altos de empolgação, se abaixou e pulou para cima e para baixo como se quisesse brincar.

Fofinho Jr. deitou a cabeça no peito de Alexis como se também estivesse em depressão.

Alguns minutos depois, Perséfone estava cuidando de uma enxaqueca forte com ambrosia.

Alexis, seu precioso milagre, estava deitada perto da lareira com um capacete dourado, a cabeça completamente escondida.

Enquanto isso, seu amado (ignorante) marido estava ajoelhado ao lado de Alexis, rindo e mostrando a durabilidade e a proteção do capacete ao golpeá-lo com objetos diferentes.

— Hades, pode, por favor, não a aterrorizar? — gritou Perséfone, irritada.

Sua família se virou para ela: o homem e o capacete sem rosto.

— Estou ajudando ela — respondeu Hades, os lábios contraídos em uma confusão genuína. Ele bateu no capacete com uma colher. — Entendeu?

Perséfone não entendeu.

— Levante o polegar se isso estiver te ajudando — pediu Hades à filha.

Massageando a cabeça dolorida, Perséfone abriu a boca para dizer a ele que estava...

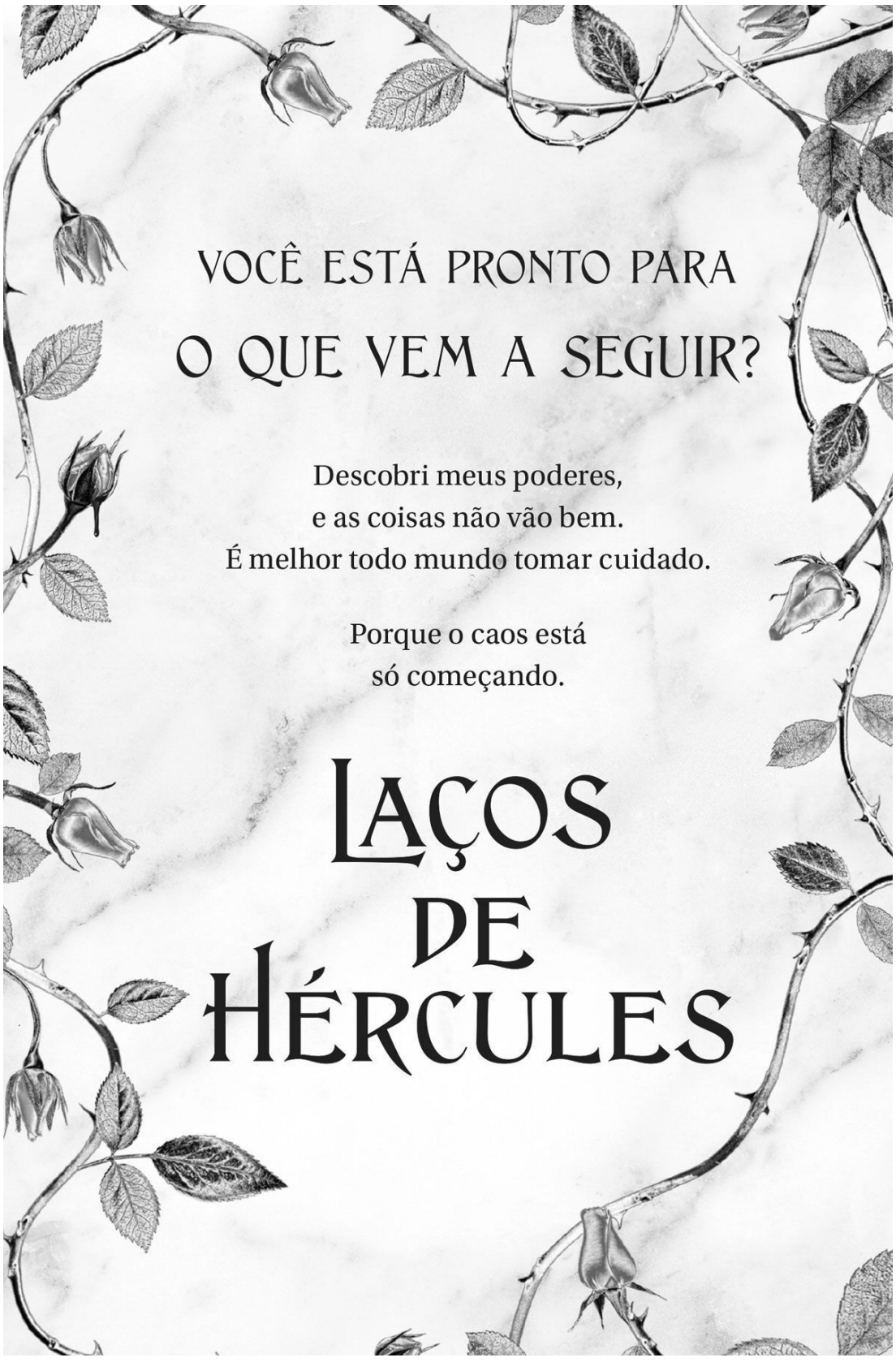
Alexis ergueu o polegar.

Hades abriu um sorriso largo.

Perséfone pegou um pedaço de ambrosia pura e comeu. Pelo visto, ela dera à luz a uma versão feminina de Hades.

Que Cronos a ajude.




VOCÊ ESTÁ PRONTO PARA
O QUE VEM A SEGUIR?
Descobri meus poderes,
e as coisas não vão bem.
É melhor todo mundo tomar cuidado.
Porque o caos está
só começando.
LAÇOS
DE
HÉRCULES

Sumário

Alerta de Gatilho

Onisciente

A Grande Guerra

Ab Initio

1. Serpente

2. O Monstro

3. Sobrevivendo ao Inferno (Ensino Médio)

4. O Teste de Mérito Espartano

5. O Massacre de Iniciação

6. Recuperação

7. Estratégias

8. A Academia de Guerra de Esparta

9. O Torneio

10. Tortura

11. Inferno

12. Dias dos Mentores

13. Testes

14. Alianças

15. Obsessão

16. Assombrada

17. O Cativeiro

18. O Simpósio

19. O Diabo Que Você Não Conhece

20. O Pianista
21. O Ataque do Titã
22. Justiça Distorcida
23. Raiva Distorcida
24. Sofrimento
25. Criando Laços com Protetores
26. Presentes
27. O Baile Espartano
28. O Assassino
29. As Consequências
30. Charlie
31. Laços Perversos
32. Você Pertence a Nós
33. Prazeres Carnais
34. O Perseguidor
35. O Plano
36. O Monstro
Uma Semana Antes do Casamento...